

LAURO SODRÉ

Crenças e Opiniões



BELEM
Typ. do "Diário Oficial"
1896

✓
320.05
5679
co
1896

199.81
5679
etc

BIBLIOTECA DO SENADO FEDERAL

Este volume encontra-se registrado

com o número 4394

do ano de 1946

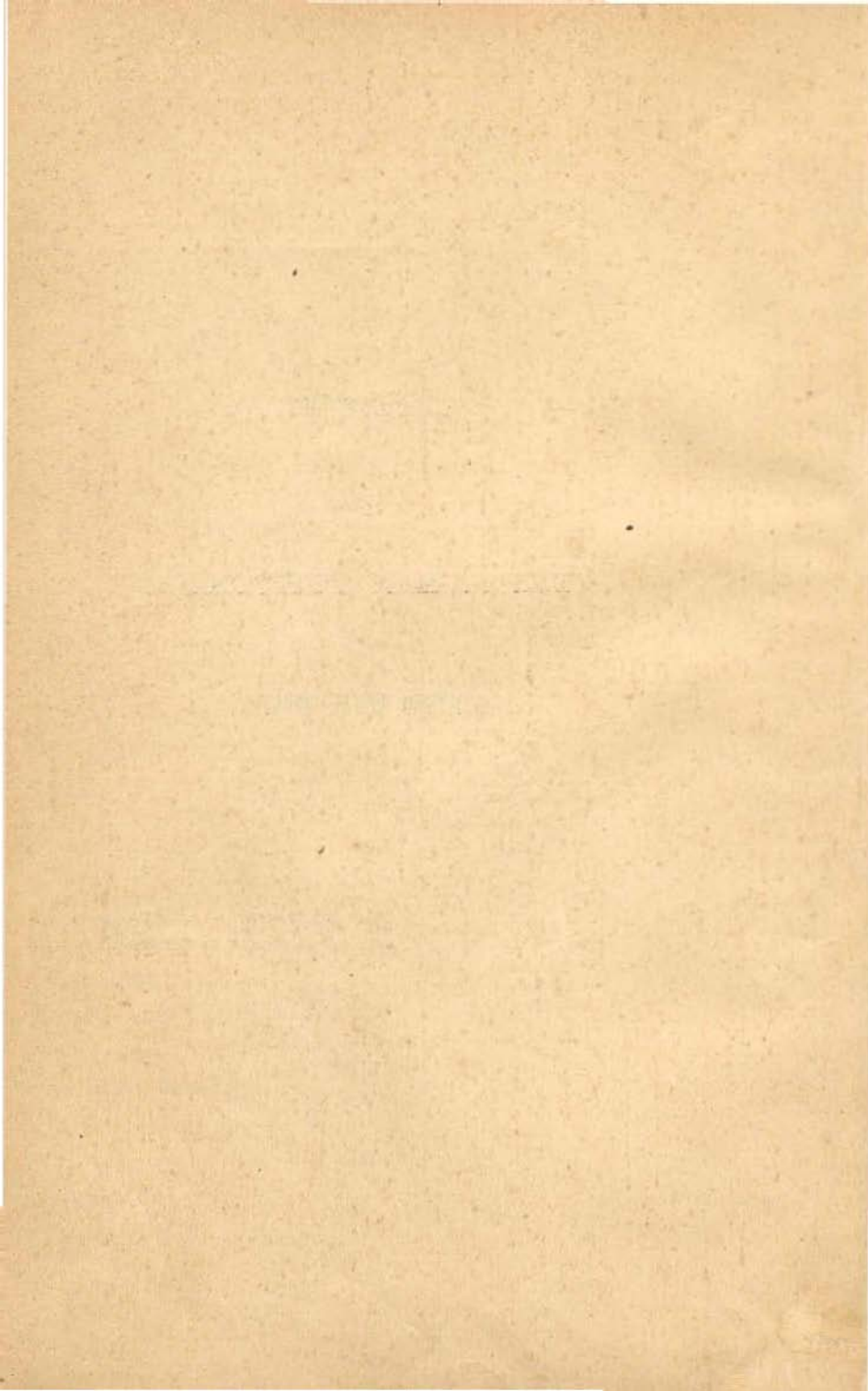
A' MEMORIA

DE

BENJAMIN CONSTANT,

O EGREGIO MESTRE IMMORTAL.

*cujos ensinamentos orientaram o meu
espírito no rumo da philosophia scien-
tificã.*



Tout est relatif: voilà le seul principe absolu. (Auguste Comte.)

Fille des sciences, la philosophie positive partage leur destinée: elle montera comme elles monteront, influera comme elles influenceront, et résumera en soi toute leur efficacité théorique et toute leur action sociale. (E. Littré.)

Le positivisme est la philosophie de l'expérience; mais il est aussi toute la philosophie de l'expérience. Le positivisme, comme la science, dont il dérive et qu'il considère comme une première et inébranlable assise, qu'il s'incorpore, qu'il transforme continuellement en sa propre substance, restera toujours inachevé, parce qu'il est, par sa nature même, inachevable. (E. de Roberty.)



PREFACIO

I



ESTE livro cabia melhor o titulo — fragmentos. De retalhos em verdade é que elle se compoz. Fui ao meu modesto archivo rebuscar umas paginas de outr'ora, muitas ainda recordações da minha vida academica, e que eram como os mal sazoados fructos da minha labutação na imprensa paraense; ajuntei-lhes umas novas paginas escriptas agora, não direi em horas de ocio, mas em poucos instantes roubados ás horas de insano trabalho consagradas ao cargo politico, que ha mais de cinco annos consome as energias do meu espirito; e desse mixto de antigualhas e cousas novas fiz o todo, que encerra a confissão da minha fé politica e philosophica.

Tambem de pedras soltas tece o operario a muralha, que a argamassa de cimento solida, fazendo-a bloco resistente. Estas folhas avulsas, que a mão do artista atou no presente volume, vão innodadas pelo principio da philosophia relativa, e pelo sentimento da democracia, que sempre andei professando.

Quando eu falo na philosophia positiva, entendo-a como um systema, onde o pensamento não encontra peias, antes descobre azas para alar-se ás mais altas regiões do saber, devassando os largos horizontes do desconhecido.

O positivismo nunca foi aos meus olhos o ergastulo da consciencia moderna. Nem a obra de Augusto Comte pode ser o pesado grilhão que encadêe o espirito humano, fatalmente condemnado a não ir jamais além dos seus lindes actuaes.

Mais de uma vez nàs paginas, que vão adiante, está definido, por modo claro, o genero de adhesão, que eu sempre dei a essa doutrina, cujos dominios tão assombrosamente vão se dilatando dia a dia, de tal sorte que Emile Faguet podia com acerto, em data recente, proclamar Augusto Comte—*le roi de la pensée du XIX siècle.*

Em uma carta escripta em 1876 a Pompeyo Gener, auctor do livro *La mort et le Diable*, E. Littré falou na grande força de penetração da philosophia positiva, que a conduz mesmo atravez dos meios na apparencia mais refractarios; e que é, não um milagre, mas um effeito natural e historico da lei da evolução. Eu tambem quero denunciar aqui esse facto, tal qual elle se revela aos olhos de todo mundo, e oppol-o á critica apaixonada e cega, que prenuncia o proximo sumiço do systema philosophico, o qual é o mais precioso legado do seculo fluente ao seculo que ha de vir.

Mais do que a palavra de discipulos confessos do

positivismo, valerá o testemunho de adversarios leaes embora intransigentes.

Dos proprios arraiaes da theologia, onde raras vezes a intolerancia, feita regra invariavel de conducta, permite ver com imparcialidade os factos sociaes, dos proprios arraiaes da theologia tem saído assertos, que comprovam a existencia dessa grande corrente por onde o espirito de Comte alastrou-se, influindo mais ou menos em todos os pensadores do seculo, no qual o seu nome avultará entre os maiores.

O jesuita Hermann Gruber, para quem o positivismo é uma mystificação, ensinava num livro, que a traducção de Ollé-Laprune tornou vulgar, que « Augusto Comte foi quem deu o primeiro e o mais energico impulso a essa corrente positivista, tão espalhada em nossos dias, a tal ponto que já agora invadiu todos os dominios da sciencia, da litteratura, do ensino e da vida publica. »

Nesse notavel estudo consagrado á critica impiedosa da classificação scientifica de Comte (*The Genesis of science*), Herbert Spencer, o grande pensador inglez, cujo merito Stuart Mill subia a tamanhas alturas, quando reconhecia-lhe titulos, que podiam pô-lo em parallelo com o eminente philosopho francez, proclamava o valor da philosophia positiva, falando do adversario neste tom: « Por maior que seja a distancia, que nos separe, nós sempre gostosamente daremos testemunho da largueza das suas vistas, da clareza dos seus raciocinios, e do valor de suas especulações, que tanto tem contribuido para o progresso intellectual. »

Eu não accitaria a opinião de tanta gente, que vê no Evolucionismo, no Agnosticismo, e no Monismo, tres grandes correntes derivadas dos mananciaes fecundissimos da philosophia positiva, se tal juizo significasse que dos pensamentos de Augusto Comte tudo

isso directamente promanou. Mas todos esses systemas figuram caudaes saidas da mesma fonte, e nos quaes a cada passo se nos deparam elementos homogeneos, idéas identicas, pensamentos eguaes, por onde se denuncia a origem commum de concepções, ao parecer, diversas e até antagonicas.

Lewes, o celebre auctor inglez, disse já que não havia como contestar que Spencer é um positivista, defenda-se elle embora de passar por discipulo de Augusto Comte.

E Littrè, argumentando uma vez contra Stephen, ainda que reconhecia que H. Spencer, por esforço proprio e pelo encadeamento das suas concepções só, podia chegar ao agnosticismo, ensinava que, quarenta annos antes do philosopho inglez, já Augusto Comte, «eliminando rigorosamente o absoluto de todas as nossas concepções, tinha lançado o principio do que se chama hoje na Inglaterra o Agnosticismo.»

Edmond Braun n'um livro consagrado á defeza desta these—que a investigação do absoluto é uma lei indestructivel e inherente ao espirito e ao coração do homem,—escreveu : « Ha vinte annos, o sr. Janet, na *Crise philosophica*, denunciou a philosophia *do relativo* ; mas agora ella já penetrou em todas as fileiras, invadiu todas as classes da sociedade, e pouco falta para apoderar-se inteiramente do pensamento contemporaneo.»

De outro lado C. Bouglé no livro—*Les sciences sociales en Allemagne*,—vinha dar testemunho de que nas obras de Augusto Comte ou de Darwin, de Buckle, de Spencer, de Stuart Mill achar-se-á o ponto de origem de mais de uma mudança de direcção da sociologia allemã :

« Quanto a Darwin é desnecessario attestar a sua larga influencia, sob a qual, em todos os paizes,

todos os ramos da sciencia tiveram que mudar de rumo. A Historia da civilisação de Buckle foi um dos livros inglezes mais lidos na Allemanha. E se as outras obras de Spencer não obtiveram, ao que parece, grande successo, a sua *Ethica* ao menos, e os seus *Princípios de sociologia* preoccuparam a attenção. A *Logica* de Stuart Mill, emfim, é por toda parte citada. No que diz respeito a Comte, é difficil seguir a sua acção passo a passo. Della não ficaram senão poucos vestigios precisos. E até estes ultimos tempos, ao que nos parece, elle era relativamente pouco lido na Allemanha. Mas digamos, em primeiro lugar, que o Positivismo é uma dessas doutrinas, de que pode-se padeecer a influencia sem ter lido as obras do seu fundador. E depois não é justo dizer que o capital intellectual de Buckle, de Stuart Mill, e muitas vezes de Spencer, apesar dos seus protestos, é em grande parte uma herança de Comte? Quando mesmo não seja senão indirecta, a sua acção sobre a Allemanha não é menos sensivel.»

Em um artigo de critica cruel e injusta, apaixonada e odienta, publicado na *Revue des Deux Mondes*, do mez fluyente, o sr. J. Bertrand citava as palavras de Renan, confessando que Augusto Comte occupará um lugar importante nas futuras historias da philosophia.

Aos que andam a tocar esse falso rebate, annunciando a morte da philosophia positiva, não sei que melhor argumento se lhes ha de oppôr do que esse facto recente de ter a Academia das Sciencia moraes e politicas de França inscripto, entre as suas theses de concurso, essa da—*Historia e exposição do Positivismo*.

E se a Academia, como disse Leon Say, não pedia aos concurrentes uma apologia da doutrina de Augusto Comte, desejava comtudo que reconheces-

sem a sua importancia, e com segurança marcassem-lhe o lugar na historia geral da philosophia moderna.

No pensamento da Academia, traduzido por A. Fouillé, seu relator, em face do positivismo, vasta concepção abraçando o mundo e a humanidade, organisando as sciencias e formulando as bases do progresso scientifico, lançando os alicerces da nova sciencia social, bom é que a gente se detenha para estudal-o, para comprehendel-o para delle tirar um ensino, e, se possivel fôr, uma direcção philosophica.

Eu não me illudo vendo ahi um acto de adhesão. O genero de homenagem que a Academia quiz prestar a Augusto Comte, definia-o claramente Fouillé, citando as palavras de Hegel: «A controversia é uma homenagem; e só um homem superior póde levar-nos á tarefa de discutil-o.» E Leon Say ainda esclarecia o assumpto: «Os juizos a proferir serão sempre muito diversos. O positivismo é muito contestado e tem admiradores, sectarios e inimigos; em todo caso, elle conta no Instituto, como em toda parte aliás, adversarios e partidistas.»

Para o que eu tenho em mira, essa palavra, que reconhece o valor intellectual da obra e o merito altissimo do auctor, é mais que sufficiente, tanto ella se oppõe á critica insensata dos theologos de batina ou de casaco, que ridicularisam as concepções da philosophia relativa e cobrem de injurias o seu auctor.

Porque não recordar, como um triumpho recente do positivismo em França, esse acto do governo de Carnot, que em 1892 abriu as portas do Collegio de França á nova doutrina, creando uma cadeira da historia geral das sciencias e confiando a P. Laffitte a regencia della? Sabe-se como Augusto Comte, de 1832 a 1848 pleiteara esforçadamente para obter a fundação dessa cadeira. Tinham sido baldados os seus es-

forços. Nem a situação politica e social era de molde a permittir uma tal criação, a qual não podia nessa época encontrar espiritos que lhe comprehendessem a utilidade e as vantagens, tal era a força com que a theologia e a metaphysica avassalavam todas as consciencias.

Graças á preponderancia do espirito positivo, e ao advento do novo regimen politico, essa medida em 1892 era adoptada com applausos pelo parlamento francez, e a imprensa de Paris saudava, como um successo feliz, o accesso do chefe do positivismo ao ensino official. Laffitte via nesse facto, a realização do projecto, que Augusto Comte durante 14 annos defendera, feita 60 annos depois, um dos caracteres da evolução positivista, continua, lenta, perseverante, mas finalmente real.

Era nessa occasião que Anatole France, um adversario do positivismo, para quem a religião positiva é triste e tyrannica, porque dá regras estreitas aos actos da vida e do pensamento e faz da existencia uma figura geometrica, proclamava Augusto Comte pensador tal, qual nunca porventura vira superior o mundo todo.

E Leon Bourgeois, ministro da instrucção publica respondendo a uma interpeção acerca da nomeação de Laffitte, no Senado francez, emittia estes conceitos : «Essa doutrina positivista, de que tanto se fala e que se maldiz, é uma doutrina extremamente tolerante, e da qual pode-se dizer, que tem por solido alicerce a tolerancia ; a sua regra absoluta é proceder sempre pelas vias da observação e da experiencia, limitar as suas conclusões ao que lhe é revelado por esses methodos scientificos particulares, e dizer que ella respeita, fóra desses limites, todas as crenças, inclina-se deante de tudo o que chama hypotheses : a palavra nada tem de

offensiva porque toda crença começa por uma hypotese, que o crente depois procura verificar e demonstrar . . .

«Eis—ahi tudo o que eu tenho de dizer acerca do Positivismo ; não estou aqui para defendel-o, indico pura e simplesmente que não é uma doutrina que possa trazer como consequencia a inquietação de qualque crença, porque o seu principio mesmo é o respeito de tudo quanto não está demonstrado . . .

«O Positivismo é pois, no ponto de vista philosophico, o que a doutrina do Estado leigo é no ponto de vista politico. E não me pareceu que o facto de professar essa doutrina fosse de natureza a inquietar e alarmar as consciencias neste paiz, e de interdizer-me de nomear aquelle, que a professa, para a cadeira da qual era certamente digno.»

Essas palavras mereceram os applausos do Senado.

Entre nós é digno de reparo como o positivismo só desafia ataques pelo seu lado social e religioso. E quantos teriam de confessar, como Joseph Bertrand sinceramente o fez, que foi-lhes physicamente impossivel vencer a fadiga e o enfado da leitura da *Politica Positiva*, considerada pelos positivistas orthodoxos a obra capital de Comte ?

Poucos terão lido e meditado esses thesouros de saber, encerrados na *Philosophia Positiva*, deante dos quaes tantos ha que reconhecem assombrados o genio do auctor.

Por via de regra os adversarios do positivismo reuniram um certo numero de cousas banaes, e de bocca em bocca, vae seguindo o palavreado sem valor, repetido sem sciencia e sem criterio. Basta vêr no parlamento brasileiro e na imprensa essa grita contra a dictadura scientifica, contra o caso da Clotilde de

Vaux, sobre as desgraças domesticas oriundas do consorcio infeliz com Carolina Massin, sobre Camara orçamentaria, a utopia da virgem-mãe, a Trindade positiva etc., para logo concluir onde vae ter a aggressão. E' pela rama que a critica de ordinario ataca, sem leitura e sem estudo, o systema philcosophico de Augusto Comte, rarissimas vezes examinado nas suas bases scientificas.

Eu não sou e não fui nunca, desde que tive audacias de apparecer na imprensa, um positivista orthodoxo. Sempre o meu espirito vio nas concepções do positivismo as falhas, que a critica, feita por discipulos como Littré, Stuart Mill, ou por adversarios como Spencer e Huxley, andou apontando. Um tal modo de pensar e de vêr resultará manifesto da leitura das paginas deste livro, onde eu digo sem hesitações e sem rebuço, como concebo a philosophia positiva, larga e aberta, generosa e fecunda.

Sei que na vida de Augusto Comte ha lacunas Moraes. Não tenho que apontal-as, e doe-me até confessal-as, tão claras ellas estão expostas nas cartas a Tabarié e a Valat. Esses erros e desvios de uma existencia, que foi completamente votada ao engradecimento intellectual da humanidade, e á sua regeneração moral, é um dever deixar esquecidos, tão pouco elles são e valem como accidentes n'uma vida realmente grande, util e fecunda.

Onde de preferencia as maledicentes vão fartar-se, é nesse episodio das relações de A. Comte e de Clotilde de Vaux, mulher, a quem o philosopho consagrou o culto de um amor ideal. John Morlay, um juiz insuspeito, que falou sempre da philosophia positiva com a maior independencia, ia ao encontro dessa critica perversa, nestes termos: «o peor cynismo é sem duvida o que, com um realismo grosseiro, cobre

de ridiculo uma personalidade sobre a qual se exerceu a maravilhosa potencia idealisadora do amor.»

O mais fiel discipulo da philosophia positiva terá que confessar, em face da longa correspondencia de Comte e Clotilde de Vaux que, mais de uma vez, essas cartas perdem a nota de elevação moral e intellectual, que caracterisam todas as creações do espirito de fundador da nova doutrina do real. Stuart Mill confessou-se entristecido deante do que aos seus olhos pareceu a queda lamentavel de um tão grande espirito. O Padre H. Gruber, cujo livro os positivistas mais orthodoxos acceitam como critica imparcial, deixou cheio de reticencias esse periodo da vida de Comte. Eu não conheço, para fazer valer argumentos que possam dissipar todas as duvidas que me salteam o juizo acerca de muitos pontos obscuros da existencia de Comte, que vistos á luz de documentos postos em publico, denunciariam na realidade fraquezas de espirito, e erros moraes de uma vida, que eu quero crêr sempre grande.

II

Direi aqui, antes que o revelem as paginas de hontem e de hoje, que este livro encerra, que não sou um sectario da religião da Humanidade, tal qual Comte a concebeu e pregou, e como a praticam os positivistas chamados verdadeiros e completos.

O positivismo é para mim alguma cousa, que vale como religião, tal qual a definiu Comte, mesmo desprendido desse ritual e de todo esse formalismo, que eu não adopto.

Era assim que dizia Ollé-Laprune, prefaciando o

livro do Padre Gruber : «Muitas vezes temos visto zombar da religião da Humanidade, do culto instituido em honra de Clotilde de Vaux e do poder espirital, que Comte quiz estabelecer. Mas os pensadores livres, mesmo desprendidos de taes ritos, alguma cousa delles retêm. Ha em nossos dias um certo culto da mulher e da arte, que imita, que parodia o culto verdadeiramente religioso. Não haveria n'isso, com outras influencias, alguns traços das idéas de Comte e de suas praticas ? Os pensadores livres affirmam altamente a pretensão de exercer de facto, em nome da sciencia, esse poder espirital, cujas bases theoricas Augusto Comte lançou em suas obras, e cuja organização elle tentou. O modo porque se insiste sobre o papel social da educação, é inspirado por este espirito . . . O positivismo, mesmo puramente philosophico, tem a pretensão de ser uma religião.»

Essa critica, vinda de um adversario, é justa em mais de um ponto. A obra de Augusto Comte tira o seu merito exactamente desse titulo, que o seu fundador para ella reivindicou, de não ser mais do que a systematisação de crenças espontaneas e tendencias naturaes dos nossos tempos.

O verdadeiro espirito philosophico, ensinava o grande mestre inegualavel, não é, no fundo, senão a plena systematisação do bom senso.

Impotente e morta a theologia, nem por isso a humanidade se desagregou, privada de laços capazes de produzir o concurso de todas as actividades, dando novos ideaes ao sentimento e ás artes.

Foi na observação e na historia que se revelou esse culto espontaneo dos grandes homens. E a concepção da Humanidade, como um grande Ser capaz de de inspirar a nossa conducta, vem definida desde Pascal : «A longa successão das gerações humanas

pode ser considerada como um só homem que nunca morre e que vae sempre se aperfeiçoando.»

Nunca o meu espirito foi além dos marcos fincados por E. Littré: «Para nós, para quem a fonte do milagre já foi estancada, para nós, que nos sentimos intimamente ligados áquelles, dos quaes descendemos, e aos que hão de ser nossos descendentes; para nós, que temos fé no melhoramento crescente das sociedades, e queremos que tudo concorra para este fim santo e supremo; para nós a humanidade é o ideal em quem e por quem vivemos, que se mergulha lá na immensidade do passado e do porvir, que domina o globo terrestre, accumula e transmite os thesouros de saber e de moral, esclarecendo e aperfeiçoando, por uma herança eterna, as gerações, que se vão succedendo.»

Quando eu falo na religião positiva, quero significar essa fé demonstravel, que têm por dogmas as leis da sciencia, e cujo culto espontaneamente celebram todos os povos civilizados, realisando as grandes commemorações civicas, por meio das quaes o sentimento se aperfeiçoa e exalta; como nesse culto privado, que rende cada um de nós aos seres queridos, a alma é levada para a pratica das virtudes altruisticas, aprendendo a viver para outrem e em outrem.

Largo seria o debate se eu quizesse aqui apontar os dissidios, que no terreno da politica me distanciam das instituições, que Augusto Comte traçou em nome dos principios da philosophia positiva.

Homem de governo e homem de acção, eu medito sempre as obras do grande philosopho e busco nellas regras de conducta; e mais de uma vez a minha vida tem sido orientada pelos principios dessa escola. Mas eu não perdi nunca de vista o criterio seguro da relatividade, que se traduz, na pratica, a politica do oppor-

tunismo, toda vez que tive de influir para a adopção de novas leis e para a reforma das instituições politicas e sociaes da minha Patria.

Collocado no primeiro posto do governo da minha terra, não procurei nunca fazer vingar medidas, que aos principios democraticos e ao nosso meio repugnam.

As minhas crenças philosophicas tinham assanhado contra mim todas as iras impotentes da cleresia.

Quando o meu nome foi benevolamente e generosamente levantado como senha de combate para as pelepas eleitoraes, de que saiu honrado e distinguido para o posto do primeiro governador constitucional do Pará, amotinou-se a gente mais chegada á Egreja, a cujos olhos eu figurava uma ameaça á religião catholica. Era em nome da fé christã, que um sacerdote denunciava, com o meu governo, grandes calamidades para a minha terra, sendo eu um desamparado da Providencia divina, um incredulo e um atheu. Esse grito de uma consciencia, que mais defendia os interesses do seu grupo politico, do que a causa da religião, que nunca bem servira, chegou até aos ouvidos do Governo Federal, onde nesse tempo preponderava a influencia do Barão de Lucena.

Eu tinha sido aqui no Pará um franco atirador, sempre em lucta aberta contra os representantes e os defensores da velha doutrina theologica, que em nome da Constituição e das leis monarchicas, traziam-nos as consciencias amordaçadas, impondo-nos á viva força uma religião desacreditada pela sciencia, toda desfeita pelos golpes da critica metaphysica, e espontaneamente desarticulada.

A energia e a persistencia dos nossos ataques, por vezes violentos, vinha dessa aspiração geral de todos os espiritos emancipados. Nós luctavamos pela

libertação da consciencia, causa victoriosa com o advento da Republica.

Feita a separação da Igreja do Estado, naturalmente tinham, que cessar as pelepas. E o que a to-rancia, que é a grande virtude dos positivistas, me estava aconselhando, era essa norma de conducta, que eu segui sempre como governo, de respeito cego a todas as crenças e religiões, postas no mesmo pé de egualdade deante da lei da Republica.

Quanto mais medito as obras de Aug. Comte, mais sou levado a respeitar a religião do absoluto, que organisou o passado e presidiu a evolução de longos seculos, durante os quaes a humanidade não cessou de progredir. Tamanha era a admiração do fundador da philosophia positiva pelas instituições catholicas que Huxley pôde dar do positivismo essa definição celebre, mil vezes repetida já : o catholicismo *menos* o christianismo ; definição á qual oppoz um sectario enthusiasta est'outra : o catholicismo *mais* a sciencia.

Nem eu quero que ninguem veja em mim um inimigo implacavel da Igreja catholica. A minha palavra encerra sempre a confissão de crenças e opiniões, que não deixei nunca de defender em todas as situações da minha vida, nos bancos da Academia, na cadeira de professor, no Congresso Constituinte, e até como governo, quando mais de uma vez tenho sido chamado a dizer sobre os problemas da philosophia ou sobre as cousas da sciencia.

Mas eu não posso servir melhor a causa da democracia do que dando hoje, que sou governo, a protecção da lei e o amparo da justiça á religião, que eu não professo, mas que respeito e acato, porque, alem de tudo, foi essa a fé dos primeiros dias da minha

vida, foi essa a religião dos meus paes e ainda é a fé ardente da minha familia.

Dentre os dogmas da democracia, tenho por fundamental esse que ensina os governos a garantir o direito sagrado da liberdade da consciencia, em todas as suas multiplas manifestações, na sciencia, na philosophia, na religião, nas artes, livre a imprensa, livre a tribuna, a cathedra livre.

Na *Philosophia Positiva*, Aug. Comte condemnou o dogma do direito universal, absoluto e indefinido de exame, que não era, a seu juizo, senão «a consagração, sob a forma viciosamente abstracta commum a todas as concepções metaphysicas, do estado passageiro de liberdade illimitada em que o espirito humano espontaneamente achou-se collocado, em consequencia da irrevogavel decadencia da philosophia theologica, e que deve naturalmente durar até o advento social da philosophia positiva.»

Porventura com mais claresa, o pensamento de Comte fôra enunciado desde 1822 nestes termos: «Não ha liberdade de consciencia em astronomia, em physica, em chimica, em physiologia mesmo, por isso que todo mundo acharia absurdo não crêr em confiança nos principios estabelecidos nestas sciencias pelos homens competentes. Se outra cousa succede em politica, é tão somente porque, mortos os antigos principios, e estando os novos no seu periodo de formação, pode-se com propriedade dizer que não ha, neste intervallo principios estabelecidos.»

Aos que se aterram diante dessa sentença, e condemnão o positivismo, porque elle traz em si esse açamo para a consciencia humana, diriamos nós, em primeiro lugar, que a epoca do advento desse regimen final, em que o campo da politica poderia ser considerado fechado ás indagações tidas por ociosas,

acceitas pela unanimidade dos espiritos as leis fundamentais da organização social e do progresso humano, não ha como apontal-a, tanto é difficil e pouco segura a previsão, fim de toda a sciencia, no campo ainda safaro e mal explorado dos estudos sociaes.

Depois, não ha lugar em sciencia nenhuma para essa fé cega; e todas as verdades da sciencia foram palmo a palmo conquistadas em luctas, onde o espirito humano perdeu-se, de erro em erro, até chegar á descoberta das leis naturaes, que regem os phenomenos.

Não ha muito que um positivista inglez, num estudo de sociologia retomava essa palavra do mestre para expol-a assim: « Se deve haver uma sciencia dos phenomenos sociaes, é preciso que ella siga as mesmas vias que tem trilhado todas as outras sciencias: quando uma lei natural é descoberta, ella é acceita definitivamente e não perpetuamente discutida como se fosse uma questão a debater no futuro inteiro. As verdades reconhecidas da sciencia não podem ser o assumpto aberto á discussão. A massa dos homens acceita-as em confiança quando ellas vem de competencia reconhecida. »

Era o mesmo pensamento enunciado por Aug. Comte no *Catecismo positivista*: « Nenhum espirito póde recusar o seu assentimento ás demonstrações que comprehendeu. Mas, além disso, não ha quem seja capaz de rejeitar as opiniões sufficientemente acreditadas em torno de si, mesmo quando ignora os verdadeiros fundamentos dellas, a menos que uma crença contraria o não impeça. »

Nunca o dogma da democracia, dando á consciencia o direito de examinar os principios pregoados em politica, significou a faculdade contraria ás leis logicas do entendimento, de repellir as verdades

reconhecidas da sciencia. Mas esse direito ha de ser um privilegio eterno do espirito humano, porque são inexgotaveis e eternas as fontes do saber, e essa operação essencial de exame e de critica ha de ser sempre o processo pelo qual a rasão poderá joeirar na grande massa dos achados da intelligencia, separando a verdade do erro.

A democracia e o positivismo não podem collidir neste ponto, antes devem correr parellas para proclamar esse principio salutar e fecundo, graças ao qual a sciencia nasceu e medrou, e sem o qual a philosophia positiva teria sido incapaz de surgir.

Paginas adeante da passagem, que eu apographei, o mesmo positista inglez, J. H. Bridges, encarece o valor do direito do livre exame em politica, quando fala na tarefa, extraordinariamente complexa e delicada, da determinação do valor de uma instituição social, porque sempre ha muito que dizer contra a melhor e em favor da peor. (sic.)

Como proclamar em absoluto que não ha liberdade de consciencia nos dominios das sciencias positivas abstractas, quando em todas ellas se nos deparam o que podemos chamar as questões abertas, opiniões fluctuantes, pontos incertos, dando lugar a debates, e controversias, sem que a tal sina escape a propria sciencia fundamental, a mathematica?

Como ter por confiscada a liberdade do pensamento nas sciencias mais avançadas, quando a philosophia positiva nos ensina, como o seu dogma fundamental, o aphorismo—*tudo é relativo?*

Se como ensina o dr. S. Bazalgette, um distincto discipulo da philosophia positiva, não ha verdade absoluta, e todas as nossas theorias não são senão aproximações crescentes da realidade, que não pode nunca ser completamente apreciada; se a verdade,

em todos os generos é relativa ao estado da nossa intelligencia, ao meio e ao tempo em que esta se exercita, e ao conjuncto das observações correspondentes: como ordenar á consciencia que emmudeça? ao espirito que não investigue? á razão que obedeça?

Pascal tinha exclamado um dia: *Verdade aquem dos Pyreneus, erro alem delles*. E houve quem notasse já que esse aphorismo bem poderíamos nós completal-o assim: *Verdade hoje, erro seculos atraz*.

Se não existem leis absolutamente verdadeiras como asserta P. Laffite, se na mor parte dos casos, ellas não possuem senão um grau relativo de verdade; se a sua natureza contingente, porque nunca poderemos esperar attingir a verdade absoluta, permittenos, na investigação dellas, parar no grau de realidade que parece responder melhor ás necessidades praticas: porque esse acto decretorio que viria dizer-nos: crê e não examina?

Não! eu não posso ser pelos ensinamentos da philosophia positiva, se as palavras de Aug. Comte significam outra cousa que não o dever de acceitar em politica, como em todas as sciencias, as verdades ja reconhecidas e proclamadas por sabios de valor. Assim comprehendidas as palavras do grande philosopho, ninguém dirá que o positivismo é o inimigo da democracia.

« A liberdade de consciencia, enunciou Pièrre Laffite, quer dizer que as concepções theologicas, absolutamente livres, são de ordem puramente privada e pessoal, e que a harmonia social não póde realisar-se senão sobre noções positivas. Deus cessou de ser materia de ordem publica; não é mais d'ora em diante senão assumpto de ordem privada. »

III

Tenho ouvido negar a influencia poderosa que o positivismo exerceu na transformação politica da Patria brasileira, operada aos 15 de Novembro de 1889. Não sei como afastar dos olhos factos tão publicos e tão notorios. A orientação da nova philosophia relativa entrou nos actos do governo provisorio com Bemjamin Constant, o immortal fundador da Republica, e com Demetrio Ribeiro. Na Constituição politica e nas leis, mais de uma vez, os principios da escola positivista foram consagrados, valendo essa consagração a garantia de direitos e liberdades, que mostram a injustiça dos ataques movidos contra o positivismo; onde tanta gente só vê um regimen politica de tyrannia porque Comte falara na dictadura republicana.

Abstenho-me de dizer agora acerca desse plano rigoroso e systematico de organização politica, que no presente, sob o imperio dos dogmas da democracia não teria a sancção publica. O suffragio, sejam quaes forem os seus grandes vicios e senões, é ainda hoje o melhor processo para a instituição dos governos. É seria um erro a tentativa de levar ao terreno da pratica em um povo, que como nós, sente-se na manhã da vida democratica, esse conjuncto de medidas que a orthodoxia positivista preconisa como panacéa infallivel para os grandes males, que nos affligem.

Mas eu não quero salientar aqui os erros a que o positivismo poderia levar-nos, ganhando para o novo regimen politico as antipathias da opinião, caso um governo submisso á palavra do mestre, fizesse

realidades concretas todas as creações do seu espirito ; o meu escopo é dar testemunho da influencia, que as idéas de Comte exerceram em toda a phase organica, que vamos atravessando, desde a gloriosa revolução que derribou o throno da realeza, e libertou a consciencia nacional do jugo da theologia.

Longe estou eu de negar á poderosa corrente das sãs doutrinas democraticas a acção effiz exercida em todos os phenomenos sociaes dados em nossa Patria, graças aos quaes foi possivel esse brilhante remate da implantação da forma republicana. Nem defendo a opinião, que faria da Republica brasileira a obra exclusiva do positivismo e seus sectarios.

Pièrre Laffitte enunciou a verdade inteira, quando em principios de 1890 apreciava os successos de 15 de Novembro : « O caso do Brazil é differente, e essa revolução acaba de consummar-se de uma maneira realmente notavel, tanto ella foi profundamente organica. Poderíamos dizer que houve antes evolução do que revolução; e a substituição de um novo regimen ao regimen antigo operou-se de um modo, que é verdadeiramente unico na historia. Alem do bom senso da população brasileira, não é licito desconhecer, eu creio, uma penetração do positivismo e do espirito positivo naquelles que tão afortunadamente levaram a cabo essa grande transformação . . . Eu não pretendo, de modo nenhum, que a revolução brasileira seja uma revolução puramente positivista, mas o espirito positivo evidentemente nella é manifesto, de uma maneira consciente em alguns, e sem duvida inconsciente em muitos outros ; elle se nos revela nessa mistura de moderação e de firmeza que deverá ser o character da politica definitiva. »

Proclamava-o igualmente o inolvidavel apostolo da democracia brasileira, o Dr. Silva Jardim em discurs-

so proferido n'um banquete em Paris : «O espirito organico que presidiu a installação da nova Republica pela preponderancia de Benjamin Constant é o segredo do seu advento pacifico *Os vivos são governados pelos mortos!* e a memoria do grande patriota que, inspirado pelo amor do seu paiz e esclarecido pelas luzes superiores da philosophia positiva, fundou a Republica, nos há de sempre preservar de todo desvio. Com effeito, segundo a bella observação de um de meus compatriotas, Benjamin Constant foi o primeiro homem de Estado que, no governo, applicou os principios da sociologia positiva. »

Onde quer que tremule o symbolo sagrado da Patria brazileira, ahi logo se ha de ver a influencia das idéas de Augusto Comte, que nessa divisa, tão odiada e tantas vezes amaldiçoada por muitos politicos retrogrados ou revolucionarios, admiravelmente resumiu o programma nacional da politica verdadeiramente scientifica, dando a essa formula um character de univesalidade, por onde ella cessou de pertencer exclusivamente á seita positivista.

Nem sei porque esse tão grande odio contra um lemma, que não pode deixar de constituir a aspiração legitima de uma Republica, que quer ser conservadora sem deixar de ser progressiva.

Muitas vezes o positivismo chama para si a guerra aberta dos espiritos democraticos, feitos e refeitos no culto dos grandes principios, no culto da liberdade e do direito, pelo uso de formulas novas, ao parecer antagonicas dos dogmas da democracia. Tal essa proscripção da palavra direito, em toda parte nas obras da orthodoxia comtista, substituida pela palavra dever. Os positivistas não querem significar por esse modo de falar um plano de organização social, de onde as garantias da mais ampla liberdade fôsse expellida. O

que Augusto Comte ensinou, quando veiu pregoar que não ha direitos, foi esse principio salutar, que até á democracia pura não repugna, dos limites necessarios impostos ao exercicio de todas as faculdades pelos freios naturaes da lei e da moral.

«A luta pelo direito é um dever do interessado para consigo mesmo, conceituou Ihering. A defeza do direito é pois um dever da conservação do individuo.»

E' assim que nós reconhecemos uma funcção social no direito do suffragio. Isso vale como dar á mesma cousa nomes diversos.

Esta é a lição de Laffitte: «O positivismo proclama, de um lado, a subordinação de cada um de nós a deveres, cada vez mais extensos, mas tambem, de outro lado, demonstra que o cumprimento delles deve tornar-se cada vez mais voluntario, de maneira a conciliar assim a subordinação com a dignidade: em outros termos, isso quer dizer que nós seremos cada vez menos governados, á medida que cada vez mais nos governarmos a nós mesmos.»

Esse é o ideal da democracia, que eu tambem sigo.

O dever, definem os positivistas, é a expressão formulada das condições do nosso concurso para a existencia de um ser colectivo. Nada ha nessa definição, que importe a sentença de morte a lavrar contra o direito. E na fraseologia dos proprios sectarios da orthodoxia positivista a cada passo a palavra direito se encontrará, tanto é certo que ella exprime um estado da consciencia, que não pode desaparecer.

O direito não é uma noção falsa, immoral e anarchica, como entendia Augusto Comte, aconselhando que da linguagem politica fosse banida essa palavra, como da verdadeira linguagem philosophica deve ser eliminada a palavra causa.

Sejam quaes forem os progressos do espirito humano, sempre essa idéa do direito ha de reger as relações dos homens e dos povos.

E essas justas garantias individuaes resultantes da universal reciprocidade de obrigações, de que nos fala Comte, são realmente o equivalente moral dos direitos, que elle recusa.

Ainda quando num futuro, que não se pode prever, ninguém possuisse mais outro direito senão o de cumprir sempre o seu dever, para empregar a formula de Comte, o direito, como noção positiva, seria indestructivel e eterno.

Quando eu defendo os principios cardeaes da democracia, e falo na liberdade do ensino, não quero dizer-me adepto dessa providencia, tão cara aos meus confrades pelo credo philosophico, que reclamam a suppressão do ensino official, extinctas as Academias, e eliminadas do orçamento do Estado as verbas da instrucção publica.

Para mim a liberdade espiritual não implica a indifferença dos poderes publicos em face dos destinos da instrucção popular. A democracia não pode esquecer esse primeiro dever essencial dos governos livres, que Littré admiravelmente synthetisou numa formula celebre: «Toda a moral social resume-se nisto: instrui-vos, instrui aos outros.»

A liberdade do ensino não é senão a neutralidade do Estado, não a sua apathia ou a sua inercia.

Renan soube definir com eloquência uma vez essa função do Estado, como distribuidor do ensino: «Um tal ensino, neutro entre as diversas opiniões theoricas em que se retalha o mundo, é assim a imagem do Estado mesmo, que, nos seus Estabelecimentos de ensino superior, não tem por missão senão abrir arenas ás diversas opiniões, que se debatem, sem mos-

trar preferencia por nenhuma dellas. Quando o Estado funda ou sustenta uma Cadeira, isto não quer dizer que elle garante a verdade do ensino dado nessa cadeira, mas que o julga util no estado presente da sciencia. O Estado não tem uma chimica, uma medicina, uma historia; mas elle trata de fazer tudo possível para que os estudos scientificos vão sempre em progresso em todas as ordens. E isso tudo em virtude do principio — que a verdade scientifica é de um grande interesse para a sociedade, e que o Estado deve fazer alguns sacrificios no intuito da investigação original. Esse altos ensinios livres mantêm uma nação na vanguarda do seu seculo, e só elles impedem o erro, a impostura, a surperstição de reconquistar o terreno que já perderam e que não desesperam nunca de retomar.»

Mal posso comprehender essa grita contra os institutos nacionaes de ensino, esse odio contra os diplomas academicos, toda essa guerra desabrida contra a sciencia, porque o Estado a ampara e ajuda.

Sei que Augusto Comte, traçando as regras da organização do governo de transição, consagrou esse principio da *liberdade completa e illimitada dos cultos, do ensino e de reunião*, e indicou a suppressão dos orçamentos dos cultos e da universidade, a extinção do Instituto e das escolas de ensino profissional, agricola, industrial, commercial, e de Bellas Artes e do Conservatorio de Musica. Apenas ficarião de pé, n'uma excepção incomprehensivel, as escolas veterinarias, cuja organização deveria antes ser estendida e aperfeiçoada.

Eu notaria em primeiro lugar que, mesmo nessa phase transitoria, cujos limites difficil seria apontar, não cessaria em absoluto a protecção do Estado. Conforme as prescripções de Augusto Comte o governo

deverá organizar: um systema de protecção para a instrucção primaria; um systema de pensões destinadas aos philosophos, aos artistas e as sabios, quer da França, quer de todo o occidente. Além disso pensões vitalicias ou temporarias deverão ser garantidas ás pessôas que adoptaram a carreira ecclesiastica ou universitaria. Seriam creadas escolas positivas conforme o plano de organização feito pelos doutores Robin, Segond e Montègre. O collegio de França e o Museu seriam apenas reorganizados. Instituir-se-ia uma Escola philologica e um theatro occidental.

Bem é de vêr, em face desse plano, como não andam muito desacertados os que entendem, como eu entendo, que o advento da doutrina regeneradora bem pôde dar-se, mantido o ensino official, tal qual modernamente o possuímos, tal qual o concebia Renan: severamente imparcial, aberto a todas as opiniões, dado por mestres pertencentes a crençass diversas, tendo por lei fundamental a liberdade.

Que isso basta, poderíamos nós dar como cousa provada, tanto é certo que o Positivismo tem, dia a dia, aberto caminho no seio da opinião, professado nas cadeiras do ensino official, pregado na imprensa, discutido nos parlamentos e propagado em livros que de anno para anno se vão multiplicando, livros de exposição ou livros de critica.

O que pôde valer, como auxilio para o derramamento da nova té scientifica, o ensino publico, eloquentemente está a dizel-o a acção de Benjamin Constant, entre nós, e de Pierre Laffitte, em França, um e outro collocados em cadeiras de Academias do Estado.

Para mim esse é o mais seguro caminho por onde a philosophia positiva se fará o credo das novas gerações. E' pela palavra dos mestres que a doutrina

do relativo mais facilmente se ha de infiltrar no seio das camadas sociaes, e occupará nas almas o lugar vasio da doutrina do absoluto.

Por isso é que eu, adepto da philosophia positiva, sou contrario aos ensinamentos dos meus consecrarios, quando elles mandam fechar as Escolas publicas, e querem deixar sob o regimen da livre concorrência, desamparada dos poderes publicos, exclusivamente entregue á iniciativa individual, a instrucção popular.

Nem os mais audaciosos partidistas do principio do individualismo, nem os mais exagerados sectarios dessa doutrina do nihilismo governamental, tentaram nunca negar em absoluto aos governos o dever de dar protecção ao ensino, favorecendo a cultura intellectual do povo, e apparelhando assim os elementos da sua regeneração moral.

Não pôde fazel-o a philosophia positiva, que é filha das sciencias. Quanto mais subir o nivel intellectual de um povo, tanto mais elle se aproximará desse regimen ideal, em que a liberdade e a lei seriam soberanos absolutos. A' medida que sciencia fôr ganhando os espiritos, irá minguando a influencia da theologia. Longe de ser um mal, esse ensino do Estado é um grande beneficio feito á causa da emancipação da consciencia. Sectario do Positivismo, que me ensinou a vêr no mundo só o que a observação e a experiencia são capazes de revelar nelle, as leis naturaes, fixas e invariaveis dos phenomenos; e sectario da democracia, que me ensinou esse culto da liberdade e do direito, graças ao qual eu aprendi a odiar o despotismo e o privilegio dynasta, o mais odioso de todos os privilegios sociaes, eu quero para a minha Patria um regimen de governo em que todos os cidadãos, esclarecidos pela sciencia, sejam capazes de lêr e comprehender o codigo fundamental dos seus direitos inamis-

siveis, e o catecismo dos seus deveres sagrados para com a Familia, a Patria a Humanidade.

IV

Augusto Comte, nessa famosa mensagem endereçada ao *mais absoluto dos reis*, ao Czar Nicolau, appellidou-se um *philosopho constantemente republicano*. É a observação, que era nas suas mãos methodo, no terreno dos factos historicos, levava-o a proclamar que a realeza, em França, definitivamente succumbira com Luiz XVI, após um seculo de putrefacção sempre crescente. Deante da crise de Fevereiro de 1848, era esta a solução offerecida pelo creador da philosophia positiva: *O governo francez deve ser republicano e não monarchico*.

Sei eu que o Positivismo, ensinando que tudo é relativo, é a menos competente das doutrinas para fazer em politica a preconisação de panacéas, dando a formula capaz de curar de prompto todos os achaques sociaes, e garantir, certo e infallivel, o desassombrado evoluir dos povos.

O ensino da philosophia positiva, é precisamente o que dava Pièrre Laffite. « Longe estamos de deixar-nos seduzir por essa illusão democratica, que attribue á fôrma republicana uma sorte de virtude mysteriosa, segundo a qual bastaria só a proclamação dessa fôrma de governo para realisar o felicidade do mundo e principalmente essa tocante fraternidade dos povos, tão cara aos corações dos revolucionarios francezes. Eu sou muito positivista e assaz imbuído do espirito scientifico para ser levado a taes illusões.»

Mas os positivistas brasileiros tem sobejo estudo do passado e da historia, semeada de marcos indicadores de uma jornada sempre norteada no rumo certo

da democracia, para reconhecerem que no Brasil a republica era mais do que opportuna, era absolutamente necessaria.

Por isso é que eu, dentro da minha Patria, não me desdouro confessando-me fanatico pela fórma de governo, tal qual a Constituição republicana de 24 de Fevereiro a consagrou.

Nem ha no Positivismo preceitos que me impeçam de vêr na republica a fórma de governo, para a qual fatalmente caminham os povos na sua marcha incessante em demanda do melhor. A realeza repousa sobre os dogmas caducos da theologia. Os reis governam em nome do direito divino, e nos paizes onde as liberdades publicas, politicas ou sociaes, já se encontram, é que as monarchias se regem por essa ficção, tão bem traduzida no celeberrimo aphorismo de Thiers. Mas a republica é a unica fórma de governo, que dá a cada cidadão a consciencia do seu valor moral, ensinando-o a vêr na lei a unica soberania.

Eu seria republicano pelo coração, se a minha razão esclarecida me não estivesse apontando na republica a unica forma de governo, onde mais largas e mais seguras podem ser as garantias de todos os direitos, o uso e o gozo de todas as liberdades, o exercicio de todas as faculdades inherentes ao homem.

Eu saberia vêr na republica a unica fórma de governo compativel com a dignidade humana; onde não ha esse profundo sulco, que retalha a nação entre governantes e governados; onde os povos não figuram o incalculavel rebanho, que uma familia privilegiada explora e lega; onde a gente não se avilta, nessa vergonhosa idolatria de pessoas, nessa submissão servil ao nuto de um homem ou de uma mulher, mil vezes peor que a idolatria das idéas, mil degraus abaixo dessa obediencia cega á lei.

Erram os que confundem na mesma linha a fórma de governo e os abusos, que na pratica della commettem os homens, que a encarnam e concretisam.

Onde estaria em tal caso, não diríamos já a melhor das fórmas de governo, mas, dentre todas, a menos má? Se é licito entre nós apontar erros e abusos do governo republicano incipiente, quantos erros e quantos abusos não encheram a vida inteira do imperio, da infancia até a velhice?

Todo poder necessariamente abusa, escreveu uma vez P. Laffitte; e seria absurdo pensar que possa ser de outro modo, dada a imperfeição da nossa natureza e do organismo social a que pertencemos.

A Augusto Comte, quando a sua concepção de um poder espiritual era publicada em 1825, perguntava o notavel economista Charles Dunoyer: « Mas não tendes receio de que o novo poder espiritual venha a abusar? » « Bem o espero, redarguia-lhe sensatamente o grande philosopho, porque elle só não abusaria se não existisse. »

Os que, esquecidos do aphorismo de Terencio, cuidam viver n'um mundo idéal, mundo de chimeras e phantasias, onde deveria imperar um governo de privilegiados, com o dom da inerrancia, e com esse condão milagroso de merecer os applausos de toda gente, só esses podem envolver a fórma de governo republicano no mesmo grito de maldição proferido contra o despotismo, monstro que se, por uma dessas aberrações em que é fertil a physiologia teratologica, viesse a gerar-se nas entranhas da Republica, não poderia receber della a seiva alentadora e vivificante.

Mas a Republica não é, e não será nunca o nateiro em que possam medrar os tyrannos. Ella tem em si mesma a correcção para todos os abusos, o processo

infallivel do suffragio por onde o direito sempre triumphava; a temporariedade de todas as funcções, graças á qual os males pouco duram; uma justiça soberana, em cujos tribunaes os cidadãos podem encontrar amparo e protecção até contra as violencias da lei.

A lição da pratica, que eu recebo como homem politico e como homem de governo, cada vez mais me leva a amar com sentimento exagerado este regimen republicano, onde eu vejo a felicidade completa da minha Patria.

E tão sincera e tão ardorosa é em mim a fé republicana, que eu confundo no mesmo culto a Patria e a Republica, noções que no meu espirito já se identificaram, porque eu não concebo a Patria senão livre, grande e feliz, e só da Republica, ao que sinto, essa liberdade, essa grandeza, essa felicidade hão de provir.

São estes os pensamentos de um positivista, que envolve na mesma sentença condemnatoria a theologia e a realeza, e que abraça na mesma profissão de fé a sciencia e a democracia.

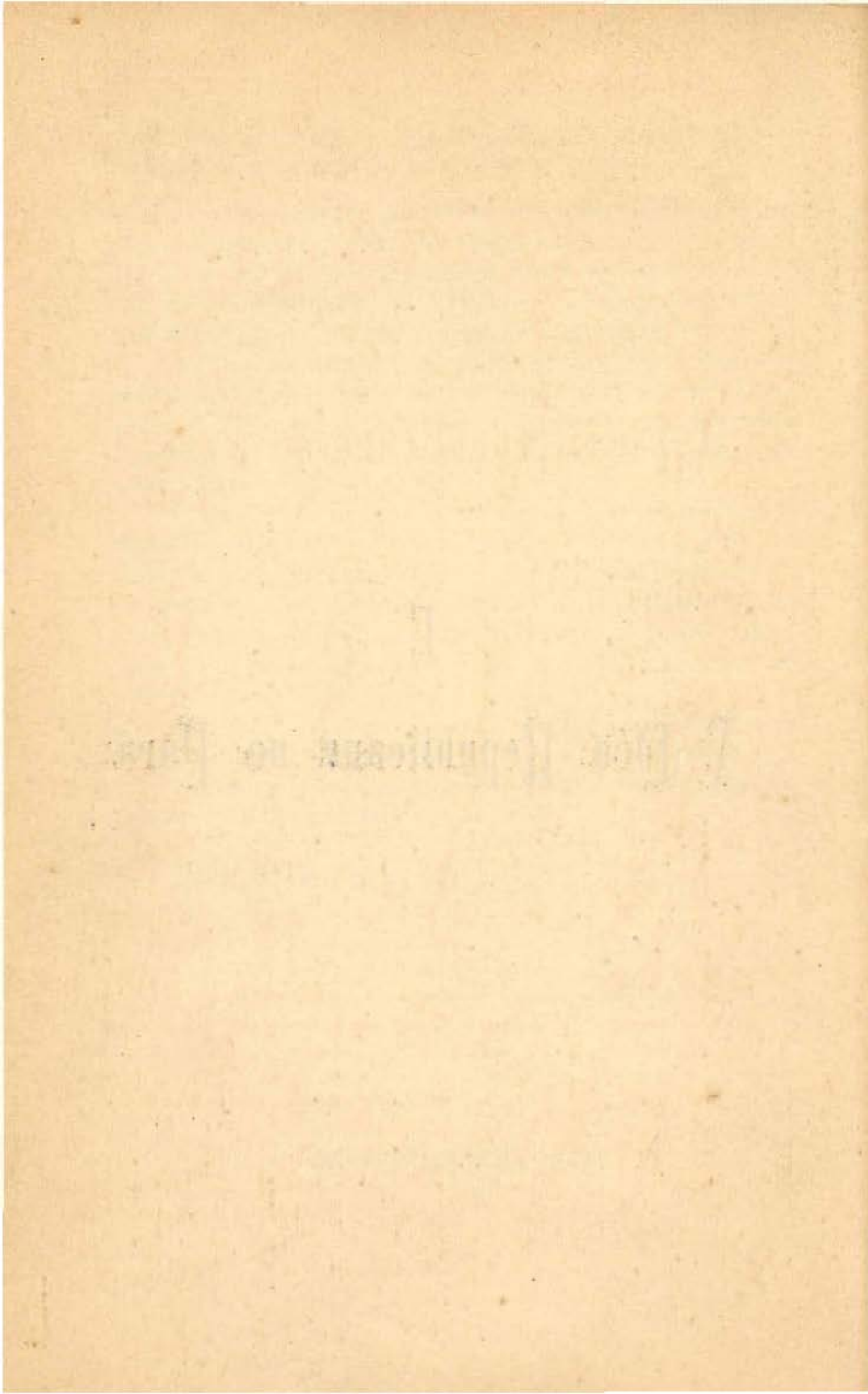
Pará, 30 de Dezembro de 1896.

Lauro Sodré.



I

A Idéa Republicana no Pará





A Idéa Republicana no Pará (*)

REBATE A UMA CRITICA

I

ORIENTAÇÃO

CONTRA as opiniões dadas a lume no Manifesto do Club Republicano do Pará, fallou o Sr. Conselheiro Tito Franco, o oraculo do partido liberal.

O longo arrasoado, com que o redactor chefe d'*O Liberal do Pará*, saiu a campo no intuito de pelear *pela humanidade amestrada, pela patria libertada de sangue, pelo progresso incessante e civilizador, pelo liberalismo illustrado da democracia temperada moderna*, é, como nol-o está clarissimamente mostrando o trecho sublinhado, um rendilhado de grandes phrases ôcas e sonoras. De ponta a ponta a critica palavrosa e retumbante do conselheiro é uma série de conceitos apaixonadissimos de mistura com erros desmarcados.

O que salta aos olhos de quem lê a analyse do Manifesto é a fraqueza da argumentação, a que recorreu o paladino da corôa. Bem sabemos que S. Exc. é um nome vantajosamente co-

(*) Artigos publicados no *Diario de Noticias*, do Pará, em 1888.

nhecido, é um talento notavel. Mas é um espirito atrasado. S. Exc. ignora todo o assombroso movimento philosophico moderno. S. Exc. está alheio a toda a recente elaboração scientifica. E' deste estado da sua cerebração que promana a opinião erradissima, incluindo os autores do manifesto entre os sonhadores absurdos.

Para o illustre redactor politico d'*O Liberal* a coordenação scientifica da sociologia, como se váe ella operando a partir dos esforços geniaes de Augusto Comte para constituil-a, é uma utopia. Todo esse movimento assombroso de elaboração, que váe, pelo criterio da relatividade, expellindo do campo social e moral as entidades theologicas e metaphysicas, ainda imperantes n'este derradeiro reducto, é simplesmente um sonho.

O illustrado conselheiro é do numero dos espiritos, nos quaes uma errada preparação gera o preconceito de que os phenomenos sociaes e moraes escapam a toda codificação e previsão por serem, em sua essencia, mudaveis (*sic*). Para S. Exc. o mundo social é uma cousa á parte, um dominio fechado para sempre ao espirito positivo.

O conselheiro ignora que a sociologia é uma sciencia da mesma natureza e do mesmo feitio que todas as demais, apenas diferente pela grande complexidade e especialidade dos seus phenomenos, razão porque, historicamente e dogmaticamente, cabe-lhe a posição que Comte lhe assignou na sua classificação encyclopedica: mathematica, astronomia, physica, chimica, biologia, sociologia e moral.

Com Thales, Pythagoras e os geometras gregos, a Mathematica constituir-se em bases positivas; a Astronomia recebera de Pythagoras, Aristarco e Ptolomeu a sua organização; Gallileu creara a Physica; o genio de Lavoisier assentara os fundamentos da sciencia dos atomos; Bichat estabelecera as bases da Biologia, antes que Comte, tendo por predecessores Montesquieu, Turgot, Kant, e Condorcet, podesse abalançar-se á concepção da sciencia dos factos sociaes.

Ainda que o fundador da Philosophia positiva encontrou o terreno desbravado pelo trabalho de lucidos pensadores, não é menos admiravel o feito genial, que, só, permittiu ao espirito humano, pela introdução do criterio da relatividade no campo social, elevar-se a essa synthese maravilhosa, que constitue a biblia do seculo XIX.

«Os trabalhos de Vico e de Herder, de Montesquieu e de Condorcet não eram senão um modesto soccorro para chegar á descoberta das leis que regem as sociedades, diz P. Laffitte.

«Para fazer idéa do esforço e da audacia que foram precisos para descobri-las, basta olhar em torno de si, e vêr com que repugnância as intelligencias melhormente preparadas aceitam esta concepção—que as collectividades humanas, que os phenomenos sociaes são governados por leis naturaes, como o são os phenomenos mais humildes da Physica e da Chimica».

Ha de o notavel impugnador do Manifesto dar-nos permissão para comprovar de modo cabal os nossos assertos, por onde S. Exc. concluiu que era errada a nossa orientação.

Nós fallamos da sociologia como de uma sciencia positiva.

Váe n'isto um absurdo no entender do distincto advogado. Vejamos porque. Diz S. Exc. :

«Comparam os movimentos sociaes, resultado de uma longa série de factos, como elos de uma cadêa, presos dia por dia, revelando um após outro os successos, e a seculos que seguem a outros seculos, comparam a uma simples operação mathematica, para annunciar-os em sua direcção e velocidade, com a exactidão com que foi determinada a trajectoria do planeta Neptuno».

O que gera no Espirito de S. Exc. o conceito que combatemos, é desconhecer o nosso antagonista que é exactamente n'essa *correlação de factos*, n'essa concatenação de acontecimentos, n'essa successão de phenomenos que está a lei fundamental da sociologia.

O que para S. Exc. parece o impossivel para constituir-se a physica social, é o que só torna exequivel a sua organização.

Como disse Littré :

«O facto fundamental da sociologia é a evolução». (1)

De Comte trasladamos para aqui a seguinte passagem :

«Em todo outro assumpto, em consequencia da immutavel perpetuidade dos phenomenos, as observações racionaes não eram primeiramente impossiveis senão por causa da ausencia *por muito tempo inevitavel*, de observadores bem dispostos.

Mas por uma excepção evidentemente propria da sciencia social, e que deveu contribuir especialmente para prolongar a sua infancia, é claro que aos phenomenos mesmo muito tempo fa-

(1) Littré. *La science*.

lhou a plenitude e variedade indispensavel para a sua exploração scientífica, abstracção feita das condições a preencher pelos observadores». (2)

São essas séries de phenomenos, variaveis dia a dia e seculos a seculos, que aos olhos do critico do manifesto se afiguram incapazes de codificação, que todos os eminentes pensadores têm posto empenho em relacionar.

Era diante d'esses factos *mudaveis constantemente pelos instinctos modificados e pelas tradições corrigidas pelos habitos melhorados*, na frase de S. Exc., que Kant escrevia, com uma intuição maravilhosa das leis sociaes, ha mais de um seculo: «De qualquer modo que se queira em metaphysica representar o livre arbitrio, as suas manifestações são, nas acções humanas, determinadas como todo outro phenomeno natural (*sic*) pelas leis geraes da natureza. A historia, que se occupa da narração d'estas manifestações, por mais profundamente que estejam occultas as suas causas, não renuncia entretanto a uma esperanza: é que, considerado em grande o jogo do livre arbitrio, ella ali descobre uma marcha regular, e o que no individuo fere os olhos como confuso, sem regra, na especie se reconhece como um desenvolvimento continuo, bem que lento das disposições originaes». (3)

Entrevendo a constancia na variedade dos phenomenos sociaes, constancia, que a olhos do conselheiro parece um absurdo imaginar, dizia Condorcet: «Si o homem póde predizer com uma segurança quasi inteira os phenomenos, cujas leis lhe são conhecidas; si, mesmo quando ellas lhe são desconhecidas, é possível, segundo a experiencia do passado prever, com uma grande probabilidade, os acontecimentos do futuro, porque olhar-se-ia como uma chimerica empreza a de traçar com alguma verosimilhança o quadro dos destinos futuros da especie humana, segundo os resultados de sua historia?»

O unico fundamento de crença nas sciencias naturaes é esta idéa—que as leis geraes, conhecidas ou ignoradas que regulam os phenomenos do universo, são necessarias e constantes; e porque razão este principio seria menos verdadeiro para o desenvolvi-

(2) Aug. Comte. *Cours de Philosophie positive*. Vol IV.

(3) Kant. *Idée d'une historie universelle au point de vue de l'humanité* (1784. Ap. Littré.

mento das faculdades intellectuaes e moraes do homem, do que para as outras operações da natureza?» (4)

Para o sr. conselheiro Tito nós somos uns sonhadores e uns visionarios, porque fallamos dos phenomenos sociaes pondo-os na mesma esteira de todos os outros phenomenos da natureza; e S. Exc., tomado de espanto diante d'esta nossa heresia, exclama: «Não é desconhecer tanto as leis physicas como as intellectuaes, moraes e politicas da sociedade? aquellas sempre as mesmas, certas, immutaveis, fóra da influencia humana; estas incertas, mudaveis, nunca as mesmas, dependentes da influencia do homem e da sociedade, sempre a progredirem?»

E entretanto nós seguimos na manifestação das nossas idéas a traça do grande mestre: «Limite-me aqui a dizer, para evitar toda confusão, que entendo por *physica social* a sciencia que tem por objecto o estudo dos phenomenos sociaes considerados no mesmo espirito que os phenomenos astronomicos, physicos, chimicos e physiologicos, isto é, como sujeitos ás leis naturaes e invariaveis, cuja descoberta é o fim especial de suas investigações» (5)

Nós definimos as nossas convicções partindo do dogma da relatividade do conhecimento humano, base fecunda de todo o saber positivo, por natureza incompativel com as noções da theologia e da metaphysica, a que parece subordinado o espirito do nosso adversario.

Para nós a observação e a experiencia, fundamentos de todas as sciencias (6) são os methodos fecundos, graças aos quaes a sociologia pôde ser constituída em alicerces seguros e duraveis.

Filiamo-nos á escola dos modernos pensadores que, ao inverso do conselheiro Tito, acreditam que entre os acontecimentos sociaes existem relações constantes, que constituem as suas leis, e cuja descoberta permite necessariamente a sua previsão (7).

(4) Condorcet. *Esquisse d'un tableau historique des progrès de l'esprit humain*. Tom. sec.

(5) Aug. Comte. *Considerations philosophiques sur les sciences et les savants*.

(6) *L'expérience seule doit nous diriger; elle est. notre criterium unique* (Claude Bernard.)

(7) Quem diz sciencia diz *previsão*; só adquire valor e importancia aquelle phenomeno natural ou moral que pela sua immutabilidade é capaz de ser previsto. A sociologia, conduzindo-nos ás previsões sociaes, ha de realisar a ordem d'estes phenomenos manifestando-se em condições fóra do arbitrio pessoal. (Theophilo Braga)

Condemnando a um tempo o dogma theologico do providencialismo e o dogma metaphysico do livre arbitrio, cremos com Aug. Comte, Herbert Spencer, Stuart Mill, Th. Buckle, e tantos e tantissimos outros, que representam a *élite* do mundo pensante no seculo decorrente, que, *as acçõea dos homens sendo determinadas unicamente por seus antecedentes, devem ter um caracter de uniformidade, quer dizer, devem, dadas precisamente as mesmas circumstancias, fornecer resultados identicos* (8).

As doutrinas pregadas no manifesto de 7 de Setembro collocam-nos, philosophicamente fallando, a nós e ao Sr. conselheiro Tito, em pólos oppostos. O que, porém, hade maravilhar a todo mundo é que S. Exc., que acredita ainda no milagre no campo da politica, venha taxar-nos a nós de utopistas, quando é franca a nossa profissão de fé: «Não é dado a nenhuma individualidade, por mais desmesuradas que sejam suas proporções, chamar a si as glorias de uma revolução social, phenomeno inconsciente operado no seio de uma collectividade humana, medrado á sazão propria, e produzido por causas, tão naturaes e espontaneas, como as que geram o fluxo e refluxo das aguas, ou a explosão que rebenta d'uma cratera volcanica, rasgada na superficie do globo terraqueo». (9).

Assim pensando, claro é que para nós os factos sociaes não dependem da vontade de um individuo, e que só por uma inversão de todos os principios naturaes, por uma logica ás avessas, por um observador affectado do defeito visual do estrabismo, podemos ser collocados entre os sonhadores, que intentam reconstruir o mundo a seu modo.

Segundo Claude Bernard ha tres classes de homens: 1º os *platonicos*, que vão da idéa para o facto; 2º os *aristotelicos*, que partem da observação para a idéa. mas que tiram conclusões ou consequencias inexactas pelo raciocinio—*post hoc ergo propter hoc*; 3º os que só procuram cimentar os factos e a idéa de uma maneira indissolvel pela descoberta das leis naturaes dos phenomenos.

Nenhum leitor desprevenido iria incluir-nos entre os espiritos ociosos e sonhadores, quando, o que das nossas palavras claramente se infere, é que nós condemnamos a *tentação de muitas*

(8) Th. Buckle. *History of civilisation in England*. Vol. I.

(9) *Manifesto republicano do Pará*.

e grandes intelligencias, desde que ha pensadores no mundo, de se rebellarem, ao menos com a imaginação, contra a natureza das cousas.

Effectivamente esta passagem, citada por S. Exc., vem de arte a externar a orientação do club republicano do Pará, e no proprio manifesto, encontraria o critico trecho mais significativo do nosso modo de pensar.

Para nós a republica é o resultado da lei da evolução, um phenomeno engendrado pela successão dos factos sociologicos. Em physica social, como em todos os outros dominios do saber, o espirito humano viveu sob o imperio das idéas theologicas e metaphysicas antes de chegar, após lenta e trabalhosa elaboração, ao dominio absoluto da lei.

O providencialismo, que na crença do grande numero regenta a humanidade, tambem outrora dominou todo o campo scientifico, e foi a causa explicadora de todos os phenomenos. As crenças theologico-metaphysicas do conselheiro Tito tiveram sobre a consciencia humana, em passadas idades, imperio absoluto.

Antes que Laplace rejeitasse a hypothese da theogonia mosaica, no seu *Systema do Mundo*, Kepler concebera os planetas dotados de alma, e Newton, o notavel creador da Astronomia mechanica, exclamara: «O admiravel arrançamento do sol, dos planetas e dos cometas não póde ser senão obra de um ser intelligente e todo poderoso».

Em politica o conselheiro acha-se ainda no mesmo estado em que estava seculos atraz a intelligencia humana, quando Anaxagora era accusado de blasphemo por ter ensinado, contra a opinião de Socrates, que a astronomia não pertence á classe dos phenomenos divinos, onde a investigação humana é insensata, inutil e impia.

E' provavel que para S. Exc. não tenha mais hoje peso a palavra de Bossuet ensinando no fim do seculo XVII: «Não ha curso tão impetuoso que a omnipotencia divina não possa parar quando lhe aprouver. Considerai o sol, com que impetuosidade percorre essa immensa carreira que a providencia lhe abriu; entretanto vós não ignorais que Deus outrora fixou-o no céu pela palavra de um homem».

Acreditamos que ao conselheiro hoje se lhe figuram varias as hypotheses ontologicas, que tiveram acção absoluta sobre a alma humana antes que as sciencias do mundo inorganico e organico tivessem sido constituídas sobre bases positivas.

E' provavel que S. Exc. não dê fé á hypothese do phlogistico de Stahl, da força medicatriz de Hippocrates, do vitalismo de Barthez nem a quantas outras serviam de explicar os phenomenos physicos, chimicos e biologicos, antes que o espirito humano fosse levado á descoberta das leis geraes que os determinam.

Mas S. Exc. é uma cerebração imperfeita. Passando ao dominio superorganico, para empregar a palavra do fundador da philosophia evolucionista, entrando no campo social, o espirito de S. Exc. fica em plena atmospherá metaphysica.

S. Exc. labora n'um erro, que é a causa de todos os conceitos desacertados que emette.

Para o conselheiro Tito não ha em sociologia senão esses codigos de relações artificiaes fabricados pelos *soi disant* legisladores politicos.

Verifica-se aqui a verdade das observações de Donnat apontando os legistas como força de resistencia á implantação da politica scientifica: «Os legistas não gostam de reformas, nem dellas carecem desde que possuem um evangelho mais completo que o dos christãos e cujas prescrições apoiam-se em uma sanção positiva; permittindo que se lhes attente contra o codigo nada tem a ganhar; seriam obrigados a modificar a sua metaphysica legal, a tocar no que elles chamam emphaticamente a sciencia do direito...

«Habituosos a pleitear com igual desenvoltura o falso e o verdadeiro, os advogados, sobretudo os advogados de causas civeis, chegam a não distinguir mais claramente um do outro; elles têm as cellulas cerebraes pejudadas de formulas e de palavras, d'onde tiram um habll partido na tribuna, o que lhes tem valido nas camaras uma supremacia, que felizmente estão em via de perder. (10)

Para o Sr. conselheiro Tito, em Sociologia e em Moral não ha senão leis incertas, mudaveis, nunca as mesmas. Simplesmente absurdo !

Vamos dar-nos ao trabalho de uma explanação no terreno da logica : e poremos de manifesto que o nosso antagonista, ou não tem a minima idéa do significado da palavra *lei*, ou a emprega, em se tratando de phenomenos sociaes, n'uma accepção de todo ponto anti-scientifica.

(10) Leon Donnat. *La Politique Experimentale*.

Lembraremos a S. Exc., antes de tudo, a segunda lei de *philosophia primeira*, como a estabeleceu Aug. Comte : *Nossa intelligencia tende espontaneamente a conceber como immutaveis as leis quaesquer, que regem os seres segundo os acontecimentos.*

Motivos de sobra tinha Laffite para dizer : « A lei é uma cousa de que muito se fala, mas de que, segundo parece, nem sempre se faz uma idéa precisa. »

Aos philosophos gregos deve-se a descoberta das primeiras leis. Mas só a Montesquieu deve-se a noção philosophica e abstracta da *lei*. Por imperfeita que seja a definição do termo como nol-a deu o auctor do *Espirito das leis*, é d'ahi que data a clara e firme comprehensão do grande principio. As leis, na significação mais lata, enunciou o philosopho francez, são as relações *necessarias*, que derivam da *natureza* das cousas.

E com exactidão traduzio o seupensamento nestes termos :

Estas regras são uma relação constantemente estabelecida..... Cada diversidade é *uniformidade*, cada mudança é *constancia*.

Thales, estabelecendo o primeiro theorema da geometria, plantou o marco inicial, de onde a noção de lei começou de evolver. Pithagoras e Archimedes completam a tarefa de Thales.

Hipparcho e os astrónomos de Alexandria estendem até ao céo o dominio da lei natural.

Gallileu abre novos horisontes aos dogmas das relações immutaveis pela constituição da *Physica*. Lavoisier e Bertholet inauguram, no terreno da chimica, o novo regimen, varrendo d'ahi as entidades metaphysicas. Batidas de todos os departamentos inorganicos as creações ontologicas e as vontades dos theologos refugiaram-se nos arraiaes da sciencia da vida d'onde foram rechasadas pelas concepções geniaes de Bichat e de Broussais, dando á biologia fundamento positivo, e de Comte assentando as bases da sociologia.

Só então poude Laffite com acerto afirmar :

« Esta victoria final era necessaria para que a noção de lei adquirisse toda sua força. Emquanto restava uma ordem de factos por submeter, o imperio que a lei exercia sobre os outros, não podia ser senão um imperio precario..... Porque de um lado a constancia, a ordem, a immutabilidade, quando não havia de outro senão a inconstancia, a desordem, a immobilidade ? A descoberta de Augusto Comte fez cessar esta hesitação. O mundo,

d'ora em diante, está submettido, no conjuncto de seus phenomenos, a leis immutaveis, que dirigem o mundo bem como as sociedades.

O ponto de vista errado em que se colloca o conselheiro para apellidar-nos de utopistas a nós, que cremos no dogma das leis invariaveis em todos os dominios do conhecimento humano, provém de considerar S. Exc. como leis sociaes, conforme acima ficou já notado, as formulas que o empirismo grosseiro dos nossos parlamentares decreta dia a dia, actos irreflectidos, anti-scientificos, que se contradizem, que se annullam. Ora, para quem considera como *leis sociaes* os decretos da corôa, que chovem diariamente sobre o nosso paiz, acervos de determinações sempre mudaveis, que aos milhares caem das pastas ministeriaes, variaveis como os partidos, que governam, com os sentimentos do soberano, cuja vontade só traduzem; para quem classifica, sob a etiqueta pomposa de *leis sociaes*, os actos da nossa assembléa provincial decretando o desperdicio da fazenda publica, para esse é de certo uma prova de ignorancia a affirmação do Manifesto Republicano—que os factos sociaes são regidos por leis fixas e invariaveis.

Assim pensando, poude o conselheiro Tito pasmar da nossa estulticia, e commentar, indignado o documento politico, que muito pela superficie analysou :

« Que orientação mais absurda do que a de pretender comparar forças e phenomenos de constituição inteiramente heterogenea, para induzir, concluir enfim identicos resultados. »

As leis de que nós falamos, Sr. conselheiro, não são as leis que V. Exc. e os seus collegas elaboram. As leis a que nós nos referimos, e a que se referem todos quantos falam da sociologia como de uma sciencia positiva, acham-se, descobrem-se, não se imaginam. Vem de molde applicar a S. Exc. a palavra de um publicista moderno :

« E os legisladores quantos d'entre elles têm uma noção exacta da lei ? Quantos a consideram como uma relação natural entre as cousas ? Os advogados, que occupam um grande lugar nas assembléas, partem de um ponto de vista todo diverso : elles chamam pomposamente *sciencias das leis* ao conjuncto das leis artificiaes emanadas dos governos. »

Este é o equívoco do conselheiro. As verdadeiras leis politicas, certo que as não podem decretar os individuos, ao serviço

da corôa, sem preparação scientifica, ás mais das vezes apenas dispondo da faculdade de disfarçar com as farandulagens da palavra, e rebuscadas figuras oratorias, muita opinião absurda, muita idéa tôla e pobrissima.

E' de ver que si a algum de nós quadra o epitheto de sonhador, não é de certo a quem parte da observação e da historia para pregar a republica em nome da sciencia, ensinando com o erudito publicista portuguez « que assim a como illusão anthropocentrica caiu pelo desenvolvimento do criterio scientifico, assim o preconceito monarchico, a que anda ligado o absurdo mais ou menos mascarado do poder pessoal, ha de cair, ao passo que os phenomenos politicos se forem coordenando nesta sciencia da sociologia. »

Nós, os republicanos paraenses, pregamos o advento da reorganisação da patria pela politica scientifica, com a substituição da vontade absoluta do rei pelo poder impessoal da lei, porque a observação criteriosa no campo da historia está mostrando que, desmanchado expontaneamente o regimen theologico-militar que, durante os tempos medievos, trouxe a humanidade acorrentada ao dogma da origem divina da autoridade, ha de necessariamente vingar o regimen francamente democrata da igualdade perante a lei, da igualdade na formação da lei pela adopção do suffragio, e da igualdade na execução da lei, pela temporariedade e elegibilidade do mandato soberano.

Até aqui temos tomado em consideração o primeiro capitulo da critica. Do que fica exposto verifica-se que o manifesto republicano, escripto sob a influencia das doutrinas philosophicas modernas, longe está de grangear para os seus signatarios o qualificativo, que lhes foi dado pelo Sr. conselheiro Tito Franco.

II

O GRANDE PORTICO

Antes de entrar no *templo da inconsequencia*, como ao nosso illustre adversario aprouve chamar o manifesto republicano, S. Exc. arremessou os projectis friaveis da sua logica contra o *grande portico*.

A tarefa do conselheiro parece-nos o martelar impotente de um operario anemico e alquebrado contra columnatas de basalto e de granito.

A argumentação de S. Exc., manca e sophistica, passa pela verdade encerrada na profissão de fé republicana, como passam as auras brandas e serenas do crepusculo matinal roçando de manso a coma cerrada de frondoso e robusto arvoredo.

Os signatarios do manifesto republicano só viram no feito glorioso de 13 de Maio, que foi uma profunda revolução social, que foi a mais memoravel victoria da liberdade, que registram os nossos annaes, uma demonstração solemmissima de que—acima da vontade da corôa paira a força da nação.

Está lá escripto, negando ao soberano o papel, que lhe distribuiram os aulicos, de exclusivo fautor da profunda reformação: «A corôa não fez a abolição, que foi um facto social e extraordinario, pela mesmissima razão porque não lhe é dado forjar o raio, que no bojo da atmospherá é engendrado conforme as leis insitas á natureza, eternas e immutaveis.»

Mas o velho liberal, que reputa uma heresia esta monstruosa comparação de phenomenos *heterogeneos* nunca haveria de tolerar que nós fossemos alinhar na mesma fileira a producção de um facto social e a manifestação de um phenomeno meteorologico.

Comparar o movimento social a uma simples descarga electrica!

Um acto livre, consciente da soberana vontade da corôa com o *movimento* da materia *inerte*.

O distincto juriconsulto, partidista *enragé* do dogma caduco do poder pessoal, resa pela mesmissima cartilha do seu correli-gionario, o Sr. Joaquim Nabuco, em cuja opinião a corôa, com *immenso sacrificio proprio* fez: em primeiro lugar a independencia; em segundo lugar a unificação do povo brasileiro; em terceiro lugar a abolição da escravidão. (11)

Os cerebros d'esses senhores estão ainda imbuidos dos preconceitos, que em tempos remotos erão recebidos como dogmas pela unanimidade das consciencias.

Ss. Excs. são fetichistas em politica.

Tem pela corôa o mesmo culto que os africanos pelos toscos manipansos. E a maior aspiração que nutrem é subir á posição de bonzos da milagrenta divindade.

(11) Discurso na camara dos deputados em sessão de 8 de Agosto do corrente anno.

Nas primeiras edades, é certo, como registram os annaes da historia, o homem acreditou que os destinos da humanidade eram uma funcção de vontades privilegiadas.

D'aqui promanou a instituição odiosa do poder pessoal.

Esse foi o ponto de apoio a que se arrimaram todos os monstros, que tem passado na face da terra, acreditando no seu orgulho individual que sob a acção magica dos seus sceptros as sociedades entravam a progredir.

O nivel da civilisação tem subido á proporção que esse prejuizo váe sendo desarraigado da intelligencia humana.

Lendo-se o trecho do discurso do deputado Nabuco, a que acima fizemos referencia, vem á memoria a famosa inscripção da Rosetta, traduzida por Champollion, e que começa assim: «Sob o reinado do jovem monarcha, successor á corôa de seu pae, glorioso senhor dos diademas, reparador do Egypto, piedoso para com os deuses, vencedor de seus inimigos, reformador do mundo, como Vulcano grande rei, como o sôl grande, rei das altas e baixas regiões, rebento dos deuses Philopators, etc., etc.»

Ao illustrado conselheiro Tito deparou-se-lhe o manifesto republicano como uma *pyramidal inconsequencia*.

A nós quer nos parecer facillima a tarefa de desmanchar a pyramide de inconsequencias architectada pelo espirito de S. Exc.

I.^a Inconsequencia.

No manifesto republicano, apoiados no testemunho insuspeito de eminentes membros do partido liberal, sopesando todos os actos do imperante, dissemos que *Sua Magestade, durante todo o largo periodo em que feriu-se o grandiloquo certamen do abolicionismo, figurou como força de resistencia aos que tinham tomado a peito a missão de derribar a odiosa instituição da escravidão.*

Em communhão de pensamento comnosco escrevia, ha pouco, o Sr. conselheiro Tito Franco:

«O ultimo erro politico (do imperador) foi entregar a governação do estado ao partido conservador para *oppor-se á libertação dos escravos*—no consulado Cotegipe, cuja inepecia ia levantando a guerra militar; depois para proclamar-a incondicional, immediata no consulado João Alfredo, cuja imprevidencia provocara a guerra da grande lavoura».

Com o tempo crescia a maré do abolicionismo. A grande idéa, alastrando nas consciencias, avolumava-se, e como um oceano extenso e indomavel rugia incessante em derredor do throno batido de todos os flancos.

Constatou-o o próprio Sr. conselheiro João Alfredo: A crise vinha de longe, e preparada de tal modo, caminhando com tal força e decisão, que *quaesquei que fossem os obstaculos ou os palliativos, que lhe podessem oppor, estes nem remediariam as difficuldades futuras, inevitaveis e fataes*.

O que as palavras do actual presidente do conselho deixam claro e patente, aos olhos de todos, é que a magestade imperial foi levada a ceder diante da força da opinião popular.

E foi, tendo em vista os factos, que na actualidade se estão desdobrando na tela da politica, que nós escrevemos: «Temos como certo que entrou nos calculos do imperador assegurar a herança da princeza regente quando distribuiu-lhe a tarefa gloriosa de assignar o memorando decreto, que deu carta de alforria aos nossos concidadãos criminosamente conservados no captiveiro».

Sua Magestade cedeu aos clamores da opinião quando viu compromettidos os interesses dynasticos, e em risco a successão da corôa.

Onde a inconsequencia dos nossos conceitos? Não registram os nossos annaes factos identicos? Não foi o egoismo o movel determinante do acto do Sr. D. Pedro I, despota, trahidor e falsario, onde os thuriferarios da realza querem ver uma prova de nobres e levantados sentimentos? Seria por grandeza d'alma que o mesmo rei, aventureiro e poltrão, submetteu-se aos votos da nação no memoravel 7 de Abril? E, para sahir da historia patria, por ventura Luiz XVI, criminosamente ligado aos conjurados, que planejavam a ruina total e a desgraça completa da França, reprobo e refalsado, que revia e ampliava o celebre manifesto de Coblantz, essa *letra de cambio de exterminio* sacada pelo rei sobre os principes estrangeiros colligados contra a França; por ventura Luiz XVI, ainda que na consciencia lhe estivesse a revolta, não capitulava diante da massa popular, que subia ameaçadora os degrãos do throno, consentindo que o barrete phrygio, symbolo da revolução triumphante, substituísse na sua cabeça a corôa, emblema da realza moribunda?

Rezam os annaes de todos os povos, d'esses actos de desalento do despotismo, nas horas em que os tyrannos apavorados diante do espectro sangrento das revoluções, tentam salvar os regimens caducos, recorrendo a medidas de mero expediente, que são um fragilissimo e impotente palliativo aos males que os assoberbam.

Tal foi a conducta do Sr. D. Pedro II.

2.^a Inconsequencia «...depois de proclamar o desempenho regencial d'esta missão civilisadora... conclue o manifesto que a princeza imperial regente não collaborou efficazmente para o fecho dos combates abolicionistas.

A paginas 2 do manifesto escrevemos: «Longe estamos de querer regatear a essa senhora a porção, que lhe cabe, das glorias do grandioso commettimento, que marca a data mais memoravel da historia patria, ainda que é manifesto, como foi já dito pelos nossos co-religionarios paulistas, que, nas preterições de formulas regimentaes e na precipitação de legislar entrarão calculos egoisticos de interesse dymnastico».

Qual é a inconsequencia como a denuncia o conselheiro Tito?

O que não nos padeceu o animo foi soffrer em silencio que, contra todos os ensinamentos, e em opposição ao que os factos encerram de verdade, sahisse a terreiro os bandos de palacêgos proclamando *urbi et orbi* que a lei de 13 de Maio foi exclusivamente um acto da princeza imperial, inspirado pelos seus sentimentos altruistas.

O que não nos é dado é consentir sem protestaço que uns espiritos sem criterio scientifico, sem orientação philosophica, apregõem e ensinem que a abolição foi feita por graça e obra da Sr.^a D. Izabel, porque o nome d'esta personagem figura referendando a lei dinamantina.

Para o Sr. conselheiro Tito a pouco monta a indagação dos antecedentes historicos, o estudo das causas varias e complexas que dia a dia, n'uma travação intima, segura, e ininterrupta vieram a determinar aquelle acto dos poderes publicos.

S. Exc. é sectario da velha fórmula do poder absoluto d'El-Rei. S. Exc. é um homem cujo espirito vive alumiado pela luz crepuscular do passado.

E de feito, «na antiguidade, quando se estava no horizonte da historia, os reis projectavam sobre os pinaros suas sombras desmarcadamente amplificadas. A' medida, porém, que o sol da historia se levanta, vão-se as sombras encurtando; hoje que nós descortinamos os homens de cima e, por assim dizer, do zenith, os monarchas, esses gigantes de outr'ora, apparecem-nos como anãos, como verdadeiros pygmeus». (12)

(12) Mougelle. *Les problèmes de l'Histoire*.

3.^a e ultima inconsequencia.

«...depois de proclamar que acima da corôa paira a força da nação, e que ao povo nada resiste, conclue o *Manifesto* que o povo que acaba de cantar a memoravel victoria, não é livre!»

Nós tínhamos dito: «Acreditar que essa reforma (a abolição) veio solidificar o edificio monarchico seria como traduzir os primeiros clarões, que tingem das côres do arrebol as nuvens do firmamento quando a estrella, que nos alumia, ainda está mettida pelo horisontê abaixo, como um signo de proxima noite fechada e tenebrosa.»

N'esse e em outros topicos deixamos claramente accentuado o nosso modo de comprehender o alto alcance d'essa brilhante victoria da democracia. Fizemos ver que essa reforma, que veio pela eliminação do mais odioso de todos os privilegios, plantar os sentimentos de igualdade no povo brasileiro, marca uma nova era na historia do movimento republicano. Foi um passo ousado, um enorme avanço na vereda que ha de levar o povo brasileiro á conquista completa dos seus direitos.

Eliminado o barbaro regimen do tronco e do azorrague, ha de forçosamente cahir o anachronico e monstruoso systema do sceptro e da corôa.

O povo, que n'essa luta heroica, n'esse batalhamento pertinaz alcançou victoria tamanha, derrocando a instituição da escravidão que mergulhava as suas raizes fundamente no passado, que se defendia abroquelada na *lei positiva*, como em altos brados pregavam os advogados do eito; esse mesmo povo, que, fiel ás suas tradições historicas, levanta-se com tanta pujança e audacia hoje contra o regimen nefando do cesarismo, que avilta, conspurcando o character nacional, matando-nos as energias, sopitando todas as explosões d'alma da nação, abatida, humilhada, aniquilada aos pés de uns tyrannetes; esse mesmo povo, dizemos, saberá pelejar pela completa emancipação da patria, e agirá sem repouso até que, vencido o despotismo, destruidos os seus instrumentos de oppressão, quebradas as armas da realza, apagados esses ultimos vislumbres de um passado, que nos envergonha, possamos, e só então, entoar hosannas no altar da patria e dizer sem corar em face do mundo: somos um povo livre!

Que inconsequencia descobrirão os espiritos desapaixonados nas frases do Manifesto, citadas pelo Sr. conselheiro Tito?

E' ou não verdade que, a lei n. 3.353 representa uma conquista da opinião impondo-se á corôa n'uns assomos inauditos ? Confessou-o o nosso adversario.

E' ou não verdade que, apesar d'esse grandioso commettimento, nós não podemos considerar-nos um povo livre ?

Vai responder-nos o proprio Sr. conselheiro Tito num trecho de um artigo da sua lavra : « Quem observasse attentamente a direcção das idéas e o complexo dos actos da situação conservadora, desde que foi inaugurada em 20 de Agosto de 1885, havia de ter-se convencido de que do *regimen constitucional* só temos o simulacro.

« Entretanto foi a decretação da abolição do captiveiro que veio pôr a nú todas as ruinas do regimen. »

« A felicidade d'este grande acto, quasi revolucionario, embora humanitario, animara o governo do paiz na convicção de que o governo tudô pôde ousar, e de que o paiz está impotente até para reclamar quanto mais para reagir. »

Pergunta adiante : E' possivel o regimen constitucional representativo quando ha ministros do Brazil que falam como os da Russia e Allemanha ? (13).

Ahi fica reduzida ás suas verdadeiras dimensões a *pyramidal inconsequencia* que o Sr. conselheiro Tito descobriu no manifesto republicano.

III

IDEAL DOS REPUBLICANOS PARAENSES

Fez o Manifesto honrosa referencia ao exercito brasileiro e entre as causas determinantes da resolução final da corôa foi n'elle lembrado o franco pronunciamento das classes militares, partidistas declaradas do abolicionismo.

Corroboramos o nosso asserto citando as palavras dos nossos co-religionarios paulistas, em cuja opinião o acto legislativo (a lei 13 de Maio) emanado dos poderes constitucionaes—parlamento e corôa—exprime a solemne decretação de uma reforma *dictada pela vontade popular*, é certo, mas *efficazmente apoiada* pelo exercito.

(13) *Liberal do Pará*. Artigo editorial de 2 de Dezembro.

Este conceito nega-o abertamente o Exm. Sr. conselheiro Tito. São estas as palavras de S. Exc. : « Mas que constituídos em classes militares, e formando o exercito, se pronunciassem abolicionistas e até apoiassem efficazmente a corôa e o parlamento na decretação da abolição, é o que negamos, porque os factos o desmentem. »

Vamos responder ao distincto campeão do liberalismo paraense com a frase eloquente do illustrado conselheiro Ruy Barbosa, co-religionario de S. Exc., e cuja opinião está portanto acima de toda suspeição :

« O abolicionismo, increpado de sedição e assalto á propriedade, não se homisia no segredo, não solapa o chão de dynamite : procura juntar-se *à porta dos quartéis*, constituir-se em assembléa sob os olhos da força armada, levantar a voz até soar bem fundo na alma dos defensores da patria e *fortalecer-se*, sentindo *voltar de lá o echo do applauso fraterno*.

« *Entre nós e esses batalhões cobertos de glorias se permutam em correntes continuas invisíveis, mas sentidas, as mesmas impressões, o espirito da mesma solidariedade, os elementos de um ambiente commum*. Se a nossa influencia é a propagação da anarchia, então a anarchia fez ninho no exercito, *de cujo campo a idéa abolicionista sempre instinctivamente se approximou...*

« A vida é que nós somos; a vida é que o exercito é. *No exercito e no abolicionismo está condensada e identificada a vitalidade nacional : elles representam o que resta da honra e integridade da patria, a sua conservação e o seu futuro, a sua intelligencia e o seu brio, a sua abnegação e a sua força.*

O voto unanime do Club Militar, publicado ha dias, confunde-se com o voto unanime do abolicionismo brasileiro..... (14)

Esses dizeres do eminente tribuno respondem á maravilha ao nosso antagonista, que, ao parecer, padece de uma profunda miopya.

Negar o papel da classe militar na campanha do abolicionismo é negar a verdade nua e clara dos factos.

No Ceará, onde primeiro despontou a aurora da redempção, os militares exerceram influencia efficaz e benefica na agitação libertadora que convulsionava toda a provincia.

(14) Discurso do conselheiro Ruy Barbosa pronunciado no *meeting* convocado pela Confederação Abolicionista a 28 de Agosto e mandado publicar pelos alumnos da escola militar do Rio.

Ahi ficou evidente que a espada do official brasileiro não estaria ao serviço do governo escravista para aviltar-se na tarefa degradante de perseguir os desventurados captivos.

N'esses e n'outros momentos agudos da crise o governo imperial teve azo de verificar que não podia fiar das pontas dos sabres dos soldados brasileiros, nem das bocas dos canhões a causa ingrata de suffocar os justos alevantamentos da raça opprimida, no dia em que esta tentasse conquistar, pela violencia e pela revolta, no exercicio de um direito, a sua emancipação.

Não são fundados os pavôres do Sr. conselheiro, nem de quantos como S. Exc. se arreceiam de que as classes militares venham a exercer predominio absoluto no nosso paiz, implantando um regimen, que nem se coaduna com o periodo historico, que imos atravessando, nem está na nossa indole, temperamento e habitos. Esse não é o ideal dos republicanos paraenses; affirmamol-o em solução á interrogação formulada por S. Exc. no final da terceira parte da sua critica.

Acreditamos, e esta crença nossa tem fundamento na observação historica, que as sociedades em seu natural evolver passam do regimen theologico-militar para o regimen scientifico-industrial.

No presente verifica-se que essa é a tendencia das sociedades policiadas, pelo crescente papel da diplomacia solvendo pelos principios do direito internacional as questões, que outr'ora só encontravam desfecho nas guerras; pelas celebrações dos grandes torneios civilisadores, as exposições universaes, que estreitam as relações de amizade entre os povos, fomentando o desenvolvimento das artes e das industrias, alargando a esphera das permutas, e abrindo novas e largas vias á fecunda actividade do homem; pelos congressos scientificos, onde são dilucidadas as questões abertas das sciencias positivas, e de onde tanta luz tem irradiado para bater as escuridades do passado, facilitando o desenvolvimento da razão humana, e accrescendo a somma dos recursos, que poem os individuos a seguro das leis fataes da natureza.

Acreditamos, porém, que no seio do descalabro em que vão as cousas publicas em nosso paiz; quando a lepra da corrupção invade e desfêa os caracteres; e o governo, para viver, mette mãos criminosas nas arcas do thesouro, e ás escancaras, abertamente e cynicamente trafica na feira das consciencias que se nodôam com o asinhavre das moedas; quando as provincias, en-

tregues á exploração vergonhosa de uns vis mercenários, para os quaes os cargos da alta administração são meios certos de enricar, perdem a confiança no poder central, e pugnam pela sua autonomia, ameaçando desmembrar o imperio; n'esse verdadeiro montão de ruínas, n'esse cháos medonho de interesses inconcessíveis, de attentados contra a lei, de depredações da fazenda publica, de dignidades que se aviltam, n'esse *mare magnum* de podridões e de vícios, o exercito, e só elle *como classe*, alentado pelo patriotismo, audaz pela consciencia da sua força, tem a ousadia de enfrentar com os governos corruptos e impôr-lhes o respeito ás instituições e á lei.

Não que andem afrouxados os laços da disciplina, porque esta só póde constituir brasão, e servir de cimento que unifique uma collectividade, produzindo a synergia nas vontades e a sympathy nos sentimentos, fazendo de milhares de homens como um homem só, e de milhares de braços como um só braço, obedecendo cégamente á autoridade soberana, quando esta representa a imagem viva da lei, do direito e da justiça.

Andam no erro os que acreditam que o exercito brasileiro é uma agglomeração de titeres inconscientes sem uma intelligencia onde hajam penetrado lucidos os raios da sciencia, sem um coração em que se aninhem os mais nobres e levantados sentimentos, sem uma vontade capaz de querer o bem e a felicidade da patria.

Fervilham nas classes militares adeptos sinceros das idéas democratas, que não vivem de conjurar na tréva contra as instituições monarchicas, mas que certo não hão de pôr a sua espada nem a sua bravura ao serviço do rei, no dia em que a Patria, cansada de soffrer o predomínio dos braganças, alçar desassombrada o collo para sacudir de si os laços que a manietam.

São por demais significativos os pronunciamentos que denunciam nas classes militares um espirito de decidida opposição ao actual regimen

Ainda bem que nos é dado confiantes esperar que não ha de ser com o apoio das classes militares que um principe estrangeiro, especulador descarado, sem nobreza de sentimentos, com os braços enxovalhados pelos actos degradantes de uma vida de aventuras, rebento estragado de uma arvore genealogica apodrecida, conseguirá empunhar as bridadas da governação deste paiz, que irão parar ás mãos da sua consorte em nome do dogma cahido da *hereditariedade da soberania*.

Na transformação social por que tem de passar o paiz em época que se avizinha, terá o exercito papel saliente porque «nos combates de que se tece a evolução da humanidade tem o espirito por arma as idéas, mas o corpo, a força por instrumento».

IV

TYPOS DE REPUBLICAS

Tomemos em consideração o quarto capitulo da critica do Sr. conselheiro Tito Franço, e ao qual foi apposto o titulo que estas linhas encima.

Disse S. Exc. que com a melhor boa vontade procurou nas 42 paginas do *Manifesto* (onde aliás respigou com muito geito os topicos que lhe convinham) as idéas, os principios, as reformas que promettem os republicanos, e que apenas se lhe deparam *proposições negativas*, que representam *principios de moral politica* ha muito tempo conquistados pela *democracia temperada*.

Em um documento politico do feitio do *Manifesto republicano* de 7 de Setembro, escripto no intuito de expôr aos olhos da nação, em rapido e imperfeito esboço, o quadro da actualidade; e onde os seus signatarios tiveram sobretudo em vista dizer sobre a lei 13 de Maio, discutindo-a, em seus antecedentes, e necessarias consequencias, servindo-se da occasião para denunciar ao paiz ainda uma vez os vicios radicaes do actual systema e a impotencia dos bandos politicos para debellar o mal que todos confessam; em um documento dessa natureza, critico na sua essencia, é claro que não poderia o nosso distincto adversario encontrar por miúdo e em detalhe o conjuncto das medidas que hão de realizar os republicanos.

Ainda que, segundo o sabio apherismo da politica positiva, *não se destróe senão o que se reconstrue*, a actual phase do partido republicano é de lucta desabrida e renitente contra o regimen monarchico a que nós planeamos substituir a fôrma republicana federativa.

N'esta palavra está um programma inteiro porque a republica será o regimen da igualdade civil e politica, pela abolição de todos os privilegios pessoases; pela negação da herança das

funcções publicas; pela adopção do suffragio universal; pela repartição equitativa dos encargos, sem a vexação dos impostos, que é o recurso das monarchias perdularias e dos governos desbriados como o nosso, e com a egualisação do tributo militar; pela garantia da liberdade em todas as suas manifestações, livre a consciencia e livres os cultos, a imprensa, a tribuna e o ensino livres.

A Republica será o regimen dos poderes sociaes como delegações da nação creados exclusivamente pelo suffragio universal, sem o rei por graça de Deus e sem aclamação dos povos; sem uma camara vitalicia nomeada pelo imperador; e com a responsabilidade real e effectiva do poder executivo.

A Republica será para o Brazil a federação das provincias, constituídas estas de sorte que lhes fique assegurada a sua autonomia e independencia na gerencia dos seus interesses privados, garantida a integridade da patria e a unidade nacional pela existencia de um poder central, cujas attribuições limitem-se a superintender e dirigir os negocios geraes do Estado e a protegelo perante as demais nações.

A Republica ha de ser a instrucção popular gratuita com o ensino especial e profissional; ha de ser a economia severa das despezas publicas com a suppressão da larga verba orçamentaria, destinada a pagar o luxo e as larguezas da familia imperial e de seus numerosos famulos, com a redução do functionalismo, extinctos os cargos creados exclusivamente para os filhotes dos caudilhos politicos.

Não cabe-nos *nunc et hinc* formular programma, expediente de que vivem os partidos politicos d'este paiz, notaveis pela rethorica com que produzem, em epochas de campanhas eleitoraes, bombasticos e seductores projectos de reformas do Estado, e notabilissimos pela facilidade com que mentem, no poder, ás suas fallazes promessas, mera pulha para armar á popularidade quando em opposição.

Os principios porque nos estamos empenhando n'este renhimento pertinaz não são de hoje, bem o sabemos, que já pelos derradeiros instartes do seculo passado serviram de lemma para a estupenda revolução que até aos fundamentos sacudiu o mundo civilisado.

A nossa interpreza não é apregoal-os, que na consciencia nacional andam elles radicados, senão, apparelhar o terreno para sua execução.

«Se os republicanos offerecem sómente isto (os principios), nada offerecem».

Não. O que nós offerecemos é tudo porque são os *meios praticos de realisar* as reformas, que *em parte* são defendidas por nós e pelo partido liberal.

Affirma o Sr. conselheiro Tito que *todos os principios de moral politica* porque pugnamos *ha muito tempo estão conquistados pela democracia temperada*.

E nega, uma a uma, as affirmações do Manifesto: que *no Brazil estão anarchisados todos os principios tutelares da ordem social, transtornadas todas as consciencias, corrompidos todos os instrumentos de governo, e sophismadas todas as garantias da liberdade civil e politica*.

Vamos tornar palpavel a contradição de modo de pensar do nosso illustrado antagonista em tres phases da sua vida politica—antes de criticar o Manifesto,—durante esta operação mental—e posteriormente a ella.

Em 1867 escrevia o Sr. conselheiro Tito Franco: «Chamou-se a isto politica de *conciliação*; mas era o IMPERIALISMO que organisava-se em regra, para o poder absoluto, formado com elementos de todos os partidos que o executivo podia absorver pela *intimidação* ou corrupção, desculpando por interesse proprio todas as deserções; mercadejando e procurando tarifar todas as consciencias.

«Era um mediador plastico, ou antes a Forcida do Ovidio, com duas cabeças e um só olho, o *imperial*, que movia-se alternadamente de uma para outra.

«Maçonaria politica de nova especie, recrutava adherentes em todos os campos, em todas as opiniões, em todas as industrias e em todas as religiões.

«Começou então o reinado official do egoismo das paixões individuaes e mesquinhas, da sêde das riquezas, do aviltamento das almas, do afrouxamento dos laços sociaes, do naufragio das virtudes civicas—tudo devido á desgraçada execução de um pensamento que parecia sublime.» (15)

E no mesmo livro, de que foi apographada a citada passagem lê-se: «creio que sob o nome de IMPERIALISMO, reconheci e denuncio a verdadeira causa e unica da decadencia politica e

(15) Conselheiro Tito Franco. *Biographia do Conselheiro Francisco José Furtado*.

social do paiz, embora deva incorrer no *anathema*—sit de todos os cortezaos (ou que se presumem taes) passados, presentes, e em perspectiva, quer nascidos de sangue azul (especie que não reconheço no imperio) quer *parvenus* ou fidalgos em caricatura.»

Não denunciámos nós, os republicanos, em linguagem mais energica nem mais vehemente, os vicios da *democracia temperada* ou *governo monarchico democratico*, panacéa aliás preconizada pelo Sr. conselheiro Tito.

E em recentissima data escrevia o mesmo critico do Manifesto : « Estamos enroscados pela serpente das grandes difficuldades que obscurecem o horisonte actual e mais ainda o futuro da patria.

« Os successivos empréstimos a esconderem as arrombadas arcas do thesouro nacional e das provincias; a substituição do trabalho sem ordem nem systema, servindo de pretexto para maiores ruínas financeiras; a imminência de novas imposições para compensar a diminuição das rendas exactamente quando o povo sente-se mais necessitado, o recrutamento illegal para..... as fileiras da policia empregada no serviço da politicagem, como no Mojú, Ourem e outras localidades da provincia, ou do exercito e marinha cujo descontentamento começa a reaparecer.» (16)

E como se aviltrara dar a si proprio a demonstração, porque a não demos no manifesto (?) de que *a causa de todo esse tristissimo estado de cousas*, como nol-o pinta em tão vivas côres, *está na instituição da democracia temperada*, expressou-se S. Exc. n'estes termos : « O baralhamento dos homens e das idéas, que tem sido o *objectivo corruptor* do reinado actual, bem pôde reproduzir no Brazil a queda ingloria do 3.º imperio da França.»

Causou extranheza ao Sr. conselheiro que o manifesto republicano *calasse a republica franceza mais semelhante á nossa raça*.

Responde cabalmente á S. Exc. o proprio trecho citado d'aquelle documento : « No presente verifica-se que as republicas que prosperam são as *federações* como os Estados-Unidos e a Suissa.»

Desde que para nós, sem as liberdades locaes, provincias e municipaes, a republica é uma palavra vasia de significação, uma instituição de nome, é claro que não iríamos vasar a organisação democratica da patria nos moldes da republica franceza

unitaria, da qual poude com verdade dizer o eminente publicista Laveleye : « Os republicanos francezes com o seu fanatismo de unidade e opposição ao systema das autonomias locaes, são os unicos entre os seus co-religionarios que proseguem n'este sentido, e estão em contradicção com os seus proprios principios. »

Ainda que estamos convencidos de que a republica é hoje a unica forma de governo que convém á França, a qual nunca, como mostra a observação dos factos, cessou de achar-se em uma situação essencialmente republicana, depois da deposição de Luiz XVI (17), convimos que esse paiz miraculosamente resurgido, pela força assombrosa do patriotismo de seus filhos, das cinzas e das ruínas em que a sepultou o epigono Napoleão III, ainda vive de lutar contra o vergonhosissimo legado do regimen monarchico antecedente, que até á medulla infeccionára o organismo nacional.

Não quer isto dizer que a França não seja para nós, como ha de sel-o eternamente para todos os corações generosos em lucta contra o despotismo, um fecundo exemplo e um brilhante estímulo, porque as paginas da sua historia encerram feitos pasmosos de almas, que retemperadas no fogo do amôr da patria, adquiriam a tenacidade do bronze para lutar em nome da democracia contra todas as forças colligadas da autocracia.

Sim ! A França ha de ser sempre para nós o berço da grande revolução, que é a mais assignalada e a mais brilhante conquista da liberdade humana.

E apezar das prophcias de Cassandra, do conselheiro, temos fé que a 3.^a republica, estribada no valor, nas virtudes civicas e na sabedoria de seus filhos, ha de guiar o paiz pela senda da prosperidade e da grandeza, dando ao mundo um ensinamento fecundo, e esmagando a hydra do despotismo, cujos fragmentos tentam reconstruir-se e vivem perturbando a ordem, e de esforços para impedir o seu natural desenvolvimento.

Nós fallamos na Suissa, que, no entender do conselheiro, não é typo a *aproveitar pela nacionalidade brazileira*.

A Helvecia ha de ser sempre o typo do estado livre da Europa, a aproveitar por todas as nacionalidades que tratem de se reorganizar sobre a larga base da federação.

Se é como forma federal que o exemplo das instituições hel-

(17) Vid. J. Lagarrigue. *La dictature republicain d'apres Aug. Comte.*

veticas não colhe em relação ao Brazil, cuja *expansão* não tem para impedil-a os mais altos cumes alpinos, e cujos *destinos* não podem ser embaraçados pelas pequenas republicas, que gyram em torno d'elle como satellites, na phrase do conselheiro; cabia a S. Exc. explicar porque o partido liberal adoptou como artigo de programma o projecto do deputado Joaquim Nabuco—de *creação de republicas* unidas pelo laço nacional da monarchia.

A disparidade notada pelo conselheiro queremos nós fazel-a desaparecer, o que realizará a suppressão da monarchia, porque só esta faz os *destinos* do Brazil incompatíveis com as nacionalidades que nos rodeiam, pelo sonho que povôa a imaginação de todos os despotas, de cumprir a sua *missão providencial*, perturbando o regimen industrial, e embaraçando o progresso social com as guerras de conquista, e com as scenas sangrentas e desoladoras de canibalismo.

A Republica, fazendo entrar o Brazil no molde da organização politica da America, estreitará as nossas relações de confraternidade com os povos convisinhos, e ha de inaugurar o reinado pleno da paz e da industria no nosso paiz.

« Acresce que as mesmas republicas americanas, á excepção da grande União do Norte, não prosperam, por confissão do *Manifesto* ! »

Esta não é a verdade como nós a enunciamos. O contrario foi dito á pagina 38 d'aquelle documento :

«como se não lhes estivera a impôr silencio o ligeiro evolver da Republica Argentina, que nos anda ensinando a nós, prisco e pacifico redil, a vereda por onde devem trilhar as *nações que visam o seu engrandecimento*; como se não fôra preferível a agitação que turba um paiz, mas que é symptoma de vida a este indifferentismo que nos atrophia, a esta covarde abdicção de todos direitos inherentes á creatura humana, que faz com que a sorte de um povo grande, o futuro de uma nação que ao mundo maravilha pela sua vastidão e pela opulencia de seus thesouros naturaes, andem á mercê de uns individuos, cuja qualidade é terem vindo á luz entre os mantos purpureos e os europeis da realza. »

Escreveu o nosso antagonista : os Estados-Unidos prosperam, sim, mas negar que o Brazil tambem prospera é negar a luz do sol ao pino do meio dia em esplendido verão. »

O progresso é uma lei natural das sociedades (18). Estas evoluem apezar dos estorvos que lhes cream os governos, quando tendo prestado todos os serviços de que eram susceptíveis, como organizações temporárias, recorrem, para manter-se em desaccordo com o meio social, ao regimen da oppressão e do abuso, obstando o regular crescimento da nação e embaraçando a expansão das suas forças vivas.

D'aqui provem o nosso *desenvolvimento vagaroso* comparado ao *desenvolvimento vertiginoso* da União Americana, conforme as proprias palavras do Sr. conselheiro.

Finalisa S. Exc. esta parte da sua analyse copiando da obra de Ezra C. Seaman,—*O Systema de Governo Americano*—um trecho, do qual conclue que *a synthese do escriptar Yankee e que os partidos americanos fazem tudo quanto querem, quando governam, mandem o que mandarem a constituição e as leis.*

E accrescenta o nosso adversario: «Se os republicanos paraenses consultassem (?!) a imprensa americana dando quotidianamente conta dos actos de corrupção até intellectual, a mais ruinosa de todas as corrupções; de juizes cúmplices de especuladores; do crime protegido; do mal seguro da impunidade; da avareza e da intriga sem remorsos; se lêssem a denuncia de que —*da esphera mais alta á mais humilde novo impulso é dado ao desenvolvimento da corrupção*—: é mais do que certo que prefeririam o nosso desenvolvimento vagaroso ao desenvolvimento vertiginoso da União Americana».

Pelo que toca aos testemunhos da imprensa diaria vamos adduzir o juizo do auctor americano, juizo constante da mesma obra citada pelo conselheiro, e que para S. Exc. é da maior ponderação: «Os órgãos de partido tem se tornado vehiculos para derramar sobre os homens publicos e sobre candidatos aos cargos torrentes de injuria, de calumnias baixas, na sombra do anonymo, e por informações de pessoas infidedignas dadas aos editores e aos gerentes; pelo que na verdade são responsaveis antes o systema e o espirito de partido do que os editores. Elles fizeram-se instrumentos para vomitar a injuria sobre os serventuarios e os candidatos, de modo tal que fazem decrescer grandemente a influencia d'estes órgãos, e tornam difficil discriminar a verdade porque destroem a confiança nas suas asserções».

(18) Progress is not an accident not a thing within human control, but a beneficent necessity. H. Spencer. *Progress.*

Damos este conceito pelo que elle hade valer aos olhos do Sr. conselheiro Tito Franco.

Do mesmo autor americano tiraremos um topico, de onde ha de certo concluir connosco o nosso adversario que, dado de barato que os Estados-Unidos sejam um paiz moralmente tão estragado como o nosso, é mil vezes preferivel, com os mesmos vícios e com os mesmíssimos defeitos, *progredir vertiginosamente* como aquella nação, á sombra das instituições republicanas, a *caminhar vagarosamente* como nós caminhamos, sob a influencia retrograda e perturbadora da monarchia bragantina.

Lê-se na citada obra de Seaman: «A liberdade e os effeitos de nossas instituições politicas e religiosas, a liberdade do commercio domestico, a imprensa e a educação na escola common a todo o povo do norte, bem como as instituições superiores de lettras para as classes profissionaes tem dado ao povo do norte e noroeste no seu todo, mais actividade de espirito e mais actividade mental e physica diversa assim como intelligencia do que a nenhum outro povo da terra, e tem-o collocado na vanguarda da civilisação moderna».

V

LIBERALISMO REPUBLICANO

«Se os republicanos paraenses querem fazer vingar as reformas do codigo democratico para emancipar a patria e dar ao cidadão a dignidade humana, não basta a implantação da republica».

O Sr. conselheiro bem comprehendeu o nosso modo de pensar quando em outro periodo expressou-se n'estes termos: «Se o pensamento dos republicanos paraenses é revelado n'estas palavras, querem elles implantar a republica para *facilitar* a nossa regeneração social, *fazendo vingar* as reformas do codigo democrata».

Para nós a fórmula republicana é a um tempo meio e fim.

Queremol-a como condição *sine qua* para que possamos caminhar sem treguas na larga senda do progresso.

Quando se trata de um regimen politico em radical opposição ao regimen social, e que subsiste apenas pela força da inercia, como residuo de instituições obsoletas, a sua eliminação é uma necessidade urgente e indeclinavel.

Tal é a instituição monarchica.

A realza é hoje um anachronismo.

A hereditariedade do poder soberano é um privilegio, que continua a manter-se em antagonismo com todos os principios da sociabilidade moderna.

O rei, como entidade sagrada e inviolavel, é uma monstruosidade, que a razão humana repulsa.

Queremos a republica para o nosso paiz, porque, na frase de Tavares Bastos, se o progresso social está na razão da expansão das forças individuaes, de que essencialmente depende, como se não ha de condemnar o systema politico, que antepõe ao individuo o governo, a um ente real um ente imaginario, á energia fecunda do dever, do interesse, da responsabilidade pessoal a influencia extranha da autoridade acolhida sem enthusiasmo ou supportada por temor?

Bem sabemos, como ensina Littré, que são os regimens sociaes que determinam o governo, principio que anda consagrado no apophthegma—*cada povo tem o governo que merece*;—erradamente comprehendido pelos indifferentes e optimistas de todos os matizes, que á laia do conselheiro, condemnam toda e qualquer innovação no terreno da politica.

A theoria moral de S. Exc., está n'estas palavras: «Nada mais natural do que a mudança de posição procurada pelo doente atormentado de dôres; mas nada *tão certo* como redobram-lhe as dôres com a mudança promettedora de enganoso allivio».

Não tem aquelle principio sociologico a significação que lhe querem dar os que, furtando-se criminosamente ao cumprimento dos seus deveres de homens e de cidadãos, cruzam covardemente os braços diante da vergonhosa expoliação de seus direitos levada a cabo pelo primeiro aventureiro que n'um golpe de audacia arrogou a si o soberano poder.

Pouco se nos dá dos devaneios metaphysicos do Sr. conselheiro, sustentando com o philosopho allemão que a *democracia pura* é necessariamente *despotica*, e de todas as fórmulas do governo a menos republicana.

S. Exc., suppondo com justeza que o ideal republicano é o de um *povo verdadeiramente livre*, tem a ingenuidade de perguntar-nos se a republica consegue realisar este ideal com mais segurança, brevidade e successo do que a monarchia.

Para elucidar a these proposta, toma S. Exc. o povo inglez, governado pela monarchia temperada na Europa e pela republica federativa na America.

Manda que nós, os republicanos, respondamos quanto á Inglaterra, e dá-se a incumbencia de responder-nos pela União Americana.

Gostosamente vamos desobrigar-nos pela nossa parte.

Corre-nos porém o dever de declarar que o Sr. conselheiro Tito tratou o assumpto muito ligeiramente.

S. Exc. limitou-se a publicar um artigo dado a lume no *New-York Observer*, de 10 de Fevereiro de 1870, e que encontra-se no prefacio da obra de E. S. Seamam, já citada.

E pela simples opinião de um periodico julgou-se autorizado a concluir que na mais prospera das republicas o *mal é pelo menos do tamanho do bem*.

Todos os nossos homens politicos tem pela Inglaterra um respeito supersticioso.

Não ha estadista nosso que não tome para ideal e para modelo algum *lord inglez*; e não ha discurso parlamentar, que valha se não vem recheado de textos da oratoria britanica.

E' que o paiz das brumas é a patria da monarchia constitucional representativa, que ahi, por circumstancias especiaes, que os antecedentes historicos explicam, poude crear raizes.

Não se ha de crer porém que o Constitucionalismo, que é a «incongruencia e o disparate, alliado á soberania por graça de Deus com o suffragio popular, amalgamando o privilegio do nascimento com a igualdade perante a lei,» esteril e pernicioso em outros paizes, tenha feito da Inglaterra um como eden da maravilhas, onde só imperam a lei e a virtude.

Deixando de lado as opiniões das gazetas, d'onde poderamos á farta colher depoimentos altamente compromettedores para a moralidade dos poderes publicos e dos costumes inglezes, vamos á fonte que menos suspeita é.

Temos á mão o juizo competentissimo do sabio Herbert Spencer: «Aqui na Inglaterra, quasi todo mundo crê firmemente que o nosso methodo de redigir e executar as leis possui todas as virtudes... A ignorancia, a força da educação, esse patriotismo, que faz cada paiz orgulhar-se das instituições, tudo isto gera em nós uma fé inabalavel na superioridade absoluta da nossa organização politica... Uma critica severa irá ahi descobrir vicios evidentemente muito enraizados...

«Todos os vícios são irremediáveis. Elles são inherentes á natureza mesma da nossa instituição, e ás faltas deploráveis da administração que elles produzem são inevitáveis. Querem-se as provas? Temol-as em abundancia: fornece-as a historia actual, a nossa representação nacional, as nossas representações locais, tanto publicas como privadas; as corporações municipaes, juntas de hygiene, as associações de todos os generos: o mal existe por toda a parte, e nada melhormente prova que elle é, não accidental mas constitucional...

«Os conselheiros municipaes não se distinguem nem pela intelligencia, nem pela nobreza de character... A primeira questão que se faz a um candidato, não é para saber se elle tem conhecimentos extensos, discernimento ou aptidão para os negocios, ou se é capaz particularmente da funcção de que se trata, mas si é *whig* ou *Tory*. Uma vez approvada a sua politica, o ponto mais importante para ser eleito não é ainda uma rectidão e uma habilidade provadas; são as relações de amizade como os da parcialidade dominante...

«Com delegados de qualidade tão mediocre, as funcções não podem ser exercidas com efficacia e economia. Mas, o que peor é, são as influencias de partido e as dos interesses pessoais que persistem...» (19)

E o autor pinta por miudo todos os actos de immoralidade de prevaricação dos homens publicos, os escandalos da advocacia administrativa, a corrupção dos funcionarios, a merca das consciencias, a venalidade dos eleitores, as baixezas dos candidatos; a ineptia dos estadistas e a incompetencia dos legisladores entre os quaes podem figurar especialistas em todos os generos, nem um talvez possuindo, no entretanto, esse conhecimento solido da sciencia em geral, coroado pela sciencia da vida, e que é a base necessaria da sciencia da sociedade.

Está respondido quanto á Inglaterra, nas raías deste ligeiro trabalho.

O Sr. conselheiro finalisa a sua critica com as palavras que já citamos ao encetar a presente replica.

Esquecido de que máis de uma vez tem dito das columnas da folha liberal que o partido republicano é um *hem providencial*; propõe-se agora a combatel-o franca e tenazmente, pelejando pelo *liberalismo illustrado da democracia temperada moderna*.

(19) H. Spencer. *Le gouvernement representatif*. Trad. de A. Burdeau.

S. Exc. atemorizou-se diante do Manifesto, concitando os nossos concidadãos para a referta, de que ha de sahir victoriosa a idéa republicana.

Poremos fecho o marco final a esta replica, dizendo como o eminente publicista Latino Coelho : «O bem é concedido á humanidade com a lastimosa condição de o ir desentranhar dentre os males onde se esconde, como o ouro entre as areias mais estereis, e o diamante em villissimos cascalhos.

«Choremos com o sentimentalismo, o cruento scenario da convenção e do terror; mas saudemos com piedoso entusiasmo, a revolução e a liberdade, ainda mesmo quando pura na sua fé, immaculada na sua idéa se levanta, deixando ver no fundo do seu quadro a sinistra apparição da guilhotina».



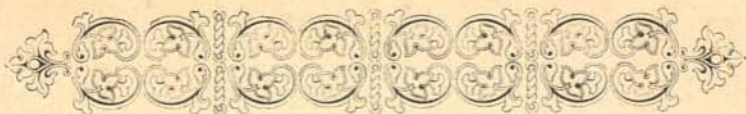
II

A philosophia positiva

(POLEMICA JORNALISTICA)

Philosophie positive

LEHRE VON DEN NATUREN



A Philosophia Positiva (*)

I

NOCA-NOS dizer alguma cousa sobre o assumpto. Na qualidade de discipulo obscuro, vimos pôr as nossas forças exiguas ao serviço da grande causa da philosophia positiva. Não ha ahi quem não conheça o termo; mas ha quem não conheça a cousa. Esta é infelizmente a verdade. E de muitas criticas da philosophia positiva poder-se-ia dizer o que disse o professor Huxley das criticas do darwinismo : « não valem o papel em que foram escriptas. »

Estudar a philosophia positiva é uma grande cousa. Conhecel-a significa ter passado por um longo e proficuo tirocinio. Ella é a vasta synthese dos conhecimentos humanos. E' myster percorrer todos os degráos da escala da sciencia antes de poder fallar em nome da philosophia positiva. E' uma cruzada gloriosa mas afanosa. O seculo XIX não tem outra senha. Comte desceu lá muito longe no passado para descobrir as raizes da arvore frondosa á cuja sombra benefica se ha de abrigar a humanidade. Mas como a philosophia é a synthese universal, era preciso que o tempo preparasse lenta e vagarosamente os alicerces do grandioso edificio. Nunca esteve adormido o espirito humano. Creou no passado as grandes theogonias. Sacudio-se no mar encapellado da metaphysica. Chegou ao seu apogeu : constituiu sobre a grande somma dos conhecimentos humanos a obra do futuro.

(*) Serie de artigos publicados n'*A Provincia do Pará* em 1881.

Os seculos perpassaram velozes. Haviam sido constituidas as syntheses parciaes. O saber positivo caminhava sempre. Tornar positivo o espirito humano foi sempre o resultado da luta em que se resolve a historia.

De ha muito que a theologia via cahirem os seus dogmas demolidos pela acção do tempo como os fructos apodrecidos, que se desprendem da haste.

Newton affirmou que ha uma gravitação physica, como Comte affirmou que ha uma gravitação historica. E' a esta lei que obedecem as concepções humanas. E' esta descoberta um dos grandes titulos de gloria do eminente fundador da philosophia positiva. Porque só a constituição da sociologia, mostrada possivel pela descoberta da lei dos—tres estados—, tornou possivel a constituição definitiva de uma philosophia, que tivesse por bases solidas o conjuncto do saber humano.

De ha muito que se iniciára a obra de fazer positiva a consciencia humana. A mathematica havia sido arrancada ao dominio da theologia e da metaphysica. A physica tinha sido elaborada já fóra da influencia theologica e das entidades ontologicas. Os alchimistas haviam visto Lavoisier lançar os alicerces da—chimica positiva. Os phenomenos biologicos na sua vasta accepção—e no modo de pensar de Comte—abrangendo os da natureza psychica—tinham sido solidamente firmados pela descoberta das propriedades geraes dos tecidos.

O espirito humano havia percorrido essa longa escala. Tinha fixado marcos, que assignalavam as suas conquistas soberanas. Mas havia um departamento por explorar; uma série de phenomenos por explicar. A historia continuava a ser um enigma. E o dedo da Providencia de Bossuet pesava sobre os acontecimentos sociaes. Houve um Kepler na sociologia. A Comte precedeu Condorcet.

Constituida a sociologia estava fechado o cyclo dos conhecimentos humanos. Só então foi possivel organizar—a philosophia positiva. Felizmente para a humanidade.

Comte foi um collaborador titanico d'essa obra grandiosa. Todos os grandes pensadores do seculo trabalharam n'ella. E' só um, o resultado dos esforços de Spencer, Comte, Mill, Haeckel e Darwin. Todos os homens eminentes se confraternisam para um fim : trabalhar em prol da humanidade. E são os

bemfeitores do género humano todos quantos lutam pela sciencia. Lutar pela sciencia, que gloriosa tarefa !

A philosophia positiva tem os seus apóstolos devotados. Comte foi um, Littré outro. Ella é a palavra de hoje e ha de ser a palavra de amanhã, porque a philosophia positiva continuará a crescer com a successão do tempo.

Os seculos não poderão delir esse sólido edificio. Hade acompanhar os progressos da sciencia. Não temerá como a philosophia theologica as conquistas dos sabios; ao contrario se enriquecerá com ellas.

Cada verdade nova arrancada ao seio da natureza é uma gloria para ella. Não teme a discussão e não teme a luz. Si ella é a propria sciencia !

Isto a extrema das philosophias que a precederam. Abalaram-se as doutrinas theologicas quando os sabios expelliram do céu a mão de Deus, e leram no movimento dos astros a manifestação das leis naturaes. Depois os phenomenos physicos tiveram a sua explicação positiva. O sopro divino foi despresado como inutil no estudo dos phenomenos biologicos. Afinal os factos sociologicos, estudados á luz do criterio positivo, não careceram mais da acção da Providencia.

E' uma conquista moderna do espirito humano a distincção entre o cognoscivel e o incognoscivel. A palavra é de Herbert Spencer; mas esta distincção é o eixo mesmo da doutrina de Comte: eliminar o absoluto, as causas primarias e finaes, e acceitar o relativo, as causas effectivas e proximas dos phenomenos, delimitar claramente o terreno em que póde girar o espirito do homem, e fechar-lhe as portas do impenetravel.

Depois de Comte a philosophia positiva tem progredido a mais e mais. Pensar assim é tomar esta palavra na sua accepção lata; e fugir do círculo estreito em que se encerram os discipulos ferrenhos de Comte.

A philosophia positiva de Comte é a mesma philosophia em que collaboram todos os sabios. E' a obra do passado e ha de ser a obra do futuro. Não aproveita á causa das velhas crenças e do carcomido edificio theologico a scisão aberta entre os discipulos de Comte, discipulos orthodoxos, uns, e outros, que o não sendo, podem comtudo chamar-se positivistas. Positivistas independentes, na frase de Ribot.

A critica, a critica sã e alevantada, ha cahido sobre a

obra de Comte, Spencer, Stuart Mill e Huxley figuram na vanguarda. Mas a discussão tem abalado os accessorios do edificio e consolidado os seus alicerces.

A philosophia tem continuado a constituir-se sobre o terreno seguro do saber experimental.

O que ha de permanente na philosophia positiva tem sido cimentado pelo genio dos grandes philosophos, successores do fundador do positivismo.

E é somente sobre esse terreno solido que se luta. A theologia é letra morta, e a metaphysica apenas de quando em vez ousa fallar nas *tentativas eternas sobre o desconhecido e nas epopéas cosmogonicas*. (Ribot).

A luta fere-se hoje entre os adeptos da philosophia positiva mesma. Mas é uma luta que não compromette a santa causa do futuro contra o passado. Não que o positivismo signifique a insurreição contra o passado. E' um dos grandes fructos da philosophia positiva ter aclarado o campo do passado e encontrado o verdadeiro criterio historico. Antes de Comte havia a theologia que endeosava o passado e maldizia o futuro; e havia a metaphysica que maldizia o passado. Depois da philosophia positiva a relatividade rehabilitou o passado. Descobriu-se a lei da filiação historica.

E mais tarde Spencer mostrou que essa formula sociologica era um caso particular de uma expressão mais geral. Uma das modalidades da lei geral da evolução—a lei universal.—

Esta doutrina do philosopho inglez que deu um nome particular á sua philosophia—o evolucionismo—consolidou a obra de Comte. Spencer demonstrou a evolução na natureza. Houve uma evolução astronomica, uma evolução geologica, uma evolução psychologica, uma evolução sociologica.

Entre Comte e Spencer vae um accordo. Encontramolo aqui. E' sabido que Spencer criticou a classificação de Comte. Mill e Huxley fizeram outro tanto. Havemos de discutir as objecções e as criticas d'esses homens eminentes, collocando-nos sob a egide de outros pensadores. Segundo o erudito Littré, parece-nos que as objecções dirigidas sobre a classificação de Comte são golpes vibrados de banda, que a deixaram por demolir. O que succedeu á essa idéa capital da criação de Comte, succedeu a muitos outros pontos de sua doutrina. Mas é sempre sobre o que ha de passageiro na philosophia positiva.

Um exemplo.

E' sabido que Comte na época em que escreveu a sua *Philosophia* accitou as doutrinas de Gall sobre os phenomenos cerebraes e baseou sobre taes doutrinas a sua theoria psychologica.

Mas, tornada possivel pelos progressos ulteriores a constituição de uma sciencia do espirito, o que é a obra de Spencer, Mill, Bain e outros, em nada soffre a *philosophia* positiva.

Para os discipulos de Comte a psychologia continúa a ser um simples capitulo da Biologia, apesar de todos os materiaes accumulados principalmente pelos chefes da escola associacionista.

Mas, acceita a constituição positiva da psychologia, provada a independencia dos phenomenos psychologicos em face dos phenomenos physiologicos e estho-physiologicos, em que soffre a *philosophia* positiva? E' sabido aliás que para muitos é este ainda um ponto em litigio. Roberty falla em uma theoria bio-social com que se póde explicar, ao ver d'este escriptor, os factos do espirito. Não é tempo ainda de aprofundar esta questão.

A *philosophia* positiva, digamol-o mais uma vez, vive da sciencia e pela sciencia.

Philosophia positiva retrograda e estacionaria é um contra-senso.

Ella hade caminhar emquanto caminhar o espirito humano na investigação da verdade. Cada descoberta da sciencia é uma pedra para o seu edificio. Ella é um banco onde se depositam a circular os capitaes accumulados pelos sabios de todos os tempos. Nada a abalará. E' a obra do passado, a obra do presente, e ha de ser a obra do futuro.

A luta do presente é uma continuação da luta do passado. Todos enxergam a onda que sóbe. Abri os olhos oh! velhos defensores das doutrinas anachronicas! Fugis ao receber sobre a retina o contacto da luz intensa da sciencia. Não ha lugar para vós no banquete dos pensadores modernos. Lá só tem assento os que accitam por criterio unico da verdade a observação e a experiencia. Tudo o mais está proscripto. A Biblia do futuro é o livro da sciencia. O sabio discutio os vossos velhos dogmas e condemnou-os á luz da razão. Escondei-vos por detraz das ruinas do passado. Fugi amedrontados; mas curvae a cabeça diante da verdade. Deixai passar a caravana destemida dos grandes pensadores. Elles marcham para o futuro. Respeitam-

vos. Não são como o filho ingrato que ri-se do ancião que o amparou na infância. Veneram-vos. Mas reconhecem a vossa fraqueza e a vossa impotencia.

Parae.

E' tempo já. A ampulheta do tempo é fatal. A trajectoria da historia não é uma curva fechada, como pensava Vico. E' antes um ramo hyperbolico. Nós vimos do desconhecido e vamos para o desconhecido. E' debalde que tentareis ler na noite escura das origens. Aceitae resignados a vossa condicção de seres finitos. Abandonae o terreno dos sonhos e das illusões.

O tempo ha provado a improficuidade das vossas doutrinas. A actualidade não é vossa. A geração moderna não reconhece mais a vossa auctoridade. O seculo XIX eliminou a revelação e o milagre.

Não tenteis fugir á acção das leis naturaes. Cahí.

II

Tudo é relativo. E' este o aphorismo da philosophia positiva. Eliminar o absoluto, a investigação das causas primarias e finaes, é submeter-se ao *verdictum* da experiencia.

A relatividade do espirito humano tem uma prova subjectiva e uma prova objectiva. A sciencia não conheceu e não conhecerá o absoluto.

Ignoramus et ignorabimus.

Sempre o sabio parou diante do impenetravel.

Os positivistas param com a sciencia. A philosophia theologica e a philosophia metaphysica vão além. Não reconhecem o *non possumus* da sciencia.

Não querem aceitar o testemunho da historia. O que fazeis no passado e o que fazeis no presente? Subis aos mundos desconhecidos e deixaes o vosso espirito embalar-se nos sonhos eternos.

E' para vós um sacrificio doloroso. Renunciar a essas verdades eternas, absolutas e universaes adivinhadas pelo vosso espirito philosophico!

Como! A humanidade ha de deixar de philosophar sobre o porque fundamental das cousas? E contentar-se-á o philosopho com os resultados mesquinhos da sciencia?

Mas isso é indigno da intelligencia humana, essa particula divina! O espirito humano não ha de recuar jamais n'essa luta interminavel.

«Condemnar todas as investigações sobre as razões ultimas como uma illusão perigosa e vã, considerar como perdido o tempo que se lhes consagra, querer curar o espirito humano como de uma enfermidade chronica, é na realidade apoucal-o. A philosophia ficará como uma tentativa eterna sobre o desconhecido. Ella não achará a ultima palavra das cousas, e felizmente; felizmente, porque póde dizer-se sem paradoxo, que se a metaphysica dêsse tudo o que ella promete, melhor seria forçal-a ao silencio. Suppondo resolvidas todas as nossas questões sobre Deus, a natureza, e nós mesmos, que ficaria á intelligencia humana por fazer? Esta solução seria a sua morte».

Confessaes que é uma luta eternamente vã, e não quereis renunciar a ella? Uma cousa é reconhecer a impotencia do espirito humano diante do incognoscivel; e outra cousa é renunciar a essa batalha ingloria.

E' isto que faz a philosophia positiva. E fal-o matando a intelligencia humana? Não.

Ha aberto um campo vasto, vastissimo, o campo da sciencia, o campo da investigação positiva, experimental.

E' só aqui que podeis lutar com proveito para a humanidade. E' o que tem feito os homens da sciencia. Não confundi a philosophia com a theologia e a metaphysica.

Que haveis conseguido durante os seculos da luta registrada pela historia? Nada. E que ha conseguido a sciencia? Muito.

Tendes recuado a cada passo dado para a frente pelo espirito positivo.

Em quanto vos encerraveis no escuro da vossa consciencia; em quanto vos escondieis nas *dobras* do vosso *eu* mysterioso á *reflecti* sobre os problemas insondaveis; o sabio lia o livro da natureza, decifrava os seus enigmas, e vos contava as verdades bebidas alli.

Vistes a abobada immensa do céu e os astros reluzentes pregados na immensidade. E admirastes a obra de Deus. Para vós os céos celebram a gloria do creador supremo.

E enquanto ieis assim levados a essa esteril contemplação das obras da natureza, o astronomo armava o seu telescópio, e devassava os paramos do espaço sem limites. Desmentia as vossas

crenças porque a observação lhe revelava a pluralidade dos mundos.

A terra era apenas um ponto n'esse espaço immenso onde se balouçam milhares de sóes. E que fica sendo o fundamento da vossa fé? O astrónomo apagou o erro geocentrico consagrado no vosso livro de fé, e vós tivestes de acceitar a verdade heliocentrica. Mas o sol não era mais o luzeiro feito pelo verbo de Deus para alumiar a terra.

A analyse espectral, manipulada por Kirchoff e Bunsen, revelara a natureza physica commum ao planeta insignificante, que habitamos, e aos grandes astros. E isto, ao mesmo tempo que é uma comprovação da hypothese cosmogonica de Laplace, vae de encontro ao vosso velho dogma da criação.

Acreditastes que o mundo era uma criança, e a sciencia provou que elle era um ancião. A geologia fez recuar por milhares os annos que vossa tradição assignava ao mundo!

Pintastes o homem n'um céu aberto. Acceitastes a lenda biblica de Adão e Eva. E ainda hoje a pregaes.

Mas a sciencia procurou em vão no passado o vosso paraíso ideal, e quebrou o vosso homem de barro.

O sabio desceu ao seio tenebroso da terra. Cavou as camadas geologicas, e decifrou essas paginas do passado remoto.

A vossa morada edenica era um inferno. E o vosso mimoso Adão um typo monstruoso e feio. Não se achou na noite escura d'essa idade remotissima nada que se assemelhasse á vossa pregada e sonhada bemaventurança. O homem primitivo foi visto pelo telescopio da historia, que devassa a immensidade do tempo, nú e desgraçado, lutando pela vida no seio das necessidades de todas as sortes. Era assim que elle disputava aos animaes coevos o alimento indispensavel á existencia. Corria apavorado para o escuro da caverna. Vibravam os tympanos de seu ouvido aos gritos agudos dos animaes ferozes, que elle, inculto, começava a combater com os instrumentos grosseiros, que lhe permittia construir o seu estado de então.

O vosso mytho do paraizo desfez-se assim. Quizestes ser uns entes á parte, feitos á imagem de Deus. E vos decorastes com o titulo pomposo de rei da criação.

Era natural. Havia em vós uma particula do infinito. Participaveis da natureza divina pela vossa alma, que era o *espírito puro*.

A sciencia provou ainda o vasio de vossas pretenções e a

nullidade de vossas crenças. Atacaram-vos pela biologia e pela psychologia. Obrigaram-vos a capitular. O transformismo tentou decifrar o vosso passado e provar a vossa origem.

Amaldiçoastes Lamarck e maldissestes Darwin e Haeckel.

E viveis a sonhar com a blasphemia e o insulto da sciencia. Não quereis, por modo nenhum, que entre os vossos longinquos ascendentes figurem parentes do gorilla e do chimpanzé.

E fechaes os olhos aos argumentos em que se escuda a theoria darwiniana. Mas esses sacrilegos não pararamm ahi.

Entregaram-se a longas e laboriosas investigações. Trouxeram comprovações de todos os dominios. Estudaram a vida embryologica dos seres; e acharam um perfeito accôrdo entre a revelação dos phenomenos ontogeneticos e dos phenomenos phylogeneticos.

Accumularam vasion. Encheram de fosseis os buracos da theoria. E fizeram-vos descennentes dos vermes.

Memento, homo...

E' uma lição profunda de humildade.

Isto foi doloroso para vós.

Vão-se pelos ares os vossos bonitos castellos, e desfazem-se as vossas illusões.

O zoologista tomou conta de vós. Estudou a vossa anatomia e a vossa physiologia no mesmo capitulo em que estudou as dos outros mamiferos. Huxley fez um longo estudo comparado entre vós e os macacos superiores, os an'tropoides, gorilla, orango, chimpanzé e gibbon; e formulou a lei que recebeu na biologia o nome de—lei de Huxley—: ha mais differença entre os macacos inferiores e os supriores do que entre os superiores e o homem—.

E desceram além da classe dos vertebrados. Ligaram-vos á *ascidia*, pelo *amphioxus lanceolatus*, onde se descobrio o rudimento da corda dorsal.

Mas foram além do verme, muito além. Fizeram-vos descender de uma simples cellula; uma simples concentração de materia vivente com um nucleo ou *citoblastus*. Ereis um organismo sem orgão, uma cousa abjecta. E tentaram descer ainda. Foram até á cellula indifferenciada: uma porção insignificante de substancia vivente.

Maldita sciencia!

Acervo de absurdos!

Loucos sabios! De que servem as investigações dos homens da sciencia? De que serve o estudo aturado de seres infimos como o—*Bathibius Haeckelii*—de Huxley, a—*Protomixa aurantiaca*—de Haeckel ou a *Vampirilla* de Cienkouski?

Nada-vos nos labios o riso da incredulidade. E estaes diante dos factos, os factos eloquentes da sciencia! Tendes horror em crêr em taes inverdades. Foge á vossa verificação directa essa successão longa, secular, de 22 élos, que constituem os degráos successivos da escala animal na hypothese de Haeckel.

Mas vós tendes diante de vós os factos embryologicos O microscopio revela ainda hoje essas verdades. A embryologia recapitula a historia da vida.

O homem é, como os demais seres, primitivamente um ovulo sem nucleó antes da fecundação, este facto geral e simples, esta fusão da cellula ovular com a cellula espermatica.

Despi o vosso manto de orgulho.

Tentastes um esforço ainda.

Havieis collocado acima da sciencia a vossa alma. Procurastes salvar-vos por essa valvula. Ainda aqui fostes burlados nas vossas pretensões. E caiu de novo a vossa crença. A psychologia desmentio-vos. Ella é hoje uma sciencia positiva. Estuda os factos do espirito e descobre as suas leis. Tinha razão de ser a vossa crença na *essencia divina* da alma quando a psychologia estava do seu periodo grosseiro. Contestaste-vos com a analyse introspectiva; e pareceu-vos conhecida a fundo a natureza humana.

Accumulastes provas sem valor. Mas a psychologia firmou-se sobre bases sólidas. Tornou-se experimental. A adopção do methodo physiologico permittio-lhe esta phase progressiva e esta constituição positiva.

Não que a psychologia moderna tenha exclusivamente este methodo.

E' duplo o methodo na sciencia do espirito.

A sciencia estudou profundamente a vossa alma. O methodo comparativo aclarou as suas verdades. Seguiu-se a evolução da vossa—*soi disant*—parcella do omnipotente. Desceu-se ao campo da observação, e descobriu-se a evolução da alma humana. Foi um duplo estudo: no individuo e na especie. Esse estudo desfez o vosso dogma.

A psychologia embryologica revelou os erros da vossa crença. A vossa alma era primitivamente a actividade de uma simple»

cellula. Não que a sciencia possa sondar o insondavel. Ella parou como sempre diante de uma propriedade nova da materia—: o pensamento. E' um facto irreductivel.

Os factos ahi estão. O vosso—sopro divino—é fatalmente sujeito á materia.

A sciencia denunciou-vos a correlação intima entre o espirito e o corpo.

Provou-se a proporcionalidade da força da intelligencia para com a massa encephalica, as circumvoluções do cerebro etc.; mostrou-se-vos a alma variando com o estado morbido do organismo.

«Toda sensação se acompanha de uma elevação de temperatura do nervo e de uma perturbação em seu estado electrico, de uma oscillação negativa da corrente nervosa.

«Além disto ella tem necessidade, para se effectuar, de um tempo muito apreciavel; corresponde a uma elevação de temperatura nas cellulas, que são a sua séde; coincide com uma superoxydação, uma usura da substancia d'estas cellulas, que eliminam uma maior quantidade de phosphatos etc.

«Emfim a anatomia comparada, a anthropologia, a anatomia pathologica vem ainda trazer á physiologia seu precioso concurso; ellas nos mostram que as faculdades moraes e intellectuaes são completamente dependentes dos centros nervosos, que ellas seguem docilmente as suas variações para mais ou para menos, para melhor ou para peor; que ellas se desenvolvem, decrescem ou se alteram com elles... (Letourneau, *A Biologia*).

A que fica reduzido o halito do vosso Deus? A uma cousa vã e inutil.

·E ainda tentaes resistir! Sois hoje uma força retardataria.

As vossas doutrinas são um obstaculo á marcha da civilisação. Já desempenhastes o vosso papel. Sahi da scena. Convidavos a isso a Philosophia Positiva. Já dirigistes o mundo. Toca a sua vez. Ninguem mais do que ella vos faz justiça.

Comte escreveu a necrologia do catholicismo. E levantou tão alto esse vulto respeitavel, que a sua criação religiosa foi vasada no molde da organização catholica, o que valeu-lhe o epitheto de —catholicismo sem christianismo—como a appellidou Huxley.

Estivestes na vanguarda já.

Tivestes autoridade prepotente e suprema. Destes leis ao mundo. Fostes o elo que consolidou os Estados nascentes da idade

media. Atravessastes imponente todo esse longo periodo historico. A vossa sombra projecta-se enorme sobre esses seculos.

—Mas ha muito que começastes a cahir. Não é um acontecimento brusco. Começou espontaneamente a vossa queda pela ruina dos vossos elementos.

Na luta com o poder temporal cedestes o terreno. Abatestes a vossa autoridade.

Acceitastes a posição inferior. Ahi tendes a sociedade diante de vós. Porque a não regeneraes á luz de vossos principios, essa sociedade de incredulos, de positivistas, de materialistas e de atheus? Sois impotente.

Ninguém acreditaria nos vossos milagres na actualidade.

Sois incapazes de levantar-vos da vossa ruina? E que faz a metaphysica que vos arruinou? E' incapaz como vós de construir sobre esses destroços.

Subistes natural e logicamente. A vossa queda estava prevista.

Era possivel estabece-la *a priori*, deductivamente da lei natural da—evolução.

E é em nome d'esta mesma lei que quer, que vem e que ha de subir a philosophia positiva.

O mundo social é uma luta viva, uma campanha aberta. Qual é a vossa bandeira? A ordem.

E é ao vosso lado que luta a metaphysica em nome do—progresso. Sois ambos incompletos. Só a philosophia positiva é o garante do futuro. Ella tem uma bandeira eclectica, a unica possivel para a crise que nos assoberba: *ordem e progresso*.

III

O orgão catholico dignou-se tomar em consideração os meus escriptos.

Infelizmente estou tão habituado a vêr, entre nós, as discussões mais sérias serem levadas para o terreno da questão pessoal; e tenho tanta vez presenciado o espectáculo de combatentes, na apparencia limpos e de bôa fé, que trocam a arma nobre, que deve manejar o jornalista, que se présa, pelo doesto e pelo insulto, que não é sem constrangimento que por minha vez, resolvo tomar em consideração os artigos da *Bôa Nova*.

Quando dei começo a esta série de ligeiras considerações acerca da questão philosophica, que traz presos todos os espi-

ritos, que labutam, não me passava pela mente a idéa de uma polemica.

Meu proposito era simplesmente servir uma causa que adversarios apaixonados, e ás vezes incompetentes, tem procurado desacreditar.

Tambem essa discussão só a acceito emquanto ella ficar dentro de limites convenientes. Entro nella com sinceridade e com lealdade. E nem fugirei ao meu dever, forçado com me sinto a pugnar na imprensa em prol dos principios philosophicos que professo e contra uma causa irremessivelmente perdida, a causa da theologia e da metaphysica.

Sejam quaes forem as qualidades do meu espirito, por menor que seja o valor da minha palavra, não ha de ser o tom auctoritario do meu antagonista sufficiente para vencer os argumentos que eu vou adduzindo, e sobre os quaes se estribam os meus assertos.

Uma só das minhas afirmações levantou o meu adversario; e essa unica não vi que a rebatesse, ainda que annunciasse em tom de ameaça que não ser reduzidas á expressão mais simples as minhas palavras.

Hão de permittir que rebata desde já essa falsa interpretação dada a dizeres meus. Não sei como delles concluir que eu ando a presumir-me de erudito. Bem me custa até o esforço de vir aqui repellir o aleve. Discipulo obscuro sou, e nem careço dizer que nestes artigos ensaia-se a penna de um principiante.

Quiz o meu antagonista fazer crêr que *eu quero desbancai* a verdadeira philosophia e o christianismo. Não posso ver onde nem como foi feita essa descoberta. Só á ignorancia ou á ma fé posso attribuir a proposição que veio dar-me exclusivamente a mim essa tarefa, tamanha que mal poderiam supportal-a os meus hombros.

Tanta seria a ignorancia dos sectarios do catholicismo que não tivessem visto registrada na historia a queda e a ruina das velhas crenças theologicas? Dar-se-ia que se lhes afigurasse que eu sou um innovador, quando apenas ando a falar em nome de pensadores, cujas lições aprendi, arrastado no movimento philosophico contemporaneo, conhecido de quanto meditam e estudam? Ou conhecedores da historia e do estado actual da critica philosophica, de má fé quizeram os meus adversarios fazer acre-

editar que só agora despontou em meu cerebro o plano de desbancar o christianismo?

Nisto fico, arredada a hypothese da ignorancia.

Será licito fechar os olhos ao movimento de retrogradação das doutrinas catholicas? Haverá quem hoje ainda acredite nos milagres e nas revelações divinas? Eu não digo nenhuma coisa nova, annunciando que o catholicismo hoje só *in nomine* é a religião do Estado; a grande parte dos partidarios suppostos de tal doutrina, na realidade apenas de nome é que o são, não passando de um deismo vago e indefinido a crença, que professam.

Nem eu quero disso prova melhor do que a recente lucta que a Egreja travou com a maçonaria, e na qual triumphou a *hydra* do racionalismo. E' isso que significa o encarceramento dos bispos. E' isso o que significa o papa apeado do seu throno.

Seria agora que essa operação de demolir o christianismo havia de surgir? E o que valeram o patriotismo e a impiedade de Voltaire?

Não creio que em consciencia acrediteis coisa diversa de que eu acredito, e como eu quantos sabem ler a historia do pensamento humano. E' justiça feita aos vossos conhecimentos.

Agora se persistis em apregoar illesa a vossa doutrina, mostrarei que de vezes o espirito revolucionario e critico a despedaçou, que de vezes nas paredes do vosso edificio rasgou a picareta da metaphysica enormes rombos.

Passo a tomar em consideração o unico ponto do meu artigo, que pretendeu rebater o meu antagonista. E manda a verdade que o digamos não foi-lhe desta feita propicio o bom Deus.

Poucos esforços terei de empregar para desfazer a bôlha de sabão com que quizeram destruir os meus assertos. Bem facil é a tarefa.

Vejamos como.

Eu escrevi o seguinte: «E' mister ter percorrido toda a escala da sciencia antes de poder fallar *em nome da philosophia positiva*.»

Vós escrevestes: «Se, pois, é preciso ter feito um longo tirocinio scientico e percorrido *toda a escala* do saber humano para ter direito *só de fallar* em nome da tal (?) philosophia, ninguem

sobre ella pôde abrir bico, excepto, bem entendido, o nosso articulista, que se inculca profundo nas sciencias e capaz de remontar ás ingremes alturas do positivismo, o que não é dado ao commum dos mortaes, em cujo numero estamos nós outros.»

Isto revela que vós desconheceis completamente a natureza da philosophia positiva.

Pois não é a philosophia positiva a integração do saber humano ? Não é ella uma construcção sólida assente sobre o terreno seguro da sciencia ?

Desconheceis que Comte traçou a escala do saber humano, e construiu uma classificação das sciencias abstractas, á qual eu me referia evidentemente como discipulo da philosophia positiva ?

Não sabeis que tomando por base a generalidade decrescente e a complicação crescente dos phenomenos, o eminente fundador do positivismo, depois de haver dividido em dois campos o dominio da sciencia—o concreto e o abstracto, dispôz as sciencias fundamentaes na seguinte ordem : Mathematica, Astronomia, Physica, Chimica, Biologia e Sociologia ?

Não vos parece que é preciso conhecer as leis positivas de todos os phenomenos, o seu modo de manifestação, antes de poder fallar em nome de uma philosophia, que é um systema de explicação do universo, do mundo, e do homem ?

E não era e não foi sempre este o fim de todos os systemas philosophicos ?

Pois não tendes a vossa cosmogonia mosaica como as tem as outras religiões ?

E ao lado da vossa cosmogonia não ha a cosmogonia positiva—a hypothese cosmogonica de Laplace, que é a mesma theoria gazosa de Kant ?

Si a philosophia positiva é uma—explicação das cousas—enquanto regidas por leis fixas e inalteraveis, não vos parece que é indispensavel conhecer a lei de cada cousa ?

E' isto o que quer dizer percorrer a escala da sciencia, a minha phrase, que tanto vos molestou.

Para vós a cousa era facil. Vós tendes a vontade omnipotente de Deus e com ella explicaes até as cousas inexplicaveis. E' por isso que não se carece de uma sólida preparação pela sciencia antes de ser mestre nas vossas doutrinas, ou um *velho* apostolo d'essa velha philosophia que se vae.

Mas a philosophia positiva é muito diversa.

Ouvi Comte. Tende paciencia.

E' preciso que leiaes estas verdades : «Nós vemos, pelo que precede, que o character fundamental da philosophia positiva é olhar todos os phenomenos como sujeitos a leis naturaes invariaveis, cuja descoberta precisa e cuja reduçãõ ao menor numero possivel são o fim de todos os nossos esforços, considerando como absolutamente inacessivel e vasia de sentido para nós a investigação do que se chama as *causas*, quer primarias, quer finaes.»

Ser universal ao modo por que vós entendeis é hoje um impossivel.

Mas a philosophia positiva é exactamente uma tentativa contra a dispersão, a especialisação moderna, consequencia natural do estado actual dos conhecimentos humanos, que pela lei natural da divisãõ do trabalho se. hão constituído em departamentos independentes.

Ella não vem insurgir-se contra essa divisãõ, que é uma condiçãõ essencial de prosperidade e de caminhamento progressivo; vem sim *aperfeiçoal-a, fazendo do estudo das generalidades scientificas uma especialidade mais.*

Ouvi mais este trecho de Comte :

«Para prevenir, tanto quanto possivel, todas as falsas interpretações que é legitimo temer sobre a natureza de um curso tão novo como este, eu devo ajuntar summariamente ás explicações precedentes algumas considerações directamente relativas a esta *universalidade de conhecimentos especiaes, que juizes irreflectidos poderiam olhar como a tendencia d'este curso, e que é encarada tão justamente como inteiramente contraria ao verdadeiro espirito da philosophia positiva.*»

Eu cito-vos ainda um pedacinho só do «Prefacio de um discipulo»; d'aquelle discipulo, que foi a seu turno um grande mestre e a quem do baixo da vossa posiçãõ atirastes o epitheto de mediocre.

Isto na vossa linguagem é uma blasphemia.

Escutae a palavra de Littré :

«A philosophia positiva é severa e ardua. Ella colloca seus discipulos sobre a rude lei de aprender, e leva-os de degrão em degrão até o vertice como os iniciadores de outr'ora. Por este desenvolvimento regular, ella extirpa o espirito de tudo o que é *a priori*, e não lhe abre as concepções geraes senão quando

tem corrigido todas as tendências subjectivas, que são ao mesmo tempo naturaes e commodas. E no entretanto, apesar d'este aparelho, *que é de sua essencia*, apesar das rigorosas condições que ella impõe, não tem deixado de se implantar e de fructificar.»

Eis ahí porque eu dizia que vos não tendes uma verdadeira comprehensão da natureza da philosophia positiva.

E' mais por isto que eu admiro o tom de auctoridade e de inchada sabedoria com que fallaes.

Devieis ser mais modestos.

A vossa attitude é ridicula.

Trataes da philosophia positiva como trataes da vida de qualquer individuo que collocastes no vosso calendario.

Julgaes que philosophar é olhar para o céu e ver lá pregada a mão de Deus.

Estudae, estudae muito antes de querer criticar a philosophia positiva.

Por ora eu disponho os vossos argumentos no numero das pedradas inoffensivas.

A theologia de seminario a discutir o positivismo é como o ancião alquebrado que arremeçasse um projectil sobre um moço avigorado que passasse ao longe. Não o attinge. E' baldado o intento.

Fallaes em falta de argumentos, em falta de provas e em palavras ôcos do meu artigo.

Eu acho que o vosso é uma cadêa de sólidos raciocinios levando direito a conclusões comprovadas. Vou dar um specimen da vossa logica. Copio-vos. Quero vulgarisar o vosso modo de argumentação :

«Com effeito, quando em noite serena, vamos sulcando as aguas mansas dos nossos rios, e nos pomos a olhar para a immensa abobada dos céos, e lá vemos aquellas nebulosas, aquellas constellações, aquelles planetas e seus satellites, aquella infinidade de mundos a refulgirem, cada qual mais brilhante, e descrevendo com exactidão geometrica suas harmoniosas orbitas, nos espaços sem limites, sentimos a nossa alma toda embevecerse na contemplação de tão magnífico espectáculo. Ao contemplarmos, ao admirarmos tanta estupenda maravilha, uma commoção a um tempo forte e deliciosa nos abala até o intimo, nos

transporta, e por um movimento espontaneo, por um impulso natural do nosso coração, somos levados a reconhecer que essa formosa obra teve um auctor, que esse auctor é Deus!»

Ora, sr. redactor, isto é apenas irrisorio. Eu entro sério nesta discussão para levá-la para o ridiculo, mas a vossa *robusta argumentação* me incitava a isto.

Que vem fazer o impulso do vosso coração e os transportes da vossa alma candida, que se abala até o intimo, n'uma discussão scientifica, a que se vos provoca ?

Lá onde o vosso espirito, desvairado pelos preconceitos que vos incutiram, e pelos esplendores da fé accessa no vosso coração puro, enxerga a mão de Deus, aquelles que tem algumas luzes da sciencia estão habituados a ver a manifestação das leis naturaes. No céu não está a mão de Deus, está sim a mão dos grandes sabios.

Quem vos ensinou que os astros rolam *harmoniosos* nas suas orbitas ? Quem lêo para vós essa pagina enorme da natureza, o firmamento azul ?

Quem vos ensinou a conhecer e a explicar esses panoramas deslumbrantes que ostenta a natureza ?

Não foi por certo o espirito santo, nem foi o vosso Deus em um dos vossos phantasiados colloquios.

Convençei-vos : não ha lugar para essa linguagem vã no terreno em que hoje se discute.

De nada valem os vossos palavrões e os vossos anathemas.

Descei ao terreno seguro da experiencia. Icaros do pensamento, haveis de cair por força.

Aquelle vosso modo de argumentar não tem significação alguma.

A gente não se occupa hoje com estas cousas. Ha muito que aprender e muito que fazer. N'esse terreno podeis ficar certos que não vos acompanharei. Póde ficar tranquillamente a vossa alma entregue aos seus devaneios.

Não irei perturbar a vossa consciencia. Recolhei-vos ao escuro do vosso claustro.

Mas não arrasteis o velho de barbas brancas á barra do tribunal da consciencia moderna. E' uma condemnação segura.

Irei gradualmente proseguindo a obra de bater as vossas auctorisadas opiniões.

Desde já podeis ficar certos de que não escrevestes cousa que mereça a pena.

Os vossos artigos são um desmentido formal ao vosso tom de autoridade, e á vossa apregoada sabedoria.

Mas estaes habituados ao orgulho e á vaidade.

E' proprio das vossas doutrinas.

IV

O meu illustre adversario é de uma logica irresistivel. E como s. s. vive a fallar nas minhas palavras ôcas eu escrevo aqui, logõ ao começar, um trechosinho de sua lavra.

Eil-o :

«O ente infinito, acto puro, necessario por si mesmo, poder immenso, summa sabedoria, razão, origem, causa efficiente de todo ser, principio e fim de tudo etc.....»

Mas o que quer dizer isto? o que é que significa este fôfo e vão palavreado? E' sempre a velha formula sacramental. Pela minha parte não posso seguir-vos na região aonde vos alaes, condutores da intelligencia.

Quanto a mim, não tendo as azas diaphanas da metaphysica, convido-vos a descer. Discutamos no terreno seguro da experiencia. Ponhamos de banda os desvarios do espirito.

Insistis para que vos defina um termo. E como formulaes a cada passo a vossa petição, despacho-a favoravelmente! Demoremono-nos pois, o que eu reputava desnecessario após os meus precedentes escriptos, n'esta questão sobre o termo—philosophia positiva. Citei-vos já o seu aphorismo fundamental: *tudo é relativo*. E elle cahio sobre vós como a bala explosiva sobre o czar de todas as Russias. E acho bõa a comparação: vós a mereceis. Sois os despotas do pensamento. Sempre quizeste acorrentar o espirito humano aos vossos dogmas.

E o espirito humano é como o Protheu lendario. E' facil destruir os élos oxidados das velhas cadêas.

A prova é a philosophia positiva. Vejamos o que ella é. Já vol-a defini. Não estaes contente. Ha realmente muito que esmiuçar, e eu quero deixar clara, muito clara a minha profissão de fé.

Em uma das suas discussões luminosas, n'uma pagina brilhante de sua obra philosophica, Herbert Spencer, que avulta entre os sabios modernos, termina assim: o conhecimento de especie mais humilde é o saber *não unificado*; a sciencia, saber *parcialmente unificado*; a philosophia, saber *completamente unificado*.

Isto é uma definição clara e concisa do que se chama—a philosophia positiva—. Vós persistis em dois equívocos. Confundis philosophia com metaphysica, e fazeis de religião synonymo de theologia. São duas sombras que convém dissipar.

Antes de mais nada, porém, demoremo-nos n'um ponto que é mister elucidar.

A integração das sciencias, ou a philosophia positiva, é uma explicação geral dos phenomenos em quanto regidos por leis fixas e invariáveis. Uma vez constituída a philosophia sobre esta solida base experimental, póde-se dizer com Aug. Comte: «Todas as nossas concepções fundamentaes tendo se tornado homogeneas, a philosophia está definitivamente constituída no estado positivo; *sem nunca poder mudar de character*, não lhe restará senão desenvolver-se indefinidamente pelas aquisições sempre crescentes, que resultarão inevitavelmente de novas observações ou de meditações mais profundas.»

Não poder mudar de character é da essencia mesma da philosophia positiva.

Mas aceita uma semelhante significação do termo, está visto que não se póde confundir a—philosophia positiva—em que colaborou fecundamente Augusto Comte, com—o positivismo—tomado para designar a totalidade das concepções de Comte.

Esta distincção vós não a fazeis. E' o que está claro nos vossos escriptos.

Comte, pela primeira vez, tentou opportunamente a obra colossal da systematisação dos conhecimentos humanos.

E este trabalho herculeo só foi possível então, porque só elle havia completado a homogeneidade das parcelas, cuja totalidade devia constituir a philosophia positiva, pela tentativa de tornar positivo o estudo dos factos sociaes.

Diante d'esta obra de athleta curva-se respeitoso o eminente chefe do—evolucionismo, esse mesmo philosopho, para quem o positivismo é uma impossibilidade absoluta.

E' um erro de apreciação da vossa parte considerar como

o unico lado positivo da obra de Comte a constituição de uma sociologia positiva. E' ter uma falsa intuição do que elle fez.

Isso foi apenas um meio. O fim principal foi dar corpo ao conjunto dos conhecimentos humanos até então esparsos sobre vaga denominação de—*philosophia natural*. Effectuar a coordenação d'esses membros disseminados e construir um corpo foi a sua tarefa gloriosa.

N'esta vasta accepção a palavra—*philosophia positiva*—póde ser tomada como synonymo de—*philosophia experimental*—.

N'este sentido o termo—*positivistas*—póde ser dado a todos os pensadores que accitando a experiencia como a base unica segura da sciencia, não querem ultrapassal-a nas suas concepções geraes.

Como diz Cazelles:

« Esta denominação de positivistas é excellente: ella convém a este conjunto de pensadores, de sabios, e mesmo de simples curiosos, que basêam suas idéas geraes sobre o todo das sciencias positivas, e olham como insolúveis os problemas que as sciencias positivas não podem resolver.»

Assim comprehendida a *philosophia positiva*, ninguem dirá que Comte escreveu a ultima palavra, e é uma contradicção com o proprio mestre—o não querer ultrapassar o circulo de ferro que se afigura formado pelo que elle escreveu na época em que elaborou o seu notavel tratado.

Ja Emerson, estudado por Tyndall, fallava n'esses circulos em que a força do genio aperta as operações da intelligencia, mas que são cedo ou tarde quebrados por uma pressão exercida do exterior.

Esta fidelidade cega á palavra do mestre e esta trilha fatal na derrota por elle percorrida constituem a feição propria da ramificação comtista, sob a direcção espiritual de Laffitte.

Não é evidentemente a esta escola que nos referimos, quando fallamos em *philosophia positiva*.

Litré, abandonando as ultimas concepções do mestre, os seus evidentes desvios caracterisados até por uma clara e manifesta retrogradação ao fetichismo na sua synthese religiosa teve uma comprehensão mais lata do termo, e estendeu ao longe os seus limites.

A influencia de Comte é evidente em todos os grandes pensadores que lhe tem succedido.

Releva entretanto notar que muito justamente alguns d'entre esses hão procurado arrancar de sobre si o epitheto de positivistas, considerando este termo como designando os discipulos de Comte.

A obra de Comte é uma vasta criação. Ella ha de permanecer como uma sólida construcção a attestar a mão de um artista de proporções titanicas.

Mas seria um erro, porque importaria cortar a filiação historica, apresentar a philosophia positiva, sahindo como Minerva do cerebro de Comte. Fiel á lei sociologica, e conhecedor da trajetoria descripta pelo espirito humano no céo da historia, Comte prestou a devida homenagem aos seus antecessores, esses obreiros agigantados do progresso, esses bemfeitores da humanidade, que prepararam desde remoto passado os materiaes da philosophia positiva.

Buscando na Grecia, em Aristoteles, os *ima fundamenta* da philosophia scientifica, fixou na época gloriosa de Bacon, Descartes e Galileu o momento decisivo em que o espirito positivo começou a se manifestar em opposição evidente ao espirito theologico e metaphysico.

Sendo assim a philosophia positiva é o resultado dos esforços communs dos sabios. Sendo assim ella é uma explicação do universo como todos os systemas o são. Sempre a philosophia foi uma tentativa sobre o desconhecido. Não o será mais. Não o será mais porque a experiencia não attinge o inacessivel.

Eis-nos na celebre questão do aphorismo fundamental : a relatividade do conhecimento humano.

Vencido este ponto, demarcado o limite que extrema o *cognoscivel* do *incognoscivel* resultou uma nova accepção do termo philosophia. Era já um impossivel definil-a ao modo de Pythagoras—o conhecimento das cousas immateriaes e eternas—.

O que ella tinha sido até então ia deixar de ser. Conhecer o absoluto é proprio da philosophia theologica e da philosophia metaphysica.

Só estas duas formas ou estados da philosophia tentaram conhecer o absoluto—delinear-lhe os contornos : a primeira antropomorphisando, e a segunda recorrendo ás entidades ontologicas. Ambas eram subjectivas, a philosophia morderna é objectiva. As duas primeiras partem de uma vista particular do *eu*, e expli-

cam o universo e o homem. A ultima parte do *não eu*, do objecto e remonta até o conhecimento do *eu*, individual ou social.

Theologia ou metaphysica podiam ambas desfazer-se ao sôpro do tempo, quando falseasse o principio individual que as apoiava. O vento das idades minou-lhes sempre e sempre os alicerces de areia moyediça. A philosophia positiva assentando sobre uma base cimentada pela experiencia está a seguro dos insultos do tempo.

Eam non delit dies.

Devo declarar-vos que n'esta questão da relatividade do conhecimento humano escudo-me na lucida argumentação de Spencer.

Eu vol-o cito :

« A' medida que a civilisação fez progressos, a convicção de que a intelligencia humana é incapaz de um conhecimento absoluto ganhou terreno.

« Vio-se que todas as theorias ontologicas novas, que se tem querido de tempos a tempos substituir ás theorias anteriores, hão sido levadas por uma critica nova a um scepticismo novo.»

Eu escrevi o seguinte : A sciencia não conheceu e não conhecerá o absoluto. E citei-vos a palavra de Reymont—*ignoramus et ignorabimus.*

Vós escrevestes o seguinte :

« Em nome de que sciencia fallaes vós ? A sciencia até hoje reconheceu o absoluto. Vós podeis vos esforçar para formardes uma sciencia nova, que desconheça o absoluto, mas não comeceis o vosso trabalho por uma impudente mentira, contra a qual réclamam todos os sabios do mundo. A sciencia reconheceu sempre o absoluto, um ser superior, autor e senhor de todas as cousas, a quem prestaram homenagem os sabios de todos os tempos. »

Mas, e a mim toca interrogar-vos : em nome de que sciencia vindes fallar-nos ? Eu vos desafio a que me aponteis um só factó, arrancado ao dominio da sciencia, que sirva de fundamento ao vosso creador de todas as cousas.

Qual foi o telescópio que, penetrando a immensidade do macrocosmo, reconheceu Deus ? Em que recanto occulto se esconde o vosso ser infinito ?

O physico a estudar as propriedades geraes da materia, fi-

xando as leis da barologia, da thermologia, da acustica, da optica ou da electrologia encontrou-se alguma vez com essa veneravel entidade de que fallaes ?

O chimico a manipular a retorta, e assistindo em silencio no seu laboratorio, a manifestação das leis de combinação, vio alguma cousa que de longe se assemelhasse á visào do monte Sinai ?

O biologista, desintegrando e integrando os organismos vi-vertes, cogitando das leis de funcionamento dos aparelhos constitutivos da machina animal; o biologista, conhecendo das propriedades geraes dos tecidos; vendo a materia sér assimilada e des-assimilada; vendo o sangue impuro das veias penetrar vivificante nas arterias, os systemas muscular e osseo em acção, sob a influencia das leis mecanicas, produzindo os variados e complexos movimentos que caracterizam os seres organisados; transmittindo-se como em fios telegraphicos os despachos da impressào á repartição central, que os elabora e põe em ordem, o cerebro; o biologista, digo, diante da manifestação dos phenomenos que, se dão no seu departamento exclusivo, reconheceu alguma cousa que se pareça com o velho da lenda mosaica ?

O psychologista, estudando as leis fundamentaes da alma humana, que pensa, sente e quer; elaborando os materiaes de sua sciencia, encontrou alguma vez no fundo da consciencia a attestação de vida do vosso ser infinito ?

O sociologista, ligando as paginas da historia, e constatando as leis dos factos sociaes, encadeados durante a longa noite dos seculos, que o olhar investigador e a luneta aperfeiçoada da critica devassam; explicando a queda e o nascimento dos grandes Estados, e fazendo entrar na formula scientifica os grandes, e na apparencia inexplicaveis cataclismos sociaes, enxergou porventura o vulto que desvairou o cerebro de Moysés ?

Dizeis que o dedo do vosso Deus empurrou o throno corrupto de Augusto, cravou o formidavel canhão de 89, ou venceu essa monstruosa hydra, que tentou a reorganisação social *sem Deus e sem rei* ?

Mas em nome de que sciencia fallaes então ? Ha por ahi algum ramo dos multiplos, que constituem a arvore dos conhecimentos humanos, onde possaes por accaso descobrir uma pagina esfarrapada, que deponha em favor da vossa vista sobre o absoluto ?

O poeta já apostrophou o vosso supremo creador :

«Deus oh! Deus, onde estaes que não respondes?»

E' o erro fatal do *à priori*smo. Tomastes como objectivo o que é meramente subjectivo.

Il fallait l'inventer.

E creastes á vossa semelhança e á vossa imagem o operario que devia architectar o universo.

Mas ganhastes a campanha contra o absoluto? Lestes a pagina illegivel? Resolvestes esse problema insolúvel? Decifraestes esse intrincado enigma? Conheceis a causa primaria do universo?

Nunca. Fizestes apenas isto: recuastes o abysmo. Elle vos espera mais longe.

Induzistes por analogia a necessidade de um Supremo Architecto. Mas eu opponho-vos as objecções de um philosopho eminente: o artista não sabe crear a materia prima.

Podeis explical-a vós? Pela criação *ex nihilo*. Admittamos esta proposição que é uma monstruosidade aos olhos da logica; mas fica-vos o espaço vasio. Quem o creou? O espirito não o concebe como não existente.

Ainda direis que foi o verbo omnipotente do pai de Adão. Vá mais este dislate. Mas o espirito investigador vae engasgar-vos contra a parede do céu. A esphinge ergue-se medonha. Quem creou o vosso Deus?

Si repugna crer na existencia do universo por si mesmo, repugna igualmente aceitar o vosso Deus existindo por si mesmo.

«Só ha tres hypotheses para explicar a existencia de um poder exterior: a existencia por si, a criação por si, e a criação por um poder exterior. A ultima é inadmissível; ella nos faz percorrer uma serie infinita de poderes exteriores, e nos leva ao ponto de partida. A segunda nos lança no mesmo embaraço, pois a criação por si suppõe uma serie infinita de existencias sem potencia. Resta a primeira que geralmente se aceita e que olha-se como satisfactoria. Mas, a existencia por si é rigorosamente inconcebivel qualquer que seja a natureza do objecto em questão.»

Tanto o vosso Deus é um resultado de vosso antropomorphismo que a critica tem acompanhado as idéas ultimas da religião em sua evolução. Anteriores á vossa concepção monothéista são a concepção polythéista e a concepção fetichista. Tres fazes da interpretação antropomorphica do universo.

Se eu pedir hoje que definiæes o vosso Deus, que o retrateis, de certo não pintareis o velho Deus de carne e osso capaz de trabalhar como qualquer operario de blusa, nas officinas do Eden. Não. Vireis fallar-me a linguagem vaga da metaphysica apurada. A vossa concepção religiosa não escapa á lei universal: evolve.

Como o faz notar Stuart Mill, a vossa concepção de Deus deve hoje ser compativel com as conquistas da sciencia. Isto importa a perda de um attributo para a vossa divindade: a providencia. Quem eliminou esse attributo? A sciencia. Como? Fixando as leis universaes dos phenomenos, e arrancando-as para sempre ao capricho e á vontade arbitraria de quem quer que seja.

Causas primarias parece uma expressão que suppõe uma outra—causas finaes. São duas fórmas do absoluto, que não se conhece, e que vós dizeis conhecer. Porque não vos contentastes só com o anverso; quizestes o reverso da medalha. Lestes para traz mas quizestes ler para diante. Perguntastes *porque*; e perguntastes *para que*. E o vosso espirito sempre investigador, investigou ainda no terreno do subjectivismo puro.

Nada vos detem. Mas foi mais uma decepção para vós. A vossa theoria das causas finaes foi reduzida a pó. Mostraram que vós correis como o animal atraz da sombra. As vossas doutrinas são o reflexo das vistas do vosso espirito. E' sempre o supplicio cruel das Danaides. Viveis a rolar a pedra de Sisipho.

Cito-vos sobre a finalidade:

«Eu vejo que o sol illumina a terra, o fogo aqueça o homem, a arvore produz os fructos; e a vossa sciencia me veda até o investigar si o sol está no céo para illuminar a terra, si o fogo é feito para aqueçar, e as plantas para produzir fructos.»

Santa ingenuidade! Logicos de cueiro! creanças do raciocinio! Mas o que é que vós chamaes investigar? De que serve a vossa investigação se ides fechar-vos no reducto apertado da vossa consciencia? Aquelle vosso trecho é uma collecção de banalidades. Perdoae a expressão si ella vos molesta. Mas como é que ainda escreveis aquillo?

Como é que, no estado actual da astronomia que não tem deixado de progredir, desde a Grecia primitiva, ainda vindes fallar na velha e tola crença de que o sol foi feito para servir de luzeiro para a terra?

Sem mesmo fallar na hypothese positiva de Laplace, a favor

da qual militam tantos argumentos, não vos entra pelos olhos, não vos aterra a colossal proporção do absurdo contido na vossa descabellada concepção?

Pois não sabeis que a terra é um ponto perdido no espaço illimitado? Que além do sol ha milhões e milhões de estrelas no firmamento azul? Que mesmo o vosso mundo, o sol com todo o seu cortejo magestoso, caminha em direcção á constellação de Hercules? Podeis acaso adiantar o que quer que seja sobre essas regiões inacessiveis, para garantir que Deus empregou todo o seu tempo em construir uma enorme, enormissima quantidade de sóes, de planetas, de satellites, de cometas só com o fim de illuminar este globinho insignificante que vós pisaes? Acreditaes seriamente que sim?

O vosso espirito atirou-se á doutrina da finalidade porque repugna não enxergar um plano preconcebido na natureza, que nos revela uma constante adaptação das causas a um fim.

Hereditariiedade e uso—eis os dous grandes factores biologicos. Não conheceis os orgãos rudimentares? A dysteleologia é um vosso inimigo implacavel.

Onde enxergaes a adaptação a um fim nos orgãos aborticios, inuteis e sem funcção, aos quaes nenhum papel foi distribuido no trama da vida, verdadeiros *impasses* sem razão de ser?

E como se comporta a vossa hypothese da finalidade em face das monstruosidades de todos os quilates no dominio physico e moral?

Sobre esta questão de orgãos rudimentares e causas finaes, eu vos dou a ler o seguinte trecho de Haeckel:

«Quanto a esta famosa *conformidade a um fim* na natureza, ella existe geralmente só para aquelles que encaram de um modo superficial os phenomenos do reino vegetal e animal. Os orgãos rudimentares hão já desferido um golpe rude sobre esta doutrina. E quem quer que tenha um conhecimento, por menos profundo que seja, da organisação e do modo de viver das plantas e dos animaes; quem quer que se tenha familiarisado com a actividade do turbilhão vital, com o que se chama a economia da natureza, chegará necessariamente a concluir que esta conformidade a um fim, não tem mais existencia do que a famosa summa bondade do creador».

Um dos vossos predilectos argumentos é o olho. E' um instrumento tão delicado, tão perfeito, tão completo. Revela a mão

de um ser intelligente, como o mecanismo de um relógio com os seus *tic-tacs* em cadencia denuncia um artista. Littré concedeu-vos este ponto. Tyndall não o faria sob a opinião de Helmholtz que eu cito: «Si um optico me dêsse um instrumento tão cheio de defeitos, eu o devolveria com as censuras mais severas. O olho é uma lentilha affectada do vício conhecido em physica por —*aberração de esphericidade*.

«Poder-se-ia na realidade, organizar uma longa lista de accusação contra o olho: sua opacidade, sua falta de symetria, de achromatismo, sua cegueira absoluta ou parcial».

Depois, conhecer a fundo uma cousa é conhecer a sua historia. Estudar a historia de um objecto é ler o seu passado e o seu futuro no terreno do cognoscível. E', segundo a formula evolucionista, tomal-o á sahida do imperceptível e leval-o até o imperceptível. E' penetrar a genese dos phenomenos no campo do relativo.

Este criterio é hoje o criterio dominante nas sciencias. Ha uma biogenia, como ha uma psychogenia e uma sociogenia. E este modo de estudar as cousas espanca as vossas illusões. Ide ao começo. O vosso aperfeiçoado orgão é uma cousa simples e sem valor.

O duplo estudo paleontologico e embryologico vos revela os degrãos successivos da escala de aperfeiçoamento que percorre o olho, para restringir-nos a este orgão.

A sciencia tem arruinado a theoria das causas finaes, como ha feito cair a vossa theoria das causas primarias.

Sobre a nossa questão da relatividade do conhecimento, que é um ponto capital para nós, limito-me hoje a citar-vos a palavra de um vulto da philosophia, que nunca poderieis apoucar.

E' ainda Spencer:

«Por maiores que sejam os progressos realizados, em reunindo factos, e estabelecendo generalisações cada vez mais largas, a qualquer ponto que se tenha levado a redução das verdades limitadas e derivadas a verdades mais largas e mais centraes, a verdade fundamental fica tão fóra de alcance como sempre. A explicação do explicavel só pôde mostrar com mais clareza que o que fica além é inexplicavel. No mundo interior, como no mundo exterior, o homem da sciencia se vê cercado de mudançãs perpetuas de que elle não pôde descobrir nem o começo, nem o fim.

«Em qualquer sentido que elle conduza as suas investigações, ellas o levam sempre á presença de um enigma insolúvel, e elle reconhece sempre mais claramente a insolubilidade. Elle aprende afinal a conhecer a grandeza e a pequenez da intelligencia humana, seu poder no dominio da experiencia, sua impotencia no dominio onde a experiencia não penetra».

E' vasta e enorme a vossa scara.

Hei de continuar a colher lá as espigas chochas, que chamaes os vossos argumentos. E haveis de vel-as despidas. Paremos aqui.

V

O noctivago defensor do catholicismo gottoso tornou-se quasi intoleravel. Convinha-me uma discussão de luvas de pellica, e o illustre adversario chama-me ao terreno do insulto e da grosseria.

Acreditaes que me não perturbo. Eu recebo com o sorriso nos labios aquelles labéos, e aquelles epithetos amaveis. E sabeis porque? Porque a tolerancia é uma grande cousa, é uma virtude moderna: vós a não possuis. Não a conheceis. E' da vossa doutrina. Fóra dos fieis adeptos do catholicismo não ha salvação. Tudo o mais são almas perdidas.

Ha para os descrentes as caldeiras de Pedro Botelho, esse luctador terrivel, que sahe sempre á frente de Deus. Amedrontaes as consciencias com as labaredas do inferno. Só para vós são os gosos da bemaventurança. Mas não vos esqueçaes que tambem os sectarios de Mafoma têm um Olympo, e mais seductor que o vosso. Emfim não consentis que ninguem partilhe convosco a morada do velho artista. Sois essencialmente egoistas. Só cuidaes da salvação de vossa alma.

E' assim que despendeis inutilmente o tempo precioso, que podieis utilizar em beneficio da humanidade. Suffocaes tanto talento robusto. Affogaes no escuro dos mosteiros tanta consciencia limpa. Envolveis no manto negro tanta intelligencia robusta, que devia ser devotada á causa santa do genero humano. Viveis a entoar os vossos hymnos e as vossas orações enquanto outros se agitam no trabalho util, fecundo e productivo.

Vós sois hoje uma influencia deleteria. Atacaes á mão armada a consciencia alheia.

Pesaes de um modo lamentavel sobre a educação da mocidade, e influis assim desgraçadamente sobre o futuro.

Tendes o lar domestico, tendes o pulpito e tendes o confissionario. D'aqui provém a vossa força. Infelizmente sois uma força.

Tendes por baluarte os preconceitos. Lutar com os preconceitos! E' uma campanha terrível. Protege-vos a hereditariedade, que fixa as crenças do passado.

Ha de ser o resultado de uma luta horrivel o arrancar essas hervas damninhas enraizadas na consciencia. Sois culpado da anarchia que avassala a sociedade hodierna. Incapazes de oriental-a servis para obstruir-lhe a marcha. Sois um vento tempestuoso. Viveis a revolver as aguas do oceano. Hoje sois uma cousa inutil, perfeitamente inutil. Exploraes a ignorancia. E é fertil a vossa colheita. Tendes as vossas velhas superstições. Acredito que muitos d'entre vós são espiritos emancipados. Mentis ás vossas consciencias. Esta é verdade. Ninguem faz mais justiça a vós do que a Philosophia Positiva. Muitas das peças que constituem o vosso velho castello foram uma necessidade ineluctavel. Quando os tempos eram outros, e vós surgieis em nome do progresso a bater o polytheismo helleno-romano, então era mister que o filho do carpinteiro José figurasse como o fructo concebido por obra do espirito santo. Era mister envolver na capa de gaze da virgindade de Maria, e coroar com os esplendores da divindade esse que devia remir o genero humano.

Esses velhos dogmas tiveram razão de ser. O vosso confissionario, essa guarita em que hoje se postam as vossas sentinellas, foi já de uma vantagem real. Até a propria communhão, essa bella criação de vossa imaginação, teve resultados beneficos. Hoje nada significa. Todo o mundo vos conhece. Catholico é hoje um termo muito vago. Os que assim se intitulam não acreditam já nos milagres de Santa Engracia. Todo o mundo prefere ingerir uma dose de quinino a rezar um padre nosso a S. Benedicto; e nenhum individuo, mesmo *soi disant* caróla, hesitaria entre o ferro de um barbeiro e a protecção de Santa Appolonia. Esta é verdade.

Vendeis as vossas aguas milagrosas, mas preferireis qualquer agua mineral para os casos morbidos de que for sede o vosso organismo. Apregoaes os beneficos effeitos da protecção de nossa senhora da Boa Morte, mas não confiareis nunca a ella a vossa causa.

Sic vos non vobis.....

E é por isso que sois uma influencia perniciosa. Como vós são uma inutilidade e uma impotencia os pretensos espiritos emancipados, que não se dobram deante da vossa autoridade, mas não querem dispensar o vosso culto.

São mais censuraveis do que vós os que vos enxotam do templo e vão entoar lá deante do heróe do Calvario o *miserere nobis*.

Não : *cesaris cesari...*

Sois os pastores. Ninguem, senão vós, deve tocar o rebanho das almas sãs. Ahí é louvavel a vossa heroicidade. Defendeis o vosso patrimonio.

Estaes no circulo de vossas attribuições quando fechaes as portas do templo aos intrusos.

Correi os vendilhões a chicote.

Lá é a casa de Deus. Sois os seus legitimos servos.

Só a inconsequencia metaphysica podia matar-vos.

Só a vossa impotencia podia perder-vos. Só a nullidade das vossas crenças podia permittir a manifesta injustiça de que fostes victimas. Triumphou coatra vós o racionalismo vago e indefinido que quer Deus, que quer as praticas da egreja, mas que não quer os vossos serviços.

Faço-vos justiça n'essa causa. Lutastes como gigantes. Mas tivestes de curvar a cerviz ao espirito do seculo. Abateram-vos, humilharam-vos.

Mas eu fallava na vossa intolerancia e na nossa tolerancia: E' proprio da philosophia positiva prosperar e crescer mesmo ao lado dos troncos ennegrecidos das velhas crenças que a precederam. Ella fructifica sempre. Tendes o exemplo em Littré, no eminente Littré.

Era um espirito que marchava na primeira fileira dos soldados da legião moderna. E tolerava sob o mesmo tecto as vossas praticas cultuaes, e as vossas cerimoniaes inuteis.

E' isto o que vos falta.

E é a vossa intolerancia que vos torna até insolentes. Desculpo-vos. Aquelles que têm firme a convicção dos seus principios não se abalam com os vossos improperios.

Nós havemos de caminhar por força. E' lei. E' forçoso que o espirito humano, evoluendo, se emancipe.

A sociedade, que é uma integral; o genero humano, que é,

na phrase do eminente Pascal, um homem que nunca morre, ha de se emancipar tambem. A sociedade marcha lenta e seguramente. São inuteis os vossos gritos de guerra. E serão impotenttes as vossas barricadas de cartas. Não está nas vossas mãos violar uma lei natural. Tudo evolve na natureza.

Bradae.

Aquelles que como eu servem uma çausa santa não deviam ligar importancia aos vossos assomos de catholico enthusiasmo.

O meu ultimo e ligeiro trabalho incitou a vossa ira. Veja-mos as vossas licções.

Antes de tudo vamos á nossa questão de logica. Fallaes nos meus raciocinios çoxos.

E, o que prova a favor do vosso estylo alevantado, fallaes ainda nos meus palavrões de *arromba* (sic).

Quero dar uma amostra dos vossos raciocinios seguros. Eil-a :

« Por outros termos, comprehendo ser indifferente que este atomo exista ou não exista, e portanto que uma çausa houve, a qual o determinou a existir, antes do que ficar no nada.

« Se, pois, elles dependem de *uma çausa* para existir, não pódem ser eternos.

« E o que se diz de um atomo, diz-se do complexo aos atomos, pois o todo se resente necessariamente da qualidade de suas partes.

« Logo o universo todo foi creado pelo só ente eterno que é Deus. »

Sim senhor! Isto é que é logica de cosinha! Santos raciocinadores! Como aquella conclusão se encadêa com tanta facilidade nas premissas! Parece a logica innocente de uma creança. Aquillo é couraça invencivel. Nada vos penetra envolvidos assim n'aquella vestimenta syllogistica.

Mas como é que do facto de parecer possivel ao vosso espirito conceber a existencia ou não existencia do atomo, proferis sobre a sua eternidade? Que facilidade com que mergulhaes no fundo do oceano! E dando de barato que seja solido o vosso modo de provar a não eternidade do atomo, com que facilidade conclusis da necessidade de uma çausa, que essa çausa é o ente eterno—Deus!

Sempre este ser eterno!

Eu podia aproveitar o vosso raciocinio do seguinte modo :

Compreendo que este Deus exista ou não exista, *porque elle podia sem absurdo, sem contradição alguma deixar de existir.* Portanto houve uma causa que o determinou a existir antes do que a ficar no nada. Logo este Deus n. 1 foi creado pelo Deus n. 2 que era o filho de um Deus que eu chamo n. 3.

Não negareis o vigor do meu raciocínio calcado sobre o vosso. Apenas é impio, emquanto o vosso é *justo e amavel.*

E quereis á toda força que eu vos prove a existencia de Deus. Mas, velhos catholicos papistas, que existencia quereis que eu discuta. Exhibi uma prova, uma só de que é uma entidade real o vosso sapientissimo creador do Universo. Como quereis que eu venhá provar a não existencia de Deus, si em nome da philosophia positiva eu vos declaro que Deus está fóra do alcance da vossa razão limitada e fragil ?

Eu copiei o vosso trecho para mostrar pura e simplesmente o modo porque vós argumentaes. Tenho necessidade de copiar aqui esse pedacinho mais augmentado para patentear aos que não vos lêem a vossa maneira de argumentar...

Dissestes :

« O materialismo, assim como o positivismo, recusa admittir Deus, porque, diz elle, Deus é o *incognoscivel.* »

Tocava-vos mostrar que Deus é *cognoscivel* si querieis combater as escolas philosophicas a que vos referis. Mas em vez d'isto sahistes com todo aquelle frazeado de ente infinito, principio e fim supremo, cabo e rabo de tudo, alpha e omega, isto e aquillo etc...

Bem se vê que eu nada tinha que oppôr-vos porque nada haveis avançado n'aquelle periodo abstruso.

Mais adiante tentais provar a existencia de Deus do seguinte modo :

« De modo que si Deus é em si *mysterioso e insondavel*, si elle habita, na phrase dos livros santos, uma luz inaccessivel, sua *existencia*, todavia, se offerece *clara* ao nosso espirito, como solução mais simples, mas obvia, mais natural do problema do Universo, e mais consentanea aos instinctos e exigencias da nossa natureza. »

De modo que Deus é um ser, uma entidade. Sim, haveis de concordar que sem cinco dedos, pelo menos dous, era impossivel fabricar uma estatua por mais grotesca que fosse.

E não o era. O Adão era um Adonis e Eva uma Cleopatra. Mas ao mesmo tempo que fallais em Deus ente, Deus homem etc., vindes dizer que elle habita uma luz inacessivel. O que quer dizer um ente habitando um luz? E si essa luz é inacessivel, quem vos garante que ella contém em si o ser eterno que é Deus?

Quanta nebulosidade!

Dizeis que Deus é mysterioso e insondavel, e dizeis que a sua existencia se offerece clara ao nosso espirito.

Deus é a solução mais simples do problema do Universo.

E' de facto. Mas que vem fazer aqui a simplicidade n'uma questão de prova? Não se demonstra uma regra mostrando que ella é simples.

O logarithmo de uma potencia é igual ao indice da potencia multiplicado pelo logarithmo da base. E' uma regra simples. Mas demonstrar é outra cousa. Vós não ireis demonstrar o theorema de Pythagoras, allegando que elle é simples.

Deus é a porta franca por onde entrou o espirito humano quando sentio pela primeira vez aguçada a sua curiosidade de saber.

Era o caminho mais facil.

Mas a consciencia humana já deixou essas faixas infantis. Hoje não é mais uma creança. Está adulta, e tem subido o dorso da montanha.

Ella não se satisfaz com a solução de outr'ora. Resolves-tes a equação. Achastes o valor da incognita, mas não verificastes. O trabalho da verificação foi devolvido aos mais seguros prescurtadores. O vosso valor era falso. A vossa equação não se transformou em identidade.

Não soubestes resolver o problema. Si a raiz theista não satisfez a equação do problema do Universo, não a satisfizerão igualmente as raizes pantheista e atheista.

Essa triplice solução foi regeitada.

Sempre suppôho que argumentaes de bôa fé. Quem vive preocupado com uma discussão de principios não desce a esmerilhar insignificancias.

Não vos acompanho em ordem. Vou directamente ao ponto que reputo capital porque descobristes n'elle uma heresia, um disparate historico de primeira ordem.

Começaste por deturpar o que eu escrevi. Ageitastes a vosso modo as minhas palavras. Passo a mostrar a vossa falsificação e o vosso erro historico, classificando de disparate o que eu com base segura avancei.

Eu resumi o trabalho de Comte e disse: «.....fixou na época de Bacon, Descartes e Gallileu o momento decisivo em que o espirito positivo começou a manifestar-se em opposição evidente ao espirito theologico e metaphysico.»

Ora todo o mundo reconhecerá a distancia que vai do que eu escrevi para o que vós quizestes attribuir-me:

«Em Bacon, Descartes, Gallileu começou a manifestar-se o espirito positivo em opposição evidente ao espirito theologico e metaphysico.»

O que eu disse e affirmo é que, graças aos trabalhos d'esses pensadores eminentes, d'esses athletas do pensamento moderno, começou mais rapidamente o trabalho da edificação das bases da philosophia positiva.

Todo o mundo que lê um pouco de historia philosophica conhece os resultados fecundos dos trabalhos de Bacon e de Descartes, esses dois grandes revolucionarios philosophicos que romperam com a tradição e a escolastica.

Todo o mundo sabe do alcance enorme que tiverão os serviços desses homens eminentes.

Eu prefiro escudar-me na autoridade de um historiador da philosophia.

Refere-se a Bacon:

«Bacon, em summa, definiu primeiro nos termos modernos o objecto e o fim da philosophia, que não são nem as deducções inuteis de principios estabelecidos á aventura, nem as especulações vãs sobre relações imaginarias entre um universo ficticio e um homem de convenção, nem a logica, nem a metaphysica, mas sim o estudo e a classificação dos factos observados, e a applicação das descobertas da sciencia á utilidade e ao bem da humanidade.»

E mais adiante:

«Aqui intervém Bacon. Verificaremos um a um os principios, os axiomas verdadeiros ou falsos, acceitos como artigos de fé por nossos antecessores? Não. Taboa raza, e recomecemos o edificio.»

A sciencia em marcha em todas as direcções nos fornecerá os materiaes; ella nos reconduzirá os que tem resistido á prova do tempo, e nós lhes restituiremos, si fôr possível o lugar que elles tem occupado.»

Agora referindo-se a Descartes diz o mesmo auctor :

«Entre Bacon e Descartes ha um traço commum, o instincto revolucionario, a taboa rasa. Ambos tem e exprimem a mesma vontade firme de reconstruir de novo o edificio defeituoso da sciencia e da philosophia. Ambos procurão esquecer os systemas hypotheticos e incoherentes com que se lhes havia sobrecarregado a memoria; elles proclamão a decadencia da autoridade, a independencia absoluta do pensamento individual.»

O eminente professor Huxley diz tratando do auctor do *Discurso sobre o methodo* :

«De todos os pensadores aquelle que, segundo a minha opinião, representa melhor que qualquer outro o tronco da philosophia e da sciencia moderna, é Descartes.»

Pelo que respeita a Gallileu desconhecereis os resultados fecundos de suas investigações scientificas?

E si assim é, não escrevi uma verdade historica affirmando com Augusto Comte que *na época* de Bacon, Gallileu e Descartes se pronunciou de um modo claro a opposição entre o espirito positivo e o espirito metaphysico e theologico? n'essa época em que «as sciencias positivas se constituíão por descobertas já assaz concordantes para suggerir á philosophia, sua concepção sufficientemente provavel do universo, da vida e do organismo?» n'essa época não só de Bacon, de Descartes e de Gallileu, mas tambem de Harvey, Gilbert, Kepler, Torriceli, etc.?

Onde o disparate? nas evidentes aberrações em que cahirão esses homens eminentes? ou nas transacções a que foram forçados pelos apostolos do catholicismo?

Prejudica de algum modo os serviços reaes prestados por esses grandes homens o facto de se deixarem arrastar ao terreno vão da theologia e da metaphysica?

Isto importaria nullificar os trabalhos já prestados em beneficio da sciencia, da philosophia, em pról da causa da civilisação e do futuro?

Pois não foram os vossos antecessores, esses velhos ignorantes, que forçaram o venerando ancião a retratar-se diante dos livros santos?

Pois não foi o catholicismo que tentou inutilmente pear a sciencia e empecer a marcha da civilização?

Fostes sempre os mesmos.

Mas a obra colossal de Bacon, de Descartes e Gallileu ali está e ali permanece.

A minha proposição não significa de modo nenhum que esses tres homens eminentes fossem positivistas, materialistas ou atheus.

Adulterastes as minhas palavras; mas, ainda assim, eu tomo a responsabilidade do que me attribuis, e affirmo, que com Bacon, Descartes e Gallileu começou a se manifestar o espirito positivo em opposição ao espirito theologico e metaphysico.

Isto quer dizer, que ha na vida intellectual d'essesvultos uma pagina essencialmente positiva, solida, experimental e scientifica, e uma outra pagina essencialmente vã, inutil, theologica, metaphysica.

Lêde o que diz o eminente escriptor inglez, a quem já me referi acima, sobre Descartes.

«Descartes viveu e morreu como bom catholico, tendo sempre considerado como o seu titulo de gloria o haver demonstrado a existencia de Deus e a da alma humana. Para recompensal-o de seus esforços, os jesuitas, seus velhos conhecidos o *declararam athéo*, e fizeram inscrever no Index os seus livros; de seu lado os theologos protestantes da Hollanda, o declararam ao mesmo tempo jesuita e athéo. Seus livros escaparam de ser queimados pela mão do algoz; o fim desgraçado de Vanini lhe era recordado muitas vezes, e as magoas de Gallileu o aterravam de tal modo que elle teve um grande desejo de renunciar a investigações tão beneficas á humanidade, e foi reduzido a subterfigios e evasivas indignas d'elle».

Para mostrar mesmo a opposição do espirito positivo e metaphisico deveis ler o seguinte trecho:

«Ha em Descartes dous homens: o successor e o herdeiro de Epicuro (ao menos tanto quanto Gassendi) e o emulo de Platão, até de Boaventura e de Gerson; o observador exagerado, physiologista, anatomista, e o raciocinador abstracto, que desde-nhou as sciencias de observação, a geologia, a metalurgia, a botanica, a chimica, etc.; o viajor que passa á Hollanda, á Baviera, á Austria, á Hungria, á Italia, á Polonia, á Romania, á Inglaterra, Dinamarca, á Suecia, para fugir ás desconfianças e ás perseguições,

e que ahí se occulta, que leva por toda a parte seu pensamento e nada vê, nem homens, nem côstumes, nem instituições, nem historia, cujo espirito fica fechado á toda a variedade da natureza humana, «de tal modo despedido das cousas corporeas, que elle não sabia mesmo si jámais havia existido homens antes d'elle»; emfim, o innovador altivo, absoluto, radical, e o escravo de todos os prejuizos theologicos, de que pretendia emancipar-se, mas que havia sugado com o leite, respirado no ar, entre os jesuitas da Flecha, na Europa e no mundo inteiro.»

Isto prova exhuberantemente que é uma verdade mesmo o resultado da mutilação á que submettestes o meu artigo.

A historia está cheia d'estes escrupulos. Não é só em Bacon, em Gallileu e em Descartes. Todos os grandes, os eminentes pensadores d'essa época, servindo com denodo a causa da sciencia e da sã philosophia, ião ao depois submissos curvar-se diante dos altares do vosso Deus. Mas a semente estava lançada. O trabalho de minar os alicerces do vosso edificio estava terminado. De nada servia collocar-lhe adornos elegantes na fachada.

Fostes sempre os mesmos.

Temeis as luzes da sciencia. Quizestes sempre acorrentar o espirito humano á Biblia. Cuspistes as vossas maldições sobre os mais agigantados luctadores. Mas é inutilmente que luctais n'essa direcção.

A sciencia ha de caminhar como tem caminhado até aqui. Vós haveis de rolar com todo o cortejo das vossas praticas sediças.

De nada vos servirá a magna capa de Deus. O vosso manto está hoje esfarrapado.

Pelo que nos respeita em particular, estimo que tenhaes aprendido a pesar as vossas proposições.

Estais habituados á racionaçõ metaphysica.

No terreno em que tentais agora collocar-vos ficais mal. E' tudo muito seguro e muito solido aqui. Não se admite, sem solidas bases, nenhuma proposição.

As funcções do catholicismo tem sido extinctas.

VI

Causou profunda magoa aos defensores do velho catholicismo a minha linguagem impia e blasphema. Eu fallei no operario do eden. Que crasso erro! Revelei a mais profunda ignorancia do cathecismo! (sic).

Mas eu faço questão capital do vosso modo de argumentar: Jurei odio de morte á vossa logica. Se sois realmente de uma raciocinação *sui generis!*

Cito, não para vós, o modo porque tentastes bater-me.

Professando a ignorancia sobre o absoluto é natural perguntar-vos a vós, que tendes o dom de ler o illegivel e a faculdade de conhecer o incognoscivel: quem é o vosso Deus? quem o creou?

A' minha arguição, filha de um espirito curioso e ávido de instrução, respondestes como sabios da escriptura:

«Dá-se maior despropósito! Um rapazinho de cathecismo sabe que ninguem creou a Deus, nem podia creal-o porque a noção de Deus implica justamente ser Elle o primeiro ente, o ente necessario, origem de todos os entes, que por conseguinte, de nenhum d'elles teve origem.

«Quem creou vosso Deus? Ninguem, porque elle é quem creou *tudo*. Se elle è o creador de *tudo* não resta ente que creasse a elle. Se alguem o creasse este é que seria Deus.»

Mas onde aprendestes um semelhante modo de argumentação? Ora o vosso cathecismo!... Que paridade querieis realmente estabelecer entre mim e o pobre menino a quem inocuaes os vossos principios, cuja memoria sobrecarregaes com as narrativas indigestas do *flos sanctorum*?

A philosophia positiva manda-vos parar, em nome da sciencia, deante do desconhecido. Vós galopaes o ginete fogoso da metaphysica e saltaes ufanos o fosso profundo cavado deante do espirito. E ao grito dos homens da sciencia—*ignoramus*—respondeis altivos—*omnia scimus!* E levantaes lá ao longe a sombra pavorosa do velho Deus: eis aqui o absoluto! E' está a chave do enigma, ignorantes!

E quando se vos arrasta ao tribunal supremo da razão, re-uaes espavoridos.

Humildes em nome da sciencia vimos confessar publicamente a nossa ignorancia. Guiados pela luz da historia, que regista o naufragio constante dos palinuros, que se tem atirado impavidos ao oceano tempestuoso do incognoscivel, convidamo-vos a que renunciéis ás vossas vans tentativas sobre o desconhecido! Despi o vosso manto de orgulho e a vossa fofa vaidade.

Quem creou o universo? Mystério profundo! E' esta a

solução da sciencia. Sempre o homem pára deante dos desconhecido. Não póde navegar na noute escura do eterno, do absoluto.

O que é o espaço? o que é o movimento? o que é a força? o que é a materia? o que são todas as cousas em si, na sua essencia?

Ignoramus et ignorabimus.

A esta palavra de Reymond póde responder-vos o monismo de Haeckel: *impavidi progrediamur.*

Mas o unitarismo scientifico só póde fallar no progresso realisado por meio da experiencia. Sim, *progrediamur.* Os seculos perpassarão accumulando os seus preciosos materiaes. As gerações hão de passar. A sciencia ha de crescer.

Multi pertransibunt sed augebitur sciencia.

E vós abris a valvula facil e simples da metaphysica e deixaes escapar o vosso Deus.

O universo é uma obra sem artista: aqui está um. Está sanada a vossa difficuldade.

Deus é a chave oxidada com que se abrem as portas do infinito. Aqui está a solução do problema eterno. E' Deus

Mas a lei de causalidade universal persegue-vos ainda.

Porque paraes assim deante de Deus? *Ex nihilo nihil.....*

E d'onde arrancastes o vosso Deus?

Não o sabeis? Então não fizestes senão recuar a difficuldade. Não fugireis ao abysmo insondavel.

E é uma illusão completa do vosso espirito. Afigura-se-vos conhecer o vosso velho Deus lendario. *Vanitas vanitatis.....*

Vós fallaes n'um Deus de carne e osso; e quando eu venho fallar-vos n'essa entidade real fugis para o campo da metaphysica subtil.

Deus é um puro espirito.

Mas vós sabeis o que é um puro espirito? Conheceis a sua essencia, a sua natureza intima? Mas o que significam todos os vossos velhos dogmas? Não podeis fugir deante do antropomorphismo. Se aceitaes o velho Deus do catholicismo o vosso antropomorphismo é total. O Deus catholico é um Deus feito á imagem do homem, dotado dos seus attributos.

Fallaes na bondade infinita de Deus, na sua omnisciencia, na sua justiça eterna, na sua sabedoria illimitada, todas estas virtudes copiadas á natureza humana, que vós conheceis e depois

vindes confessar que—isto *um modo de fallar figurado*? Dizeis ingenuamente que é proprio da poesia attribuir á Deus essas qualidades e essas virtudes!

Isto é a confissão franca da inutilidade das vossas praticas, e da insignificancia dos vossos dogmas.

Como é então que viveis a embalar a imaginação dos crentes, fazendo-os curvarem-se humildes a implorar a sabedoria, a bondade e a justiça que só por figura attribuis ao vosso Deus?

Se o vosso Deus é um espirito puro, o que ficam sendo as labaredas de Belzebuth e o goso da bemaventurança? a que se reduzem os salões magnificentes do ceu e as fogueiras pavorosas do inferno com que fazeis medo ás creanças?

O que fica sendo a vossa promettida vida eterna?

Onde estão os supplicios das almas condemnadas pelo jury dô celestial imperio?

Haveis de confessar que são ficções poeticas.

Então estamos de accordo.

Ninguém desconhecerá que a impiedade alcançou sobre vós este triumpho. Confessaes publicamente que sois uns vagos deistas. Então fechae o vosso cathecismo e fechae a vossa biblia. Então não ide obscurecer o espirito da creança com o vosso ensino figurado. Pois não pregaes abertamente que Deus architectou o universo, que fabricou o homem de barro, que se incarnou em Christo, que appareceu a Moysés no deserto e na sarça ardente?

E depois dizeis que um espirito puro, que habita uma luz inacessivel, é capaz de cinzelar uma estatua? Mas concebe-se um artista capaz de tantas maravilhas sem o instrumento do trabalho?

Por desgraça vós pesaes ainda sobre o ensino. Por infelicidade tendes trancada a mocidade nos vossos seminarios e asylos.

Pesa sobre vós esta enorme responsabilidade. E pesará sobre o futuro a vossa influencia deleteria e detestavel.

Somos um paiz essencialmente atrazado. Principalmente por vós. A nossa constituição politica nascida sob a influencia perniciosa da crise revolucionaria, que assoberbou a humanidade no começo do seculo, é por sua natureza inconsequente e incompleta.

Vós sabeis que lá se decretou a religião catholica, apostolica, romana.

E o Brasil passa por ser um paiz essencialmente catholico. Completa illusão!

Não ha quem o seja.

A grande massa da população ignorante, que vós viveis a explorar é francamente fetichista. A' vossa concepção metaphysica, ao vosso Deus abstracto só se elevam os espiritos mais adiantados, e estes são em grande numero. A maioria das classes elevadas está n'este caso. Tem uma crença vaga n'um Deus infinito. Em grande parte não aceitam as vossas praticas, e não reconhecem os vossos dogmas. E por uma inconsequencia palpapel tem a pretensão de se intitular catholicos, romanos e apostolicos. E não aceitam a auctoridade dos bispos, nem reconhecem a infalibilidade do papa, que lhes parece um absurdo monstruoso, quando é um ponto capital do catholicismo. Sim, o velho catholicismo, que eu reconheço em Bossuet e de Maistre é lettra morta.

Catholicos não os temos. Vós mesmos sois apenas deistas.

E felizmente hoje ha ainda uma grande parte de pensadores emancipados de todos os matizes. São uma força e são uma potencia. A ultima reforma constitucional o prova de um modo exuberante e eloquente. Elles começam á medrar em todos os pontos. E' asneira invocar as velhas fórmulas constitucioaes e os anachronicos programmas officiaes.

Os positivistas, os darwinistas, os spenceristas, os atheus, os materialistas são uma legião terrivel. Escalarão tudo.

Entraram nos parlamentos e se installaram já nas nossas escolas. As academias estão cheias de impios. Os vossos seminarios exportão punhados de carolas que vão transformar-se ao primeiro contacto da sciencia. Os corpos docentes de nossas escolas superiores tem hoje luzeiros, que são os instrumentos de Satan e os órgãos francos da impiedade. Isto é um symptoma de progresso e de desenvolvimento.

De nada servirão as fracas pêas da lei. As sociedades muitas vezes passam além d'essa barreira. E' como no caso actual. Não vos illudis sem duvida com as apparencias de um catholicismo official. Elle é uma burla. Ficou á retaguarda. O juramento é uma chapa official. Todo o mundo sabe d'isso. E sabe-o mais que vós o chefe do estado que designa para altos cargos do magisterio francos e decididos livres pensadores sem offensa da religião do paiz. Isto tudo denuncia o vosso retrocesso. Está a findar a vossa missão. Já representastes o vosso

papel no drama da historia. A actualidade não vos aceita. Nada podeis sobre a anarchia que vos avassalla. E' infructuoso tentamen. A evolução é a lei universal.

Tivestes o vosso periodo de nascimento e de virilidade. Aguarda-vos o tumulo. A historia não amaldiçoará a vossa obra no passado. Mas como todas as grandes concepções tivestes um lado positivo e tivestes um lado negativo. Servistes a humanidade impellindo-a para diante, mas prejudicastes a marcha do espirito humano tentando detel-o.

Tendes um passado glorioso.

A historia registrou a vossa pagina de luz. Mas ella não esquecerá a vossa pagina de sombra. A maldição é o reverso da benção que vos lançou. Surgistes como uma força poderosa nos seculos que já lá vão.

E' facil percorrer os dezenove degraus da escala que a humanidade atravessou em sua marcha incessante.

Despontava radiante o sol esplendido da civilisação nova. Roma, a grande prostituta ia sahir da scena.

Tinha os seios banhados em sangue. Estorcia-se n'um leito de dôr. Já tinha sido escripta a sentença fatidica, a palavra de fogo: *Mane...*

E ella a poderosa rainha do universo, ella que tinha avassalado o mundo, e que o absorvera como um polypo monstruoso começava a gangrenar. Era já quasi um cadaver. O sol radiante da civilisação greco—romana descambava. E foi então que o filho obscuro de Maria e do operario José levantou o seu estandarte. Era o labaro da paz, e um symbolo de reorganisação.

Havia diante de vós uma força vigorosa, o paganismo. Quiz suffocar a crença que surgia. Luctastes como gigantes. Travastes a luta titanica. Christo transmittira aos seus discipulos os seus principios e as suas doutrinas. Havia sido lançada a semente. A sociedade dissolvía-se aos olhos do polytheismo impotente.

Arvorastes na capital do mundo a vossa bandeira sacra. Mas havia a força terrivel dos preconceitos a superar e vencer. Abaterão-vos. O eminente philosopho de Nazareth subio o Golgotha e foi pregado na cruz. E' o mais sublime martyrio da vossa historia. Mas era forçoso avançar porque é indefectivel e é imperturbavel a marcha da historia. Tivestes de supportar, e com a resignação dos martyres, os mais duros e crueis supplicios. Ati-

rarão-vos ás feras nos amphiteatros. Nero ragosijava-se com o espectáculo das mortandades christãs. Fizerão de cada um de vós um archote para os festins do despota imperial.

Tivestes que lutar com a intolerancia da velha crença, que vos havia precedido. E' a lei da historia.

Ella garantio o vosso triumpho.

E foi sob a egide do vosso symbolo e aos clarões da sua luz benefica que a humanidade avançou então.

Pregastes a confraternisação dos povos, e annunciastes o reino de Deus. Tentastes a rehabilitação do homem e a reivindicacção do papel augusto da mulher, no dogma da incarnação e da concepção de Maria virgem.

Mas os seculos correrão.

A ampulheta do tempo se escôa fatal.

Comecastes a entrar em lenta decomposição. A critica incumbio-se de minar os alicerces de vossas crenças. Rasgarão o vosso trophéo! A impiedade despedaçou a vossa cruz. Mostrarão a nullidade dos vossos dogmas: o vasio da vossa concepção.

Uma nova crença escudada pela sciencia começou a erguer-se ao lado da vossa. Ouviu-se o vosso profundo gemido.

Tinhão sido intolerantes para convosco. Lembrarão-vos os tempos calamitosos do vosso alvorecer. Então accendestes as fogueiras da inquisição.

Em nome de Deus lançastes ao braseiro os apóstolos da idéa nova. Inventastes todas as fórmulas de torturas. Não vos pareceu sufficiente o supplicio da cruz. Todos conhecem esta pagina hedionda e negra da vossa historia.

Intolerantes não consentireis nunca que triumphasse o demonio da impiedade. E elle triumphou a despeito dos vossos fogaréos e das vossas perseguições medonhas.

E tivestes de recuar como recuara o polytheismo diante de vós. Capitulastes já de ha muito. Ninguem o póde desconhecer, e ninguem o póde negar.

Viveis a estorcer-vos no leito como o pobre muribundo a quem horas separão dos braços horripilantes da morte.

E' inutilmente que tentais lutar ainda. Fizestes publica confissão do character poetico das vossas concepções fundamentaes. A sciencia não se contentou com as vossas affirmações gratuitas. Arrancarão o vosso Deus do Eden.

E arrancarão o manto divino ao martyr do Golgotha.

A historia procurou inutilmente os fundamentos da nova crença. Nada encontrou que revellasse a filiação divina do filho do obscuro José.

A critica estudou toda a sua obra e inscreveu o seu nome entre os bemfeitores do genero humano.

Mas desvaneceu-se todo o lado poetico e phantasioso do christianismo.

Fugio como a sombra vã á verificação. E nem ha lugar para discutir os vossos dogmas. Elles rolão sobre um mundo concreto. E vós vindes affirmar que o vosso Deus é um puro espirito.

Mas o espirito é esse *que* mysterioso que pensa e sente no homem, como é a materia esse *que* mysterioso capaz de produzir sobre vós uma impressão.

Quer acceiteis a concepção concreta de Deus, quer o definas um puro espirito, sempre tomais para ponto de partida o homem.

Não voltarei a discutir os artigos do vosso codigo porque já confessastes perfeitamente inutil. O vosso Deus é um Deus moderno, um Deus mais á moda. Vós mesmo o tendes affirmado.

E' bastante.

E quando se vos aperta contra a dificuldade, vindes com os vossos raciocinios côxos, e os vossos syllogismos pernetas. Só insistirei agora na justificação das minhas proposições. Não voltarei aos vossos dogmas emquanto estiver de pé a vossa affirmação de que são meras creações poeticas: então productos do espirito humano. Isto chama-se render-se com armas e bagagens.

Nunca foi mais fatal o vosso naufragio. N'esta discussão que alimentamos tendes a vosso favor todo o baluarte dos prejuizos particulares. Eu pertenço ao numero dos filhos da nova crença. Pertenço ao numero dos luctadores cheios de fé e cheios de abnegação.

De abnegação, sim. Conheço a religião do dever. Ficai certo de que não recuarei jámais.

Não deixarei a brecha qualquer que seja arma de que lanceis mão.

VII

Vencidos pela logica, subjugados pelo raciocino seguro os meus adversarios recorreram ao insulto grosseiro e indigno da discussão que eu provoquei. Não provoquei.

Iniciando esta serie de artigos tinha em mira fazer uma exposiçào systematica dos principios capitaes da «Philosophia Positiva.» Forçado a defender a verdade contra os ataques da seita catholica tenho continuado n'esta posiçào, como o viajor que, accommettido no ermo, põe-se na defensiva.

Sou como o nauta firme e corajoso no seio das ondas em noute tenebrosa. Não me molestam os vossos insultos. Segui o vosso caminho. Cumprí o vosso dever, que eu saberei cumprir o meu.

O que me vae revelando esta discussão é que vós argumentaes de má fé. O vosso ultimo artigo prova-o de modo claro e exuberante.

Omittistes todos os fundamentos em que assentei as minhas conclusões, e affirmaes impudentemente que nada provei. Achei burlesco o vosso artigo.

Era melhor que vos mantivesséis na discussão séria a que vos convido.

Asse:ta-vos melhor, como velhos sacerdotes, um certo ar de gravidade e sizudez. Cahis no ridiculo a cada passo.

Só de passagem tocarei nos vossos *zeros*.

Eu disse que o vosso catecismo é um deposito de sandices. Quizestes a prova. Bastaria copial-o aqui, se espaço houvera para publicar tolices, e vulgarisar disparates.

Algumas passagens de um, que por acaso encontro entre os meus livros religiosos, espero satisfarão o vosso espirito. Ouvi. Tenho dificuldade em escolher. Copio sem seleção.

Ensinaes que as pessoas da santissima trindade são tres, o Padre, o Filho e o Espirito-Santo. A creança, a quem vos dirigis, vos interroga curiosa:

«O padre é Deus, o Filho é Deus e o Espirito-Santo é Deus?»

R. Sim.

P. Logo são tres Deuses?»

R. Não; são tres pessoas distinctas e um só Deus verdadeiro.»

Pecaes contra os principios cominhos da sciencia. Violando os elementos da sciencia mathematica, estabeleceis como bons catholicos que 3 é igual a 1.

A logica inflexivel vos aperta: «como póde ser um só Deus e tres pessoas?» Qualquer outro recuará. Mas vós sois fertilissimos. Acudis com esta original solução: Porque uma pessoa não é outra (pois aqui está a dificuldade), mas é um só Deus verdadeiro.

Ha tanto que estudar, ha tanta cousa que ler que só por muita condescendencia desço a occupar-me com estas parvoices. Mas continúa o vosso cathecismo:

«Como se póde entender que, sendo tres pessoas e todas deuses, seja um só Deus?» Então curvaes a cabeça deante do mysterio. Incapazes de dar *uma resposta clara á alma humana* vindes com esta sahida filauciosa: «A nós só nos importa crer *a olhos fechados* o que Deus disse, e a Igreja nós ensina; nem nós podemos, nem estamos obrigados a mais, nem a Igreja nos manda comprehender este mysterio.» Ora senhores padres!

Em seguida estabeleceis que as tres pessoas da trindade são irmãos gêmeos, dotados dos mesmos attributos, dos mesmos caracteres physicos, na passagem que eu copio para conhecimento do leitor ignorante das vossas doutrinas:

«P. Qual das tres divinas pessoas é mais *velha*, santa, sabia, poderosa, ou foi primeira?»

R. Nenhuma: todas são eguaes *ab æterno* sem principio.»

Depois de haver solidamente estabelecido este parentesco entre os membros da trindade, vindes logo contradizer-vos pela relação de paternidade que ídes firmar.

«P. Porque se chama ao padre a primeira pessoa?»

R. Porque gerou o filho desde a eternidade.

P. Porque se chama ao filho segunda pessoa?»

R. Porque foi gerado e procede do pae.

P. E porque se chama ao espirito santo terceira pessoa?»

R. Porque procede do amor do pae e do filho.»

Entenda-vos quem puder. E' um parentesco intrincado. Contradição clara e manifesta. Não quero profanar o vosso mysterio. Não discuto aquelles laços de parentesco. A vossa trindade se reduz a um absurdo: quereis á força fazer crer que 3 é igual a 1. Continúo a collecta:

«Que quer dizer: desceu aos infernos?»

R. Que a sua alma santíssima, justa com a divindade, desceu aos infernos, por ter sido victorioso contra a morte (mentira, porque elle morreu pregado na cruz!) e o demonio (mentira, que elle exclamou no derradeiro instante de agonia: meu Deus, meu Deus, porque me desamparaste?) para sanctificar e glorificar as almas dos santos padres(?), que lá estavam.»

Bem se vê que mesmo os santos padres, que já existiam antes de S. Pedro, que foi o primeiro papa, não escapam ás garras do sympathico Belzebuth.

Este pedacinho é uma ridicularia lançada sobre Deus:

«P. Deus tem mão direita ou esquerda?»

R. Nem direita nem esquerda.»

Ora como fallaes em mão e não em outros membros, a conclusão logica é ficar a idéa de um Deus pouco perfeito. E dizeis que o vosso é infinitamente perfeito.

«P. Que quer dizer: *De onde ha de vir a julgar os vivos e os mortos?*»

R. Que virá no *dia de juizo* com grande magestade e poder, acompanhado de anjos e santos (*marche aux flambeaux*, antropomorphismo) para julgar os vivos e os mortos.

P. Quaes são os vivos e os mortos?»

R. Por vivos se entendem os que estiverem em graça de Deus; e por mortos os que estiverem em peccado mortal; e tambem pôde se entender por vivos *os que estiverem vivos*, e por mortos *os que estiverem mortos*. Ora até ahí.....

Isto chama-se vulgarmente historia da Carocha. Não se discute.

«P. Que está na hostia antes de consagrada ?

R. Está pão ázimo.

P. E depois de consagrada ?

R. O verdadeiro corpo, sangue, alma e divindade de Jesus-Christo, como está no céu, por virtude das palavras da consagração.

P. E quando se parte a hostia, parte-se o corpo de Jesus-Christo ? »

Era natural que sim, mas qual !

Respondeis : «Não; partem-se os accidentes, que são : côr, sabor, cheiro e figura.»

Mas, o que quer dizer partir uma côr, um sabor, um cheiro ?

Basta de colleccionar sandices. Não posso gastar tempo com estas velharias sediças.

Vou occupar-me com pontos mais sérios dos vossos artigos. O que d'elles se deprehende é que vós estais muito longe d'esta época.

Dais a cada passo a entender que não conheceis senão por informação e de longe a philosophia positiva de Comte.

Citei-vos a formula do evolucionismo, e ficastes no escuro.

Com vagar dar-me-hei ao trabalho de fornecer-vos noções ligeiras sobre o spencerismo. Não vos aconselho a leitura das obras do eminente philosopho inglez, porque o tempo não vos chega para o estudo do cathecismo.

Emprego termos vulgarisados pelas obras de Haeckel, ficaes a ver navios.

Cito-vos Tyndall e Helmholtz; e como não conheceis nem um nem outro, a mim attribuis as palavras citadas.

E é por isto, que fugis a cada passo da discussão, no terreno em que eu a colloco, e quereis affastar-me do caminho do dever para me forçar a rolar comvosco na valla commum. Tactica de jesuitas, mas baldado intento.

Analysemos.

Eu escrevi o seguinte: «Isto importa a perda de um attributo para a vossa divindade: a providencia. Quem eliminou esse attributo? A sciencia. Como? fixando as leis universaes dos

phenomenos, e arrancando-os ao capricho e á vontade arbitraria de quem quer que seja.»

Vós não comprehendestes as minhas palavras. O que eu disse foi, que o vosso Deus no seculo XIX só pôde ser um Deus mais polido e mais civilisado. E' preciso que o ponhais á moda.

As concepções religiosas evolvem e evolverão em todos os tempos. Antigamente era facil acreditar na intervenção quotidiana do vosso Deus na marcha do Universo e da Humanidade.

Mas depois que a sciencia descobrio as leis geraes dos phenomenos, depois que descobrio as relações que os prendem, não ha lugar para a mão de Deus.

Concede-se o vosso Deus, no caso que proveis a sua existencia. Os positivistas, que não são atheus, não proferem sobre a existencia de Deus, como sobre tudo, senão relativamente. Uma negação relativa não é uma negação absoluta. Negar relativamente, é não acceitar por falta de prova. E' esperar o veredictum da experiencia e o testemunho seguro da sciencia. Provai.

Mas o que desde já não é possivel conceder ao vosso Deus, é a faculdade de intervir nos nossos negocios.

Fica até uma idéa mais nobre, e uma entidade mais sabia.

Eu faço o que não soubestes fazer. Devieis concordar connosco.

Um Deus que não carece intervir nas cousas humanas e cosmicas, é um Deus *infinitamente* sabio. E' um Deus, que formou o universo e não carece inmiscuir-se a cada passo na sua marcha. Devieis raciocinar assim, mostrando a superioridade de Deus sobre qualquer operario. A metaphysica moderna concebe-o dessa forma. Ao envez d'isto, comparastes o vosso Deus a um machinista, que vive a azeitar as molas da sua machina e a cuidar da alimentação da caldeira.

E, sem entender que se trata apenas de um attributo e não da propria existencia, escrevestes o seguinte :

« Muito bem. Assim emquanto os homens não conheciam as leis geraes dos phenomenos do universo admittiam Deus, admittiam a providencia; mas hoje que conhecem estas leis não po-

dem mais admittir nem Deus, nem providencia. Emquanto eu não conheço o mecanismo de um relógio, emquanto eu ignoro como elle marca as horas, que rodas são precisas, e qual o movimento de cada uma, admitto o relojoeiro. Mas assim que eu percebo o modo porque aquella machina trabalha, assim que vou entendendo o segredo das molas, a razão e a ordem das diferentes peças, já não preciso mais de admittir o relojoeiro. Elimino-o como inutil para explicar a existencia e a regularidade do relógio».

Eu admiro a força da vossa imaginação. As minhas palavras não se referião á existencia de Deus; mas simplesmente a uma de suas qualidades.

Não ha paridade alguma com o exemplo do relojoeiro que vós figuraes. O vosso Deus é uma especie de relojoeiro (eu acceito a vossa comparação) infeliz e desastrado que carece mover o ponteiro ou fazer oscilar o pendulo com o dedo. E' isto o que não consinto que digais. Deveis elevar o vosso ser infinito á devida altura. A vossa comparação abateu-o demais.

Diante das leis positivas dos phenomenos é impossivel um Deus, que faça o papel de relojoeiro ignorante.

Expulso do ultimo reducto em que se refugiára, a vossa divindade, está hoje dispensada do serviço activo.

Não se tem necessidade do creador. O universo não é um carro de Phebo que careça de auriga. Perguntai ao mathematico si alguma vez Deus poudé fazer com que 2 e 3 não fossem cinco, ou que a área de um rectangulo fosse diferente do producto da base pela altura.

Perguntai ao mecanico si algum dia os corpos deixaram de se mover de accordo com as leis fundamentaes de Kepler, de Newton e Galileu: si o parallelogrammo das forças transformou-se alguma vez n'um losango, ou o ellipsoide de inercia em qualquer solido de revolução. Interrogai o physico. Elle vos dirá que nunca Deus abaixou a temperatura de solidificação da agua; nunca tentou violar a lei da queda dos graves.

Elle vos dirá que sempre os corpos cahindo, os espaços foram proporcionaes aos quadrados dos tempos. Elle vos dirá que nunca foi violada a lei de Descartes em optica. Nunca o angulo do raio incidente foi maior que o angulo do raio reflectido; e a relação entre os senos do angulo de incidencia e o de refração

foi sempre constante. Argui o astrónomo. Perguntai si alguma vez os astros pararam nas suas orbitas, ou foram deslocados pela alavanca do Altíssimo nos espaços que percorrem. Perguntai si alguma vez os corpos deixaram de se attrahir na razão directa das massas e inversa dos quadrados das distancias.

O chimico vos dirá que nunca o hydrogeneo e o oxigenio, nas proporções convenientes e definidas, deixaram de produzir a agua. Nunca Deus pôde intervir na sua retorta, e fazer com que de uma combinação de chloro e sodio proviesse um sulfureto de carbono.

O biologista vos attestará que Deus não conseguiu até hoje violar a lei de desenvolvimento dos seres, nem perturbar as leis geraes da vida. Nunca o tecido nervoso teve outra funcção differente da de transmittir as impressões dos sentidos ao cerebro, onde se opera a sua transformação metabolica (dr. Luys) sob a acção dos thalamos opticos.

O psychologista e o sociologista vos dirão igualmente que até hoje Deus não tem alterado a ordem das cousas e nunca elles assistiram o que chamaes os *milagres* da providencia.

O mundo continúa sempre a caminhar segundo leis fixas, apezar do vosso Deus.

Não comprehendestes a formula de Spencer que vos citei. A unificação do saber vos parece um impossivel.

Mas eu reservo esta questão geral para uma proxima explicação. Só por falta de leitura dos eminentes escriptores modernos me consumis a cada passo pedindo explicações de cousas simples.

Terei paciencia convosco.

Por hoje volvamos á questão do olho. Causou-vos extraneza o ter eu tocado n'essa prova inconcussa da sabedoria do vosso velho operario.

A mim lançastes, como sempre, os vossos insultos grosseiros. Tinha citado uma passagem de Tyndall; é pois a elle que vós insultaes lá do fundo da vossa catholica ignorancia.

Sobre o olho, eu cito-vos mais desenvolvidamente o eminente auctor inglez:

«O olho humano é sujeito a um defeito semelhante (aberração de esphericidade). Por esta causa e outras ainda, acontece que si com olhos nús se observa a luz de cincoenta elementos, a mancha luminosa projectada sobre a retina basta para impedir

que a imagem das pontas de carvão seja claramente definida. Poder-se-hia na realidade, formular contra o olho uma longa lista de accusações; sua opacidade, sua falta de symetria, de achromatismo, sua cegueira absoluta ou parcial.»

Todas estas razões juntas levaram Helmholtz a dizer que, se um optico lhe dêsse um instrumento tão cheio de defeitos, elle o rejeitaria com as censuras mais severas.

Agora cito-vos ainda a passagem seguinte de um biologista :

«O olho, qualquer que seja o typo de sua estructura, pôde ser considerado, desde que está munido de suas partes essenciaes, como um *apparelho transparente* e refrangente, proprio para concentrar os raios luminosos sobre as expansões dos nervos opticos.

«Mas o olho está longe de ser sempre completo, e é bem curioso vel-o aperfeçoar-se pouco a pouco, remontando a série animal. Quantas paginas recheadas de inchada admiração se tem escripto para vangloriar a estructura *soi disant* maravilhosa do olho no homem e nos vertebrados superiores ! Era um instrumento perfeito, obra de um constructor intelligente, cuidadoso em accommodate os meios aos fins, etc., etc.

«Nós sabemos hoje que, considerado como *apparelho de optica*, o olho é um bom instrumento, mas de modo nenhum um instrumento perfeito».

Fizestes grande alarde e estrondosa grita por ter eu dito que a Paleontologia e a Embryologia se accordaram em revelar a série de modificações e aperfeçoamentos, por que passou o olho.

Isto é desconhecer a relação intima e estreita que Hœckel formulou no què elle chama a lei biogenetica fundamental: a ontogenese é uma recapitulação abreviada da phylogenese. Foi por um estudo profundo de Anatomia comparada que chegou-se ao conhecimento certo da escala de aperfeçoamento do órgão da vista.

A correlação é solida e estreita entre as sciencias. A Anatomia comparada, por si só, permittio conhecer variações de forma e de composição do olho nos seres actuaes. Mas, só postas de accordo com as revelações da Paleontologia, pôdem ellas permittir um estudo seriario e gradativo. Não é por certa nos fosseis que se estuda a organização do olho em seus successivos

estagios. Mas é pela hierarchisação estabelecida entre os seres que a Anatomia comparada póde receber o criterio evolutivo. E n'este ponto são solidarias a Paleontologia, a Anatomia comparada, e a Embryologia.

Assim é uma verdade a proposição que eu escrevi.

A Paleontologia revela a serie de aperfeiçoamentos porque passa o olho; directamente não, mas indirectamente sim, pela hierarchisação que estabelece no mundo animal.

Tendes sido infeliz n'esta discussão. Pelo que me toca, só lamento não ter diante de mim adversarios serios e leaes. A vossa linguagem é desbragada e inconveniente. Na falta de argumento recorreis aos doestos e ás injurias. Nós não costumamos argumentar assim.

E' vicio da vossa educação.

VIII

Fizestes um esforço por discutir com calma. Parece que ouvistes os meus conselhos. Apparentastes a *mansuetudo agni*. Mas, senhores padres, sois sempre os mesmos. Em todo o tempo discutistes assim. Ao mesmo tempo que me chamais de ignorante, porque eu pareço desconhecer as sandices da cartilha, quereis figurar de sabios. E' assim que prometteis reduzir a nada as *taes* doutrinas de Comte, Littré e Spencer.

Ora realmente, é o cumulo da petulancia! Registro apenas esta vossa arrojada pretensão.

N'esta discussão tendes provado que sois grandes nos doestos e nos insultos. Não insultei as vossas crenças. Não as discutiria nunca, si não pretendesseis justificar-as á luz da razão. Mas, desde que tendes a ousadia de vir tratar dos velhos dogmas catholicos á luz da sciencia, não é possivel deixar de mostrar a innanidade das vossas crenças.

E' uma questão de sentimento? Pois seja. Não iremos perturbar as vossas consciencias. Curvai-vos reverentes ante os altares do vosso Deus desconhecido. Ficai em paz.

Mas, tendes o proposito de basear as vossas doutrinas sobre o terreno seguro do saber positivo; quereis encontrar os alicerces de vossa concepção no dominio da positividade. Ahi não. Tende paciencia.

E quando se vos obriga a reconhecer o absurdo de vossas velhas paginas santas, tendes uma arma terrivel de que lançar mão, o insulto.

Eu fallei na vossa trindade. Volto ainda a esse ponto capital da vossa doutrina. Cito, a este proposito, a passagem seguinte, que copio de Pierre Laffitte :

«As religiões fundadas sobre a crença nos seres sobrenaturaes, faziam emanar a ordem do mandamento divino, o que lhes dava um character arbitrario e tyrannico, e levava finalmente á hypocrisia ou á revolta.

«A sciencia, ao contrario, nos revela uma ordem independente de toda a vontade, contra a qual seria pueril se insurgir, que nós não podemos modificar por nenhum artificio, e que nos é preciso acceptar tal qual com uma corajosa resignação. A divindade mesma é submettida a esta fatalidade, que nunca foi desconhecida em sua parte fundamental. Quer Deus queira quer não, não é menos indubitavel que $2 + 2$ fazem 4 , que a esphera é o corpo que sob a menor superficie abrange maior volume, etc. Não se póde citar senão uma só tentativa contra as leis numericas, e essa mesma inconsciente, é o dogma catholico da Trindade :

$$(1 + 1 + 1 = 1 \text{ e não } 3)$$

Em quanto os outros não são senão incompreensiveis ou imaginarios, aquelle é radicalmente absurdo, como contrario ao bom senso universal.»

Eu prefiro ser ignorante com esta gente. Entre as mais brilhantes paginas de Comte figura a analyse profunda feita ao corpo do monotheismo catholico. Eu cito-vos algumas de suas palavras :

«Entre os dogmas mais especiaes, um exame analogo poria em plena evidencia a necessidade politica do character intimamente divino attribuido ao primeiro fundador, real ou ideal, deste grande systema religioso, em consequencia da relação profunda, incontestavel, posto até aqui mal manifestada, de uma tal concepção com a independencia radical do poder espirital, espontaneamente collocado sob uma inviolavel autoridade propria, invisivel mas directa.

«O dogma celebre da presença real, que posto sua estranheza mental, não constituia, no fundo, senão uma sorte de prolongamento expontaneo do dogma precedente, comportava eviden-

temente, no mais alto gráo, a mesma efficacia politica, attribuindo ao menor padre um poder quotidiano de milagrosa consagração, que devia tornal-o eminentemente respeitavel a chefes, cujo poder material, por mais extenso que fosse, não podia jámais aspirar a sublimes operações.

«Mentalmente encarada, a missa catholica offerece, sem duvida, um aspecto muito pouco satisfactorio, pois que a razão humana não poderia ver n'ella senão uma sorte de operação magica, terminada pela realisação de uma pura evocação, real ainda que mystica.»

Pelo que respeita ás fogueiras do inferno e aos pavorosos supplicios das almas condemnadas, diz o mesmo philosopho na mesma obra e volume (*Philosophia Positiva*—vol. V):

«Milton consumio em vão seu admiravel genio poetico em nos pintar os condemnados alternativamente transportados, por infernal refinamento, do lago de fogo para o tanque de gelo; a idéa dos banhos russos fez bem cedo succeder o sorriso a este primeiro terror, e recordar que o poder do habito póde attingir tambem a mudança mesma, por mais brusca que ella possa ser, desde que se torna assaz frequente.»

Vós me forçais a estas citações, pois viveis a me attribuir tudo o que ha sido provado pelos mestres na sciencia. D'este estudo critico a que ha sido submettido o catholicismo estais muito longe. E' provavel que os vossos insultos caião agora sobre o vulto grandioso de Comte.

A's vezes recorreis a outra arma, o ridiculo. Já o eminente professor Huxley dizia, em referencia ao bispõ de Oxford, que cobria de ridiculo a theoria darwinianna: «Mylord, si eu tivesse de escolher meu pai entre um macaco qualquer e um homem capaz de empregar seu grande saber e sua eloquencia facil em zombar d'aquelles, que consagrão sua vida aos progressos da verdade, eu preferiria ser o filho do humilde macaco».

Ainda sobre o vosso *mysterio* da Trindade, lêde: (*Philosophia Primeira*, Laffitte):

«Creação maravilhosa, despontada, se não desenvolvida no genio de S. Paulo, a theoria do *Verbum* feito carne não se estabeleceu sem difficuldade na crença catholica, para edificação da qual tanto concorreu essa philosophia grega tão immaterial, tão ideal, tão preocupada das cousas do espirito, com detrimento das cousas sociaes. S. Paulo, não tinha conhecido Jesus, o que

era uma condição necessaria para fazer d'este um Deus, e para fazel-o como era preciso. Elle sentio que a divinisação do Christo era indispensavel, não só para dar a um sacerdocio, desprovido de todo o poder temporal, o poder espirital de que elle tinha precisão, mas ainda para assegurar a efficacia do monotheismo.

«Não era tudo, com effeito, proclamar um só Deus, o que aliás era, desde muito, opinião corrente no mundo dos pensadores; era preciso ainda approximar este Deus da multidão e lh'o apresentar com caracteres taes que ella podesse amal-o. D'ahi esta admiravel combinação de Deus feito homem, tão humano como os deuses antigos, porém mais digno do que elles; tão digno, como o Deus metaphysico e como o terrivel Deus de Moyses porém mais humano do que ambos elles. A humanidade e a divindade se confundem em Jesus Christo. Como Deus, elle é perfeito: como homem, é capaz de ternura; de um lado serve de ideal, de outro de ponto de apoio.

«É a razão abstracta, transformada em Verbo e seguindo a mesma evolução, torna-se digna e susceptivel de amor.»

Tambem Arius revelou o incomprehensivel do vosso dogma fundamental. Era de necessidade indeclinavel para garantia e penhor do triumpho e fructificação de vossas doutrinas que surgisse esta maravilhosa concepção de Deus feito carne.

«O polytheismo (diz ainda Laffite) o tinha tão bem comprehendido, que fez dos seus deuses, seres superiores ao homem pelo poder, mas que lhe são tambem superiores pelo vicio, tanto elles tem guardado da natureza humana. O catholicismo o comprehendeu talvez melhor ainda: todo imbuido de platonismo, todo saturado da metaphysica alexandrina, soube dominar assaz uma tendencia, que julgava funesta, para introduzir em seu dogma um Deus tão abstracto como o deus de Platão, mas, ao mesmo tempo, mais humano, si é possivel, que os deuses da *Illiada* e da *Odisséa*».

E' certo que, mesmo n'aquella epoca, em que faltava uma sã critica philosophica, não foi sem muito esforço e grande lucta que conseguiu a igreja catholica fazer triumphar a sua doutrina.

Tivestes que bater em primeiro lugar a terrivel heresia de Arius,

Sirvo-me, n'esta exposição, dos estudos do chefe do positivismo orthodoxo na actualidade.

Sob Constantino, sustentou o padre de Alexandria que

«houve um tempo em que o filho de Deus não existia, que elle foi feito depois, e que foi feito tal qual o são naturalmente todos os homens. Deus tendo tudo feito do nada, e o filho de Deus sendo comprehendido na criação de tudo o que existe, elle é tambem de natureza contingente e susceptivel de vicio e de virtude».

Isto importava negar a divindade do Christo. Seria uma calamidade para o catholicismo, triumphar uma semelhante doutrina. Fortes e valorosos, aquelles luctadores, que dirigiram o movimento catholico condemnaram com a sabedoria politica, que os caracterisava, esse ataque á divindade do filho de José, e proclamaram no concilio de Nicéa (1325) o symbolo da consubstancialidade :

«Nós cremos em um só Deus, pai todo poderoso, creador de todas as cousas visiveis e invisiveis, e em um só Senhor Jesus Christo, filho unico de Deus, engendrado do pai, isto é, da substancia do pai, Deus de Deus, luz de luz, etc.»

Havieis assim suffocado o demonio da impiedade. Estava garantido o vosso triumpho. Mas tivestes de luctar contra uma nova heresia. Nestorius tentou uma explicação do dogma da divindade do filho de Maria. Para Nestorius «Maria devia ser chamada mãe de Christo e não mãe de Deus, porque o corpo do seu filho não tinha sido de alguma sorte senão o receptaculo, o templo em que passagieramente se havia abrigado a divindade.»

Cyrillo defendeu o catholicismo contra o bispo de Constantinopla, e introduzio na crença catholica o dogma da *união hypostatica*, pelo qual a igreja reconhece que a virgem Maria é realmente mãe de Deus, pois que ella engendrou, segundo a carne, o Verbo de Deus feito carne, e declara que o Verbo, que procede do Deus pai, é unido á carne segundo a hypostase, e que com esta carne elle faz um só Christo, que é Deus e homem ao mesmo tempo.»

Ainda revelastes o vosso tino politico, condemnando a doutrina de Nestorius no concilio de Epheso.

Eutichio surgiu ainda ao vosso encontro. Sahistes victoriosos ainda d'esta lucta formidavel. E o papa Leão redigio a condemnação da heresia, sendo essa condemnação approvada pelo concilio de Epheso.

Foi no meio d'essa lucta que, comprehendendo os destinos de vosso dogma, conseguistes firmal-o definitivamente até que a

razão esclarecida e o escalpello da critica fizesse a autopsia d'esse titan da idade médieval.

A proposito de Christo magoou-vos tanto a minha lingua-gem! Alguns dos vossos leitores *ingenuos* tem fallado da minha impiedade e irreverencia.

Tenho necessidade de mostrar como se discute no mundo scientifico a personalidade divina do martyr do Golgotha.

«Façamos justiça aos deuses, mas sómente justiça, e nada mais.

«Nossa imparcialidade para com elles será um garante da de que somos capazes para com os homens. No momento em que Jesus appareceu, mil annos de progressos rapidos se haviam realisado. Todas as glorias do espirito humano tinham, juntas ou alternativamente, illuminado as gerações contemporaneas com os clarões do genio ou com os reflexos menos brilhantes, porém mais duraveis, dos estudos dos sabios.

«Sentia-se já que a humanidade, fatigada de um vôo tão rapido, ia parar. Foi então que o propheta gallileu veio misturar a muitos sonhos orientaes alguns preceitos moraes, que outros tinham ensinado desde muito tempo, ao menos no que elles encerram de incontestavelmente verdadeiro, justo e bom, e que elle teve sómente o merito de expôr sob uma fórma original, symbolica e popular, á qual sua eloquencia persuasiva dava um poder de arrastamento irresistivel». (Darwin, *Origem das especies*.)

O christianismo foi um fructo do tempo. Uma arvore frondosa, seja; mas uma arvore que floresceu sobre um terreno fertilisado por uma lenta e secular preparação.

«Encerrado neste pequeno mundo (Nazareth) Jesus appren-deu de certo o que ensinava o *hazzan*, ou leitor das synagogas, mas não é de crêr que frequentasse a escola superior dos escribas ou *suferim*. Não estudou grcoo nem se iniciou na cultura hellenica, aliás muito diffundida, então na Judéa, nas cidades habitadas por pagãos.

«O seu idioma natal era o dialecto syriaco, mesclado de hebraico. A sua educação foi exclusivamente judaica; todavia, ficou tão alheio á extravagante escolastica, que no seu tempo se ensinava em Jerusalem, como aos ensaios de philosophia religiosa da escola israelita de Alexandria; e apenas é licito suppor que não desconheceu totalmente os principios apostolados por Hillel.

Si é possível deduzir da sua doutrina e dos seus actos a historia do seu espirito, a leitura dos livros do Antigo Testamento causou-lhe profunda e indelevel impressão; essa leitura inspirou-lhe gosto, aliás geral, pelas interpretações allegoricas e pela poesia dos psalmos.

«Os prophetas exaltaram-lhe a imaginação e foram como os seus mestres.

«O livro de Daniel, talvez os de Henoch, começaram a modelar-lhe a intelligencia. Scismador, imaginoso e credulo, absorveu-se na crença da vinda do Messias, na contemplação idéal dos quadros propheticos, illuminados todos pelos raios da colera e da gloria de Jehovah; e, ignorante como era das realidades politicas e sociaes do mundo, começou a viver mentalmente nas regiões do sobrenatural. Logo na infancia, diz-se, manifestou a vocação dos genios destinados a serem guias da humanidade. Conta-se que ainda menino discutia com os doutores na sinagoga.» (*Historia universal* de Cezar Cantu, reformada por Antonio Ennes.)

Isto tudo é uma profanação. E entretanto, a critica religiosa e philosophica é que foi revelar estas verdades. Foram os orientalistas eminentes, que consumiram annos de estudos, consultando os archivros da historia. Correram atraz d'esses preciosos e raros filões, que encerra o passado, e foram buscar lá no fundo dos seculos essas revelações, que são o vosso espantallo.

A critica philosophica reduziu á sua ultima e verdadeira expressão a vossa idéa de Deus.

Ninguém procurou ainda melhor do que Comte uma comprovação historica da evolução do espirito humano. E esta investigação revelou a relatividade e a significação historica do dogma de um ser supremo.

Foi ainda a critica que espancou a revelação e o milagre. Desappareceram o culto do Sinai e a visão do Oreb.

«Só ha uma revelação: é uma revelação permanente do homem a si mesmo e por si mesmo, é uma revelação racional, que não é senão a resultante dos progressos da sciencia e da consciencia contemporaneas, é uma revelação sempre parcial e relativa, que se effectua pela aquisição de verdades novas e mais ainda pela eliminação de antigos erros.» (Madame Clemence Royer).

Foi desta natureza a revelação positiva de Comte. A interpretação theologica do universo se revelou como uma phase

primitiva do espirito. O antropomorphismo é o primeiro degrau da escala que percorre o espirito humano na cognição da natureza, a primeira solução do problema.

«A todos os respeitos, vosso verdadeiro ponto da partida, intellectual ou moral, é inevitavelmente muito humilde; o homem começou por toda parte pelo fetichismo o mais grosseiro, como pela antropophagia a melhor caracterisada.

«E ainda que nós estejamos felizmente assaz affastados do fetichismo para não mais concebê-lo facilmente, cada um de nós não tem senão remontar sufficientemente em sua propria historia individual para ahí achar a fiel representação de um tal estado inicial. Todos os philosophos, que souberem hoje se desprender das opiniões vulgares, sentirão logo, que o fetichismo constitue necessariamente o verdadeiro fundo primordial do espirito theologico, encarado em sua mais pura ingenuidade elementar, e, não obstante, em sua mais inteira plenitude intellectual: só então conviria eminentemente a celebre fórmula de Bossuet: *Tudo é Deus, excepto o proprio Deus*, comtanto que se a applicasse a um ponto de partida e não a uma chimerica degeneração: porque pôde-se estrictamente dizer, com effeito, que, desde esta primeira epoca, o numero dos deuses foi sem cessar decrescendo.

«Assim a philosophia theologica convenientemente aprofundada, tem sempre por base o puro fetichismo, que divinisa instantaneamente cada corpo ou cada phenomeno susceptivel de attrahir com alguma energia a fraca attenção da humanidade nascente.»

(Comte. *A philosophia positiva*.)

Tendo procedido com aquella profundeza propria do seu genio á analyse do polytheismo, Comte faz perceber a facil e gradual transicção para a derradeira phase do estado theologico.

O dogma polytheista do destino *encarado como o deus proprio da invariabilidade, devia inevitavelmente acabar por determinar uma irresistivel convicção, base primordial e unanime de um novo regimen mental.*

Esse regimen novo é o monotheismo.

«Não se pode desconhecer um tal modo principal de transicção, reflectindo-se que a providencia dos monotheistas não é realmente outra cousa senão o destino dos polytheistas, tendo herdado pouco a pouco diversas attribuições preponderantes das outras divindades, e ao qual essencialmente apenas bastou dar um caracter mais concreto.

«Porque o monothéismo absoluto, tal qual o entenderam nossos deistas metaphysicos (sic), desde a decadencia radical de toda a philosophia theologica, isto é, rigorosamente reduzido a um só ser sobrenatural, sem nenhum intermediário, d'elle para o homem, *constitue certamente uma pura utopia*. Toda a transformação essencial consistiu pois verdadeiramente, em geral, em disciplinar e moralisar a innumeravel multidão dos deuses, subordinando-os directamente, de um modo regular e permanente, á suprema preponderancia de uma vontade unica, assignando, a seu talante, o officio de cada agente mais ou menos subalterno.»

O vosso monothéismo, como todas as outras formas, que elle revestio, foi um resultado da abstracção a mais generalizada. Uma fusão das multiplas divindades polytheicas, desde então subordinadas ou absorvidas por esse ser supremo, esse grande architecto, esse inepto machinista, na vossa insuspeita opinião.

Para esclarecer esta questão do modo de criação da idéa de Deus, cousa que hoje não desconhece quem está a par da evolução mental da nossa epoca, cito-vos ainda Herbert Spencer:

«As crenças primitivas, bem que dominadas pela idéa de que existiam poderes pessoases, que ninguém via, concebiam entretanto estes poderes sob formas perfeitamente concretas e vulgares, e os assimilavão aos poderes visiveis, os homens e os animaes, dissimulando assim, sob disfarces tão pouco mysteriosos quanto possiveis, — uma vaga idéa de mysterio. As concepções polytheistas, em suas phases avançadas, representam as personalidades directrizes, sob formas muito idealisadas, situadas em uma região longinqua, obrando por meios que escapão ao homem, e communicando com elle pelos augures e pessoas inspiradas; isto, é, que, para o polytheismo, as causas primeiras das cousas são menos familiares e menos intelligiveis. O desenvolvimento da fé monothéista, acompanhada da negação das crenças que assemelhavão a natureza divina á natureza humana em todas as suas tendencias inferiores, nos mostra um novo progresso n'esta direcção; e, posto esta fé elevada não se tenha realisado senão imperfeitamente desde então, nós vemos entretanto, nos altares levantados ao «Deus desconhecido e incognoscivel» e na adoração de um deus que nenhuma investigação podia fazer achar, um reconhecimento claro do mysterio insondavel da criação».

São de grande valor as palavras de Huxley, o critico severo

de Comte. Discutindo a celebre lei dos tres estados o professor inglez assim se exprime:

« Ha selvagens sem deuses, qualquer que seja o sentido legitimo dado a esta palavra, mas não os ha sem espiritos e sem duendes. O fetichismo, o culto dos antepassados ou dos heróes, a demonologia dos selvagens primitivos são, a meu vêr, seus modos diferentes de exprimir a crença nos espiritos e sua interpretação antropomorphica dos acontecimentos insolitos que a acompanham. A feitiçaria, a magia, traduzem estas crenças na pratica, e são, no nosso modo de entender o culto religioso, o que é, para a theologia, o antropomorphismo ingenuo das primeiras idades.

« Nos progressos que faz a especie para passar do estado selvagem para uma civilisação avançada, o antropomorphismo, se desenvolvendo, torna-se theologia, enquanto que a interpretação physica da natureza, o *physicismo*, torna-se sciencia.»

Quero fornecer mais uma victima aos vossos doestos. Cito ainda :

« Ha primeiramente no espirito dos povos e dos individuos taboa rasa completa, ausencia absoluta de idéas, comprehendida a de Deus.

« Quando o homem tem ganho algum lazer, alguma tregoa em seu duello com a natureza, começa elle a especular, ácerca das emoções, das admirações que nelle desperta o mundo exterior.

« As explicações, que elle forja, primeiro pueris, tornam-se cada vez mais sabias; porque a experiencia as critica incessantemente. Muito pouco habil no começo da investigação das causas, o homem crêa primeiro talismans, encantos; adora os animaes que lhe fazem a guerra, os flagellos naturaes, que aterram e matam. E' assim que o Aino deificou o urso; o japonez, as trombas; o antigo mexicano, a syphilis; os antigos romanos, a febre etc.

« Pouco a pouco a synthese final se constroe; os deuses diminuem em numero e simplificam-se. Amputa-se-lhes um dia tal attributo, outro dia, tal outro. Crê-se depois que é um só Deus que governa o universo. Este Deus mesmo se gasta, se attenua cada vez mais, para chegar enfim a não ser mais do que a impalpavel entidade dos espiritualistas modernos.» (Letourneau, *Science et Materialisme*).

Ora, eis ali como os homens de sciencia tratam do vosso espantallo, do vosso formidavel regedor do mundo. Estais no vosso direito desconhecendo os resultados a que chegou a critica philosophica, mas não estais no vosso direito, querendo discutir as vossas doutrinas á luz da sciencia, e querendo fazer crêr que o edificio do catholicismo ainda é sustentavel no seculo XIX.

A sciencia eliminou Deus, isto é, a fórma que destes ao absoluto, ao incognoscivel.

Já o programma do Positivismo de Comte foi tentar a reorganisação social sem Deus e sem rei.

E referindo-se á esta empreza do eminente auctor da «Philosophia Positiva», assim se exprimiu Huxley:

«Este philosopho me tinha convencido de que é não só possivel organizar a sociedade sobre uma base nova e puramente scientifica, mas, ao mesmo tempo que é este o unico fim valioso a que devem tender todos os nossos debates e as nossas luctas politicas.» (*Du positivisme daus ses rapports avec la science.*)

IX

Os meus adversarios atreveram-se a provocar uma discussão sobre o darwinismo. Sem entrar desde já em um semelhante assumpto, onde pretendem emmaranhar-se aquelles que discutem, com as noções do catholicismo do sr. D. Antonio, as mais alevantadas questões de philosophia, seja-me licito derrocar o castello, que os senhores catholicos julgaram existir nas palavras do professor Agassiz sobre o darwinismo.

Aqui está a opinião do eminente professor Haeckel, relativa á critica de Darwin por Agassiz, critica que o professor allemão pulverizou:

«O unico adversario scientifico eminente, que, até agora, tem atacado Darwin e a theoria da descendencia inteira, é Luiz Agassiz, mas, a fallar a verdade, as objecções que elle produz não merecem ser mencionadas senão a titulo de simples curiosidade scientifica.

«O biologista, a par dos factos, deve verdadeiramente admirar-se da coragem com que Agassiz formula asserções absolutamente sem fundamento e ás quaes elle proprio não póde dar fé! A inabalavel força da theoria da descendencia consiste precisamente

em que só ella póde explicar o conjuncto dos factos biologicos, que sem isso, ficam no estado de milagre incomprehensivel. Todos os nossos conhecimentos adquiridos em anatomia comparada, em embryologia e em paleontologia, tudo o que nós sabemos da distribuição geographica e topographica dos organismos, etc., tudo isto testemunha irrecusavelmente em favor da verdade da theoria da descendencia.

« Em minha *Morphologia geral*, e particularmente no livro sexto d'esta obra, na philogenia dos generos, eu cuidadosamente refutei o — *Essay on Classification* de Agassiz em todos os seus pontos essenciaes. No capitulo vinte e quatro, submetti a um exame detalhado e estrictamente scientifico o capitulo mesmo, que Agassiz considera como o mais importante, a saber, a parte que trata da gradação dos grupos ou categorias do systema, e mostrei que lá havia simplesmente um castello de cartas sem consistencia. Mas, Agassiz não se dignou dizer uma palavra sobre esta refutação; tambem lhe seria impossivel allegar contra, alguma cousa de plausivel. Não é com provas que elle lucha, é com phrases! Uma opposição d'esta natureza é feita, não para retardar, mas antes para apressar o triumpho completo da theoria da evolução.»
(Haeckel, *Historia da criação*.)

Ainda sobre Agassiz seja-me permittido citar mais algumas linhas do mesmo eminente auctor, a quem já copiei o trecho acima. Lêde:

« A obra de Agassiz está tão espalhada, elle tem uma tal autoridade, bem merecida aliás, si se cuidar nos serviços prestados á sciencia por seu auctor, que eu julguei dever fazer sobresahir em algumas palavras a grande fragilidade das vistas geraes que ahí são expostas. Como historia natural da criação, este livro é absolutamente sem valor; mas de outra parte tem elle um, e muito grande, porque é o unico trabalho moderno, no qual nos seja dado vêr um naturalista eminente se esforçar explicitamente, e com um apparelho de demonstração scientifica, por fundar uma historia da criação theologica e dualista. Isto faz saltar aos olhos de todo o mundo, quanto a realisação de uma semelhante tentativa é profundamente impossivel. Nenhum adversario de Agassiz combateu suas concepções dualisticas, sobre a natureza e origem dos seres organicos, de um modo tão concludente como elle proprio, pelas contradicções flagrantes de que está cheio o seu trabalho.

« Os adversarios da concepção monistica ou mecanica do mundo saudaram com alegria a obra de Agassiz ; elles olham-n'a como uma demonstração perfeita da actividade creadora de um Deus pessoal. Mas não notam que este Deus pessoal é simplesmente um organismo idealizado, dotado de attributos humanos. Esta idéa dualista e tão vulgar de Deus responde a um gráo de desenvolvimento animal inferior na natureza humana.»

Os meus adversarios citarão as palavras de Jules Simon : « ...il n'ya que les esprits faibles qui croient tout expliquer et tout comprendre.»

E' a mais formal condemnação das vossas doutrinas. Nunca fostes mais infelizes nos vossos botes. Isto é um golpe vibrado completamente *en arriere*. Lavrastes inconscientemente a vossa sentença. E' proprio dos espiritos fracos o que fazeis : uma tentativa de tudo comprehender e explicar.

Só a mais crassa ignorancia ou a mais revoltante má fé poderia levar-vos a desvirtuar tão atrozmente a — Philosophia Positiva, — fazendo crêr que ella é uma tentativa de explicação de tudo.

Quaes são os fundamentos da Philosophia Positiva ? A sciencia. Onde esta não fôr, aquella, que é uma synthese baseada nas verdades adquiridas no terreno scientifico, não irá tambem.

Mas onde, quando a sciencia tentou tudo explicar e comprehender ? Si ella, fechada no circulo da relatividade, não attingiu e não conheceu jámais o absoluto ! Si ella vem fazer publica confissão de ignorancia diante do que chama o — incognoscivel !

Quando, onde a sciencia foi além da constatação das leis fundamentaes dos phenomenos ? Onde foi ella além do conhecimento das relações fixas que mostram as variações de um phenomeno dependendo immediatamente das variações de outro ?

O que é uma lei senão a traducção symbolica do como de producção dos phenomenos, ligados pela relação de antecedencia e sequencia ? Tentou alguma vez a sciencia conhecer o porque das cousas ?

Isto não constitue o caracter proprio da philosophia theologica e da philosophia metaphysica ? E a philosophia positiva, não é ella uma revolução no mundo philosophico, não denota uma nova orientação do espirito humano ? A philosophia positiva não é uma renuncia á tentativa de tudo comprehender e explicar ? Que tem que vêr os seus adeptos, no ponto de vista

da relatividade em que se collocam, pela natureza propria de suas doutrinas, com as palavras de Jules Simon, que tão desastrosamente citastes ?

Deveis saber, ou então abandonai uma discussão onde só se póde entrar com dados seguros e reaes, que a Philosophia Positiva é uma integração scientifica.

Qual é o problema da philosophia, esse fundo commum que existe no seio de todos os systemas philosophicos ? Uma explicação do universo.

E de que modo ha o espirito humano dado solução a essa questão eternamente formulada diante de si ?

De dous modos geraes : ou seguindo exclusivamente a via do subjectivismo, ou guiando-se pelos dados do objectivismo.

No primeiro caso temos a philosophia theologica e a philosophia metaphysica ; no segundo caso temos a philosophia positiva.

Aquellas, partindo das vistas do espirito imaginavam systemas geraes, que, satisfazendo a ávida curiosidade humana, tentavam uma solução de todas as questões, e uma explicação de tudo.

Ou concebiam a existencia de um ser supremo, uma entidade absoluta, que fabricou o universo ao modo de qualquer operario : ou procuravam explicar o universo, concebendo-o, produzindo-se, ou creando-se a si mesmo.

Qualquer solução neste sentido é uma hypothese anti-scientifica, que escapa ao criterio verificador da experiencia.

É o que veio fazer a philosophia positiva ? Tentar ainda uma explicação do universo.

Como ? Decifrando-o em sua origem e finalidade, procurando conhecer as cousas em sua essencia ? Não : conhecendo o que elle é pelo estudo das leis, que regem os phenomenos, que cahem sob o dominio da observação.

E' a philosophia ainda hoje, e continuará a ser uma vista geral sobre o universo, mas relativa e scientifica, porque não ultrapassa o conhecimento positivo dos factos verificaveis e portanto provaveis. Isto é uma limitação, mas uma limitação fecunda em resultados beneficos á humanidade. O circulo da sciencia é um circulo elastico por assim dizer, cuja circumferencia é dilatada pelos seculos e pela acção dos grandes homens.

Sem ultrapassar jámais os seus limites fâtaes, a sciencia está sempre a récual-o.

Mas o incognoscível continúa a ser o incognoscível. Isto revela o caminhamento, que é característico da philosophia positiva, e o estacionamento que é proprio dos systemas philosophicos, que a tem precedido. A primeira é fertil em resultados tanto quanto as outras são estereis. Um caminha e progride á proporção que marcha o saber positivo, e as outras recuam na mesma proporção.

Só a profunda ignorancia do que seja uma lei, scientificamente fallando, póde permittir com que se avancem proposições assim descabelladas, fazendo acreditar que a sciencia tenta tudo comprehendere.

A sciencia ahí está. Ella verifica as leis dos phenomenos.

E em que consiste a explicação de uma lei natural?

Tres caminhos póde seguir a sciencia n'esta direcção, No 1.º caso, fazendo com que a lei do phenomeno seja mostrada resolúvel em outras leis mais simples e mais geraes.

Assim, tirando um exemplo a Stuart Mill, a lei do movimento de um planeta se resolve na lei da força tangencial, que tende a produzir um movimento uniforme na tangente, e na lei da força centripeta, que tende a produzir um movimento acelerado para o sol, o movimento real sendo um composto dos dous.

No 2.º caso, o espirito descobre entre os phenomenos correlacionados pela lei, um novo élo, um intermediario novo, que figura como consequente do primitivo antecedente, e como antecedente do primitivo consequente.

Para citar ainda um exemplo de Mill: « Sabia-se que a acção de tocar um objecto causa uma sensação. Descobrio-se depois que, tendo tocado o objecto, e antes de experimentar a sensação, tem lugar um mudança em uma especie de cordão chamado nervo, que se estende de nossos órgãos exteriores até ao cerebro. O contacto do objecto não é senão a causa remota da sensação, isto é, propriamente fallando, não é a causa, mas a causa da causa.»

O 3.º caso consiste ainda em explicar uma lei por outra mais geral, que abrange a primeira, como caso particular, e outras ainda. Como exemplo, póde citar-se a descoberta da gravitação universal por Newton.

Mas, em todos os casos, em que consiste a explicação de

uma lei da natureza? Simplesmente n'isto: substituir um mysterio a um outro mysterio.

«O curso geral da natureza não fica menos mysterioso, porque não se póde assignar um *porque* ás leis mais geraes como não se póde fazel-o ás leis parciaes. A explicação póde pôr um mysterio tornado familiar, e que por conseguinte não parece ser mais um mysterio, em lugar de um outro, que é ainda extranho a nós; e na linguagem usual é isto o que se entende por uma explicação.»

(Stuart Mill, *Systema de logica*, vol. I).

A vasta generalisação de Newton é uma lei, que, como casos particulares, explica uma copia de phenomenos: Os corpos se attrahem na razão directa das massas e na inversa do quadrado das distancias. Conhecido o caso simples da queda dos graves, Galileo estabeleceu a lei do phenomeno: os espaços percorridos por um corpo, que gravita para a terra, são proporcionaes ao quadrado do tempo. A lei mostra as variações de um elemento quando o outro varia.

Newton, devassando o segredo da natureza, assimilou a gravitação celeste á gravidade, e formulou, após um lento e trabalhoso estudo, a verificação da sua hypothese.

D'este modo os factos varios submettidos á lei da attracção foram reduzidos a ser uma integração das attrações moleculares. Um mysterio substitue um outro mysterio.

O espirito concebe mais facilmente uma attracção molecular do que uma attracção das massas? Não. A explicação, no seu sentido philosophico, consiste em collocar uma lei sob outra lei mais geral ainda.

Mas, o que fez o espirito humano depois de todos esses afanosos trabalhos? Apresentou, como resultado de suas longas luctuações, que os factos na natureza se passam *como se* os corpos se attrahissem de conformidade com a lei da gravitação universal. Um semelhante resultado satisfez o espirito humano, que não cogitou da natureza intima dos corpos, nem atirou-se ás divagações vãs da metaphysica.

Occulta fica sempre a causa fundamental do facto estudado.

E emquanto a lei é descoberta e applicada á explicação dos phenomenos pela sciencia, a metaphysica envereda pelo terreno das investigações estereis,

«Esta causa está no corpo ou fóra do corpo, é material ou espiritual, é essencial ao corpo ou lhe é communicada?» (Paulo Janet, *O Materialismo na Allemanha*).

Em todos os dominios da sciencia o espirito reconhece o mysterio insondavel e pára diante delle. Ultrapassar o limite da relatividade é *ipso facto* sahir do terreno da sciencia, e penetrar nas regiões aereas da metaphysica subtil.

Mas é preciso insistir em rebater a vossa proposição.

Em que departamento scientifico, em que região do saber vistes tudo comprehendido e explicado?

Pois o mathematico, por mais agigantado que seja a sua estatura, não se choca de encontro a questões insolueis? Sabe elle, e soube alguém explicar, o que é o espaço, o que é o tempo, o que é o movimento, o que é a força?

Kepler, Newton e Galileo, formulando as leis geraes da mecanica racional, tentaram conhecer em essencia os factos que traduziam? Estudando as propriedades numericas, geometricas, ou mecanicas, as mais simples e as mais geraes, que possuem os corpos, faz-se outra cousa que não seja estudar as leis dessas propriedades? Eu sei porque é que os corpos se movem sob a acção de muitas forças como si cada uma d'ellas obrasse isoladamente, sendo o resultado final igual á somma dos resultados parciaes, e a resultante a diagonal dos parallelogrammas construidos successivamente sobre essas forças individuaes e as suas resultantas parciaes, representadas por grandezas rectilineas?

Sei porque é que os corpos, uma vez em movimento, tendem a perseverar n'esse estado, ou, uma vez em repouso, tendem a permanecer tambem nas suas posições relativas, e que novos effeitos só poderiam ser produzidos por novas causas, o que constitue a lei de Newton?

Ensina-nos a mathematica a penetrar a essencia intima dos phenomenos? Nunca.

E conseguiu-o-á a physica?

O que é que ella nos diz das propriedades que estuda? Faz ella outra cousa que não seja verificar as leis dos phenomenos barologicos, thermologicos, opticos, acusticos ou electricos?

Não é secular a luta da theoria ondulatoria e emissiva em thermologia e em optica?

E mesmo quando se accete o ponto de vista da unificação dos phenomenos pela concepção do ether, que tantos vultos

eminentes, Sechi, Fresnel, Young, Helmholtz, Tyndall, etc., hão procurado cimentar, tem-se tudo explicado ou resolvido? ou tem-se apenas posto uma difficuldade em logar de uma difficuldade, um novo e mais profundo mysterio em logar de outro mysterio?

Como explicar a acção mysteriosa do ether? Então a physica não ultrapassa as barreiras da relatividade.

A theoria unitaria é uma vista mais synthetica sem duvida, mas não é a explicação ultima dos phenomenos.

E' certo que esta tendencia para a integração e unificação dos phenomenos é o fim da sciencia. Mas isto não constituiu nunca a solução do problema insolúvel da essencia das cousas.

Pelo que respeita ao departamento astronomico, a theoria nebular, apesar dos solidos fundamentos em que se esteia, vae além de todo o mysterio, e affasta todas as difficuldades, que a natureza levanta diante do espirito humano?

Explica-se por uma hypothese racional e scientifica, attento o seu caracter positivo e até certo ponto a sua verificabilidade indirecta e comprovação, explica-se, digo, a formação dos mundos. Mas no fundo da explicação scientifica não fica a materia disseminada e dotada de movimento? E, si assim é, póde se dizer que a sciencia tudo explica? O fundo de todas as cosmogonias, theologicas ou positivas, não é sempre desconhecido e inverificavel?

O vosso Deus, esse estatuario sem cinzel, é menos mysterioso que o atomo vivo, trabalhador, infatigavel, activo do materialista?

Theistas ou atheus, pantheistas ou materialistas, não sois forçados a reconhecer o mysterio insondavel das origens?

Em que caso tendes a pretensão de conhecer o absoluto?

Sempre que sahis do terreno seguro da sciencia.

Em nome de que sciencia fallais vós, quando vindes dizer que ella procura tudo comprehender e explicar?

O que é que ella vos diz sobre o substractum mysterioso dos corpos? O que é a materia? De que modo a conheceis?

Phenomenalmente. Mas ireis esposar o scepticismo de Berkeley, e sustentar que nada mais existe que não sejam as nossas sensações, o que já fizestes em um precedente artigo? O que é o scepticismo de Berkeley? Uma affirmação destituida de prova,

Sem duvida nós só conhecemos os corpos pela sua acção sobre os nossos sentidos.

«Nós não conhecemos nossa existencia senão pelas impressões, que experimentamos, e a dos outros seres, pelas impressões que elles nos causam... D'ahi se segue que nossas percepções são tudo para nós; que não conhecemos nada além das nossas percepções; que ellas são as unicas cousas verdadeiramente reaes para nós, e que a realidade, que nos reconhecemos nos sêres que nol-as causam, não é senão secundaria, e consiste no poder permanente de fazer sempre as mesmas impressões nas mesmas circumstancias.»

(Destutt de Tracy, *Ideologia* loc. cit. por Littré.)

Ou, para empregar a linguagem de William Hamilton :

« Das cousas absolutamente e em si, externas ou internas, nós nada conhecemos ou não conhecemol-as senão como incognosciveis; e não somos informados de sua incomprehen-sível existencia, senão emquanto nos são ellas indirectamente e accidentalmente reveladas atravez de certas qualidades relativas ás nossas faculdades de conhecer, qualidades estas, que não podem ser, além d'isto, concebidas como incondicionaes, não relativas, como existentes em si e por si. Tudo o que conhecemos são pois phenomenos, phenomenos do desconhecido.»

O scepticismo de Berkeley, que foi uma reacção contra o ultra realismo de Locke, tentou fazer desaparecer a noção intuitiva de um *que* mysterioso, occulto, que nós chamamos corpo.

O que eliminou-se foi a affirmacão categorica da existencia de um *subtractum* assentado, como uma realidade, diante do espirito.

« Nós sabemos que existe alguma cousa fóra de nós, porque não podemos explicar nossas percepções sem ligal-as a causas distinctas de nós mesmos; sabemos mais que estas causas, de que não conhecemos aliás a essencia, produzem os mais effeitos variados, os mais diversos e mesmo os mais contrarios, segundo ellas encontram tal natureza ou tal disposiçãõ do sujeito. Mas, sabemos nós alguma cousa mais? e mesmo, visto o character indeterminado das causas, que concebemos nos corpos, ha alguma cousa mais a saber? ha logar de cogitar si percebemos as cousas taes quaes ellas são? Não evidentemente... Eu não digo que o problema é insolúvel, eu digo que elle é absurdo e encerra uma contradicção. Nós não sabemos o que

estas causas são em si, e a razão nos véda de procurar conhecê-las; mas é bem evidente *á priori* que ellas não são em si o que são em relação a nós, pois que o poder do sujeito modifica necessariamente a sua acção.»

E si não sabemos o que é o corpo, seremos mais felizes com relação ao espirito?

De modo nenhum.

«Da mesma sorte, com effeito que nossa concepção de um corpo é a de uma causa desconhecida de sensação, a nossa concepção do espirito é a de um recipiente ou perceptive incognito das sensações; e não só das sensações, mas de todos os outros sentimentos; como o corpo é o mysterioso *alguma cousa* que excita o espirito a sentir, o espirito é o *alguma cousa* mysterioso que sente e pensa...

«Mas importa notar que, a respeito da natureza intima do principio pensante, como em relação á materia, nós somos e deveremos sempre, com as nossas faculdades actuaes, ficar completamente nas trevas.»

(Stuart Mill.)

Continuarei n'esta direcção, que importa mostrar a relatividade do conhecimento, e a modestia da sciencia.

Todo o mundo, que estuda, sabe destas cousas.

X

«A igreja, que sahio triumphante de combates tão formidaveis, ha de esmagar com muito mais facilidade essas ondas de positivismo que ora se insurgem contra o seu rochedo.»

Isto escreveram os meus adversarios, que têm os olhos fechados á luz da sciencia. Isto revela ainda a ignorancia em que laboram ácerca da natureza e dos principios constitutivos da philosophia positiva. Uma infeliz confusão leva-os a attribuir á philosophia positiva, essencialmente organica e progressiva, o que foi o trabalho da metaphysica critica e demolidora.

Abusando da bôa fé dos vossos leitores credulos, viveis a expôr o systema positivo como anarchico e immoral. Mas, dado de barato que assim seja, o que é que offereceis em lugar da

idéa nova? De que modo procurais salvar a sociedade da crise anarchica que atravessá?

Tentando um impossivel: uma retrogradação. O que é hoje o catholicismo? Uma sombra.

Motivou as palavras dos senhores catholicos, acima citadas, o haver eu, no ligeiro estudo do alvorecer do christianismo, revelado a série de seus triumphos.

Era elle então uma força. Mas, quando eu mencionava as successivas condemnações das heresias arianna, nestoriana, etc., pelos decretos dos concilios, de modo nenhum queria significar que era a verdade que ficava de pé. Nunca. Fazia justiça, seguindo como confessei então, as pegadas de Comte n'este estudo, fazia justiça ao tino politico dos chefes da nova religião, e dos propagadores da nova fé.

Si o catholicismo era uma força social, era mister fazer com que fossem convergentes os elementos que a constituíam.

Uma scisão era altamente inconveniente, e o catholicismo não teria sido o que foi: o laço poderoso de consolidação dos Estados esparcos sobre o occidente. E', prestando homenagem a esta lista larga dos defensores do evangelho, que reconhecemos como um triumpho para a igreja, o ter ella esmagado as heresias nascentes e garantido o edificio christão.

E' a relatividade, que caracteriza a philosophia positiva, e que foi o criteriu que ella introduziu no dominio da historia, que lhe permite um juizo seguro e desapaixonado sobre as vossas doutrinas.

Mas é juizo proferido mesmo em relação ao passado.

E' uma verdade o que dizeis, e nós o confessamos, e procuramos provar. Já vae contado por seculos o periodo em que o espirito positivo tem começado a implantar-se na consciencia humana.

Como a philosophia positiva é a integração do saber experimental e real, segue-se que são suas paginas constitutivas, todas essas folhas espalhadas na noite do tempo, e onde os genios, que hoje vivem no céu da historia, consignam os seus triumphos sobre o mysterio da natureza.

Platão e Aristoteles são na velha Grecia os representantes, um do espirito metaphysico, outro do espirito positivo. De então para cá este não tem cessado de crescer. Apoderou-se de todos os dominios do saber, de todas as regiões onde trabalha o es-

pirito humano, penetrou em todos os departamentos e só então foi possível uma definitiva constituição da philosophia positiva.

A Comte cabe a gloria de haver preparado este passo decisivo, pela concepção de uma physica social, que foi a introdução do espirito positivo no dominio dos factos sociologicos.

Esta verdade, que vai felizmente augmentando cada vez mais o numero dos seus adherentes, está longe entretanto de um imperio sobre todas as consciencias.

Ainda hoje se crê na revelação e se crê no milagre. Ainda hoje os nossos estadistas appellam para a Providencia divina. O sr. de Sinimbú, ha pouco pedia o auxilio de Deus diante da tempestade que ameaçava a náó do estado, entregue a tão infortunado palinuro. Mas, apezar de todas estas crenças vãs e supersticiosas, que constituem o fundo da religião popular, o que é o catholicismo para tentar uma lucta com a philosophia positiva?

Mas em nome de que principio vindes luctar? O que é que vindes allegar no tribunal philosophico, onde quereis comparecer, uma vez que o vosso velho Deus já foi juntar-se ao Deus grego e ao Jupiter optimus maximus dos romanos?

A sciencia eliminou o vosso ponto de apoio. Não que a philosophia positiva seja o atheismo. E' uma imputação falsa. Já vol-o disse e repito: quando se falla na eliminação de Deus, é de uma eliminação relativa que se trata. Como dizia o astronomo: a sciencia não tem necessidade dessa hypothese. Eu aproveito uma comparação que já empregastes, e que é até classica.

Descobrio-se que o complicadissimo machinismo, que se chama universo, não tem sido até hoje desarranjado. Comprovou-se que elle funciona sem a intervenção de quem quer que seja. E' uma especie de machina a vapor, onde se inaugurou o *moto continuo*, apezar da equação do trabalho. Inferir d'aqui, desta negação relativa e scientifica, que a philosophia positiva é o proprio atheismo, é revelar desconhecer um e outro systema.

Com effeito: o que é o atheismo?

No fundo uma affirmação tão inaceitavel sobre a origem do Universo como o teleologismo? Uma negação tão infundada como a affirmação theista.

Comte no quinto volume da sua *Philosophia* escreveu o seguinte:

« Ainda que esta phase final da philosophia metaphysica (o atheismo) deva ser por isto mesmo, segundo nossa theoria, mais aproximada do estado positivo, e formar assim, sobretudo hoje, uma ultima preparação indispensavel ao verdadeiro regimen definitivo do entendimento humano, só uma *apreciação superficial ou de má fé* pôde fazer confundir com a philosophia positiva uma doutrina tão eminentemente negativa, necessariamente mais transitoria que qualquer outra, que condemna, de uma maneira dogmaticamente absoluta, toda cooperação essencial das crenças religiosas na evolução geral da humanidade, onde a philosophia positiva, ao contrario, lhes assigna racionalmente, segundo sua lei mais fundamental, um officio inicial, muito tempo indispensavel, a todos os respeitoos, bem que necessariamente provisório. A preponderancia de um tal systema não poderia, no fundo, dar, na pratica, substituindo o culto da natureza ao do creador, senão em organizar uma sorte de pantheismo metaphysico, de onde o espirito poderia facilmente retrogradar para as diversas phases successivas do systema theologico mais ou menos modificado, de modo a constituir bem cedo uma situação ainda mais affastada do verdadeiro regimen positivo do que o estado puramente catholico.»

E' sempre relativa a negação do positivismo em nome da sciencia. E' assim que se nega a revelação e o milagre.

A prova de que nenhum valor scientifico tem hoje o catholicismo, é que vos nada articulastes quando o obscuro auctor destas linhas mostrou a inanidade dos principaes dogmas accessorios do catholicismo. O que é o catholicismo pôde se dizer em duas palavras.

Dil-o-á Lefèvre (*A Philosophia*);

« Um deus caprichoso que se diverte em crear o homem para experimental-o; o capricho deste deus, sua graça, posta em logar da justiça; o culto deste deus resumindo toda a virtude; a bondade deste deus deixando ao homem a liberdade do mal; a vingança d'este deus ferindo o homem ao qual elle recusou sua graça; o homem mais innocente ferido de uma quéda original de que não podem salvar-o seus meritos; Deus enviando um redemptor, que é o filho, e que se incarna em um embryão concebido sem peccado por uma mãe immaculada; este seu filho morrendo, ainda que immortal; este deus filho provido de uma natureza humana precivel, e no entretanto co-eterno de seu

pai; o pai e o filho unidos por um outro deus, o espirito santo, que foi o pai do filho do pai, e que participando de ambos, lhes é co-eterno; estas tres pessoas chimericas, mas perfeitamente distinctas e diversamente adoradas, não formando senão um só e mesmo deus a um tempo pai, filho e intermediario: *agri somnia.*»

Mas vós que haveis luctado com vantagem contra as heresias nascentes dos primeiros seculos, porque não soffocais hoje a hydra da impiedade? Ella ahi está terrivel, medonha, real.

E' que hoje sois apenas um corpo em liquidação. E' um ponto sobre que se não pôde assaz insistir, a comprovação feita por Comte da vossa expontanea dissolução, muito antes que o monge de Mansfeld vos desfechasse os seus terriveis golpes desapiedados.

E' que havia no vosso proprio seio, no meio das condições mesmas de existencia, germens de futura dissolução e ruina. Todos os dogmas accessorios de que lançaram mão os successores de Christo, e defensores de sua religião, deviam necessariamente diluir-se no momento em que se abalasses os seus fundamentos.

E assim succedeu.

Antes que o protestantismo surgisse, e iniciasse a critica systematica das vossas doutrinas, já o catholicismo começava a retirar-se do drama social, fraco e impotente.

Uma critica menos profunda exaggera a influencia protestante n'essa obra de demolição, e a falta do criterio positivo n'essa apreciação dos phenomenos sociaes, faz com que se estenda o campo da individualidade, levando a crêr que Lutero foi o assassino do catholicismo.

« Ainda que, por sua alliança com o renascimento do paganismo antigo, o principio protestante tenha assim dado um energico impulso á secularisação da idade média christã já atacada pela base, usar-se-ia de uma expressão inexacta chamando-lhe o assassino do christianismo. No tundo elle não foi senão o *coveiro*. O protestantismo não despedaçou senão um organismo privado de vida, e o esforço que fez o catholicismo para se collocar de novo sobre a sua séde e luctar contra o adversario repentinamente accrescido não foi senão a galvanisação de um cadaver. Com effeito depois da reforma, o catholicismo não teve mais que um simulacro de vida. » (Hartmann, *A religião do futuro.*)

De facto já aquella solida organisação, que mereceu do

fundador do positivismo a denominação de — obra prima de politica, — se havia lentamente arruinado. A revolta dos cleros nacionaes e dos chefes temporaes começara quebrando a unidade catholica, sacudindo a tutella do successor de S. Pedro, em quem não enxergavam o inspirado do santo espirito.

Esta insurreição contra o chefe supremo da igreja catholica arrastou comsigo o immediato esphacelamento da organização espiritual da idade média, como a revolta das communas quebrou a organização feudal no temporal.

Só então foi possível a revolução do protestantismo. As épocas é que formam os homens. Os acontecimentos sociaes são preparados de longa data. São o resultado final de uma série extensa de antecedentes convergentes. A reforma systematisou apenas o que era já o estado mental da sociedade n'aquelle tempo. Isto acontece em todas as épocas, e em todos os dominios. O christianismo seria um impossivel, e nunca essa arvore frondosa teria creado raizes no occidente europeu, se não encontrasse o terreno-fertilisado e removido pela metaphysica, que de longa data o trabalhava.

O que é que elle trazia de novo? O que significava todo o seu corpo de doutrina se não a systematisação das idéas que de muito preocupavam o espirito da população polytheista? Pois o monotheismo teria surgido assim *ex-abrupto*, e a humanidade teria passado bruscamente dos braços de Jupiter para o cóllo de Deus, e da adoração da formosa Venus para o culto de Maria?

Ninguem pintou melhor do que de Maistre essa transicção gradual do polytheismo grego-romano para o monotheismo christão. E' um auctor insuspeito, um dos mais abalisados e mais logicos defensores do velho e genuino catholicismo.

Leamol-o:

« A capital do paganismo estava destinada a tornar-se a do christianismo; e o templo que nesta capital encerrava todas as forças da idolatria, devia reunir todas as luzes da fé. TODOS OS SANTOS em lugar de TODOS OS DEUSES... O nome de Deus sem duvida é exclusivo e incommunicavel; entretanto ha muitos deuses no céu e sobre a terra... Os deuses do christianismo são os santos.

.....

« PEDRO com suas chaves expressivas, eclypsa as do velho JANUS. Elle é o primeiro por toda a parte, e todos os santos

não entram senão depois. *O deus da iniquidade*, PLUTUS cede o logar ao maior dos thaumaturgos, ao humilde FRANCISCO... *A virgem immaculada*, a mais excellente de todas as creaturas na ordem da graça e da santidade (*gratia plena, dominus tecum*); *a primeira da natureza humana, que pronunciou o nome salve*; aquella de quem o eterno abençoou as entranhas, soprando-lhe o seu espirito, e dando-lhe um filho, que é o milagre do universo, aquella, a quem foi dado gerar seu creador, que não vê senão Deus acima d'ella, e que todos os seculos proclamaram feliz; a divina MARIA sobe o altar de VENUS PANDEMICA. (*Du pape, de Maistre*).

O christianismo foi uma phase de transicção do espirito humano; um estado da progressão social.

Não foi pois um excepção á lei social.

«O christianismo é um facto muito complexo para ser referido a uma só origem, sobretudo a uma origem philosophica. Si elle teve que impregnar-se das idéas correntes de seu tempo; si elle para se fazer acceptar dos gentios, teve que colorir com a philosophia alexandrina as crenças tiradas aos persas pelos prophetas e pelos doutores phariseus (Jesus, filho de Sirach, Hillel, Gamaliel), e a sua lenda, forjada segundo algumas indicações exparsas nos livros judeus; si elle copiou todos os seus dogmas e todos os seus mysterios, toda a sua moral, porque elle nada tem que lhe seja proprio, nem a immortalidade da alma, e a justiça de além tumulo, nem o dualismo do bem e do mal, nem os anjos, nem a mediação, nem a unidade de Deus, nem a trindade, nem a incarnação, nem a redempção, nem o desprendimento dos bens, terrestres, nem o amor do proximo; si elle foi emfim um mosaico confuso de todas as mythologias e de todos os systemas, é que é preciso procurar mais adiante, sob todos estes accessorios mal soldados de que elle se fez corpo, o ponto de partida de sua expansão, o principio de sua força.»

Esta origem puramente humana ha sido revelada pela critica historica, que desfez o lado phantastico do catholicismo, o qual vós persistis em defender. E ainda hoje fallaes na divindade do filho do carpinteiro de Nazareth.

Mas, apertados pela logica e pelo raciocinio, fugis diante da discussão e recuaes vencidos ao vêr o bisturi frio e impassivel da critica, escondendo-vos por detraz da bandeira esfarrapada da revelação e do milagre.

Já o protestantismo chamou-vos á discussão e á polemica. Mas seria a reforma capaz de suffocar-vos? O que era no fundo a tentativa dos reformadores protestantes? Um catholicismo sem as condições necessarias de vida. Queriam um organismo amputando-lhe os membros essenciaes.

O protestantismo queria conservar a organização catholica, impedindo a systole e a dyastole pela obstrucção das valvulas do coração.

Para citar Comte ainda uma vez:

«Considerando o conjuncto do protestantismo, é claro que a suppressão da centralisação papal, e a submissão da autoridade espiritual ao poder temporal, constituem os unicos pontos importantes communs a todas as seitas, os unicos que tinham ficado sempre intactos no meio de innumeraveis variações. A celebre operação de Luthero, apezar de seu feroso brilho, se reduziu immediatamente á consagração fundamental d'este primeiro gráo de decomposição da constituição catholica, pois que ella não attingiu primeiramente o dogma senão de um modo muito accessorio, e respeitou mesmo essencialmente a hierarchia, e não alterou gravemente senão a disciplina.

«Ora, si se analysa politicamente estas ultimas alterações, verdadeiramente characteristics, vê-se que ellas consistiram sobretudo na abolição combinada do celibato ecclesiastico e da confissão; isto é, precisamente nas medidas que, além da energica adhesão espontanea das paixões humanas no seio mesmo do sacerdocio, eram então as mais proprias para consolidar a ruina anterior da independencia sacerdotal, á qual esse duplo apoio era evidentemente indispensavel.» (*A philosophia positiva*).

A missão historica do protestantismo foi puramente anarchica. Regeitando a intervenção do delegado de Deus, o papa ou o confessor, pregou entretanto a crença nos sagrados evangelhos. Isto era proclamar a autonomia da consciencia.

A igreja catholica, perfeitamente logica e consequente, reconhecendo a indeclinavel necessidade de manter a unidade da fé, e garantir a consolidação dos seus principios, tirou as consequencias ultimas de suas doutrinas, e proclamou infallivel a autoridade do papa. E' perfeitamente logico para quem acredita que o papa é o successor de S. Pedro. O papa, reconhecido como um juiz inspirado pelo espirito santo, é a auctoridade de ultima instancia. E' quem dá o veredictum infallivel em materia de fé.

Illogico e inconsequente o protestantismo regeitou a autoridade do papa, mas conservou a fé nos livros canonicos.

«Os reformadores não perceberam absolutamente que sua fé na infallibilidade dos escriptos canonicos, esta fé que elles tinham sugado com o leite, não tinha outro apoio e outra garantia senão a fé na infallibilidade da igreja e da tradição ecclesiastica. Como a fé na infallibilidade da escriptura tinha passado, por assim dizer, para a sua carne e para o seu sangue, elles não suspeitavam mesmo que por sua protestaçoão contra a infallibilidade da igreja e da tradição, elles minavam o solo, que sustentava a fé na outra infallibilidade; que elles atacavam o edificio solidamente construido da hierarchia, e que a queda da massa inteira, após o arrancamento d'esta pedra, não devia mais ser senão uma questão de tempo.»

Incapaz de construir, attento o seu character inconsequente, o protestantismo desempenhou com applauso o seu papel historico.

Era, com o protestantismo philosophico que se lhe seguiu, o estado de transição para o periodo positivo.

E ao lado do catholicismo cadaver, e da metaphysica tão impotente como aquelle, ergue-se o edificio construido com os materiaes trazidos pela cultura moderna.

O catholicismo devia necessariamente cair pela ruina de seus *ima fundamenta*. E esta demolição fundamental foi operada indirectamente pelo espirito positivo, que trabalhava incessante na constituição das sciencias.

Sim! não foi a reforma de Luthero e de Calvino o que garantio a vossa morte definitiva, e matou todo o anhelos por fazer resuscitar o catholicismo.

Não, que o frade allemão viria mais tarde confessar a impotencia de sua tentativa de organisação do christianismo por um esforço inutil para fazer adoptar os dogmas mesmos, que elle arruinara: «Si eu podesse tomar a responsabilidade diante da minha consciencia, antes conselhos e auxilios daria para que o papa com todas as suas abominações se tornasse nosso senhor.»

Mas ao lado dos reformadores como Luthero e como Calvino, que proclamavam a liberdade da consciencia e acendiam a fogueira, e animavam a perseguição, havia os grandes reformadores pela sciencia.

Havia Galileu, Newton, Kepler, Bacon, Leibnitz, Lotze,

Descartes, etc., que abriam larga a estrada, que devia trilhar o espirito humano em seu incessante caminhar,

E o seculo XVIII devia terminar-se pela consagração solemne da abolição do catholicismo. Não que uma organização tão solida e tão vigorosa possa ser aniquilada rapidamente. E' uma longa e trabalhosa lucta essa eliminação.

Mas ella se faz.

«E quando, depois de seculos de compressão pela tortura e pelas fogueiras, o principio protestante abriu uma valvula de escapamento para si, elle achou a idéa christã, no sentido proprio do termo, no estado de cadaver. Mas, emquanto o catholicismo procurava mumificar este despojo para que elle conservasse as apparencias da vida, a missão historica, que tocou ao protestantismo foi de proceder á autopsia do cadaver, constatar officialmente a cessação da vida, depois fazer-lhe solemnes exequias afim de fechar definitivamente o cyclo da evolução da idéa christã.»

(Hartmann, ob. cit.)

Não ha negar a evidencia dos factos. Abraçam a idéa nova todos os pensadores. Aceitam-n'a o proletariado e o elemento feminino. Ella começa a se introduzir no lar, e arrancar-vos esse ultimo reducto. A educação scientifica ministrada ao povo ha de produzir os seus fructos beneficos.

E emquanto vós, enfatuados e com ar de tola vaidade prometteis *esmagar com facilidade as ondas do positivismo que se insurgem contra o rochedo da igreja*, o que faz o velho oraculo do Vaticano?

Ahi está a sua Letra apostolica. E' a confissão clara da vossa impotencia e anniquilação. E' a revelação positiva da vossa incapacidade para remover os obices, que se vos antolham.

«Nós estamos tanto mais vivamente commovidos com o funesto spectaculo d'estes males, quanto a *faculdade de lhes dar remedio*, que seria o objecto dos nossos mais ardentes votos, *nos falta completamente*. Porque verdadeiramente, dependemos mais dos inimigos que de nós mesmos; e esta mesma fruição de liberdade, que nos é concedida, susceptivel de ser arrebatada ou diminuida á vontade de qualquer, não tem fundamento que lhe assegure estabilidade e duração.»

Já soou para vós a hora fatal. E' o momento decisivo. De nada vos servirão as indulgencias do jubileu. Que tem com

as vossas ladainhas *os hereticos*, que não visitam os vossos templos?

Está cavada a sepultura. A Philosophia Positiva escreve apenas o epitaphio sobre o tumulo, que ha de encerrar esse cadaver de um hercules.

Dorme, luctador incansavel, batalhador athletico : 19 seculos te contemplam. Aceita a benção que a humanidade lança-te agradecida pelo teu labor nos seculos que lá vão. O carro esplendido da progressão social ha de rolar por sobre o teu cadaver.

XI

«Sem duvida aquelle que sente a grandeza do erro que abraçam seus contemporaneos, e a grandeza da verdade que elles repellem, achará a paciencia difficil de praticar. E' duro para elle ouvir com calma os argumentos futeis que se avança em apoio de doutrinas irracionaes, e vêr desfigurar os que elle oppõe; é duro para elle supportar o orgulho da ignorancia, mil vezes maior que o da sciencia.»

Isto escreveu um philosopho de estatura alevantada. Custa muito discutir com a «*Boa Nova*.» E' duro ter de supportar em silencio, por amor da causa que defendo, os insultos grosseiros de alguns padres. E' a melhor arma. Ou o ridiculo ou o insulto. Os meus contendores manejam uma e outra.

A' proposição constatando a cessação da vida do catholicismo quizeram oppôr-se os escriptores clericas. E pejaram duas paginas da *Boa Nova* de desaforos, de necedades e parvoices, que só podem pesar sobre os que têm cerebros amollecidos ou sobre os microcephalos. Pelo que respeita aos dogmas da religião christã achatados e pulverisados, nenhuma palavra, a não serem uns raciocinios mancos, que denunciam esforço inaudito para arrancar o radical ás crenças catholicas, para empregar esta figura mathematica.

São uns desastrados manejadores da logica, uns raciocinadores desditosos estes meus theologos. Eu o provo copiando aqui um trecho do luminoso artigo que ss. ss. escreveram :

«Ha tres pessoas em um só Deus; aqui sabemos o qual é uma pessoa, temos idéa do que é a essencia, o que nos escape

é o modo de ser, ou como diz a theologia, a conveniencia entre os dous termos.»

E' bem abstrusa a tal theologia.

Mas, como é que provaes affirmando assim que ha tres pessoas em um só Deus? Pois si a arithmetica prova que este é o erro mais collosal do espirito humano? Pois si todo o menino de escola sabe que tres dedos são tres dedos e não um, tres demonios são tres demonios, e portanto tres deuses são tres deuses? E que si é impossivel conceber tres animaes fundidos em um só, tambem não é possivel conceber tres pessoas divinas distinctas constituindo uma unica? Isto é uma parvoice, desculpem. Mas é preciso abater o orgulho da ignorancia muito peor que o da sciencia.

«Aqui (onde?) sabemos o que é uma pessoa.» Ora, isto sei eu e sabe todo o mundo não só aqui como em toda parte, bastando ter o espirito são.

«Temos idéa do que é a essencia.»

«Deus não nos pôde revelar sem que use de idéas e termos nossos.» Logo, anthropomorphismo. Vindes fazer publicamente confissão do que ha pouco negaveis com tanto esforço, querendo separar de Deus a noção de homem.

«Agora, dizei-nos: onde está a contradicção no mysterio da Santissima Trindade; se o modo de ser, si o *como* da existencia das tres pessoas na mesma essencia divina vos escapa, está acima das vossas luzes fracas, não pôde ser alcançado pelo lume da vossa razão, porque é que dizeis, que implica contradicção, e mais, porque o negais?»

A contradicção é tão clara que não a repito mais. E' uma questão de somma arithmetica. Agora, si é um mysterio que está acima da razão limitada humana, como é que vós abertamente o affirmais; si vos escapa não só a essencia, mas o *como* da existencia de tres pessoas em uma só, como é que vindes affirmar como verdade aquillo que não conheceis? Estão de pé os meus argumentos e é questão muito simples esta historia de pai, filho e espirito santo fundidos n'uma só pessoa.

Vós não vos calais diante de um mysterio, que não podeis attingir. Não: vos proferis até sobre o parentesco d'essas tres pessoas, ligadas pela relação de paternidade mutua e reciproca.

«Podeis alcançar e apalpar tantos mysterios da ordem natural?» conhecem é a essencia da petulancia.

Isto é o ponto capital do nosso debate, e é a base solida em que assenta a philosophia positiva.

Sem duvida nós reconhecemos que a natureza é um mysterio. Mas o que faz a sciencia? Limita-se a estudar o *como* dos phenomenos sem invadir nunca a esphera do desconhecido concentrico e envolvente da esphera do conhecido, do condicionado e do limitado em que ella gira.

E' exactamente por isto, porque o absoluto está acima da razão limitada do homem, que a vossa construcção catholica é um castello de cartas, que o sopro da sciencia poude facilmente demolir.

Isto é a questão de relatividade do espirito humano.

E esta relatividade tem uma prova objectiva e uma prova subjectiva.

Demonstra-se objectivamente fazendo vêr que nunca o espirito humano attingio o absoluto nas suas construcções. Demonstra-se subjectivamente fazendo o exame dos productos do espirito e revelando que elles são sempre relativos. N'este ponto estamos de accôrdo, e os meus adversarios tem trazido citações tendentes a firmar a verdade d'este ponto, que é o ponto capital do nosso litigio.

Já eu me demorei em exhibir demonstrações d'esta verdade fundamental — tudo é relativo — isto é, tudo o que é capaz de conhecer o espirito em suas indagações.

Mas, porque a sciencia é incapaz de conhecer a essencia intima dos phenomenos, porque lhe escapa sempre o porque primordial das cousas, é falso, é uma inverdade o que escreveis: que nos systemas scientificos se acceitam cousas que não só estão acima da razão, mas ainda lhe repugnam.

Isto não se commenta. Revela apenas a vossa profunda e apregoadá illustração scientifica.

Sem duvida eu não conheço absolutamente o que é o movimento em si, como não conheço o que é a força em si, como não conheço o que é essencialmente a materia ou o espirito?

Mas tenho uma noção clara de todas estas cousas porque conheço as suas leis, as suas propriedades, o modo de manifestações dos phenomenos taes quaes elles se apresentam na natureza, que os exhibe, e ao sujeito que os colhe?

Pois eu não estudo as leis do movimento? Não vejo os corpos se deslocando diante de mim e occupando posições su-

cessivas no espaço? Não estabeleço as equações, representativas do movimento, que são a sua traducção algebraica, de tal modo que posso determinar precisa e mathematicamente a posição que um corpo movel ha de occupar na trajectoria que percorre no fim de um certo tempo?

Sem duvida este conhecimento, qualquer que seja o ponto a que elle possa ser levado, é um conhecimento relativo. O movimento é uma mudança de logar no espaço. A noção de movimento não póde ser pois nunca desembaraçada da noção de espaço e de pontos de reparo, sem os quaes nós não a concebemos.

E ainda estes pontos são pontos não fixos, de modo que são relativos todos os movimentos estudados na natureza.

Eu tenho um corpo que cahe para a terra. Estudar o movimento d'este corpo é procurar conhecer a trajectoria que elle descreve, a velocidade com que a percorre. Mas posso eu determinar esta trajectoria e esta velocidade de um modo absoluto? Eu fixo o ponto de partida do corpo. Mas emquanto aquelle corpo se desloca, a terra gira em torno do seu eixo, a terra percorre a sua orbita, a terra é arrebatada com o systema planetario pelo sol, que se move na direcção da constellação de Hercules. E, sendo assim, a velocidade que eu constato é a velocidade resultante de todos estes movimentos, que se combinam, e a que obedece o corpo que eu estudo. Levai ainda em conta as perturbações provenientes da influencia dos meios, as resistencias do ar, e vós tereis uma idéa da complexidade d'este estudo tão simples á primeira vista.

O que se diz da velocidade se diz da direcção do movimento, que é sempre relativa tambem.

Mas não careço insistir n'esta comprovação objectiva da relatividade do conhecimento humano, em que estamos de perfeito accôrdo.

Eu disse que ha uma demonstração subjectiva do facto. Vejamos.

Esta demonstração se dá examinando as condições logicas do conhecimento, a operação do pensamento como se ella revela na consciencia. W. Hamilton na *Philosophia do incondicionado*, Mansel no seu livro intitulado — *Limits of Religious thought* — e Herbert Spencer expozerão todos, as demonstrações que firmam a proposição, que é o eixo da philosophia positiva.

Nós resumiremos do melhor modo possível essas demonstrações. A idéa da consciencia implica distincção entre dous objectos.

Sêr consciente, é ter idéa de alguma cousa e distinguil-a de outra cousa diferente.

« Distincção quer dizer limitação, porque, para que um objecto se distinga de outro, é preciso que possua alguma maneira de ser que o outro não possui.

« Um segundo caracter da consciencia é que ella não é possível senão sob a fórma de relação. E' preciso um sujeito ou uma pessoa consciente e um objecto ou uma cousa de que o sujeito seja consciente. Não pôde haver consciencia sem estes dous factores; e n'esta união cada um d'elles existe sómente tal qual é em relação ao outro. O sujeito não é sujeito senão quando é consciente de um objecto; o objecto não é um objeto senão quando cahe sob a acção de um sujeito; e a destruição de um ou de outro é a destruição da consciencia mesma. Da mesma sorte é evidente que a percepção do absoluto implica contradicção com a do infinito...

« Enquanto objecto de consciencia, toda cousa é necessariamente relativa; e o que uma cousa possa ser fóra da consciencia não ha modo de consciencia que possa nol-o dizer.»

Isto é indestructivel. Não duvido que os srs. catholicos encontrem no livrinho do sr. Macedo Costa uma refutação cabal d'estas *futilidades* escriptas por Mansel. Ss. ss. estão habituados a uma logica *sui generis*.

Dirão que até as creanças de escola sabem quanto é clara e positiva a noção do absoluto, e como ella cahe sob o dominio da consciencia limitada fatalmente pelas suas condições essenciaes de existencia.

Eu cito-vos Hamilton sobre este ponto de magna importancia:

« Nada deve admirar mais do que vêr pôr em duvida que o pensamento só se refere ao condicionado. O pensamento não pôde se elevar acima da consciencia. A consciencia não é possível senão pela antithese do sujeito e do objecto do pensamento, conhecidos sómente por sua correlação e se limitando mutuamente; de mais, tudo o que nós conhecemos, seja do sujeito, seja do objecto, seja do espirito, seja da materia, não é senão o conhecimento do que um e outro contém de particular, de multiplo, de modificado, de diferente, de phenomental.

« *Pensar é condicionar*, e a limitação condicional é a lei fundamental da possibilidade do pensamento. Porque, da mesma sorte que uma lebre não pôde passar por cima da sua sombra e que a aguia não pôde voar além da atmosphera em que ella páira e que a supporta, assim o espirito não pôde ultrapassar a esphera de limitação na qual e pela qual se realisa exclusivamente a possibilidade do pensamento. O pensamento não é senão o condicionado, porque, como dizemos, pensar é condicionar. »

Herbert Spencer reforçou esta demonstração fornecendo uma nova prova da relatividade do conhecimento. Toda cognição é acompanhada de uma recognição. Todo acto de consciencia implica a idéa de semelhança, si elle é completo. Conhecer é não só reconhecer uma differença, como reconhecer uma semelhança. O conhecimento de um objecto é seguido de uma classificação no grupo dos objectos que se lhe prendem por caracteres, que se verifica serem communs á nova cousa e a outras cousas anteriormente conhecidas. Assim a cousa que não tem nenhum ponto de contacto, nenhum attributo commum a outras cousas, não é um objecto de cognição no sentido restricto do termo, está fóra do terreno de sua jurisdicção.

« Vejamos as consequencias que d'aquí resultam. Uma cognição do real, em quanto distinguida do phenomenal, deve, si existe, conformar-se com a lei da cognição em geral. A causa primeira, o infinito, o absoluto, para serem conhecidos, devem ser classificados. Para que elles sejam pensados de uma maneira positiva, è preciso que sejam pensados como tal ou tal cousa, como pertencendo á tal ou tal especie. E podem elles ser semelhantes a alguma cousa cujo conhecimento experimental nos foi fornecido pelos sentidos? Não evidentemente. Entre o que crêa e o que é creado, è preciso que haja uma distincção que se eleve acima das distincções, que separam as differentes distincções do creado. O que é sem causa não pôde ser assimilado ao que é causado; ha entre os dous, até nos termos, uma opposição radical. O infinito não pôde ser posto no mesmo grupo com alguma cousa de finito, pois que isto importaria olhal-o como não infinito. E' impossivel dispôr o absoluto e o relativo na mesma cathegoria, emquanto se definir o absoluto: o que não tem relação necessaria. Diremos que o actual, ainda que inconcebivel quando se o classifica com o apparente pôde ser

pensado quando se classifica consigo mesmo? Esta supposição é tão absurda como a outra. Ella suppõe a pluralidade da causa primeira, do infinito, do absoluto: o que implica contradicção. Não pôde haver mais de uma causa primeira; visto como a existencia de mais de uma, implicaria alguma cousa que necessite mais de uma, e este alguma cousa seria a verdadeira causa primeira. A supposição de que ha dous infinitos se destróe por si mesma. Por consequencia o incondicionado, si não pôde ser classificado com uma fôrma do condicionado nem como outro incondicionado, não pôde ser classificado de modo algum.»

Logo elle é incognoscivel. *Relação, differença e semelhança*, eis os tres meios de deduzir a relatividade do conhecimento pela analyse do pensamento.

Relação: ha sempre um objecto assentado em face do sujeito, que o conhece. Ha um *alguma cousa* mysterioso, o objecto, que outro *alguma cousa* mysterioso, o sujeito, estuda. Sem estes dous termos não ha conhecimento.

Isto é negação do absoluto?

Não evidentemente. O incognoscivel é affirmado quando se afirma que só se conhece o relativo. O absoluto fica o mysterio que foge á acção do espirito e se occulta ás investigações da razão.

Mas, reconhecendo comnosco esta verdade, vós não vos limitaes ao campo restricto, onde se vos aperta e se vos encerra. Não só affirmaes a existencia do absoluto, mas proclamaes conhecer a fôrma do absoluto, a sua vida, o seu passado, o seu futuro e o seu presente. A esse absoluto, intimamente desconhecido, inaccessible á vossa razão, denominaes Deus. E esse Deus reveste uma fôrma, segundo as vossas doutrinas e é dotado de attributos varios. Ora esse Deus é uma concepção do espirito e confessaes que só poeticamente lhe attribuis qualidades humanas; ora é uma personalidade definida, concreta. Deveis escolher: Ou vosso Deus é um Deus abstracto, uma cousa vaga, indefinida, mysteriosa, inaccessible, tal qual a accêita o vago deismo metaphysico, e então não é senão um nome que vós pondeis em lugar do absoluto; ou o vosso Deus é um Deus concreto, uma creatua semelhante ao homem, um velho de barbas brancas, ora manso como um cordeiro, ora colerico e raivoso como um leão, o que é o resultado de uma vista do espirito que anthropomorphisou o absoluto.

No 1.º caso como é que pretendeis conhecer todos os passos d'essa entidade abstracta, d'esse *quid* mysterioso; como é que concebeis essa luz inacessivel, para servir-me da vossa expressão mesma, capaz de cinzelar um homem de barro, e uma mulher de osso, de uma costella fina; capaz de revestir a fórma humana, descer ao tumulo, e subir ao céu em corpo e alma para assentar-se á mão direita de Deus padre?

Não é do christianismo a crença em um Deus, que appareceu á Moysés no monte Sinay, com quem conferenciou na sarça ardente, transmittindo-lhe ordens; que mandou dizer á esposa de José, que ella conceberia por obra do Espirito-Santo? Não é um Deus realmente concreto, o Deus capaz de vir servir de presidente do tribunal que tem de julgar os vivos e mortos no dia de juizo? Não é do catholicismo, e vós não dizeis ahi todos os dias nos vossos sermões aos devotos que as chammas do inferno, as fogueiras do demonio, fogueiras materiaes, esperam as almas condemnadas, que um palacio de gosos e bemaventuranças espera as almas santas, que vão receber as bençãos de Deus no céu. Isto tudo não é concreto? E, no caso contrario, não é uma pura ficção? não serão meras phantasias do vosso cerebro?

E si concordaes, no concretismo do vosso Deus, como é forçoso a um catholico puro, não tem razão de ser a nossa interrogação: onde elle está? não tem razão de ser a nossa curiosidade em vel-o com os olhos do corpo, como se vê qualquer mortal?

E si é uma pura abstracção, o *que* mysterioso, que nós reconhecemos atraz de todas as manifestações do relativo, com que direito escreveis a sua biographia e expondes á critica dos infieis a sua vida?

XII

Os meus antagonistas confessam ignorar até hoje o que seja a philosophia positiva. Assim se comprehende como é que s. s. s. s. a cada passo commettem os erros mais grosseiros n'esta discussão. E, como não conhecem a philosophia positiva e não estão dispostos a conhecel-a, insistem pela definição do termo, que s. s. s. s. sós não viram nos precedentes artigos que tenho escripto. Conhecer a philosophia positiva! Já eu disse começando

esta tarefa em que estou empenhado: muitos conhecem o termo, mas poucos conhecem a cousa. Só estudar a obra de Comte se ha de afigurar um impossivel. E' uma tarefa tão ardua! Aquelle seis grossos volumes de sciencia!

E é por isto, porque a philosophia positiva exige um longo e arduo tirocinio, que a maior parte dos que a criticam limitam-se a combater um adversario, que não conhecem ao menos.

Mas o que é a philosophia positiva? Como qualquer outra um systema de explicação geral do universo e do mundo. Em todos os tempos a philosophia foi sempre o estudo o mais geral, um como que degráo derradeiro na escala ascendente do conhecimento humano.

O que fazia a philosophia theologica? Explicava o universo e explicava o mundo. Como? Por uma concepção teleologica; pela crença no poder e na força de vontades arbitrarias e despoticas a governarem os phenomenos. O espirito humano n'esta phase de desenvolvimento dá soluções a todos os porquês, formulados diante dos mysterios da natureza. Abre as portas do passado remotissimo e decifra o futuro occulto e tenebroso. Responde ás interrogações referentes ás causas primarias e ás causas finaes. Explica-se e comprehende-se esta primeira phase da progressão mental pela interpretação anthropomorphica do universo.

Sem duvida é uma verdade o aphorismo do philosopho hellenico: *nosce te ipsum*. Isto queria significar a difficuldade do estudo da natureza humana. Mas pôde-se dizer, e Comte disse-o já: no começo o homem conheceu-se assáz para que trasladasse para os phenomenos cosmologicos a mesma interpretação que dava aos phenomenos biologicos. A vontade, isto é, uma cousa mysteriosa, que se revelava como uma força activa, permanente, actual em todos os actos da vida, foi transplantada para todas as classes de factos materiaes, e isto deu logar á concepção fetichista. A cada phenomeno corresponde uma entidade. A astrolatria ainda significa a personificação e divinisação dos grandes corpos celestes, concebidos como outros tantos seres, semelhantes ao homem, e dotados apenas de qualidades em gráo mais elevado.

Isto satisfazia o espirito humano. O sol seguia triumphalmente no seu coche puxado por cavallos ajaezados. Esta crença

faria rir a qualquer catholico da actualidade, que zombaria igualmente do camponez dos tempos idos, que se prostasse reverente ao satellite da terra, ou do egyptio, que se ajoehasse aos pés do boi Apis.

A esta interpretação fetichista succede um degráo mais elevado já da escala mental que a humanidade percorre. Esta segunda phase é o resultado de um lento e secular trabalho do espirito, o fructo da generalisação e da abstracção.

Descoberta a natureza commum a dadas classes de phenomenos, são estes collocados sob a acção de uma só divindade suprema, agora presidindo á manifestação do factu e regulando-o apenas por sua acção constante e mysteriosa. No polytheismo cada Deus é uma autoridade prepotente na esphera de sua jurisdicção. E' o estado de perfeita e rigorosa democracia no céu. Entretanto ha já uma vaga tendencia para a concepção monotheista, que na theoria de Comte, representa o terceiro estadiu da interpretação theologica do universo. Esta tendencia é denunciada pela crença n'uma autoridade não despotica, mas real e superior, que se attribue a um certo personagem, Zeus no empireo grego ou Jupiter na celestial côrte dos romanos. E ainda o dogma do destino foi, como o mostrou em sua profunda critica philosophica o fundador da Religião da Humanidade, um diagnostico certo de uma evidente transformação no seio do polytheismo.

Essa transformação foi operada pela concepção monotheista, a crença em um só Deus, creador e governador do universo. E' o ultimo degráo de condensação dos elementos multiplos da concepção anthropomorphica do universo, a ultima e definitiva phase de aggregação dos atomos divinos. Deus uno representa um estadiu da progressão mental, um marco milliaru na estrada larga do caminhamento do espirito.

Seja o Deus catholico, seja o Deus musulmano, seja o Deus boudhista, é sempre o resultado dos mesmos antecedentes philosophicos.

Em qualquer phase, porém, sempre a theologia collocou uma personalidade e uma vontade por detraz de um phenomeno inexplicavel.

O homem vio o sol a percorrer no céu uma orbita circular em torno da terra julgada fixa. Fez do sol, primeiro, uma divindade e o adorou. Era Phebo a caminhar no seu carro deslumbrante.

Depois foi um luzeiro collocado pela mão de Deus para alumiar a terra, que elle destinara a ser o berço do genero humano.

A sciencia é o adversario da religião? Herbert Spencer affirma que a sciencia exerce sobre a religião uma critica constante, arruinando os seus dogmas accessiveis. Mas a sciencia é profundamente religiosa porque á proporção que ella progride põe em evidencia o mysterio occulto pela natureza. E este desconhecido, este incognoscivel é o objecto da religião.

E o eminente chefe do evolucionismo dissente do auctor da philosophia positiva.

Mas este desaccôrdo, no seio do positivismo, revela que ha uma confusão desastrada quando se pretende identificar theologia com religião.

Discriminados os dous campos distinctos do cognoscivel e do incognoscivel; delimitado o terreno de acção da consciencia humana, pela consagração do dogma scientifico da relatividade do conhecimento, Comte lançou os fundamentos de uma nova religião.

Havia terminado a acção da theologia e da metaphysica.

A sciencia tinha eliminado uma e outra, e tinha deixado em seu logar a interpretação positiva do universo. O que é uma interpretação positiva do universo? Uma crença na manifestação dos phenomenos segundo leis fixas e inalteraveis; uma eliminação da solução theologica e da solução metempirica; o banimento das entidades divinas e das entidades metaphysicas, ontologicas. Esta interpretação positiva dos phenomenos constitue a philosophia positiva.

Aqui não ha a vontade caprichosa de quem quer que seja. Ha leis eternas e immutaveis. O sol não é uma divindade a caminhar no seu carro de fogo, não é um astro creado por Deus para alumiar a terra; não é um corpo que se move por uma vontade da Providencia ou sob a acção mysteriosa de turbilhões e de fluidos metaphysicos; é um astro que serve de centro ao systema planetario, e em torno do qual se move a terra, apezar dos livros santos, como todos os planetas do systema do mundo com seus respectivos satellites, todos, conforme as tres leis de Kepler, descrevendo trajectorias ellipticas, em tempos, cujas potencias segundas são proporcionaes aos cubos dos eixos maiores das orbitas, emquanto os raios vectores imaginarios, que os ligam

ao centro do movimento, traçam áreas proporcionaes aos tempos no plano das orbitas.

E' esta uma interpretação, que a philosophia positiva colloca onde ha um phenomeno por explicar. O que é ella então? A renuncia da cognição do absoluto; a eliminação do sobrenatural; o corollario natural do principio da relatividade do conhecimento humano.

Acceitar este principio é *ipso facto* renunciar á tentativa sobre o desconhecido, o não condicionado. Si é uma verdade solidamente estabelecida pela sciencia que só se póde conhecer o relativo, o phenomenal, o particular, o que fica sendo a philosophia?

Ainda uma explicação do Universo; mas uma explicação positiva, pelo conhecimento das leis naturaes que regem os phenomenos. Ha relações invariaveis entre os phenomenos ligados pela lei de causalidade universal, onde a theologia collocava uma vontade, e a metaphysica uma entidade vaga e mysteriosa.

Mas a philosophia foi sempre o estudo das mais altas generalidades. E' a concatenação das sciencias, e isto dá á philosophia positiva o character de relatividade, que a extrema da theologia e da metaphysica.

Comte realisou essa integração. O conjuncto das verdades geraes, as verdades philosophicas de cada sciencia particular, constituem um corpo unitario que se chama — a philosophia positiva.

«E' preciso comprehender exactamente o que é a philosophia positiva em relação ás sciencias de que ella emana. Enganar-se-ia muito aquelle que pensasse que é bastante, para constituil-a, reunil-as, mesmo na ordem hierarchica tão felizmente achada por Comte. Um trabalho de um alcance bem differente, e de uma muito maior difficuldade, era exigido para isso; a philosophia positiva se compõe não de sciencias parciaes, mas de philosophias parciaes. Augusto Comte fez pois, o que ninguem tinha feito antes d'elle, a philosophia das seis sciencias fundamentaes, e, o que era, si é possivel, mais estranho a todos os seus predecessores, a todos os seus contemporaneos, elle operou esta condensação successiva de todo o saber abstracto com uma idéa de conjuncto, que poz na dependencia e encadeou o começo com o fim, o fim com o começo.» (Littré).

Esta unificação das sciencias, unificação perfeita e completa

constitue toda a philosophia positiva. E ainda Spencer procurou levar mais longe esta integração do saber positivo na constituição de uma philosophia.

«A sciencia tem por objecto as co-existencias e as sequencias dos phenomenos; ella grupa-os primeiro para formar generalisações simples de primeiro gráo, e se eleva gradualmente a generalisações mais altas e mais vastas. Mas que fica então á philosophia?»

«Eis aqui. A philosophia póde ainda servir de nome ao conhecimento da mais alta generalidade. A sciencia significa simplesmente a familia das sciencias; ella nada mais é do que a somma dos conhecimentos formados pelo concurso de cada uma, e nada nos diz do conhecimento que resulta da fusão destes concursos em um todo.

«Como pois constituir a philosophia? Enquanto não se conhecem as verdades scientificas senão em parte, e são ellas olhadas como independentes, não se póde, sem abandonar o sentido estricto dos termos, chamar philosophica a mais vasta de entre ellas».

Para o philosopho inglez a philosophia, que se define o saber completamente unificado, está constituida quando se tem estabelecido um principio geral, uma verdade ultima, de que todas as verdades geraes da sciencia podem ser consideradas como corollarios.

Exemplifiquemos com os factos mesmos, que cita o philosopho, a quem nos referimos.

Estudae o phenomeno do escoamento da agua de uma ribeira. Este escoamento é explicado em primeiro gráo pela acção da gravidade sobre as moleculas da agua. Mas, conhecida a lei fundamental da mecanica dos fluidos, a reacção, que estes exercem, igual em todas as direcções quando submettidos á acção de uma força qualquer, temos um facto mais extenso, que é a chave da explicação de uma série de outros phenomenos, fontes, pressas, etc.

Si ainda em lugar de uma proposição de hydrodynamica nós recorremos a uma proposição de dynamica geral, que abrange a primeira, é um degráo sem duvida superior que se attinge, sem sahir do dominio especial da sciencia mecanica.

Esta successão gradativa de verdades cada vez mais geraes se dá mesmo no campo da sciencia particular. E acima d'estas

verdades geraes, envolvendo todas as proposições scientificas, por maior que seja o seu raio de acção, ha uma verdade suprema, que é, como o axioma fundamental, de que tudo se deduz.

Esta verdade ultima é para Spencer o principio da indeductibilidade ou persistencia da força. Por longas e brillantes demonstrações o eminente auctor chega a esta conclusão, que accentúa o caracter proprio do seu systema:

«As sciencias abstractas, que tratam das fórmãs sob as quaes os phenomenos se apresentam, e as sciencias abstracto-concretas, que se occupam dos factores pelo concurso dos quaes os phenomenos se produzem, estão, no ponto de vista philosophico, ao serviço das sciencias concretas, que se occupam dos phenomenos produzidos como elles existem em sua complexidade natural. As leis das fórmãs e as leis dos factores, uma vez comprovadas, resta verificar as leis dos productos, emquanto determinados pela acção reciproca dos factores cooperantes. Sendo dada a persistencia da força, e as diversas leis dynamicas derivadas, póde se mostrar não só como os seres do mundo inorganico apresentam os traços, que os caracterizam, mas como se formam os traços mais numerosos e mais complicados, que apresentam os seres organicos e super-organicos: como um organismo se desenvolve; como se fóрма a intelligencia humana; d'onde nasce o progresso social.»

Ou se adopte o ponto de vista de Comte ou o ponto de vista de Spencer, a philosophia fica sendo sempre um systema de explicação positiva do universo em opposição á philosophia theologica e á philosophia metaphysica.

Sem duvida a philosophia positiva tem mergulhadas as suas raizes lá nas camadas profundas do terreno da historia. Sem duvida o espirito positivo, na interpretação dos phenomenos, é tão antigo como o espirito theologico, pois os de natureza mais simples, e mesmo os mais elementares dos phenomenos mais complexos, foram sempre interpretados á luz da razão.

E isto, longe de ser uma armá contra a philosophia positiva, é o melhor argumento a seu favor.

Foram pois infelizes os redactores do orgão catholico quando invocaram esta antiguidade do espirito positivo como prova a allegar contra a philosophia moderna. Sem duvida a philosophia positiva é uma creação dos tempos modernos. E a razão é obvia.

Como a philosophia positiva é a integração do saber positivo, e é uma expressão e traducção real dos phenomenos, fazia-se myster o conhecimento das leis geraes, que regem todas as classes de phenomenos naturaes, antes que se tornasse possivel a coordenação systematica dessas leis em vista de realizar a unificação do saber positivo.

A co-existencia das tres interpretações philosophicas tem sua explicação na lei da classificação dos conhecimentos humanos estabelecida por Comte. Dispondo as sciencias abstractas na ordem de successão natural dos phenomenos, que se manifestam e são estudados pelo espirito a começar pelos mais simples e mais geraes, vê-se como é possivel que a consciencia tenha chegado á concepção positiva de uma classe de factos da natureza, conservando ainda completamente teleologica a interpretação de outras classes de phenomenos.

E' assim que, para recorrer ao proprio monotheismo catholico, é nos phenomenos biologicos e sociaes que mais se suppõe effectiva a acção dos santos do calendario. Sem duvida nenhum carola lembrou-se jámais de pedir a qualquer santo a sua protecção para que o volume da esphera não fosse igual aos $\frac{4}{3}$ do cubo do raio multiplicado pela relação constante da circumferencia para o diametro; como ninguem se lembrou de pedir á Santa Rita *dos impossiveis* que fizesse com que se não verificassem as leis geraes da mecanica racional ou a lei de Dalton no dominio da chimica.

Salvo alguns phenomenos physicos, e esses da parte menos systematisada, a meteorologia, os santos do catholicismo só tem que vêr com o mundo organico.

E esta crença na intervenção effectiva dos delegados de Deus na producção dos phenomenos é um argumento a allegar contra a pretendida universalidade do catholicismo. Porque vê-se que, excluida a grande maioria dos adeptos de outras religiões, fica ainda por fazer a selecção d'aquelles que professão o catholicismo apurado dos senhores sacerdotes, e dos que não se elevam ao monotheismo abstracto e professam ou a mais grosseira idolatria, ou um pronunciado culto polytheista dos deuses multiplos, que são os santos do catholicismo, na phrase de De Maistre.

E' sabido que as massas *soi disant* catholicas não se elevam além de uma clara adoração dos idolos. E já o sr. d. Macedo Costa chocou de um modo notavel as crenças populares ten-

tando apagar o espirito idolatra que se liga ao culto de uma Santa considerada cá da terra.

Sabe-se que esta veneração de idolos chega ao ponto de se preferir a Santa da Vigia á Senhora de Nazareth desta cidade, por ser aquella mais milagrosa.

E aquelles que vão além deste baixo culto idolatra não deixam em grande parte de ser monotheistas apenas *in nomine*, pois é sabido que acreditam na intervenção de cada santo especial na producção e modificação de uma dada classe de phenomenos.

E nem se nos diga que essa crença suppõe a intervenção de Deus, que é reclamada por intermedio do santo respectivo, pois o carola, que escutando o ribombo do trovão na atmosphera, e atemorizado se roja aos pés de Santa Barbara e S. Jeronymo, nem ao menos se lembra de Deus, chegando até a acreditar na poderosa acção de uma simples folha benta.

Ss. ss. dir-se-ão fóra desta classe de devotos. De accôrdo. Mas ss. ss. não podem dispôr no numero dos fieis devotos do martyr do Calvario os que não se contentam com a adoração de uma só entidade.

E mesmo, o proprio ente superior, que fórma o ponto de apoio do catholicismo dos senhores sacerdotes, que não é o catholicismo de toda gente, é um Deus feito á moda, mais de accôrdo com o estado da mentalidade humana no seculo XIX, pondo de banda as inconsequencias a que são levados a cada passo, pois ss. ss. nem sabem mesmo o que é que adoram.

Mas a sciencia, que eliminou o catholicismo, importa a eliminação de toda religião?

Ninguem o dirá. Comte, acceito o dogma da relatividade do conhecimento humano, e banido o sobrenatural, concebeu a religião, tendo por objecto de culto a Humanidade.

Não pertencendo ao numero dos adeptos da religião positiva, principalmente porque não nos podem escapar muitas das flagrantes imperfeições, de que ella se resente, não nos parece ainda accetavel o ponto de vista de Spencer, felizmente criticado por Emilio Littré, e segundo o qual a religião continuará a ter por objectivo o incognoscivel vago e indefinido.

E sem proferir sobre a verdade de uma ou outra concepção, parece mais acertado esperar que o futuro pronuncie o seu veredictum.

São de uma profunda e eloquente significação estas palavras de Hartmann:

«Todo ensaio de resposta directa a esta questão implicaria pretensão ao papel de fundador de uma nova religião.

«Uma tal pretensão não está sómente longe de mim por motivos pessoais, mas ella é excluída já pela convicção objectiva de que a sciencia por sua natureza mesmo, e seus representantes não são absolutamente qualificados para ter uma acção immediata sobre o estabelecimento de religiões novas.»

XIII

Eu fallei na synthese de Comte e na synthese de Spencer.

Este ultimo é um philosopho, de quem dizia Mill que póde reivindicar o titulo de par de Augusto Comte.

Tambem pela ordem natural das idéas toca-nos entrar no debate ferido no seio mesmo do terreno da positividade philosophica.

Não era outro o meu intento, encetando esta série de artigos desprezenciosos, com os quaes não julgava provocar a discussão, a que me arrastou o jornal catholico. Mas, hoje póde-se dizer que estão inápidos os meus adversarios. Eu deixo-os entregues á sua carunchosa Providencia, atirada já ao acervo das velharias sediças.

Ha um ponto que hei firmado solidamente: é o dogma scientifico da relatividade do conhecimento.

Adduzi a prova e a demonstração objectiva do facto; e adduzi a prova e a demonstração subjectiva sob a auctoridade de tres philosophos eminentes.

Essa é a base da philosophia positiva. E' o fructo das investigações de Comte? Não o acreditaria Spencer: «Quasi todos os pensadores de renome tem adherido a esta conclusão.»

E William Hamilton cita, entre os philosophos que têm abraçado esta verdade, Protágoras, Aristoteles, Boécio, Averroes, Alberto o grande, Gerson, Melancton, Giordano Bruno, Campanella, Bacon, Spinoza, Newton e Kant.

Coube a Comte estender esse criterio relativo ao dominio mais complexo da natureza, pela noção positiva da sciencia social. E, dado esse passo decisivo, e preliminar indispensavel, só então

foi possível erguer com os materiaes, que eram o fructo das luctas seculares das gerações delidas, o edificio da philosophia positiva.

E neste trabalho herculeo, a que se atirou Comte, nesta obra de valor, tratava-se da unificação do saber positivo. Já eu defini a philosophia; e já mostrei a diversidade dos pontos de vista do chefe do positivismo e do fundador do evolucionismo.

Qual era o problema fundamental da philosophia para o eminente auctor da *Synthese subjectiva*? Consolidar os ramos diversos do humano conhecimento, ligando em um só corpo as varias modalidades scientificas, elaboradas em outras tantas philosophias especiaes, pela coordenação dos seus principios geraes e philosophicos.

Esta unificação foi realisada na lei de classificação dos conhecimentos. Comte hierarchisou as sciencias e construiu a escala do saber positivo, mostrando a disposição sérial dos elementos constitutivos da philosophia positiva.

E' um ponto capital. Tambem a classificação de Comte tem soffrido os mais sérios ataques por parte mesmo de adversarios leaes e vigorosos, para não fallar nos botes infructiferos dos theologos impotentes.

Procurando um principio basico para a sua classificação, o grande mestre descobriu-o na successão gradativa dos phenomenos da natureza estudados pelo *eu*. Só póde ser scientifica e philosophica uma classificação assente sobre a distincção estabelecida entre os objectos mesmos das relações geraes ou leis que formam o dominio de cada ramificação do saber.

«O que nós queremos determinar, é a dependencia real dos diversos estudos scientificos. Ora, esta dependencia não póde resultar senão da dos phenomenos correspondentes.

«E, considerando sob este ponto de vista todos os phenomenos observaveis, nós vamos vêr que é possível classificar-os em um pequeno numero de categorias naturaes, dispostas de uma tal maneira que o estudo racional de cada categoria é fundado sobre o conhecimento das leis principaes da categoria precedente, e torna-se o fundamento do estudo da seguinte. Esta ordem é determinada pelo gráo de simplicidade, ou, o que vem a dar no mesmo, pelo gráo de generalidade dos phenomenos, d'onde resulta sua dependencia successiva, e, por consequencia, a facilidade mais ou menos grande do seu estudo.»

Tendo de hierarchisar as sciencias, Comte começou delimitando o terreno da philosophia pela distincção fundamental do conhecimento em theorico e pratico, e pela divisão das sciencias em abstractas e concretas.

«E' preciso distinguir em relação a todas as ordens de phenomenos, dois generos de sciencias naturaes: umas abstractas, geraes, tem por objecto a descoberta das leis que regem as diversas classes de phenomenos, em considerando todos os casos que se póde conceber; outras, concretas, particulares, descriptivas, e que se designa algumas vezes sob a denominação de sciencias naturaes propriamente ditas, consistem na applicação destas leis á historia effectiva dos differentes seres existentes. As primeiras são pois fundamentaes; as outras, qualquer que seja sua importancia propria, não são realmente senão secundarias.»
(*A Philosophia Positiva*).

O philosopho corrobora esta distincção com dois exemplos tirados, um ao dominio organico e outro ao inorganico. Cita em primeiro lugar, de um lado a biologia e de outro a zoologia e a botanica, a que se poderia ajuntar, segundo a opinião de Haeckel, uma scincia das fórmulas intermediarias ou dos *protistos*. A biologia estudaria as leis geraes da vida, as condições fundamentaes segundo as quaes se dá a integração e desintegração continua da materia, que constitue o facto capital da vitalidade dos seres. A zoologia e a botanica estudariam *o modo de existencia de cada corpo vivente em particular*; tratariam da realisação effectiva das leis geraes em cada organismo.

Relação analogica subsiste entre a chimica e a mineralogia. Na primeira se estudam as leis geraes de combinação dos corpos em todas as circumstancias possiveis, naturaes e artificiaes; e a segunda se occupa com o estudo das combinações que a natureza oferece na constituição do globo.

Será accetavel uma semelhante divisão scientifica?

Vejamos. Huxley, discutindo a classificação de Comte, fez notar com razão que nós não podemos conhecer as leis geraes da vida senão fundando-as sobre o estudo dos seres viventes individuaes.

Segundo o eminente professor inglez, devera ser invertida a phrase de Comte.

«A biologia, abstracta ou concreta, trata de outras fórmulas da vida que não sejam as actuaes ou as que tem existido outr'ora?

«E si as sciencias abstractas abraçam todos os casos concebíveis da operação das leis que lhes concernem, não abraçam necessariamente o assumpto das sciencias concretas que deve ser concebível, pois que elle existe?» (Huxley. — *O positivismo em suas relações com a sciencia*).

Este ponto de vista de Huxley é ainda defendido por um positivista russo, o sr. Roberty. As sciencias abstractas devem ser consideradas essencialmente como sciencias de factores, constituindo as sciencias concretas, propriamente ditas, o que se póde denominar sciencias dos productos.

As primeiras, tendo por objecto o estudo das propriedades especiaes da materia, como ellas são postas em evidencia por um trabalho de isolamento e eliminação que exerceria o espirito sobre os aggregados naturaes sujeitos á sua analyse.

O predominio quasi exclusivo do processo methodologico da descripção em certos dominios da biologia abstracta, levou facilmente a lhes attribuir o character de outras tantas sciencias concretas. Estas partes da sciencia abstracta da vida — botanica, zoologia, etc., são a propria sciencia geral em seu alvorecer, em seu periodo embryonario e phase genetica, e constituem as camadas successivas do terreno biologico abstracto. Pois não é sobre o estudo anatomico e physiologico dos seres, animaes ou vegetaes, que repousam as leis geraes do phenomeno vital? Pois estes materiaes constitutivos da sciencia abstracta, estes elementos essenciaes da sciencia organica individual, podem constituir outras tantas sciencias concretas?

«Uma sciencia concreta é uma sciencia synthetica, é uma sciencia que tem por objecto reconstruir o que foi precedentemente separado pelas sciencias analyticas ou abstractas: digo as sciencias e não a sciencia, porque esta distincção tem aqui uma importancia capital. Para a synthese a mais simples, é preciso ao menos dois termos, e, para todas as outras, é preciso muito mais; em summa, no dominio do saber concreto, tantos termos quantas as propriedades distinctas e abstractas preliminarmente estudadas por sciencias distinctas.» (Roberty. — *A sociologia*).

Partindo deste ponto de vista faz notar o citado auctor que neste caso a synthese, que constitue o assumpto da sciencia concreta, ao modo de vêr de Comte, seria apenas uma volta ao ponto de partida da sciencia abstracta. O que significa o estudo particular de um animal e de uma planta senão integrar a diffe-

rencial da sciencia abstracta, senão synthetisar a vida com a consolidação e agregação das propriedades separadas pela analyse, que elaborou a sciencia abstracta?

E no seu modo de entender só pôde haver sciencia concreta onde se derrama a luz synthetica, que provém das luzes parciaes das differentes sciencias fundamentaes reunidas e convergentes sobre um só ponto.

«Ha um criterio muito seguro para distinguir uma sciencia concreta de uma sciencia descriptiva ou, em geral, de todo começo de sciencia abstracta. A synthese que faz o assumpto da sciencia concreta não é nem o ponto de partida, nem o ponto de chegada das sciencias abstractas que lhe dão origem por sua combinação. Cada uma das sciencias abstractas parte de um conjuncto differente de factos, de um *connexus* empirico, onde predomina uma propriedade irreductivel da materia, e vae ter ao conhecimento distincto desta mesma propriedade. Mas a synthese que prosegae a sciencia concreta não é contida nos mesmos limites, nem em geral em limites tão estreitos.»

Como exemplo de synthese nova e distincta a constituir uma sciencia concreta submettida ao criterio verificador indicado acima pôde-se citar a geologia, como fez Roberty.

E' sem duvida um estudo de um aggregado concreto semelhante a um animal ou a uma planta; mas, um aggregado que constituem elementos varios estudados por differentes sciencias abstractas, cuja reunião e convergencia fazem com que o objecto definitivo da sciencia geologica não seja nem o ponto de partida nem o ponto de chegada de nenhuma sciencia abstracta ou geral.

Em summa, segundo a opinião que eu exponho contra a doutrina de Comte, pôde se definir uma sciencia abstracta—a que estuda por meio da observação simples, da experimentação ou da descripção, certos aggregados naturaes, que ella escolhe especialmente, na massa dos existentes na natureza, como exemplificando melhor as manifestações de uma propriedade irreductivel ou irreduzida qualquer da materia; uma sciencia concreta—a que estuda concretos de aggregados, já estudados por differentes sciencias abstractas, empregando exactamente os mesmos meios que estas ultimas, e exactamente para o mesmo fim, isto é, para chegar á analyse d'estes aggregados complexos. As primeiras podiam ser chamadas, com mais propriedade, fundamentaes, e as segundas derivadas.

Comte não terá razão?

Não se póde distinguir entre o concurso em bloco dos materiaes para a constituição de uma sciencia abstracta, e a applicação posterior das leis geraes, que ella estuda, á interpretação e classificação dos phenomenos concretos?

Pelo que respeita á objecção de Huxley, ella, no meu humilde entender, não invalida a opinião de Comte. Sem duvida é sobre factos naturaes, é sobre o concreto que se funda e se basea o abstracto. Mas uma cousa é arrancar ao cahos da natureza as leis geraes, que regem os seus phenomenos, e outra cousa é interpretar á luz da sciencia abstracta o mundo concreto dos aggregados naturaes. No 1.º caso, na simples combinação e reunião de materiaes para constituirem as fontes de onde se hão de extrahir as relações geraes do dominio abstracto, não se tem uma sciencia, que é o saber parcialmente unificado.

Em todo o caso, acceita ou não a separação das sciencias em abstractas e concretas, como quer Augusto Comte, isto em nada prejudica a sua theoria de classificação scientifica, pois, segundo o que se acaba de expor, as objecções são vibradas contra as sciencias concretas, que não teriam razão de ser na opinião dos criticos. E na sua systematisação philosophica Comte estabelece claramente que só considera as sciencias geraes ou abstractas.

«A philosophia das sciencias fundamentaes, apresentando um systema de concepções positivas sobre todas as nossas ordens de conhecimentos reaes, basta, por isto mesmo, para constituir esta *philosophia primeira*, que procurava Bacon, e que, sendo destinada a servir d'ora em diante de base permanente a todas as especulações humanas, deve ser cuidadosamente reduzida á mais simples expressão.»

A distincção de Comte entre um mundo organico e inorganico é secundaria. E' uma tendencia da moderna philosophia unitaria, o monismo, a unificação objectiva dos phenomenos pela eliminação das barreiras entre o organico e o inorganico.

O eminente professor de Iena estabeleceu esta ligação de baixo do triplice ponto de vista da materia, da fôrma e do movimento.

«Entre os corpos organicos e os inorganicos não ha nenhuma differença importante nem de fôrma, nem de structura, nem de materia, nem de força, e as differenças reaes provém da natureza especial do carbonó, não havendo entre a natureza or-

ganica e inorganica nenhum abysmo infranqueavel. Será sobretudo comparando a origem das formas dos cristaes e a dos individuos organicos mais simples, que vós verificareis a evidencia d'estes factos importantes. Na formação dos cristaes duas tendencias formadoras diversas e antagonicas entram em jogo. A força formadora interna, correspondente á hereditariedade nos organismos, é no cristal o effeito immediato da constituição material, da composição chimica. A forma do cristal, em sua correlação com esta força formadora interna primitiva, depende do modo especial e determinado, segundo o qual as moleculas das materias cristalisaveis se superpoem regularmente. A forma de todo o cristal é, como o de todo organismo, o resultado da luta de dois factores, a saber: a força formadora interna, inherente á constituição chimica da materia mesma, e a força formadora externa, dependente da influencia da materia ambiente.» (Haeckel, *Historia natural da criação.*)

Mas esta concepção monistica ou mecanica do universo, quando aceita, não arruinaria a distincção preliminar do auctor da philosophia positiva.

Comte mostrou depois que a seis podiam ser reduzidas as sciencias fundamentaes, e, tendo em vista o seu principio basico, isto é, a complicação crescente e generalidade decrescente correlata dos phenomenos, construiu a série ou escala do saber positivo: mathematica, astrononia, phisica, chimica, biologia e sociologia, á qual addicionou mais tarde, como setimo degráo, a Ethica positiva.

XIV

Ao menos foram francos uma vez os meus adversários. Já eu tinha affirmado aqui que ss. ss. não conhecem a philosophia positiva. Agora vem a mais formal declaração do que nunca os olhos catholicos dos meus illustres antagonistas correram por sobre a paginas d'aquelle monumento architectado pelo genio fecundo de Comte. Ss. ss. são os desgraçados, que o syllabus acorrenta ao poste da ignorancia. Soffrem o supplicio de Tantaló. Tem diante de si as torrentes do saber, mas não ouzam tocar os labios na taça da sciencia! *Veto!* O chefe supremo da santa religião do Christo ha pronunciado o seu *verdictum*.

Estão no seu direito conservando-se fieis á doutrina que professam, á religião, que receberam dos seus antepassados. Estão no seu direito conservando intacto o legado dos seus maiores. Cumprem o seu rigoroso dever, obedecendo á intimação do santo padre, e conservando-se no seio das trevas é fugindo ao contacto da luz.

Mas não estão no seu direito, querendo intervir n'uma discussão, a cujo objecto se revelam alheios.

Como é que se atrevem a provocar uma discussão sobre aquillo que ss. ss. ainda não leram, e que ss. ss. não devem lêr?

Ao menos o confessam de modo franco e positivo. Eis aqui: «Para os catholicos basta saber que o positivismo é condemnado pela igreja: a qual, como mãe solícita, logo que a obra de Comte começou a espalhar-se, prohibio-a, vedando aos fieis a sua leitura; porque esta, emprehendida talvez por simples curiosidade (?) ou por um desejo de saber (sic) podia insinuar nos animos o veneno mortifero que contém, como de facto aconteceu a alguns que quizeram confiar mais no seu juizo do que nas caridosas disposições da igreja.»

Srs. padres, mas isto é um crime diante do seculo XIX! O futuro ha de julgar-vos por esta sentença! Ha de pesar sobre vós esta accusação odiosa. Quereis trancar as paginas brilhantes da sciencia. Quereis fechar no escuro dos vossos lugubres e mysteriosos conventos um monumento de granito.

Mas o que significa essa prisão cellular da consciencia no mesmo seculo, em que o espirito humano alcança a victoria na lucta contra o passado?

Medi as proporções d'esse crime hediondo. Lembrai-vos que a historia ha de pronunciar-se um dia no futuro contra vós. Tambem já ella amaldiçoou os velhos carrascos que condemnaram o sabio e venerando Galileu.

Eu aperto-vos n'este dilemma:

Ou sois apóstolos devotados da religião e, fieis catholicos, deveis obedecer a ordem do vosso chefe espirital, e não penetrar n'aquelle mundo de impiedade, n'aquelle metropole hedionda, que se chama—a philosophia de Comte; ou, surdos aos conselhos do successor de S. Pedro, não duvideaes comprometter a vossa consciencia, e arriscar a vossa fé, recebendo a luz que irradia brilhante d'aquelle fóco.

No primeiro caso não tendes o direito de discutir, não podeis vir illudir a opinião publica, atacando uma doutrina pura, mais pura que o proprio catholicismo. Si é certo que a igreja condemnou o positivismo, e vedou aos seus fiéis a leitura das obras de Comte, e de todas as obras, que constituem a base solida da philosophia positiva, então vós sois uns ignorantes que viveis seculos atraz da actualidade; então vós sois uns entes a parte, alheios á revolução que se opéra na mentalidade humana, por todo esse grande movimento scientifico, que deslocou o centro da gravidade da philosophia.

Ou tendes lido as obras de Comte apezar da prescripção do santo padre? N'este caso o que fica sendo a disciplina do catholicismo? N'este caso a que se reduz a sentença do papa contra a doutrina de Comte? A' uma banalidade vã. De nada servem as maldições do velho encarcerado do Vaticano.

Interrompo a discussão, em que me empenhei no meu precedente trabalho para tomar em consideração o que escreveram os meus adversarios que não sahem do terreno das proposições banaes.

Que dizer com effeito de uns adversarios quem vem combater a philosophia positiva partindo da definição de Cicero: *rerum divinarum et humanarum, causarumque, quibus he continentur, scientia?*

Que dizer de uns adversarios que negam o simples factio da possibilidade da existencia de uma philosophia positiva, porque a esta faltaram as tres características de que ss. ss. fizeram as condições essenciaes de toda philosophia.

«De sorte que toda philosophia ha de ter estas propriedades: 1.º deve estender-se a todas as cousas; 2.º deve investigar as razões ou causas das mesmas; 3.º deve chegar até as causas ultimas. Um systema qualquer ao qual falte uma d'essas propriedades, será o que que quizerdes, nunca, porém, philosophia.»

Mas onde ss. ss. encontraram aquelle conceito da philosophia? No passado.

Mas o passado acreditou que a Terra era um corpo plano, porque era esta a hypothese mais simples, que se apresentava ao espirito em suas primeiras construcções. O passado acreditou depois que a Terra era um corpo espherico, porque entre os corpos redondos era ainda a hypothese mais simples. Mas hoje

sabe-se que o globo terraqueo é um ellipsoide. E o que é que isto significa?

Isto significa que o concebível e a verdade de hoje são o inconcebível e o erro de amanhã. E vós vireis dizer que a Terra é plana porque assim se acreditou nos seculos idos.

Acreditou-se que a Terra era um corpo fixo no espaço, e que em roda d'esse ponto central construido pela mão de Deus rolavam e moviam-se todos os grandes corpos celestes.

Mas a sciencia dissipou esse phantasma, o erro geocentrico, e Copernico, Galileu, Kepler e Newton assentaram solidamente as bases do systema heliocentrico.

Regeitou-se essa crença mal fundada do passado.

Creu-se que cada corpo da natureza era uma divindade, e ainda hoje o acredita o fetichista. Deixou-se depois esta concepção grosseira, para acreditar na existencia de uma cohorte de divindades a presidir a manifestação dos phenomenos.

Abandonou-se ainda essa doutrina da multiplicidade dos deuses para adoptar a crença monotheica, o ultimo degrau de integração, o derradeiro ponto de parada do espirito theologico.

Isto quer dizer que o presente tem vencido o passado e revelado a inanidade de suas doutrinas.

Acreditou-se que Deus era uma personalidade concreta, um ente de carne e osso, um ser material; mas abandonou-se uma semelhante opinião para acreditar no vago Deus pantheista, *in quo vivimus et sumus*.

O que é a historia senão o registro dessa marcha incessante da opinião?

O passado achou possível o conhecimento do absoluto e do infinito. A consciencia humana atirou-se aos problemas insolúveis da natureza. Construíram-se as vastas theogonias, e os emmanhados systemas metaphysicos. Em todos elles, o espirito humano não recuou diante da difficuldade.

Penetrou na essencia intima dos phenomenos, e no mundo do subjectivismo, dispondo de um arsenal de entidades ontologicas, resolveu todos os mais abstrusos problemas da natureza.

Primeiramente explicou-os pela crença na acção directa e indirecta da divindade; depois por intermedio dos fluidos concebidos pela razão allucinada dos metaphysicos subteis.

Mas, em qualquer dos casos, era sempre uma tentativa estéril sobre o desconhecido; uma campanha improficua contra o incondicionado.

A philosophia positiva significa uma nova direcção impressa á corrente da opinião philosophica. E si assim é, que tem que ver a philosophia positiva com a definição metaphysico-theologica de Cicero?

Qual é o problema da philosophia positiva? Exactamente substituir a velha concepção theologica, e a velha concepção ontologica do universo por uma synthese positiva e baseada sobre o saber real e experimental.

E é exactamente por isto que, só muito tarde, foi possivel semelhante construcção.

Era preciso que o espirito humano houvesse arrancado ao desconhecido todas as leis fixas, por que se regem os phenomenos. Era preciso um lento trabalho preparatorio em cada dominio do saber, antes de tentar essa integração final, que constitue a philosophia positiva.

Vio-se o erro do passado. E mais amestrados nautas, seguiram novo rumo os fundadores do systema philosophico positivo.

Reconheceu-se a impossibilidade *absoluta* de ultrapassar a esphera do relativo. Eu devo insistir n'este ponto, que é, repito, a base capital da philosophia positiva. Esta é um corollario do dogma da relatividade do conhecimento humano, dogma provado objectiva e subjectivamente.

Provado esse principio fundamental, o que ficavam sendo a theologia e a metaphysica? Um sonho.

«Os metaphysicos são, portanto, poetas que tem por fim reconstituir a synthese do mundo. Estas grandes epopéas cosmogonicas desaparecerão?»

«A experiencia feita tanta vez da sua insufficiencia as condemnará definitivamente? A philosophia continuará a dar poesia em lugar de sciencia, a revestir suas ficções de formulas indecifráveis, e a annunciar ao mundo, pela centesima vez, que encontrou a palavra do seu enigma? Porque não? Muitos pensam que o espirito humano deve renunciar ás suas investigações como a jogos de infancia. Isto não parece desejavel nem possivel.» (Ribot).

Mas uma cousa é reconhecer o erro do passado e outra cousa é seguir as pegadas erradas das gerações, que nos tem precedido. Sempre o espirito humano cogitou d'essas magnas

questões, sempre cuidou de descobrir as causas primárias e finais. Mas é contra isso que se insurge a philosophia positiva.

«O espirito humano é levado por uma imperiosa necessidade a afirmar a ultima palavra das cousas, ou, ao menos, a procural-a; aquem, como além, da cadêa scientifica, elle concebe novos anneis; onde se ignora, é conduzido por uma força invencivel a construir e imaginar, até que tenha remontado ás causas primárias; este processo representa um facto de observação provado pelo estudo de cada epoca, de cada povo, de cada individuo; não é permittido recusar percebê-lo; ha aqui um facto como tantos outros; sua existencia necessaria dispensa discutir a sua legitimidade. Sim! sem duvida, mas esta existencia necessaria não dispensa de analysal-o.

«Ora, a apresental-o assim, ha confusão entre o que elle contém de permanente e o que elle contém de transitorio. O que é permanente, é a presença perpetua do espirito humano diante da infinidade e da eternidade das cousas; este sentimento, elle não o perderá jámais; e é um dos mais salutaes e grandiosos que e possa experimentar e cultivar. Mas o que é transitorio é tentar resolver inutilmente problemas insoluveis; emquanto houve a menor esperanza de obter uma resposta dos abysmos mudos, o espirito teve rasão de empregar-se n'isso com toda a sua energia; é lá no passado e na historia o campo glorioso da metaphysica.

«Mas a condição mudou; si o absoluto dos metaphysicos é alguma cousa, elle é uma realidade, e a realidade suprema; ora, a menor realidade, isto é de notoriedade scientifica, não se conhece senão pela experiencia, a qual a seu turno não é applicavel ao absoluto; é, pois, um circulo sem sahida; percebe-se que a metaphysica é uma phase transitoria do espirito humano». (Littre).

Isto é hoje um logar commum no mundo pensante. E dão uma copia triste de si os meus illustres antagonistas quando recusam admittir uma philosophia positiva, porque esta não pode encerrar-se nos limites traçados pelo passado, nem cabe na formula metaphysica de Cicero.

Ss. ss. lêem ainda pelos velhos compendios classicos; são uns philosophos á Barbe e Pellissier, que vivem seculos atraz da sua época e que querem caminhar para o passado, quando a lei é o caminhamento para diante. Tem razão, pois, de ignorar

o que seja a philosophia positiva; tem, pois, razão de vir discutil-a em face da definição da metaphysica greco-romana.

Não voltarei a repisar estes logares communs, e mais uma vez, com paciencia evangelica, peço aos illustrados redactores do jornal catholico que meditem e que estudem. De nada servem os longos annos e a longa experiencia. E nada prova o ter sahido hontem dos bancos academicos, quando se tem um estudo que póde valer annos de uma experiencia esteril e inutil porque foi mal guiada. Que resultados tiraria o ignorante diante da queda dos graves, ou diante da combinação de dois corpos? Que resultados daria a observação longa, por parte de um ignorante, da oscillação de uma lampada no tecto de uma igreja?

E, entretanto, é sabida a anecdota segundo a qual Newton tiraria da observação da queda de um fructo a lei da gravitação universal; e Galileu descobriu a lei que rege o movimento rythmado do pendulo observando, aos dezenove annos de idade, as oscillações da lampada suspensa na abobada da cathedral de Pisa.

Tyndall fallava de Bradley:

«Elle se achava um dia em batel sobre o Tamisa, e notou que, durante o tempo em que continuava seu curso em linha recta, a flammula, fluctuando no vertice do mastro, mostrava o vento soprando sempre na mesma direcção; mas que o vento parecia variar tantas vezes quantas o batel mudava de direcção. Lá, diz Whewell, estava a *imagem do grande facto observado por Bradley*: o batel era a Terra movendo-se em sua orbita, o vento era a luz vinda das estrellas.» (Tyndall, *A optica*).

Havia uma semelhança occulta entre este facto simples e a *observação da luz*.

Mais valor tem, pois, uma observação mesmo curta, mas bem dirigida, do que longos annos de uma experiencia desorientada.

Não admira, portanto, que o moço obscuro, auctor destas linhas, conheça a philosophia positiva e que a desconheçam velhos sacerdotes da religião catholica.

XV

Agora é um debate novo. E' o momento da critica. Cumpre fixar um ponto, afastando uma vista erronea. Parece a muita gente que a philosophia positiva está destinada a ser vencida no

futuro pelo progresso das sciencias, e pelas descobertas realizadas no dominio da positividade. Isto revela a falta de uma intuição clara da philosophia relativa, para empregar este termo, que é a exclusão do absoluto caracteristico da theologia e da metaphysica.

Só ha um garante firme para a philosophia positiva: é a experiencia. Si o futuro mostrar que ha outro meio seguro para a aquisição de conhecimentos solidos e reaes, então a philosophia positiva será desbancada. Mas a sua anniquilação será realisada quando se anniquilarem todas as sciencias, o que é absurdo prever. E se as sciencias estão destinadas a caminhar e a crescer, a philosophia, tal qual a concebemos, continuará a caminhar e a crescer. Quaesquer que sejam os louros com que se enriqueçam esses luctadores impavidos, que disputam palmo a palmo o terreno á ignorancia, e o segredo á natureza, elles só poderão servir para garantir a estabilidade da philosophia positiva.

Esta ha de ter sempre por caracter fundamental, para empregar a linguagem de Comte, «olhar todos os phenomenos como sujeitos a leis naturaes invariaveis, cuja descoberta precisa e redução ao menor numero possivel são o fim de todos os nossos esforços, considerando como absolutamente inaccessivel e vasia de sentido para nós a investigação do que se chamam as causas, seja primarias, seja finaes.»

Aqui está a originalidade de Comte. Sem duvida póde se dizer que adoptar a experiencia como base unica de conhecimento real, é uma idéa, que representa um facto anterior á concepção de Comte. E pode-se repellir o epitheto de positivista, como synonymo de comtista, si se quer applicar aquelle qualificativo a todos quantos professam o experimentalismo em sciencia. Mas o merito de Comte está em ter introduzido este criterio no dominio da philosophia.

Ahi está, por exemplo, Ribot, que, adoptando a base experimental no dominio da sciencia, diz-nos, entretanto, a proposito da psychologia:

«A psychologia, como toda a sciencia, como a physica, como a chimica ou a physiologia, encerra questões ultimas, transcendentes, as de principios, de causas, de substancias: o que é alma, d'onde ella vem, para onde vae? São discussões puramente philosophicas.»

Comte fez desaparecer esse hiato aberto entre o mundo scientifico e o mundo philosophico. Identificou-os pela adopção

da mesma base, diremos melhor, dos mesmos processos methodologicos.

D'aqui provém o character de permanencia, que é proprio da philosophia positiva, e que a extrema dos systemas precedentes.

«Mas a que titulo uma philosophia póde adquirir um tão eminente privilegio? Ha, na obra total produzida pelo trabalho da humanidade, uma ordem de noções que, graças aos processos que sua natureza lhes impõe, tem creado, depois applicado sobre uma immensa escala o principio de reduzir o sujeito ás suas condições logicas: são as sciencias. La não se acceita senão o que é dado pelo objecto e pela experiencia; o modo de conhecimento, o encadeamento e a theoria são procurados pelo sujeito. D'esta combinação resulta um fundo e uma fórma, que asseguram ás sciencias sua certeza e sua virtude progressivas. Eliminar rigorosamente o sujeito dos dados sobre os quaes se trabalha, introduzil-o poderosamente na ordem que se procura, eis todo seu officio. A philosophia positiva, que, como eu já disse, não é senão uma inducção geral feita com as sciencias particulares, tem a mesma solidez de certeza e a mesma virtude de desenvolvimento.» (Littre, *Augusto Comte e a Philosophia Positiva.*)

Estas ligeiras considerações, fil-as a proposito da questão que ora nos vae occupar: a classificação das sciencias. E' um ponto importante, e representa uma das glorias de Comte. Importante porque era uma tentativa de classificação natural; importante ainda porque a classificação serial, traduzindo a complicação crescente, objectiva e subjectiva, é uma correcção á lei fundamental da sociologia dynamica, tal qual a concebeu o auctor da *Politica Positiva*, correcção que consiste em fazer desaparecer as suppostas anomalias desta lei.

Mas póde-se identificar a philosophia positiva com a classificação tentada por Comte? Pódem-se ligar á segunda os destinos da primeira? De modo algum.

Já as modificações que parecem acceitaveis á formula do chefe do positivismo, sem nullifical-a em seus fundamentos, revelam que essa theoria não póde escapar ao progredir das doutrinas scientificas, e ha de forçosamente modificar-se com o avançar do tempo.

E quando mesmo os argumentos adduzidos pelos criticos fossem capazes de destruir a ordem, segundo a qual Comte concebeu dispostos os differentes departamentos scientificos, isto nada

tinha que vêr com a philosophia positiva, tal qual a concebem, os que podem ser chamados — positivistas independentes — que nunca acceitariam o dogma da escravisação da consciencia, tão energicamente combatido pelo professor Huxley.

Roberty exprimiu-se ácerca deste ponto nos seguintes termos :

« A classificação das sciencias, tal qual foi estabelecida por Comte, não pôde ser chamada a chave da abobada do systema inteiro da philosophia positiva, senão emquanto ella serve de expressão exacta aos resultados obtidos até aqui pelo conjuncto do saber humano, e esta classificação não pôde ser apresentada como um principio immutavel, senão emquanto se não tenham obtido resultados differentes, na mesma direcção.»

Já conhecemos a base da classificação comtista. Havendo estabelecido que só seria natural e philosophica a classificação das sciencias assente sobre a correlação descoberta entre os phenomenos, que constituem o objecto do conhecimento, o auctor da *Philosophia Positiva*, organisou a série das sciencias baseada sobre a successão dos phenomenos segundo a generalidade decrescente e complexidade crescente.

O facto historico da constituição das sciencias se revelou de accôrdo com a ordem adoptada por Comte. A constituição de uma sciencia é um momento da evolução. Isto será acceito para invalidar a objecção de Spencer contra Comte. E é uma idéa e uma distincção introduzida por Littré. Spencer, que é um dos mais avigorados athletas da lucta philosophica, criticou extensamente a classificação de Comte. A simples disposição serial pareceu um impossivel ao chefe do evolucionismo, porque as sciencias em sua evolução estão regidas pelo principio da interdependencia.

« Nenhuma das sciencias se desenvolve isoladamente; nenhuma é independente, nem logica, nem historicamente; todas têm, em um grau maior ou menor, tirado e prestado auxilio e soccorro.» (Herbert Spencer.)

E, para citar o exemplo mais importante do referido auctor :

« Uma simples observação de uma estrella tem hoje de soffrer uma analyse minuciosa pelo auxilio combinado de diversas sciencias: corrige-se-a não só pela nutação do eixo da terra e pela precessão dos equinoxios, mas pela aberração e refração; a formação das taboas pelas quaes é calculada a refração

suppõe o conhecimento da lei da densidade decrescente nas camadas superiores da atmosphera, da lei de temperatura decrescente com sua influencia sobre a densidade, e das leis hygrometricas emquanto affectando tambem a densidade; de sorte que, com o fim de obter materiaes para o progresso ulterior, a astronomia requer não só o soccorro indirecto das sciencias que tem presidido a execução de seus instrumentos aperfeiçoados, mas o soccorro directo da optica, da barologia, da thermologia e da hygrometria, levadas a um ultimo ponto; e, se nós recordamos que estas delicadas observações são, em certos casos, registradas pela electricidade e que ellas são além disto corrigidas pela *equação pessoal*, que é o tempo que se escôa entre vêr e registrar, tempo que varia com os differentes observadores; á enumeração acima nós ajuntaremos a electriologia e a psychologia.»

Isto é verdade sem duvida. Em sua evolução as sciencias são regidas por esse *consensus*, essa synergia, que faz com que os differentes ramos do saber se entrelacem solidamente. Comte foi o primeiro a revelar este facto, fazendo menção da interdependencia das sciencias. O termo foi felizmente introduzido pelo philosopho inglez.

«Mas considerando, em seu conjuncto, o desenvolvimento effectivo do espirito humano, vê-se mais que as differentes sciencias tem sido, de facto, aperfeiçoadas ao mesmo tempo e mutuamente; vê-se mesmo que os progressos das sciencias e os das artes tem dependido uns dos outros, por innumeradas influencias reciprocas, e enfim que todas tem sido estreitamente ligadas ao desenvolvimento geral da sociedade humana. (Comte, *A Philosphia Positiva*.)

Foi diante deste facto que o auctor citado confessou a difficuldade do problema da classificação e a quasi impossibilidade de conformar á ordem historica a série das sciencias :

«Vê-se com effeito, que, por mais perfeita que se podesse suppô-la, esta classificação não poderia nunca ser rigorosamente conforme ao encadeamento historico das sciencias. Por mais que se faça, não se pôde evitar inteiramente o apresentar como anterior tal sciencia que terá, entretanto, necessidade, sob alguns pontos de vista particulares, mais ou menos importantes, de tirar noções a uma outra sciencia classificada, em gráo posterior.»

Em comprovação cita Comte o facto da Astronomia, que

deve no seu entender ser collocada antes da Physica, e exige não obstante muitos ramos da physica, principalmente a optica como indispensavel preliminar ao seu estudo.

Ha, pois, um claro e manifesto accôrdo entre Comte e Spencer. Mas acceito o principio de Spencer como justificar a classificação de Comte? Facilmente: notando que o inconveniente apontado não tem logar com relação ás *concepções características* de cada sciencia.

Isto corresponde á distincção estabelecida por Littré entre a evolução e a constituição. Corrigida a idéa de Littré, que fazia datar a evolução do momento da constituição da sciencia, pôde-se dizer que Comte e Littré tiveram razão. Constituir uma sciencia é fixar as suas *concepções* características, isto é, descobrir a explicação positiva dos phenomenos, que constituem o seu dominio. Sem duvida não é justo com o erudito discipulo de Comte, distinguir em cada sciencia seus rudimentos, sua constituição, e sua evolução, como tres periodos successivos.

«E' preciso distinguir em uma sciencia seus rudimentos e sua constituição. Ella é rudimentar quando não tem ainda senão factos isolados ou systemas ficticios; ella está constituida quando tem reconhecido seu objecto e seu methodo proprios. Esta constituição definitiva não se fez para cada uma senão depois da sciencia ou das sciencias que precedem na ordem hierarchica; é a historia que testemunha. *A partir deste ponto, cada sciencia entra em sua evolução.*» (Littré, *A sciencia.*)

Só se explica a linguagem de Littré pela não adopção do termo no sentido lato que lhe deu o auctor dos *Primeiros Principios*, e que é hoje corrente no mundo philosophico. A evolução é a marcha continua do objecto a partir do imperceptivel até a sua absorção no imperceptivel: é um duplo movimento de integração e desintegração durante o qual se effectua a passagem de um estado de homogeneidade discreta e indefinida para uma heterogeneidade concreta e definida. E' esta a formula de Spencer. Assim é impossivel distinguir o periodo rudimentar de uma sciencia do seu periodo evolutivo, como é impossivel distinguir a vida ovular de um ser da sua evolução, fazendo-a datar do momento de sua definitiva organização.

A evolução no ser começa no primeiro instante perceptivel da sua historia.

O termo da phase embryologica do ser é apenas um momento da evolução, que ha de continuar.

Assim a constituição de uma sciencia é um capitulo da sua marcha evolutiva. Introduzida esta correcção, são excellentes as palavras de Littré sobre o ponto em litigio; o leitor, que comprehende que o meu trabalho nesta discussão é contrapor os criticos, permittirá que as escreva aqui:

«Uma sciencia está constituida quando ella tem satisfeito a duas condições: reconhecer alguma das propriedades fundamentaes da materia, e estabelecer sobre esta propriedade uma doutrina abstracta susceptivel de evolução. A physica foi constituida quando ella reconheceu a gravidade, o calorico, a electricidade, o resto como propriedades irreductiveis, e começou sobre cada uma a theoria abstracta que ellas comportam. A chimica foi constituida quando se percebeu a afinidade e as leis da afinidade. A biologia foi constituida quando se verificou a vitalidade, essencial aos tecidos. Emfim a sociologia foi constituida quando se descobriu a lei, segundo a qual o corpo social transmite de idade em idade a accumulção hereditaria.

«Cada sciencia superior se constitue por um residuo que deixam as sciencias inferiores e que ellas não explicam. Lá, n'este residuo, estão os materiaes da constituição futura da sciencia que vem depois.» (Littré).

Negando a conformação da ordem successiva das sciencias com o facto historico de suas constituições, Spencer atacou a precedencia assignada á astronomia. Por ora é só da historia que me occupo.

Comte justificára o lugar distribuido á physica celeste:

«A physica não começou a desprender-se definitivamente da metaphysica para tomar um character verdadeiramente positivo senão depois das descobertas capitaes de Galileu sobre a quéda dos corpos, emquanto que, ao contrario, a astronomia estava realmente positiva, sob o ponto de vista puramente geometrico, desde a fundação da escola de Alexandria.»

Spencer não o accetaria. Vejamos porquê:

«Não é verdade que geometricamente a astronomia tenha tido precedencia sobre a physica terrestre; a geometria, desde que ella foi constituida se applicou igualmente ás cousas da terra e ás cousas do céu; e a astronomia não era mais positiva em

seu aspecto geometrico do que a medida dos angulos, triangulos, circulos e polygonos, que se tinha sobre a terra.»

Litré defendendo contra o philosopho inglez a classificação do mestre, confessou a principio a sua impotencia diante da critica.

«Eu procurei, em vão, nos capitulos, que Comte consagrou á astronomia, alguma resposta implicita que podesse desprender e fazer valer; depois procurei em vão levantar a difficuldade em meu espirito.»

Mais tarde, porém, retornando á questão, e voltando á polemica, o erudito membro da Academia sacudio victoriosamente a objecção:

«E' occasião de voltar a um ponto, em que eu defendi insufficientemente Comte contra uma objecção de Herbert Spencer.

«Seu contradictor oppõe que, geometricamente, a astronomia não tem nenhuma precedencia sobre a physica terrestre; que a geometria, desde que ella foi constituída, se applicou igualmente ás cousas da terra e ás cousas do céu; e que a astronomia não era mais positiva em seu aspecto geometrico do que a medida dos angulos, triangulos, circulos e polygonos que se tinha sobre a terra. Não tive absolutamente razão de acceitar, em outro tempo, esta objecção; ella não é valiosa. Sem duvida a medida dos angulos, dos triangulos, dos circulos, é a mesma sobre a terra que no céu, mas, no céu, esta medida determina as estações, estabelece a precessão dos equinoxios, crêa a gnomonica e procura a previsão dos eclipses, o que é uma sciencia. Nada de semelhante sobre a terra.»

A opinião de Comte fica de pé. A ordem estabelecida entre as sciencias é a ordem da manifestação dos factos historicos de suas constituições. E esta série das constituições está de accordo com o principio da generalidade decrescente e complicação crescente correlata?

E' o que se indagará.

XVI

Si a classificação de Comte tem por base o principio da generalidade decrescente e complicação crescente dos phenomenos, ella é rigorosamente conforme á ordem logica.

Spencer, não acceitando as premissas que são uma *demi verité*, na sua opinião, rejeitou a conclusão. Notemos aliás que o prin-

cipio da interdependencia, que rege o desenvolvimento das sciencias, pareceu sufficiente ao philosopho inglez para regeitar a disposição serial de Comte.

Neste ponto o auctor da philosophia positiva se conformou ao principio do methodo cartesiano.

«O terceiro preceito é de pôr em ordem meus pensamentos, começando pelos objectos mais simples e mais facéis de conhecer, para subir pouco a pouco, como por degráos, até o conhecimento dos mais compostos.» (Descartes, *Discours de la methode*.)

Comte justificou a sua classificação em face d'este principio. As propriedades mais simples e mais geraes são as propriedades mathematicas: o numero e a extensão. E' impossivel ir além. Todos os corpos da natureza são susceptiveis de enumeração.

«De todas as uniformidades existentes nos phenomenos synchronicos, as mais importantes a todos os respeitos são as leis do numero, e com estas as do espaço, ou, em outros termos, as da extensão e da figura. As leis do numero são comuns aos phenomenos synchronicos e aos successivos. Dois e dois fazem quatro: é igualmente verdadeiro, seja que o segundo 2 siga o primeiro, seja que elle o acompanhe. E' tão verdade dos dias e dos annos como dos pés e das pollegadas. Ao contrario, as leis da extensão e da figura, (em outros termos os theoremas de geometria em todos os seus ramos, dos mais baixos aos mais altos) não se referem senão aos phenomenos simultaneos.» (Stuart Mill, *Systema de Logica*, vol. I).

E mais adiante: «Assim, pois, as proposições relativas aos numeros tem a propriedade notavel de serem proposições relativas a todas as cousas quaesquer, a todos os objectos, ás existencias de toda a especie, por nós conhecidas pela experiencia. Todas as cousas tem uma quantidade, se compõem de partes que podem ser numeradas, e, a este titulo possuem todas as propriedades dos numeros.»

E' a opinião de Comte.

Collocando a mathematica no 1.º degráo da sua escala encyclopedica, Comte não só estabelece que os phenomenos mathematicos são os mais geraes, como ainda concebeu dentro da propria sciencia uma successão gradativa entre os seus ramos. A mathematica estuda o numero, a extensão e o movimento. Com-

te subdividindo a sciencia em abstracta (calculo) e concreta (geometria e mechanica), achou que logicamente a 1.^a parte devia ter uma precedencia em relação á 2.^a

E' certo que foi o primeiro a revelar a impossibilidade de fixar de um modo absoluto essa subordinação.

Ouçamol-o em primeiro lugar pelo que respeita á generalidade dos phenomenos.

«As idéas de que ella se occupa (a analyse mathematica) são as mais universaes, as mais abstractas e as mais simples que nós possamos realmente conceber. Não se poderia tentar ir mais longe sobre estes tres pontos de vista equivalentes, sem cahir inevitavelmente nos sonhos metaphysicos. Porque qual seria o *substractum* effectivo que poderia ficar no espirito para servir de assumpto positivo ao raciocinio, si se quizesse supprimir ainda alguma circumstancia nas noções das quantidades indeterminadas, constantes ou variaveis, taes quaes os geometras as empregam hoje, afim de se elevar a um pretendido gráo superior de abstracção?»

Applicando ao conjuncto da sciencia mathematica o principio geral da classificação, Comte procurou justificar o lugar assignado ao calculo, (arithmeticamente e algebra) á geometria e á mechanica.

As idéas analyticas, que constituem o dominio do calculo são mais simples que as idéas geometricas ou mecanicas.

«Bem que as concepções principaes da analyse mathematica, encaradas historicamente, se tenham formado sob a influencia das considerações de geometria ou de mechanica, ao aperfeiçoamento das quaes os progressos do calculo são estreitamente ligados, a analyse não é, sob o ponto de vista logico, menos essencialmente independente da geometria e da mechanica.»

Herbert Spencer, criticando a classificação de Comte, achou que a generalidade decrescente era apenas uma face da natureza; e que esta generalidade era a um tempo crescente e decrescente.

Denunciando uma contradicção na linguagem do fundador do positivismo, achou que, pelo que respeita ao calculo ordinario ou calculo das funcções directas a precedencia assignada á arithmetica sobre a algebra, era uma violação ao principio da generalidade, basico na classificação comtista.

Copiemo-lo :

«Nós nos contentaremos com a comparação das suas asserções que a analyse nasceu de factos geometricos e de factos mecanicos, e que as concepções geometricas são fundadas sobre as concepções analyticas.» (Herbert Spencer, *The Genesis of science*).

Isto é a mesma objecção que já se cuidou de levantar a proposito da distincção das sciencias em abstractas e concretas.

Sem duvida um facto geometrico isolado póde servir de base a. uma construcção analytica, não digo bem, de ponto de partida, de occasião. Mas esta construcção analytica nem por isso fica logicamente independente do facto geometrico de que proveio, e deixa de ser auxilio poderoso no estudo dos outros factos da mesma natureza.

Pela minha parte não vejo a contradicção assignalada por Spencer.

Mas falhou o principio da generalidade decrescente na classificacão effectuada por Comte dentro do dominio mathematico?

O critico inglez o acreditou:

«A analyse transcendente é para a algebra o que a algebra é para a arithmetica. Para indicar brevemente seus poderes respectivos, a arithmetica póde exprimir em uma só formula o valor de uma tangente *particular* a uma curva particular e a algebra póde exprimir em uma só fórmula os valores de todas as tangentes a uma curva particular; a analyse transcendente póde exprimir em uma só formula os valores de todas as tangentes a todas as curvas.»

Logo a analyse transcendente é mais geral que a algebra, e esta mais geral que a arithmetica. Ora Comte dispol-as na ordem inversa. Logo o principio da generalidade falhou no interior da sciencia mathematica.

A isto Littré julgou possivel responder invocando uma generalidade differente; e fazendo distincção entre o ponto de vista objectivo e o ponto de vista subjectivo.

Aqui estão as palavras do discipulo em defeza do mestre:

«Eu me contento com fazer notar que existem duas ordens de generalidade, uma objectiva e nas cousas, outra, subjectiva, abstracta no espirito; é, pois, natural que em face da generalidade objectiva de Comte seja possivel por toda parte, collateralmente, assignalar uma generalidade subjectiva; mas, si Comte

confundio a generalidade subjectiva na objectiva, Herbert Spencer confunde a generalidade objectiva na subjectiva.»

Isto a proposito da sciencia mathematica, onde foi denunciado falho o principio de Comte. Mas póde-se responder que si Comte e Spencer confundiram o que não deve ser confundido, Littré quiz distinguir o que não deve ser distinguido. O autor da *Sciencia* recorreu á biologia e tomou um exemplo a este dominio para accrescentar ao exemplo de Spencer.

Passando da consideração dos órgãos para a dos tecidos, mais geraes que os órgãos, e das considerações dos tecidos para a dos elementos anatomicos, mais geraes que os tecidos, Littré achou que a biologia procedia a uma generalidade crescente subjectiva não objectiva.

«Eu mostrei, ha pouco, que a Biologia procedeu, subjectivamente, a uma generalidade crescente. Vou mostrar que, objectivamente, ella procedeu a uma generalidade decrescente. O corpo vivente foi estudado primeiramente como um todo; d'este todo se passou ao exame dos órgãos, que se tornaram *todos* a seu turno; estes *todos* secundarios se decomposeram em tecidos mais particulares; e, por uma particularisação nova, se desceu até os elementos. Considerando o corpo vivente no seu conjuncto, depois seus tecidos, depois seus elementos, o que fórma outras tantas doutrinas cada vez mais geraes, dir-se-á com Spencer, que, na biologia a generalidade foi crescente. Ao contrario, considerando o corpo vivente como um todo, depois seus tecidos, depois seus elementos, o que fórma outras tantas divisões a mais e mais particulares, dir-se-á, como Comte, que, na biologia, a generalidade foi decrescente.» (Littré).

E' facil de descobrir a falsidade da distincção invocada por Littré. Tambem Spencer rebateu essa argumentação. Quando eu passo dos tecidos para os elementos anatomicos, tendo começado pelo corpo e pelo órgão, é a uma generalidade crescente, objectiva e subjectiva, que eu procedo.

E' impossivel contrapor os termos, e inverter as direcções das duas correntes objectiva e subjectiva.

E é de todo o ponto sem fundamento considerar o estudo dos órgãos como menos geral, porque elles fazem parte do corpo encarado em grosso. A verdade é que o paralelo é completo, e a marcha identica. Aquillo, que na natureza é mais geral, o espirito não póde conceber como menos geral.

E' insuspeita a opinião de um positivista sobre este assumpto :

«Eu ajuntarei sómente, para não deixar subsistir nenhuma obscuridade a respeito do meu pensamento, que si a objecção mencionada, ha pouco, tende a provar que, no dominio do methodo, a generalidade objectiva procede no mesmo sentido que a generalidade subjectiva, a mesma cousa acontece, por motivos exactamente semelhantes, no dominio da evolução ou na ordem que arranja a successão dos phenomenos no ponto de vista do seu conjuncto. Assim, um phenomeno social é objectivamente um phenomeno dos mais particulares; mas eu me recuso a comprehender como este phenomeno póde tornar-se subjectivamente, e sómente em rasão de sua particularidade objectiva, mais geral que um phenomeno vital ou chimico. Me parece claro que, si não se confundem pontos de vista differentes, si não mudam-se arbitrariamente os angulos de visão intellectual, si não se salta de um dominio do pensamento para um outro, haverá sempre correspondencia perfeita e identidade fundamental entre a concepção ideal ou subjectiva e o phenomeno real ou objectivo.» (De Roberty).

Introduzindo esta noção e creando esta distincção Littré procurou justificar a classificação da arithmetica antes da algebra, e d'esta sciencia antes da analyse transcendente.

Quando se passa da consideração geral dos numeros para a dos elementos algebricos ou infinitesimales vae-se objectivamente do mais geral para o mais particular, ainda que em um outro ponto de vista a generalidade seja crescente:

«O numero considerado no todo se decompoz, pelo progresso da sciencia, em quantidade algebrica, depois em quantidade infinitesimal.»

Mas, em que é que isto prova a menor generalidade da analyse transcendente em face da algebra e d'esta em face da arithmetica? Basta que eu saiba que um certo grupo encerra um numero determinado de objectos, por exemplo 10, para applicar a este grupo as propriedades geraes dos numeros. Assim, como eu sei que a metade de 10 é 5, sei que posso dividir o grupo considerado em dois sub-grupos de 5 objectos cada um.

Mas a algebra leva mais longe esta generalisação. Ahi se raciocina sem attender ao numero de objectos, com o auxilio dos symbolos geraes, e suppondo o numero de objectos, sabe-se

que é possível dividir o grupo considerado em suas partes, cada uma composta de $n/2$ objectos. Si as propriedades dos números são extensivas a todas as cousas, as propriedades dos symbolos algebricos são extensivas a todos os numeros.

Si é assim como justificar a classificação de Comte?

Não se trata do lugar assignado á mathematica como todo.

Ahi Comte foi perfeitamente fiel ao seu principio de classificação, e não vem fóra de proposito invocar o testemunho do eminente d'Alembert :

« Não ha, para fallar com exactidão, senão as (sciencias) que tratão do calculo das grandezas, e das propriedades geraes da extensão, isto é, a algebra, a geometria e a mecanica, que se possa olhar como marcadas com o sello da evidencia.

« Ainda ha, na luz que estas sciencias apresentam ao nosso espirito, uma especie de gradação, e por assim dizer de nuance a observar.

« Mas o objecto que ellas abração é extenso, e considerado de um modo geral e abstrato, pois, seus principios são isentos de nuvens; é por esta razão que a geometria é mais simples que a mecanica, e uma e outra menos simples que a algebra.»

(*Discours sur l'encyclopedie.*)

Não accetando a objecção de Littré contra o ataque de Spencer, entendo, e tal é a opinião de um auctor que citarei, que Comte não tem razão de querer applicar no interior de cada sciencia, ou arranjamto de suas partes constitutivas, o principio de generalidade decrescente. Este principio é verdadeiro só quanto a classificação das sciencias, cada uma destas sendo a representação subjectiva de uma propriedade objectiva ou das cousas.

O que Comte exprimio com a sua classificação, e traduzio na sua formula foi o facto das constituições successivas das sciencias, cada vez que uma nova propriedade da materia tinha necessidade de ser explicada e interpretada. A generalidade decrescente é só quanto ás propriedades distinctas. Assim não ha lugar de invocala quanto á quantidade, que é uma só propriedade, embora sob o aspecto arithmetico, algebrico ou infinitesimal. Não ha lugar ainda para invocala na disposição dos differentes ramos da physica. Si é impossivel classificar a barologia, a thermologia, a electrologia, a optica e acustica segundo o principio de Comte, isto nada prova contra a sua classificação e apenas deixa ver que foi uma extensão não auctorizada.

Eu cito a opinião de Roberty:

«E' pois necessario distinguir o sentido especial e, por assim dizer, tecnico do termo *complicação* na lei de Comte, da sua significação na linguagem ordinaria. Ha aqui dois pontos de vista differentes, que é preciso tomar cuidado de não confundir. E' esquecendo esta distincção, que se estende a lei da evolução interscientifica á divisão do trabalho, que se realisa no interior de cada sciencia á proporção e na medida de seus progressos; excepções e contradicções sem numero surgem então de todos os lados, que ameaçam arruinar a lei fundamental, indubitavelmente verdadeira entretanto em seus proprios e estrictos limites. E', não perdendo de vista estes ultimos, que se póde dizer, como eu fiz acima, que a lei de Comte não poderia servir de expressão exacta a uma relação uniforme observada na successão das sciencias, senão com a condição de não representar ao mesmo tempo uma relação semelhante entre as differentes partes de cada sciencia, tomada separadamente.»

E' accetivel a objecção de Spencer, mas sem tocar nos *ima fundamenta* da classificação.

XVII

Devo algumas palavras aos meus adversarios. Ss. ss. começam a tentar uma discussão da philosophia positiva. Vão erradamente. Eu delimito a discussão e tracei o campo preciso do debate.

Provoquei a lucta no terreno basico da philosophia positiva: a relatividade do conhecimento. Ss. ss., por uma sophisticação facil de descobrir, partem da significação do termo, e estabelecem a impossibilidade *absoluta* da existencia da philosophia positiva.

Não insistirei sobre este ponto: a accepção do termo. Quando eu falava na significação da palavra, allegaram que eu me collocava em contradicção com Augusto Comte, que se contradisse a seu turno. Em prova d'esta dupla contradicção do humilde discipulo com o mestre, e do eminente mestre consigo mesmo, citaram umas linhas de Comte logo no começo da sua obra grandiosa. O fundador do positivismo declarara empregar o termo no mesmo sentido em que o empregavam os antigos, e particularmente Aristoteles.

Mas a contradição não existiria si ss. ss., que leram ao menos o—Avertissement de l'auteur,—houvessem, procedendo de bôa fé, concluido o pensamento de Comte, que eu concluo aqui.

«Eu me limitarei, pois, a declarar que emprego a palavra *philosophia* na accepção que lhe deram os antigos, e particularmente Aristoteles, como designando o *systema geral das concepções humanas*; e, ajuntando o termo *positiva*, eu annuncio que considero esta materia especial de *philosophia*, que consiste em encerrar as theorias, em qualquer ordem de idéas que seja, como tendó por objecto a coordenação dos factos observados, o que constitue o terceiro e ultimo estado da *philosophia geral*.»

Esta citação tem um duplo fim: apaga as falsas contradições, e denuncia a má fé dos meus adversarios.

Eu já tive occasião de dizer, em um dos precedentes artigos d'esta série, o que constitue o elemento geral, o esqueleto por assim dizer de todos os *systemas philosophicos*, que tem surgido e que tem cahido.

Sempre e em todos os tempos o termo *philosophia* foi applicado ao conhecimento e estudo das mais altas generalidades. Sempre cogitou-se de estabelecer verdades geraes, que fossem capazes de conter em si, como casos particulares, todas as noções colhidas pelo espirito no dominio da natureza. Foi este o fim das grandes construcções baseadas sobre o teleologismo e o metaphysicismo. Antes que o espirito houvesse sido orientado no sentido de uma *synthese positiva*, isto é, real e scientifica, procurou essas verdades fundamentaes no dominio do subjectivismo, em vez de tratar de descobri-las no campo do objectivismo. Foram assim as grandes theogonias e os grandes *systemas metempiricos*, em que tudo era explicado por um principio, filho da imaginação, e concebido pelo *eu*.

E' ainda o objectivo da *philosophia positiva*, o seu problema fundamental, fazer do estudo das generalidades uma especialidade mais.

Introduzido porem este novo criterio, operada esta revolução radical na mentalidade humana, pôde-se dizer que a *philosophia positiva* é um impossivel, porque ella abandona como inacessivel a investigação das causas primarias e finais?

«Todas as sciencias tornadas positivas renunciam a investigar a essencia das cousas e de suas propriedades, as causas pri-

mariaes e finaes, isto é, o que se chama em metaphysica o absoluto. A philosophia que é filha d'ellas, renuncia tambem a essa investigação. Os philosophos passados teriam olhado como uma chimera uma philosophia que se não occupasse do absoluto; hoje se deve olhar e se começa a olhar como uma chimera uma philosophia que não está inteiramente no relativo.» (Littre).

Sobre o termo e sua accepção, os meus illustres antagonistas ouvirão ainda Spencer.

Agora não é um moço academico.

«O que resta como o elemento commum das diversas concepções da philosophia, uma vez que se eliminaram todos os elementos em desaccordo, é o *conhecimento do mais alto grão de generalidade*. E' isto o que se quer dizer quando se introduz no dominio da philosophia Deus, a natureza e o homem.»

Quanto á natureza e á existencia real de uma philosophia positiva, muito se ha dito aqui sobre tal assumpto para que eu volte a bater este terreno, onde não entraram os illustres redactores do jornal catholico.

Abandonando o thema que lhes offereci a discutir, comecem agora o que denominam a critica da philosophia positiva. E para derrocar os fundamentos e alicerces da philosophia scientifica ss. ss. encetaram uma analyse da *lei dos tres estados*.

Antes de entrar n'esse estudo, e acompanhal-os n'esse dominio, seja-me licito dar uns esclarecimentos á questão e fixar bem a natureza da base em que assenta a philosophia positiva.

E' um erro de ss. ss. resumirem no que escreveu Comte, e fazer constar só disso a — philosophia positiva. — Nada mais falso.

Os meus antagonistas me hão visto já arredado de algumas opiniões de Comte, cuja tarefa foi construir uma synthese scientifica baseada sobre a somma dos conhecimentos, que constituíam a propriedade psychica d'aquella época.

Mas, alargado o campo da sciencia, deverá ficar o espirito encerrado nos limites traçados pela—*Philosophia* de Comte?

O sr. Theophilo Braga, que está na vanguarda da moderna geração portugueza, traçou um quadro bem acabado da situação da obra de Comte, em face das modernas conquistas da sciencia.

Para citar um só factó, e antecipar um juizo que será ex-

posto mais tarde, mencionaremos a nullificação dos motivos allegados para justificar a não admissão de uma physica celeste, hoje tornada possível, depois das esplendidas descobertas espectros, copicas de Kirchoff e Bunsen.

«Desde a morte de Augusto Comte as sciencias tem tido um desenvolvimento imprevisito; a spectroscopia alargou os limites da experimentação humana, desapareceu a phrenologia sendo substituida pela physiologia psychica (eu diria psychologia), a astronomia, a physica e a chimica subordinaram-se ás mesmas leis do principio etherodynamic, o microscopio revelou os elementos chimicos da histologia e a estrutura da cellula vegetal e animal, formou-se a embryogenia, a anthropogenia e provou-se a existencia definitiva do homem ante-historico; constituiu-se uma geologia baseada no factor tempo, e a theoria transformista sobre a primeira prova tentou a synthese das sciencias biologicas. Qual o lugar da philosophia diante destes extraordinarios progressos? Ella soffre modificações de factos accidentaes, mas a architectura fundamental recebeu mais eloquentes comprovações.» (*Traços geraes de Philosophia Positiva*, Theophilo Braga.)

Vão errados os senhores catholicos se tentam derrocar a philosophia positiva, batendo alguns dos seus principios, não adoptados por grande numero de pensadores, muitos dos quaes reivindicam com razão o titulo de positivistas e de discipulos de Comte.

N'este numero está Littré.

Comecemos por ver si os defensores do anachronico papismo souberam escolher o alvo, antes de examinar si ss. ss. puderam attingil-o.

Eis aqui como os meus adversarios estabeleceram a polemica e prepararam o ataque:

«Qual é, pois, a verdadeira natureza e o caracter proprio do positivismo? Para entendel-o é necessario conhecer a sua lei fundamental, que é a theoria dos tres estados do espirito humano, que os positivistas dão como origem, fundamento e base do seu systema.»

Eu não sei onde foram fazer esta descoberta. A lei dos tres estados não é a base da philosophia positiva. Esta póde subsistir independente d'aquella tentantiva realisada por Comte no dominio sociologico.

Foi duplo o trabalho e o fim de Comte. Em primeiro lu-

gar teve em vista o philosopho lançar os fundamentos da sociologia positiva; em segundo lugar realizar a synthese dos conhecimentos, effectuando aquella coordenação systematica, que constitue a philosophia.

Na época em que Comte appareceu já haviam sido encorporadas ao conjuncto do saber positivo as noções relativas a todos os phenomenos, excepto os mais complexos e menos geraes, os phenomenos sociaes. Comte vio a necessidade de extender o criterio positivo até esse dominio, que permanecia entregue ás explicações theologicas e metaphysicas.

Eia mister tornar homogeneos os conhecimentos humanos antes de tentar a sua somma e integração em uma formula philosophica. A mathematica havia sido estabelecida já desde épocas remotas sobre o terreno seguro da positividade. De ha muito que o espirito, elaborando esses materiaes, constituiu o magestoso portico do edificio scientifico.

A astronomia, sob o ponto de vista geometrico e mecanico, se completara no momento em que Newton se elevava á descoberta da lei universal da gravitação, essa assombrosa generalisação arrancada ao cahos da natureza. Tinha-se expellido o erro geocentrico; tinha-se batido a theoria de uma creação teleologica e de uma finalidade denunciada pelos astros, os pharões do genero humano; dispensaram-se todos os recursos imaginados pelo espirito para ter a explicação dos phenomenos celestes. Assim como se eliminou a mão de Deus, eliminaram-se os turbilhões metaphysicos.

A physica tinha-se já constituido sobre as descobertas realizadas no dominio da positividade. A descoberta das leis de successão dos phenomenos apagara de uma vez o phantasma das abstrações metaphysicas. Galileu estabeleceu a lei da queda dos graves, e Comte ligou a este facto, constitutivo da barologia, o momento da definitiva fundação da sciencia. A natureza cessou de ter horror ao vacuo, e ligou-se a leis simples o facto da ascenção dos liquidos em um tubo.

A chimica havia sido emancipada. As velhas e laboriosas investigações dos alchimistas, encerrados no fundo dos seus escuros laboratorios a manipular a suja retorta, como nol-os pintou já o naturalista Balzac, tinham sido substituidas por uma sciencia positiva, e que se tornara tal após a descoberta de Galileo. Ces-

sou-se de correr apó's os elementos, e começaram-se a fixar as leis da combinação e decomposição, que regem os phenomenos chimicos.

A biologia liga-se, em sua constituição positiva, á descoberta fundamental de Bichat das propriedades essenciaes dos tecidos. O animismo, o vitalismo, o theologismo cederam o passo ao positivismo da sciencia; desprezou-se o sopro divino para explicação dos phenomenos biologicos, como se desprezou a força vital.

A vida se revelou como a integração das funcções essenciaes dos tecidos organicos. O duplo phenomeno de assimilação e desassimilação, a innervação, a sensibilidade e a motricidade, foram explicadas pela propriedade dos elementos constitutivos do organismo.

Só os phenomenos sociaes permaneciam ainda sob a tutela da theologia e sob a acção da metaphysica.

Já o espirito humano tentara proclamar a independencia da sociologia. Comte teve n'esse sentido os seus reaes ascenden-tes historicos. Alguns foram-lhe conhecidos.

Condorcet traçára o quadro dos progressos do espirito humano, e Turgot entrevira a lei dos tres estados, um dos justos titulos de gloria de Augusto Comte. Antes de tentar a synthese das sciencias o fundador do positivismo, repito, vio a necessidade de lançar as bases da sociologia positiva. Positivar a sociologia é estabelecer as leis, que regem os phenomenos sociologicos. Pela sua complexidade mesma são os factos que mais difficilmente poderão ser submettidos ao imperio do espirito positivo. Esta razão de posterioridade se comprehende e se explica.

Não nos importa discutir agora o trabalho effectuado por Comte n'essa direcção.

A lei dos tres estados significa o alicerce sobre que Comte procurou apoiar a sociologia, estabelecendo aquelle principio geral como regendo os phenomenos da dynamica social.

O meu fim é mostrar como a lei dos tres estados, sendo o fundamento da sociologia dynamica, no modo de ver de Augusto Comte, não é por isso o fundamento da philosophia positiva.

Comte distinguio perfeita e claramente a dupla direcção que seguio o seu espirito. Sobre seus hombros tomou uma dupla tarefa.

Era um trabalho particular, especial, scientifico; lançar as bases de uma explicação positiva dos acontecimentos sociaes. E era um trabalho geral, philosophico: organizar a synthese do saber positivo.

Leiamol-o:

«Agora que o espirito humano fundou a physica celeste, a physica terrestre, seja mecanica, seja chimica; a physica organica, seja vegetal, seja animal, resta-lhe terminar o systema das sciencias de observação fundando a *physica social*.

«Tal é hoje, sob muitos pontos de vista capitaes, a maior e a mais urgente necessidade de nossa intelligencia: tal é, eu ousou dizel-o, o primeiro fim d'este curso, seu fim especial.

«As concepções que eu tentarei apresentar relativamente ao estudo dos phenomenos sociaes, e cujo germen, eu espero, será entrevisto n'este discurso, não poderiam ter por objecto dar immediatamente á physica social o mesmo gráo de perfeição que aos ramos anteriores da philosophia natural, o que seria evidentemente chimerico, pois, que estas offerecem já entre si, a este respeito, uma extrema desigualdade. Mas ellas serão destinadas a imprimir a esta ultima classe de nossos conhecimentos esse character positivo, já tomado por todas as outras. Todas as nossas concepções fundamentaes sendo assim tornadas homogeneas, a philosophia será definitivamente constituída no estado positivo; sem nunca poder mudar de character, não lhe restará senão desenvolver-se indefinidamente pelas acquisições sempre crescentes, que resultarão inevitavelmente de novas observações ou de meditações mais profundas.»

E logo depois acrescenta:

«O fim especial d'este curso estando assim exposto, é facil de comprehender seu segundo fim, seu fim geral, o que faz d'elle um curso de philosophia positiva, e não sómente um curso de physica social.»

Eis ahí. E isto revela a confusão, em que laboram os meus adversarios, e o falso ponto de que partem. Mesmo quando as vistas de Comte, no tocante á sciencia social, sejam abandonadas pelos progressos realisados no dominio do saber real, isto em nada affecta á philosophia relativa.

Esta é um edificio solidamente construido; a sociologia um elemento effectivo e permanente, que pode ser modificado sem abalo e sem alteração sensivel. Agora que fica patente a dis-

tincção d'estes dous pontos, que ss. ss. confundiram, póde-se concluir que foi mal escolhido o alvo. Ferida a lei dos tres estados, não é a philosophia positiva que se fere.

Isso é um ataque a Comte sem duvida, mas como sociologista, como especialista scientifico. Si a generalisação de Comte não é uma verdade, então não ficou fundada a sociologia, apesar de todos os serviços prestados pelo creador do positivismo n'esse sentido, apesar de todos os materiaes accumulados pelo seu genio.

Foi attingido o alvo? Conseguiram os meus antagonistas ferir o ponto erradamente escolhido? Examinaremos.

XVIII

Agora sim. *Tollitur questio*. Está desbancada a philosophia positiva. Os meus adversarios, esses loucos sublimes, habituados ás vertigens do ontologismo, foram victimas ainda esta vez.

Celebraram um triumpho, e entoaram hymnos em honra do velho Deus lendario. Triumphou o obscurantismo. Foi vencida a sciencia. O futuro é de Deus e de seus servos. Mas demo-nos ao trabalho de reduzir ás suas proporções essa sombra.

Reproduzo textualmente:

«A que fica, pois, redusida a *grande lei fundamental* comtista *dos tres estados*? A uma miseravel (sic!) invenção—*arbitraria, falsa, sophistica, sceptica, contradictoria*.»—

Vejamos de onde arrancaram os senhores redactores do papel catholico aquella conclusão pretenciosa e tão categorica.

Mas vamos por partes.

«1.º E' falso que a mente humana em seus conhecimentos começou sempre e naturalmente pelo estado *theologico*, isto é, attribuindo todos os factos e phenomenos do mundo á acção directa e immediata da divindade. Em que historia leu Augusto Comte que os homens, logo que viram os factos e phenomenos dos tres reinos da natureza, os attribuiram á acção immediata de Deus? Por exemplo, o calor do fogo; o correr das aguas, o peso dos corpos, o nascer das plantas, a producção das fructas, o cheiro das flores, a producção dos animaes?»

A isto eu respondo, mostrando como os meus adversarios são ignorantes da obra de Comte. Para o provar opponho-lhes a seguinte passagem da *Philosophia Positiva*:

«Propriamente fallando, a philosophia theologica, mesmo em nossa primeira infancia, individual ou social, nunca poude ser *rigorosamente universal*, isto é, para todas as ordens quaesquer de phenomenos *os factos mais simples e os mais communs* foram sempre olhados como essencialmente sujeitos a leis naturaes, em lugar de serem attribuidos á vontade arbitraria dos agentes sobrenaturaes. O illustre Adão Smith muito felizmente fez notar, por exemplo, em seus ensaios philosophicos, que não se achara em tempo nenhum e em nenhum paiz, *um deus para a gravidade*. Assim é, em geral, mesmo a respeito dos assumptos mais complicados, para com todos os phenomenos assaz elementares e assaz familiares para que a perfeita invariabilidade de suas relações effectivas tenha sempre devido ferir espontaneamente o observador menos preparado.

«Assim o germen da philosophia positiva é certamente tão primitivo, no fundo como o da philosophia theologica mesma, posto elle se não tenha podido desenvolver senão muito mais tarde.....

«Desde esta situação primitiva, á medida que nossas observações se tem espontaneamente extendido e generalizado, este impulso, primeiro apenas apreciavel (do espirito positivo), seguiu constantemente, sem cessar de ser subalterno muito tempo, uma progressão assaz lenta, mas continua, *a philosophia theologica ficando sempre essencialmente reservada para os phenomenos, cada vez menos numerosos, cujas leis naturaes não podiam ainda ser absolutamente conhecidas*.

«Póde-se, pois, olhar com exactidão esta philosophia como não tendo sido nunca intellectualmente destinada, com relação a cada grande assumpto permanente de nossas especulações, senão a entreter provisoriamente nossa actividade mental, pelo unico exercicio fundamental, que ella podia então comportar, até que o seu accesso fosse tornado gradualmente abordable ao espirito positivo.»

O leitor desculpará esta longa citação indispensavel. Assim fica explicada a apparente anomalia da lei. A allegada falsidade só existe, pelos motivos allegados, para quem apenas começou a ler as obras de Comte no intuito de entrar em uma discussão, que não póde deixar de abranger todo o corpo de doutrinas. Comprehende-se que ss. ss. não possam se entregar a taes leituras.

Foi ainda por ignorar a passagem citada do fundador do —positivismo— que os meus adversarios fizeram aquelle longo arazoado, que constitue a 2.^a prova contra a *lei dos tres estados*. Ss. ss. estão de accordo com Augusto Comte; e estavam de um modo inconsciente.

Devem a mim o terem-se tornado consciences n'esse ponto. Aqui va e a opinião dos jornalistas papistas:

«A verdade historica é que os homens sempre e em toda a parte reconheceram nas cousas a razão e causa immediata da maxima parte dos phenomenos do mundo. Ao mesmo tempo admittiram uma divindade ou ser supremo sobrenatural que com sua acção e poder intervinha nos acontecimentos mundanos. Esta intervenção directa e immediata da divindade admittio-se em gráo ora maior ora menor; *nunca porém para todos os phenomenos e acontecimentos*. Só aquelles attribuiam-se á divindade, que se julgava não poder-se explicar pelas leis ordinarias, ou que, pelas circumstancias, em que se effectuavam, mostraram ou pareciam ter alguma cousa de extraordinario, superior, sobrenatural; e por isso, e só por isso, se attribuiam ao ser superior, sobrenatural, a divindade.»

Não é outra linguagem dos positivistas. Tambem elles sustentam, como os redactores do jornal catholico, que o velho pedreiro do Eden, o anachronico estatuario do paraizo terreal, é uma perfeita inutilidade, uma verdadeira *impasse* mental, quando se tem chegado a conhecer as leis geraes de todos os phenomenos. E como a philosophia positiva significa a realisação d'esse desideratum do espirito humano, segue-se que é chegado o momento de banir esse antigo rei da natureza.

E' certo que ao mesmo tempo que os meus antagonistas demonstram a inutilidade de Deus, e provam, talvez inconscientemente ainda, que o espirito humano só recorre a essa hypothese quando não tem chegado ao conhecimento das relações fixas, que prendem os phenomenos naturaes, vem affirmar que a idéa de Deus não é proscripta pelo triumpho assignalado da philosophia relativa.

Mas o que a philosophia positiva significa e demonstra é a inanidade da crença em um poder capaz de intervir nos acontecimentos da natureza, como é o que os catholicos reconhecem ao seu Jupiter Olympico. D'aqui provem a incompatibilidade entre o espirito theologico e o espirito positivo. As suas marchas

são opostas: um caminha para diante, enquanto o outro caminha para traz.

Não é isto o que parece aos meus adversarios:

«A existencia de Deus é necessaria para explicar a existencia de qualquer ser natural. Si se admittir, além do ser visivel, uma força que n'elle exista, torna-se ainda mais necessaria a existencia de Deus, para explicar a existencia de mais esta força, que precisa de uma causa para existir.»

Seria possivel rebater este arrazoado de rabula philosophico, recorrendo pela centesima vez ao argumento já invocado. Ss. ss. me teriam de explicar o motivo porque param em Deus, o qual sendo uma entidade, um ser, animal ou material, um objecto, animado ou inanimado, o que quer que seja, tem necessidade de uma causa que o faça existir. E assim o vosso espirito indagador, prescrutador, seria levado a crear e conceber uma cadea de causas ao infinito. Já o eminente Stuart Mill, apreciando a lei dos tres estados emittio uma opinião que não parece assaz justa.

Examinemol-a aqui.

Notemos desde logo que entre Comte e Mill, n'este ponto, não ha divergencia. Ambos reconhecem que á ascensão do espirito positivo corresponde a descensão do espirito theologico. Um e outro proclamam que, reconhecidas e demonstradas as leis fixas e invariaveis, que regem os phenomenos cosmologicos e bio-sociologicos, o omnipotente torna-se um funcionario perfeitamente inutil, um operario cujos serviços devem ser dispensados, para empregar esta linguagem, que os meus adversarios acham ser de um blasphemo.

O desaccordo consiste nisto: que enquanto Comte acredita que a idéa de Deus, provada a sua inutilidade, ha de ser banida; Mill acredita que isto poderá deixar de se realizar sem prejuizo para a philosophia positiva.

Stuart Mill occupou-se da lei dos tres estados e defendeu-a contra Whewell, como defendeu anteriormente a classificação comtista contra os criticos do seu paiz.

Ouçamol-o acerca da descoberta de Comte:

«Eu me limitarei a mencionar uma generalisação importante, que Augusto Comte olha como a lei fundamental do progresso da sciencia humana. Esta generalisação me parece ter este

alto gráo de auctoridade scientifica que resulta do concurso das indicações da historia e das probabilidades tiradas da constituição do espirito humano.» (Stuart Mill, *Systema de Logica*, vol. II.)

Defendendo-a contra a critica, o erudito escriptor se exprimeo assim :

«Esta grande generalisação foi muitas vezes criticada porque se não comprehendeu a sua significação real. A asserção de que a explicação theologica dos phenomenos não pertence senão ao periodo em que o conhecimento d'estes phenomenos está ainda na infancia, não deve ser interpretada como equivalente á asserção de que a humanidade, com o progresso da sciencia, cessará necessariamente de crer em toda especie de theologia. Era esta a opinião de Comte; mas não está de modo algum implicada no seu theorema fundamental.»

Isto é uma verdade apenas em parte. Sem duvida a philosophia positiva não é a negação do absoluto: ella é a affirmação do relativo. De outro modo, valioso seria o epitheto de athea que sobre ella lançam irracionalmente os seus adversarios. Mas o que a philosophia importa é uma negação relativa do absoluto, de Deus. Ella revela a fragilidade da base em que se assentava a concepção theologica; ella denuncia a inanidade do dogma capital da theologia. Esta revelação e esta denuncia levaram o espirito á uma deserção das fileiras theologicas.

Já, respondendo a Herbert Spencer, repetia Littré estas palavras eloquentes, que escrevera no seu livro de critica, *Augusto Comte e a philosophia positiva* :

«O que está além do saber positivo, seja, materialmente, o fundo do espaço sem limite, seja, intellectualmente, o encadeamento das causas sem termo, é inaccessivel ao espirito humano. Mas inaccessivel não quer dizer nullo ou não existente. A immensidade, tanto material como intellectual, prende-se por um laço estreito aos nossos conhecimentos, e se torna por esta alliança uma idéa positiva e da mesma ordem; eu quero dizer que, tocando-a e abordando-a, esta immensidade apparece sob seu duplo character, a realidade e a inaccessibilidade. E' um oceano que vem bater as nossa plagas, e para o qual nós não temos nem barco nem vela, mas cuja clara visão é tão salutar como formidavel.»

Ha um accordo no reconhecimento do absoluto vago e in-

definido, o incognoscível, *este poder de que o universo é a manifestação*, para empregar a linguagem do chefe do evolucionismo.

A divergencia, entre os dois philosophos, está em que ao passo que Spencer acha que esse poder incognoscível é capaz de constituir o vago objecto de uma religião; Comte achou que esta devia entrar no seu periodo de organização positiva, e instituiu a religião da Humanidade.

Mas, pelo que respeita á necessidade da crença em Deus para a explicação particular dos phenomenos, como entendem os senhores da «Bôa Nova», é clara a opinião de Comte, e decisiva :

«Tambem, apezar da evidencia irresistivel d'este arrastamento gradual do espirito humano para a philosophia positiva, querer-se-ia conservar á philosophia theologica uma eterna autoridade, sonhando entre ellas uma conciliação chimerica, segundo uma falsa apreciação do seu antagonismo fundamental. E' verdade que, á primeira vista não se percebe uma enevitavel antipathia entre a investigação das leis reaes dos phenomenos e a de suas causas essenciaes: comtanto que o estudo physico fique sempre subordinado em geral ao dogma theologico, seu desenvolvimento proprio póde, com effeito, se operar primeiro sem conduzir a nenhum choque, uma das duas philosophias, não parecendo então senão destinada a explorar os detalhes, mais ou menos secundarios, de uma ordem fundamental, de que a outra só deve apreciar o conjuncto.....

«Antes que nenhum antagonismo directo se tenha tornado abertamente pronunciado, esta antipathia elemental se revela por toda parte, seja pela repugnancia instinctiva do espirito positivo para as vãs explicações absolutas da philosophia theologica, seja pelo irresistivel desdem que a esta inspirava a marcha circumspccta e as investigações da nova escola. Quando leis naturaes de algum alcance puderam ser emfim descobertas, esta intima opposição continua não tardou a manifestar, a todos os respeitos, uma incompatibilidade cada vez mais caracteristica, entre a preponderancia da imaginação e da razão, entre o espirito absoluto e o espirito relativo, e sobretudo entre a antiga hypothese da soberana direcção dos acontecimentos quaesquer por vontades arbitrarías e a possibilidade cada vez mais irrecusavel de prevel-os ou modifical-os segundo as unicas vias racionaes de uma sabedoria humana.....

«A concepção provisoria de uma providencia universal, combinada com leis especiaes que ella mesma se teria imposto, não constitue certamente senão uma concessão involuntaria do espirito theologico ao espirito positivo, por uma sorte de compromisso espontaneo, que deve inspirar em tempo conveniente, a evolução necessaria de nossa intelligencia.» (*A philosophia positiva*).

Releva notar que o erudito professor Huxley, criticando a lei dos tres estados, denunciou uma apparente contradição de Comte. Esta contradição proviria dos termos em que a lei foi enunciada no começo da *Philosophia Positiva*, e mais tarde após a construcção da synthese particular da psychologia. E pelo que respeita propriamente á lei, discutida em si, como traduzindo a marcha effectiva do espirito individual ou collectivo, da unidade ou da quantidade social, eu pela minha parte encontrei antes uma comprovação do que um ataque contra o grande mestre.

No seu livro, já aqui citado, o sr. Theophilo Braga se refere a Huxley nos seguintes termos, tratando da delatada contradição de Comte:

«Estas contradições não provém, como quer Huxley, de uma verdade imperfeitamente comprehendida, mas sim de um facto incompletamente observado; nas primeiras affirmações Comte explorou apenas o campo da historia; nas affirmações da licção LI alguns pontos de vista novos provenientes da critica psychologica, e que de nenhum modo devera omitir, levaram-n'o a modificar o caracter absoluto da manifestação historica.»

Huxley se propõe provar que a lei dos tres estados não dá uma explicação justa e sufficiente do desenvolvimento da intelligencia.

Em prova do que fica dito com relação á critica do escriptor inglez, seja-me licito citar ainda a seguinte passagem:

«Não é senão em um estado ulterior de seu desenvolvimento que a intelligencia do homem chega a reconhecer o conflicto apparente de sua interpretação anthropomorphica e da interpretação, que eu chamarei physica (Huxley regeita o termo *positiva* de Comte). N'este momento elle procura estender sobre toda a natureza sua interpretação anthropomorphica, o que é a *tendencia da theologia*, ou então dá a mesma predominancia exclusiva á sua interpretação physica, o que é a *tendencia da sciencia*, ou emfim adopta um justo meio, e tomando á in-

interpretação autropomorphica sua tendencia a personificar, á interpretação physica sua tendencia a excluir a vontade e as affeições, dá no que Comte chama o estado methaphysico.» (Huxley).

Comte proclamou na sua formula a passagem do espirito por duas phases naturaes e uma transitoria. Tinha em vista principalmente o campo da historia. E não attendendo ao ponto de vista psychologico, de que mais tarde cogitou, traduzio na sua lei a marcha collectiva do espirito humano, emquanto dando origem ás syntheses philosophicas, e creando systemas de interpretação da natureza.

Ora Huxley reconhece duas phases psychologicas naturaes e uma terceira transitoria: a *interpretação authropomorphica* ou, historicamente, a *tendencia theologica*; a *interpretação physica* que corresponde ao facto historico chamado tendencia para a sciencia; e uma phase intermediaria, á qual Huxley parece applicar o mesmo termo—metaphysica.

E, acompanhando Huxley na sua raciocinação, se é levado a reconhecer no trabalho do professor inglez uma comprovação psychologica da lei discutida.

XIX

Prosigamos a tarefa de examinar as objecções oppostas pelos meus adversarios á—lei dos tres estados.—Não é de uma discussão larga que se trata. N'este sentido ella será discutida mais tarde, quando o humilde auctor d'estas linhas escrever algumas palavras sobre o—estado actual da sociologia.—

Tenho pressa em por termo a esta discussão, pois, levo em vista proseguir nas ligeiras considerações encetadas ácerca da—classificação de Comte.—

Devo insistir sobre um ponto já estabelecido.

Quando se discute a lei dos tres estados, é de uma questão particular, scientifica que se trata. Comprehende-se como Comte devia estabelecer uma semelhante formula logo no começo de sua obra, por isto que, vendo n'ella a base da sociologia, se lhe afigurava um ponto capital da philosophia positiva, uma vez que significava a criação da sciencia socia.

Assim se explica a linguagem do mestre; e assim se afasta a pretensa contradição do obscuro discipulo. Até o me-

rito da originalidade ha sido negado a Comte. Turgot entrevira a lei dos tres estados, e alguem allegou essa anterioridade para apoucar o merito real de Comte. Turgot tinha denunciado o character subjectivo, individual das concepções não positivas: «Antes de conhecer a ligação dos effeitos physicos entre si, nada foi mais natural do que suppôr que elles erão produzidos por seres intelligentes, invisiveis e semelhantes a nós; pois, a que semelhar-se-ião elles? Tudo o que acontecia, sem que os homens tomassem parte, teve o seu Deus, ao qual o temor ou a esperanza fez bem cedo prestar um culto, e este culto foi ainda imaginado segundo as attenções que se podia ter para com os homens mais poderosos; porque os deuses não erão senão homens mais poderosos e mais ou menos perfeitos, segundo elles erão a obra de um seculo mais ou menos esclarecido sobre as verdadeiras perfeições da humanidade. Quando os philosophos reconhecerão o absurdo d'essas fabulas, sem terem adquirido não obstante verdadeiras luzes sobre a historia natural, elles imaginarão explicar as causas dos phenomenos por expressões abstractas, como essencias e facultades; expressões que nada explicavão, e sobre as quaes se raciocinava como si fossem seres, novas divindades substituidas ás antigas.

Seguiram-se estas analogias, e multiplicaram-se as facultades para dar a razão de cada effeito. Não foi senão muito tarde, observando a acção mecanica que os corpos tem uns sobre os outros, que tiraram-se d'esta mecanica outras hypotheses, que as mathematicas poderão desenvolver e a experiencia verificar.» (*Historia dos progressos do espirito humano*, Turgot).

O merito de Turgot é grande, seu trabalho immenso. Tinha entrevisto a positividade da historia, e havia revelado o laço de correlação das idades. Fallára na acção do factor tempo, e na influencia sucessiva e constante das gerações. Mas entre o eminente economista e grande philosopho ha uma distancia e ha uma differença.

A Turgot escapára a generalidade do facto e o character de lei. Não se tinha sabido elevar á concepção de uma relação geral capaz de reger os factos sociologicos. Isto o extrema de Comte, que não parece tel-o conhecido. Ao menos teria referido essa tendencia clara para uma concepção positiva dos phenomenos sociaes.

Sobre este assumpto já se pronunciou Littré:

«Tres pontos principaes marcão a independencia de Comte em face de Turgot. Este não vio na concepção senão uma idéa a meditar; Comte vio n'ella uma lei sociologica; Turgot não ligou a ella um esboço do desenvolvimento humano; Comte desenvolveo com o auxilio d'esta lei toda a série historica; Turgot não percebeo que tinha entre mãos um dos elementos necessarios de uma philosophia; Comte, do mesmo impulso do pensamento, foi da historia, tornada sciencia, para a philosophia tornada positiva. A lei sociologica, isolada em Turgot, faz em Comte parte de um vasto conjuncto: são duas creações independentes.»

Releva notar que o mesmo eminente escriptor, no trabalho de critica a que submetteo a obra do mestre, reconheceo na lei dos tres estados o character de generalisação empirica.

Isto entretanto não o colloca como adversario da lei dos tres estados. Ao menos é evidente e clara a sua adhesão n'esta passagem:

«Afastando da historia a theologia e a metaphysica, Comte descobriu as leis sociologicas, e bem cedo depois, guiado por estas leis, traçou o quadro da evolução social.

«E' um monumento; e permanecerá, por mais longe que se extendão os novos estudos historicos, que a confirmão já, e continuarão a confirmal-a.»

Apezar de tudo Littré julgou dever fazer uma restricção á concepção sociologica de Comte, e apresentou uma modificação da lei dos tres estados. Esta ultima creação teria o demerito de de não ser bastante geral e se estender simplesmente á ordem scientifica.

Na opinião do discipulo eminente a historia revelaria a marcha da humanidade por quatro periodos successivos: 1.º o industrial; 2.º o moral; 3.º o esthetic e 4.º o scientifico.

Sem falar nos fundamentos em que assenta esta opinião de Littré, felizmente já rebatida por um outro discipulo de Comte, cumpre notar que ella em nada invalida a theoria do fundador do Positivismo. Apresentando o seu ponto de vista particular o auctor das—*Palavras de Philosophia*—tornou clara a sua posição diante do mestre, e firmou de novo a sua adhesão á opinião d'este.

Em um opusculo que appareceo, ha cerca de 4 annos,

eu aventurei uma critica d'esta lei dos tres estados; é assim que Comte a denomina. Esta critica eu a mantenho; entretanto, não quizera que se enganassem, e que se acreditasse que eu rejeito a lei dos tres estados. Não rejeito-a, e apenas a restrinjo. Em quanto se permanece na ordem scientifica e se considera a concepção do mundo primeiramente theologica, depois metaphysica, finalmente positiva, a lei dos tres estados tem sua plena efficacia para dirigir as especulações da historia.»

Sabe-se que não foi outro o character em que Comte a estabeleceu. Essa lei foi apresentada como regulando a marcha do espirito em suas concepções.

São conhecidos os esforços de Comte para estabelecer generalisações no dominio da actividade e no dominio moral, generalisações independentes e particulares. A opposição entre Comte e Littré provém de querer este ultimo uma só vasta generalisação reguladora dos factos sociaes.

Isto o levou á theoria dos quatro periodos, que não parece resistir aos ataques da critica.

Essa opinião foi exposta no livro já citado de Littré:

«No esboço de desenvolvimento que eu tenho de traçar, notei como quatro degráos successivos: a necessidade, que é o degráo inferior e o primeiro; a moral, que é o segundo; o sentimento e a cultura do bello, que é o terceiro; e a sciencia, que é o quarto.»

E um pouco adiante a nova idéa foi melhormente desenvolvida:

«Logo me parece que a historia se divide em quatro idades fundamentaes: a mais antiga é aquella em que a humanidade está sob o imperio preponderante das necessidades; a mais antiga em seguida, ou idade das religiões, é aquella em que a moral se desenvolvendo, suscita as primeiras creações civis e religiosas; a terceira, ou idade da arte, é aquella em que o sentimento do bello, tornado a seu turno capaz de satisfações, gera as construcções e os poemas; enfim a quarta, ou idade da sciencia, é aquella em que a razão, cessando de ser empregada exclusivamente na realização das tres funcções precedentes, trabalha para si mesma e procede á investigação da verdade abstracta.»

Ahi fica a theoria de Littré. Não é nosso trabalho discutil-a

agora e aqui. Mais tarde ella será examinada pelo que vale, isto é, como tentativa realisada no dominio sociologico.

Tornando aos meus adversarios.

Ss. ss. tem em mira desbaratar a philosophia positiva. Ninguém supporia jámais que o órgão catholico d'este pequeno recanto estava destinado a derribar uma obra que representa o resultado accumulado lentamente dos esforços e do trabalho incessante de tantas gerações que dormem o somno da eternidade historica. Estamos diante de um acontecimento assombroso: é um pygmeo que vence uma legião de gigantes.

Ahi vae o projecto dos reverendos redactores do órgão ecclesiastico.

Ss. ss. que permitirão que lhes chame os D. Quixotes do catholicismo,—esboçaram o plano e pintaram o quadro de seus futuros feitos na campanha philosophica, em que se empenhão:

«O unico nosso adversorio é o positivismo trajado a philosopho. Nós o combatemos, o desmascaramos (?) Nessa luta temos nossas armas, e as manejamos da maneira que julgamos melhor. E confiamos que os nossos golpes hão de chegar até o fundo do seu coração, e farão d'elle sahir o sangue infecto e podre que lhe alimenta a vida (!) Elle defenda-se como puder, por si ou por seus espadachins. Temos armas para abrir suas malhas; quebrar-lhe os escudos, despedaçar-lhe as lanças; até chegarmos a abrir-lhe o coração (!) E é por isso mesmo que medimos e compassamos os golpes.»

Mas emfim, isto seria bonito si não fosse ridiculo.

O leitor vai ter provas evidentes do que se chama na esgrima dos meus adversarios um golpe medido e compassado.

Antes, porém, de proseguir no estudo da lei dos tres estados sou levado a dizer duas palavras sobre artigo do ultimo numero do papel episcopal, que eu tenho á vista.

E' sabido que a philosophia positiva adopta a lei de causalidade universal segundo a qual cada phenomeno, cada acontecimento tem uma causa proxima ou remota.

O que extrema a theologia e a metaphysica do positivismo no tocante ao estudo das causas reaes dos phenomenos, é que o ultimo se limita á investigação do facto, que representa uma antecedencia em relação ao phenomeno estudado no conjuncto dos acontecimentos, que se succedem na natureza.

Investigar as causas segundas é descobrir as leis dos phenomenos, fixando a ligação invariavel a que se relaciona, um antecedente condicionado.

Sabe-se, por exemplo, que conhecida a fórmula que dá o valor da area do circulo em função da circunferencia e portanto do raio, os valores d'aquella superficie varião quando a grandeza do raio varia e vice-versa.

De sorte que a variação do raio é a causa proxima e immediata da mudança de valor da área do circulo ou de sua circunferencia.

Estas investigações relativas estão no campo de acção da sciencia, e portanto da—philosophia positiva.

E' falso que o positivismo se colloque em opposição ao genero humano, que acredita e sempre acreditou em uma causa universal. O que a philosophia positiva faz é mostrar, como ficou longamente provado, que essa investigação de causas primarias e finaes está fóra do alcance do espirito humano. Assim condemna como esteril e inutil qualquer investigação n'esse sentido. Reconhecendo a improficuidade dos esforços tentados até aqui pela intelligencia humana para conhecer o absoluto, inicia uma nova era e abre um vasto e largo horizonte.

« Todo o genero humano pensou até hoje, e continua a pensar, que ha de haver uma causa do mundo, e de todos os seres que n'elle habitão.»

Tambem o positivismo o acredita.

Mas certo de que essa causa é um ponto além da esphera de cognição do espirito, renuncia a essa pretensão que constitue o eterno objecto dos sonhos do ontologismo. Aqui está a differença enorme entre o positivista e o theologo ou metaphysico. O 1.º proclama incognoscivel o mundo do não relativo, do incondicionado; o 2.º raciocina sobre esse desconhecido como sobre um realidade, que lhe cahe sob a acção.

E' n'este desvario que assentam os vastos edificios ontologicos, as grandes concepções systematicas do vago subjectivismo. Isto é pear a intelligencia e cercear a actividade do humano intellecto? Nunca.

Ahi fica vasto o campo do relativo. Ahi fica extensa a esphera de acção da consciencia. Conhecer as leis dos phenomenos é trabalhar n'um terreno fertil. E' essa a fonte das preciosas conquistas dos genero humano.

E' lá que está o unico dominio em que haja luctado a intelligencia em prol da humanidade.

Saber para prever afim de prover: eis ahi a verdadeira tarefa do homem.

Conhecer as verdadeiras leis naturaes para tentar uma intervenção benefica. Esta lucta contra o peso esmagador das fatalidades naturaes é o mais esplendido galardão do homem da sciencia.

O Positivismo não ataca os sentimentos da natureza humana.

Ahi vae um specimen das questões eternamente abertas diante da curiosidade humana.

E' a linguagem dos senhores da «Bôa Nova»:

«Dizei-nos, quem é o ente superior, que me deu o ser, e que um ímpeto irresistivel do espirito me leva a procurar e a prestar-lhe a devida homenagem? Quem é que me deu estes olhos para me deliciar(?) com os encantos da natureza visivel; estes ouvidos para gosar das melodias(?) este corpo tão formoso(??) e tão activo; esta alma, que com suas vistas penetra além das profundezas da terra e das alturas do céu.»

Isto é fraseado velho e deteriorado.

A estas e a todas as outras questões vãmente levantadas pelo espirito responde o positivismo com o terrivel *ignoramus* da sciencia. E' n'isto que vae o seu acerto.

Não cogita das causas primarias e finaes, que reconhece como inaccessiveis. E enquanto o positivista modesto em nome da sciencia proclama a sua ignorancia e affirma a sua impotencia: o theologo e o metaphysico sobem ao mundo ideal do subjectivismo e dão solução a todos os problemas insoluveis.

Quando o positivista profere o—nihil scio;—o metaphysico pronuncia o—omnia scimus.

Volto ao objecto de que presentemente me occupa.

«A lei dos tres estados é gratuita, imprudentemente (sic) falsa e sceptica.»

Querem saber os leitores porque?

«Porque não só os theologos, mas especialmente os metaphysicos (reparem bem os leiteres, especialmente os metaphysicos) allegavam e allegão muitas razões, pelas quaes o intellecto humano attribue a Deus os factos e phenomenos do mundo, razão

por que provão a existencia de Deus (!!) como principio e causa necessaria de todas as cousas. Estas provas achão-se ás dusias (?) em todos os livros de philosophia e metaphysica.»

Já que tomei a tarefa de discutir com s. s., espero se não furtarão ao meu pedido.

Conheço essas provas da existencia de Deus pelo que ellas valem. Os criticos, os proprios metaphysicos, já desmancharam esses grandes sophismas. A critica derribou um a um esses argumentos. A prova tel-a-hão os meus adversarios si as invocarem n'esta polemica.

Mas para o que discutir no ar? Eu me contento com pouco. Já não exijo esse supremo esforço. Basta que os meus illustres antagonistas definam esse Deus, que conhecem tanto, sobre quem proferem como si fosse uma entidade real. Sabem-lhe todos os minimos detalhes da vida.

Quanto ás accusações de sceptica e gratuita com que ferirão—a lei dos tres estados,—ellas são tão destituidas de fundamento que me não demorei em rebatel-as.

«Primeiro é gratuita esta apreciação. Por que os positivistas não allegão se quer uma razão para provar esse instincto (a crença em Deus) no intellecto.»

Ahi está o que revela desconhecer a essencia do positivismo. Descobrir a lei de um phenomeno não é cogitar de sua causa essencial. Perguntar porque o espirito humano foi theologico antes de adquirir noções positivas equivale perguntar porque os corpos são pesados, luminosos ou electricos.

Ora, d'isto não cogita a philosophia positiva que não vae além da verificação da lei do facto.

A lei dos tres estados é sceptica.

A isto faltou a prova.

O que allegaram os senhores sacerdotes é de todo o ponto infundado. O preliminar era estabelecer o criterio da evidencia. A objecção aliás é feita contra a consequencia que querem tirar da lei, e não contra a lei mesma.

Ainda me resta mostrar alguns golpes medidos e compassados dos illustres professores de theologia. Esta sciencia já lhes foi fatal: arrastou-os a dizer que o estudo das causas primarias e finaes é do dominio scientifico.

XX

Agora é um novo debate que se vai abrir.

Voltaremos a discutir os dois pontos encetados. Um é capital: a hierarchia das sciencias abstractas como a concebeu Comte. Outro é secundario, particular, não philosophico: a lei dos tres estados, generalisação arrancada á observação dos phenomenos historicos, e apresentada pelo auctor da *Synthese subjective* como base da sociologia dinamica.

Pelo que respeita particularmente ás objecções dos senhores da «Bôa Nova», o leitor vio-as já pulverisadas.

Seja-me licito encetar hoje uma nova tarefa. Ella deixará patente mais uma vez a minha independencia em face do—positivismo—de Comte. Quando eu fallo de—philosophia positiva—não é simplesmente da obra de Comte que tratô. Por isto vêm mal encaminhados os que suppõem que o humilde auctor d'estas linhas é da classe dos positivistas *enragés*, que accetam como um sacro deposito a obra do mestre, tentando pô-la á salvaguarda dos progressos das sciencias. Diante d'estes ha razão para se formularem as accusações levantadas pelos srs. da «Bôa Nova». São contradictorios e illogicos os que apertados no circulo de ferro do—positivismo—não accetão a substituição dos velhos elementos do edificio comtista pelo novo material conquistado na lucta pela sciencia. Mas não é só d'esta contradicção que fallaram os meus adversarios. Sem a noção clara da evolução e do progresso s. s. como a Cassandra mythologica anteviram até uma época em que se erguerão pujantes a theologia e a metaphysica. Não sei o que dizer de uns argumentadores, que escrevem o que o leitor vai ler:

«Mas tambem consultando a historia verdadeira, e argumentando com a razão philosophica, é facil prever, e pronunciar, ainda mesmo sem ser propheta(?) a morte do positivismo, o triumpho da theologia e da metaphysica. Desde que existe philosophia, appareceram e succederam-se systemas erroneos e variadissimos, combatendo-a em mil maneiras. Todos elles morreram debaixo dos golpes da theologia e da metaphysica; e estas ficarão e ficam em pé, vencedoras, sempre mais fortes e gloriosas pela victoria alcançada sobre seus inimigos derrotados e vencidos, entre os quaes não tardará muito, e contarão tambem o novo monstro do seculo XIX, que se chama—positivismo.»

Mais isto é simplesmente ou uma deslealdade ou uma ignorancia crassa. Eu nunca lí maior invençãohistorica. Dizer que a historia registra o triumpho constante da theologia e da metaphysica é uma mentira tão reles, que, é desnecessario rebatel-a. E' a minha vez de invocar o testemunho das crianças que lêem a narração dos factos registrados no passado. Só um cerebro desvairado pelo sonho do ontologismo póde entrever o triumpho theológico. Eu admiro a coragem com que os meus adversarios escrevem aquellas inverdades.

O que a historia revela e o que a historia mostra em todas as suas paginas, em todos os seus capitulos é a marcha incessante do espirito positivo em opposição ao espirito theológico. E' a dupla corrente da opinião, o fluxo e o refluxo da crença philosophica.

Todo o mundo sabe como os dogmas do catholicismo foram delidos pela marcha da sciencia.

Todo o mundo sabe como o velho Deus de barbas brancas foi apeado do seu solio real com toda a turba multa dos seus anjos e archanjos.

Todo o mundo sabe como se combateu o erro geocentrico e como se combateu o erro anthropocentrico.

Mostrou-se que eram creações phantásticas, figuras de anemico romantismo, as santas chloroticas do mundo eterno.

Não se encontrou no universo lugar para o reinado da bemaventurança. A critica, principalmente a critica metaphysica, com que os meus adversarios fazem agora causa commum, eliminou lenta e paulatinamente o dedo masculino de Deus dos phenomenos naturaes.

Foi essa mesma critica que rio-se com Voltaire, esse Moysés da incredulidade, como o denominou Lamartine, de todos os mais sagrados dogmas do catholicismo caduco.

O que ha de pé na crença catholica que resista ao bisturi da critica philosophica?

Quando os meus adversarios fallam em uma restauração da theologia é do catholicismo que curão, eu creio. Sabe-se que esta phase do espirito theológico não é toda a concepção theista.

Ella representa um ponto na marcha do espirito e no caminhar da intelligencia humana.

E é um ponto vencido, é um marco que ficou para traz

da humanidade, esse eterno viajor, que conta por victorias todas suas luctas titanicas travadas contra o peso esmagador da fatalidade das leis naturaes, que a intelligencia governa, conhecendo-as.

E é esta a grande victoria.

E esta marcha e este progresso incessante da humanidade, esse homem que nunca morre, na phrase de Pascal, são a garantia do triumpho seguro do positivismo e da derrota da theologia e da metaphysica. A resurreição do catholicismo é um sonho; já é impossivel mumificar aquelle cadaver.

Pertence-lhe ainda a regencia das massas illetradas e pertence-lhe-á até quando, não se sabe.

A sciencia que affastou a theoria metaphysica da innatividade das idéas, acceitou e reconheceu a força da hereditariedade accumulada.

E' esse legado do passado ao presente que o futuro ha de vencer quando a idéa nova enraizada pela educação que desponta e que se introduz nas massas populares, borrar o quadro das figuras celestes.

O que a historia verdadeira registra é este triumpho. Podem sonhar a vã restauração da theologia: Mas a realidade vive a despertal-os com todo o seu cortejo terrivel de desillusões. S. s. hão de rolar no fundo do abysmo onde se sepultaram já as velharias sedições do catholicismo.

Não me propôño polemizar sobre o fabuloso architecto do universo. Deixemol-o em paz.

Disse que ia abrir um novo debate. Faço-o. Vou discutir o que chamo as lacunas do positivismo:—a omissão da psychologia na série das sciencias abstractas e a falta de uma comprehensão da logica positiva scientifica e independente. N'este ponto tocaram já os meus adversarios. S. s. censurão a Comte a não acceitação da logica metaphysica. Si ha uma falta na philosophia positiva—é de uma logica scientifica tal qual a levantaram Mill, Bain e Spencer contra a logica absoluta do syllogismo, que elles derribaram.

Mas comecemos pela psychologia. Comte estudou os phenomenos do espirito.

Mas fazendo da phsychologia um appendice e um simples capitulo da biologia não se elevou a uma clara comprehensão dos factos psychicos.

«E' este ponto que vamos discutir.

Logo no começo de sua monumental criação discutiu o auctor da *Philosophia Positiva* o methodo psychologico da observação introspectiva e feriu-o de inanidade.

A Comte pareceu um sonho esse estudo dos factos do espirito feito no *eu* pelo proprio *eu*. Esta vista tomemol-a pelo que ella significa: uma reacção contra a escola metaphysica.

Comte accitando as doutrinas de Gall, e cobrindo com o seu manto grandioso a Phrenologia, incorporou ao seu systema uma theoria que tinha de ser eliminada em proximo futuro. Comecemos a discussão no ponto de vista methodologico. Aqui está a opinião de Comte:

«E' sensível, com effeito, que por uma necessidade inevitavel, o espirito humano póde observar directamente todos os phenomenos, excepto os seus proprios. Pois, por quem seria feita a observação? Concebe-se relativamente aos phenomenos moraes, que o homem possa se observar sob o ponto de vista das paixões que o animão, por esta razão anatomica, que os órgãos que são a sua séde são distinctos dos destinados ás funcções observadoras. Ainda mesmo que cada um tenha tido occasião de fazer sobre si taes observações, ellas não poderião evidentemente ter jamais uma grande importancia scientifica... Mas quanto a observar da mesma maneira os phenomenos intellectuaes, emquanto elles se executão, ha impossibilidade manifesta. O individuo pensando não se podia dividir em dois, um dos quaes rraciocinaria, emquanto o outro veria raciocinar.

«Este pretendido methodo psychologico é pois radicalmente nullo em seu principio.

«Tambem consideremos a que processos profundamente contradictorios elle conduz immediatamente! De um lado se vos recommenda que vos isoleis, tanto quanto possivel, de toda sensação exterior, sendo preciso sobretudo interdizer-vos todo o trabalho intellectual; porque, si estivesseis somente occupados no calculo mais simples, que se tornaria a observação interna? De um outro lado, depois de ter emfim, á força de precaução, attingido a este estado perfeito de somno intellectual, vós deveis occupar-vos em contemplar as operações que se executarem em vosso espirito quando n'elle nada mais se passar!»

Assim Comte condemnou *in limine* a observação interna. Littré, que, criticando a obra do mestre, censurou-lhe a con-

tradição de haver adoptado afinal o methodo subjectivo em suas construcções, no que respeita particularmente á psychologia ou ou physiologia psychica, com elle diria, se contradisse a seu turno. Já o notou Siciliani. Tendo rejeitado do dominio psychologico o methodo de observação introspectiva, Littré escreveu no entanto o seguinte :

« Estas duas series (as series ontogenetica e phylogenetica) devem concorrer não só entre si, mas ainda com a analyse psychica feita independentemente de toda referencia objectiva. »

Entre os que melhormente discutirão aquella vista particular de Comte, figura Stuart Mill, que eu copio aqui :

« Comte reivindica para os physiologistas só o conhecimento scientifico dos phenomenos intellectuaes e moraes. Elle rejeita totalmente como um processo sem virtude, a observação psychologica, propriamente a consciencia interna. Pensa que nos é preciso adquirir o conhecimento do espirito humano, observando os outros.

« Como podemos nós observar e interpretar as operações mentaes de outrem, sem conhecer preliminarmente as nossas? E' o que elle não diz. Mas considera como evidente que a observação de nós mesmos por nós mesmos não nos póde ensinar senão muito pouco sobre os sentimentos e nada acerca do entendimento; no fundo parece-lhe impossivel esta obra do espirito sobre si mesmo.

« Não é necessario refutar longamente este sophisma. Póde-se-lhe dar duas respostas : 1.º poder-se-ia enviar Comte á experiencia assim como aos escriptos dos psychologos, como prova de que o espirito póde não só ter consciencia de mais de uma impressão ao mesmo tempo, e mesmo percebê-las em numero consideravel (seis, segundo Hamilton), mas ainda prestar-lhes attenção; 2.º teria podido occorrer ao espirito de Comte que é possivel estudar um factio por intermedio da memoria, não no instante em que nós o percebemos, mas n'um momento depois; e é na realidade o modo segundo o qual nós adquirimos o melhor de nossa sciencia sobre os actos intellectuaes. » (Stuart Mill, *Aug. Comte e o Positivismo.*)

Mas si é falsa a posição de Comte deve-se voltar á velha psychologia metaphysica, e renunciar ao methodo physiologico n'este assumpto ?

Póde-se dizer aqui o que disse Spencer sobre o principio de generalidade decrescente : o methodo physiologico é apenas uma *demi-verité*.

A verdade é que se trata de dois methodos complementares, e auxiliares um do outro.

A observação psychologica por si só foi incapaz de constituir a sciencia; como o methodo physiologico sem as bases da observação interior é igualmente impotente diante dos factos psychicos.

«E' certo que o anatomista e o physiologista poderiam passar seculos a estudar o cerebro e os nervos sem poder conhecer o que é um prazer ou uma dôr, si não os tivessem já sentido. Nada substitue n'este ponto o testemunho da consciencia, e é preciso sempre ter presente estas palavras de um anatomista : «Nos semelhamos diante das fibras do cerebro a cocheiros de fiacre que conhecem as ruas e as casas, mas sem saber o que se passa dentro.» E' certo tambem que as objecções feitas a este methodo de observação tem sido muito bem discutidas. Mas é verdade que a observação interna é o methodo unico da psychologia ? que elle revela tudo ? e basta a tudo ? Tomada no sentido rigoroso, esta doutrina conduziria á impossibilidade da sciencia.» (Ribot, *La Psychologie anglaise contemporaine*.)

N'esta questão do methodo a seguir na sciencia do espirito parece ter sido levado a melhor comprehensão o auctor d'*A Psychogenia*.

Reconhecendo a necessidade rigorosa da dupla observação dos phenomenos mentaes como base da constituição da sciencia, substitue os methodos, que significam a observação systematica, pela dupla investigação psychologica.

A esta doutrina se applica a denominação de realismo phenomenico. Nós a discutiremos. Por ora continuemos sobre o methodo. E escutemos a opinião de Siciliani :

«As duas investigações psychologicas preenchem cada uma duas funcções, uma positiva e outra negativa.

«Suas funcções negativas consistem em corrigir os dois methodos, e se lhes substituir. Suas funcções positivas demandam ser, não corrigidas, mas completadas; porque, tomadas isoladamente, ellas são impotentes a fornecer resultados scientificos e objectivos, por mais affastados que possam ser do erro ou do dogmatismo.

«Com effeito, si o methodo psychologico é abstracto, vario e dogmatico, a investigação subjectiva, que se propõe substituil-o, é muito estreita, empirica, descriptiva: ella não vae além das relações de coexistencia e de successão; ella não vae alem da sequencia e das coincidencias invariaveis entre os phenomenos conscientes, e, mesmo conduzida pela sagacidade de um Bain ou de um Beneke, ella é incapaz de comprehender a genese das diversas faculdades, cuja analyse empreehde em um periodo em que ellas tem chegado ao seu pleno desenvolvimento.

«Si, ao contrario, o methodo physiologico é cego, empirico e falso em suas conclusões como em seus principios, a investigação objectiva, que tem por tarefa substituil-o — é não menos impotente, porque nenhuma investigação objectiva psychologica, e nenhum escalpello de anatomista, nenhum microscopio de histologista, nenhuma retorta de chimico, nenhum aparelho de physiologista, por mais maravilhosamente que possa ser imaginado para escrutar um facto psychologico por seu lado externo e physiologico, nos ensinarão jámais o que é um sentimento, uma emoção, uma sensação, um desejo, uma paixão, uma representação, uma lembrança, um juizo, um acto deliberativo.» (*A Psychogenia moderna.*)

Assim abre-se mão dos methodos para adoptar não as investigações isoladas, mas intimamente ligadas, constituindo um novo methodo essencialmente genetico. Entregue ao estudo de suas faculdades desenvolvidas e completas, o psychologo metaphysico despresava no estudo evolutivo dos phenomenos mentaes a base verdadeira da sciencia.

A psychologia evolutiva, que acompanhasse o desenvolvimento da *psyché* desde a sua phase embryonaria só foi tornada possivel com o soccorro da investigação physiologia.

Só esta tambem tornou possivel a marcha para a constituição de uma psychologia comparada.

A esteril psychologia dos metaphysicos era a observação dos factos psychicos de uma só raça e nos seres mais desenvolvidos d'esta raça.

N'estas condições nunca seria possivel tentar esforços em favor de uma zoopsychologia, que é a verdadeira sciencia que se constitue.

Até hoje o estudo das faculdades mentaes era limitado e muito lacunoso. Só physiologistas curavam das faculdades ani-

maes na zoologia, onde se estudavam os instinctos, que por condescendencia se permitio possuirem os animaes que não o homem.

Quebradas as barreiras anthropocentricas, e reveladas as relações do homem com os outros animaes, poude-se tentar o estudo dos phenomenos mentaes em todos os seres. Esta é a luz que hoje preside á constituição da psychologia moderna, necessariamente evolutiva e comparada. A esta psychologia era impossivel elevar-se Comte na época em que elaborou o seu vasto tratado philosophico.

XXI

O meu illustre adversario caminha já desorientado. Acossado pela argumentação com que se vê bloqueado, vem fazer eloquente confissão da inanidade dos dogmas fundamentaes do catholicismo. S. s. confessou que o Deus da religião, que professa, é o mesmo incognoscivel, que reconhece a philosophia positiva. Então estamos de accordo.

Ss. ss. fallaram na crença geral em uma causa occulta do universo professada pelo genero humano. E' uma verdade, e o positivismo a reconhece. Mas enquanto a philosophia positiva se limita a verificar a existencia d'essa realidade incognoscivel, contra a qual vem chocar-se eternamente o espirito humano sem attingil-a jamais; vos ultrapassaes os limites que vos são impostos pela natureza, e ides até a pretensão de penetrar a essencia intima da causa suprema do universo. E' uma illusão.

E é sobre essa illusão que ergueis o vosso edificio aereo. Humildes paramos resignados diante do desconhecido. Vós proseguis.

E ahi está o vosso trabalho lento e continuo na construção de um edificio sem base.

O revd. redactor na 1.^a parte do estudo que se propoz fazer do Positivismo, volta a cada passo a pontos já discutidos e elucidados.

E' assim que s. s. volta a accusar de athea a philosophia positiva. O que caracteriza este systema é a renuncia á investigação das causas primarias. O que constitue o seu ponto capital é o abandono das questões inacessiveis ácerca do absoluto.

Bastava-me remetter o meu adversario á série dos meus artigos. Toco bem constrangido em pontos longamente tratados já.

A philosophia positiva que condemna por infundada a affirmação theista, rejeita igualmente por não provada e por in-verificavel a negação atheista. O theismo e o atheismo são duas fórmãs de subjectivismo, duas soluções igualmente nullas do problema das origens.

Raizes inverificaveis não podem ser admittidas como solução da equação da natureza.

Já eu mostrei como o meu antagonista preparou a sua refutação vindo affirmar a sua ignorancia deante de Deus. S. s. é um catholico *sui generis* para quem Deus é apenas a causa desconhecida do universo. Ora, é sabido que a theologia dá fórmula ao absoluto e faz do incognoscivel um ser. Se o meu adversario já remontou até esta fórmula apurada da crença theologica, então s. s. é incompativel com todos os dogmas grosseiros da religião catholica, que revelam e denunciam uma visão clara, e uma cognição real do mundo desconhecido. Sabe-se que não é essa doutrina que o revd. apostolo préga da cadeira sacra. Deus não é a causa desconhecida do universo para o catholico. E' um ser, uma entidade definida, dotada de attributos certos e determinados.

E' certo que a crença religiosa tem feito o seu longe percurso. Desde a theoria fetichista dos deuses immanentes aos phenomenos, e grosseiramente identificades com elles até á vaga theoria metaphysica do theismo, que adopta o meu antagonista, ha um longo espaço. Mas s. s. verá que é impossivel, (e o tem provado o silencio profundo que guarda), defender todas as ciencias grosseiras que constituem o fundo do catholicismo. Este é um systema de explicação do universo e de tudo.

Sabe-se que o Deus, que por ahí se admite e que por ahí se adora—é um ser capaz de bondade e de justiça, é o velho architecto do universo.

A que se reduzem as praticas dos beatos, e o que fica sendo o culto do crente?

Como viveis a orar deante do Christo, e a implorar a protecção de Deus, se não sabeis absolutamente o que seja a causa do universo, a quem applicaes aquelle nome? Eu elucido este ponto com uma citação. Póde-se offerecer trez sahidas ao

espírito humano embrenhado nas questões de origem: o theismo o atheismo e o pantheismo. Nenhum d'estes systemas pôde ser identificado com a philosophia positiva, que os rejeita todos.

Em primeiro lugar, pelo que respeita á crença theologica, sabe-se que esta significa a aceitação de um ser que fabricou o universo.

Foi um operario que manipulou o cinzel e fabricou o homem de barro, como construiu as grandes espheras que vivem a caminhar eternamente nos espaços infinitos.

«Sem duvida, os processos de um artista podem nos servir vagamente de symbolo para fazer comprehender o methodo segundo o qual o universo teria sido fabricado; mas elles não nos fazem comprehender o mysterio verdadeiro, isto é, a origem dos materiaes de que o universo foi composto. O artista não faz nem o pau, nem o ferro, nem a pedra que emprega; limita-se a moldal-os e reunil-os.

«Suppondo que o sol, os planetas, os satellites, e todas as cousas que estes corpos contêm foram formadas de um modo semelhante por um «Grande Artista», nós supponmos sómente que elle dispoz na ordem em que vemos presentemente certos elementos preexistentes. Mas de onde vem estes elementos preexistentes?

«A semelhança não nol-o faz comprehender, e se ella não o faz é sem valor. A producção da materia tirada do nada, eis aqui o verdadeiro mysterio...

«Emfim suppondo mesmo que a origem do universo possa ser na realidade representada no pensamento como o producto de um poder exterior, o mysterio seria tão grande como nunca, porque uma questão se levantaria ainda: d'onde vem a existencia de um poder exterior? Para solvel-a não ha possivel senão as tres hypothes da existencia por si, da criação por si e da criação por um poder exterior. A ultima é inadmissivel: ella nos faz percorrer uma série infinita de poderes exteriores e nos leva ao ponto de partida. A segunda nos lança no mesmo embaraço, pois que a criação por si suppõe um série de existencias em potencia.

«Nós somos pois levados á primeira, que se acceita geralmente, e que se olha como satisfactoria. Os que não podem conceber a existencia por si do universo, e que por consequencia, admittem que um creador é a causa do universo, não duvidam da possibilidade de conceber um creador existente por si

mesmo. No grande factó que os envolve de todas as partes, elles reconhecem um mysterio; transportando este mysterio para a pretendida causa d'este grande factó, elles crêm tel-o dissipado.» (Herbert Spencer.)

Mas se a solução theista não resiste á critica, pôde manter-se illesa a theoria do atheismo? A negação é mais fundada que a affirmação?

«Primeiramente é claro que para nós as palavras—existencia por si—querem dizer uma existencia independente de uma outra; que não é produzida por uma outra: a affirmação da existencia por si não é senão uma negação indirecta da criação.

«Excluindo assim a idéa de uma causa anterior, nós excluimos necessariamente a de um começo; porque admittir que houve um tempo em que a existencia não tinha começado, é admittir que seu começo foi determinado por alguma causa, ou causado, o que é uma contradicção. Logo a existencia por si significa uma existencia sem começo. Ora não ha esforço do espirito que possa lá chegar . . .

«Tambem não só a theoria atheista é inconcebivel; mas, quando mesmo não o fosse, ella não seria por isto uma solução. A affirmação de que o universo existe por si não faz dar um passo além do conhecimento de sua existencia presente, e por consequencia nos deixa em presença de uma affirmação nova do mesmo mysterio.»

A Philosophia Positiva é tão incompativel com o theismo como com o atheismo. Ambos estes systemas se fundam sobre o delirio do metempirismo, que faz adivinhar o absoluto.

Pôr o relativo em lugar do não relativo, o condicionado em lugar do não condicionado, e o limitado em lugar do não limitado é o seu fim. Ao porque substituir o como, a sua aspiração.

Assim se procede á eliminacção das causas primarias e finaes para deixar subsistir o conjuncto das leis effectivas dos phenomenos.

Os meus adversarios porém revelam a cada passo a falsa intuicção que tem da Philosophia Positiva. O leitor vai verificar.

Fallando na eliminacção das causas primarias assim se exprimio o articulista catholico :

«Já não se deve mais dizer que o fogo é que queima a palha, a agua que molha, a espada que corta, a cobra que morde, o cão que ladra, o cavallo que pucha o carro, o homem que faz a estatua, que compõe o poema, que mata, etc.»

«E si alguém quer perguntar: o que é pois que queima a palha? lhe responde o positivista: cala-te: esta pergunta a sciencia não admite.»

E conclue o habil raciocinador: «eis a que se reduz o segundo grande achado do positivismo; a eliminação das causas da sciencia.»

Já eu discuti esta questão de eliminação de causa, fazendo ver de que causa se trata, e de que causa se cogita. A philosophia positiva acceta a lei de causalidade universal; admite que todo o phenomeno tem uma causa determinante e indaga-a no terreno da sciencia, onde são susceptíveis de investigação e descoberta.

Quasi aliás que não merecem as honras de uma refutação aquellas ridiculas e gratuitas asserções.

A lei, que estabelece a correlação dos phenomenos, é a affirmação da causa que determinou-os a existir. Um facto, que precede um outro facto, e representa uma antecedencia incondicionada, será a causa do phenomeno que representa uma consequencia do primeiro.

O termo incondicionado é necessario e indispensavel.

A causação não tem nenhuma relação de synonymia com a expressão—sequencia invariavel.

«Quando nós definimos a causa de uma cousa: «o antecedente em seguida ao qual esta cousa acontece invariavelmente; nós não tomamos estas expressões como exactamente synonymas de «o antecedente em seguida ao qual a cousa acontece invariavelmente na experiencia . . .

«A noção de causa implica a idéa de necessidade. Si ha uma significação que convenha incontestavelmente á palavra necessidade, é a incondicionalidade.» (Stuart Mill, *Systema de Logica*.)

Quanto a Comte em particular assim se exprimio o eminente auctor inglez:

«E que me seja permittido aqui observar que o doutor Whewell, e mesmo até um certo ponto o sr. John Herschel, parecem ter mal entendido o pensamento dos escriptores, que, como

Comte, limitam a esphera da investigação scientifica ás leis dos phenomenos e tratam de cousa vã e futil a investigação das causas. As causas que Comte declara inacessiveis são as causas efficientes. A investigação das causas phisicas (que comprehende o estudo de todas as forças activas da natureza, consideradas como factos de observação) é ao contrario para Comte como para o dr. Whewell, uma parte importante da concepção da sciencia. »

Si assim é, apanha-se a significação das palavras do meu illustre adversario. Ellas revelam o quanto s. s. é alheio ao positivismo.

Todo o mundo admirará a ousadia com que se discute um systema philosophico que se não conhece.

Fala-se em nome da sciencia, e vem se dizer que a sciencia prohibe a affirmação de que o fogo queima, e de que *o cavallo pucha carro!*

XXII

Occupei-me já da argumentação com que o illustre campeão do catholicismo tentou combater o positivismo por eliminar a investigação das causas primarias. N'essa direcção foi de todo o ponto infeliz o meu antagonista, que nem ao menos mostra conhecer o que se chama—causas primarias,—que são aquellas cuja investigação a philosophia positiva afasta por vã e inutil.

Dando provas de sua incompetencia para a discussão de certos pontos philosophicos, o redactor ecclesiastico é no entanto, de uma ousadia admiravel.

Fallando de Comte, e de todos os eminentes luctadores modernos, os chefes do movimento philosophico do seculo, assim se exprimiu o articulista: «querem nos persuadir que elles, parte microscopica dos homens actualmente existentes, e infinitesimal dos sabios (por extremo de cortezia lhes consentimos (sic) este nome...»

Emfim, está no seu direito. Quanto a mim preferia vel-o mais modesto e capaz de comprehender o ridiculo a que se expõe quem assim se enche de tola e fôfa vaidade. Já o moralista escreveu aquella fabula: rana inflavit...

Tão infeliz na discussão das causas primarias, foi ainda

desastrado o meu adversario levantando a questão da finalidade. Faço de novo a declaração já consignada no precedente artigo.

Volto constrangido a este ponto que deixei claramente elucidado, quando tive de discutir-o com o antecessor do actual redactor da folha religiosa. Aceito no entanto o novo cartel. Aqui vae a pretensa refutação da philosophia positiva pelo crime de eliminar a investigação das causas finaes como inutil e esteril:

«O mesmo diga-se das causas finaes, que os positivistas querem tambem eliminar do dominio da sciencia. O positivismo não consente que se diga,—que o sol foi feito para a terra, e para lhe communicar luz, calor e vida; o fogo para aqueclar e queimar; a agua para lavar, regar a terra e beber; que o homem recebeu a lingua para fallar, os dentes para comer, os olhos para ver, os ouvidos para ouvir, os pés para ardar.»

Banalidades.

E' toda a velha theoria da finalidade, consequencia da concepção teleologica do universo.

A criação do mundo é perfeita por um ser intelligente e para um fim. O anthropomorphismo que gerou o artista, não esqueceu o plano preconcebido.

Examinemos, mesmo por esta face, a doutrina das causas finaes. Si havia no pensamento do Creador a idéa de um plano a executar, é força confessar que estamos diante de um máo artista. Os teleologistas assemelham o—Creador supremo—ao operario que faz e desfaz a sua obra por descobrir-lhe imperfeições. E' um papel que se não coaduna assaz com os attributos de omnipotencia e omniscencia com que é dotada a divindade.

Já criticando o systema de Agassiz, exprimiu-se nestes termos o eminente professor de Iena:

«Si vos apraz ler, no trabalho mesmo de Agassiz sobre a classificação, a exposição completa e arrazoada d'estas vistas extranhas, vos tereis difficuldade em comprehender como, em conservando a apparencia do vigor scientifico, pôde-se levar tão longe o anthropomorphismo do divino Creador e fazer minuciosamente o seu retrato mais phantastico. Em todo este systema, o Creador é sómente um homem todo poderoso, que cansado de seus lazeres, se divertio em imaginar e fabricar innumeraveis

especies, verdadeiros joguetes productos de sua imaginação. Depois de se haver divertido durante alguns milhares de annos, elle se fatiga, e então, por meio de uma revolução geral da superficie terrestre, aniquila e destroe todos estes seres inuteis; depois, para matar o tempo, se occupando de alguma cousa nova e melhor, chama á vida um outro mundo animal e vegetal mais perfeito.

«No entanto, não se querendo dar ao trabalho de recommençar inteiramente a sua tarefa de criação, encerra-se no plano, que se tinha traçado uma primeira vez, e se limita a crear novas especies ou então novos generos, mais raramente novas familias, novas ordens ou novas classes. Nunca elle crea nada segundo um novo typo, um novo estylo.

«Quando o Creador, sempre segundo a opinião de Agassiz, se divertio durante milhões de milhares de annos n'este jogo de construcção e destruição alternativas, teve enfim (um pouco tarde, é verdade) a feliz idéa de crear alguma cousa que se lhe assemelhasse, e formou o homem á sua imagem. Então foi atingido o fim supremo da criação, e fechada a serie das revoluções geologicas.» (*Hist. da Creação.*)

Uma sabia execução de um plano não existe. A pretendida revelação natural de uma criação das cousas para fins certos e determinados é illusão.

E' uma falsa vista objectiva occasionada por uma illusão subjectiva. Esta sonhada adaptação da natureza a um fim só existe para quem de todo o ponto desconhece os factos naturaes.

Estes são um desmentido solemne á theoria das causas finaes. Uma das grandes difficuldades da concepção teleologica do universo são os factos da—Dysteleologia.

Que papel representa o plano do Creador eterno em face dos órgãos rudimentares inuteis aos organismos viventes?

A' que virão esses órgãos destituídos de função physiologica, verdadeiras *impasses* organicas?

Como se explica a presença d'esses elementos anatomicos, atrophiações dos corpos viventes devidas ao desuso e desexercício, quer nos seres vegetaes, quer nos animaes?

A que são destinados os olhos nos animaes que não vêm, tendo os órgãos vizuaes obstruidos por uma membrana opaca?

A que vem a *plica semilunaris* que nós trazemos nos

olhos, quiçá um testemunho da theoria darwinica, e invocado já pelo Galileu do systema biologico evolucionista?

O que significa o appendice vermicular de cecum ou os musculos inuteis do pavilhão da orelha?

Poder-se-ha justificar a obra de Deus em face d'estas creações inuteis ou prejudiciaes?

A osteologia é sobretudo fertil n'estes exemplos.

« Não ha phenomeno biologico que tenha tornado os zoologistas e botanicos mais perplexos do que estes órgãos rudimentares ou abortados. Que! instrumentos sem emprego possivel, apparatus organicos, que existem e não funcionam, que são construidos para um fim dado e incapazes na realidade de attingir este fim!

« Quando a gente considera os esforços tentados pelos antigos naturalistas para adivinhar este enigma, ha na realidade difficuldade em não rir das idéas bizarras, ás quaes elles tinham chegado. » (Haeckel, loc. cit.)

Si dos órgãos nós passamos aos organismos integrados ainda nos occupa e desafia a difficuldade. O que quiz o Omnipotente com a manufactura d'esses milhões de seres parasitarios, nojentos e damninhos? A' que vieram esses entes inuteis?

Como justificar Deus por essa producção fecunda de individuos, que são o flagello da Humanidade?

Ahi está o libello formulado pela sciencia.

Só um pensamento máo, uma idéa triste teria inspirado o auctor de tantos seres terriveis.

Vivem por toda a parte.

Multiplicam-se com uma espantosa fertilidade. São os vermes, que sugam a seiva abundante das plantas; são as nuvens de insectos, que devastam os campos; são os seres microscopicos, que se insinuam no seio do organismo e vão cooperar, Judas inconscientes, para a destruição do corpo, que os encerra.

« O sol foi feito para a terra. »

Esta crença representa uma vista anterior á moderna-revolução astronomica.

Desbancada a theoria de Ptolomeu, e firmada a verdade do systema copernicano, pode-se inverter o aphorismo citado.

O telescopio do astronomo, que rasgou a cortina do espaço, revelou a posição insignificante da Terra, o seu papel secundario no drama sideral.

Ella é um ponto perdido no vasto oceano aéreo onde caminham os milhões de mundos estellares.

Não são ignorados os fundamentos em que se estriba a hypothese scientifica, positiva de Laplace, segundo a qual a aparição da terra é chronologicamente subordinada á existencia do sol.

Porque além disto o meu illustre antagonista não raciocinaria de preferencia em relação a qualquer outro planeta que não a Terra, pois que todos elles recebem do centro do systema calor, vida e luz?

Como se defende a vossa divindade, providente e guiada por um plano, diante dos phenomenos teratologicos?

Ver um fim onde ha adaptação é um vão esforço por objectivar uma vista toda subjectiva.

«Transportado para a ordem da finalidade, successivamente o espirito se perturba, e hesita. O problema, de que não se sabe mesmo se está bem estabelecido, está fóra do seu alcance. A sciencia, que se não tornou positiva, senão depois que experimenta e verifica, não quer mais conhecer de sua finalidade que não pode ser experimentada nem verificada. Ella se não obstina vãmente diante das sahidas, que lhe são fechadas, e se lança com tanto mais força para as sahidas que lhe são abertas. Outr'ora ella recebeu da metaphysica a doutrina das causas finaes; hoje deixa-lh'a como um instrumento sem virtude. Esta doutrina, que não tem nenhum uso entre as mãos da sciencia positiva, não tem senão um uso nominal entre as mãos da metaphysica; é uma palavra que não póde tornar-se objectiva.» (Littre.)

Fecho aqui esta questão da finalidade.

A contradição revela sempre a fraqueza da doutrina. Com relação ac meu illustre adversario vae verifical-o o leitor. Aqui vae transcripto um trecho da «Bôa Nova» :

«Todo homem de toda especie, condição e nação, douto ou ignorante e, desde o principio até hoje, sem interrupção, ficou firme na persuasão da existencia de Deus; e isto não obstante as difficuldades que encontravam, uns na sua barbaria, outros na ignorancia, estes na impiedade e corrupção dos costumes, aquelles nos sophismas e máos exemplos dos atheus, e todos nas suas inclinações e paixões.»

Vê-se que o defensor da velha idéa reconhece, no fim do

período, de um modo claro a não universalidade da crença em Deus affirmada no começo. A' afirmação categorica de que *todo homem, douto ou ignorante de toda especie, condição e nação creu sempre em Deus* se oppõe a afirmação de não terem tido essa crença desde o principio os ignorantes, os barbaros, os impios, os corruptos e os atheus.

Outro ponto de contradição.

Primeiro affirma-se que «esta verdade (a existencia de Deus) foi sempre por todos procurada e estudada; porque é de summa e primeira necessidade, porque d'ella dependem os nossos deveres e a nossa felicidade, quer como individuos, quer como membros da sociedade.»

Em seguida avança-se que a persuasão da existencia de Deus permaneceu sempre no homem «não obstante que esta persuasão lhe impuzesse grandes sacrificios no cumprimento de seus deveres individuaes e sociaes.»

Se é a base e a condição *sine qua non* do cumprimento dos nossos deveres, não pôde ser um obstaculo ao exercicio d'elles.

Resolveu-se o meu adversario a defender a existencia de Deus. Ahi temos revolidos os velhos argumentos.

Mas, cousa notavel! a existencia de Deus é uma deducção scientifica para o redactor da folha catholica. De tal penna é para mim uma novidade esta confissão!

Aquí está o que s. s. avançou:

«Com effeito, uma vez admittido, que todo o genero humano, n'uma verdade, como a existencia de Deus, se pôde enganar, tendo-a por certa e evidente por tantos seculos; já havemos de duvidar, com fundamento, ao menos de todas as nossas deducções scientificas. Pois esta da existencia de Deus é tal que n'ella, mais do que em qualquer outra, parece impossivel o erro.»

Isto é conceder demais.

Sabe-se que uma verdade deduzida é a que se conclue por uma raciocinação de uma proposição inductiva verificada, ou de uma outra verdade deductiva já provada e mais lata. Para estabelecer por deducção uma verdade faz-se myster: em 1.º lugar uma indução, que pôde algumas vezes ser substituida por uma deducção anterior, cujas premissas deviam ter sido alcançadas por via inductiva; em seguida o raciocinio pelo qual se

conclue da primeira proposição a segunda; finalmente uma verificação.

Estas tres partes constituem os degraus successivos do espirito na marcha para a fixação de verdades scientificas deductivas.

«O problema do methodo deductivo consiste em determinar a lei de um effeito segundo as leis das diversas tendencias de que elle é o resultado commum. Por consequencia a primeira condição a preencher é conhecer as leis d'estas tendencias, a lei de cada uma das causas concorrentes; o que suppõe uma observação ou uma experimentação preliminar, para cada causa separada, ou uma deducção preliminar, cujas premissas superiores devem derivar tambem da observação ou da experimentação.» (Stuart Mill.—*Logica.*)

E' esta a marcha da sciencia.

Sabe-se como Bacon combateu contra a logica deductiva pela logica inductiva. Mas o eminente philosopho vinha oppôr-se justamente ás deducções illimitadas, que se arrancavam de proposições não estabelecidas pelo methodo experimental.

O methodo deductivo, que modernamente se defende e se exalta, é cousa inteiramente outra.

N'este sentido são rigorosas as vias que segue a sciencia.

Resta, pois, ao meu contendor fixar as premissas de que a existencia de Deus é logicamente deduzida.

E' esta ao menos a theoria positiva. Exemplifiquemos:

Estabelecida a lei dos tres estados como uma vasta generalisação historica, póde-se fixal-a deductivamente, acceitando-a como consequencia de uma das leis psychologicas, em virtude da qual a intelligencia humana é sempre levada a formular a hypotese mais simples de accôrdo com os dados obtidos.

Só assim póde-se dizer que a existencia de Deus é uma deducção, como avançou o meu adversario, infiel n'este ponto ás suas doutrinas.

Infiel porque ao menos todos os theologos professando e defendendo a idéa de Deus, sempre a expuzeram como verdade necessaria e universal; ao passo que s. s. contenta-se com chamalhe—deducção scientifica—.

Mas, permaneço ainda na analyse do trecho citado do meu adversario.

Mesmo quando a idéa de Deus fosse apresentada pelo illustre paladino como innata e necessaria, encontrar-me-ia prompto a refutal-a.

Naturalmente o fará agora, e eu o acompanharei, mostrando o vasio da velha theoria da innatividade das idéas, hoje de tudo anniquilada, e fazendo ver a origem experimental das proposições ditas necessarias e axiomaticas, entre as quaes, ao menos no modo de pensar corrente entre os catholicos, figura a existencia de Deus.

O meu reverendo adversario, porém, é um neo-catholico.

S. s. acha que «o positivismo, não admittindo a verdade da existencia de Deus, reconhecida constantemente por todos os povos, por todos os sabios, destróe e até torna impossivel toda sciencia, toda a certeza.»

A razão d'isto é obvia.

Bastará ter em vista que a deducção scientifica da «existencia de Deus é tal, que n'ella mais do que em outra qualquer *parece* impossivel o erro.»

O catholico redactor parece, em primeiro lugar, crer que todas as verdades scientificas são deducções.

Ao menos é o que se conclue de suas palavras. Pois a duvida lançada sobre uma unica deducção *soi disant* scientifica é bastante para minar os alicerces da sciencia.

Eu citaria ao meu antagonista estas palavras do eminente logico inglez :

«Si o fundamento de todas as sciencias, mesmo das deductivas ou demonstrativas, é a inducção; si, cada passo de todo raciocinio, mesmo em geometria, é um acto da inducção; e si uma cadêa de raciocinios não consiste senão em fazer convergir muitas inducções para o mesmo assumpto de investigação, e fazer entrar um caso em uma inducção por meio de uma outra inducção; d'onde vem esta certeza particular attribuida em todos os tempos ás sciencias que são inteira ou quasi inteiramente deductivas?»

Esta lição aproveitará muito ao sacerdote redactor. A deducção é muito, mas são inducções os alicerces das sciencias.

O ponto de partida de toda sciencia é a descoberta e a prova de proposições geraes.

Isto se realisa por uma inferencia pela qual se conclue do conhecido para o desconhecido: induz-se. A deducção intervirá

depois, e de um modo fecundo. Por esta via se conseguirá estabelecer uma série de verdades scientificas, partindo de uma inducção fundamental.

« Todos os ramos das sciencias naturaes tem sido primitivamente experimentaes; cada generalisação repousava sobre uma inducção especial e resultava de um grupo distincto de observações e de experiencias.

« A titulo de sciencias puramente experimentaes, como se diz, ou como seria preciso dizer, sciencias nas quaes o raciocínio não se compõe ás mais das vezes senão de um só passo, e se exprime por syllogismos isolados, todas estas sciencias se tornaram em algum grão, e algumas completamente, sciencias de puro raciocínio. D'este modo uma multidão de verdades já conhecidas, cada uma separadamente, por inducção, são expostas como deducções ou corollarias de proposições inductivas mais simples e mais geraes. . . .

« Mas é necessario notar que posto, por esta transformação progressiva, todas as sciencias tendam a se tornar cada vez mais deductivas, ellas não são por isto menos inductivas.

« Cada passo na deducção é ainda uma inducção.»

Esta é a verdade. Devia sabel-o o meu adversario si ao improductivo curso de theologia houvesse preferido um curso de sciencias physicas e naturaes.

Podemos parar aqui. Veremos proxivamente as valiosas razões, pelas quaes parece impossivel o erro sobre a existencia de Deus.

XXIII

Vejamos o que conseguiu na segunda parte do seu monumental trabalho de critica philosophica. Trata-se de estudar a parte positiva do systema. O leitor vae saber o que é a philosophia positiva para aquelles que, a não conhecendo, põem-se não obstante a discorrer sobre ella. Aqui está o fim do positivismo na opinião do padre defensor do catholicismo:

« De facto o positivismo declara que o seu fim e objecto limita-se a descobrir as leis que regulam a existencia, successão e dependencia mutua dos phenomenos sensiveis do mundo.»

Mas onde foi o reverendo redactor do papel ecclesiastico fazer uma semelhante descoberta?

A descoberta e investigação de leis dos phenomenos só pôde ser objecto das sciencias particulares. Todo o mundo, que tem lido, sabe que a constituição definitiva da—philosophia positiva—só foi possível exactamente quando tinha sido completo o cyclo das descobertas scientificas. Só quando o espirito humano conseguiu subir, e subiu com o eminente fundador do positivismo até ao degráo mais elevado da escala scientifica, fazendo os phenomenos sociaes entrarem no quadro dos factos regidos por leis naturaes, é que a vasta synthese scientifica pôde ser realisada. Quando o positivismo se propôz descobrir as leis dos phenomenos? Onde encontrou o meu adversario esta tarefa como fim da philosophia?

O que é a philosophia positiva senão a integração do saber humano? senão o laço de concatenação de todos os resultados colhidos no departamento de cada sciencia?

O que fez Comte, esboçando o seu vasto systema philosophico, senão condensar os principios geraes de todas as sciencias, tentando assim uma unificação do saber positivo?

Que tem então a philosophia que ver com a descoberta de leis dos phenomenos?

Tudo. Mas tudo porque são os materiaes que ella assimila. E' o seu *pabulum vite*.

Assim, não é de todo o ponto tola a interrogação do meu antagonista, procurando saber quaes as leis descobertas pela philosophia positiva?

Não tenho razão em affirmar que s. s. revela a cada passo desconhecer aquillo que com tanta emphase se propôz criticar e desbancar?

«O positivismo não achou se quer uma lei nova a accrescentar ás da sciencia antiga.»

E quem o disse jamais? Quando se propoz a philosophia positiva achar novas leis dos phenomenos?

Escrever cousas taes revela ou muito má fé ou muita ignorancia.

Eu chamo a attenção do illustre catholico para esta passagem de Comte:

«E' superfluo, penso, ajuntar que não se poderia tratar aqui de uma série de cursos especiaes sobre cada um dos ramos principaes da philosophia natural. Pelo contrario um curso da natureza d'este exige para ser convenientemente entendido,

um série preliminar de estudos especiaes sobre as diversas sciencias que ali serão encaradas. Sem esta condição, é bem difficil comprehender e impossivel julgar as reflexões philosophicas de que serão objecto estas sciencias. Em uma palavra, é um *curso de philosophia positiva*, e não de sciencias positivas que eu me proponho fazer. Trata-se unicamente aqui de considerar cada sciencia fundamental em suas relações com o systema positivo inteiro, e quanto ao espirito que a caracteriza.»

Já, em um dos precedentes artigos, tive occasião de fazer ver como Herbert Spencer levara além de Comte este trabalho de unificação do saber positivo. Para o eminente chefe do evolucionismo póde se definir a sciencia — *o saber parcialmente unificado* —, a philosophia — *o saber perfeitamente unificado*.

Aqui estão as palavra do grande philosopho inglez :

«Tal qual o uso a define, a sciencia compõe-se de verdades mais ou menos isoladas; ella não conhece a sua integração..... Quando as sciencias são consideradas todas como collarios de uma verdade ultima, toca-se a especie de conhecimentos que constitue a philosophia propriamente dita.

«As verdades da philosophia sustentam, pois, com as mais altas verdades scientificas a mesma relação que estas com as verdades scientificas inferiores. Da mesma sorte que cada uma das generalisações superiores envolve e consolida as generalisações mais restrictas de sua secção, assim as generalisações da philosophia envolvem e consolidam as generalisações da sciencia.»
(Herbert Spencer, *Primeiros principios*.)

Acredito que o meu contendor não escreveria o que escreveu, caso houvesse lido esse trecho, que eu citei para mais uma vez *remoer* esta questão *moida*: a significação do termo philosophia.

Passemos a outro ponto.

Basta desde logo dizer que o illustre redactor é levado a esta disparatada conclusão: «Pelo que nem podem provar que a gravitação dos corpss é uma *lei physica*.» Imagine-se de que força é o mais que vamos ver.

«O positivismo pretende *descobrir e estabelecer as leis physicas dos phenomenos*.»

Eu já mostrei como é exactamente o contrario, que é a verdade. As *leis physicas descobertas e estabelecidas* é que tornaram possivel a philosophia positiva.

Mas o principal é saber que o reverendo escriptor se pôz provar que o systema de philosophia positiva não pôde descobrir e estabelecer *nenhuma lei physica*.

Começou o defensor da igreja por conceder-nos o dogma scientifico da invariabilidade das *leis physicas*.

« Não nos extendemos mais em explicar ou provar esta propriedade, da invariabilidade e constancia das leis physicas, não só porque é muito clara, mas tambem porque é admittida pelos proprios positivistas. »

Logo depois, porém, nega-se aos positivistas o direito de admittirem o principio da immutabilidade das leis naturaes « porque não admittem o fundamento unico de toda lei physica, que é a natureza das cousas, ou ao menos a influencia de um ser superior, que dirija e governe seus movimentos. »

Tomando em particular a lei da gravitação assim exprimio-se o homem do jornal catholico:

« Mas, para que os corpos devam *necessariamente e invariavelmente* gravitar para a terra, deve-se admittir uma das duas hypotheses: ou que a natureza propria dos corpos e uma força nelles existente produsa igualmente em todos a gravitação; ou que um ser superior com seu poder supremo os obrigue a seguir invariavelmente essa lei. »

Eu vou considerar o principio geral da uniformidade da natureza. O meu adversario verá que se trata apenas de uma vasta indução. E' uma conquista do espirito humano. Em primeiro lugar cumpre-nos dar uma explicação: quando falamos em leis naturaes, queremos significar as leis que regem todas as classes de phenomenos desde os mais simples phenomenos mathematicos até os mais complexos, os phenomenos sociaes e moraes. Sabe-se por esta extensão do principio das leis immutaveis a todos os phenomenos foi a condição essencial da definitiva constituição da philosophia positiva.

Examinemos, porém, as palavras da «Bôa Nova».

Estudando o phenomeno geral da gravitação pôdem ser seguidas tres marchas distinctas. Ou verificar a lei do facto e acceital-a como verdade scientifica; ou tentar explical-a em sua essencia intima e origem, e n'este caso acreditar em um Creador supremo que impelle os corpos uns para os outros, ou em uma *força inherente* a elles, *vis motrix*.

No 1.º caso se é positivista, no 2.º theologo, ou methaphysico.

Bem veem, pois, que para acceitar a lei universal da gravitação os positivistas não tem necessidade de admittir as hypotheses figuradas, elles que se limitão á verificação das leis naturaes. Mas, particularisando a discussão, e restringindo-a á gravidade, nem por isso deixo de generalisar a conclusão.

Para os positivistas só pôdem ser demonstradas as leis que podem entrar na esphera de outras mais latas e comprehensivas. As leis primitivas, assim chamadas em opposição ás que ellas explicam, e que se pôdem chamar derivadas, são inexplicaveis. Este caracter de inexplicabilidade inherente ás leis naturaes, acceitas como factos ultimos e irreductiveis, é o que constitue a essencia do espirito positivo em opposição ao theologico e metaphysico.

Longe de admittirem o facto em si tentam os metaphysicos uma vã e futil explicação de conformidade com hypotheses gratuitas. Já o meu antagonista exemplificou com o phenomeno geral da gravitação.

Eu tomo por exemplo uma das leis geraes da mecanica, a lei de Kepler :

« Quando as forças que sollicitam um corpo cessam de obrar sobre elle, o movimento continúa segundo uma linha recta, tangente á trajectory precedentemente descripta, e com uma velocidade constante, igual á que possuia o corpo no momento em que as forças desappareceram. »

Um semelhante principio é filho da observação e do estudo. A' experiencia vão os positivistas com a sciencia buscar a comprovação d'esta verdade. Sem outro criterio acceitaram-n'o como base da sciencia phoronomica. Perscrutador, o metaphysico vae além.

« Em lugar de se limitar a olhar a lei de inercia como um facto observado, pretendeu-se demonstral-a abstractamente, por uma explicação do principio da razão sufficiente, que não tem a menor solidez. Com effeito, para explicar, por exemplo, a necessidade do movimento rectilineo, diz-se que o corpo devia seguir a linha recta, porque não ha razão para que elle se afaste de um lado antes do que do outro da sua direcção primitiva. E' facil de verificar a invalidade radical e mesmo a insignificancia completa de uma tal argumentação. Primeiramente, como pode-

riamos nós estar certos de que *não ha razão* para que o corpo se desvie? Que podemos nós saber a este respeito que não seja por meio da experiencia? As considerações *á priori*, fundadas sobre a *natureza* das cousas, não nos são completa e necessariamente interdictas em philosophia positiva?

« Aliás, um tal principio, mesmo quando se o admittisse, não comporta por si mesmo senão uma applicação vaga e arbitraria.....

« Por pouco que se reflecta sobre um tal raciocinio não se tardará em reconhecer que, como todas as pretendidas explicações metaphysicas, elle se reduz realmente a repetir em termos abstractos o factio mesmo, e a dizer que os corpos tem uma tendencia natural para se mover em linha recta, o que era precisamente a proposição a estabelecer-se. (Comte, *A Phil. Posit.*)

Eu sou mais uma vez forçado a tirar a conclusão que o meu adversario não sabe o que significa o termo—Philosophia Positiva—pois vem gastar tempo em provar que o positivismo não póde demonstrar a lei da gravitação, porque não admite um ente superior, nem forças immanentes.

Se isto constitue a sua essencia! Si não provar as leis é a sua característica!

Mas parece de pouco valor a experiencia ao meu adversario para a verificação de uma lei natural, a gravitação, por exemplo:

« A razão é clara. Porque, por muitos que sejam os corpos que nós temos conhecido pela experiencia gravitar para a terra, só por isto não temos o direito de affirmar que o mesmo acontece sempre e em toda a parte, e muito menos que ha de acontecer para o futuro. Para affirmarmos isto com certeza, havemos de conhecer que os corpos gravitam *necessaria e invariavelmente* para a terra, de sorte que naturalmente não possa acontecer o contrario.»

De modo que aquillo que a observação attenta dos factos não é capaz de ensinar, ha de conseguil-o o vago e impotente *á priorismo*.

Infelizmente para nós, todas as nossas generalisações são relativas e nada ha de absoluto. As leis não fazem excepção a este principio.

« Bem que o espirito humano em suas descobertas tenha sido sempre condemnado a se contentar com o *relativo*, não po-

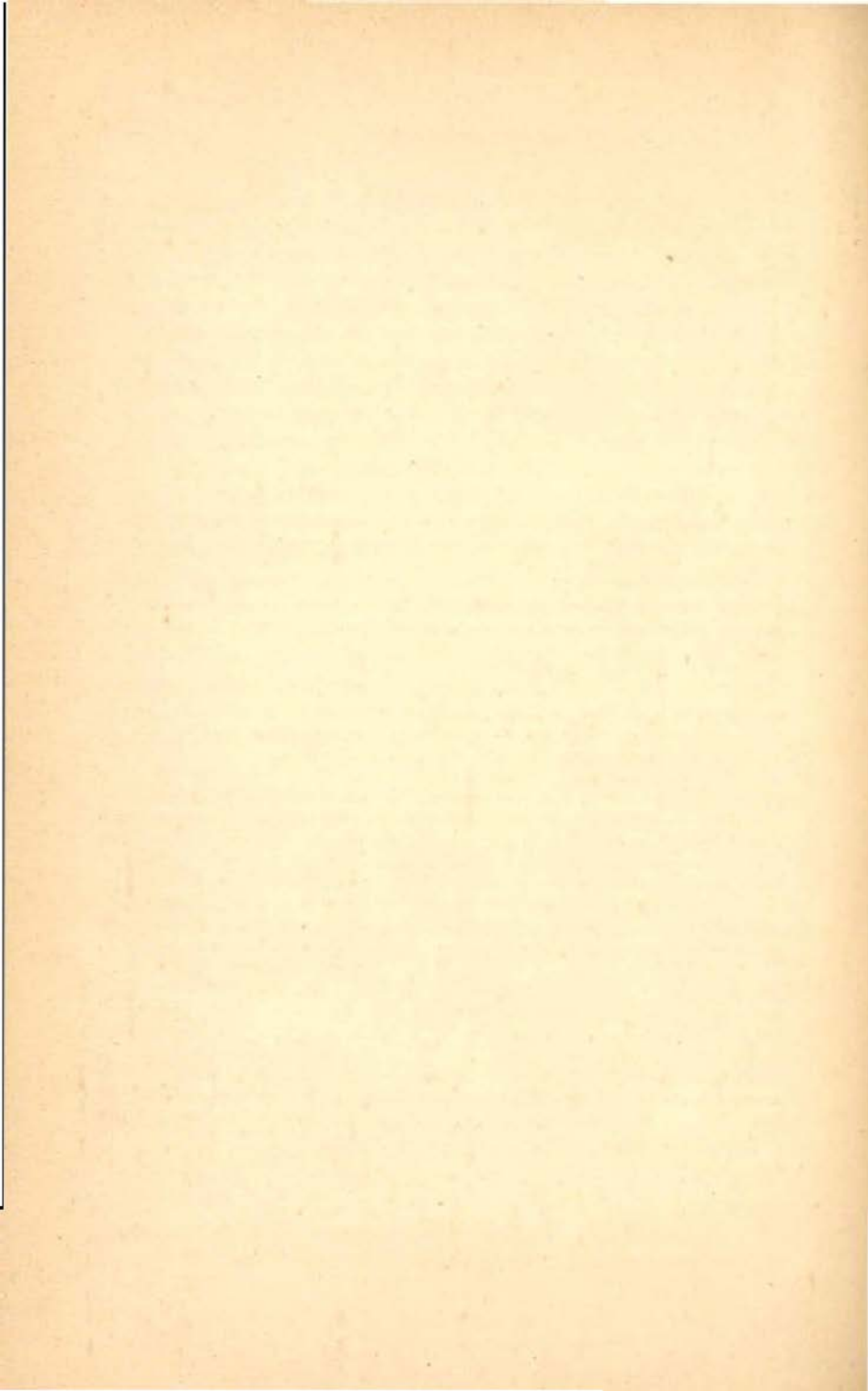
dendo attingir o *absoluto*, é certo também que durante muito tempo elle imaginou que toda lei descoberta era absolutamente, necessariamente verdadeira, e que não havia limite a esta verdade. A lei existia ou não existia. Temos hoje sahido de uma tão estranha presumpção. Tantas leis que tinhamos crido verdadeiras se tornaram insufficientes, que se tentaria antes de ora em diante abandonar-se ao scepticismo e não crer na verdade ou na realidade de nenhuma lei. Ha no emtanto um termo médio entre estes dois extremos. Todas as leis não são absolutamente verdadeiras e portanto necessarias, como o previu Montesquieu; mas não se segue que ellas não conttenham um certo gráo de verdade. Ellas são sempre verdadeiras em certos limites de espaço e de tempo. As leis mesmas que uma observação mais attenta nos fez abandonar eram verdadeiras nos limites em que ellas foram concebidas. E' certo por exemplo, que a hypothese de uma terra plana é relativamente exacta, si não se considera, como os primeiros observadores, senão algumas leguas quadradas do sólo que nós calcamos; ella é verificavel n'estes limites. Pelo contrario, as leis astronomicas, a que nós ligamos hoje uma certeza quasi tão grande como a que attribuímos ás leis mathematicas não são realmente verdadeiras senão consideradas em certos limites de tempo. Além ellas não bastam mais.»

(Pierre Laffitte, *Philosophia Primeira*.)

Assim responde-se a interrogação do meu adversario : « Como demonstram elles (os positivistas) que o mesmo aconteceu antes e ha de acontecer sempre e em toda parte ? »

Faltam-lhes os sonhos da metaphysica e os desvarios do theologismo, A realidade esmagadora aperta-os no circulo da relatividade que elles não ultrapassam nunca. Por isto não tem a visão do futuro e não tem a visão do passado. Do presente tiram a conclusão contingente, relativa ao que foi e ao que ha de ser.





NOTA

Os artigos da série subordinada ao titulo—*A Philosophia Positiva*— foram dados á publicidade em 1881, epoca em que o auctor, então 2.º tenente, fazia o seu curso da Escola Militar do Rio.

Agasalhados pela *Provincia do Pará*, folha que já nesse tempo galhardamente defendia o dogma da emancipação da consciencia, e que fizera mais de uma vez gentil acolhida a outros trabalhos do auctor, publicados em Revistas academicas, esses artigos figuraram vibrante nota de audaciosa heresia no seio da sociedade catholica paraense.

De tal sorte sobre o auctor caíram as maldições e os protestos das consciencias *indignadas*, que nomeado para reger interinamente a cadeira de historia do Lyceu Paraense, viu-se poucos dias depois destituído dessa funcção.

Era o pleno regimen da intolerancia philosophica.

Contra aquelle acto bradara o jornal *A Boa Nova*, orgão do Bispo do Pará, neste tom: « Não queremos já allegar a nossa qualidade de christãos, de catholicos; fossemos nós um povo musulmano, budhista etc. não era possível *tolerar* que se nomeasse professor, guia e instituidor da mocidade um atheu publico, notorio como este, e no mesmo momento em que elle está fazendo escandalosissimo alarde do seu atheismo, do seu materialismo o mais brutal.»

Em artigos publicados nas edições de 17 e 18 de Agosto de 1881, sob o titulo—*O ensino official e os livres pensadores*—, *A Provincia do Pará* saiu ao encontro dessa exaggerada intolerancia pregada pela folha catholica.

Vale comparar essa linha de conducta seguida no tempo do imperio á hodierna regra de acção dos governos republicanos, quando a tolerancia tamanha é que para os sacerdotes catholicos até as portas das casas de ensino publico se lhes abrem, como entre nós. E é digno de reparo que dos sectarios das doutrinas positivistas, de ordinario, é que provêm a maior somma de tolerancia para com o catholicismo. Do grupo parlamentar positivista no Congresso Constituinte da Republica, dimanaram os maiores esforços para que vinguassem como leis fundamentaes do actual regimen os principios da liberdade de consciencia a mais plena.

* * *

Saem de novo para o dominio da publicidade esses artigos, agora mettidos nestas paginas, porque elles valem para o auctor como uma reaffirmação de

crenças e de fê scientifico-philosophica, que, volvido o largo lapso de quasi 15 annos, cada vez mais se enthronisam e se radicam na sua consciencia.

Guardam elles em substancia e no fundo a mesma constituição. Em nada modificou-os o auctor: não lhes fez o menor accrescimo, nem a minima subtracção. Tanto que onde o assumpto estava a exigir modernos reparos ou explicações fel-as o auctor em trabalho á parte, que irá como secção distincta deste livro.

Uma só alteração soffreram esses artigos: andou o auctor cortando todas as rudezas e as maiores asperezas da frase, quando alguma vez ellas pareceram-lhe demasias, agora imperdoaveis, embora ao tempo em que foram ditas tivessem ficado aquem do aggravo. Para que o leitor avalie como era aggressivo e por vezes grosseiro e insultuoso o tom da palavra dos adversarios com quem foi ferida essa polemica, põe-se aqui um pequeno trecho tirado das columnas d'*A Boa Nova*:

« Mas ninguem o obriga a impestar o proximo com o fodor do virus purulento que lhe empeçonha o coração. »

De outra feita o jornal catholico falou na familia dos positivistas, que se lhe afigurou uma cousa monstruosa, a rolar no abysmo por falta de apoio (sic.)

D'ahi por vezes o vigor da linguagem na replica. Esse defeito, que sel-o-ia agora na realidade, está corrigido.

Tambem a revisão curou da fórma onde parecia possivel sem alteração do sentido.



III

A politica republicana brasileira



A política republicana brasileira ⁽¹⁾

I

.....

Agitados correram os dias que marcam o intervallo entre a vossa ultima reunião e a que ora ides encetar.

Capitulando ante a gloriosa revolução de 23 de Novembro, por ventura com a consciencia aberta á luz do direito, que lhe apontava o erro e o crime do acto, com que nodoara a historia da sua Patria, o Marechal Manoel Deodoro da Fonseca entregou as redeas do governo ao eminente cidadão, a quem pela Constituição cabia o exercicio das altas funcções de chefe do Estado.

Como era natural e certo, do acto revolucionario, que levara ao poder o Marechal Floriano Peixoto e com elle o elemento genuinamente republicano, systematicamente arredado da gestão das cousas publicas em quasi todo o paiz, saíram, como necessarios e fataes corollarios, as convulsões, mais ou menos intensas, que trouxeram abalados todos os Estados, excepção feita do Pará, que digna e honrosamente soubera eleger para si papel unico durante o periodo ominoso da dictadura.

(1) Excerptos de mensagens dirigidas ao Congresso Legislativo do Estado do Pará.

Si lamentar taes turbações, que produziram em alguns pontos do territorio brasileiro scenas de luto e de sangue, não ha comtudo que rebellarmo-nos contra ellas, quando estavam os antecedentes auctorisando a prevel-as com certeza certissima, taes os desacertos, taes os desatinos, com que iam sendo levadas as cousas publicas pela gente, que andava fafeiçãoando a novel republica aos moldes gastos da monarchia.

Antes que os vossos suffragios fossem expontaneos prestigiar o meu nome, indicando-me este posto de honra e de sacrificiões, eu nunca cessara de denunciar como errada a orientação dada á marcha dos negociõs pelo governo do velho e prestimoso general, que a 25 de Fevereiro de 1890 fõra guindado ás ameias do poder como legitima esperanza de poucos; como um mal necessario para muitos, que viam na aureola, que circumdava o seu nome, uma garantia de ordem; e por sentimento de gratidão por alguns, que no soldado valoroso, encanecido ao sol das batalhas, viam apenas o herõ de 15 de Novembro, o braço avigorado, que executara o plano tracejado pelo cerebro de Benjamin Constant, já a essa hora arredado da batalha da vida, sumido das escuridades do tumulo.

Para os que sabiam ver com os olhos abertos os factos, vinha de muito já prenunciado esse grande movimento de reconstrução republicana iniciada pelo contra golpe de 23 de Novembro, que abriu uma nova era nos nossos annaes. Pouco valeria que rolasse por terra o poder dictatorial da União, si por toda a parte, nos Estados, continuassem no governo os co-réos do delicto contra a carta constitucional, si não se reconstituíssem os varios membros da federação brasileira, que haviam sido organisados sob a influencia de um poder central omnipotente, esquecido dos principios e praticas do regimen federativo.

As reacções produzidas nos Estados, longe de attentarem contra a autonomia, que assegurou o codigo politico fundamental da Republica, foram, ao envez, umas explosões dos brios conculcados, umas revoluções feitas em nome do direito e da justiça, uns solemnes triumphos da lei e dos principios federativos.

De federação muitos ha que muito falam. Pequeno é o numero dos que a entendem; e menor o dos que a praticam.

Ainda hoje vamos padecendo a acção inevitavel e perniciososa dos velhos habitos da centralisação monarchica; e incon-

scientemente seguimos a rotina, que traz-nos a face volvida para a pristina côrte realenga como para miraculosa Kaaba. E' do mesmo feitiço que fazemos parlamentarismo a despeito de vivermos sob um regimen constitucional rigorosamente vasado nos moldes do systema do governo norte-americano.

O enunciado d'estas verdades significa que não ser-nos-á dado despir n'um relance as velhas roupagens, que trouxemos trajadas largo tempo, nem mudaremos sem grande labutar a direcção da loxodromia que vinhamos seguindo. E' nos phenomenos sociaes tão exacta como no mundo cosmico a lei da persistencia dos movimentos. Longe estão essas palavras de significar que foi a republica obra prematura de espiritos irrequietos, quando é certo que ella fez-se por uma revolução, que traduzio-se em factos depois de amadurecida na consciencia nacional; quando ella realisoou-se, volvido um seculo após o sonho patriotico dos inconfidentes.

O que nós temos como certo é que, por força das leis naturaes, que regem o mundo moral, muito teremos que lutar para ver consolidado o novo regimen, antes que funcionem livres e desembaraçadas as engrenagens do actual systema, antes que, vencendo as resistencias do meio bio-social, vejamos corrigidos os velhos habitos, esquecidas as praticas deleterias do antigo regimen, sob cuja acção malefica quizeriam alguns que nos apparelhassemos para a vida republicana, como si antes de respirar ares puros e oxigenados fosse de regra viver a gente no meio de uma atmospheria saturada de gazes mephiticos.

A estabilidade do actual regimen depende do equilibrio entre a força centripeta, representada pelos poderes da União e a força centrifuga dos poderes dos Estados.

Ao inverso do que succedeu á Grande Republica norte-americana, entre nós tudo valiam os poderes centraes sob o regimen monarchico, nada valiam as antigas provincias, que a revolução estupenda de 15 de Novembro veio metamorphozear em Estados autonomos, de satrapias que eram no tempo de El-Rei.

Alli as antigas Colonias tinham proclamado e estabelecido a sua independencia, adoptando instituições apropriadas, quando o Congresso declarou a independencia dos Estados-Unidos; e em 1877 o artigo 2.º da confederação estatuiu: «Cada Estado

conserva a sua soberania, a sua liberdade e a sua independência...» E Washington dizia em 1785: A confederação me parece não ser nada mais do que uma sombra sem substancia.

«O particularismo estava na carne e no sangue dos habitantes destas communidades politicas; elle explodia desde que o menor interesse local entrava em conflicto com o interesse geral.»

Si a federação na America do Norte foi o resultado de uma integração, não tendo a União senão um dominio outhorgado e limitado, enquanto os Estados possuíam uma soberania de origem, entre nós a evolução politica produziu-se por um movimento de differenciação, tendo os poderes centrais concedido aos Estados as suas cartas de alforria.

A União constituiu-se ali por um acto de soberania dos Estados; entre nós a constituição dos Estados foi um acto de soberania da União.

Lá a consolidação do regimen demandou essa longa e arriscada campanha contra as pronunciadas tendencias secessionistas, pois, apesar da palavra celebre de Patrick Henri—nós somos todos americanos!—é certo que todos «os patriotas cessavam de pensar e sentir como americanos para tornar-se mais exclusivamente do que nunca New-Yorkeses, Carolinianos, Virginianos.»

Aqui para que a federação seja realidade traduzida em factos e não fique uma mera phantasia, uma palavra vasia de significação, uma ornamentação da carta politica da Republica, é myster que lutemos contra a tendencia centralista, que nos anda impulsionando, contra essa força intensa, que nos atrahê para o unitarismo, e que geraria grandes males para a Patria, porque a Republica só é viavel com a federação e pela federação, e a integridade deste colosso sul-americano depende da autonomia dos Estados.

Fallando dos Estados-Unidos da America do Norte, dizia notavel escriptor: «As vantagens alcançadas pelo governo central sobre os secessionistas crearam uma tendencia para a centralisação, da qual poderão advir felizes resultados, si bem a regrarem e medirem, mas que, si cair no exagero, fará que sejam perdidos todos os beneficios saídos da União.»

Continua a frente do governo federal o Vice-Presidente da Republica, o Marechal Floriano Peixoto, a quem, conforme preceitua a Constituição, cabia o exercicio das funcções presidenciaes até ao fim do 1.º periodo marcado na lei.

Espero e confio que o eminente soldado e cidadão, com a sabedoria e o tino já comprovados, bem levará o Estado a través das luctas que na actualidade ainda agitam a opinião e perturbam a ordem.

Aos que amaldiçoam hoje a republica como causa das commoções intestinas, que nos agitam, esquecidos de que a monarchia ensopou de sangue o solo patrio, antes de extender n'elle as suas raizes, bastaria apontar-lhe no passado e na historia, as grandes crises que tem atravessado os povos que, obedecendo ao triste condão da humanidade, tem conquistado, a través de luctas sangrentas e fraticidas, a paz e o progresso, que hoje fruem á sombra de suas constituições republicanas.

Essa grande nação, que ao mundo todo maravilha, pela desmarcada celeridade de seu evolver, os Estados-Unidos, que de paginas enlutadas não encontra no seu archivo! que de doloros instantes não viveu! que de vezes não recuou quasi desalentada ante a enormidade da tarefa da sua organização politica!

Washington, esse modelo de patriotas, apreciando a situação perigosa da sua Patria exclamava:

« Si alguém, tres annos atraz, houvesse me dito que tão terrivel revolta poria em risco as leis e a constituição que adoptamos, eu teria tomado semelhante homem por um louco digno de Bedlan... Depois do que tenho visto nada ha que venha surprehender-me. Existem nos Estados materias inflammaveis que uma faisca poderia incendiar... »

Thomaz Jefferson, um dos mais eminentes fautores da grande obra da fundação d'essa Republica sem par, ao ter conhecimento da insurreição do Massachussets, escrevia n'uma explosão de sentimentos que tocavam as raias da mais exaltada demagogia: « Que importa o sacrificio de algumas existencias em um ou dous seculos. A arvore da liberdade carece de ser regada algumas vezes com o sangue dos tyrannos e dos patriotas... »

A observação dos phenomenos sociaes feita a través da historia vale para os povos como lição e ensinamento.

Essa observação serve no presente para alentarmos no meio das luctas, que nos retalham em tantos grupos desorientados, muitos sem ideal politico, ensinando-nos a ter fé no futuro para o qual havemos de ir seguindo batidos embora por tantas correntes oppostas.

(1.º de Julho de 1892.)

II

Graças ao patriotismo e criterio com que vão sendo geridas as cousas publicas, dia a dia consolida-se a obra da revolução gloriosa de 15 de Novembro, que fez de nós livres cidadãos de uma Republica, de humildes servos que eramos sob uma realza exotica e bastarda.

E, em que pese a alguns espiritos desorientados ou a umas tantas consciencias em revolta, a ninguem era dado esperar que as novas instiuições lograssem n'um relance realisar os ideaes das grandes almas ardentes, que andaram evangelizando o novo credo politico.

Extranham que a Republica, em lucta com uma crise financeira, gerada pelos erros do imperio, alimentada pela conspiração criminosa dos aulicos, movendo campanha de difamação contra a Patria, aggravada naturalmente pelas difficuldades produzidas em todos os paizes em revolução, continue a caminhar por vereda inçada de estorvos, tendo de vencer a golpes de energia e de audacia a resistencia do meio social, todo elle imbuido dos prejuizos do antigo regimen.

Bem sabeis vós, como não o ignoram senão os espiritos desalumiados, que as novas instituições politicas só hão de medrar beneficas e viçosas quando houver terminado a lenta e afanosa elaboração, que está padecendo a consciencia nacional, guiada pelos novos principios. Só quando houvermos dado por findo o trabalho da remodelação do nosso character, da refundição completa dos nossos moldes educacionaes, da transformação radical dos nossos costumes, eliminados todos os erros,

consumidas todas as deizas do antigo regimen, vencidos todos os vezos, que se nos apegaram com a pratica diuturna do systema realengo, só então ha de a Republica grangear a unanimidade dos suffragios, impondo-se a todas as consciencias como a unica forma de governo digna de um *povo que se fez maior*.

Esquecidos das lições da observação, que no presente e no passado põem de manifesto que a lucta é a grande lei da vida, que é para os individuos como para as nações uma intermina successão de combates feridos contra as resistencias dos meios cosmico e bio-social, diante das agitações e dos attritos que tem perturbado a marcha da Republica, volvem alguns raros espiritos olhares saudosos para o curto periodo de paz e de socego, que fruimos sob o imperio, que foi quasi inteiro uma cadeia de luctas sangrentas e de revoltas.

Só não ha-de ver a ignorancia ou a má fé, o que a historia patria ensina, que nunca vivemos, sob o dominio ominoso dos braganças, vida quieta e remansada, tendo a corôa deixado, atravez das paginas dos nossos annaes, uma linha de sangue sem solução de continuidade.

E quando mesmo essa mentida quietação e esse falso socego fossem a realidade, e a revolução, que operou a integração da democracia no sólo americano, viesse abrir um periodo de vida agitada e turbulenta, ainda assim bemdigamos esse feito assignalado, porque mais vale ser um povo de cidadãos, que sabem combater os grandes combates pela defensão da liberdade e da justiça, do que um povo de subditos submissos ao nutro de um senhor. E' preferivel o largo mar cavado, com as suas ondas enfurecidas, com os seus 'gulfstreams, com os seus vendavaes desencadeados e raivosos, com as suas bategas torrencias, onde o homem veleja, ao pantano cenagoso e pestilencial sem vida e sem movimento.

Vós bem sabeis medir a responsabilidade immensa, que é a partilha que elegemos, os que contra a realeza movemos guerra de extermínio. Ha de perdurar ainda largo espaço aberto o cyclo revolucionario começado a 15 de Novembro de 1889, durante o qual caber-vos-á a reorganisação da Patria Paraense, elaborando leis sabias, leis garantidoras dos sagrados principios da liberdade, adoptados pela Constituição da Republica.

Do acerto e do patriotismo com que souberdes guiar-vos,

apparelhando a futura grandeza do Estado, dependem em grande parte os destinos da Republica, que devemos fazer querida e amada de todos, impondo-a como um regimen de moralidade e de justiça.

Só assim hão de calar-se os gritos dos descontentes; só assim findará a machinação dos perversos, que planejam a ruina da Patria, acalentando a idéa de uma restauração monarchica, esquecidos de que o exito de uma semelhante traça faria da Patria um montão de ruinas, um vasto cinerario, antes de refazela a immensa senzala que dantes era.

São evidentes os lucros que vão sahindo do novo regimen, embora ainda apenas incipiente, por vezes gerido com desacerto, entregue á acção de homens feitos e refeitos sob a realza, ignorantes das praticas e dos principios do actual systema politico, escravos dos preconceitos, que a educação fixou-lhes no fundo das consciencias.

Por força das leis naturaes, que regem os phenomenos do universo, os estorvamentos, que se nos antolham, muitissimo maiores são do que os que teve de vencer a Republica em outras épocas e em alheias paragens, na França, por exemplo, onde a revolução eliminou simplesmente a realza.

Mais radical foi entre nós a transformação operada : nós passamos da monarchia para a Republica; nós tivemos que vencer de um salto a grande distancia que vai de um regimen de centralisação exagerada e ferrenha, em que as provincias eram umas satrapias, para uma larga federação em que os Estados devem constituir-se e viver vida autonoma; nós abandonamos de subito as praticas do parlamentarismo, que com todos os seus senões regentou-nos durante o periodo de vida que tinhamos vivido como nação, para afazer-nos aos novos moldes do regimen presidencial sabiamente adoptado pela Constituição da Republica; nós sacudimos as pêas, que traziam-nos acorrentadas as consciencias, proclamando a liberdade de culto, desaggregando o temporal do espirital, instituindo o casamento civil, decretando a grande naturalisação, e tudo isto quando mal ia findando o choque produzido pela formidavel revolução que erradicára do solo americano, com a aurea lei de 13 de Maio, a derradeira arvore do mal da escravidão.

Não ha exemplo de revolução assim tamanha, que haja seguido incruenta ao seu remate; não ha noticia de povo que

taes prodigios haja operado sem commoção e sem abalo. Nós sahimos da noite escura da escravidão politica para a grande madrugada clara e serena da liberdade. Tal a situação da nossa Patria.

Gritam contra a Republica os palacegos que o vendaval revolucionario cuspio dos degrãos do throno, onde elles viviam das migalhas da ucharia imperial; assanham-se contra ella todos os despojados, que perderam com o advento do novo regimen as grandes sinecuras, que fruiam á sombra da realeza; amaldiçoam-n'a os ambiciosos de todos os matizes, instigados pela sêde do poder, cegos pela ganancia á qual sacrificam todos os principios; cobrem-n'a de anathemas os intolerantes para os quaes a Republica se afigura obra da impiedade, creação da moderna philosophia scientifica, porque deu á egreja catholica a liberdade de acção, emancipando-a da tutela do poder temporal, e deu ao Estado a sua carta de alforria, libertando-o da direcção espirital do papa.

E porque continua assoberbando-nos a crise economica, que tem desolado tantos paizes, contra a Republica agita-se a opinião dos ignorantes, levando á conta do novo regimen o mau estado das finanças publicas, a baixa actual do cambio e a carestia dos generos alimenticios.

(1.º de Fevereiro de 1893.)

III

No momento em que ides encetar os vossos trabalhos legislativos, posso felizmente congratular-me convosco pelo triumpho, que a 13 de Março ultimo, veio tão efficazmente concorrer para a consolidação das instituições politicas vigentes.

Nesse dia, já agora assignalado entre os dias notaveis da Republica, foram humilhados, vencidos, aniquilados os brazileiros espurios e os audazes aventureiros, que, mezes e mezes, trouxeram alarmada, affligida, angustiada a população pacifica e operosa da Capital Federal e da cidade de Nitheroy.

Tendes todos vós sciencia certa do que foi essa vergonhosa e tristissima revolta, gerada pela ambição desmedida de uns poucos famintos de gloria e sedentos de poder, cegos pela paixão politica, desvairados pelo odio, que arrastou-os a essa enterprise criminosa contra a auctoridade legitima, contra a lei, contra a Constituição e contra a Patria.

E mal rebentou essa explosão sinistra, annuendo os horisontes do paiz, que iam já serenos e limpidos sob o imperio da moralidade e da justiça, assanharam-se todos os descontentes, vieram á tona todas as fezes, e da argamassa de todos os elementos deleterios, que o Governo da Republica conseguira eliminar do nosso meio social, por um processo de purificação moral, fez-se essa cousa informe, essa monstruosidade, essa revolta, filha da traição, condemnavel pelas suas origens, antipathica pelos seus intuitos, execranda pelos seus processos de acção.

Capitaneada pelos contra-almirantes Custodio de Mello e Saldanha da Gama, em cujas almas parece que feneceram todas as fibras, que sentem vibrar os que sabem amar a sua Patria, e de cujo espirito sumira-se a noção do dever civico e militar, essa revolta passa para a historia como um enxovalho atirado aos brios e um escarneo lançado á face do povo brasileiro, que tem sabido, como um só homem, n'umas grandes explosões de indignação, repellir essa affronta, lavar essa nodoa, apagar esse opprobrioso insulto.

Nós seriamos o ultimo dos povos si padecessemos, covardes e indignos, que bandos de ambiciosos, uns sem objectivo certo, sem principios, sem ideal, tendo por symbolo esse trapo branco, que elles levantaram nos mastros das nossas naus de guerra, e outros tendo como bandeira o velho pendão da reallea, que servira de mortalha ao que fôra, por vergonha nossa' unico monarcha americano, viessem impor-nos a nós, povo livre e soberano, a sua vontade, fallando pela bocca dos nossos proprios canhões crimosamente arrancados, de embuscada e de surpresa, ao governo.

Mas, si por um lado contrastam e enlutam a todos os corações verdadeiramente brasileiros essas scenas de depredações e de morticinios; si dóe ver extensas zonas do nosso territorio taladas por bandos de aventureiros ao mando de caudilhos estrangeiros, desertos tantos lares, ermos tantos povoados, em rui-

nas convertidas as nossas fortalezas, feitas cinerarios prosperas e ricas cidades, ceifadas tantas e tão preciosas vidas, dismantelados tantos navios da nossa esquadra; por outro consola ver como pôde inteiro levantar-se um povo para salvar o seu nome, o seu pondunor e o seu brio.

Quando, em tempos que não de vir, a critica imparcial, severa e justa tiver de estudar este periodo, que estamos vivendo, da nossa historia, agitado por tantas convulsões, reconhecerá o titulo que a geração actual está outhorgando, de benemerito da Patria, ao Marechal Floriano Peixoto, que pelo seu acendrado patriotismo, pela sua energia inquebrantavel, pelo seu admiravel tino, pela firmesa do seu character tem feito que abortem todas as conspirações dos perversos inimigos da Republica.

Devemos orgulhar-nos como brasileiros de ver que essa revolta, que estalou como indicio de medonho cataclysmo, ameaçando submergir n'um extenso oceano de luto e de dôr, de morte e de ruina todas as nossas instituições e com ellas a Patria mesma, recuou vencida diante da attitudo decidida e energica de todas as forças sociaes. Bellissima pagina da nossa historia essa, em que ficam registrados tantos e tão gloriosos feitos do exercito brasileiro, estreitamente unido pelo laço da disciplina, fecunda e efficaz quando significa a obediencia religiosa da lei, perfeita, quando a identidade de sentimentos e de crenças faz d'esses milhares de homens como um só homem impulsionado pelo amor da Patria.

Memoravel esse trecho da nossa vida, em que a esquadra nacional, que todo o mundo julgava rebellada contra a lei, contra a Republica e contra a Patria, que se dizia dividida, desmanchada, feita nada, appareceu, honrando as suas tradições de bravura e de brio, e, trazendo no cimo dos mastros o sagrado symbolo da Republica, em nome da lei intimou silencio ao canhão dos rebeldes, que pouco antes ainda vomitava a morte, deshonrando o nome brasileiro.

Digno quadro esse que ahí fica de uma cidade como Niteroy, baluarte inexpugnavel da democracia, heroica e invicta, dia e noite, durante tão longo periodo, resistindo ao bombardeamento incessante e covarde das naus e fortalezas rebeldes, que fizeram em montões de ruinas tantos edificios, sem poder jamais arrancar do alto dessas ruinas a bandeira da Republica, defendida com denodo, com heroismo por uns punhados de peleja-

dores, em maxima parte cidadãos feitos soldados, nos quaes o amor da Patria e a fé entranhada na Republica valiam mais do que poderiam valer regias de tactica, aprendidas em longo tyrocinio militar.

Ficará para ensinamento eloquente e fecundo, como lição proveitosa para o futuro, a conducta da mocidade brasileira erigida sob a impulsão irresistivel do mais puro, do mais santo patriotismo, desertando as academias para encher as fileiras dos batalhões civicos, cerrando os livros para empunhar a carabina, certa de que as laminas relúscidas dos sabres, com que se transformavão de academicos em soldados, reflectiam, n'umas fulgurações nitidas, a imagem da lei e do direito, de cuja causa faziam-se soldados, mais do que soldados, heróes, mais do que heróes, martyres.

Não ha risco de que possa perigar uma causa assim defendida por um povo inteiro, com a comprehensão clara de que a victoria da indisciplina feita insurreição politica, levantada contra a ordem e contra o principio da auctoridade, contra a Constituição e contra a Republica, era uma ameaça á nossa vida como povo livre e á nossa integridade como Nação.

Si ainda continúa lá para as bandas do Sul conturbada a ordem publica, invadidos dois Estados por hordas de gentes assalariadas pela moeda dos plutocratas feitos e refeitos pelos desperdicios e malversações do imperio, e pelos erros financeiros da primeira hora da Republica, e dos aulicos impenitentes, que insensatamente estão pregando a resurreição milagrenta e absurda do throno, que elles estão impopularizando mesmo depois da morte, tornando-o culpado das desventuras da nossa terra; si ainda não foi de vez esmagada essa anarchia, que está como um abutre insaciavel corroendo as entranhas da Nação, devemos todos confiar nas energias e no patriotismo do povo brasileiro, na sabedoria e no valor civico e militar do Marechal Floriano Peixoto, que saberá honrar o titulo que o povo brasileiro já decretou-lhe, acclamando-o salvador da Republica, e cuja função historica está marcada como consolidador da obra que fundou o immortal Benjamin Constant.

Pela minha parte desde o primeiro momento em que a noticia do grande attentado veiu encher de indignação todas as almas bôas e levantar em grandes estos de brio todos os cora-

ções bem formados, cumpri o meu dever, como governo constituído pelo povo paraense, e fiel ao meu passado de republicano, entendi que cabia-me, para honrar o nome d'esta terra gloriosa, collocar-me ao lado da auctoridade suprema da Nação, encarnação viva da lei, consubstanciação da honra nacional.

Essa trama urdida nos conciliabulos excusos, rebentada á luz meridiana, sob a responsabilidade de um marinheiro audaz, era uma guerra movida contra a Republica pelos seus inimigos implacaveis.

Nos documentos politicos, com que a campanha triste tentou em sua segunda phase justificar-se, vinha revelado manifesto e clarissimo o intuito restaurador dos seus chefes, que negaram a legitimidade do movimento revolucionario de 15 de Novembro, realisação exacta e precisa das aspirações do povo brasileiro, erupção violenta de brios mal contidos annos e annos pela realeza, conversão em facto de um ideal, de que viveram tantas gerações, e que custara o sangue de tantos heróes e a vida de tantos martyres.

Como todos os partidistas da monarchia morta em nossa Patria nesse memoravel dia, morta expontaneamente, victimada pelos seus proprios vicios de origem, arruinada, desmanhada, apodrecida de longa data, um dos generaes da armada, que appareceu acaudilhando o movimento sedicioso, que tem trazido alarmado o paiz, appellidou de insurreição de casernas essa revolução nacional legitima e estupenda, cuja missão foi antes organica do que destruidora, cujo papel foi mais creador do que demolidor, porque estavam diluidos todos os laços sociaes, porque a monarchia deixou-nos um legado tristissimo, por toda a parte ruinas, avariadas as finanças, desorganizado o ensino, abattidas e sem alento as industrias, desfallecida a agricultura, estragado o character nacional, educado n'um regimen que vivia pela corrupção e da corrupção.

Tudo estava por fazer nesta terra, onde parece que a grandeza das obras naturaes, a enormidade das massas de agua roladas em rios, que parecem mares, a corpulencia colossal das florestas virgens contrastam com a pequenez da obra humana, acanhada e rachitica.

A Republica terá que vencer as grandes resistencias do meio social, antes que seja acabada e perfeita a sua obra, antes

que, do livre e desembaraçado jogo do mecanismo político que ella instituiu, saiam todos os beneficios, que ha de certo produzir, como sóe succeder em todas as nações, que como nós são regidas pela fórma de governo, em que o povo a si mesmo se dirige, livre da tutela de senhores.

Muitos por erro de observação, alguns por calculo interesseiro e de má fé, outros por ignorancia das licções da historia, apavorados todos pelo espectaculo do presente, agitado por tantas luctas, entôam hymnos de louvor aos tempos passados, aos quietos e remansados tempos do imperio, como se o imperio houvesse nós dado ao menos essa calma e essa quietação que desfructaram sob o azorrague e o tronco do feitor deshumano os pobres escravos nas fazendas dos grandes barões.

Tantas e taes são as paginas de nossa historia manchadas pelo sangue dos confessores da crença democrática, assassinados covardemente e friamente pelo imperio; tantas e taes as convulsões, que trouxeram durante longos annos sacudida e convulsionada a Nação brasileira, vezes e vezes ameaçada de esphacelar-se, para fugir á tyrannia dos regulos e dos esbirros, durante o regimen monarchico, que é uma heresia e uma blasphemia, senão requinte de falsidade e de má fé, oppor á Republica, regimen politico incipiente, que está realisando a tarefa de emendar os erros do passado, destruindo preconceitos, removendo residuos; oppor á Republica, que tem contra si os descontentes de todas as côres, os desherdados de lucros e proventos, que desapareceram com o imperialismo; oppor a essa Republica, que está fazendo obra fecunda mas difficil de regeneração moral e social, um imperio que nasceu, medrou, viveu e sumiu-se no meio de luctas e de revoluções, de motins intestinos e de guerras estrangeiras, e que só descansou de bater-se contra as energias do povo brasileiro em 1848, para atirar a Nação a essa guerra insensata e cruel contra o Paraguay, cavando a nossa ruina para assegurar a preponderancia do imperio. E mal iamos restaurando as forças gastas nessa lucta de tantos annos, feriu-se a campanha abolicionista rematada gloriosamente pela aurea lei de 13 de Maio, imposta ao imperador pela força da opinião apoiada nas bayonetas do exercito, e abriu-se com o manifesto de 1870 essa guerra de francos atiradores contra a realza, guerra que só findou com a grande victoria brilhanté de 15 de Novembro.

Aos que hoje desalentam assombrados diante das commoções, que tornam trabalhada a vida da Republica, vale lembrar estas palavras com que Diogo Antonio Feijó em 1836, pintava a situação do imperio na fallá do throno dirigida aos representantes da Nação: «A falta de respeito e obediencia ás auctoridades, a impunidade excitam universal clamor em todo o imperio. E' a grangrena, que actualmente ataca o corpo social. A nação de vós espera que diques se opponham á torrente do mal. Nossas instituições vacillam, o cidadão vive receioso, e assustado; o governo consome o tempo em vãs recommendações. O vulcão da anarchia ameaça devorar o imperio; applicae a tempo o remedio.»

Porque havemos de descreer d'essa obra de patriotismo, que é o apanagio da nossa geração, á qual cabe implantar o novo regimen, impondo-o a todos os espiritos como um regimen de justiça, aberto a todas as boas vontades e a todas as actividades, accessivel a todos os que sinceramente desejam o bem da Pátria e a felicidade commum?

Que importa que por força das leis ineluctaveis, que regem os destinos sociaes, tenha de custar-nos o complemento da obra revolucionaria, apenas iniciada aos 15 de Novembro, o sacrificio de vidas preciosas e o consumo de inestimaveis riquezas, que poderiam fecundar o nosso sólo, dar vidar ás nossas industrias vacillantes, fomentar o nosso progresso intellectual, em vez de estarem sendo gastas esterilmente n'uma luta fratricida, dolorosa e ingrata?

Resignemo-nos á fatalidade dos nossos destinos como elle está sendo feito pela nossa errada educação politica, pelos nossos maus habitos contrahidos sob o influxo do regimen imperial, que ia gerando o nosso abatimento moral em grau tamanho, que estavamos transformando-nos n'um povo quasi incapaz para gerir-se a si proprio.

Ha de custar-nos talvez muitos e longos dias de incarnicadas luctas a nossa regeneração moral sob um regimen politico para o qual não estavamos aparelhados a juizo de racionadores zanagos, que abraçariam a Republica na hora em que o imperador, por acto de sua munificencia, outhorgasse-nos a nossa carta de alforria, trocando pelo barrete phrygio a sua corôa.

E aos que, lamentando as desgraças que no presente nos affligem, condemnarem a revolução porque ella tem tido que revolver o terreno, em que fructificara a realeza, fertilisando-o para a germinação das novas doutrinas e florescimento dos principios democraticos, digamos como o emerito chefe republicano portuguez: «O raio revolucionario que derroca os tectos dourados dos felizes do mundo, allumia com a magestade lugubre do seu lampejo, e põe patente as miserias, as degradação e os horrores, que a ordem tem recatados e secretos nas choupanas da indigencia, afferrolhando-as com a chave da tyrannia. Os que desfructam as vantagens de uma sociedade estabeleida, só vêem da revolução o facho que incendeia, o camartello que derriba, a proscricção, que despovôa, e a anarchia, que triumphha. Mas os que as velhas instituições encadeam degradados e famintos ao carro dos oppressores, aquelles mesmos, que dos primeiros lugares da intelligencia ou da hierarchia descobrem com a vista de aguia, e com o coração bonevolente e compassivo os males da sociedade, apenas disfarçados entre as opulencias dos poderosos, bemdizem a revolução quando ao assolar um castello senhorial levantou nelle uma officina; quando arroteou os parques da ociosidade para ali plantar as searas da producção; quando errou os claustros para substituir ao pão da caridade o pão do trabalho; quando abaixou alguns soberbos para exaltar alguns milhares de servos á dignidade de homens e de cidadãos; quando pela reforma das instituições repartiu indirectamente, sem as violencias da lei agraria, a prodigalidade de poucos privilegiados pelas sobrias necessidades dos infinitos que trabalham; quando prophanou o livro d'oiro das ordens patricias para escrever sobre elle a carta das liberdades de toda uma nação.

«Bem mesquinho é o entendimento, que se atreve a condemnar a civilisação, porque ao passar ovante, lhe juncaram de victimas e lhe tingiram de sangue alguns trechos do caminho; porque ás vezes lhe serviram de guardas de honra as multidões desvairadas pela victoria; porque lhe marcharam na vanguarda os exercitos da devastação e da conquista.»

(7 de Abril de 1894.)

IV

Motivo ha sempre para expansões de jubilo quando, no seio da paz, vindes, legitimos representantes da opinião publica, de todos os pontos do vasto territorio do Estado, inspirados pelo santo amor de nossa terra, trazer o concurso valiosissimo das vossas luzes á obra do progresso, que, de dia para dia, váe metamorphoseando esta porção do territorio nacional, dando-lhe posição saliente e notavel entre os membros da Federação brasileira.

Muito é o que podeis e deveis fazer a bem do futuro do Pará, talhado para tamanhos destinos, com dimensões de territorio e riquezas naturaes de tal ordem, que bastam para constituir-se um poderoso Estado. Na sciencia do governo das Nações tem exacta applicação o principio da sabedoria popular, que ensina que a virtude é o justo meio: entre a theoria do nihilismo governamental, proclamando que o governo é um mal necessario, e tirando do principio do individualismo as mais arrojadas consequencias, e a doutrina do Estado-tutor, do Estado-providencia, creador e unico agente social, diante do qual vale como zero a iniciativa individual e a acção do espirito associacionista, entre esses dois extremos, condemnaveis ambos, como todos os excessos, cabe perfeitamente a intervenção do governo, agindo onde seriam impotentes os esforços do individuo, e exercitando as funcções de que não póde retrahir-se, principalmente nos paizes novos sem educação feita e sem habitos de vida industrial.

Não ha sociedade sem governo: basta o enunciado d'esse aphorismo fundamental de sociologia, para comprehender-se que, como instrumentos necessarios da reacção do conjuncto sobre as partes do organismo social, os homens que dirigem o Estado em suas multiplas funcções, têm papel saliente na eleição do rumo, que seguem os negocios publicos, e são responsaveis, em boa parte, pelos destinos do mesmo Estado.

Vindes chamados a agir dentro da esphera larga de attribuições, que para vós creou a Constituição d'este Estado, cujas necessidades novas todos conheceis, cujos males não ignoraes. Estou certo de que as vossas consciencias esclarecidas pela observação ou pelo estudo, e os vossos corações, (e é dos co-

rações que promanam sempre os grandes pensamentos, na frase de Vauvenargues), servirão para guiar-vos no caminho certo do dever e do patriotismo, consagrando-vos esforçados á missão ardua, mas honrosissima, para cujo desempenho hoje vos congregaes.

Dando-vos conta dos negocios publicos, permitti que comvosco me congratule porque n'este Estado vão sendo fielmente cumpridos os preceitos constitucionaes, e respeitadas as leis sagradas da Republica; garantidos os direitos, que a cada cidadão, nacional ou estrangeiro, assegurou o nosso codigo politico fundamental; exercidas e gosadas todas as liberbades publicas, sob a protecção da auctoridade, acolhida por toda a parte como a incarnação da propria lei.

Pode orgulhar-se o povo paraense de ter sabido, na pratica do novo regimen politico, apenas iniciado, dar o exemplo de virtudes civicas. Sob as novas instituições politicas, de prompto obrigados a dirigir a nossa vida por preceitos e regras totalmente novas, autonomo o Estado, dantes tutelado pela cõrte imperial, autonomos os municipios, out'ora manietados pela Capital, desembaraçada e livre a acção da justiça, temos tido a rara fortuna de caminhar sem tropeços, demonstrando praticamente e fecundamente que para a Republica os povos devem apparelhar-se sob a Republica, emendando os erros do passado com os ensinamentos do presente. Temos vivido no Estado sob a acção de auctoridades sempre fieis e obedientes á lei, prudentes e tolerantes.

Ainda nunca precisou o governo, para honra e gloria nossa, do uso de meios violentos para resguardar a lei ou para desafrontal-a. Quando alguma vez cidadãos mal guiados, esquecidos dos principios salutaes do respeito ás auctoridades legitimas, que são a propria lei viva e em acção, planearam tramas de perturbação da ordem, tamanha era a confiança do governo na efficacia dos meios instituidos na lei para a defeza d'ella, que não cuidei nunca em ver entre nós postos em pratica os recursos extraordinarios creados pela Constiuição federal para garantir a Republica.

Disse notavel escriptor americano: «Como Danton para impulsionar a revolução pediu audacia, audacia e sempre audacia, nós outros pediríamos, em todos os momentos da vida publica, tolerancia, tolerancia e mais tolerancia.»

Com essa rara virtude os homens de governo e os homens de opposição saberiam guiar-se pelo caminho do bem pu-

blico, por maiores que fossem as luctas feridas em defeza de principios; por peores que fossem os odios accesos pela politica, que, bem entendida e bem praticada, nunca pôde ser posta ao serviço de pequeninas paixões egoísticas, de inconfessaveis interesses pessoaes, que só podem gerar a pejeja criminosa e estéril, que visa o poder pelo poder.

Que de luctas fratricidas não seriam poupadas si os governos, agindo com moderação e com prudencia, virtudes, que ambas casam-se á maravilha com a energia na defeza da lei e dos principios, dessem ás opposições o direito, que lhes cabe, de criticar livre e desembaraçadamente os actos da administração, exercendo uma função essencial em todas as nações, que vivem sob o regimen da opinião? Que de scenas lamentaveis seriam riscadas da historia, si a opposição, ao exercitar as suas funções de critica, severa embora, fugisse dos ataques pessoaes, das violencias acerbas, dos apodos e enxovalhos, que irritam as auctoridades, que não tem habitos de dominar os seus instinctos, e são arrastadas pelo caminho errado dos desvarios e das vindictas, saindo da norma traçada pela lei sob pretexto de desaffrontal-a?

A bôa doutrina, temol-a praticado no governo empenhando-nos esforçados para que não sejam violadas as liberdades publicas, nem seja nunca a opposição tolhida nos seus direitos sagrados de enunciação do pensamento. E' assim que a liberdade da imprensa, uma das formas por que no presente melhormente pôde manifestar-se a opinião, e para cujos desvios e abusos creou a lei meios de punição, tem sido aqui absolutamente garantida; nem sei de ponto do territorio da Republica onde mais desassombradamente e despejadamente tenha sido exercida a critica contra o governo, principalmente durante a phase aguda da triste e desgraçada revolta, encabeçada por parte da esquadra nacional, que tantos males causou á nossa Patria.

E' certo que, entre nós, por vezes ouço os politicos desorientados, que pregam erradamente a abstenção eleitoral, justificar-se d'esse desacerto e d'essa culpa, gerada pela indifferença ou pela inercia, ou mal aconselhada pela esperanza criminosa e fallaz de subir ao poder por processos mais commodos, embora illegaes, ouço-os declamando contra a fraude eleitoral, com que nós teriamos que confessar-nos deshonorados, si na realidade ella, sob o novo regimen republicano, continuasse a vigorar no paiz

como systema, para certeza de unanimidade nos corpos collectivos saídos dos suffragios. Os factos depõem accordes a beneficio do governo republicano d'este Estado, qua tem realisado na pratica o verdadeiro ideal da politica democratica, que consiste, consoante a formula de Depretis, *em governar com o partido mas para o paiz.*

Nos governos que vivem da opinião e pela opinião, e principalmente nas republicas, como a nossa é, talhada exactamente em moldes americanos, governo de presidente, como lhe chama Bagehot, não se comprehenderia certamente a possibilidade de viverem os homens, que governam, sem apoio da opinião, sem auxilio immediato e directo de um partido politico, cujas idéas elles representam e defendem, em nome de cujos principios conquistaram o poder, cujo programma, victorioso em pleitos eleitoraes de onde saíram para as culminancias da governação do Estado, hão de realizar.

Falando da politica franceza, dizia ha pouco o notavel publicista e conhecido philosopho Pierre Laffitte: « Mesmo actualmente, em plena republica, os nossos homens politicos, no poder, tendem sempre a approximar-se das antigas classes governantes e descem, por invisivel plano inclinado, a uma sorte de regimen a Luiz Philippe. Além da desvantagem da cousa em si, essa pratica tem o grave inconveniente de deixal-os por assim dizer, no ar; porque elles não adquirem o apoio sincero de seus novos alliados, e perdem o de seus adeptos. E' preciso governar com o seu partido. Sem duvida convem fazel-o com dignidade e sem vistas estreitas; mas, em um regimen de opinião como o nosso, isso é uma condição indispensavel. »

Mas, rematado erro, pratica desastrada seria pôr a administração, pôr a justiça, pôr a lei ao serviço de um partido politico. Nunca um governo republicano sério e honesto, com a comprehensão nitida dos seus deveres, deverá sacrificar os grandes interesses do Estado, para acudir ás necessidades dos seus co-religionarios. Fiel ás tradições do seu passado, servindo embora a causa do partido politico, que representa, cooperando para a realisação das reformas, quando em nome d'ellas tenha subido ao poder, como Cleveland subiu, em nome do livre-cambio, plataforma dos democratras americanos contra a politica proteccionista dos republicanos, nunca deverá o chefe do governo fazer do Estado a propriedade de seu partido, theoria, de que

a mais exaggerada e condemnável pratica é feita na politica de *spoils system*, introduzido na administração federal americana desde 1828, e da qual, entre nós, usavam e abusavam os partidos monarchicos, com os seus desgraçados processos das *derrubadas*.

Ainda que falando da França, de quem pode dizer o publicista chileno J. Banados, que é uma Republica monarchica, onde o chefe do poder executivo *não reina nem governa*, o sr. Casimir Perier, defendeu a sã e verdadeira doutrina politica n'estas palavras: «Primeiro magistrado da Republica, não sou e nunca hei de ser o homem de um partido. Aquelle que occupa esta alta magistratura póde e deve ser uma força moral, mas não póde ser esta força senão fôr investido da inteira confiança dos republicanos.»

Por estes principios tenho eu procurado guiar-me no exercicio do cargo, para o qual fui eleito pelos representantes do povo paraense. E esses salutaes principios, professados pelos que entendem que a politica deve ser subordinada á moral, tem feito com que n'este Estado o governo tenha sinceramente e esforçadamente luctado para que as eleições cada vez mais sejam uma verdade, e constituam, aos olhos de todos os cidadãos, a esperança legitima, fundada e unica de conquistar o poder.

* * *

Ao que parece a Republica, victoriosa na ultima crise séria e gravissima, que ameaçou o paiz na sua integridade, caminhará d'aqui em diante, sem grandes riscos e com mais limpidos e serenos horisontes. No presente não vejo signaes de turbações politicas, e é difficil conceber que os sonhadores de restauração, o qual seria um crime, se não fosse uma visão de cerebros enfermiços, de parellhas com os descontentes de todos os matizes, ambiciosos sem limite, e anarchicos por temperamento e por habito, possam engendrar outro movimento contra a Republica e contra a nossa Patria comparavel ao que rebentou aos 6 de Setembro de 1893. Como sabeis, essa revolta de tão triste nomeada irrompeu na Capital Federal com violencia desmarcada e com recursos poderosos, fazendo systema com a anarchia que ha tanto traz agitado o Rio Grande do Sul, e ameaçando alastrar por todo o paiz, tendo, como tinha, ramificações em a maior

parte dos Estados. Vencida essa audaciosa revolta, graças ao tino, ao critério e á excepcional energia e perseverança do benemerito Marechal Floriano Peixoto, valiosamente secundado pela mocidade das nossas Escólas, especialmente das Escólas militares, que foram o fóco da resistencia gloriosa; de onde saíram tantos heróes para essa lueta estupenda e tantos martyres para essa guerra de exterminio, brillantemente apoiado pelo exercito sempre leal á Republica e pela parte sã e republicana da armada nacional; vencida essa revolta, não é licito a ninguém arreceiar-se de que em dias, que hão de vir, possam correr perigo as instituições republicanas. Já agora estão os alicerces da Republica argamassados com o sangue precioso de tantos compatriotas nossos; já agora as ossadas brancas de tantos heróes estão marcando os lugares onde bateram-se irmãos contra irmãos n'essa pugna, em que a lei e o direito venceram a anarchia e a indisciplina.

Como sabeis, a 15 de Novembro de 1894, chegado ao termo do seu periodo governamental, o Marechal Floriano Peixoto entregou a Presidencia da Republica ao Dr. Prudente de Moraes.

A Nação inteira celebrou com grandes jubilos esse facto auspicioso e altamente eloquente, significativo da consolidação do regimen republicano, cujo funcionamento regular e constitucional importava. E o benemerito Marechal Floriano Peixoto deixara o poder depois de ter gloriosamente completado a sua missão historica, defendendo a Republica contra os seus implacaveis inimigos internos e contra desrespeitos externos. A historia ha de certamente guardar uma pagina de honra para registrar os feitos d'esse grande cidadão e valoroso soldado, que consagrou á defeza da Constituição todas as energias do seu animo inquebrantavel.

Vejo contra esse nome venerando lançarem imprecações de odio e maldições de desespero os que recuaram diante da muralha de resistencia feita com a lei e com o direito, que elle oppôz á onda crescente e avolumada da anarchia, saída do bôjo das náos de guerra postas fóra da lei pela indisciplina de chefes audazes e ambiciosos. Vejo que vae subindo de ponto esse rumorejar de diffamações, com que se tenta fazer do velho general, que deve descançar á sombra dos seus gloriosos teitos, a imagem do desposta execrando, que põe a sua vontade acima da lei.

Erro é julgar os grandes homens políticos pela bitóla estreita por onde são medidas as mediocridades communs. Não ha na historia republico superior, cujos actos mereçam unanimes approvações e applausos; de acertos e desacertos entretete-se todo o drama, que constitue a vida de um grande homem. A critica, balanceando os males produzidos e os bens praticados, confere o titulo de benemeritos aos que, com a consciencia limpa, guiados pelo amor da Patria e impellidos por sentimentos altruisticos, praticaram os menores males para chegar á realisção dos maiores beneficios. Livrando-nos do regimen desgraçado dos pronunciamentos, que tem politicamente desacreditado tantas republicas sul-americanas, frustrando mais de uma vez a tentativa criminosa da implantação do regimen militarista, primeiro quando alguns generaes queriam collocar as suas espadas acima da Constiuição, traçando com ellas o caminho á auctoridade suprema da Republica, depois quando dois almirantes queriam falar mais alto do que a lei e governar a Nação com a metralha dos canhões dos nossos encouraçados, o Marechal Floriano Peixoto prestou á Patria os maiores serviços, de que careciam as novas instituições politicas para medrar e crescer.

Verdadeiro titulo á benemerencia dos republicanos desapaixonados, criteriosos e justos, é essa lealdade á Constituição de 24 de Fevereiro, mandando, ainda ao tempo em que o paiz inteiro estava sob a ameaça da anarchia e sob a pressão da revolta, eleger o primeiro magistrado da Nação, facto a que já alludio em occasião solemne o actual Presidente da Republica.

A grita insensata e descompassada contra o governo, que passou, é toda feita como um protesto levantado contra o militarismo. Sou dos que applaudiram a eleição do actual Presidente da Republica e defenderam-n'a com larga antecedencia, porque esse nome era já uma bella tradição do partido republicano brasileiro, e ficara sendo um centro de legitimas esperanças e sympathias justas depois da revolução de 15 de Novembro. Mas, não sou dos que se apavoram com o espectro do militarismo, dada a esta palavra a significação, que ella deve ter, e que não cifra-se em ser militar, o chefe do Estado. Contrario ao predomínio da classe militar, e á sua absoluta preponderancia nos negocios publicos, principalmente manifestada como violação da lei e desrespeito ás auctoridades legitimas da Republica, não vejo,

em que principios da Constituição egualitaria e democratica que nos rege, iriam estribar-se os que querem fechar aos militares o accesso ás posições politicas, conquistadas pelo caminho largo do merecimento real e dos serviços á causa publica.

Aos que combatem a Republica como o regimen do militarismo, por que soldados tem exercido ou exercem funcções publicas, é licito lembrar que vezes e vezes a grande Nação Norte-Americana, o bem acabado modelo de organização politica, que precisamos imitar e seguir, tem tido á frente de seus destinos generaes prestigiosos, saídos dos campos de batalha cobertos de louros para entrar no templo sagrado da lei.

Nos primeiros tempos da vida dos Estados-Unidos da America do Norte, narra um historiador, o espirito militar, embora de fresca data, tinha feito tão rapidos progressos que não faltava quem apregoasse que só o governo da espada seria capaz de garantir o futuro. E tamanho era o prestigio militar de Washington que o exercito conspirava abertamente para proclamar-o dictador, e até para conferir-lhe a corôa de rei. Nada disso impediu que esse homem, que é no scenario da politica americana o vulto mais saliente, que fazia do patriotismo uma religião, fosse o verdadeiro fundador da grande Republica, valendo-se do seu prestigio para desmanchar as conspirações criminosas do exercito, acalmando os odios, vencendo as impaciencias, dominando os ambiciosos, calando os descontentes, tranquilizando os inquietos e dando esperanças aos desalentados. Lá foi um general quem salvou a Nação da anarchia e do esphacelo, implantando o verdadeiro regimen da lei.

General foi Jackson, presidente dos Estados-Unidos desde 1829 até 1837, e ainda que a sua popularidade viesse da defeza da Nova-Orleans e dos brilhantes successos alcançados contra os Creeks e os Seminolas, e que fosse o homem de quem dissera Clay «que devia ter a bossa da combatividade si a phrenologia fosse uma sciencia certa», em nada soffreram as publicas liberdades sob o seu governo, que ninguem classificou de militarista. General foi Taylor, victorioso nas eleições federaes de 1848 para Presidente dos Estados-Unidos contra outro general, Cass; general foi Franklin Pierce, que exercitou o mesmo cargo de 1853 a 1857. E porque esses guardas e defensores da Republica saham do exercito para as altas funcções de chefes su-

premos do seu paiz, ninguem cuidou nunca de bradar nos Estados-Unidos contra o militarismo, feito systema politico e forma de governo.

Era, porém, entre nós manifesto o desejo de ver confiadas as reideas do governo da Republica a um cidadão civil. Vale como prova de sentimentos republicanos sincéros e leaes do exercito a certeza de que do seio da propria corporação militar emergia essa aspiração, manifestada em accôrdo perfeito com o sentimento da Nação, a cujo serviço sempre andaram as classes armadas, empenhadas na defeza de direito e da justiça.

Não ha no nosso passado nem na nossa historia uma pagina, em que se registrem victorias da liberdade contra a prepotencia, em a qual não figure ao lado do povo, levantado para a defeza dos seus direitos, o exercito que é o proprio povo, que é a agremiação de cidadãos unidos pelos laços da disciplina, a qual só póde honrar, quando significa a submissão á lei e á auctoridade, que legitimamente a representa, e não uma passividade cega e irracional.

Ainda bem que não é licito duvidar dos sentimentos republicanos do actual chefe da Nação. Com a sua reconhecida probidade, com o seu tino administrativo, póde o dr. Prudente de Moraes, guiado pelos dictames da sua consciencia recta, corresponder exactamente á expectativa de quantos applaudiram a sua ascensão ao poder supremo da Republica, saudando-a como esperança legitima de um periodo de ordem e de progresso.

Não ha negar que tem o actual governo diante de si grandes difficuldades a vencer.

E por ventura a primeira dellas é a pacificação do Rio Grande do Sul. De todos os angulos da Republica surge o grito das almas inquietas e dos espiritos cansados pedindo a paz. E' uma necessidade primordial de ordem politica, porque aos olhos do mundo a revolta do Rio Grande apparece como perpetua ameaça á integridade do nosso sólo, e como um symptoma de mal estar que compromette as instituições republicanas.

A Republica precisa ser o que deve ser: um regimen de liberdade, cessadas de vez as oppressões e as violencias, garantidos todos os direitos, licito a todas as consciencias defender opiniões e doutrinas, aberto o campo das luctas sociaes a todas as actividades intelligentes e bem intencionadas; um regimen de

fraternidade, feito o patriotismo a religião que una todos os brasileiros para a defesa do bem, para a obra do engrandecimento moral e material da Nação.

A paz é ainda uma necessidade de ordem economica. Aquella desgraçada lucta, que está reproduzindo, nestes primeiros annos do novo regimen, as tristes scenas do começo do Imperio, custa ao paiz rios de sangue e montes de dinheiro. E enquanto perdurar essa anarchia nas raças meridionaes da Republica as classes conservadoras, os que vivem das industrias e do commercio, na incerteza do dia de amanhã, mal poderão arriscar os seus capitães e consagrar as suas energias aos multiplos ramos da actividade humana.

Essa paz ha de sem duvida vir em dias proximos. E para que ella seja duradoura e fecunda é necessario que signifique a victoria do principio da auctoridade, estendendo a protecção da lei e o manto bom da clemencia sobre os nossos concidadãos, rebeldes de hontem, volvidos ao caminho do dever; aniquilados moralmente. a bem do futuro das novas instituições politicas, os caudilhos da restauração impenitentes e contumazes, cujas mãos fartam-se, para alimentar essa execranda lucta fratricida, nos mananciaes de ouro da reacção plutocrata. que conspira dentro do paiz e no estrangeiro contra a Republica.

A França tem sêde de Governo, dizia notavel publicista em 1894, applaudindo a organização do ministerio de Casimir Périer. Póde-se dizer da democracia brasileira, que nós temos fome e sêde de um regimen em que a auctoridade legitima imponha-se a todos, rematado esse prurido de anarchia, essa politica de hysterismo chronico, que traz sacudido em convulsões todo o paiz. Nós precisamos de um governo firme, que seja a um tempo organico e progressivo; energico, sim, mas prudente e tolerante.

.....

(7 de Abril de 1895.)

V

Sobram motivos para que rejubilemo-nos, os que temos postas as mãos na obra patriótica e meritoria de guiar os destinos deste Estado, todas as vezes que se realisa o facto, sempre auspicioso, da reunião desse Congresso.

A normalidade de tal successo, ao qual pela quinta vez me associo, como representante do poder executivo, é já de si garantia certa de que, entre nós, vão fortalecidas e consolidadas as novas instituições politicas, implantadas em a nossa Patria aos 15 de Novembro de 1889.

O anno escoado foi novo e fecundo periodo de paz e de ordem, graças ás quaes continuou a crescer e a caminhar o Pará, posto, hoje em dia, na linha dos mais ricos e prosperos Estados da União brasileira.

Essa prosperidade e essa riqueza, que mesmo os olhos anuviados dos inimigos do novo regimen descortinam e proclamam, representam o resultado da pratica exacta e fidelissima dos principios republicanos e federativos, em virtude dos quaes póde qualquer membro da União, desprendido dos antigos e apertados laços da centralisação moarchica, que depauperava tudo e tudon atrophiava, expandir as suas energias, abrindo largos horisontes ás actividades outr'ora sopitadas, creando abundantes fontes de riqueza, derramando o ensino, e dilatando-lhe a esphera, desenvolvendo as industrias sob as suas multiplas formas, melhorada a situação da agricultura, fundadas grandes fabricas, alargado e vitalisado fartamente o commercio interno e externo, com a abertura de recentes vias de communicação.

Essa prosperidade e essa riqueza são, em grande parte, devidas á sabedoria e á justiça das nossas leis.

Tambem com a pacificação do Estado do Rio Grande do Sul, onde os ultimos bandos de revoltosos desarmaram-se diante da auctoridade legitima e da lei sagrada da Republica, o Brasil entrou em nova phase. A Nação inteira celebrou com grandes expansões de jubilo essa brilhante victoria do direito, que veio trazer poderosos elementos á obra da consolidação do regimen politico vigente, ameaçado por essa revolta, tão tristemente ce-

lebrada, e que um dia pareceu erguer-se como séria ameaça aos destinos da Republica, por cuja superficie inteira ia se alastrando.

Bem é de ver, que feita a paz material, resta a guerra dos espiritos e a lucta das consciencias. Desarmaram-se os braços, mas sobejam accesos grandes odios pessoaes e politicos, inflammam-se as almas sob o influxo de paixões mal contidas. D'ahi esse mal estar, que tantos denunciam, de que muitos se arreceiam, e graças ao qual os partidarios da realleza, na convicção de que enfraquecem-nos as nossas batalhas intimas, consumindo-nos as energias, alçaram audaciosos o collo, abrindo na imprensa a campanha em defeza das instituições monarchicas, para sempre eliminadas da nossa Patria, por honra della e para glorificação dos ideaes americanos.

Quando fossem reaes e fundadas as queixas dos que, esquecidos tão depressa dos nossos soffrimentos e das desgraças do tempo do Imperio, ousam apontar os erros dos govornos republicanos, o remedio da restauração, aconselhado para taes desvios, seria o maior de todos os desacertos, se não fosse o maior de todos os crimes contra a Patria.

Sou dos que não cogitam da hypothese do restabelecimento das instituições monarchicas no nosso paiz, porque reputo o maior dos absurdos essa flagrante violação de todas as leis naturaes, oppostas, pela certeza dos seus resultados, aos milagres politicos, que poderiam entre nós produzir essa retrogradação aos tempos ominosos do Imperio. Somos um povo que se emancipou; somos uma Nação que se fez maior.

Deu-nos a Republica o uso das nossas faculdades. Aprendemos já a defender os nossos direitos inamissiveis. Estamos agora feitos e refeitos n'essa pratica salutar, que dignifica homens e povos, de governar-nos ao nosso nuto e alvedrio, desdoados os nós que accorrentavam as nossas consciencias aos dogmas caducos da theologia e da realleza, banidos, para todo o sempre, das plagas americanas os derradeiros representantes do mais odioso de todos os privilegios, o privilegio dynasta.

Mas eu não sei de processo melhor, para oppôr a essa vaga, incerta, ingloria e insensata propaganda monarchica, que erige em ideal para um povo americano e livre, a volta a um passado, de que elle logrou libertar-se após luctas pertinazes e heroicas, do que a pratica leal, sincéra e verdadeira dos princi-

pios republicanos, o respeito cego á Constituição da Republica, a execução austera das leis por ella promulgadas.

Entre os legados tristes do regimen monarchico, os quaes ainda hoje estão pesando sobre as nossas consciencias e influindo nos nossos destinos, porque, por uma fatalidade inevitavel, as instituições mortas actuaem sobre as instituições vigentes, o menor certamente não é esse veso inveterado de vêr a Constituição e as leis como nadas, que assim ellas na realidade eram no tempo em que, sobre todas as vontades e acima de todas as leis, pairava a força omnipotente do chefe irresponsavel da Nação.

O primeiro, o primordial dever dos governos republicanos é ensinar ao povo, pela lição da pratica e do exemplo, que nas republicas a Constituição e as leis são freios para todas as demasias, e constituem a unica força invencivel, o unico poder verdadeiramente soberano, para que contra esse dique do direito, contra essa muralha, involucro da auctoridade legitima, possam eternamente quebrar-se os impetos dos que, sem a comprehensão cabal dos seus deveres politicos e civicos, sem idéa exacta do novo regimen, onde nada pôdem as vontades contra as leis, falam da Constituição como de cousa sem valia, que, ao sabor dos nossos desejos e dos nossos caprichos de occasião, possa ser posta á margem.

Por isso, em regra, pónho-me entre os que condemnam esse prurido de revisão constitucional, que mesmo feita pelos processos instituidos na lei fundamental para a sua reformatão, fazem nascer o desejo e pôdem crear o habito de constantes e frequentes mudanças, com damno e prejuizo manifesto da estabilidade do actual systema. Nunca pregaremos assaz contra essa monomania reformadora; vicio de que não somos o unico povo a padecer, e contra o qual insurgia-se eminente publicista nestes termos: «A idéa de progresso, que actualmente prevalece em França, desde um certo numero de annos, evidentemente apresenta graves inconvenientes, que começam a chamar a attenção dos observadores cuidadosos. Essa idéa vae por toda a parte produzindo uma indeterminada procura do melhor, ou d'aquillo que como tal é julgado, e d'ahi uma agitação em todos os sentidos; dessa preocupação origina-se nna vaga inquietação, fonte de descontentamentos.»

Desse estado de revolta chronica, embora dentro da lei e em nome della, promana a crença do maior numero em que

nada pôde prevalecer contra a vontade soberana do povo, fonte creadora das leis e unico depositario real e legitimo da soberania em sua integridade e pureza.

Só a educação feita pela diuturna e severa pratica das normas republicanas, ha de curar-nos desse mal que, herdado do imperio, recebeu novo contingente de aggravado da errada comprehensão com que muitos olham o dogma da soberania popular, que, assim praticado, erigiria em principio a anarchia, em regra de governo a instabilidade e a desordem.

Os que hoje, volvidos os olhos para o passado, contra a Republica fazem valer as nossas luctas inevitaveis e fataes em todo o povo trabalhado por uma revolução tão profunda como foi a que produziu a queda da realza, esquecem que o imperio viveu a infelicitar-nos, sempre e sempre entre dias sombrios de infortunios e noites cerradas de despotismo.

A realza, entre nós, ao abrir olhos teve que suffocar os generosos impulsos patrioticos e as largas aspirações liberaes que nos estavam já de longa data impellido para a conquista das idéas em que, um a um, foram buscar moldes de governo todos os povos americanos. E para que, contra as tendencias da opinião podesse medrar e crescer o imperio, uma e muitas vezes teve que fazer derramar o sangue precioso de martyres veneraveis e de confesores da crença republicana.

E' um tecido de lições eloquentes a nossa historia toda, e contra ella não podem valer hoje as palavras dos que hontem, ao serviço do imperador, cavaram a ruina da Patria, e levaram o povo brasileiro, de degráo em degráo, de conquista em conquista, á adopção do governo republicano, sob cuja vigencia temos progredido, no curto lapso de 6 annos, relativamente mais do que nas longas decadas durante as quaes dominou a realza; taes e tantos são agora, claros e manifestos por toda a parte, os symptomas de vitalidade exuberante, e as esperanças seguras de um desenvolvimento, que nada poderá deter, em todas as espheras de actividade.

De todos os argumentos que ouço fazer valer contra a Republica, o que mais insistentemente é invocado pelos inimigos do actual regimen, saudosos do tempo da servidão monarchica, é o da nossa critica situação financeira.

Da anormalissima cotação cambial de hoje, como a produziram tantas causas, artificiaes umas, outras naturaes, e para qual

concorreram alguns desacertos dos ministros da Republica, concluem, per uma logica original, contra as instituições republicanas, esquecidos de que, na phrase incisiva e caracteristica dos proprios partidistas do antigo regimen, o imperio era o deficit, e que o cambio lograva librar-se a maiores alturas, graças aos recursos dos emprestimos, que constituíram, desde o alvorecer da monarchia, o processo financeiro para superar os apertos do Thesouro. Em 1883, em sessão plena do Conselho de Estado, o sr. Paulino José Soares de Souza dizia do deficit que elle constituia a regra do regimen financeiro do imperio.

E aos que levam as difficuldades actuaes do erario publico, exclusivamente á conta dos desperdicios da Republica, nós podemos lembrar que, vozes em grita, bramaram e rebramaram sob a realza os mesmos servidores do imperador contra os esbanjamentos dos governos da corôa.

Em 1829, ainda em plena madrugada do systema realengo, o sr. José Luiz Coutinho, na Camara dos Deputados, offerencia uma emenda á resposta á fala do throno, em a qual consignava estas palavras : «A Camara dos Deputados reconhece com Vossa Magestade Imperial o triste apuro das nossas finanças, e vê não de longe o desastroso futuro, que nos aguarda, e que é myster de ser remediado com promptidão e efficacia; mas, senhor, se o Brazil bate hoje ás portas de uma bancarrota desastrosa, não é tanto por falta de recursos e rendas nacionaes, nem tão pouco por um accrescimo verdadeiro de precisões e despezas como pela má administração, que elle tem experimentado da parte de todos os ministerios transactos e presentes; as rendas publicas tem sido mal administradas, as comportas dos diques da prodigalidade têm estado até hoje ás escancaras, e o cofre das economias sempre fechado, para nada se poupar... Desta sorte, senhor, se não se dêr da parte dos administradores do Estado um firme proposito de serem mais economicos, e menos desperdiçados das rendas publicas, que é o sangue da nação, de que servirão medidas legislativas sobre finanças, se nem as minas do fabuloso Potosí serão sufficientes para tamanho desleixo e prodigalidade ?»

Assim era que o imperio encetava os seus primeiros passos; e foi assim que elle sempre viveu até a morte natural que o feriu. Já avançado em annos padecia o imperio do mesmo mal chronico, que o salteára ainda no nascedouro.

Tal o conceito dos melhores doutores, que andavam ao serviço do rei. Já nos ultimos annos do regimen monarchico (em 1883) falava o sr. Paulino de Souza, conselheiro do Estado, nestes termos : «Sendo certo que a receita do Imperio, reforçada por vezes com diversos impostos, triplicou nestes ultimos vinte annos, periodo curto na vida de uma nação, e que nem assim tem bastado para fazer frente ás despezas sempre crescentes e excessivas que se fazem, não ha, no meu conceito plano algum financeiro aceitavel, cuja chave e ponto de partida não sejam a mais avisada prudencia e a mais sevêra economia na gestão da fortuna publica.»

E aos que exaltam o merito e o valor das instituições monarchicas, e exploram a ignorancia e a credence das almas ingenuas, oppondo á Republica, com cambio minimo, a Realeza com cambio maximo, aos que se deixam cegar por essa illusão, ou exploram essa ficção contra o novo regimen, devemos oppôr a analyse fria e conscienciosa dos factos, o estudo scientifico e criterioso desse phenomeno economico excessivamente complexo, subordinado a causas variadas e multiplas, influenciado por minimos successos de toda ordem, politicos, financeiros e economicos, sujeitos até ás explorações dos gananciosos e ás especulações dos politiquieiros.

Ao assumir a responsabilidade da gestão das finanças do paiz, no advento da Republica, o sr. Ruy Barbosa desfez essa phantasmagoria com que ainda hoje se recommenda a superioridade cambial da corôa.

Estudando a fazenda nacional em 15 de Novembro de 1889 dizia em notavel documento o primeiro ministro das finanças da Republica :

«O observador superficial, que acompanhasse exteriormente as magnificencias especiosas da preparação do terceiro reinado pela politica do ministerio Ouro-Preto, não poderia certamente resistir á admiração pela magia do genio, que multiplicava prodigios de riqueza, de iniciativa commercial, de reformas deslumbrantes na esphera dos interesses materiaes. Emprezas sobre emprezas, bancos, sobre bancos, favores sobre favores do estado vinham attestar a energia productiva da época e os illimitados recursos do governo. Uma preamar de ouro a derramar-se dos depositorios insondaveis do credito nacional, immergia a lavoura anemiada pela escravidão em um largo banho de elementos re-

constituintes. O papel-moeda conjurado pela sabedoria de uma operação irresistível, começava a escoar da circulação tonificada, que o metal dentro em pouco monopolisaria. O cambio ascendendo sobrenaturalmente, com uma celeridade vertiginosa, excedia os limites normaes do padrão monetario, librando-se magestosamente acima do par

«Os espiritos esclarecidos, entretanto, não cessaram de denunciar sobre essas exterioridades espectaculosas um systema de artificios copiosamente urdido para a obtenção de grandes effeitos theatraes. A febre do agio, o diluvio das especulações da Bolsa, promovidas e entretidas pela politica financeira da corôa, saturaram a atmospherã do fluido que devia exaltar as imaginações, alimentando essa allucinação de prosperidade, que agitava a Praça, suscitando lances de arrojo, cujas consequencias a imprensa democratica prognosticou com a maior precisão. O jogo foi, pois, o principio gerador desse movimento, em que o derradeiro gabinete da monarchia exultava e punha o futuro de seus planos, vãos e aleatorios como a base onde assentavam. O que se fazia, era amontoar os materiaes de uma crise, que a opinião independente predizia como absolutamente fatal.»

A dar ouvidos a esses modernos Jeremias ao serviço dos pretendentes ao papel de donos, por direitos de herança, da nossa Patria, senhores nossos por graça de Deus, nós seriamos, por defeito da nossa organização politica e por vicio congenito, um povo excepcional e unico, expressamente creado para a escravidão, sob cuja funesta e perniciosa influença iamos perdendo o brio e o pundonor, e essa virtude superior do americano, essa maravilhosa idiosyncrasia, que se resume em saber cada qual gerir os seus destinos, fóra da tutelagem de despotas ou semi-deuses.

Si essa predisposição ingenita para o servilismo fosse o traço caracteristico do povo brasileiro, nós seriamos dos povos o derradeiro. Mas a pasmosa transformação da alma nacional, resgatada do regimen opprobrioso, que durante tão longos annos viveu da corrupção e pela corrupção das consciencias, é uma attestação eloquente de virilidade e de nobreza, que aos nossos proprios olhos faz que nos sintamos engrandecidos.

Os que estão ao presente preliando em defeza do passado, esquecem que si a novel Republica brasileira está vivendo dias de agitação e de lucta, sob a acção de causas naturaes, que convulsionam todos os paizes em via de transformação politica

e social, velhas monarchias europeas, com seculos de idade, estão sendo combalidas por violentos choques, e muitas atravessando crises economicas, sem que para explical-as tenham a invocar as mesmas causas, que actuam em nossa Patria. Nunca, mais do que agora, em toda a parte dominou essa especie de raiva chronica, consecuencia do desenvolvimento espontaneo e continuo dos sentimentos de odio e de inveja contra toda superioridade social, que já em 1839 previa o mais notavel dos philosophos modernos.

Estudando recentemente a organização do suffragio universal falava notavel publicista francez nesse mal epidemico, que trabalha toda a Europa, perturbando as funcções de governo: «E' preciso não perder de vista o character europeu, poderiamos dizer, quasi universal, quanto á civilisação politica, da crise actual, que não se limita a ser uma crise da Republica franceza, nem mesmo uma simples crise do parlamentarismo, mas que é, nem mais nem menos, uma crise do Estado moderno.»

A situação financeira da Italia era desenhada pelo sr. Adrien Dubief com estas côres: «Um deficit orçamentario de 150 milhões de liras na média, ao qual accrescem os deficits das localidades oberadas, que ascendem a mais de 48 milhões, só os das communes; uma divida consolidada e uma divida amortisavel de perto de 13 biliões; uma divida fluctuante em constante crescimento, attingindo actualmente a mais de um e meio bilião; uma divida local superior á 1.350 milhões; a crise commercial e agricola coincidindo com uma viva progressão de despezas e uma diminuição de impostos; sempre aberta a crise monetana, restabelecido o curso forçado, enfraquecido o credito publico pelo imposto sobre a renda, tal é na hora presente, o Estado economico e financeiro, da Italia.»

Da França dizia o sr. Leroy-Beaulieu em meíados do anno findo: «Andam as nossas finanças no desarranjo mais palpavel. O sr. Boulanger, primeiro presidente do tribunal de contas poude avaliar entre 300 e 400 milhões o deficit real. A divida fluctuante, official ou dissimulada, tomou proporções enormes; para pallial-as recorre-se ao expediente dos emprestimos occultos que são custosos, e não se ousa contrahir um grande emprestimo publico, unico meio verdadeiro regular, o mais barato, ao mesmo tempo que o mais seguro e menos perigoso, para resolver uma situação embaraçada.»

Não ha quem ignore que tantas outras nações da Europa e da America debatem-se contra grandes difficuldades economicas e financeiras, como nós sob o regimen desastroso do papel moeda, como nós padecendo as consequencias desgraçadas da inferioridade cambial, com orçamentos mal equilibrados, com impostos aggravados de anno para anno, com o recurso obrigado e frequente dos emprestimos publicos internos e externos. E em nenhuma dessas nações, antigas republicas ou monarchias tradicionais, haverá quem taes desastres leve á conta das instituições politicas vigentes.

Os apóstolos da antiga fé monarchica, posthumos defensores do imperio, e como elles os descontentes, que movem contra a Republica a campanha dos seus odios, porque ella soube resguardar-se da anarchia e manter-se estavel e illesa no mar agitado das grandes luctas geradas pela ambição de espiritos desorientados e perversos, uns e outros, seguindo normas sem parrelhas em sciencia nenhuma, tem o habito de comparar-nos com a grande republica norte-americana, para concluir irracionalmente, desse parallelo illogico e anti-scientifico, que somos, como povo, a antithese do povo americano, e que o mesmo systema, que lá produziu a felicidade e a grandeza da Nação, entre nós será causa de infortunios.

Nunca rediremos assaz que estamos na alvorada da vida, como nação livre; que n'um relance deixamos os moldes obsoletos e gastos do imperio, em que nascemos e medraramos, para adoptar as formas do governo republicano. De um paiz onde a escravidão parecia ter elegido sede, marcando-nos vergonhosamente como excepção odiosa e unica entre os povos reputados cultos, fez-se terra de homens livres. Da ferrenha centralisação, que era o imperio, saímos para a federação larga, que é a Republica. Do regimen parlamentarista, sob o qual tinhamos vivido enquanto durou a realeza, passamos para o regimen presidencial, que só praticado annos e annos dará os beneficos resultados, que usufieem os povos affeitos ás excellencias desse systema salutar e essencialmente garantidor da ordem e da estabilidade governamental.

Os que argumentam contra as novas instituições, porque assim incipientes em povo desapparelhado para exercital-as e com tendencias, ao invez, erradas e oppostas pela triste educação da realeza, não deram ainda completamente aqui os fructos annun-

ciados e previstos, ao passado da Republica norte-americana, e não ao seu presente, é que devem ir buscar o termo de comparação para a situação actual da nossa Patria.

Em seus primeiros dias os Estados-Unidos da America do Norte atravessaram, como nós temos atravessado, longo periodo de luctas. Tambem lá, no inicio do regimen, que hoje se reputa excellente entre as melhores fórmas de governação, a auctoridade e a lei andaram á mercê dos desvarios de espiritos anarchicos, que de continuo punham em risco a propria Republica, a qual não deixou de sentir-se sob a ameaça desse phantasma da restauração, com que hoje vivem aqui atemorizados os animos menos fortes.

Emquanto o ministerio inglez, como ensina um historiador, cuidava no estabelecimento de uma monarchia constitucional com o filho de Jorge III, temia-se que a gratidão dos americanos para com a França não os levasse a confiar a alta funcção de governal-os a um principe da casa de Bourbon.

O que eram nesse tempo os Estados-Unidos, hoje modelo de Republicas e compendio de licções a povos livres, dizia-o claro o general Knox, escrevendo a um amigo na occasião em que rebentaram as desordens de Massachusetts: «Nós tinhamos imaginado que a doçura do governo casava-se á maravilha com a virtude do povo; que não haviamos de assemelhar-nos aos outros povos, entre os quaes é necessario apoiar as leis sobre a força bruta. Mas agora, comprehendemos que somos homens, verdadeiramente homens, com todas as particularidades de turbulencia que distinguem este animal, e que é preciso tenhamos um governo sufficientemente forte para contel-o.»

Desalentaram muitos dentre os fundadores da Republica, diante do desenvolvimento da anarchia. Dir-se-ia que a sociedade entrava em dissolução, commenta um historiador, á vista do quadro sombrio em que se debuxava a peor das situações politicas, financeiras e economicas imaginaveis.

Nem ao menos ali faltou, para completa semelhança dos estados, a vozeria contra o exercito, que vinha de defender a integridade e a independencia da America nessa memoravel campanha em que o heroismo, a bravura e o patriotismo do soldado subiam a altezas desmedidas, si lembrarmos a penuria e a miseria em que vivia o exercito libertador, sob o commando em chefe de Washington.

Passados os perigos, chegara celere o esquecimento dos grandes serviços prestados pelas classes militares, contra as quaes desencadeava-se a tormenta dos protestos formulados nos termos mais severos e ás mais das vezes flagrantemente injustos.

Não ha muito que o sr. E. Castellar, falando da politica hespanhola, emittia este conceito : «Gambetta dizia que o que havia de melhor em França era o seu exercito, e eu repito que o exercito é o que ha de melhor na Hespanha. E quem o duvidar que veja-os combater em todos os lugares com a coragem dos heróes, e morrer com a resignação dos martyres.»

Sem descreer da sincéridade nem da firmeza das convicções republicanas da Nação brasileira, que toda ella saberá erguer-se altiva, digna e heroica para a defeza dos seus proprios brios contra a criminosa tentativa de enxovalhal-os, impondo-lhe, como amo, qualquer príncipe aventureiro desoccupado, podemos todos confiar nas classes armadas do paiz, que saberão amanhã oppôr peitos á audacia dos que conspiram a ruina da Republica, para cujo advento tão efficazmente concorreram ellas, não como instrumentos inconscientes, mas como crentes, com fé esclarecida e espirito convencido.

A Nação póde e deve confiar tranquilla na inteireza e na abnegação do exercito, despreoccupada dessa eterna desconfiança e constante receio de que entre nós venham as classes militares a constituir-se em partido politico, em perpetua ameaça á estabilidade dos governos constituidos, como ouço pregoar.

E' inabalavel em meu espirito a convicção, em que estou, de que no Brasil ninguem jamais poderá, com fundamentos plausiveis, dizer como Patrick Henry, na convenção da Virginia : «O exercito impor-nos-á um rei.»

.....

(1.º de Fevereiro de 1896.)





OF THE

IV

O exército brasileiro e a democracia

VI

1875



I

O advento da Republica ⁽¹⁾

Concidadãos e confrades !

Acabo de ser sabedor da unanime votação, com que, em congresso prévio, os eleitores republicanos da minha terra, por seus delegados, consagraram o meu nome humilde e obscuro, adoptando-me candidato á proxima Assembléa Constituinte.

Confesso que sinto-me sobremodo lisongeadó pela subida prova de confiança, que essa expontanea manifestação de meus conterraneos e confrades significa. Sou dos que entendem que a honra de receber essa investidura politica, tamanha é, que a ella hão de todos aspirar; mas tambem cuido eu que taes e tantos encargos se lhe prendem, que ninguem deve pedil-a, antes accetal-a como pesadissimo onus.

Por indole sou avesso á mendigagem eleitoral; e por mais desmarcadas que fossem as minhas ambições, ou as presumpções em favor da minha aptidão para ser prestadio ao meu paiz, nunca eu supplicaria os suffragios dos meus concidadãos.

(1) Carta aberta ao eleitorado republicano paraense, publicada a 15 de Agosto de 1890 sob o titulo—*Palavras aos meus conterrancos.*

Affirmo a cada um de vós que ficará, no fundo de minha alma, grande e duradouro o sentimento de gratidão para com quantos, desmemoriados de minha desvalia, vão talvez intimarme a comparecer perante uma Assembléa, que devera ser um comicio de notaveis.

Si para os seus congressos ordinarios deve a Nação eleger os seus mandatarios dentre os que avultam por talentos e por virtudes, que será de um parlamento, a quem vae caber a responsabilidade tremenda da reconstrucção moral da Patria?

E eu de mim apenas posso dizer que appareci na arena ao vosso lado, quando os republicanos eram os batedores, que vinham dando rebate ás consciencias, appellidando-as para a obra sublime da redempção da nossa terra.

Ao lado dos que exhibem seus altos brazões de fidalguia, como sôe dal-os o talento, apenas posso eu figurar á laia do plebeu, a quem nunca faltou a coragem para bater-se em defesa dos seus balsões.

Ainda bem que, para os vossos brios e dignidade minha, posso, em publico, affirmar que ides guiados tão sómente pelos dictames das vossas consciencias; e que si alguma vez o eleito-rado paraense desviou-se da linha do dever, agora vae autonomo exercer a função social do voto, sobranceiro aos que esmolam ou mercadejam suffragios.

Tolhido de comparecer diante de vós pelo exercicio de cargos, a que tenho sido chamado, depois que a revolução forçou-nos a trocar a picareta de demolidores pela garlopa de reconstructores sirvo-me do momento, que se me depara azado, para levar-vos o meu pensamento e a minha palavra no tocante ao rumo actual das cousas publicas.

* * *

Em documento politico, lançado a publico pelo sr. Joaquim Nabuco, encontramos formulado um conceito, que anda erradamente apregoado por muitos:

«Quizemos ter o nosso 89, e sem nos preocuparmos do contraste entre a cópia, cujo motor social unico era o despeito da escravidão, cuja forma foi o pronunciamento e cuja singularidade era a ausencia de povo, e o original revolucionario do seculo passado, destruimos a última Bastilha Americana.»

Só os espiritos desalumiados ou as consciências obcecadas pelos preconceitos e transviadas pela paixão partidaria, podem reduzir o acontecimento estupendo de 15 de Novembro, essa grande revolução nacional, a uma simples insurreição de casernas, a uma ligeira explosão do despeito do escravagismo.

O ex-deputado isabelista esquece que, aos olhos dos coevos illusos, tambem o *original revolucionario do seculo passado* se lhes afigurava ligeira turbação produzida pelos desequilibrios financeiros.

Vinha quasi a explodir o enorme cataclysmo, e um dos ministros de Luiz XVI dizia em pleno conselho: «Não ha nada tão ridiculo, como ter-se medo da convocação dos tres estados. Não podem resolver nada sem o consentimento do rei.»

A verdade é que o movimento insurrecional que, pela eliminação da realeza, inaugurou o regimen republicano em nossa Patria, significa um facto natural, uma inevitavel e fatal consequencia de antecedentes seculares, a realisação de um conjuncto de largas e patrióticas aspirações, que de longa data enchiam a alma da Nação.

Certo é, e incontestavel, que ao exercito brasileiro coube a gloria inolvidavel de ser o instrumento providencial d'esse acontecimento primacial da nossa historia. Mas seria errado suppor que o phenomeno social, de onde sahiu a redempção da Patria, fosse produzido pelo despeito e pelos interesses materiaes offendidos.

Vem de molde citar a palavra do eminente publicista Latino Coelho, commentando a revolução franceza: «Em todo o movimento social, por debaixo da cortiça grosseira das paixões facciosas e egoistas, dos interesses mesquinhos e pessoases, das ferozes represalias e vinganças, ha sempre, ainda no meio da maxima barbaria, um principio ideal, que os maus instinctos não alcançam inteiramente encobrir ou annullar.»

De épocas apartadas vinham sendo amontoadas as causas poderosas, que n'um intimo enlace, a ponto e a termo levaram-nos ao desfecho assignalado de 15 de Novembro. A's classes militares estava reservada a missão historica de corporificar a summula das aspirações nacionaes. Foi o exercito factor essencial e necessario, porque «as grandes transformações têm de certo a sua longa e trabalhosa gestação no seio da sociedade ainda pacifica, mas para sair á luz, realisada em factos a idéa, é pre-

ciso fatalmente que a revolução execute, embora cruenta e dolorosa, a operação cesariana.»

Depois que a corôa, vencida pela força da opinião, deixou cair do alto a lei diamantina de 13 de Maio, essa conquista notabilíssima da democracia, que era o remate glorioso de uma campanha de titans, a todos os espiritos clarividentes appareceu como signo certissimo de novos e mais altos commettimentos.

Eu disse já, diante de vós, applaudindo, como republicano a lei de 13 de Maio, em discurso que proferi em nome da guarnição militar do Pará, nas festas populares de 1888:—Guiados por um criterio inscientifico, desorientados por velhas theorias, alguns espiritos tem avançado, o que á saciedade vai sendo repetido pelos sectarios do fetichismo politico, que as glorias d'esta victoria desmarcada, deste auso grandiloquo se reflectem, em todo o seu luzimento e esplendidez sobre as fronteas dos personagens, a quem um acaso feliz distribuiu a missão de traduzir na letra de um decreto da corôa esta grande revolução social, que metamorphoseou mirificamente a nossa patria, fazendo do Brasil de hontem, especie de nesga africana, tendo por brazão e por escudo um tronco e um azorrague, o Brasil do futuro, um paiz americano, cujos estandartes hão de tremular açoutados pelas auras da liberdade, que varrem de polo a polo o mundo de Colombo.»

E os nossos co-religionarios, membros do directorio republicano do Pará, entregando á publicidade o manifesto politico de 7 de Setembro de 1888, produziam estes commentos ao encontro dos que viam na lei da abolição uma consolidação da realleza:

«Acreditar que uma reforma altamente liberal, que veio pela eliminação do mais odioso de todos os privilegios, plantar os sentimentos de igualdade no povo brasileiro, realisando uma aspiração que era a primeira dos corações verdadeiramente patrietas; acreditar que essa reforma, que tão admiravelmente transformou o nosso paiz assentando as bases das futuras instituições democraticas, veio solidificar o edificio monarchico, seria como traduzir os primeiros clarões, que tingem das cores do arrebol as nuvens do firmamento, quando a estrella que nos allumia ainda está mettida pelo horisonte abaixo, como um signo de proxima noite fechada e tenebrosa.

«Crer que a extinção da escravidão é uma medida que assegura às braganças a posse mansa e pacífica desta porção da America, onde a corôa é uma excepção odiosa, seria como traduzir por symptomas de paralysisa os primeiros arrancos de um gigante, que sacudisse os membros entorpecidos, despertando de longo somno dormido criminosamente sob as cadêas de nefando e aviltante captivo.»

No documento politico já citado dizia o sr. Joaquim Nabuco que, parodiando as palavras do almirante batavo, poderia a Regente, ao assignar aquella lei, proferir esta sentença:—«A abolição é o unico tumulo digno da monarchia brasileira.»

Eu não sei si no espirito dessa senhora havia sobeja luz para medir com segurança o alcance dessa victoria popular, ou si ella, sem sobrelevar-se em previdencia, no campo dos phenomenos sociaes, aos seus conselheiros, apenas erradamente tentava, obedecendo a calculos egoisticos, recommendar-se ao sentimento de gratidão dos redimidos, tão explorados, sob o consulado João Alfredo, pela organização da guarda negra, com que se tentou suffocar o movimento republicano, que ia já irrompendo com a força irresistivel de uma explosão volcanica.

Só as mentabilidades estrabicas, regidas em suas raciocinações pelos axiomas de uma logica ás avessas, poderiam enxergar nesse acto do imperialismo um cimento, que avigorassem o velho e carunchoso edificio, que se estava espontaneamente esboroando, e onde iam, dia a dia, abrindo largas frinchas os golpes fortes e certos das hostes republicanas.

A verdade é que os paladinos veteranos do abolicionismo que eram a velha guarda da democracia, não repousaram das fadigas, a que tinha-os affeito o viver afanoso da grandiosa lucta; não descansaram as armas, nem desatacaram as armaduras, com que se haviam aparelhado para o duello contra a tyrannia escravista.

E foi durante a memoranda campanha da emancipação que ficou posto em evidencia o espirito democrata, que dominava as classes militares do paiz, as quaes faziam causa commum com os abolicionistas, e inspiravam a palavra de Ruy Barbosa, um dos generaes emeritos das milicias da abolição:—«No exercito e no abolicionismo está condensado e intensificada a vitalidade nacional: elles representam o que resta da honra e integridade da patria, a sua conservação e o seu futuro, a sua intelligencia e o seu brio, a sua abnegação e a sua força.»

Já por esses tempos andavam sendo revelados os sentimentos republicanos do exercito. Em todo o paiz, por onde ia alastrando a onda volumosa e fecunda da idéa republicana, sabia-se, de certeza certissima, que a corôa não podia fiar das laminas luzidias das espadas, nem das bocas dos canhões, nem das pontas aguçadas dos sabres do soldado brasileiro a garantia do throno, batido de todos os lados pelos furacões, em que se desencadeava a opinião agitada pelas correntes da democracia.

Aos que tinham olhos sãos para ver a verdade limpa e inteira, nenhuma duvida restava ácerca da missão gloriosa, que estava marcada para o exercito brasileiro, denunciado como um ajuntamento de patriotas, e que, uma e mais vezes, havia já figurado como ponto de resistencia ás tentativas criminosas do poder na faina de aniquilar as liberdades publicas.

Nem outra missão pudera caber ao exercito, em grande parte saído das escolas militares, onde eram ensinados e bebidos os mais salutaes principios philosophicos e as mais avançadas theorias em todos os departamentos da sciencia positiva; que contava em seu seio verdadeiros evangelisadores, que punham a sua palavra e a sua penna de parelhas com a espada ao serviço da causa nacional, e que iam dando o fecundo exemplo do devotamento pela santa causa com uma audacia e firmeza dignas de rememoração.

Seria até uma injuria e uma affronta, de mistura com o erro claro e palpavel, já denunciado, ensinar que o acto notavel com que a 15 de Novembro, as classes militares, n'uns assomos inauditos, saíram a campo em defeza dos brios da Patria, que iam sendo calcados aos pés pelos discolos assalariados ao serviço de um rei caduco, de um principe aventureiro, e de uma princeza beata, significa apenas uma tentativa de vingar aggravos pessoases, de satisfazer ambições criminosas de predominio, e até simplesmente, como rumoreja a infamia, desejos de matar longa sêde de lucros materiaes nunca saciados pela realeza.

Ha quem erradamente acredite que bem pudera o sr. de Ouro Preto conjurar a tempestade que vinha rugindo ameaçadora, e cujos mais significativos e seguros prenuncios eram as manifestações do exercito e da armada, indo ao encontro das queixas e dos clamores, como si o movimento operado na opinião não fôra tão fundo que não houvesse convulsionado até aos mais reconditos alicerces as instituições vigentes; como si não se

tratasse de um facto historico, cuja realisação necessaria seria insensato suppôr capaz de ser impedida pelas combinações e planos artificiaes de qualquer pseudo-estadista.

Certo é que a 15 de Novembro a alma da Patria como que se transfundiu no exercito e na armada nacionaes, que sentiram, pensaram e agiram de perfeita harmonia com os sentimentos, os pensamentos e os actos da nação.

Aquelles batalhões de heróes, que bem o foram, seguros estavam de que sobre elles iam caindo as benções do povo, unanimemente levantado para consagrar legitima a revolução, que era o exercicio de um direito natural ás gentes opprimidas.

O movimento de 13 de Novembro não foi um levante á aventura. Foi uma revolução sabiamente planejada, o desfecho de uma grande conjuração admiravelmente tracejada, que explodiu á hora certa e prevista.

* * *

Ha quem se arreceie do predominio da classe militar no nosso paiz, e ainda, ha pouco, n'umas jeremiadas plangentes um antigo servidor do imperialismo chorava as desgraças da Patria, ameaçada pela dictadura da espada.

Já em tempos idos deu-se-me ensejo de rebater essa crença irracional da implantação de um regimen, que nem se coaduna com a actual phase historica, nem está na índole, temperamentos e habitos do povo brasileiro.

Dada a lei natural, que marca a evolução dos organismos sociaes do regimen theologico-militar para o regimen scientifico-industrial, fôra myster que o nosso paiz figurasse uma aberração, para que entre nós fosse lei a retrogradação, norma o progresso *en arriere*.

E é força obedecer á verdade, que se revela pela observação no campo da historia, e que se comprova no presente, quando as sociedades policiadas vão naturalmente caminhando para o industrialismo e para a sciencia, como demonstram o papel crescente da diplomacia, solvendo pelos principios do direito as questões que, em decididos periodos, só eram dirimidas no campo da batalha; as celebrações dos grandes torneios da civilisação moderna, os congressos scientificos e as exposições internacionaes, d'onde sae mais e mais apertado o laço da intima solidariedade

humana, e que tão efficazes fructos fazem medrar no terreno das artes, das letras e das sciencias.

E, para dissipar uns taes e tão infundados pavores, não será de sobra ter em vista as qualidades essenciaes do exercito brasileiro, como ellas apparecem no passado, em que as classes militares sempre souberam bater-se pelas mais avançadas idéas ? e no presente, em que o governo provisório, considerado por alguns como dictadura militar, tem sido um regimen de paz, de ordem e de progresso, tendo dado ao povo brasileiro em curto periodo todas as grandes liberdades, por cuja conquista viveu elle a pelejar, sob a monarchia, longas e agitadas decadas ?

Dous factos deixam clara a vossa acertada orientação politica. O primeiro é a aclamação, com que indicastes o nome do inlyto e benemerito General Deodoro da Fonseca para a alta função de Presidente da Republica Brasileira.

O segundo foi a espontaneidade com que elegeste para vosso representante no senado o grande patriota Benjamin Constant, que foi a alma do movimento revolucionario, o santelmo, que transluzia na noite escura, em que viviam os conjurados, para indicar-lhes com segurança a vereda atravez das escabrosidades, por onde ia levando-os a fé e o amor da Patria.

Ainda bem que soubestes calcar o prejuizo do bairrismo diante do vulto laureado do mestre, que fez de sua cadeira de professor a tribuna sagrada para evangelisar, convertendo a mocidade ao novo crêdo politico-philosophico; que tem sabido, pela pureza de sua alma crystallina, pela rectidão de sua consciencia lucida, impô-se á veneração dos seus concidadãos; que previu com rigor a hora da redempção da Patria, fiado no brio e no patriotismo dos militares, que elle andava concitando para a revolta com o enthusiasmo de um crente, com o fervor de um fanatico.

Acredito que elle acudirá ao vosso appello, e que, tão patriota como o legendario general americano, para o bem da Patria revogará a sentença, com a qual fechava para si o accesso aos cargos de eleição popular.

* * *

Os que sempre viveram lutando comvosco tem de ante-mão traçada a linha de conducta que ha de guial-os de futuro. D'esse numero sou; e hei de ser sentinella e guarda dos nossos grandes principios.

Entendo, e nem enuncio uma verdade nova, que andamos e andaremos ainda largo espaço em phase plenamente revolucionaria, durante a qual carecemos de pôr todo o empenho e toda o esforço na defensão dos nossos dogmas fundamentaes.

Ainda que acredito ser hypothese gratuita e inverificavel a de uma tentativa criminosa de restauração monarchica, vejo contudo que a Republica, como ella deve ser, a emancipação completa da consciencia humana, o regimen da egualdade civil e politica, tem de vencer uma somma de resistencias; sendo que alguns, republicanos, só de nome o são, que têm o espirito carregado de prejuizos, e, sem consciencia, agem por modo que, fiada a operarios de tal jaez a tarefa da reorganisação da Patria daria obra de fancaria. A sciencia ensina que os corpos postos em movimento seguem rumo invariavel com a velocidade adquirida emquanto novas forças não vem perturbar aquelle estado. Essa lei physica estende-se ao mundo moral. O homem obedece aos principios, em que foi feita a orientação do seu espirito; e é por isto que eu, sem professar como o sr. Joaquim Nabuco que a Republica organisada pelos monarchistas seria como uma bancarota assignada pelos fallidos, porque duvidar da sinceridade das adhesões, em grandes casos, fôra como não acreditar na fé de Saulo, penso que devemos velar cuidadosos para que não vinguem principios que, triumphantes, fariam da republica brasileira, uma republica nominal.

Entre os partidos, em que se vai retalhando a opinião, um existe já com accentuado programma conservador, com um ideal francamente retrogrado.

Organisados em partido politico os catholicos, sob a suprema direcção dos sacerdotes, propõem-se travar duello contra a propria republica, que será uma palavra vasia de significação, si não fôr a garantia completa para a consciencia dos cidadãos, desprendendo-os da tutella dos dogmas theologicos anachronicos.

Essa arregimentação de milicias, que vão fazendo os principes da Egreja, volvidos em generaes de exercito, é uma tentativa criminosa contra o progresso da Patria, que elles planejam acorrentar ao Syllabus, fazendo de nós uns feudatarios do Papa.

Respeito todas as crenças sinceras. E a religião catholica, pelas suas origens historicas, pela sublimidade de alguns de seus preceitos, pela somma de beneficios produzidos para a mar-

cha da civilização humana, pela grandiosidade dos feitos de seus apóstolos, que souberam ser uns martyres tamanhos, inspira-me uma admiração sincera e grande. Mas eu sou absolutamente infenso ao clericalismo. Hei de guerreal-o como quem guerrêa o inimigo da Patria.

Entendo que a Constituição, como a delineou em seu projecto o actual governo, consagra todos os principios capitaes da democracia. Em suas grandes linhas ella corresponde cabalmente ao ideal de um povo, que trata de constituir-se para a liberdade.

Por ella, até onde m'o permittirem as minhas forças hei de pugnar, mantida a autonomia da minha consciencia, como militar, como republicano, como brasileiro e paraense, que sou.



II

A abolição

(Discurso proferido na sessão solenne da Confederação Artística do Pará aos 13 de Junho de 1888)

Exm^{as}. Sr.^{as}—Exm. Sr.—Concidadãos.

Aquelle alto sentimento, que tão intimamente vincula o homem ao torrão abençoado que lhe foi berço, e que é capaz de inspirar os actos mais heroicos e os mais gloriosos feitos, me estava de muito aconselhando para que eu trouxesse o concurso da minha voz ao concerto harmonioso dos que celebram! com ardente enthusiasmo, o facto estupendo de 13 de Maio.

Tamanha é porem, a alteza do assumpto, tão elevado e grandioso esse acontecimento primacial e unico da nossa historia, que, para cebral-o condignamente, fôra myster que descesse a báfejar o meu espirito a inspiração genial, que nos tempos luzidos da pujante civilisação hellennica transsubstanciou-se em Demosthenes; e, a demais, que para vestir o meu pensamento fosse-me dado ir desentranhar das matrizes feracissimas da linguagem vernacula o precioso cabedal, as diamantinas locuções, com que os cultores da eloquencia sôem engalanar as suas orações, pompeando bellezas de estylo, e ataviando com o brilho da palavra a idéa enaltecida.

E eu, senhores, para contrastar singularissimamente com as proporções collossaes do objecto, com o fogo do patriotismo que encandesce os vossos corações, com as santas alegrias, que transbordam das vossas almas ennobrecidas, eu, venho dar-vos um discurso pallido, frouxo e sem calor, um descosido e singelissimo discurso, onde o defeito da contextura emparelha á maravilha com os senões imperdoaveis dos ornatos, porque só a naturezas privilegiadas é dado o condão de fazer com que a palavra, ao serviço de uma idéa grande e feliz, se desate dos labios em fios de esmaltados e riquissimos dizeres, como de manancial inexgotavel se derivão torrentes caudaes de ondas crystallinas.

Ví, porem, n'um momento espedaçar-se o broquel de meu silencio, quando a classe, a que me desvanço de pertencer, entendeu que devia, contra todas as licções da natureza, emprender a tentativa de fazer de um espirito desalumiado um lucido, mandando que eu, humilde e deslembado, saísse da minha obscuridade, e, por um milagre nunca visto, tornado facundia o meu mutismo, metesse hombros ao commettimento ousado de vir aqui, n'este augusto recinto, e perante esta assembléa notavel e tamanha, traduzir na minha fraseologia tosca e pobrissima os levantados sentimentos, que passam pela alma dos militares n'este momento.

E qual é, senhores, o coração que se não rejubila na hora em que a patria brasileira, desatada dos grilhões do captiveiro, entra no convivio das nações cultas?

Porque a escravidão era um traço de barbaria, que nos fazia descer á orla dos povos não esclarecidos pelo pharo radiante da civilisação.

Na lucta aberta, cujo desenlace é o acto, que assignala como gloriosa hegira do povo brasileiro o dia 13 de Maio, só por si maior que toda a nossa historia, na bella phrase de um abolicionista emerito; n'esse duello desabrido em que, por largo trecho, andaram a terçar as phalanges do abolicionismo contra as hostes do escravagismo, coube ao exercito papel saliente.

Haveis de permittir que reivindique para a corporação que represento, o exercito brasileiro, a porção que lhe cabe das glorias d'esse triumpho.

Porque na questão do elemento servil, como disse-o já distincto jornalista brasileiro, «póde não haver vencidos porque ha convencidos: mas incontestavelmente ha vencedores, e entre

esses, destacam-se, no primeiro plano, aquelles que offereceram francamente, destemida e ousadamente o seu peito á lucta pela idéa de que se achavam possuidos, e que por ella pelejaram valentemente, batendo-se dia e noite, a cada momento, com a palavra, com a penna, com a sua coragem, com a sua convicção, não só contra os adversarios naturaes, mas contra a calúnnia, contra a injuria, contra a conspiração dos interesses feridos e contra a avalanche das conveniencias opportunistas.»

Desfalleceram as derradeiras esperanças, que sobejavam por ventura nos arraiaes do escravagismo, no dia em que ficou de manifesto que a espada do official brasileiro, conquistada a custa de brio e de heroismo nos campos de batalha em defesa da integridade e da honra da patria, ou alcançada, como um galardão, pelos benemeritos das luctas da intelligencia, não haveria jámais servir de solidar o edificio caduco da escravidão, nem se deslustraria aviltada na infamante tarefa de suffocar os justos levantamentos da raça opprimida, no exercicio do direito sagrado de insurreição, direito, que assiste naturalmente aos que padecem fome e sede de justiça.

Não, senhores, porque antes de sermos soldados de um paiz de escravos, nós eramos, como somos, cidadãos da livre America, filhos d'este vastissimo continente onde a hydra do despotismo não ha de nunca homisiar-se.

Eis ahi porque, sem medir o peso da incumbencia, aceitei a honrosa missão de vir aqui, neste comicio dizer, desassombadamente e sem rebuço, que debaixo das nossas fardas, que aos olhos de alguns se lhes hão de figurar ornatos de automatos e disfarces de manequins, palpitam corações abertos a todas as idéas inscriptas nos codigos da moderna sociabilidade; e que tambem nós, os militares, somos consciencias livres, nadas e amadurecidas n'estas regiões, onde fluem rios, que parecem mares, e onde as florestas assombam pelo talhe giganteo dos seus robles seculares.

Sim, senhores, tambem nós medramos sob a cúpula azulada do ceu que ensombra este paiz, batido de uma banda pelas aguas marulhosas e nunca remansadas de um oceano indomito, e encravado de outra banda no dorso monstruoso dos Andes, que, a laia de fabulados titans, mergulham as plantas nas profundezas do solo, e cujos pincaros alcandorados se estão mettendo pelo ceu a dentro.

N'um rapto de eloquencia dizia, em bellissimo discurso, o illustre dr. Ruy Barbosa, obreiro incansavel da magna pejeja:— «No exercito e no abolicionismo está condensada e intensificada a vitalidade nacional; elles representam o que resta da honra e integridade da patria, a sua conservação, o seu futuro, a sua intelligencia e o seu brio, a sua abnegação e a sua força.»

D'esse consorcio do abolicionismo com o exercito, promanou um accrescimo de acceleração para o movimento com que evoluia a idéa convertida no acto legislativo de 13 de Maio, que do solo brasileiro extirpou essa arvore venenosa e maldicta—a escravidão.

Guiados por um criterio inscientifico, desorientados por velhas theorias anihiladas pelas concepções da moderna sociologia, como a delinearam Augusto Comte e Herbert Spencer, os philosophos de maior estatura do nosso seculo, alguns espiritos tem avançado, o que á saciedade vae sendo repetido pelos sectarios do fetichismo politico, que as glorias d'esta victoria desmarcada, d'este auso grandiloquo se reflectem, em todo o seu luzimento e esplendidez sobre as fronte das personagens, a quem um acaso feliz distribuiu a missão de traduzir na letra de um decreto da Corôa esta grande revolução social, que metamorphoseou mirificamente a nossa patria, fazendo do Brasil de hontem, especie de nesga africana, tendo por brazões e por escudo um tronco e um azorrague, o Brasil do futuro, um paiz americano, cujos balsões hão de tremular açoutados pelas auras da liberdade, que varrem do polo a polo o mundo de Colombo.

Laborão em gravissimo erro os que ainda hoje acreditam nos dogmas caducos a que se subordinavam em remotissimas idades, os escavadores do vasto campo da historia, aos quaes se lhes deparavam os governos como guias e conductores dos povos.

A verdade está no aphorismo inverso, como nol-o enunciou Littré: «os regimens sociaes são por toda a parte independentes do governo; elles o determinão e não são por elle determinados.»

E' como disse notavel historiador inglez:—«os individuos, que governam um paiz, tem sido sempre, nas circumstancias ordinarias, habitantes d'este paiz, nutridos da sua litteratura, educados nas suas tradições, imbuidos dos seus prejuizos: homens taes não são, no mais senão creaturas do seculo, e nunca os

seus creadores..... Nenhuma reforma, seja legislativa, seja executiva, foi jamais em nenhum paiz a obra dos que governam. Os primeiros promotores d'estes movimentos tem sido invariavelmente pensadores profundos e ousados, que sabem descobrir os abusos, denunciá-los, e indicár o remedio necessario. Tempos depois que elles tem desempenhado essa tarefa, os governos, mesmo os mais esclarecidos, continuam a apoiar os abusos e a regeitar os remedios.

« Afinal, si as circumstancias são favoraveis, a força de impulsão que vem do exterior toma uma intensidade tal, que o governo é forçado a ceder; e a reforma, uma vez acceita, pede-se ao povo para admirar a sabedoria dos seus senhores. »

De muito que esta grandissima reforma social estava feita porque victoriosa na consciencia nacional.

E—notabilissimo!—os que hoje andam a colher avidos os louros do edificante torneio, esses mesmos, a dois passos do fecho glorioso d'esse epico cyclo, appellidavão de ebulição superficial ao movimento que violentissimamente convulsionava o organismo da nação.

Redarguia-lhes, em frases vibrantes de eloquencia, um apostolo da sacro-santa cruzada : « Sim ? Mas as bôlhas de espuma que branqueam á tona das vagas, annunciam a voragem, a lucta perenne entre o alcali e o acido, as revoluções que se operam mudamente nas profundidades incommensuraveis, onde não penetra a vista do nauta, nem o scaphandro do mergulhador. Nós somos um caixão que referve e borbulha á flôr d'agua de encontro ás fragas de um cachopo rebelde; mas, abaixo de nós está o golphão, está o oceano, *pater oceanus*, creador e submersor de continentes; está a consciencia nacional, a onda infinita e eterna. »

Foi d'ahi que emergio o famoso e memorando decreto, que deu carta de alferria a milhares de cidadãos brasileiros, cujas bagas de suor, porejadas no improbo labor quotidiano, transformavão-se na moeda que servia de mercar titulos rafados com que se afidalgavam os edacissimos abutres da recova humana.

O povo, esse enorme colosso, que tem impetos que parecem a raiva de um largo mar cavado, que tem expansões que semelham o explodir monstruoso de um vulcão; o povo, o soberano dos soberanos, a cujo nuto dobrão-se as regias purpuras, e

desabam os thronos; esse, não outro, foi o actor do drama a que poz remate a sublime apothecose da liberdade, symbolisada na lei humanitaria de 13 de Maio.

* * *

Vicissitudes humanas ?

Ha mil e oitocentos annos que um illuminado e um vidente, apercebido com todos os ensinamentos da philosophia da Grecia e do Oriente, onde primeiro madrugou a civilisação para os povos, hasteou sobre os escombros do mundo romano, volvido quasi um cinerario, o labaro de uma nova religião de amor, de paz e de caridade:—«Não ha para Deus accepção de pessoas.»

Ha um seculo que violento cataclysmo social, cujas fulgurações alumiarão o mundo inteiro, derrocando todas as velhas instituições da feudalidade medieval, e pondo em terra o espectro sinistro da realza absoluta, encarnada nos calabouços tetricos da Bastilha, mudava a face da terra; quando os soldados da revolução triumphante, paranymphos indefessos da causa da humanidade, levavam plantada nas pontas de seus chuços victoriosos, a magna carta dos direitos do homem, e proclamavam a fraternidade das raças. Um negro era levado em triumpho ante a Convenção com applausos freneticos das multidões electrizadas pela voz de Robespierre, o *tribuno feroz e famelico de justiça*:—«Pereção as colonias antes do que um principio.»

E só hoje nos é dado entoar hosanas no altar da Patria redimida, e saudar o advento de uma nova era, cujos fastos hão de ser registrados em paginas de luz.

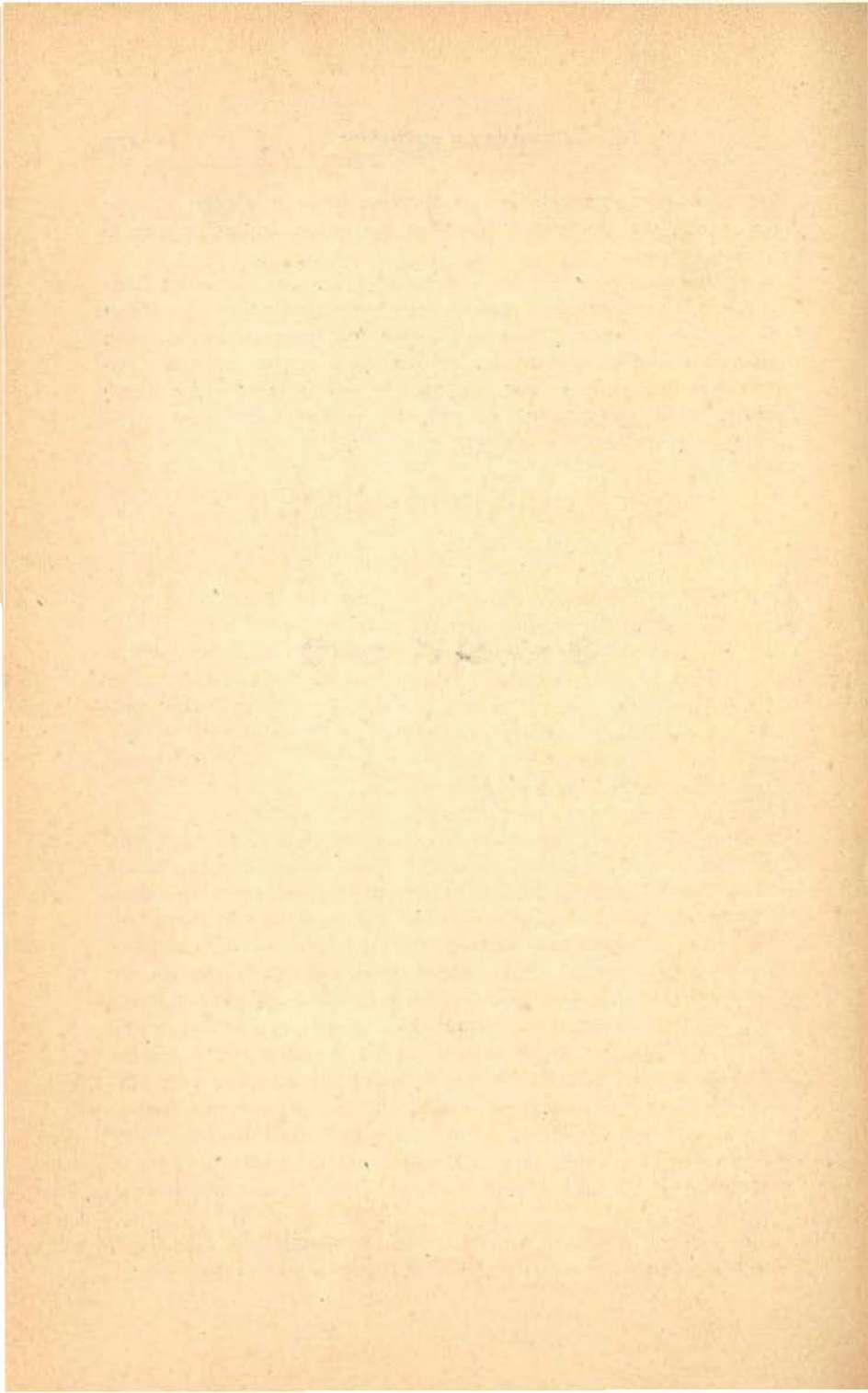
Senhores, foi como uma corrente magnetica que passou nos membros entorpecidos da nação, e sacudio de seu lethargo criminoso e profundo o gigante que dormia, tristemente acalentado pelos gemidos plangentes de uma cópia de precitos, para quem este mundo era um drama de dôres cruciantes e de supplicios inenarraveis, como as regiões horrificas, pintadas nos tercetos do Dante, em cujos humbraes as almas damnadas despojãvãõ-se dos derradeiros resquícios de esperanças do goso perennal.

Que o Prometheu, desatado das cadeias aviltantes, erga a fronte magestosa para os cimos do Olympo, e, escalando impa-

vido essas paragens defezas aos mortaes, devasse o segredo com que os ungidos do Senhor mantêm hartos as bridas a que se enfream os povos.

Eu evoco n'esta hora o vulto historico de Toussaint-Louverture, o *primeiro dos negros*, como elle proprio se appellidou em face de Napoleão, *the french robber*, na frase de Byron, para que a sua sombra agigantada, rompendo a crypta funeraria, encerro que mal póde conter o corpo de um briateu, paire n'este recinto, onde celebram-se os triumphos solemnes da santa causa de que elle foi heroe e martyr.





III

A lucta pelo direito (1)

(A QUESTÃO MILITAR)

Sans lutte point de droit, comme
sans travail point de propriété.

(R. von Ihering, trad. par O. d^e
Meulenaere.)

Eugéne Veron observou que a nota característica de uma obra de arte é dada pela subjectividade do seu auctor. Artista só é aquelle que traduz a sua emoção real, a impressão que recebe a sua personalidade em face do espectáculo da natureza.

E é assim de todos os que têm de manifestar pela palavra os sentimentos que no fundo d'alma se engendram pela contemplação de um phenomeno natural.

No transcurso d'esta oração, tão mal delineada, e imperfeitissimamente executada, no desalinhado da frase e no desataviado da forma, transparecerá com lucidez o pensamento individual do seu auctor, ainda que ella representa o desempenho de uma incumbencia sobremodo honrosa.

(1) Discurso proferido na sessão cívica realisada em Belem do Pará pela classe militar, em homenagem á memoria do Tenente-Coronel Senna Madureira, a 1 de Março de 1889, e publicado n'*A Provincia do Pará* de 8 de Março daquelle mesmo anno.

Em verdade agora, aqui estou para fallar, não em meu nome, mas em nome da collectividade militar, á qual me desvanço de pertencer.

E' mister porém confessar que nunca maior identificação ajustou sentimentos, nunca mais intimamente irmanaram-se os corações dos membros de uma classe, do que na hora, em que da publica arena desapareceu, como si fôra golpeado por mão certa de uma divindade malefica, o luctador indefesso, que se appellidava Senna Madureira.

E' que em todos nós está radicada a convicção de que o homem, que baqueou em plena e vigorosa acção, era quasi um martyr na defensão da causa do direito e da justiça.

Elle era dos que se não afadigam nas lides encarniçadas, nem se aquebrantam na refrega, antes se robustecem e se avigoram nas pelepas, como si em vez de um consumo e desperdicio de forças, lhes sobejasse dos certamens um accrescentamento de audacia e de valor, e um aperfeiçoamento no manejo dos apparelhos de combate.

Militar, podia orgulhar-se de ter subido pelo talento e pela coragem, conquistando nos torneios academicos honras e laureis e figurando nos campos de batalha ao lado dos que mais ousadamente e com mais denodo sabiam terçar com o inimigo em defeza dos brios e da integridade da patria.

E quando esse devotamento da propria vida offerecida honrosamente para ser sacrificada pelo torrão americano, que lhe fôra berço; quando esse desafrontamento diante dos perigos, esse destemor da morte, que sôe gerar o patriotismo acrysolado, metamorphoseando os homens em heróes e os heróes em martyres; quando todo esse heroico passado militar, marcado tão gloriosamente por feitos inexcediveis de nunca desmentida bravura não nol-o estivessem recommendando como um benemerito, o exercito, e com o exercito a patria, haviam de venerar a sua memoria como a de quem, durante a vida laboriosa, soube na paz batalhar pela causa da democracia, empenhando-se desassombadamente n'esse duello gigante, cujo desfecho glorioso foi a libertação da raça negra, conscio, como elle estava de que antes de ser soldado de um paiz de escravos, era cidadão americano.

Pertencia á especie dos espiritos de eleição, aos quaes repugna a cêga e servil submissão ao mando auctoritario, e a passiva obediencia a vontades prepotentes e despóticas. Por isso toda a

sua vida foi um arduo empenho para ver mantido o imperio da lei, tanta vez calcada aos pés pelos dyscolos do dever; e ninguém melhor e com mais audacia agio pela sustentação das prerogativas dos militares e dos direitos sacrosantos, que a nós, como a todos os cidadãos brasileiros, foram garantidos pelo Imperador na carta constitucional que nos regenta.

Está no animo de todos, que de hontem apenas é, a lembrança d'essa lucta desabrida, em que andaram empenhados os brios da classe militar, a liberdade do cidadão, o futuro e a grandeza da Patria : porque a chamada *questão militar*, não era uma questiuncula de casernas, para ser solvida pelo regulamento disciplinar, nem pelo codigo militar do conde de Lippe, que nos foi legado pelo seculo passado. N'essa lucta, de que, graças ao desacerto dos actos do governo ia promanando sério e grave conflicto, que traria a perturbação da paz publica e a alteração da ordem, e em a qual o exercito briosamente e com pundonor reagiu contra os actos de prepotencia da auctoridade, o que estava em jogo era o principio sacratissimo do direito da livre manifestação do pensamento, aceito por todas as nações policiadas, e que o nosso pacto fundamental prometeu manter; e, mais ainda, era o direito da defeza, que se tentára criminosamente tolher aos militares, decretando o amordaçamento dos servidores da patria, como si a consciencia humana, á maneira de um fluido incoercivel, não fôra capaz de reagir contra a pressão por mais descommunal que seja esta.

Senna Madureira, era o typo do militar disciplinado, embora esta palavra, que me cae dos labios como a traducção espontanea de uma opinião sincéra e leal, appareça aos olhos de muitos como uma heresia imperdoavel. E' que para o grande numero dos espiritos, que evolvem *en arriére*; para os que têm os olhos fixos no passado, e são arrastados a seu pezar pela corrente da opinião, que os circunda como uma atmosphera oxigenada, que vivifica e alenta os organismos, ainda que estes em sua cegueira se revoltam contra ella; para os que têm o cerebro imbuido de prejuizos, e anathematizam todos os novos ideaes, a disciplina militar significa subservencia e servilismo.

Para esses a farda do official, que deve ser um symbolo de sobrançeria e de altivez, é o uniforme dos parias, dos servos da infima ralé, a quem não é dado pensar, querer e agir.

Para esses a espada gloriosa, que foi desaffrontar a patria

do villipendio, que a nodoára, como si fôra um instrumento e um signo de servidão alvitante ha de curvar-se submissa ao mando da auctoridade, ainda que esta se colloque fóra da lei.

Elles não comprehendem que rebaixar o soldado brasileiro ás condições do escravo, que a lei reduzia á craveira da alimaria, é degradar a imagem da patria, que palpita e vive no coração dos seus defensores, como vive e palpita na alma de todos os cidadãos, que se afanam pelo progresso e pelo engrandecimento do seu berço natalicio.

Sou dos que entendem que a submissão é uma virtude; e é por isso que no meu conceito a disciplina militar não abate mas solevanta, não avilta, antes ennobrece os corações, que fazem profissão de obedecer aos dictames da lei, e de seguir cé-gamente a traça, que lhes indica a consciencia esclarecida pela comprehensão cabal dos deveres sociaes.

Ahi está porque eu affirmo que o tenente-coronel Senna Madureira foi soldado disciplinado, porque ninguem melhor do que elle pugnou para manter illesa a soberania da lei, e para garantir o respeito aos principios estabelecidos do direito.

Nem esta festa solemmissima significa outra cousa que não seja um testemunho inequivoco de que a causa, porque operou tão tenazmente e tão fecundamente o illustre morto, encontra echo em todos os corações patriotas que, preservados pela pro-philaxia moral contra o gafo da corrupção, que vae ganhando tamanha copia de consciencias, sabem collocar os interesses geraes em nivel superior aos da individualidade propria, e tem conseguido pela cultura cuidadosa das suas falcudades emocionaes, fazer que os sentimentos altruistas predominem sobre os sentimentos egoistas.

Vejo n'esta celebração com que honramos todos nós, militares, e vós, cidadãos, a memoria do patriota benemerito, uma comprovação valiosa das previsões sociologicas de Augusto Comte quando, guiado pelo criterio scientifico, annunciava que «começaria, caso lhe não falhasse a vida, a ver despontar um systema regular de commemoração usual em honra dos homens e das cousas que, em dado tempo e por qualquer maneira têm secundado a grande evolução mental.»

Consciente ou inconscientemente, os que aqui estamos para tão brillantemente commemorar as virtudes e perpetuar a lem-

brança do que soube passar pela vida como um phanal, celebramos uma cerimonia religiosa e um acto de culto.

Quando eu fallo de religião e de culto, não dou a estes termos, a significação que ellas têm para os espiritos que vivem da theologia e da metaphysica.

Si a religião é como ensina a philosophia positiva pela palavra de seu fundador «o estado da completa unidade que distingue a nossa existencia, pessoal e social, quando todas as suas partes, tanto moraes como physicas, convergem para um fim habitualmente commum»; se a religião, que é o que ha de mais augusto e de mais elevado no mundo, tem por objectivo systematisar os sentimentos, os pensamentos e os actos humanos, afim de realizar a dupla harmonia de que depende a nossa grandeza e felicidade; se o culto póde ser definido—um conjuncto constante e periodico de signaes, traduzindo nossas emoções privadas e collectivas, afim de tornar-nos mais aptos para o cumprimento de nossos deveres privados e publicos—então sobram-nos razões para vêr n'esta assembléa numerosa e selecta uma aggre-miação com um objectivo religioso e cultural, porque as festas, como a que ora celebramos, exaltam as nossas virtudes civicas, acrysolando o nosso patriotismo, e determinam a sympathia dos sentimentos e a synergia das vontades pela contemplação dos typos, cuja vida foi uma devotação pela causa da justiça.

Senhores, eu creio na immortalidade da alma e na resurreição, não nos dogmas vasis e caducos dos theologos, cuja imaginação phantasia um mundo além—tumulo, onde a alma humana, esse conjuncto das faculdades mentaes, simples funcções do cerebro, encontratão morada eterna em um paraizo de delicias destinado aos eleitos, ou as penas infernaes destinadas aos impios; mas na immortalidade assegurada aos que, votados ao serviço da Humanidade, encontram depois da morte seres que lhes votam veneração, e continuam essa vida subjectiva pelos sentimentos, pelos pensamentos e pelos actos.

Eu creio na immortalidade como a concebeu Augusto Comtem: «O homem apresenta com effeito duas existencias successivas: uma, que constitue a vida propriamente dita, é temporaria, mas directa; a outra, que não começa senão depois da morte, é permanente e indirecta... Assim os vivos são sempre e cada vez mais governados pelos mortos, que constituem a melhor parte da Humanidade.»

Como Feuerbach: «A crença na immortalidade, como expressão necessaria da natureza humana, não exprime pois senão verdade e este facto reconhecido mesmo pelos incredulos, a saber, que o homem não perde com a sua existencia sensivel sua existencia no espirito, no coração e na memoria.»

Como Pompeyo Gener: «A nobre immortalidade da acção, isto é, a perpetuação do ser entre os seus descendentes, por suas idéas ou por seus actos, eis a unica immortalidade verdadeiramente positiva. Ser immortal é prolongar a existencia além da curta duração do individuo, e a existencia, isto é, nossa maneira de existir, não se prolonga senão agindo de sorte que nossos successores sejam nossos devedores, que elles *suram-se* sob o poder de nossos actos e sob a impressão de nossa influencia posthuma».

E' d'essa immortalidade que fruem todos os que, resuscitados perante o tribunal da historia, recebem da posteridade o titulo de grandes homens, benemeritos da humanidade.

Eu creio na resurreição, mas na resurreição historica, como essa que, volvidos trez pesados seculos, fez pomposamente refulgir o genio assombroso de Camões, que na phrase de Schlegel, vale uma litteratura inteira, e que é por si só toda uma nacionalidade; porque mesmo quando as commoções sismicas ou os cataclysmos sociaes houvessem apagado da superficie do globo ou do mappa das nações o pequeno Portugal, havia de atravessar a eternidade dos seculos esse monumento *are perennius*—os Luziadas.

Eu creio na resurreição positiva que corridos cem annos, vae desentranhar do pó do esquecimento, ou vingar das affrontas dos anathemas da theologia os nomes dos grandes vultos, que no firmamento da historia *fulgebunt sicut stella*. Foi assim que resuscitaram Diderot e Voltaire, Calderon de la Barca e Shakespeare, Spinosa, Rubens e Petrarcha. Não tem esta solemnidade outra interpretação.

E ainda bem que a classe militar tão espontaneamente e com tamanho brilho levou a exito a idéa de render esta publica homenagem á memoria de um homem illustre, de um militar brioso, de um distincto cidadão.

Esta commemoração traduzo-a eu como um voto de adhesão ás idéas porque tão valentemente soube lutar o tenente-coronel Antonio de Senna Madureira.

Que ella symbolise um pacto, que nos obrigará a seguir a vereda, por onde elle sempre andou guiado na sustentação dos brios e do pundonor na nossa classe.

Seja a vós, distinctos camaradas, que me confiastes a mim, humilde e obscuro, a missão de traduzir os vossos sentimentos diante do acontecimento lamentavel que nos enlucta, a minha ultima palavra.

Ha na vida publica, maximé d'aquelles paizes que se debatem na anarchia, e onde os regimens obsoletos se perpetuam pela corrupção e graças á venalidade dos caracteres, duas sendas para conquistar as altas posições sociaes.

Uma é a larga estrada de suave e facillimo accesso, por onde caminham celeres as consciencias que se nodoam, as almas maleaveis, que se aviltam e que se vendem.

Outro é o invio e tortuoso trilho por onde montam as almas de bronze, os caracteres que se não dobram, as consciencias depuradas no cadinho do patriotismo, que luctam para viver, que têm a vencer obices de todos os feitios, impedimentos a todos os instantes; homens para os quaes a vida é um batalhar sem tregua, mas que no meio dos desastres, sitiados pelas desgraças, feridos pelo infortunio, roidos pela dôr, não perdem nunca a confiança no seu valor, e inquebrantaveis ante as fatalidades cosmicas, biologicas e sociaes, fazem da honra escudo impenetravel, braço das virtudes que lhes exornam a alma, e batem-se como herões, e morrem como martyres, legando á familia um nome circumdado de refulgentissima aureola, á patria uma pagina de luz e aos posteros um exemplo fecundo e um incentivo para grandes feitos e desmarcados ausos.

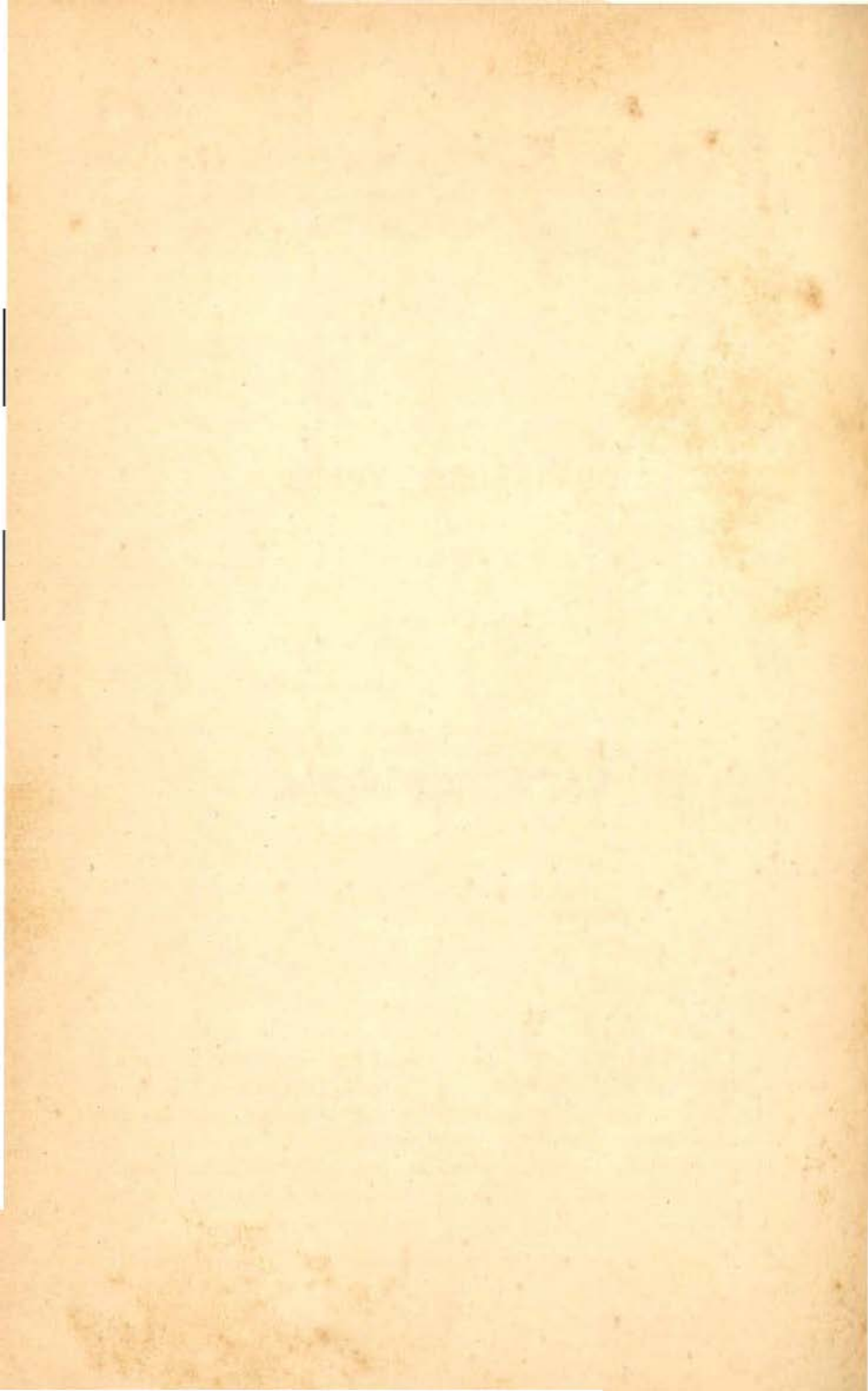
D'estes foi o honrado companheiro, que era nas fileiras do exercito um ornamento.

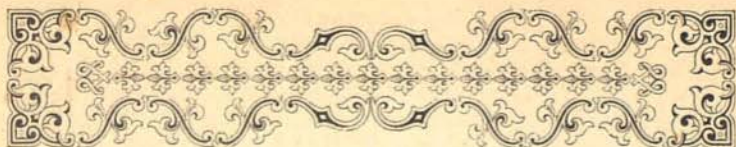
Que o seu nome, vinculado á nossa memoria, sirva de labaro para novos combates em defensão dos brios e da dignidade da patria.



V

Noviſſima verba





Noviſſima verba (1)

Auguste Comte n'est ni plus ni moins que le roi
de la pensée du XIX siècle.

Emile Faguet.

Cette méthode sévèrement tracée, plus sévèrement
pratiquée, telle a été la philosophie du plus puissant
penseur du siècle, celui dont les idées pénétrèrent au-
jourd'hui partout: d'Auguste Comte.

Gambetta.

I

São já revolidos quinze annos depois que dei a publico
os artigos da serie sobre a—philosophia positiva—, os quaes
constituem a segunda parte deste livro. E o mesmo impulso, que
então me animava a pelear na imprensa, quando mal transpunha
o meio da minha carreira academica, agora me está dando coragem
para ir proseguindo na tarefa de pugnar em defeza dos dogmas

(1) Notas e commentarios aos artigos sobre a philosophia positiva.

da nova fé positiva e scientifica. E' que a quantos possuem crenças arraigadas e sinceras, sempre se lhes afigura um dever de consciencia dizer em publico, sem ambages e sem rebuço, o que sentem e o que pensão.

E' essa confissão que mais uma vez será feita nestas novas paginas, com franqueza e ás claras. Nem é só do homem de genio que é permittido dizer, como Laplace o fez em algum de seus livros, que—cheio do entusiasmo que lhe inspira uma grande desco'berta, arde por espalhal-a; e os obstaculos que lhe oppõem a ignorancia e a superstição armadas do poder, não fazem senão irrital-o accrescendo a sua energia. — Tambem aos espiritos humildes, como aos humilimos apóstolos primevos do christianismo, incendeia-lhes a alma esse fogo sagrado, que alenta e revígora, dando audacia aos timidos para pregarem as verdades do seu evangelho.

Discipulo da philosophia positiva, sou hoje como hontem guiado pelos seus principios. No transcurso deste extenso periodo, que vae de 1881 a 1896, sinto que é bem o mesmo, o rumo em que o meu espirito vae norteadado. A critica audaz e desapiedada não abalou as minhas convicções philosophicas, que mantenho firmes em sua inteireza.

E' bem de crer que estas notas e reparos incluam rectificações e emendas a pontos de vista enunciados ha tantos annos. Mas em seus fundamentos solidos fica inalteravel a fé. O edificio pode apparecer retocado, e porventura mais bem acabado na sua estructura superior, mas são rigorosamente os mesmos os pilares em que se apruma e arrima.

E nem seria desdouro que, por estas paginas adiante, alguém entrasse a descobrir correcções a pensamentos menos certos de outr'ora.

Hominis est errare. Do proprio Augusto Comte, mestre entre os que foram maiores mestres na philosophia e na sciencia, pôde dizer um positivista inglez, o sr. E. S. Beesly: «Segue-se que eu aceito sem excepção todos os juizos de Augusto Comte, que eu entendo que elle nunca foi levado a commetter o minimo erro, que não foi nunca inconsequente, que attingiu os limites do todos os conhecimentos uteis, e que jamais se deverá nada subtrahir nem addicionar ás suas regras e planos de regeneração da sociedade? De certo que não. E agir nessa conformidade equiva-

leria a dar Augusto Comte como substituto de Christo e pôr no lugar da Biblia os seus escriptos.»

«Saibamos perdoar os erros aos homens de génios, dizia a seu turno P. Laffitte: primeiro porque ao lado de alguns erros elles nos descobriram muitas verdades; depois, porque, só não commettem faltas de abstracção, os que não se entregam ás meditações abstractas. Por ventura a multidão que applaude *Don Juan* ou *Guilherme Tell* lembra-se de accusar Mozart ou Rossini pelos erros musicaes que elles podem ter commettido? Não, porque erros de harmonia só não ha de tel-os quem não escrever musica» (2)

Até os deuses não lograram escapar a essa triste sina. E o proprio grande architecto, que em sete dias fez do nada o universo, e de argila modelou o homem, apesar da sua omni-scienza e supremo poder, claudicou. E' ao menos o que nos ensina a Igreja pela boca de um dos seus maiores pregadores: «De tal maneira obra Deus com a sua e summa sabedoria, que parece se emenda com a experiencia. Arruinou-se-lhe o primeiro edificio, porque o fundou em um homem de barro; para que se lhe não arruine o segundo, funda-o em um homem de pedra.» (3)

Que muito seria que apontassem os erros e senões de hontem, hoje corrigidos?

Si a sciencia caminha e cresce, como sobejariam estacionarios os espiritos, que ella allumia, immotos os intendimentos que ella dirige e guia?

A minha profissão de fé politico-philosophica, fil-a aos meus dezenove annos de idade em artigos inseridos nas revistas litterarias da Escola Militar. E é, felizmente para mim, ainda hoje, essa mesmissima fé que terei de confessar agora aqui.

Nô inicio da minha carreira academica, alumno do 1.º anno do curso superior da Escola Militar, a minha alma, apagados os derradeiros resquicios da crença catholica, entrou a encher esse grande vasio com todo o conjuncto das creações de Aug. Comte, que eu bebia n'uma soffreguidão de sedento, aos tragos

(2) P. Laffitte. *Cours de philosophie première*. Vol. I.

(3) Padre Antonio Vieira. *Sermões*.

e sem descanso, nessa preocupação de todos os instantes que leva a procurar *alguma coisa* para pôr onde só ha o terrível *nada*, em que se desmanchou a velha crença. Sobre a minha alma vinham caindo como gottas de ura benefico orvalho as palavras desse evangelho novo, de que entre nós, era o mais legitimo e devotado apostolo, o mestre idolatrado e bom, o patriarcha da Republica brasileira.

E na imprensa, e nas palestras litterarias entrei a professar o moderno dogma scientifico, abraçado á religião da Humanidade, tal qual ella se me desenhava.

Eram estas as opiniões que eu perfilhava:

«O positivismo vem consumir a evolução religiosa, substituindo uma concepção real do mundo e do homem á explicação theologica e á ontologia metaphysica. O seu dogma fundamental consiste na concepção de uma ordem immutavel, á qual são submettidos os acontecimentos de todos os generos. Ao ideal do catholicismo succede a Humanidade. *Diis extinctis Deoque successit Humanitas.*» (4)

A essa orientação obedeceu a minha conducta, quando concorri, ao lado de muitos para a fundacção do *Club Academico Positivista*, no principio do anno de 1879.

Mas já em Maio de 1879 era assim que eu definia o meu pensamento: «A idade moderna é a idade positiva da humanidade. A instrucção é e deve ser o grande problema da sociabilidade moderna. Só a sciencia positiva fará despontar a aurora da regeneração social e presidirá a installação da verdadeira e racional organização politica.

«Trabalhar no campo restricto, mas fecundo e exhuberante da sciencia, é trabalhar em prol da grande revolução da idade moderna.

«E todos aquelles que o fazem, merecem a denominação de positivistas, e collaboram consciente ou inconscientemente na portentosa obra de Augusto Comte.» (5)

Eu não era desde então o que se chama um positivista orthodoxo. Mais de uma vez Comte falou no que elle chamava

(4) Artigo publicado em 1878 na *Phenix Litteraria*, Revista da Escola Militar.

(5) Revista *Phenix Litteraria*. 1879.

os *positivistas incompletos*, oppostos aos *verdadeiros positivista* theoreticos ou praticos, que «são os que abraçam toda a questão fundamental, subordinando sempre a intelligencia á sociabilidade.»

Os positivistas verdadeiros, os positivistas completos são os religiosos, para quem o positivismo é antes de tudo uma religião, com o seu dogma, com o seu culto, com o seu regimen, como concebeu Aug. Comte.

Da leitura das primeiras paginas deste livro, consagradas ao exame de umas tantas questões de philosophia positiva, resulta logo manifesto o meu ponto de vista. Sou dos que podem tomar para si a denominação de *positivistas independentes*, felizmente consagrada n'um livro de Ribot.

Sinto o meu espirito refractario á subordinação cega a qualquer systema exclusivo. Por maior que seja a minha veneração pelo eminente philosopho, cujo nome enche todo o seculo XIX, tamanho é, ha na obra complexa de Comte, quando começam as regras severas do regimen e o formalismo do culto, cousas que nunca chegaram a calar no meu animo naturalmente rebelde. Mais de uma vez a critica, como a fizeram implacavel, desapiadada, odienta os adversarios de Comte, ou calma, serena, e justa, embora severa, de admiradores e adeptos d'elle, foi por mim repugnada. De outras vezes porem a verdade me pareceu encerrada nas paginas onde as falhas do positivismo surgiam apontadas por indagadores imparciaes.

Nesses debates, feridos nas mais altas regiões entre homens de sciencia e espiritos philosophicos, apprendi, e nelles fez-se a minha consciencia, tal qual ella é, tendo por pabulo as verdades colhidas em todo os campos, enriquecida com os bens havidos por esforço e trabalho proprio.

Eu não scu em philosophia, como nunca fui em politica, um sectario cego de ninguem. Repugnam-me os rotulos em *ista* quando significam passiva submissão da razão ao pensamento de um homem só. Assim eu não sou comtista, nem littréista, nem laffittista, nem spencerista. Sou um adepto da philosophia positiva: conscientemente o sou. Os principios dessa doutrina philosophica, esses foram hontem, e esses ainda hoje são os principios que eu adopto e sigo. Mas sempre me reservei a liberdade de examinar as consequencias que de taes verdades fundamentaes podem ser deduzidas pelo raciocinio mais ou menos bem dirigido. E foi assim que, sobretudo em politica, uma e muitas

vezes, fiquei divorciado dos melhores mestres, discípulo incompetente talvez, mas escravo primeiro que tudo da minha propria consciencia, que pode bem ser um phanal quasi apagado, mas que ainda assim é a frouxa e pallida luz que me orienta.

Que de vezes eu não senti a dôr desse divorcio! E quantas outras vezes não fiquei a meditar levando á conta da minha incapacidade mental ou moral a resistencia aos conselhos que confrades meus formulavam como corollarios dos principios que todos nós adoptamos e seguimos!

Então acudiam-me á memoria as palavras de Comte falando nesses espiritos mais revolucionarios do que positivistas, «cuja cega repugnancia a toda generalisação e systematisação não offerece senão o desenvolvimento completo da empirica inconsequencia dos *pretensos positivistas*, que querem impedir a nova philosophia de ir ter á verdadeira religião.» (6)

E Comte falára já na inferioridade moral, companheira inseparavel dessa inconsequencia mental.

Poderão assim explicar alguns, os meus desconchavos, e dar a razão dos meus desacertos, se em verdade o são. Nelles continuo e persisto até hoje. Nem o estudo, nem o tempo lograram emendar a minha conducta. Se ando em erro, ao menos não sou impenitente, porque a razão, meu unico e inseparavel guia, não me apontou ainda melhor caminho.

Mais de uma pagina deste livro é consagrada á defeza da philosophia positiva. Por ella tenho pelejado sempre em toda a minha vida publica.

Bom é que ao começar fiquem cravados os marcos, que assignalam os limites da minha adhesão ao positivismo.

II

E' no Brazil que se encontra o genuino positivismo religioso, philosophico, politico e scientifico, tal qual o constituiu com todas as suas peças Augusto Comte.

O Centro positivista da Capital Federal é o representante

(6) Aug. Comte. *Cinquième circulaire annuelle.*

único do positivismo integral, massiço e sólido como um bloco de granito, com todas as suas arestas salientes, em todos os seus mais miúdos detalhes, immutável e intangível, sagrado em todos os seus elementos. Para essa classe de sectários, os que mais legitimamente podem ser considerados orthodoxos, Comte representa alguma cousa de sobrehumano pela superioridade do seu génio inegualável, com a faculdade de revelar ao mundo a nova philosophia e a religião do futuro. A sua palavra é bem a palavra inspirada de um propheta, com o dom da presciencia, com o apanágio da inerrancia, creando um curso de philosophia, que é uma Biblia, e um Systema de politica, que é um Evangelho.

Por maior que seja a sincera admiração que me inspira o talento superior dos eminentes compatriotas, que são os chefes mais auctorizados da escola positivista brasileira; por mais que me mereça a severa e exemplar conducta, com que praticamente, por actos e exemplos, revelam a excellencia dos princípios moraes da doutrina regeneradôra; não é lá que encontrarei os moldes exactos do meu pensamento. Mais de uma vez, na vida publica e na carreira da politica, tenho me sentido feliz de acertar com o caminho por onde vão certos os representantes mais reconhecidamente fieis da philosophia positiva e os mais devotados apóstolos da Religião da humanidade. Nunca porem fui um positivista completo, já o confessei outr'ora. E confesso-o de novamente aqui.

Pièrre Laffitte é actualmente na França, e em toda a Europa, o mais alto interprete das theorias e doutrinas positivistas. Depois de Littré, o abalisado discipulo, a quem Comte chamou *eminente collega*, e cuja penna de escriptor celebrado foi a arma poderosa, que quebrou a conspiração do silencio feita em derredor do Mestre pela alliança da theologia e da metaphysica, ninguem melhor do que Laffitte tem sabido propagar a idéa nova e evangelisar o novo credo philosophico.

Laffitte é uma alta mentalidade, um grande espirito philosophico, successor de Comte e legitimo continuador da sua obra imperecível, tarefa a que tem consagrado longos annos de existencia laboriosa e fecunda.

Laffitte teve o merito superior de introduzir no todo das creações de Augusto Comte o que nós poderíamos chamar os coefficients praticos, tornando muita vez claro e inteiro o criterio da relatividade, que dá ás idéas e ás instituições o maior

valor util, tornando-as opportunas. O mais notavel dos discipulos de Augusto Comte, mais de uma vez teve que esquecer essa regra de cega obediencia passiva para adaptar modificadores essenciaes e necessarios ao systema rigido das idéas do mestre.

E' como si as leis de hygiene mental reclamassem por indispensavel, de quando em quando, uns golpes de ar, umas correntes de oxigenio retemperador, uns fortes feixes de luz para purificar o ambiente de um pesado casarão hermeticamente cerrado. Esse tem sido o papel de Laffitte: rasgar nos espessos paredões do positivismo, as apertadas frinchas por onde entra nessa mole a nova luz e o novo ar.

Um distincto positivista inglez, o sr. J. H. Bridges esboçou admiravelmente essa funcção de Laffitte. Tendo falado nas relações entre um discípulo e um mestre, denunciando essa minoria, mais honesta e mais acanhada, para quem o papel de discipulo corresponde a uma repetição cega e sem proveito das palavras do seu mestre, feita a proposito e fora de proposito, sem grande consideração pela epoca em que foram ditas nem pelas pessoas a quem eram endereçadas, o sr. Bridges, remata assim: «O sr. Laffitte evitou este duplo escolho. Abertamente e lealmente elle reconheceu Comte por seu mestre sem tomar nunca o compromisso de consideral-o infallivel, concentrou todas as suas forças intellectuaes no desenvolvimento das concepções, que Comte apenas tinha esboçado, ou tinha desenvolvido em linguagem abstracta, cuja applicação concreta ninguem lograva alcançar. Voluntariamente empregou-se elle em completar o programma que a morte prematura de Comte tinha vindo interromper.» (7)

Sejam quaes forem os meus applausos á obra extraordinaria de Laffitte, em mais de uma pagina deste livro rebenatarão desaccordos, em face dos quaes eu não posso tomar o titulo de laffittista. Esse termo significaria um sujeição de pensamento a que me confesso revel. Como religião, o positivismo encontrou em Laffitte um verdadeiro fiel. Ora, eu acredito que as religiões são factos sociaes, phenomenos historicos, que não é dado construir de uma assentada pelo esforço de um só cerebro, seja esse embora o mais poderoso cerebro que já existiu. Obra de seculos,

(7) *Revue Occidentale*. 1895.

feita como um monumento colossal e granítico, pedra por pedra, pela mão de numerosos operarios sob a inspiração de uma multidão de mestres insignes, uma religião não pode surgir delineada, feita e acabada no decurso de uma estreita vida individual. A historia encerra a mais proveitosa lição, quando mostra como as religiões nascem, crescem e maduram sob o influxo de gerações successivas, conscientes e inconscientes operarios dessa obra pessoal, como todas as instituições humanas.

Tenho para mim que Augusto Comte traçou o rumo direito e seguro por onde a sciencia se fez philosophia, e a philosophia ha de fazer-se religião. Si o homem, consoante o aphorismo fundamental que elle apregooou, torna-se cada vez mais religioso, a religião no futuro ha de com certeza ser essa fé que se demonstra, esse dogma que se resume nas leis verificadas da sciencia, esse culto que se traduz pelas grandes commemorações civicas, graças ás quaes os povos sentem-se de novo ligados por laços moraes, surgidos para substituir os quebrados elos da antiga religião theologica, abastardada, senão morta de vez.

Eu diria como o sr. Theophilo Braga, o erudito e notavel professor portuguez: «Não acompanhamos a concepção de Comte em quanto ás suas formas religiosas, mas reconhecemos que nas sociedades modernas alguma cousa se passa, que tendendo a satisfazer necessidades de sentimento, vae ao mesmo tempo substituindo as religiões. A synthese activa está sendo realisada espontaneamente nas *Exposições*, formadas pelos productos dos esforços pacificos; a synthese affectiva, correspondendo ás novas noções moraes de solidariedade humana, manifesta-se pelos *Centenarios* dos grandes homens ou dos grandes successos; a synthese especulativa, como reconhecimento geral do poder espirital da sciencia, effectua-se por meio dos *Congressos*, em que a Patria se alarga na Humanidade. Comte quiz ir mais longe do que o permite a marcha espontanea dos factos; achou-se por isso no dominio da phantasia». (8)

Não obstante os ataques impiedosos, com que os positivistas mais ou menos orthodoxos tem ferido a individualidade scientifica de Littré, o grande erudito francez é para mim um excellente

8) Theophilo Braga. — *Systema de Sociologia*.

guia. Ha na sua vida intellectual realmente faltas a apontar. Sob o ponto de vista moral é francamente justa a linguagem dos que censuram a sua attitude, após a morte de Augustó Comte. E sobretudo a infeliz tentativa de crear novas bases para a Sociologia, que Comte assentára sobre a lei dos tres estados, faz com que elle não seja o mestre impeccavel.

A *lei dos quatro estados* de Littré foi severamente criticada por Laffitte, com os melhores fundamentos. (9)

«Em primeiro lugar a pretendida lei do sr. Littré não tem senão um primeiro inconveniente: é de não poder ser considerada em verdade uma lei. Lei é a variação de um phenomeno após um outro, que é a variavel independente e que, em sociologia dynamica, é ordinariamente o tempo. Mas que relação e que homogeneidade ha entre a necessidade, a moral, o bello e a sciencia, cousas, que uma á outra se succedem? São phenomenos heterogeneos, e por consequinte a successão delles não pode dar lugar a uma verdadeira lei. Considere-se, ao invetz, a concepção de Augusto Comte, e é uma lei real que se nos apresenta aos olhos; porque ahi trata-se da lei de successão necessaria dos modos de ligação proprios ás nossas concepções, sobretudo abstractas; é pois sempre o mesmo phenomeno, ligação das observações, cuja lei de variações successivas se estuda. Littré diz que a lei de Augusto Comte é puramente empirica. E' verdade, mas tambem assim é para as leis de Kepler. E' bem verdade que o ponto de partida foi a verificação de um grande factó, mas não é exacto dizer que Augusto Comte não foi além. Elle procurou ligar esta lei de evolução ás disposições theoricas mais geraes ainda do entendimento humano, e fez ver que, assim como toda theoria suppõe observações, reciprocamente as observações suppõem uma theoria; o que, no começo, crêa para o entendimento uma situação contradictoria, donde só é possivel sahir graças á espontaneidade do espirito theologico, que aos phenomenos humanos assimila todos os phenomenos. Estabelecido este ponto de partida,

(9) E' este o enunciado de Littré: «No esboço de desenvolvimento que eu acabo de traçar, notei como quatro degraus successivos: a necessidade que é o degrau inferior e o primeiro; a moral, que é o segundo; o sentimento e a cultura do bello, que é o terceiro; e a sciencia, que é o quarto.» *Paroles de Philosophie positive.*

Augusto Comte mostra como a harmonia entre as observações e os laços mentaes engendra os estados successivos do entendimento humano, cuja lei elle verificou. Enfim a fundação da philosophia primeira permittiu-me ligar esta lei de evolução, de um lado á primeira das leis dessa mesma philosophia, e de outro á theoria do equilibrio mental, que passando por muitos estados successivos, tende para a estabilidade scientifica. O Sr. Littré pretende enfim fazer da lei dos tres estados de Comte apenas um caso particular da lei dos quattros estados. Aquí é que eu confesso que a cousa me parece verdadeiramente incomprehensível. Como é lá possível que a lei de Augusto Comte, traçando a marcha dos modos successivos de philosophar ou de coordenar as observações, possa ser um caso particular de uma lei em que se mostra a pretendida successão da necessidade, da moral, do bello e da sciencia; em quanto a lei de Augusto Comte é só relativa aos diversos estados da sciencia, theologica primeiro, depois metaphysica e afinal positiva?» (10)

O dr. Robinet escreveu tambem umas admiraveis paginas refutando a theoria das quatro idades de Littré, e defendendo a lei dos tres estados, tal qual Comte a fixou como base da sociologia positiva.

Littré, notemol-o de passagem, não repelliu nunca a lei da evolução intellectual enunciada pelo fundador do positivismo. Antes é clara a sua confissão reconhecendo que por essa descoberta o genio de Comte lançou as bases solidas da nova sciencia da physica social: «Essa lei, porque na realidade ella o é, foi felizmente descoberta; ella determinou o sentido da evolução e fundou a sociologia.»

Ao argumento, que oppugnava a nova lei fundamental da sociologia dinamica, por que era o resultado de um mero empirismo, porque Augusto Comte transformou em principio um facto de simples observação feita no campo da historia, oppunha Robinet estas allegações: «Em primeiro lugar a lei de Comte, do mesmo modo que todas as leis scientificas, consiste em uma relação abstracta obtida por indução, e resulta da observação de um laço fixo, descoberto entre phenomenos, que a

(10) P. Laffitte. *Cours de Philosophie première*. Vol. I.

existencia universal revela como dependendo um do outro. A tal titulo é ella tão racional como as leis de Kepler, de Galileu, de Newton, de Mariotte, de Bichat. Não ha pois nada que justifique essa especie de desfavor metaphysico, que sobre ella pretendeu lançar o sr. Littré, taxando-a de empirica.»

E n'outra pagina do mesmo livro (*Vie d'Auguste Comte*) assim falou o mesmo fiel discipulo da philosophia positiva, em defeza da concepção scientifica do Mestre: «Foi pois inductivamente, pela contemplação do conjuncto de todos os productos do espirito humano, em um tempo e um espaço sufficiente, que o genio positivo pôde se elevar a essa grande descoberta, sem que de modo nenhum fôsse possivel proceder de outra forma. Todavia uma tal lei, que resulta da natureza mesma da nossa intelligencia poderia ter sido achada deductivamente, se a sua descoberta não tivesse de ser anterior á das diversas leis logicas que Augusto Comte accrescentou finalmente á concepção fundamental de Aristoteles. E' porque a faculdade de chegar hoje deductivamente á instituição e á verificação desta mesma lei de evolução, tomando por base a constituição elementar do nosso espirito, da-nos um novo e precioso meio de confirmar-a.»

No que diz respeito especialmente ao que Littré considerou uma *lei racional*, «que sem tocar na realidade da *lei empirica* de Augusto Comte, vae alem desta, explicando-a e comprehendendo-a como um caso particular», Robinet, com fundamento rejeitava essa theoria, que faz simultaneamente concorrer, para constituir uma só lei de civilização, phenomenos completamente heterogeneos, as necessidades, as religiões, as artes e as sciencias.

«Nossas concepções, com effeito, consideradas no seu todo ou em detalhe, nunca passaram pela idade das necessidades, da moral e do bello, como pensa Littré; theologica, metaphysica ou positiva, a philosophia teve sempre por objecto a explicação do universo e do homem; ella consistiu sempre em uma indagação puramente intellectual, profundamente distincta da satisfação das nossas affeições e de nossas aptidões estheticas. Da mesma sorte nenhuma sciencia, mathematica, astronomia, physica, chimica, etc., passou nunca pela idade das necessidades, da moral ou do bello, por isso que não pode existir nenhuma homogeneidade entre uma necessidade e um pensamento, entre

uma inspiração moral ou esthetica e uma construcção scientifica.»

De quanto fica exposto resulta manifesto o fundamento do meu asserto, quando reivindico o titulo de discipulo da philosophia positiva, humilde embora, mas com a liberdade de pensar. No seu conjuncto essa philosophia, que é pelas suas largas bases, um producto do genio de Augusto Comte, ha de permanecer estavel. Mas como todas as creações do genero humano está sujeita a padecer as modificações naturaes e necessarias do tempo. *Tempus edax*. E o grande poeta francez para significar a funcção certa e infallivel da critica do proprio homem, acrescentou: *homo edacior*. Mesmo fóra dessa actividade demolidora, ha um papel essencial para os que no dominio da cousas do espirito exercem funcção indispensavel, opportuna e util, apagando aqui um senão, pondo ali um appendice.

Já de Laffitte houve quem dissesse, que elle é para Augusto Comte o que Architas foi para Pythagoras, Theophrasto para Aristoteles, Luini para Leonardo de Vinci. Bem definida ficou assim a sua missão como continuador, que elle na realidade é, da obra do mestre, que lhe incumbe alargar e desenvolver, adaptando-a ás condições novas, que o tempo faz surgir, pondo-a de accôrdo com os progressos das sciencias, de que a philosophia positiva é a synthese.

Com acerto falava Ollé-Laprune, quando, prefaciando a traducção do livro do Padre Gruber, distinguia o positivismo estreito, «que é uma doutrina, e melhor ainda uma Igreja» do positivismo largo, «que é sobretudo um methodo e um espirito».

Era bem esse positivismo largo que definia Laffitte: «é com effeito um privilegio do character real e relativo do Positivismo, o poder ser, em toda consciencia, aceito e applicado em parte, por homens que não o adoptam integralmente.»

Com a auctoridade insuspeita do seu nome, o jesuita Gruber reconhecia, contra criticas injustas, que Augusto Comte é o verdadeiro fundador do Positivismo: «Foi com effeito elle quem deu o primeiro impulso, e o mais energico a essa corrente positivista, que tanto se alastrou em nossos dias, e que representou o papel preponderante no grande movimento intellectual, que caracteriza a nossa epoca melhor do que qualquer outro.»

E' desse positivismo, scientifico-philosophico, que podem derivar pensadores como Stuart Mill, como Lewes, Littré, H. Spencer (11) e até Huxley. (12)

Em um recente estudo, publicado na *Revue Occidentale* (13), o Dr. C. Hillemand proclamava a influencia enorme que o positivismo exerceu no mundo da sciencia e da philosophia: «Basta com effeito passar em revista os nomes dos principaes agentes da evolução philosophica moderna, independentemente dos que pertencem á Escola positivista orthodoxa, para reconhecer, com plena convicção, que todos quantos tem pensado no seculo presente, são inspirados, em graus diversos, pelo methodo formulado por Comte, e pelos principios que elle estabeleceu.»

E o mesmo escriptor citou, entre muitos outros, n'um extenso rol, os nomes de Berthelot, Durkheim, Espinosa, Fouillé, Guyau, Tarde, Bain, Cairnes, Lewes, Mill, Spencer, Czolbe, Knies, E. Laas, Strauss, Ardigo, Ferri, Siciliani, Lombroso, Sciamanna, Wyruboff, Wechniakoff, em comprovação daquelle asserto.

III

Desde 1881 eu humildemente assumia a posição, que só me parecia compatível com os progressos da razão humana, que ninguém serviu melhor do que Augusto Comte. Já por esse

(11). «Nós devemos admirar a grandeza da descoberta feita por Comte. Seu methodo de ver os phenomenos é verdadeiramente philosophico. Embora haja nos primeiros capitulos da sua Sociologia idéas particulares, que eu não posso admittir, é certo que lá se encontram pensamentos verdadeiros, e ao mesmo tempo largos e fecundos; e todo o volume revela uma largueza e uma profundeza de espirito que excedem a tudo quanto anteriormente se havia escripto sobre tal assumpto» (Herbert Spencer.)

(12). «As obras de Comte me fizeram ver que é possível organizar a sociedade sobre uma nova base puramente scientifica. Hei de ser-lhe sempre reconhecido, e saberei fazer-lhe sempre justiça, porque foi elle quem me fez comprehender que esta nova organização era o unico alvo que convinha procurar-se com esforço alcançar.» (Huxley)

(13) *Auguste Comte et l'évolution moderne. Revue Occidentale*. 1 de Setembro 1896.

tempo eu sustentava que a philosophia positiva tem progredido a mais e mais depois de Augusto Comte. (vid. pg. 41), tomada aquella palavra na sua mais lata accepção, e saindo do circulo estreito, em que se encerram os discipulos do incomparavel philosopho.

«Assim comprehendida, a philosophia positiva, affirmava eu, ninguem dirá que Comte escreveu a ultima palavra della, e é uma contradicção com o proprio mestre, o não querer ultrapassar o circulo de ferro que se afigura formado pelo que elle produziu na epoca em que elaborou o seu notavel tratado.

Já Emerson, citado por Tyndall, fallava nesses circulos em que a força do genio aperta as operações da intelligencia, mas que são cedo ou tarde quebrados por uma pressão exercida do exterior.» (vid. pg. 59 deste livro).

Um positivista, inglez cujo nome citei já, paginas atraz, discutiu com largueza de vistas esta these—a auctoridade de Augusto Comte.

Tenho por excellentes estes dizeres seus: «Considerando, como considero, Augusto Comte o maior pensador dos tempos modernos, e talvez mesmo de todos os tempos, pensando que elle deu á religião uma base nova e indestructivel, é natural que eu estude os seus escriptos, cheio do mais profundo respeito e que me sinta muito sinceramente disposto a dar o maior valor ás suas opiniões, mesmo quando ellas me não parecem consequencias necessarias dos principios geraes do positivismo. Tenho-o por mestre, e me proclamo seu discipulo. Creio que o conjuncto das verdades que mais tarde se hão de reconhecer como constituindo o positivismo, e que como tal se ensinarão, não pode ser senão o que Augusto Comte estabeleceu. Estou convencido tambem, de que a organização religiosa do futuro, seja qual fôr o caminho seguido para lá chegar, não poderá differir muito da que elle esboçou... Mas, segue-se d'ahi que eu aceite todos os juisos de Augusto Comte, que o considere o homem incapaz de fer commettido erros, que nunca revelou-se inconsequente, que attingiu os limites de todos os conhecimentos uteis, cujas regras e planos de regeneração social nunca serão passíveis de accrescimos ou de subtracções? Certamente que não. Eu repudio uma tal profissão de fé como sendo degradante; eu a repudio como retrograda, opposta ao progresso, e em contradicção com tudo

o que constitue o espirito e a significação mesma do positivismo.» (14)

Assim falava o sr. Beesly, para quem Augusto Comte será sempre uma auctoridade, mas não a unica, a que decida sem appellação. E á opinião de um co-religionario francez, sustentando que—«o unico criterio de um positivista não pode ser senão a palavra de Augusto Comte»—redarguia o escriptor inglez: «Uma semelhante linguagem prova até que ponto a mais racional das crencas é irracionalmente defendida.»

Outro positivista inglez, o sr. J. H. Bridges, não é menos peremptorio em proclamar o direito de livre exame, que a consciencia humana não pode abdicar. Assim dizia elle, tratando da obra de Augusto Comte: «Que haja, na sua politica pratica, pontos em que é permittido pôr de reserva o julgamento ou mesmo fazer opposição, ninguem contestará. Mas na politica, a qual como a medicina não pode nunca ser uma sciencia, porem somente uma arte fundada sobre uma sciencia, é indispensavel deixar muita margem a taes dissentimentos em quanto existir a raça humana. Como eu dizia, ao começar, o sr. Laffitte viu em Comte, não um propheta inspirado, mas o maior dos mestres e dos pensadores modernos, e não hesitou em divorciar-se delle, todas as vezes que reflexões maduras vinham aconselhar esse divorcio. E nisso ficou para todos nós um exemplo a seguir. Suppor que Comte é infallivel, seria attribuir-lhe uma revelação milagrosa, e o tempo dos milagres já passou. Nem é prova de respeito para com um mestre, a aceitação de erros seus.» (15)

Ainda um positivista inglez virá depôr neste processo. Em uma conferencia, feita a 5 de Setembro de 1890, na Sociedade positivista de Newton Hall, eram estas as palavras do Sr. S. H. Swinny, referindo-se a um certo modo de julgar a obra de Comte, considerado um modo perigoso pelo orador:

«Entre os que estão de accôdo para admittir que o quadro do futuro, que elle desenhou, encerra mais detalhes do que os principios scientificos podem comportar, ha quem pretenda que é de nosso dever aceitar a sua obra toda inteira, sem tirar nem

(14) *Revue Occidentale*, organe du positivisme. Directeur: Pierre Laffitte. 1894.

(15) *Revue Occidentale*. 1895.

pôr uma só palavra, deixando ao futuro o cuidado de decidir, e que nada de decisivo foi ou pode ser feito durante os trinta e três annos que nós temos de examinar. Tal pretensão se me afigura ser uma condemnação pura e simples do methodo positivo. Pois então, deu-nos o mestre essa poderosa alavanca do methodo scientifico, e em lugar de empregal-a no estudo da evolução da sociedade e das instituições sociaes, a nossa virtude consistiria em desprezar este instrumento maravilhoso ?»

E falando especialmente de Darwin e Spencer, os dois grandes pensadores inglezes, que tantos positivistas amaldiçoam, Swinny dizia assim: «O papel dos positivistas, quanto a Spencer, a Darwin e aos outros chefes do pensamento em nossa epoca, não é tanto pôr em relevo os pontos em que elles não se encontram de accôrdo com Aug. Comte, como estudal-os cuidadosamente afim de descobrir o que elles encertam de verdade, seja em materia de doutrina, seja em materia de methodo, separar o joio do bom trigo, em uma palavra, juntar tudo o que nelles ha de bom e de são ao capital scientifico já adquirido para fazel-o servir á vida e á religião do futuro.» (16)

E porque não citar positivistas francezes, cujo testemunho é da maior fé, vindo como vêm de sectarios da Religião da Humanidade, tal qual a instituiu o seu fundador?

Era nestes termos que se enunciava o dr. Constant Hillemand em um estudo subordinado ao titulo—*A. Comte Medecin*—publicado na *Revue Occidentale* no anno de 1891:

«Si eu sou positivista porque o Positivismo me parece ser, entre todas as doutrinas que disputam o imperio do mundo nesta epocha de transição, a que encerra a maior somma de verdades, e tambem a que, pelo seu espirito relativo é mais apta a assimilar todas as verdades do futuro, eu não pertença ao numero desses comtistas insufficientemente emancipados dos habitos theologicos do espirito, os quaes não admittem que o cerebro de Aug. Comte tenha podido ser sujeito aos mesmos accidentes que os cerebros de outros homens, e attribuem uma certa infallibilidade aos seus escriptos. Com taes disposições de animo, são naturalmente levados a negar toda descoberta cien-

(16) *Revue Occidentale*. 1891.

tifica, que não é conforme ás proposições, que o mestre consignou na *Politique Positive*, á maneira dos catholicos que negavam o movimento da Terra em nome da Biblia. Pela minha parte, hei de sempre resguardar-me do fatal espirito de systema (que é necessario não confundir com o espirito systematico, como o fez notar d'Alembert), e não esquecerei nunca de pôr em pratica este sabio conselho de Renan: «que é sempre bom a gente variar os pontos de vista, e dar ouvidos aos arruidos que vem de todos os lados do horizonte.»

Nós vamos agora invocar, para dar testemunho da justeza da causa defendida aqui, o nome do maior oraculo do positivismo, Pièrre Laffitte.

Tratando do problema da alliança religiosa universal, que Comte formulára e cuidara de resolver no *Appel aux conservateurs*, disse Laffitte:

«E' essa solução que se trata de examinar, ou antes de substituir, attendendo ás immensas modificações que soffreu a situação depois do momento em que Augusto Comte escrevia. A minha apreciação sobre este problema da alliança religiosa terá, ao mesmo tempo, um valor logico, mostrando como é possivel modificar as soluções praticas propostas por Augusto Comte, guardando o maior respeito pelos seus principios e fazendo uso do seu methodo, embora sejam levadas em conta as mudanças que a successão dos acontecimentos acarretou.»

E porque Augusto Comte preconizava a alliança do Positivismo com o Catholicismo por intermedio da Companhia de Jesus (17), Laffitte condemnou essa indicação pelos fundamen-

(17) Comte dirigiu um appello aos ignacianos. Alfredo Sabatier, um joven discipulo da philosophia positiva, recebeu do mestre a missão de servir de intermediario nessa alliança projectada entre os partidistas da razão emancipada e os sectarios das mais anachronicas doutrinas. A conducta do Padre Beckx, geral da ordem, era o que se devia esperar do chefe da mais intolerante das seitas. Refere o Padre Gruber (*Auguste Comte*) que a todas as proposições de Sabatier, polida e invariavelmente foi respondido: «Os jesuitas são apenas uns pobres religiosos que não cuidam de politica; entre os membros de uma ordem, cujo centro de existencia é Jesus Christo e os que negam a divindade de Jesus nenhuma a alliança religiosa é possivel.»

Como se vê o padre não comprehendeu o valor moral e philosophico da tentativa, e, segundo refere Gruber o Padre Rubillon, assistente das provincias

tos allegados nestas palavras: «Eu não posso adoptar uma tal opinião. O aborto da tentativa de Comte tenderia a infirmar a sua maneira de ver quanto a este assumpto; acresce porém, a isso uma razão mais profunda, que resulta da propria natureza da Companhia de Jesus, cujo destino foi sempre politico. Em segundo lugar a queda do poder temporal do Papa, deu a este um novo character com uma nova preponderancia; o que Augusto Comte não tinha previsto, nem poderia prever, pois, elle não acreditava de modo nenhum na possibilidade da unidade italiana.» (18)

Além dessa errada previsão no que toca aos interesses religiosos, Laffitte denunciou em Comte outro juizo menos acertado, quando, tendo em vista o typo eminente de J. de Mais-tre considerava a theologia como ligada ao Positivismo por laços de mais estreita sympathia. Laffitte, ao inverso do que pensara Augusto Comte, veio declarar que a philosophia é mais sympathica ao Positivismo do que a theologia. (19)

De previsões erradas quanto á religião e á philosophia, vamos ao ponto de vista pratico, onde naturalmente são maiores as incertezas e mais facéis os equivocos. Porque não lembrar aqui aos positivistas fanaticos, cegos escravos da palavra do mestre, que Comte mesmo não pretendeu legar aos seus succes-

de França, nem ao menos suspeitava a existencia do celebre philosopho, e pensava que era do economista Carlos Comte que se tratava.

E' que o fundador da philosophia positiva esquecera, nessa louvavel preocupação de «favorecer o advento do novo poder espirital, e de collocar o antigo em condições de independencia e de moralidade necessarias á sua transformação positiva ou á sua digna extincção.» (Robinet—*Vie d'Auguste Comte*), que a Companhia de Jesus tinha na realidade uma politica propria, a qual devia ter um character eminentemente corruptor e radicalmente contradictorio, conduzindo a organizar uma sorte de mystificação unívrsal, onde cada um deveria ser ao mesmo tempo e pelos mesmos intuitos logrador e logrado. (Aug. Comte. *Cours de philosophie positive* vol. V.)

Era bem essa politica, que falava pela bocca de Rubillon, a politica da intolerancia: tudo ou nada, *sint ut sunt aut non sint*.

(18) *Revue Occidentale*. L'evolution catholique. 1894.

(19) *Revue Occidentale*. 1891. Mais de uma vez Laffitte neste estudo—A metaphysica e o Positivismo—emprega a palavra philosophia sem o qualificativo-metaphysica.

sores uma obra acabada no todo e nos detalhes sem a minima questão aberta, que á posteridade coubesse resolver?

«Eu sempre entendi, affirmou elle, que aos meus successores caberia o desenvolvimento da systematisação final. Sómente o que me estava reservado, era o estabelecer as suas bases directas, e caracterisar-lhe o espirito depois da concepção do plano. Em uma palavra eu devia instituir a religião positiva, mas sem poder constituil-a.» (20)

Tratando da acção da Sociedade positivista em face dos successos politicos de 1848, em França, acção toda ella regulada pelas idéas e opiniões de Augusto Comte, assim expressou-se Laffitte: «As vistas de Comte (era isso tão natural quanto legitimo), tendo variado com as circumstancias e as modificações espontaneas da situação, é de toda evidencia que os mais fanaticos partidarios de uma pretendida infallibilidade absoluta de Augusto Comte não podem negar-nos o direito de fazer uma escolha entre proposições differentes, embora applicaveis ao mesmo assumpto.

«E' preciso nas creações de Aug. Comte destacar duas cousas de valor differente, e distinctas ainda que correlatas: a criação da sciencia social, e sua applicação ao curso dos acontecimentos politicos contemporaneos e quasi immediatos. Sob o primeiro ponto de vista, a obra de A. Comte me parece decisiva e eterna. Como a Geometria se desenvolveu sobre as bases lançadas por Thales e Pythagoras; a Astronomia sobre as que Hipparco estabeleceu; a Physica sobre os alicerces construidos por Galileu, Boyle, Mariotte, etc.; a Chimica sobre as descobertas e as concepções de Lavoisier; assim, no meu entender, toda a evolução da Sociologia positiva se fará sobre as bases que Comte inabalavelmente solidou, sejam quaes forem os accrescimos e os desenvolvimentos ulteriores, que possam ellas receber. Mas, quanto ás applicações á pratica corrente, já não succede o mesmo. Além das inevitaveis lacunas na propria Sociologia abstracta, muitas vezes faltavam a Augusto Comte dados sufficientes, sem os quaes a passagem do abstracto para o concreto effectua-se sem a precisa segurança tanto em politica como

em mecânica; o que o prova é a variação mesma das indicações de Comte, conforme o desenvolvimento espontaneo dos acontecimentos. De outro lado, a falta de realisação de muitas previsões de Comte revela bem a insufficiencia de suas vistas praticas em muitos casos. Assim elle pensava que o estabelecimento do imperio por Napoleão III não teria senão uma duração ephemera, e succumbiria sob uma reacção interna dos elementos progressistas da França. Ora esse regimen durou dezoito annos e não succumbiu, após faltas inauditas em politica exterior, senão sob a acção do estrangeiro invasor.» (21)

Entre as medidas aconselhadas por Comte ao góverno de transição dessa epoca, figurava a abolição da conscripção, o licenciamento do exercito e a substituição deste por uma força de 80 mil gendarmes. Laffitte commentava: «Em face da terrivel organisação militar que a Allemanha fez surgir, comprehende-se quão illusorio seria o papel de um exercito revolucionario. A França teria sido invadida e esmagada antes que elle pudesse constituir-se.»

Tal o positivismo, como o admitem e pregam discipulos genuinos, e entre elles um já consumado mestre, feito pela saber, e pela experiencia tambem feito. Se assim é, e deve ser, como persistir nessa critica apaixonada e injusta, que aos olhos do publico expõe a philosophia positiva, como um reducto fechado e morto, onde a gente penetra despindo as esperanças de conhecer verdades novas, com os olhos cerrados á luz, que promana da sciencia trabalhada pelas mãos dos investigadores inde-

(21) *Revue Occidentale*. 1890. N. 1. Em outro trabalho, publicado no mesmo numero da *Revue Occidentale*, Laffitte procura dar a causa dessa illusão do espirito de Comte: «Eu quizera remontar com mais precisão á fonte philosophica de uma semelhante illusão; porque é da theoria do entendimento humano que se trata aqui; e é em casos taes que faz-se principalmente necessario pôr as suas leis em evidencia. O erro provem do desconhecimento da dupla lei, da *inercia* e da *massa*, as quaes de resto são correlativas. As cellulas de substancia cinzenta cerebral tem uma inercia muito caracteristica; e por felicidade assim é, pois sem isso as oscillações das opiniões mesmas seriam quasi indefinidas. De outro lado, a massa dos cerebros humanos, que constitue uma nação poderosa, torna as transformações nesta tanto mais difficeis quanto a inercia natural de cada cerebro acha-se em tal caso multiplicada pelo numero; e é por isso que a velocidade das transformações sociaes é muito lenta.»

fessos, ouvidos surdos á voz dos que proclamam e ensinam as descobertas maravilhosas de sabios, que não repousam e que não cansam, Colombos eternos de mundos novos a apparecerem sempre e sempre no *mare magnum* do saber.

Tal o positivismo, como elle só pode ser fecundo e impecivel, antigo porque vêm do passado e da historia, filho dessa sciencia e dessa philosophia grega, que Thales, Pythagoras, Archimedes e Aristoteles ensinaram; moderno, porque a cada hora vão a enriquecel-o as conquistas recentes da sciencia, como a cultivam os Lamarck, os Darwin, os Hœckel, os Huxley.

Honre-se a philosophia positiva de vir de tão longe, mergulhadas as suas raizes em tão remoto passado, germen semeado ha tantos seculos e que só aos nossos olhos pôde crescer e expandir-se e florear numa opulencia farta de principios, que são hoje a nossa maior riqueza intellectual.

Mas que á arvore colossal e frondescente não faltem, cuidadosos e habeis, os operarios para resguardal-a da acção danificadora do tempo letifero, vivos e assiduos nessa labuta de arboricultores, achegando ao velho tronco e ás raizes velhas a terra nova e feraz.

Sabe-se que o Sol, pequena estrella, isolada e perdida no seio de um grande oceano estellar, é para nós fóco inexgotavel de movimento, de calor e de vida; é como uma grande fornalha ignea e rubra, aberta, escancarada donde o calor se irradia para os interminos e frios espaços.

Para que essa perda, avaliada em 16.800 calorias por metro quadrado e por segundo, seja em parte compensada, restituída ao Sol a energia consumida, ensinam os physicos que uma nuvem de meteóros, quasi continua, vem de todas as regiões dos espaços sem limite cair sobre o Sol, como gottas de oleo para manter accessa a lampada enorme, que alumia o nosso pequeno mundo planetario, fragmentos de combustivel para alimentar essa formidanda fornalha.

Para mim a philosophia positiva seria no mundo ideal alguma cousa como um Sol, cuja extineção calculos de physicos audazes não pudessem levar a prever, fonte realmente inexgotavel de luz eterna, sempre reparadas as perdas de energia pelas verdades novas, que a sciencia sem intermittências choveria como aerolithos sobre esse grande fóco central de calor intellectual.

A philosophia positiva ha de caminhar e progredir na proporção que a sciencia caminha e progride.

E com a aquisição de verdades novas se virilisa e fortalece: *vires acquirit eundo*.

E' como pensa o notavel escriptor portuguez, o dr. Theophilo Braga:

«A Philosophia positiva, de Augusto Comte, é o primeiro esboço de uma synthese integral do *estado de positividade* da consciencia moderna; o facto de ser a primeira tentativa justifica a impossibilidade da sua constituição definitiva, e a necessidade de uma rectificação constante á medida que varios factos scientificos se forem prestando a mais vastas deducções. A philosophia é uma necessidade do espirito humano para submeter os phenomenos complicados do universo a uma systematisação racional; esta systematisação, que é, como lhe chama Robin, um repouso mental, precisa ser renovada successivamente ao passo que as sciencias alargam dia a dia o campo da sua observação. Sob este ponto de vista particular, e de dependencia da philosophia das sciencias, nunca a synthese pela primeira vez estabelecida por Augusto Comte pôde ser considerada como inalteravel, como entendem os discipulos testamenteiros.» (22)

A philosophia positiva ou ha de ser o vasto campo, aberto a todas ás elocubrações e pesquisas scientificas, oceano immenso, onde virão despejar todas as torrentes caudaes do saber, ou terá necessariamente de findar esterilizada, quieta, muda, como todos os grandes systemas de que o passado transmittiu-nos apenas os arcabouços, sobejidões de muros carunchados e rimosos, que os seculos desarticularam.

Foi o proprio Comte quem disse que «seria certamente temerario pretender fixar com uma precisão rigorosa os limites necessarios dos nossos conhecimentos em cada parte determinada da philosophia natural.» (23)

E quando eu ouço interdizer por actos decretorios as indagações da astronomia sideral, acodem-me á lembrança estas palavras de Laplace, falando das academias:

(22) Theophilo Braga. Op. cit.

(23) *Cours de Philosophie Positive*. Vol. II.

«Mesurant leur estime, autant á la grandeur et á la difficulté d'une découverte, qu'á son utilité immediate, et persuadeés par beaucoup d'exemples, que la plus stérile en apparence, peut avoir un jour, des suites importantes; elles ont encouragé la recherche de la verité sur tous les objets, n'excluant que ceux qui, par les bornes de l'entendement humain, lui seront á jamais inaccessibles.» (24)

Quando eu vejo Laffitte falar na funcção do methodo subjectivo, «encarregado de indicar, do ponto de vista sociologico, isto é, do ponto de vista das necessidades sociaes quaes são os estudos que não merecem mais os nossos cuidados ou ainda não são dignos das nossas locubrações, quaes os que devem ser empreendidos, e até que gráo ha de subir a indagação», porque «a riqueza intellectual é a primeira de todas» e seria «verdadeiramente curioso deixal-a sem direcção»; passam-me diante dos olhos estas palavras de Augusto Comte, tratando da importancia e do destino das sciencias: «Si a força preponderante de nossa organização não corrigisse, mesmo involuntariamente, no espirito dos sabios o que de incompleto e estreito, em tal assumpto, existe na tendencia geral da nossa epoca, a intelligencia humana, reduzida a não se occupar senão de investigações susceptiveis de uma utilidade pratica immediata, achar-se-ia, só por isso, conforme a judiciousa observação de Condorcet, inteiramente impedida de progredir, mesmo a respeito dessas applicações ás quaes tivessem sido sacrificados os trabalhos puramente especulativos. Porque as mais importantes applicações constantemente derivam de theorias formadas com intenções puramente scientificas, e que muitas veses foram cultivadas durante muitos seculos sem produzir nenhum resultado pratico. E' bem notável o exemplo, que vale citar, das bellas especulações dos geometros gregos sobre as secções conicas, as quaes, após longa serie de gerações successivas, determinando a renovação da astronomia, serviram para conduzir finalmente a arte da navegação ao grande aperfeiçoamentó a que attingiu nestes ultimos tempos, e ao qual nunca ser-lhe-ia dado subir sem os trabalhos puramente theoricos de Archimedes e de Appolonio.»

(24) Laplace. *Exposition du système du monde*. vol. II

Stuart Mill repudiou completamente essa doutrina, que ensina pelo órgão de Laffitte, fiel ás lições de Augusto Comte, que «o sábio não pode como não pode nenhum outro homem esquivar-se aos seus deveres de cidadão, e merece ser censurado todas as vezes que consagrar os esforços da sua intelligencia a estudos ociosos, como se fosse dispensado de trabalhar pela patria.»

Era assim que o notavel publicista inglez rebatia a theoria do utilitarismo e do opportunismo scientifico, levado ao exaggero nessa prescripção, que manda eliminar do campo das investigações humanas, as questões inuteis e inopportunas:

«Mas quem poderá dizer positivamente de especulações guiadas por methodos scientificos convenientes, sobre assumptos realmente accessiveis ao entendimento humano, que ellas não são susceptiveis de nenhum uso? Não é dado a ninguem saber que conhecimentos serão achados uteis, e quaes hão de ser destinados a não ter nenhum valor. Tudo o que se pode dizer é que certos generos de conhecimentos são de uma utilidade mais certa e sobretudo mais actual do que outros. Que de vezes os mais importantes resultados praticos não foram consequencia remota de estudos que ninguem supporia capazes de levar a taes fins... Entre as descobertas que mudaram a face do mundo, quão pouco numerosas são as que foram feitas, ou as que poderiam tel-o sido, graças a investigações tendendo directamente a esse objectivo! Porventura tentativas directas para aperfeiçoar a navegação teriam levado a achar a bussola? E haveria somma de esforços que bastasse para conduzir á invenção do telegrapho electrico, se os investigadores andassem directamente á cata de um meio de communicacão instantanea, antes que Franklin tivesse identificado a electricidade com o raio e Ampère com o magnetismo? O factio archeologico ou geologico o mais insignificante, na apparencia, muitas vezes vem lançar sobre a historia humana luzes, que Comte, que basêa a sua philosophia social sobre a historia, deveria ser o ultimo a escurecer.»

E' por isso que não erram, nem faltam á fé dos principios os que ensinão, como Roberty, em nome da philosophia positiva, «que não ha novidade experimental a qual não possa no momento opportuno achar o seu lugar nesta philosophia». E que se porventura «factos adquiridos e experiencias verdadeiramente scientificas provassem que o mundo não é o que os nossos sen-

tidos nos revelam; si «as condições impostas ao conhecimento pela natureza do espirito humano justificassem plenamente as opiniões geradas pela observação introspectiva; si enfim as explicações scientificas dos factos de consciencia viessem um dia confirmar a maior parte dos presentimentos dos philosophos idealistas, é evidente que essa doutrina, essas condições, essas explicações e esses factos entrariam, acto continuo, e naturalmente na concepção positiva que nem por isso soffreria nada no que ella possui de essencial, o seu methodo, e continuaria sempre perfeitamente consequente com o seu unico principio superior, a experiencia.» (25)

E o Sr. Oscar de Araujo, positivista brasileiro, pôde dizer no proprio orgão do positivismo, do qual é director Pierre Lafitte, que «não repugnaria ao espirito da philosophia positiva admitir que todos os phenomenos quaesquer não são, por exemplo, senão modos diversos do movimento, porque não levando nenhuma concepção preconcebida para o dominio da sciencia exacta, que é o seu unico guia, nenhuma razão ha para que ella refuse de antemão tal ou tal lei geral. Mesmo a existencia de sensações *sui generis* não bastaria para fazer repellir *a priori* a idéa da identidade final dos phenomenos.»

«Si fôsse possível demonstrar que as diversas propriedades physicas, inclusive a gravitação, são fundamentalmente, segundo a hypothese de Zenger, phenomenos de inducção, e que estes mesmos phenomenos de inducção podem ser todos devidos ás vibrações de um meio elastico, a philosophia positiva ganharia mais unidade.» (26)

Tambem se me depara em Comte largamente aberta a porta por onde podem entrar para o vasto edificio, de que elle foi o architector, todos os achados da sciencia moderna.

Assim pensava o Mestre inegualavel quando dava aos sabios especialistas, como funcção essencial, rectificar os resultados a que chegam os philosophos, sabios consagrados ao estudo das generalidades. (27)

(25) De Roberty. *La Sociologie*.

(26) *Revue Occidentale*. 1895.

(27) Vid. Aug. Comte. *Cours de Philosophie Positive* vol. I

O ideal de um progredir incessante está contido neste trecho: «A perfeição do systema positivo, para o qual elle ha de tender sem cessar, embora seja muito provavel que não deva jamais attingil-a, seria poder considerar todos os phenomenos observaveis como casos particulares de um só factó geral, tal como o da gravitação, por exemplo.» (28)

IV

No mesmo anno em que eu dava a publico os meus modestos e despretenciosos pequenos ensaios de propaganda positivista no Pará, o Centro Positivista Brasileiro recebia, no Rio de Janeiro, dos srs. Miguel Lemos e Teixeira Mendes a orientação, que até hoje guarda. Esses dois notaveis compatriotas, que tanto valem pela intelligencia e pelo sentimento como pelo character, tinham começado a sua carreira philosophica sob a direcção espirital de Littré.

O sr. Lemos padeceu a influencia directa e immediata de Pierre Laffitte, e foi por força dessa influencia benefica que se operou a sua conversão á orthodoxia.

Narra-o elle proprio nestes termos: «Havia muito tambem que eu sentia um vasio que o littreismo era impotente para encher, por vezes esteve o desespero prestes a dilacerar-me o coração quando contemplava esse abysmo que continuava aberto entre a sciencia e o sentimento.

Em vão procurava o laço que devia prender os diversos aspectos da natureza humana, coordenando-os em relação a um destino commum. Aonde o principio supremo que devia assignalar um alvo á sciencia, um objecto ao sentimento e um fim á actividade? Qual o criterio que havia de libertar-me da tyrannia de minha razão individual e offerecer aos homens, grandes e pequenos, instruidos e ignorantes, a base do dever?

«Movido por uma curiosidade em harmonia com estas interrogações intimas, approximei-me da casa sagrada da rua M.

le Prince, centro de acção dos discipulos orthodoxos de Augusto Comte, que se esforçavam por continuar a obra de grande pensador. Eu já sabia da existencia desse obscuro nucleo de discipulos fieis, mas conhecia-o atravez da má fé de E. Littré, julgando-o composto de cerebros acanhados por um novo formalismo liturgico, producto da pretendida decadencia mental do Mestre. A primeira impressão, porém, foi muito differente do que era de esperar com taes prevenções. O sr. Laffitte fazia então aos domingos um curso de *philosophia primeira*. Nunca tinha eu visto um mestre mais sympathico, mais instruido, mais luminoso; a sua palavra simples, familiar ás vezes, animava-se por momentos communicando ao resumido auditorio que o rodeava o enthusiasmo das grandes causas. As preleções duravam duas horas, ás vezes mais, mas saia-se d'ali com o antegosto de uma regeneração universal. Sentia-se ahi um mundo novo, uma religião que surgia consagrada já pela abnegação dos adeptos e pelo martyrio do seu fundador.» (29)

Em carta dirigida de Paris, aos 4 de Junho de 1879, ao dr. J. Ribeiro de Mendonça, dizia o sr. Miguel Lemos: «Abençoado o dia em que resolvi vir a Pariz! apesar de ter ahi deixado tudo quanto é alimento e alegria do meu coração, apesar da nostalgia do meu exilio, abençoado a resolução que fez-me fazer este sacrificio. Pude assim, como o peregrino de Mecca, visitar a Cidade Santa e o primeiro templo da nova religião, ouvir a palavra do discipulo do Mestre e converter-me.»

E' de veras muito para extranhar o tom a que nesses tempos subiram os ataques violentos movidos contra E. Littré pelos novos guias do positivismo brasileiro. Entre consectarios das mesmas doutrinas, rebentos das mesmas raizes, discipulos do mesmo Mestre, surprehende ver como pode o zelo pela pureza dos principios e pela inviolabilidade do que parece herança sagrada, levar ao ataque por vezes injusto, desrespeitoso e pessoal.

Era assim que o sr. Miguel Lemos falava de Littré: «Graças á minha convivencia com os depositarios das tradições e da historia intima do Positivismo pude em breve convencer-me da

(29) *Resumo historico do movimento positivista no Brazil*, anno de 1881, por Miguel Lemos.

culpabilidade dos motivos que tinham inspirado a dissidência de Littré. Esta triste e vergonhosa historia foi para mim uma verdadeira revelação; não se tratava mais de uma discordancia philosophica, como tinhamos acreditado, esta servira apenas para encobrir o alvo de um odio pessoal ao serviço de uma mulher indigna. A benevolencia do sr. Laffitte e de outros velhos discipulos poz em minhas mãos os documentos comprobativos dessa infernal mystificação e graças a estes e ás preciosas informações colhidas em tão proveitoso trato, pude finalmente reconstruir a verdadeira historia do grande Reformador...

«Pouco tempo depois de ter chegado á grande cidade, verifiquei por mim mesmo que aquelle que nós julgavamos um chefe de escola, ardente, incansavel em promover a regeneração universal ensinada pelo Mestre, não passara de um erudito secco, sem nenhuma acção social, isolado no seu gabinete, occupando os ocios da velhice adiantada em renegar tudo quanto aprendera na convivencia do grande Constructor. O famigerado pretense chefe da escola positivista era apenas um investigador paciente de vocabulos, sem entusiasmo, sem fé, absorvido pelas minudencias de uma erudição esteril.» (30)

Certamente não caberia a mim a defeza do notavel discipulo de Comte, de quem já se disse que era «um santo que não cria em Deus.» (31)

Mais de uma vez a orthodoxia teve razão contra a critica do eminente academico francez, o operoso e infatigavel propagandista da philosophia relativa, o que poderíamos considerar mais util faraute das doutrinas comtistas (32), tão certo é que

(30) Miguel Lemos. Loc. cit.

(31) H. Gruber. *Le positivisme*.

(32) Mais do que qualquer outro vale o testemunho de Comte para pôr de manifesto até onde serviu Littré a causa da philosophia positiva. Era assim que falava o grande philosopho no prefacio do *Systeme de politique positive*, vol. I: «Aquelles que, desprovidos de qualquer concepção propria, não poderiam ser uteis senão facilitando a communicação necessaria dos verdadeiros philosophos com os proletarios, esforçam-se pelo contrario, por impedil-a, no intuito de prolongar essa anarchica preponderancia dos parladores sobre os pensadores. Mas essa oppressão, espontanea e concertada ao mesmo tempo, ha seis annos que foi quebrada de vez, graças á adhesão de um escriptor eminente (o sr. Littré) cujo nobre character é ainda mais apreciavel do que o seu admiravel ta-

foram os seus trabalhos, em jornaes, em revistas e em livros, que contribuíram ao lado dos esforços de alguns pensadores inglezes de valor e boa fé, para abrir caminho á passagem da nova fé scientifica, contra a qual se fazia esse extranho silencio de que Augusto Comte falou em um de seus prefacios pessoais. (33)

Nunca o meu animo pôde affazer-se a esse modo de apreciação, que leva a attribuir á má fé e á hypocrisia actos para os quaes é licito achar explicação moral mais simples e mais sympathica. Em materia de philosophia ou de sciencia, ra-

lento. Tendo-se tornado o meu principal collega, a sua vida foi, tanto quanto a minha, consagrada ao digno triumpho, philosophico e politico, do positivismo, onde nós vemos ambos, a unica saída possivel para a anarchia moderna. Uma tal confraternidade me impede de insistir mais nesta inapreciavel sancção, que eu não devia entretanto deixar de assignalar como a fonte essencial da justiça, que a minha constancia acabou por obter após vinte e quatro annos de isolamento, que terminou assim quando o meu coração renascia.

Um juiz muito competente do verdadeiro valor moral, o eminente Carrel, disse-me em confiança que elle sobretudo admirava em Littré, a quem eu então não conhecia, a *bella alma*. Felizes relações pessoais deram-me depois occasião de reconhecer a profunda justeza de uma tal apreciação, conforme provas plenamente decisivas, tanto privadas como publicas. (Aug. Comte.)

(33) « Quanto á parte da escola metaphysica que constitue o que hoje vulgarmente se chama a opposição, e cuja principal influencia reside na imprensa periodica, suas disposições para comigo são sem duvida sufficientemente caracterisadas pelo *extranho silencio*, que os seus diversos órgãos quotidianos ou mensaes, tem unanimemente guardado, durante doze annos em relação á minha publicação philosophica. Até agora, que eu saiba, este tratado apenas na Inglaterra deu lugar a um exame serio, pela apreciação conscienciosa com que um illustre physico (David Brewster) honrou em 1838, nas paginas da celebre Revista de Edimburgo, os meus dois primeiros volumes... Salvo essa unica discussão, assim mesmo antes scientifica do que philosophica, este longo trabalho não foi nunca annuciado em nenhum jornal de alguma importancia... Embora seja licito crer que alguns órgãos avançados tenham querido esperar naturalmente o termo de uma elaboração, que com effeito só pode ser bem julgada no seu conjuncto total, não é dado duvidar que esse *silencio especial* é principalmente devido á repugnancia involuntaria com que os metaphysicos, que em toda parte dominam a imprensa periodica, estão vendo hoje surgir uma philosophia superior á influencia delles, e cuja tendencia directa é fazer cessar a actual preponderancia que elles exercem, feita essa inflexivel prescripção continua de rigorosas condições mentaes, logicas e scientificas ao mesmo tempo, a que elles nunca serão capazes de satisfazer sufficientemente. » Aug. Comte. *Cours de Philosophie Positive*. Vol. VI. *Préface personnelle*.

ras vezes o orgulho ou a vaidade ou outros sentimentos menos nobres podem inspirar a conducta humana. Vae errado o homem ás mais das vezes sob a acção de um raciocinio incerto e mal dirigido. E' um triste condão da humanidade caminhar e progredir atravez de desacertos e de enganos, apenas podendo ser felizes os que no grande mar dos erros logram descobrir alguma verdade. E' a historia dos progressos do espirito humano um registro de conquistas e de falencias.

Poucas vezes na noute escura das idades fulgura sem intermittencias o phanal, que orienta a razão humana. Como ensinava Claude Bernard: «Parece com effeito, ser uma necessidade da fraqueza de nosso espirito o não poder chegar á verdade senão atravez de uma multidão de erros e de escolhos.»

Errou Littré? Acuda a razão aparelhada a rectificar os seus desvios. Venha a sciencia demonstrar os seus equivocos, desmanchar o tecido dos seus sophismas. Defenda-se a verdade dos ataques contra ella movidos pela ignorancia. Deponham os bons juizos contra o falso testemunho. Abra-se largo, calmo e sereno o debate que convença. Mas é inadmissivel esse processo summario, que condemna sem audiencia e sem defeza, fulminando o delinquente com uma sentença infamante.

Injustas se me afiguram estas palavras do sr. Miguel Lemos: «Suspeitei logo que o novo redemptor podia ter tido tambem o seu Judas e a sua cruz, e dei começo ao julgamento de E. Littré perante mim mesmo.»

Vem de molde a lembrança desse anathema lançado contra Augusto Comte por um discipulo de Saint-Simon: «nós diremos desse homem que elle é um *heresiarcha*; que renegou o seu mestre, e que, no seu mestre, renegou a humanidade.»

Não sei porque invocar numa controversia philosophica, para dar razão de ser da opinião adversa, causas de ordem puramente moral e egoisticas, aqui *o odio pessoal ao serviço de uma mulher indigna, ali uma infernal mystificação, e as infamias que se encobriam sob a tentativa de diffamação philosophica.*

Era em termos respeitosos que Littré expunha os fundamentos em que, aos seus olhos, parecia assentar o desaccordo a que fôra levado em face dos ensinamentos d'aquelle de quem se honrava de confessar-se discipulo: «Comte em um momento dado, pensando e garantindo que não fazia senão desenvolver a philosophia positiva, mudou de methodo. Foi pois forçoso discutir

a legitimidade deste; porque o mais fiel dos discipulos não podia mesmo sob a palavra do mestre, comprometter-se, sem indagar por si mesmo dessa legitimidade, sem se convencer em uma palavra que havia necessidade de passar do primeiro methodo para o segundo... Discipulo da primeira parte, eu estava inteiramente disposto a sel-o igualmente da segunda, mas pelo mesmo processo, levado por esse irresistivel ascendente da verdade demonstrada. O ascendente falhou; d'ahi a necessidade de separar-me de concepções que para mim não tinham mais razão de ser. Assim, mantendo com firmeza a philosophia positiva que é a base, eu rejeitei, com firmesa egual, e em grande parte, a politica positiva que Comte quiz della deduzir.

Não me coube scindir a obra de Comte, que fica intacta e inteira. O que eu fiz foi subtrahir della consequencias e applicações improprias. Mas, por mais doloroso que isso me fôsse, eu tive que revelar em Comte uma dupla personalidade, isto é, mostrar que, quando elle quiz passar dos principios estabelecidos no systema de philosophia positiva para a applicação feita no systema de politica positiva, a sua mão não manteve firme o fio que devia guial-o.» (34)

E no Cap. final do livro, de onde aquelle trecho foi para aqui trasladado, escreveu Littré:

«Discipulo de Comte, eu defendo obstinadamente o methodo e os principios; mas abro debate sobre as consequencias. Poderão dizer-me que eu estou enganado, mas ninguem poderá dizer que eu quiz prejudicar o homem ou a obra. No mesmo homem e na mesma obra, bem sei que é posição delicada aceitar e scindir, louvar e criticar, adherir e recusar; mas é uma posição muito bem definida, á qual eu não fujo no proprio interesse de philosophia positiva, tal qual o concebo.

Accresce que separando, como o faço, o methodo das applicações, os principios das consequencias, eu uso de uma liberdade que o proprio Comte concedeu, quando no projecto de uma Revista positivista, declarou deixar livre curso a toda sabia controversia interna, que respeitando sempre os principios, affectasse somente as consequencias, fôssem estas quaes fôssem.»

(34) E. Littré. *Auguste Comte et la Philosophie positive.*

E' franca e leal a confissão de Littré quando define o que deve a Comte e á philosophia positiva:

«O que eu não hesitei em dizer, ha poucos annos, quando me declarei discipulo de Comte, não hesito em repetil-o aqui: sem elle, a ultima parte da minha vida não teria sido o que ella é. Eu não nego que fui arrastado por elle a alguns erros, dos quaes sou moralmente obrigado a fazer confissão, levando-os á conta de muita precipitação de minha parte, de exaggerada docilidade, ou pouca clarividencia. Mas pouco se me dá disso, quando penso no que valem as luzes vivas que lhe devo. Se me houvera falhado o ensinamento que de suas obras recebi, eu não teria passado, conforme a natureza de meu espirito e de meus estudos, da condição negativa, tendo reconhecido de uma parte, após esforços muitas vezes recommçados, que não me era possível aceitar nenhuma philosophia theologica ou metaphysica, e de outra parte que as minhas próprias forças não davam para subir-me a um ponto de vista universal, que fôsse para mim capaz de substituir a methaphysica ou a theologia. Foi Comte quem me forneceu esse ponto de vista. E assim é que a minha situação mental se modificou profundamente; o meu espirito tranquilisouse, e eu encontrei a serenidade que buscava. Até os meus trabalhos mais especiaes padeceram essa influencia. D'ahi a minha gratidão, que é sincera e duravel.» (35)

Assim fálava o escriptor a quem costumam os positivistas orthodoxos appellidar *miseravel sophista*.

Comte teria na realidade peccado contra o methodo, levado a esse erro que Littré classificou—alguma cousa de que não ha exemplo, um methodo com uma cabeça positiva e uma cauda subjectiva ou metaphysica?

O que Augusto Comte chamou o methodo subjectivo, não é o mesmo que excellentemente Littré definiu nestas palavras: «No methodo subjectivo o ponto de partida é uma concepção do espirito, que *a priori* estabelece, como se diz, um certo principio metaphysico donde se tiram deducções. Em um semelhante methodo as consequencias são metaphysicas como o ponto de partida, não necessitam senão satisfazer á condição de ser logi-

(35). E. Littré. Ibid.

cas, e não reclamam nem podem ter as confirmações *a posteriori* da experiencia. E é por isso que ellas se extendem a perder de vista.»

Foi essa a marcha que seguiu o espirito de Comte ? E' Littré quem nos responde peremptoriamente que não, na mesma pagina de onde foram tiradas aquellas palavras: «O seu ponto de partida é o do methodo deductivo; isso concedo-lhe eu, e, discipulo fiel da philosophia positiva, n'isso obedeco a minha plena convicção. Em verdade Comte collocou-se num ponto de vista universal, ou para falar mais precisamente, no ponto de vista mais elevado a que o conhecimento humano jamais attingiu.»

Se esse ponto de partida foi legitimamente conquistado, onde o erro do fundador da philosophia positiva ? Littré apontou-o assim: «Tendo ahi chegado, que devia elle fazer ? empregar o methodo deductivo. E o que realmente fez ? empregou o methodo subjectivo, isto é, de um ponto de vista universal legitimamente conquistado tirou consequencias que a experiencia não pode verificar: mas que lhe foram fornecidas pela sua imaginação, ou se quizerem, por uma *logica subjectiva*.»

As deducções de Augusto Comte são rigorosamente logicas, viu asseverar Laffitte, saindo em defesa do mestre:

«O Sr. Littré cae ahi em um erro grave. Nós já mostramos com effeito como a deducção, sob a forma que reveste no principio de contradicção, é de um uso constante e legitimo em sociologia e em moral. Se os resultados que ella dá nessas sciencias não podem attingir o mesmo grau de precisão e de certeza que revela nas sciencias mathematicas, nem por isso deixa de ser menos legitimo o seu emprego, que é, pode-se dizer, indispensavel.» (36)

Littré formulou em termos precisos o ponto capital do seu dissidio, quando denunciou esse uso e abuso do methodo deductivo, sem regra e sem freio. A deducção é sem duvida um processo legitimo em sociologia e em moral, mas em sociologia e em moral menos do que em qualquer das sciencias inferiores da escala comtista. E com acerto disse P. Laffitte: «Deduz-se em sociologia ou em moral, demonstrando a conveniencia ou in-

conveniência, a compatibilidade ou a incompatibilidade de certas proposições com outras. E' esse um processo tão velho como o espirito humano. Constructores de religião, legisladores, juriconsultos, moralistas, em todos os tempos, o empregaram, alguns até ao abuso. E' evidente que a deducção não pode ter, sob esse novo aspecto, a precisão rigorosa a que attinge sob o outro. São menos certos os seus resultados e naturalmente prestam-se mais ás objecções.»

Outra não fôra a linguagem de Littré quando invocou um dos principios mais solidos da philosophia positiva, tal qual Comte firmemente o estabeleceu, a saber: que quanto mais elevada hierarchicamente é uma sciencia, mais diminuida é em relação a ella, a faculdade de deduzir. «Deduz-se admiravelmente em mathematica; deduz-se, graças a Newton, plenamente em mecanica celeste; deduz-se ainda muito, porem já menos, em physica; retrahe-se notavelmente a deducção em chimica; mais ainda cresce essa retracção em biologia; e em sociologia vemol-a reduzida ao minimo. Como pois foi licito a Comte construir um longo encadeamento de verdades sociologicas, uma religião, uma politica, um futuro inteiro, lá mesmo onde os limites mais estreitos encerram a faculdade logica de encadear consequencias?»

Não ha como rebater essa critica fundada e certa. E os que como Lewes não vêem na *Politica Positiva* uma obra muitas vezes em contradicção com os principios da *Philosophia Positiva*, olham-n'a em muitos pontos como «uma utopia que encerra antes hypotheses do que uma doutrina, indicações destinadas a dirigir investigações ulteriores, que não dogmas propostos á fé dos discipulos.»

Littré não definiu com exactidão o que Augusto Comte chamou o methodo subjectivo. E nas paginas de critica que elle formulou o espirito perde-se numa confusão que não permite julgar com segurança essa causa em verdade transcendental.

O que os positivistas appellidam methodo subjectivo é um certo modo de coordenar, de organizar, de construir, partindo do ponto de vista humano, sociologico.

Não se trata dos methodos ordinarios e communs das sciencias. E' de alguma sorte um ponto de vista convencional, rigorosamente subjectivo, donde sairá uma synthese ou systematização scientifica, uma politica, uma religião: «De facto, ensina

Laffitte, todas as faculdades intellectuaes, observação concreta e abstracta, meditação inductiva e deductiva, linguagem, intervem na applicação do methodo subjectivo. E' preciso primeiramente *observar*, não ha duvida; o governo intellectual implica antes de tudo uma noção sufficiente das necessidades sociaes que convem satisfazer e das cousas que se trata de regular. Em segundo lugar, é preciso *induzir*, quando mais não fôsse para verificar e descobrir em qué sentido marcha o trabalho intellectual. Emfim é necessario *deduzir*.» (37)

O que é pois o methodo subjectivo? Laffitte definiu como melhor pôde, dizendo que o seu fim é—regular e governar o trabalho intellectual—: «Qual será pois, segundo o methodo subjectivo, o ponto de vista geral e dominante donde será licito dirigir o trabalho intellectual e fazer que todas as suas partes convirjam para um fim commum? Esse ponto de vista será o ponto de vista sociologico, o ponto de vista das concepções sociaes e moraes. Para ellas e em torno d'ellas é que devemos fazer que vão ter todas as outras, não cultivando-as, não estudando-as senão para melhor conhecer a Humanidade, e dessa forma garantir melhormente o seu aperfeiçoamento e o seu bem estar.»

Não vejo como encarar essa questão, em derredor da qual tantos debates tem sido feridos, sem sair do terreno da Logica commum. O que na realidade Comte chamou—methodo subjectivo,—e o instrumento que elle manejou para a construcção da sua obra, foi alguma cousa de original, revelada e definida nesta passagem: «A nossa constituição logica não poderia ser completa e duravel senão após uma ultima combinação dos dois methodos, objectivo e subjectivo. O passado não nos auctorisava de forma alguma a consideral-os como radicalmente inconciliaveis, comtanto que sejam ambos elles systematicamente regenerados, conforme o seu destino commum, ao mesmo tempo mental e social. Seria tão empirico attribuir á theologia um privilegio exclusivo quanto ao methodo subjectivo, como ver nella a fonte unica da aptidão verdadeiramente religiosa. Se a sociologia está hoje na posse plena deste ultimo attributo, não ha como desconhecer-lhe a faculdade de appropriar-se egualmente

(37) P. Laffitte. Op. cit. vol. I.

do outro, tão intimamente são elles connexos. Para isso, basta que o methodo subjectivo renunciando á investigação vã das causas, ao modo do methodo objectivo tenha por tendencia unica a descoberta das leis, afim de melhorar a nossa condição e a nossa natureza. Em uma palavra, é necessario que elle se faça sociologico em lugar de continuar theologico.» (38)

Um positivista de bôa estirpe, o dr. C. Hillemand, definiu o methodo subjectivo—uma simples regulamentação moral do trabalho intellectual baseada sobre o seu destino social.—E claramente mostrou o mesmo escriptor como o chamado methodo subjectivo não pode ser confundido com os processos logicos das sciencias positivas: «Comte demonstrou que para socialisar a sciencia, era necessario submeter o trabalho intellectual não só ao conjuncto das regras logicas formuladas na *Philosophia positiva* e que constituem o *methodo positivo propriamente dito*, mas tambem a *regras moraes*, que, no seu todo, constituem o methodo subjectivo.»

E porventura dando ao seu pensamento forma ainda mais precisa, acrescentou: «Emfim, é preciso não esquecer que uma semelhante regulamentação é uma simples regulamentação de opinião, que o sacerdocio positivista do futuro ha de limitar-se a dar conselhos, e que ao sabio caberá segui-los ou não segui-los, decidindo, sob a sua propria responsabilidade, acerca da oportunidade e da utilidade de tal ou tal estudo.»

Assim comprehendido e praticado era bem de esperar e de crer que se realisasse isso que Littré appellidou—o escorregamento na via das premissas e das consequencias, via enganosa nas sciencias elevadas e particularmente na sociologia, a mais elevada de todas—De sorte que sem o criterio seguro da verificação, que só pode dar a observação ou a experiencia, grandes lacunas infallivelmente haveriam de surgir no immenso todo das creações de Comte, depois que o grande philosopho seguiu enveredado por essas novas sendas perigosas e invias.

Era o que denunciava um discipulo sem a minima eiva de suspeição: «Agora que Augusto Comte tenha sido arrastado a ligar a algumas de suas deducções mais importancia do que

(38) Auguste Comte. *Système de politique positive*. Vol I cap. I.

ellas computavam, que, por vezes, tenha elle considerado como certo o que era simplesmente, logicamente provavel, de boamente o admitto; e isso, a meu ver, provêm de que, embora fôsse elle um sabio universal, antes de tudo era um mathematico, e tinha guardado de seus primeiros estudos uma preponderancia dos habitos de espirito mathematico.»

Desse methodo sau a religião em que se transformou a philosophia, filha das sciencias positivas. Eu teria de confessar-me aqui um adepto da religião da Humanidade. Eu na realidade o sou, hoje, como já o era, annos atraz, quando sustentei que essa necessidade ineluctavel de uma synthese affectiva, sêde mental que em tempos passados a theologia estancou, só ha de remedial-a a regeneração humana, sob o influxo dessa nova fé, baseada na sciencia, feita dos proprios dogmas scientificos. No futuro a religião ha de ser essa religião demonstrada, positiva e humana, que Comte não inventou, porque foi no passado e na historia que essa concepção se lhe deparou, oriunda desse anthropomorphismo primitivo, que existe no fundo de todas as syntheses religiosas, baseadas como o monotheismo catholico sobre o amor da humanidade, produzindo a veneração do Christo, homem feito Deus, e o culto da mulher na mariolatria.

Eu aceito a religião da Humanidade em suas grandes linhas, com o seu dogma fundamental, que é a synthese scientifica tal qual Comte a estabeleceu, e com seu elevado culto civico, traduzido nas festas publicas, em que se affirma a solidariedade humana, celebrando os grandes heroes e os grandes feitos do passado. Eu creio nesse culto permanente que o homem vota á Humanidade, representada pelos seres a que nos prendem laços intimos de affeição, o verdadeiro e fecundo culto privado, que engrandece a alma e aperfeiçoa os sentimentos altruistas, recalçando o egoismo, e inspirando a nossa conducta, levando-nos á pratica do bem. Essa é a grande, a verdadeira e unica religião do futuro, a religião civica.

Como dizia Littré: «Com effeito o homem individual entra no periodo em que a sua intelligencia desenvolvida e o seu coração melhorado o destinam a viver essencialmente para a Humanidade, a qual torna-se o seu ideal supremo, á medida que o tempo e a historia vão levando as concepções do passado. Assim o grande principio emanado de Augusto Comte, e que no começo era apenas philosophico, passa a ser social por um

encadeamento necessario, renova as opiniões e os costumes, transforma a educação, e recebe o seu coroamento no symbolo da Humanidade, immortal aspiração de nossas vidas mortaes.» (39)

Mas o que não sae da observação nem vem da historia é essa minuciosa regulamentação, todo esse conjunto de praticas, do culto privado e do culto publico, com um ritual acabado, uma liturgia completa, um ceremonial detalhado, com regras precisas para todos os actos da vida. Não ha exemplo de uma religião feita assim. Essa é a obra puramente pessoal de Augusto Comte, feita por acto decretorio seu. O tempo pode mostrar que elle errou. A marcha da civilização pode corrigir esse traçado de um espirito que sempre foi grande. O que porem fica fora de duvida, aos nossos olhos, é que Comte soube indicar, com mão segura e firme, o norte para onde iremos nós velejando em demanda de alguma cousa que occupe no fundo da consciencia humana a grande vacuidade, produzida pelo sumiço dos velhos dogmas da theologia e da metaphysica, que os tempos varreram já.

E era por isso que Stuart Mill, o notavel auctor inglez, que appareceu entre os raros pregadores da doutrina positivista quando Comte mal começara de annuncial-a, disse com acerto: Nós pensamos que não só Augusto Comte tinha fundamento para tomar a hombros essa interpresa de fazer que a sua philosophia fosse dar numa religião, e que elle tinha realisado as condições essenciaes de uma religião, mas ainda que todas as outras religiões recebem aperfeiçoamentos tanto maiores, quanto mais se aproximam, no seu resultado praticado, da religião que elle tinha em vista construir.» (40)

Reduzida a esse minimo racional, despida de uma multidão de accessorios e de appendices, simplificada pelo abandono de um formalismo exagerado, a religião da Humanidade é na verdade essa religião civica, que eu adopto e que eu propago. E isso sinto que me basta, satisfazendo as necessidades do meu espirito, e enchendo o meu coração desse sentimento bom e doce de veneração, de apego e de bondade, que é o alimento

(39) E. Littré. *Circulaire positiviste*, em Robinet, *Vie d'Auguste Comte*, pièces justificatives.

(40) Stuart Mill. *A. Comte et le Positivisme*.

da minha vida moral e que tem sido o fio conductor da minha existência.

Eu não pertenço bem ao numero daquelles, que, na frase do dr. Hillemand, aceitam o principio da concepção religiosa de Augusto Comte e não reconhecem a legitimidade do culto, que elle instituiu; que se confessam adeptos da religião da Humanidade, e repellem toda pratica cultural. Pela minha parte admitto e pratico esse culto positivista privado, que consiste «no exame da nossa conducta afim de modificá-la, quando ella fôr contraria aos nossos deveres ou á realisação conveniente das nossas funcções, e na utilização das relações familiares, afim de modificar os nossos diversos instinctos.» Isso aceito e reconheço comõ fecundo instrumento de melhora moral. E quanto ao culto publico concreto, ou culto dos grandes homens, não tenho como repellir essa pratica salutar, que seguem todos os povos, glorificando os seus antepassados benemeritos, pratica que em todo o passado e em toda a historia o homem sempre fielmente adoptou.

Nunca se enthronisaram no meu espirito umas tantas creações da religião positiva, contra as quaes Littré fez valer victoriosamente esta objecção: «Se são ficções, como Comte algumas vezes disse, não é possivel fazer dellas o objeto de nenhum culto; não ha culto que repouse sobre ficções de que os crentes tenham consciencia. E se não são ficções, como n'outra parte foi dito, não é dado ver ahi senão chimeras... A theologia fala em nome das revelações; as pessoas divinas desceram á terra; os antepassados venerados receberam da boca dessas proprias divindades mandamentos supremos que transmittem nos livros sagrados. Em tal estado, comprehende-se a força e a efficacia das crenças. Aqui, pelo contrario, o que é que temos? uma ficção? mas uma ficção voluntaria não é objecto de nenhuma crença, no sentido serio do termo. Uma realidade? Mas quem quererá acreditar que a terra tenha tido vontades e bõas intenções para com o futuro genero humano, e irá regular a sua conducta e por-se em adoração de accordo com crenças taes?»

Verdade é que, como o confessam os positivistas completos, é por um mero *artificio poetico* que se opera essa *fetichisação*, graças a qual todos os seres que nos cercam são dotados de affeições, e o proprio espaço é considerado como a séde benevola do destino.

Tambem de todo esse extenso capitulo escripto por Pierre Laffitte para explicar a incorporação do fetichismo ao positivismo eu não quero salientar senão este pequeno trecho, onde o problema figura antes formulado do que resolvido: «Pensador, Comte não podia senão traçar as grandes linhas e precisar o escopo: aos poetas, aos artistas é que incumbe embellesar, fecundar aquellas concepções; aos padres futuros a missão de tirar dellas o melhor partido para o aperfeiçoamento da Humanidade.»

O que é real, o que é manifesto, o que é tangível, posta aos olhos do corpo e mettida pelos olhos da alma, é a existencia dessa Religião que Auguste Comte procurou systematisar, baseada no amor da Familia, no amor da Patria, no amor da Humanidade, triplice manifestação espontanea dos nossos sentimentos bons e generosos, dando em praticas cultuaes, que contribuem para o aperfeiçoamento da nossa alma.

Cada um de nós sente bem que pode viver pela familia e para a familia, pela Patria e para a Patria, pela Humanidade e para Humanidade.

Ha de certo, como ensina Laffitte, um culto do Lar, que é a séde de nossos affeições domesticas, como ha um culto da Patria, séde de sentimentos tão generosos, que levam o homem até ao sacrificio de si mesmo. «O respeito do Cemiterio se confunde pouco a pouco com o culto dos mortos: este solo onde nós sepultamos tantos despojos amados, e onde nós mesmo iremos repousar um dia, torna-se cousa sagrada: desgraçado o que o profanar! O bairro, a cidade acaba por exercer um tal encanto sobre os que ahí tiveram o seu berço e viram correr a existencia, que mais de um quer antes morrer do que abandonar taes lugares. A veneração para com os menores objectos, que pertenceram aos nossos antepassados prende-se a este amor do solo, donde egualmente promana o respeito desses caros symbolos, os quaes, como a bandeira, não fazem senão synthetizar a Patria.» (41)

Tudo isso é profundamente verdadeiro, a mais ligeira observação está a dizel-o a todo o mundo. Mas nenhum desses sentimentos, que eu tenho no fundo da minha alma, le-

(41) P. Laffitte. Op. cit.

vou-me nunca a admittir como ficção util e benefica essa supposição de que «o nosso planeta e os outros astros habitaveis foram dotados de intelligencia antes que nelles se tornasse possível o desenvolvimento social. Então a terra votava as suas forças a preparar a morada da humanidade, cujo surto não podia ter lugar senão em uma sede morta de esgotamento em virtude desses longos esforços mais proporcionados á potencia material do astro, do que á sua aptidão espirital.... Obrigada a padecer constantemente a acção das leis fundamentaes da vida planetaria, a terra, quando era intelligente, podia desenvolver a sua actividade physico-chimica de modo a aperfeiçoar a ordem astronomica, mudando os seus principaes coefficients. Foi assim que o nosso planeta pôde ter a sua orbita menos excêntrica e tornar-se mais habitavel.» (42)

Grande é a distancia que vae dessa concepção para o dogma da Humanidade, «fonte de emoção e motivo de conducta.»

«Formando uma existencia collectiva sem começo nem fim, que possam ser assignados, ella faz appello a esse sentimento do infinito, que tem raizes profundas na natureza humana e que parece necessaria para dar um character imponente a todas as nossas concepções mais altas. Destz immensa trama da vida humana, que se vae desenrolando, a parte que nós melhor conhecemos, é sem contestação a do passado; não podemos mais servil-a, mas ainda podemos amal-a; ella comprehende, para a maior parte dentre nós, o grande numero dos que nos amarão e nos encheram com os seus beneficios, e mais a longa serie dos que, por trabalhos e sacrificios em prol do genero humano, mereceram a memoria eterna e o reconhecimento dos seus posteros....

E uma vez que a reflexão guiada pela historia nos ensinou a intima connexão das idades do genero humano, fazendo-nos aperceber nos seus destinos terrestres o desenvolvimento de um grande drama, ou a acção de uma epopéa prolongada, todas as gerações humanas se reúnem em uma só imagem que allia todo o poder que sobre o espirito exerce a idéa da poste-

ridade, aos melhores sentimentos nossos para com o mundo vivente que nos cerca e para com os predecessores que fizeram-nos o que na realidade somos.» (43)

Bom é andar a gente guiada por tão altos espiritos, como o famoso auctor do *Systema de Logica*, que Comte proclamou um dos mais eminentes e dos mais independentes pensadores da Inglaterra. Convem dizer, referindo-me a trabalhos obscuros publicados em modestas revistas academicas, que desde 1881 eu definia a situação que hoje occupo, discipulo humilde e parcial do positivismo. Ao menos não me caberá repetir como Isaias: *Ve mihi, quia tacui*.

Sinto-me bem reconhecendo-me hoje fiel aos pensamentos expostos ha tantos annos: *cogitationes antiquas fideles*.

Em 1882, no seio de uma aggremação de alumnos da Escola Militar, (44) da qual eu fazia parte, repelli a solução do problema religioso, qual veiu dal-a o agnosticismo spenceriano (45), e declarei-me sectario da Religião positiva, aceitando

(43) Stuart Mill. Op. cit.

(44) *Revista do Club Academico*.

(45) Se é sempre util andar esclarecido e guiado pelos que sabem, nós apoiaremos o nosso asserto em as palavras de E. Littré, as quaes desde aquelle tempo tinham fortalecido uma opinião que os annos e o estudo amadureceram e radicaram: «Si eu bem comprehendo o sr. Spencer, o que elle pensa é que o sentimento do *incognoscível* e o sentimento religioso são uma só e a mesma cousa; que, na origem, o espirito humano deu subjectivamente um corpo a esse sentimento sob a forma de religião; muito mais tarde, a sciencia, por sua vez, objectivamente chegou a reconhecer o *incognoscível*; e que assim a fê e a sciencia concorrem em um ponto commum, que reune o ponto de partida e o de chegada. Eu tenho uma objecção prejudicial a oppor a isso, e vem a ser que uma hypothese é dada assim por um facto, quando se assegura que o sentimento do *incognoscível* e o sentimento religioso são identicos. Muito imperfeito é o conhecimento, que temos, da historia primitiva das religiões, para que nos seja dado avançar aquella affirmacão; e seria facil achar, por via igualmente hypothetica, outras interpretações do nascimento das theologias, tal, como por exemplo, a tendencia do homem para suppôr em toda causa uma vontade analogã á sua. A meu ver essa reunião dos dois *incognoscíveis* é antes nominal do que real, o *incognoscível* da fê sendo objecto mesmo da fê, e o *incognoscível* da sciencia sendo o limite onde ella pára. Ser objecto ou ser limite, são duas noções muito distinctas. O *incognoscível* da fê serviu para organizar as sociedades, em quanto o progresso pertenceu ás doutrinas theologicas; por elle *tinha recebido determinações precisas, e não é desconhecido senão na hypothese do sr. Spencer*. Ao *incognoscível* da sciencia, pelo contrario, é impossivel toda

o culto da Humanidade, e rejeitando a concepção do Grande-Fetiche e do Grande-Meio, que são os elementos da Trindade positiva, como Comte a creou. (46)

Cabe aqui mostrar até onde a critica desajudada de critério ou de estudo, se não de completa bôa fé, pode ir no esforço por derrocar o edificio que Augusto Comte architectou.

Recentemente um dos mais auctorizados representantes da Igreja Catholica neste Estado andou a esgatanhar a epiderme do organismo rijo e são do positivismo, onde ha umas nodoas, que eu, seguindo pegadas de bons mestres, ha muito tempo ja indiquei.

Essa critica, movida pelo proposito de vingar o catholicismo contra o agravo supposto de uma frase, em que repeti a sentença de morte, com que a sciencia positiva de muito ferira os dogmas da theologia, andou semeada de epigrammas, de risos e de escarneos, como se tanta gente não haja, que tenha gargalhado e escarnicado das facecias da litteratura santa, pondo-lhe a descoberto as passagens menos decentes e menos moraes, que o erudito critico brasileiro, Tobias Barreto, uma vez appellidou os decotes da Biblia.

e qualquer ingerencia no governo do mundo social; e isso é facil de comprehender, porque esse *incognoscível*, onde a sciencia vae ter, é verdadeiramente o incognito, e é impossivel sobre elle fundar o que quer que seja. O progresso, e por consequencia o regimen social passaram já para o lado do *cognoscível*, se me permitem e emprego desta expressão, que por si mesma se define. Em todos os tempos a *fé determinou o incognoscível*, isto é, ensinou as causas de origem e de fim. Este ensino deve guardar o seu character ou perdê-lo. Si o guarda, uma vez que a sciencia declara o *incognoscível* indeterminavel, e é esse o estado actual, haverá, scisão e conflicto; a conciliação que Spencer suppõe no seio do *incognoscível* não se fará. Se, pelo contrario, a fé renuncia ás suas determinações, o seu ensino perde o character e confunde-se com o da sciencia: então o que ha é absorpção, os dois *incognoscíveis* não se conciliam. A fé poderá queixarse de lhe terem dado uma palavra vasia de significação em lugar das realidades que ella suppunha ter, e em vão procurará um lampejo do que espera e crê nesse limite sempre aberto, que a sciencia chama o *incognoscível*. . . . A tentativa de confundir o *incognoscível* da sciencia com o da fé pode-se dizer que abortou. Elles pertencem a duas noções do mundo muito differentes, e representam dois regimens do espirito.» (*Préface d'un disciple*, bellas paginas antepostas á terceira edição do *Cours de Philosophie positive*.)

(46) «Uma inalteravel trindade dirige as nossas concepções e as nossas adorações, sempre relativas, primeiro ao *Grande-Ser*, depois ao *Grande-Fetiche*, e enfim ao *Grande-Meio*.» (Aug. Comte. *Synthèse subjective*.)

Agora não é, para mim, vez de manejar armas desse feito. Essas cousas, que Stuart Mill denominou as puerilidades do positivismo, não é a mim que cabe defendel-as, apenas sendo-me licito extranhar o modo porque se tenta cobrir de ridiculo as concepções religiosas de Augusto Comte, recurso facil ao alcance dos espiritos mais superficiaes. Como o adversario, de quem trato, não revelou em relação ao positivismo senão conhecimentos de segunda mão, que me baste mostrar aqui o estado de decadencia da fé catholica, cujos confessores vão abeberar-se a fontes impuras, haurindo em livros de pensadores liberrimos recursos para aggreir a philosophia positiva. Dois pensadores serviram de guias ao defensor dos principios catholicos nessa campanha aberta contra a doutrina do relativismo: Huxley, o notavel professor inglez, e o Dr. Sylvio Romero, illustrado e conhecido escriptor brasileiro.

Não ha quem não saiba até onde vão as largas vistas deste ultimo, sectario das mais adiantadas doutrinas philosophicas modernas. Se inflamou-se em ira o sacerdote catholico, ao ler a minha frase condemnatoria dos dogmas da theologia, que sentimentos não lhe hão de inspirar estas palavras de Sylvio Romero: «é a velha intuição religiosa, o velho crêdo christão, que presidia á evolução de nossa cultura occidental, que se esborôa e cae aos pedaços»?

Tantos são os testemunhos decisivos de Huxley, que eu poderia invocar para resguardar o meu juizo, que teria difficuldade em eleger os que parecessem de melhor nota, tão multiplicados foram os golpes certos por elle vibrados contra a fé theologica, que foi apadrinhar-se a essa ingrata sombra. Esse pensador via na hypothese de um Creador Divino para explicar a genese das especies zoologicas, uma prova da inferioridade intellectual do seculo dezenove, de que se hão de rir os porvindouros, como nós hoje rimo-nos do *horror do vacuo*, que contentava os contemporaneos de Torricelli.

Mas dessa critica, sem originalidade e sem valor aos meus olhos, eu não quero senão levantar uma objecção ao dogma fundamental da existencia da Humanidade, que Augusto Comte resumio no calendario positivista, onde Littré reconhecia—um poderoso meio de desenvolver o espirito historico e o sentimento de continuidade, fornecendo luminosas direcções para a meditação e para o ensino. E se vou oppôr objecções a esse reparo

é porque deante de meus olhos tenho visto passar, mais de uma vez, essas palavras, ditas e reditas por adversarios da philosophia positiva, a mor parte dos quaes sabe dessa doutrina nova por ouvir dizer.

Ao sectario da religião catholica, afigurou-se-lhe que á Humanidade o Positivismo incorpora todos os grandes scelerados e os criminosos de peor especie, que seriam, na frase ingenua desse antagonista odiento, outros tantos deuses, que os positivistas adoram, quando rendem culto á Humanidade. Dirá, melhor do que ninguem, o proprio Augusto Comte acerca da concepção que elle apenas systematisou, sendo, como ella era já, uma conquista da consciencia humana, feita realidade pratica no culto catholico, que nada mais é senão essa mesma amaldiçoada anthropolatria, desde a adoração do Christo, homem feito Deus, e da Santa mulher em cujo ventre bemdito se gerou o pregador nazareno, até a adoração de Joanna d'Arc, recentemente metida no rol das Santas catholicas.

Para o fundador da religião relativa, opposta ás religiões absolutas, que o passado creou, a Humanidade é o *conjuncto continuo dos seres convergentes*. A solidariedade e a continuidade são assim duas condições essenciaes para a existencia e para o progredimento da Humanidade. Se é indispensavel que se produza a convergencia dos esforços, cooperando os espiritos, ligados pela mesma synthese, os corações ligados pela sympathia, e as actividades synergicas pela identidade dos impulsos, comprehende-se bem que á Humanidade não podem ser encorporados os seres que representam forças mortas, esforços perdidos, trabalho inutil ou negativo. Era assim que o dr. Robinet resumia o pensamento de Comte: «Mas o termo conjuncto indica que a Humanidade não comprehende indistinctamente todos os homens, mas somente os que podem figurar em uma tal collecção, conforme a sua cooperação real para a existencia commum. Embora nasçam todos filhos da Humanidade, nem todos se tornam seus servos, grande sendo o numero dos que ficam no estado de parasitas: são os ociosos, fardo e vergonha da nossa especie, da qual em rigor nem fazem parte.»

O sacramento da *incorporação* é perfeitamente um equivalente dessa solemnidade religiosa da canonisação catholica. Por elle apuram-se os meritos e reconhecem-se as qualidades do ser extincto afim de encorporal-o ao Grande-ser, transportados os san-

tos despojos ao templo da Humanidade, ou, quando a condenção não fôr apenas negativa, «levado o fardo funesto ao deserto dos condemnados, entre os supplicados, os suicidas e os duellistas.»

Eu não careço repetir agora que abstenho-me de entrar por miudo em exame de tal assumpto, que me levaria aos detalhes da pratica do culto positivista, até onde não me leva o genero de adhesão, que me liga a esta concepção. Eu apenas quiz pôr em evidencia um dos erros de apreciação mais communs e vulgares, e defendi a criação de Augusto Comte, que não é essa cousa risivel como tanta gente pensa e escreve. Eu não fiz uma defeza pessoal, porque sou apenas um partidario desse culto dos grandes homens, systematisado no calendario positivista, o qual Comte definiu como sendo—um systema geral de commemoração publica, propria á transição organica da Republica occidental.— «E' pois um culto, ao mesmo tempo, preparatorio, concreto e provisorio » E' como tal que o recebo e propago, admiravel e fecunda glorificação do passado, conjuncto de actos de educação civica, por onde o sentimento do amor da Patria se aperfeiçôa e exalta.

Nem essa pratica é uma innovação do positivismo. Na Grecia e em Roma eram glorificados os grandes batalhadores e os heróes proclamados immortaes. A' apotheose substituiu o catholicismo a canonisação. Como dizia o sr. Emilie Antoine; «Obrigada pelo seu dogma a repudiar todos os antecedentes, a Egreja teve que ir buscar no céu modelos de vida; e só depois de um certo desenvolvimento é que ella pôde aos anjos addicionar typos humanos, os santos. Certamente essa canonisação por vezes tornou-se pueril, consagrando sêres de uma perfeição, que de social ou de humano nada mais tinha. Mas é um dever arredar as objecções dos protestantes e dos catholicos gregos, que proscreveram o culto dos Santos como anti-biblico e idolatrico.... Como Bossuet o estabeleceu, na sua *Exposição da fé catholica*, o culto dos Santos, na sua parte positiva, pode reduzir-se a tres cousas: respeito-os, fazer reviver a memoria de seus serviços, obter a graça de imital-os.»

Outro não é o objectivo do culto positivista, que tanto amalçoam os theologos de todas as cores e de todos os feitios.

E' profundamente verdadeira a observação do sr. E. Antoine, no trabalho ao qual acabo de referir-me, quando salien-

tava esse pronunciado movimento, que está levando toda a occidentalidade para a instituição do culto dos grandes homens:

«E sob a sua forma mais elevada, esse primeiro modo de commemoração consiste em erigir, nas praças publicas, estatuas aos grandes homens. Nada incita mais á instituição de um culto publico do que a erecção de taes estatuas: todas ellas dão lugar á celebração de festas inauguraes, e bem que não se reproduzam cerimonias de igual valor, a imagen, que recebeu assim essa consagração, não cessa de reclamar e provocar a expressão do publico reconhecimento. E' o altar preparatorio de um culto publico.»

V

O zelo pela pureza da fé positiva e o respeito cego pela palavra do mestre levaram o grupo positivista brasileiro a abrir nova brecha no seio do positivismo, repellindo a direcção espirital de Laffitte, e condemnando a conducta do dr. Audiffrent, por incompleta e infiel á doutrina, como a encerram genuinamente os livros de Comte.

Só ha o que lamentar em tantos e tão frequentes desacordos, especie de reproducção das heresias e das criticas, que atravez de um longo periodo secular andaram a trabalhar o catholicismo, até fazer do vago e mal delineado plano bosquejado pelos discipulos do Christo esse edificio social admiravel e solido, que Comte proclamou uma vez o primor d'arte da sabedoria politica.

A essa critica, vinda lá dos arraiaes da theologia, que aponta para as nossas dissidencias interiores, apregoando que o positivismo se está desmanchando em seitas multiplas, podemos sempre lembrar-lhe, como replica de impor silencio, a historia da religião de S. Paulo, que fructificou e cresceu no meio das mais graves luctas e fundas discordias, não logrando nunca a palavra de Deus, posta na bocca do chefe infallivel da Igreja, suffocar a grita dos dissidentes, que retalharam a pretendida religião catholica em tantas seitas diversas e oppostas.

Deu azo ao rompimento com Laffitte a desharmônia surgida no pequeno circulo dos positivistas brasileiros, entre o Sr. Miguel Lemos e o dr. Ribeiro Mendonça por entender este que

não havia preceito da escola, que aos adeptos das theorias de Comte vedasse a aspiração a funcções politicas e o exercicio dellas. Tinha por errado esse modo de vêr o Sr. Miguel Lemos, em cuja opinião « a renuncia a toda ambição politica, consoante as recommendações formaes do Fundador, é uma condição *sine qua non* para fazer parte do grupo positivista ou continuar nelle.» (47)

Ao appello, que acerca de tal desaccordo lhe dirigira o presidente da Sociedade positivista do Rio de Janeiro, respondeu Laffitte neste tom: «Quanto á vossa idéa de pedir formulas de renuncia á vida politica, tenho isso como grandemente prematuro, e não é verdadeiramente applicavel senão aos theoreticos puros. De outra sorte nós iriamos até crystallisar o Positivismo, por falta de uma sufficiente concepção da separação entre a theoria e a pratica. Vossa acção ficaria puramente restrictiva, em vez de ser affirmativa e positiva. Eu não posso, pois, de modo nenhum approvar a vossa intenção.»

E como o sr. Miguel Lemos, invocando textos de Augusto Comte, volvesse a insistir na questão aberta perante Laffitte, replicou este: E' preciso não confundir os principios da doutrina positivista e as regras da sua moral com os conselhos dados por Augusto Comte em um momento dado, os quaes não podem ter senão um simples character de oportunidade, muito susceptivel de mudar com os tempos e os lugares. A não levar isso em conta, e a não distinguir bem a theoria da pratica, o sacerdocio, longe de conquistar a adhesão publica, ficaria sem acção. O seu papel é fazer-se acreditar, e não inpor-se.

A regra é absoluta para o poder espirital, e a ninguem é permitido fazer parte do sacerdocio sem renunciar previamente ao poder politico. Mas, quanto aos homens praticos, ella importa num simples conselho, muito variavel.»

Em carta posterior annunciou o Sr. Miguel Lemos que os positivistas brasileiros, que seguem a sua orientação, não cessariam de reconhecer a direcção geral de Laffitte, mas se reservavam a faculdade de cumprir com todo o rigor possivel os

(47) *L'apostolat positiviste au Brésil*. Rapport pour l'année 1883 por Miguel Lemos.

deveres impostos pela doutrina e de obedecer aos preceitos demonstrados por Augusto Comte.

Quando, por intermedio do Dr. Lagarrigue, um positivista orthodoxo chileno, chegou aos ouvidos do Sr. Miguel Lemos a noticia de que Laffitte recebera uma herança de sua familia, o chefe do positivismo brasileiro não teve mais hesitações, e communicou ao successor de Augusto Comte a resolução inabalavel de não reconhecer mais a sua auctoridade como chefe geral: «Nós continuaremos a nossa propaganda e a nossa acção, que d'ora em diante serão marcadas por um character de rigorosa fidelidade a Augusto Comte, e aguardaremos que surja o seu successor capaz de refazer sobre bases mais solidas a unidade nominal e facticia que existe hoje. Até lá cremos obedecer ao Mestre, não reconhecendo mais uma direcção que infelizmente cada vez mais se desvia, tanto na theoria, como na pratica, da orthodoxia positivista.» (48)

Na brochura já citada do Sr. Miguel Lemos vem longamente expostos outros motivos dessa lamentavel scisão, que a cada passo é documentada com a palavra do Mestre, ao qual não pareceu sufficientemente fiel o discipulo, de quem dissera já o Sr. Sémérie que «Sa robe de pontife l'embarrasse, et l'on pent croire qu'il serait bien aise de pouvoir jeter le froc aux orties.»

E' quasi desnecessario dizer que não me sinto levado a applaudir a acrimonia dos ataques dirigidos contra Laffitte, que por vezes tornaram-se ainda mais altos em grau de violencia do que os que padecera Littré. O Sr. Miguel Lemos de ante-mão prevenira o animo da gente para essa exaltação de agravos, quando attribuiu ao espirito metaphysico o mau sestro de limitar as criticas ás opiniões, pondo fóra do alcance dellas as pessoas, confessando francamente que não acceita uma semelhante maxima. (49)

Bem reconheço ao discipulo, mais que nenhum outro, fiel aos ensinamentos do Mestre, o direito de rejeitar a supremacia de quem, aos olhos da sua consciencia, não podia figurar como o interprete da doutrina comtista e summo sacerdote da religião nova, scientifica, positiva e humana. Nem tenho que formular

(48) Miguel Lemos. Id.

(49) Miguel Lemos. Op, cit. Avertissement.

censuras a uma tal conducta, inspirada pela sinceridade e pela bôa fé, qualidades que respeito e admiro. Mas, respeitaveis que sejam taes motivos e regras de acção, nem por isso bastam elles para determinar a minha adhesão a um semelhante modo de ver e de agir.

Tambem em pró de Pièrre Laffitte acudiram os positivistas acostumados a ouvir a palavra do veneravel apostolo do bem, encanecido no serviço da Humanidade, a quem coubera a missão historica de agrupar os elementos dispersos da fé religiosa nascente, quando a morte prematura do fundador ameaçava desmanchar a egreja comtista. Nessa hora de dolorosas angustias e de desalento para os adeptos da religião demonstravel, Laffitte soube ser digno do papel que lhe distribuiram os acontecimentos, recebendo a herança espiritual, que lhe conferia a função de chefe da escola philosophica mais notavel que já vieram os seculos modernos.

Rebatendo as criticas acerbas do sr. Miguel Lemos o grupo positivista francez em mensagem endereçada a Laffitte, falava nestas frases: «Nós devemos protestar contra essa theoria, segundo a qual as menores palavras de Augusto Comte constituiriam outros tantos artigos de fé, que é necessario aceitar servilmente ao pé da letra. Bem sabemos quanto é temerario contradizer o que elle affirmou e, na ausencia de demonstração positiva, nós voluntariamente cremol-o sob palavra e seguimol-o com inteira confiança. Mas isso todavia não o fazemos senão até prova em contrario, porque não admittimos a sua infallibilidade, como não admittimos a de Aristoteles ou a de Descartes, os quaes apezar de genios, não cessavam de ser homens e como taes sujeitos a erro. Augusto Comte nunca reclamou mais para si, e teria elle sido o primeiro a levantar-se contra esse fanatismo de nova especie, tão estreito, tão oppressivo como o fanatismo theologico, o qual viria interdizer-nos o uso da razão seja para verificar, seja para interpretar, seja para applicar. Certamente nunca ao seu pensamento veiu a idéa de que os seus conselhos, mesmo os mais precisos, seriam tomados em sentido tão absoluto na pratica, que dispensassem a consideração das circumstancias proprias a cada caso. Poderia elle imaginar que haveria homens que fariam dos seus livros outros tantos oraculos, e que veriam nelles a formula sagrada que rege todas as cousas em todos os tempos e em todos os lugares?.... Conviria

render-se á evidencia dos factos e não desconhecer o passado. Não é visível que sem vós, sem a vossa abnegação, sem a vossa dedicação infatigavel, Augusto Comte já estaria sepultado na poeira das bibliothecas, aguardando uma ressurreição longinqua e tardia? . . . Se tivésseis recusado acceitar a successão de Augusto Comte quando ella vos foi instantemente offerecida, ou se, desanimado, tivésseis arriado o fardo, quem seria capaz de fazer o que vós fizestes? Ninguém. Fostes o homem necessario, e ainda não deixastes de sel-o. Algo faltava a cada um dos que podiam pretender essa alta funcção; só em vós se reuniam todas as qualidades por completo.»

Nessa hora Laffitte lembrou aos seus confrades quanto «o positivismo seria facil, mas tambem quanto seria elle esteril e até ridiculo, se consistisse simplesmente em recitar e paraphrasear Augusto Comte.»

Em nome do Directorio positivista londrino falou F. Harrison em defensão de Laffitte: «Nós não achamos nem nas palavras actuaes, nem no espirito geral de Augusto Comte nenhuma justificação para este rompimento. Pelo contrario elle traz á mente as tristes lembranças do protestantismo critico e do liberalismo biblico. Nós rejeitamos como contraria ao genio da religião demonstrada, qualquer tentativa, que tenha por fim erigir os livros de Augusto Comte em Escriptura Santa, dictada por uma inspiração verbal, ou tratar todos os conselhos e utopias da Politica positiva como prescripções absolutas.»

O mesmo sentimento que inspirou a guerra a Laffitte, levou o Centro positivista brasileiro a esse desaccordo com o dr. Audiffrent, um dos testamenteiros de Augusto Comte e um dos mais antigos discipulos da philosophia positiva.

O dr. Audiffrent é um positivista rigorosamente orthodoxo, um sectario fiel da religião da Humanidade para quem Augusto Comte, proclamado com fundamento o mestre dos mestres, é antes de tudo o emulo de S. Paulo e de Mahomet. (50) Em longas paginas de uma leitura proveitosa, o sr. Teixeira Mendes o denunciou como um heretico por ter proclamado, contra os ensinios de Comte, que no momento actual a acção temporal deve primar a acção espirital.

(50) G. Audiffrent. *Auguste Comte et sa plus puissante émanation.*

«Nunca, que o saibamos, o proprio sr. Laffitte ousou levar tão longe o seu desprezo dos ensinamentos continuos do Mestre.... O sr. Audiffrent fala de restabelecer a unidade da familia positivista, como se essa unidade fosse alguma cousa de arbitrario. Que unidade pode-se esperar entre gentes que só tem de commum o titulo que a si mesmo conferem? Em seu opusculo, o proprio dr. Audiffrent aliás incumbio-se de revelar o verdadeiro character dessa chimerica união. Porque o restabelecimento da unidade positivista de que elle fala, significa simplesmente a adhesão á sua *maneira pessoal* de comprehender os ensinamentos do nosso Mestre. O sr. Laffitte nunca comprehendeu de outro modo a unidade positivista. Mas a unidade que nós procuramos é de uma outra natureza: ella suppõe uma completa união conforme os sentimentos, a fé e os actos que o nosso Mestre mesmo nos prescreveu. E nós preferiremos ficar sempre sós a ter de ir engrossar qualquer agrupamento, seja elle qual fôr, inteiramente vasio do seu coração e do seu espirito.» (51)

Tinham doido aos ouvidos dos directores do positivismo brasileiro orthodoxo, tão ardorosamente empenhados nas praticas do culto publico da religião relativa, estes conceitos do dr. Audiffrent: «Os que, no estrangeiro, quizeram praticar o culto publico inspiraram-se nas recommendações do Mestre, e estavam para isso sufficientemente preparados? O meio ao qual elles se dirigiam estaria em melhores disposições do que o meio parisiense? O Positivismo tinha já, nesses paizes, pelo culto privado aberto as almas ás doces effusões, e desenvolvido os grandes sentimentos de fraternidade? Sem censurar as tentativas cultuaes quando ellas são reclamadas por *fiéis já bem preparados*, não seria licito desconhecer os perigos, sobretudo moraes, que póde haver quando aquella hypothese não se verifica... Eu não quizera senão uma cousa: fazer vêr quanto era prematura toda tentativa cultural em meios tão pouco preparados como o são ainda os diversos meios positivistas.»

De um positivista brasileiro, o que foi para mim o maior dos mestres e o melhor dos amigos, a quem eu devo o acerto da orientação do meu espirito, e de quem recebi as mais uteis lições da vida pratica, iniciada sob o seu patrocínio a minha

(51) *La situation actuelle du positivisme.*

carreira publica, de Benjamin Constant tambem andou sempre arredado o Centro Positivista do Rio, o qual diversas vezes proclamou a incapacidade do fundador da Republica para falar e agir em nome do Positivismo.

Era assim que se exprimia o sr. Miguel Lemos tratando do advento da influencia positivista no governo dictatorial republicano, ao qual a revolução gloriosa de 15 de Novembro confiara os destinos da Patria Brasileira: «Infelizmente, digamol-o com franqueza e sem nenhum intento hostil, o dr. Benjamin Constant não estava preparado para semelhante papel politico. Muito capaz pelas suas eminentes qualidades moraes e intellectuaes, e pelo devotamento de que era objecto por parte da mocidade militar, de preparar e de effectuar a revolução, tal como foi concebida e executada, carecia, porém, das luzes theoricas e praticas que a situação reclamava. Sua adhesão insufficiente ao positivismo oppunha-se a que elle acceitasse as vistas e pozesse em pratica as soluções politicas indicadas por Augusto Comte, e que nós não haviamos cessado de propagar.» (52)

A seu turno o sr. Teixeira Mendes, criticando extensamente a reforma das escolas militares, feita por Benjamin Constant, escreveu:

«Infelizmente o cidadão Ministro da Guerra não vê a politica pelo mesmo prisma que nós, que aliás não fazemos senão trilhar com inteira submissão a senda traçada pelo egregio Pontífice, cuja superioridade elle não cessa de proclamar. E o resultado dessa divergencia é que o Brasil não fica na situação em que mais poderia reagir sobre a França, *de cuja imprescindivel iniciativa depende a regeneração humana*. Orientador glorioso de uma admiravel insurreição, o cidadão Benjamin Constant consentiu que o seu prestigio politico ficasse subordinado ao dominio metaphysico do imperialismo, e assim vae permittir que não seja desde já radicalmente eliminado da politica brasileira o fermento da putrefacção parlamentar. Desta arte, em vez de fornecer aos estadistas contemporaneos o typo do chefe politico exigido pelas actuaes necessidades do Occidente, conquistando ao mesmo tempo uma gloria só equiparavel á do grande Frederico, o cidadão Ministro da Guerra trabalha, embora sem dar-

(52) *O apostolado positivista no Brasil*. Nona circular annual. 1889.

se conta, por tornar-se apenas o substituto aggravado do ex-imperador na organização da pedantocracia brasileira.» (53)

Desde 1882 que o dr. Benjamin Constant se retirara do Centro Positivista Brasileiro, annunciando essa sua resolução em carta dirigida ao sr. Miguel Lemos aos 26 de Janeiro daquelle anno, onde foram lançados estes topicos: «Direi sómente que o facto de ser empregado publico não me inhiibe de trabalhar em favor de uma doutrina, como é o positivismo, uma vez que o faça, como até aqui tenho feito e continuarei a fazel-o, com a digna conveniencia que é tambem reclamada pela propria doutrina. Estas divergencias quebraram a solidariedade que entre nós existia como membros daquella importante associação, tornando, bem a pezar meu, irrevogavel a resolução de desligar-me della, como por esta me desligo.»

A verdade é que a acção da propaganda positivista feita por Benjamin Constant, mais do que nenhuma outra, serviu de acelerar a marcha da nova doutrina do relativismo, que foi ganhando, no seio da mocidade das academias, esse pugilo de adeptos convictos e fervorosos.

Foi por ahi que a nova fé scientifica se infiltrou no meio brasileiro, apparelhando os cerebros juvenis para as grandes luctas de que sahiu a redempção politica da nossa Patria.

A geração de hoje, toda ella forte, equilibrada e sã, em maxima parte, quanto á orientação politico-philosophica, é filha dessa admiravel e esforçada batalha ferida em prol do advento dos principios da doutrina regeneradôra, tal qual Benjamin Constant a professava, generosa e larga, sem o minimo laivo de intolerancia, sem nenhum exaggero que a tornasse antipathica ao meio theorico e pratico em que elle agia.

Por isso com acerto dizia Pierre Laffitte em começos de 1890, tratando da fundação da Republica no Brasil: «As opiniões positivistas de um dos principaes chefes do novo governo, o dr. Benjamin Constant, são conhecidas de todo o mundo, e nunca elle fez disso mysterio. Sempre extranho a essa disposição singular que levz certos espiritos a não tomar no positivismo senão os pontos contestados e por ventura contestaveis mesmo,

(53) T. Mendes. *A politica positiva e o Regulamento das escolas do Exercito.*

soube elle inspirar-se do verdadeiro espirito scientifico, de que o Positivismo é a expressão suprema, por isso que o coordenou e estendeu até os phenomenos sociaes e moraes. Na sua qualidade de homem de Estado philosopho, Benjamin Constant comprehendeu o que havia de applicavel na grande doutrina renovadôra, e marchou sempre com passo firme em uma via sábia e sensata, por onde o foram seguindo excellentes espiritos e corações devotados.»

VI

No decurso da polemica, a que fui arrastado em 1881 para defender os principios da philosophia positiva contra os ataques dos apostolos da theologia, eu escrevi: a tolerancia é uma grande cousa, é uma virtude moderna. (pag. 67 deste livro).

Eu quero agora precisar esse conceito, mostrando até que ponto a philosophia relativa é tolerante, e até onde a intolerancia arrasta os sectarios das religiões theologicas.

Um conego da diocese do Pará em data recente notou que «em uma igreja e lá, perante os altares sagrados, na presença de um venerando sacerdote catholico, na presença de distinctissimas familias catholicas, effectuou-se o meu hymeneu.» O mesmo sacerdote catholico escreveu: «Ora, não sou arauto de nenhuma novidade dizendo que os gentis filhinhos do exm. sr. dr. Governador têm recebido na igreja cathedral as aguas lustraes do baptismo em nome da Santissima Trindade.»

Assombrou-se o padre christão deante desses factos, que aos seus olhos significavam preito de homenagem aos dogmas da theologia.

E como toda a serie de artigos publicados na imprensa visara refutar a frase, de que eu fizera uso em uma de minhas mensagens, celebrando o advento do novo regimen politico, porque elle viera desdar os nós, que acorrentavam as nossas consciencias aos dogmas caducos da theologia, pareceu ao defensor da fé christã que esses actos da minha vida domestica valiam como prova do prestigio dos dogmas da theologia, da Religião Catholica, a cuja força eu cedi.

Nada menos justo e nada menos certo. De Littré, mestre

da philosophia e da sciencia positiva, de que mal posso eu ser discipulo humilde, houve já quem celebrasse o espirito da mais larga tolerancia, casado á completa emancipação das religiões tradicionaes. Apregoou-se como uma maravilha a tolerancia proverbial do sabio francez, casado com uma mulher que era fervente catholica e cuja filha unica, Sophia, seguiu os ensinamentos maternos. São do padre Hermann Gruber estes commentos: «Nunca elle contrariou em nada a sua mulher nem a sua filha, que praticavam regularmente a religião catholica e muitas vezes frequentavam a igreja. Absteve-se sempre de qualquer palavra que pudesse feril-as nos seus piedosos sentimentos.»

Sobejas provas essas na realidade são de que largas diferenças existem entre os antigos e os novos idéaes. Ao velho odio theologico, que amaldiçoava a sciencia em nome da Biblia vencida e rafada, succedeu essa doutrina bôa e regeneradôra, que abençôa o preterito e consorcia pelos laços estreitos da fé, que se demonstra, o passado, o presente e o futuro, fazendo dos antepassados, dos vindouros e dos coevos, elementos de um só e grande todo, que Comte admiravelmente definiu-o conjuncto continuo dos sêres convergentes. Como é grande essa crença deante da qual valem por igual os sectarios de todas as religiões, os partidistas de todos os dogmas, os confessores de todos os credos, judeus, catholicos, mahometanos, protestantes ou simples deistas!

Que de vezes teriam de assombrar-se os sacerdotes catholicos, ao penetrar o lar dos homens appellidados impios, e ao se lhes depararem quadros como esse da vida domestica de Litré, uma esposa catholica no exercicio sagrado da sua missão de mãe, ensinando ao filhos, innocentes e meigas creancinhas, o catecismo catholico!

Litré proclamara um dia esse dom maravilhoso da tolerancia, condemnando o acto vergonhoso da Igreja, que sob a ameaça de um supplicio arrancara ao velho sabio Galileu a celebre retractação, que não ultrapassou os humbraes do carcere, onde a ignorancia encerrara o homem na esperança fallaz de enclausurar o pensamento. «Graças á tolerancia, semelhantes attentados não são mais possiveis. A tolerancia é uma das mais bellas virtudes sociaes que a civilisação crescente já produziu, e, moralmente, ella colloca a edade moderna muito acima das edades antigas. Os que poderiam pensar que o accrescimo das luzes não traz

comsigo um accrescimo paralelo de moralidade, basta que considerem a tolerancia e vejam quantos soffrimentos, quantos crimes, quantos algozes e victimas ella poupou ás sociedades presentes.»

Ordinariamente é do meio catholico, que dimanam os mais crueis e impiedosos ataques contra o positivismo. A igreja lançou os seus anathemas e cuspiu as suas maldições contra esse monstro de impiedade, apavorada deante dessa audaciosa escola philosophica, que se transformou em religião e que surgiu falando pelos órgãos do seu fundador esta linguagem: «Em nome do passado e do futuro, os servos theoreticos e os servos praticos da Humanidade vem assumir dignamente a direcção geral dos negócios terrestres, para construir enfim a verdadeira providencia, moral, intellectual e material; excluindo irrevogavelmente da supremacia politica todos os diversos escravos de Deus, catholicos, protestantes ou deistas, como sendo ao mesmo tempo retrogados e anarchicos.» (54)

Bastaria para deixar manifesto o limite até onde pôde ir o positivismo, animado por esse largo espirito de tolerancia, que é um simples corollario do dogma fundamental da relatividade, solida base em que a nova philosophia se estriba firme, bastaria recordar essa tentativa arrojada, de que já falamos, por onde Comte planeou combinar o Positivismo e o Catholicismo, alliança religiosa que Laffitte considera util e possivel. (55)

Nas obras de Comte muitas são as passagens, qual mais significativa e eloquente, em que o fundador da religião positiva proclamou os serviços do catholicismo a bem dos progressos humanos, salientando o papel que a essa admiravel creação social do passado coube desempenhar no drama agitado da civi-

(54) Augusto Comte. *Catechisme positiviste*.

(55) «O Positivismo pôde, com effeito, resolver o grande problema: utilisar as propriedades de ordem moral que ainda possui incontestavelmente o catholicismo, na grande transição que deve finalmente conduzir-nos á religião da Humanidade. E esta utilisação será obtida por meio de um accôrdo entre a grande religião ascendente e a religião descendente. A alliança não deve ser senão moral e religiosa, e nunca politica; o Positivismo, proclamando que deve caber-lhe a direcção politica da França, e que o catholicismo deve ficar reduzido á materia de ordem privada... Eu creio, pois, que a alliança deverá essencialmente ser feita entre o Positivismo e o Clero secular... Nestas condições, parece-me que a alliança religiosa, tão util, torna-se verdadeiramente possivel.» P. Laffitte. *L'evolution catholique. Revue Occidentale*. 1894, n. 6.

lisação. Ao Catholicismo caberia antes ver no Positivismo um aliado na cruzada do bem, melhor diríamos, um successor nessa tarefa de alumiar a estrada por onde o homem prosegue sem repouso a jornada da vida.

Tratando da liga religiosa, eram estas as palavras de Aug. Comte: «o catholicismo deve constituir hoje, na mór parte das evoluções individuaes, a melhor preparação para o positivismo, do qual foi elle collectivamente o precursor necessario.... E' necessario hoje desejar, para o bem publico e para a felicidade privada, que as almas fiquem catholicas em quanto não se tornam positivistas, fugindo de todo o scepticismo.» (56)

Tambem era tal, no entender de Aug. Comte, a semelhança entre a missão social da religião catholica e a que caberia á nova religião da Humanidade, como a concebera o seu creador, verdadeiramente universal, e capaz de ligar activamente todas as almas religiosas para sobrepujar o conjuncto dos instinctos irreligiosos; taes e tantos se lhe afiguravam que deveriam ser os laços de sympathia, que uma á outra ligassem essas duas syntheses religiosas, que de um lado o subsidio positivista era posto sob o patrocínio dos sinceros sectarios da fé theologica (57), e de outro lado o mestre prescrevia aos discipulos a obrigação de contribuir para a manutenção dos cleros, uma vez supprimido o orçamento dos cultos. (58)

Guiados por esse mesmo elevado sentimento de tolerancia, e feis aos conselhos e preceitos do Mestre em epoca re-

(56) Aug. Comte. *Appel aux conservateurs.*

(57) «Eu sou assim levado a terminar esta circular, ousando directamente collocar o subsidio positivista sob a sympathica assistencia dos theologistas sinceros, que consideram o advento de um poder espirital como a primeira necessidade dos nossos tempos.» (Auguste Comte. *Sixieme circulaire.*)

(58) «Eu espero ver bem cedo supprimido, em França, todo orçamento theologico; de sorte que a subsistencia dos padres quaesquer ha de finalmente repousar como a minha, sobre as subscrições voluntarias de seus respectivos adherentes. Mas, se esta emancipação não vier a realisar-se senão depois da minha morte, eu desejo secundar, tanto quanto o teria feito em vida, a livre sustentação do culto catholico em Paris, conforme a declaração que acabo de recordar. Alem da participação que os meus discipulos, individualmente poderão tomar, considero como um dever a contribuição collectiva de cem francos por anno, valor do meu compromisso publico, em favor do catholicismo, emquanto durar o seu subsidio voluntario.» (*Testament d'Auguste Comte.*)

cente os srs. Pièrre Laffitte e Miguel Lemos offereciam auxílios ás religiões theológicas. Laffitte concorria para a construcção de um templo musulmano em Paris, e o sr. Miguel Lemos offerecia ao arcebispo do Rio de Janeiro um auxilio annual, que o prelado brasileiro não quiz acceitar.

Para os que conhecem o positivismo pelo seu character essencial de relatividade, graças ao qual lhe é permitido olhar sem odios e sem antipathias para todas as religiões e para todas as crenças, não haveria o que admirar no facto de ir um livre sectario dessa philosophia scientifica ao templo catholico para ver consagrada a sua união conjugal ao tempo em que era esse o meio unico de legitimar perante a lei o santo laço moral, que consorcia pelo amor duas almas sympathicas.

E' decisiva e do mais alto valor a opinião de Augusto Comte sobre esse assumpto. Aqui a consigno como explicação do acto da minha conducta, que não podendo ser tido por uma incoherencia, no entender do sacerdote que o criticou, só poderia significar, a juizo seu, uma cessão á força dos dogmas theologicos.

«O casamento mixto é permitido a todo positivista assaz emancipado das religiões anteriores, para poder participar passivamente das suas ceremonias quaesquer sem nenhuma adhesão mentirosa. Diversas vezes eu proprio fiz que verdadeiros cren-tes dessem livremente este justo testemunho de deferencia pessoal e de respeito civico.... Seja qual fôr o modo porque se realise o casamento mixto, nunca deverá elle alterar a regra positivista, que confia á mãe a superintendencia da educação dos filhos quaesquer. Uma crença atrazada não impede a esposa de ser em virtude da sua preeminencia moral, mais propria do que o esposo para dirigir a iniciação domestica, e inspecionar mesmo a instrucção publica, afim de subordinar sempre o espirito ao coração. Os verdadeiros positivistas deverão respeitar sempre essa attribuição, quer segundo uma sã apreciação do verdadeiro officio da intelligencia na preparação humana, quer por sentir assaz a superioridade da sua propria fé para esperar que ella acabará por prevalecer espontaneamente.» (59)

Sem ser o que, na linguagem de Comte, se chama um

positivista verdadeiro, a minha conducta obedeceu áquelles preceitos excellentes, e nunca os meus principios perturbaram, no meu lar, a livre e sincera pratica da religião catholica, que é a religião dos entes que na vida me são mais caros.

Quanto ao sacramento do baptismo, é sabido que Aug. Comte a elle referiu-se sempre nos melhores termos, tendo instituido, entre as nove ceremonias da religião, de que se fez o primeiro Pontifice supremo, essa da apresentação, que é perfeitamente um equivalente do baptismo catholico, por meio do qual a creança recebe o sacramento inicial, que a consagra ao serviço da Humanidade.

Comte falava nos melhores termos do acto solemne do baptismo no volume, que os positivistas orthodoxos tem por santo, conforme a classificação do proprio Mestre, quando recordava a data inicial do seu consorcio espirital com essa mulher, que elle proclamava a cada passo a sua unica verdadeira esposa, a sua illustre collega philosophica, a sua conselheira inestimavel, a mais eminente das mulheres pelos dotes do coração, do espirito e mesmo do character, a digna sacerdotisa da Humanidade emfim. (60)

(60) Dando regras aos seus discipulos fieis para as cerimoniaes do seu enterramento, mandara que o funebre cortejo parasse em frente á Egreja de S. Paulo, que elle hebdomadariamente visitava desde 1854, e accrescentava: « Meu coração instituiu esta pratica em commemoração da incomparavel cerimonia realisada nesse lugar na quinta-feira, 28 de Agosto de 1845, de onde eu sempre datei o meu casamento espirital com a minha angelica collega, quando juntos ali servimos de padrinho e madrinha a um sobrinho seu. O meu espirito sancionou logo depois esse uso ao qual eu devo já uteis inspiraões, dispondo-me a sentir melhor as relações normaes entre o catholicismo e o positivismo. »

Pièrre Lafitte commentou esse acto da vida de Augusto Comte nestes termos: « A cerimonia de 1845 não podia ser para Augusto Comte, senão uma formalidade absolutamente banal. Sem duvida o catholicismo, sob o peso de uma situação que não lhe era mais favoravel, tinha chegado a um muito alto grau de tolerancia, e os padres catholicos aceitavam como padrinhos, pessoas de quem não exigiam nenhuma manifestação bem authentica de crenças catholicas. Basta sobretudo em Paris, uma sorte de adhesão passiva que resulta da simples presença. Por sábia temos nós aliás uma sêmelhante regra de conducta, indicada pela situação; e é certo que ella se generalizou. » *Revue Occidentale*. n. 4, 1895.

E' aos meus olhos discutivel, seja-me licito dizel-o, o fundamento do alto conceito, em que Comte tinha o merito de Clotilde de Vaux, mulher que elle considerava *la plus eminente de cœur, d'esprit, et même de caractère, que l'histoire universelle ait jusqu'ici présentée*.

Os conceitos de Comte acêrca de baptismo christão foram formulados em uma carta philosophica escripta a 1 de Julho de 1845, onde a cerimonia ecclesiastica era reconhecida como acto da mais alta importancia e tida por complemento espiritual necessario da operação civil puramente material.

Mais de uma vez nessas paginas achei com que tranquilisar a minha consciencia, por actos que aos meus proprios olhos pareciam de hypocrisia social, quando os laços de sympathia pessoal obrigavam-me a associar-me a ceremonias do culto catholico, ás quaes sou inteiramente indifferente pela emancipação completa do meu espirito. Ainda hoje, no meio do conflicto das religiões, que se vão, e de uma religião que ha de vir, esses factos occorrem frequentes, valendo como meio de demonstrar uma estima mutua, associando-nos espiritualmente a familias amigas.

Era em situação tal que Augusto Comte escrevia: «Sem professar essa crença (o monotheismo christão), o todo da solemnidade correspondentemente se me afigura ser o meio unico que nos concede a anarchia actual para manter, de um modo qualquer, a preciosa tendencia para espiritualisar, desde o seu inicio, toda a vida humana. Tal é a alta intenção social que aqui nos une ao ministro religioso, embora cada um deva hoje referir-a interiormente á doutrina, que julga só digna de dirigir d'ora em diante a humanidade. E' assim que o espirito o mais emancipado póde ainda sinceramente participar desta tocante incorporação... E' pois sobretudo com taes intuitos, que eu devia hoje comparecer perante o funcionario sacerdotal, como o unico orgão publico por intermedio do qual a sociedade actual póde receber, em meu nome e em nome de minha cara companheira espirital, o solemne compromisso, que nós contrahimos com alegria, de dar sempre ao vosso filho bons conselhos e bons exemplos; em uma palavra, de concorrer tanto quanto nos fôr possivel, para a sua felicidade, e até de cercal-o da solicitude materna e paternal, caso haja necessidade de supprir taes funcções. Tal é a sincera declaração que não hesitará em consagrar qualquer sacerdote que dignamente houver comprehendido o verdadeiro espirito social do seu ministerio, sem indagar quaes são as nossas opiniões.» (61)

Mas que ninguém se illuda, cuidando que os sectarios da philosophia positiva, porque lhes permite o criterio da relatividade, que é o grande instrumento com que desvendam o passado, dê treguas ás religiões baseadas em meras ficções e milagres. Para os adeptos da fé baseada sobre a sciencia, o presente estado da mentalidade humana é incompativel com essas velharias já sem nenhum valor, destinadas a desaparecerem do grande scenario social, dando logar ás novas creações inspiradas pelos ensinamentos da sciencia experimental.

Essa these desde 1878 que a discuti nas paginas de *Revistas da Escola Militar*, ainda no inicio da minha carreira academica. A ella em grande parte foram consagrados os meus esforços nas luctas da imprensa do Pará, tantas vezes tive que confutar audaciosas allegações de espiritos retrogrados num meio imbuido de preconceitos, vivendo de um culto primitivo, essencialmente fetichista.

Nunca no cerebro de Augusto Comte aninharam-se illuções acêrca dos destinos certos do catholicismo, descarnado pela critica metaphysica, e espontaneamente desagregado por vicio organico, digamol-o para justificar a nossa attitude severamente hostile nessa guerra, que durante annos não teve treguas, e a qual pareceria destoante da attitude sympathica, que em mais de uma pagina o positivismo guarda em face da religião theologica. Ainda que mais de uma vez o creador da synthese subjectiva testemunhasse o maior respeito para com o catholicismo, nunca cessou de formular a sentença condemnatoria, que feriu de inanidade esse conjuncto de crenças banaes e phantasticas, reduzidas á mais triste esterilisação nos tempos modernos. Quando já o exclusivismo da preocupação religiosa levava Comte até a vêr a possibilidade de «transformar o culto especial da Virgem de modo a preparar as populações catholicas para a adoração universal da Humanidade, sob a impulsão gradual dos positivistas assistidos pelas mulheres e pelos jesuitas regenerados», não cessava de ser vergastada a «hypocrisia theologica, tão degradante quando é exercida, quanto oppressiva quando é padecida.»

Taes eram os dizeres do eminente philosopho nesse livro do *Appello aos conservadores*, especie de manifesto politico-philosophico-religioso, dictado pela ancia de chegar á pacificação da consciencia universal, pela implantação da nova synthese, que era

o positivismo, visando produzir a grande alliança de todos os cultos uteis e sinceros :

« Quando o sacerdocio catholico, após haver desempenhado o seu principal officio, perdeu irrevogavelmente a sua independencia primeiro, e depois a sua moralidade, esses vicios radicaes, que tinham sido largo tempo contidos por uma reconhecida sabedoria, tomaram um curso livre, que decompoz o regimen e o dogma, mantendo apenas o culto... Desde que o clero catholico se acha annullado, o regimen que elle dirigia perdeu toda a efficacia directa, primeiramente no que toca á vida publica, e depois até mesmo quanto á vida privada. A sua moral, tão vangloriada, hoje não inspira mais senão vagas declamações, que podem, conforme os impulsos, tornar-se oppressivas em relação aos pobres e subversivas contra os ricos, pregando tanto o servilismo como a sedição. »

Que podem na verdade valer hoje os dogmas caducos da theologia, quando de dia para dia vae a sciencia dando novas luzes á razão e novos combates ao erro? O desvio por onde os partidarios da fé christã fugiram á derrota certa e inevitavel dos dogmas da Biblia, um por um aniquilados pelas conquistas realisadas no dominio do saber, filho da observação diuturna e da experiencia, foi essa theoria original, que separou os dominios respectivos da certeza *scientifica* e da certeza *inspirada*, e que em data proxima ensinava pela palavra de um notavel homem de letras, o sr. Ferdinand Brunetiére, que « a fé não é negocio nem de raciocinio nem de experiencia; que não se demonstra a divindade do Christo, affirma-se ou nega-se; crê-se nella ou não se crê, como na immortalidade da alma, como na existencia de Deus. »

Era por esse estreitissimo desvão, que o eminente astronomo francez, H. Faye, eia levado á defeza do erro mosaico posto de manifesto pela celeberrima descoberta de Copernico, de que foi Galileu o mais famoso dos arautos e o mártyr immortal: « A semrazão dos theologos da Congregação do Index, pouco competentes em materia de Astronomia, foi o terem esposado a querella dos sectarios de Aristoteles e de Ptolomeu. Deveriam ter-lhes respondido: « A religião vem de Deus, a sciencia, verdadeira ou falsa, vem dos homens; ide liquidar a vossa polemica nos livros ou nas escolas. » Mas ha muito tempo que esse erro foi reparado; o decreto que condemnava o livro de Co-

pernico foi revogado, e assim oficialmente ficou reconhecido que a sciencia não é de inspiração divina.» (62)

O notavel astronomo francez via na Biblia a linguagem de uma sciencia toda rudimentar, a linguagem das apparencias, e ensinava que «os livros santos não têm nenhuma auctoridade em materia de sciencia.»

De alguma fórma o sabio naturalista allemão, E. Hœckel que foi para Darwin o que Galileu tinha sido para Copernico, veio comprovar aquelle asserto, quando falou dos esforços empregados por homens de sciencia, imbuidos do preconceito dualista, para pôr as escripturas sagradas de accôrdo com as novas verdades da revelação positiva, contraria á revelação theologica: «Todas essas tentativas de interpretação de tal modo nos parecem artificiaes, que nem tentaremos refutal-as aqui. A Biblia não é um livro de historia natural; é uma collecção de documentos tocantes á historia, á legislação, á religião do povo judeu; que ella nenhum valor real tenha, que esteja, ao envez, prenhe de erros grosseiros, no que diz respeito ás questões de historia natural, isso não diminue em nada a sua importancia para com a historia da civilisação.»

Que nos seja permittido fazer apenas menção especial dessa verdade, posta á descoberto pelo genio de Copernico, e que é, sem contestação, na historia dos progressos do espirito o passo mais audacioso dado para a emancipação da consciencia humana. Nunca mais rijo feriram sabios em todos tempos o edificio da theologia, do que dessa feita, tirando á terra a preminencia, que lhe cabia no plano da creação, concertado pelo Deus mosaico, e pondo-a na mesma esteira dos demais planetas. A terra despia os seus attributos de nobreza, reduzida a ser um astro secundario, um quasi nada ao pé do grande todo do universo. Tambem a theologia sentiu como nunca combalidos os alicerces, em que se erigia.

Ainda quando a bancarrota da sciencia, que se denunciou em um trabalho, que parece o grito de uma alma em desespero, fosse a realidade de que o sr. Brunetière se fez pregoeiro, (63), em que isso daria lucros aos dogmas desmanchados da theologia?

(62) H. Faye. *L'origine du monde.*

(63) *Revue des deux mondes*, 1895.

Se a sciencia mentiu ao seu programma, que Augusto Comte resumiu bellissimamente nesta formula — reorganisar a sociedade sem Deus e sem rei, — em que o não cumprimento dessa promessa aproveita aos mysterios impenetraveis das religiões theologicas? A verdade é que as arcas do thesouro intellectual da humanidade se vão diariamente enchendo de capitaes novos e de mais admiraveis riquezas. Se a sciencia esbarrou em face do problema insolvel das causas primarias e finaes, é que esse dominio eternamente será fechado á razão humana. *Ignoramus et ignorabimus*. Essa fallencia scientifica, de que falou o litterato francez, e que tamanha matizada produziu em torno do seu nome, era consequencia certa, inevitavel corollario da natureza da nossa razão, de si limitada, mettida no circulo estreito da observação e da experiencia, onde apenas podem ser descobertas as leis dos phenomenos. Nunca a theoria da evolução dirá a ultima palavra dessa interrogação formidavel — *de onde vivimos?* —

Ao pôr fecho o seu esplendido estudo sobre as origens do universo e do mundo, H. Spencer enunciava-se assim: «Se a formação do systema solar por essa hypothese se nos tornou intelligivel, e da mesma sorte a de uma infinidade de systemas semelhantes, nem por isso o mysterio supremo deixou de ficar tão impenetravel como nunca. O problema da existencia em geral não foi resolvido: apenas logramos recual-o. A hypothese da nebulosa em nada nos esclarece acêrca da origem da materia diffusa; e a materia diffusa não exige menos do que a materia concreta uma explicação. A formação de um atomo não é mais facil de conceber do que a formação de um planeta. Ha mais: em vez de tornar o universo menos mysterioso, a hypothese accresce o mysterio.» (64)

E Littré: «No ponto de vista de origem, abandonar-se-á a questão como todas as questões que implicam uma causa primaria. A philosophia positiva, sobre tal assumpto, se exprime como sempre que se trata de causas hyperphysicas, quer dizer, collocadas além da experiencia... Agora se perguntarem á philosophia positiva qual é a solução que ella elege entre o processo de geração do materialismo e a criação sobrenatural, ella

(64) H. Spencer *The nebular hypothesis*.

responderá que não tem solução nenhuma a propor, que nada pôde forçal-a a crêr o que não está demonstrado, e que aceita, com tanta firmeza quanta humildade, uma ignorancia invencível sobre tudo o que é indemonstravel.» (65).

Não! a sciencia não abriu fallencia porque nunca as suas promessas foram além do campo util e fecundo do relativo, onde as leis de todos os phenomenos naturaes são descobertas e demonstradas.

A sciencia não teve nunca audacias tamanhas. Ao menos todos os sabios especialistas de valor confessaram sempre a incapacidade do espirito humano para dar a solução dos problemas insolúveis das origens.

Foi assim que falou Berthelot: «A sciencia positiva não indaga as causas primarias nem o fim das cousas; mas ella procede estabelecendo factos pela observação e pela experiencia.» Foi assim que fallou Quatrefages: «Aos que me interrogam sobre o problema das origens, eu não hesito em responder em nome da sciencia: *Nada sei.*»

E Pasteur: «A sciencia experimental é essencialmente positivista, por isso que, em suas concepções, ella nunca faz intervir a consideração da essencia das cousas, da origem do mundo e dos seus destinos.»

O papel da sciencia tem sido apontar onde e quando a theologia e a metaphysica falharam nessas tentativas audazes de conhecer o incognoscível, *nihil cogitabile*.

Por isso não errava Lefèvre quando dizia: «A' medida que Deus, outr'ora presente na doença, no vento, no raio, na historia, nas revoluções do globo, é posto fóra das cousas e do tempo, a sua inutilidade passada apparece tão clara como a sua inutilidade presente: reuncia-se a este zero collocado á esquerda de todos os numeros e que em nada modifica a sua somma.»

E quando Faye invoca, para defender a existencia de Deus, o decreto de 7 de Maio de 1794, pelo qual a Convenção o reconheceu, e vem allegar que a sciencia nunca foi ter á negação de um Ser supremo, pode-se, para redizer palavras, que já foram ditas por um sectario da philosophia positiva, o dr. C. Hil-

(65) E. Littré. *La science*.

lemand, responder: «Ha um irreductivel antagonismo entre estas duas forças, e a historia das descobertas da sciencia é a historia das derrotas da theologia; successivamente foram os sabios expellindo Deus da Astronomia, da Physica, da Chimica, da Biologia, e Augusto Comte afinal expulsou-o da Sociologia e da Moral.»

Conta Robinet (*Vie d'Auguste Comte*), que do insigne mestre diziam os alumnos da Escola Polytechnica, onde elle professava, que «tinha posto Deus em equação e só achara raizes imaginarias.»

«Deus é uma negação, avançou De Roberty... Deus é *negativamente* o homem, a planta, a pedra; é negativamente ainda, o finito, o concreto, o relativo... E' a negação suprema, o zero mais zero, se me é dado exprimir-me assim, porque elle contem e abraça todos os zeros... E essa negação pode ser uma contradicção *in pleno*, sem a menor restricção, sem o mais pequeno subentendido; e nesse caso ella é então, como nós sabemos, um puro artificio logico, um simples auxiliar do pensamento. Deus possui aqui a realidade de toda illusão necessaria, a verdade do bastão quebrado n'agua, da immobildade da terra, do horisonte limitando a vista. E' um *status vocis*, que representa um *status mentis*.»

Mais de uma vez em paginas antigas, agora revividas neste livro, eu defendi a philosophia positiva da pecha de atheismo. Sem duvida os positivistas são imbuidos dessa incredulidade, da qual Diderot fazia o primeiro passo para a philosophia. Huxley tratando de Descartes, n'um estudo cheio de largas vistas e de profundas verdades, falou nesse scepticismo activo, que Gœthe definia—um certo genero de duvida, que busca chegar á certeza relativa por via da experiencia e da razão.

A sciencia ensina a crer, sob o testemunho dos sentidos. Onde não fala a razão, a fé só pode se basear no milagre. E' assim a fé theologica, que se escuda na revelação, fé indemonstrada e indemonstravel. Sem duvida a philosophia positiva oppõe á affirmacção theista absoluta uma negação relativa e condicional, que não é o atheismo metaphysico, que nega Deus, mas que continúa a explicar a essencia, o começo e o fim das cousas. Para a philosophia positiva Deus é uma mera hypothese, graças á qual, no passado, o espirito humano pôde explicar os phenomenos naturaes e construir a synthese absoluta, primeiro degrau essencial na escala do conhecimento do mundo e do homem.

Aos que disserem como Edmond Scherer, invocado por Brunetière, que a moral não acha o seu ponto de apoio senão em Deus; e que a consciencia é como o coração: tem necessidade de um *alem*; repitamos estas memoraveis palavras de Littré: «O que está alem do saber positivo, seja, materialmente, o fundo do espaço sem limite, seja, intellectualmente, o encadeamento das causas sem termo, é inaccessible ao espirito humano. Mas, inaccessible não quer dizer nullo ou não existente.»

Tambem não sei porque esfalam-se os adversarios da philosophia positiva nessa teimosia de pôr-lhe em cima o rotulo de athéa. Isso em nada desdoura os sectarios de uma doutrina, á qual é perfeitamente indifferente que exista ou não exista um Deus ou muitos Deuses no universo, comtanto que a nenhum delles seja licito violar as leis da natureza, suspendel-as na sua execução fatal ou revogal-as.

Bem disse Stúart Mill: «Após o exame, que acabamos de fazer, das provas do theismo e das provas de uma revelação, a conclusão a tirar é que a attitude racional de um pensador deante do sobrenatural, tanto na religião natural, como na revelada, é a do scepticismo, quer dizer, uma attitude, que não é nem a crença em Deus nem o atheismo.»

Entre a negação absoluta e dogmatica do atheismo, como systema philosophico, por onde o universo e o homem são explicados nas suas origens e fins, e a negação relativa da philosophia positiva, que do universo e do homem só conhece as leis, systematicamente arredada da indagação das causas, finaes ou primarias, ha este accordo: ambas regeitam por inutil a hypothese de um Ser omnipotente e omnisciente. Socialmente falando, pouco é o que reclama o positivismo: «o que nós temos o direito de exigir, assertava P. Laffitte, é que o theologismo e Deus tornem-se absolutamente cousas de ordem privada; e que legalmente nada se possa impor em nome dessas doutrinas indemonstraveis.»

VII

Quando eu ensaiei neste Estado um estudo systematico da philosophia positiva, e defendi, contra os ataques violentos do clericalismo irritado, a fé relativa e os seus dogmas capitaes, argu-

mente em nome da theoria darwiniana, oppondo essa hypothese scientifica á absurda hypothese da theologia, que está na Biblia. E invoquei como apoio á these defendida a existencia do *bathybius Hæckelii* de Huxley.

Era isso em 1881.

Eu tinha colhido essa arma na admiravel obra do famoso professor de Iena, cuja 7.^a edição allemã apparecera em 1879, e que fôra traduzida em todas as linguas faladas por povos cultos. Ainda na 3.^a edição da traducção franceza, publicada em 1884, a passagem em que eu me arrimava está repetida.

Era assim que o eminente professor allemão falava do *bathybius*, considerado por elle a mais notavel de todas as moneras, e cuja existencia fôra revelada em 1868 pelo celebre zoologista inglez: «O corpo inteiro deste *bathybius* tão notavel e cuja existencia recentemente tem se procurado contestar por vãos esforços, bem como a de outras moneras, consiste pura e simplesmente em um plasma sem estructura, ou protoplasma, quer dizer, um composto carbonado albuminoide, desses que, por modificações variando ao infinito, formam o substractum constante dos phenomenos da vida em todos os organismos.» (66)

Eu queria confessar que não conhecia, naquelle tempo, o valor das contestações feitas a um facto acceito por homens de sciencia do maior valor. E devo tambem dizer que, rejeitada, com a sinceridade e a bôa fé, que são carecteristicas dos que falam baseados na experiencia e na observação, essa descoberta, em nada soffre a hypothese do transformismo por falta desse accessorio suporte.

(66) Devo á gentileza do distincto zoologista, Dr. Emilio Gældi, director do Museu Paraense, a seguinte nota: «Thomaz Huxley achou o *bathybius* em 1868, examinando o lodo sub-marino que annos antes tinha sido colhido por occasião dos trabalhos preliminares para o cabo transatlantico. No mesmo anno, Thomson e Carpenter, zoologos da *Porcupine-Expedition*, julgaram ter re-descoberto o *bathybins*, pretendendo ter notado nelle phenomenos vitales. Apesar de todos os esforços, porem, os zoologos da *Challenger-Expedition* não acharam mais o *bathybius*, e sim cousa diversa. Buchanan provou que o lodo sub-marino misturado com alcool dá um deposito de sulfato de cal de aspecto gelatinoso. A existencia de diversas moneras, *Vampyrella*, *Protomixa* etc, (16 especies) ninguem contesta. Na sua obra mais recente «*Phylogenia systematica dos Protistos e das plantas*» (1894), Hæckel nada absolutamente diz acerca do *bathybius*.

Os partidarios da escola do absoluto exultaram diante desse insucesso, celebrando em todos os tons o apregoado fiasco da sciencia experimental. Era assim que dizia Hermann Gruber: «Um traço que mostra a competencia de certos evolucionistas positivistas, é que o «Bathybius Hæckelii» estava morto havia muito tempo, consoante a confissão do seu proprio inventor, e elles continuavam a consideral-o factio scientifico absolutamente irrecusavel. Desse numero eram os positivistas italianos Dominici e Angiulli.»

E' n'um livro de E. Braun (67), ao qual fez referencia o jesuita allemão, que está contada por miudo a historia, que aquelle auctor chama muito divertida, da feliz monera autogona, considerada «a columna mestra da theoria moderna da evolução.»

Refere Braun as palavras de Milne—Edwards, na sessão do Instituto, aos 15 de Outubro de 1882: «O Bathybius não é senão uma porção de mucosidades, que as esponjas e certos zoophitos deixam escapar, quando os seus tecidos são roçados pelo contacto dos engenhos de pesca? O Bathybius, que tanto occupou o mundo da sciencia, deve, pois, descer do seu pedestal e entrar no nada.»

E o defensor estrenuo da philosophia do absoluto, celebrou com grande gaudio esse apparente desastre da doutrina adversa nesta toada: «tal foi o fim tragico-comico do Bathybius, maravilhosa monera, em torno da qual tanto arruido se havia feito, e da qual muito ha quem se tenha rido.»

Tenho para mim que não era caso esse azado para galhofa, ainda quando viesse Jonh Murray declarar que Huxley, Hæckel e outros sabios naturalistas haviam sido induzidos a erro, ainda quando desse engano viessem fazer-se penitentes os que o tinham perfilhado.

O que é certo é que se em 1881 eu poderia errar, acceitando como factio sem contestação a existencia dessa monera primordial, em 1888 ainda era esta a linguaguem de William Marshal: «Huxley e Thomson, á vista destes factos incontestaveis, bateram em retirada..... Somente Hæckel ainda acredita nisso, ou pelo menos assim ainda fez crer nestes ultimos annos. «Por mais que os verdadeiros creadores (dil-o elle proprio) do Bathybius se mos-

(67) *La Logique de l'Absolu.*

trem inclinados a renegar a sua criação, por não lhes inspirar esta, sufficiente confiança, sinto-me eu obrigado a advogar os seus direitos, fazendo valer, emquanto fôr possível, a sua ultima scentelha de vida, que se vae apagando.»

Eu não quero permanecer conscientemente adheso a uma crença, que tantos naturalistas de valor ensinão a considerar errada porque experiencias ultteriores não a confirmaram. Esse é exactamente o titulo que põe a sciencia, baseada sobre as indagações do methodo experimental, acima da theologia, que manda crer sem nada verificar. E nem ha como ver desabono nessa franca e sincera confissão de quem precipitadamente deixou se ir a uma prematura conclusão, aliás sujeita, como todas as conquistas do saber, ao veredictum da razão melhor esclarecida.

Mas eu quero pôr aqui em evidencia os fundamentos sobre os quaes aquella minha adhesão poderia se justificar, deixando ver que, ainda largo espaço depois do meu escripto, que não tinha aliás fóros de originalidade, essa questão era debatida entre os homens que vivem da cultura da sciencia.

Era assim que em 1883 falava J. L. de Lanessan: «O *bathybius Haeckelii* é um animal do grupo dos monerianos, acerca do qual vivissimas discussões tem sido travadas. Foi o sabio inglez Huxley, quem pela primeira vez o descreveu. Mais tarde fôï considerado como o resultado de um erro de observação, e acreditou-se que a substancia descripta por Huxley era um deposito mineral. Mas Bessels tornou a encontral-o, observou-o vivente, e chegou a verificar os seus movimentos. Em data mais recente o Dr. Milne Edwards desmentiu ou negou-lhe a existencia, mas essas negações não são capazes de infirmar as observações directas de Bessels.» (68).

Desde 1873 que o eminente naturalista inglez, perante o congresso da Associação britanica em Scheffield, retirava o seu apoio á descoberta, que á sombra do seu nome laureado correra mundo, e ainda na importante obra de F. A. Lange, cujo segundo volume appareceu em 1875, o *bathybius Haeckelii* era apontado como argumento novo e corroborador da hypothese da geração espontanea preconisada pelo professor ienense. (69).

(68) J. L. de Lanessan. *Le transformisme*. App. note F.

(69) F. A. Lange. *Histoire du materialisme*. Vol. II. 1875. Trad. 1879.

O que se nos afigura cousa certa é que, embora não sejam factos positivos no mundo da sciencia, nem a existencia do *Bathybius* de Huxley, nem a do *Protobathybius* de Bessels, nem a do *Bathybiopsis simplicissimus* de Folin, em nada a infirmação dessas audaciosas descobertas importa damno á hypothese do transformismo, que pode ser defendida independente do principio da geração espontanea, que, só elle, ia achar um valiosissimo suporte naquellas conquistas não reconhecidas até aqui.

Considerando como bem provado que «o bathybius não é uma monera, um ser vivente dos mais rudimentares, porem simplesmente protoplasma vivente provindo de esponjas, de diversos protozoarios, de plantas e de animaes mortos», podia o Dr. Vianna de Lima ensinar que «a descoberta das moneras veiu confirmar plenamente as inducções da philosophia da natureza e fornecer ao edificio do transformismo esse fundamento que ainda lhe fazia falta» (70).

O que é facto incontestavel é a existencia desses infimos organismos sem orgãos, dessa materia organica, substancia que entra na constituição dos infusorios e de que se forma tambem a cellula das plantas, a qual Dujardin appellidou—*sarcode* e Hugo Mohl—protoplasma, substancia amorphã, que George Pouchet considerava a base mesma dos organismos (71), e a qual Huxley denominava a *base physica da vida*.

Não sei se de palavras minhas em artigos de imprensa, que eu mal reli para dar-lhes cabida nas paginas deste livro, ha o que possa significar acceitação incondicional das doutrinas transformistas, como ellas saíram trabalhadas pelas mãos do sabio naturalista inglez e seus mais audazes seguidores, proclamando, como Hœckel, que a theoria darwiniana emparelha com a theoria newtoniana da gravitação, se não lhe é mesmo superior.

Mas como hypothese scientifica, aos meus olhos, por mais nús que elles andem para bem ver as cousas da sciencia, tenho-a como de todo ponto acceitavel, positiva e verificavel. E essa opinião teria que valer-me a eliminção do seio dos positivistas verdadeiros, se outros não fossem já os motivos que não me permitem confessar-me tal.

(70) A. Vianna de Lima. *Theories transformistes*. 1885.

(71) *Revue des deux mondes*. 1892. *La forme et la vie*.

Augusto Comte não conheceu a obra de Darwin, apparecida em 1859; mas, nas paginas da *Philosophia Positiva*, mais de uma vez o transformismo, como o creara Lamarck, foi condemnado no seu principio cardeal, sendo defendido o dogma da fixidez absoluta das especies animaes: «Não se poderia pôr em duvida, principalmente após a luminosa argumentação de Cuvier, que as especies tambem por sua natureza, ficam essencialmente fixas atravez de todas as variações exteriores compativeis com a existencia dellas». (72).

E Comte invocava, como base para uma tal argumentação, duas considerações principaes, complementares uma da outra: «a permanencia das especies mais antigamente observadas e a resistencia das especies actuaes ás maiores forças modificadoras»; o que faz que nem diminue nem augmenta o numero das especies.

O juizo do fundador do positivismo acerca desta magna questão, já em seu tempo largamente debatida entre sabios, e originando a celebre controversia entre Cuvier e Saint-Hilaire, encontro-o peremptorio e decisivo em passagens como esta: «Assim, sem perder-se a gente em vãs e inacessiveis especulações sobre a origem primitiva dos diversos organismos, não se poderia deixar de admitir, como uma grande lei natural, a tendencia essencial das especies viventes a se perpetuarem indefinidamente com os mesmos caracteres principaes, apezar da variação do systema exterior de suas condições existenciaes. Emquanto essa variação crescente não chega a ser contradictoria com essa natureza fundamental inmutavel, a especie subsiste modificando-se, principalmente se as differenças são graduaes: alem desse limite, a especie não se modifica, necessariamente perece.»

De outras vezes parece que Comte, contrario aos habitos do seu espirito, ia deixar em aberto esse formidavel problema, por onde a biologia mais pesa nos destinos da philosophia: «Mas taes modificações constituem, como hoje tanta gente está disposta a crer, os verdadeiros limites superiores da influencia organica do meio ambiente? Nenhuma consideração positiva, *à priori* ou *à posteriori*, pôde até agora verdadeiramente demonstral-o. Em uma palavra, a theoria racional da acção necessaria dos diversos meios sobre os diversos organismos fica ainda quasi inteiramente por for-

(72) Aug. Comte. *Cours de Philosophie Positive*. Vol. III.

mar. Deve-se olhar essa questão como simplesmente formulada, conforme a sua verdadeira natureza philosophica, em resultado final da grande controversia estabelecida por Lamarck, que assim teria prestado um eminente serviço ao progresso geral da sã philosophia biologica. Uma tal ordem de investigações, embora muito desprezada, constitue, sem duvida, um dos mais bellos assumptos que, no estado presente desta philosophia, pode desafiar a actividade de todas as altas intelligencias». (73).

Depois de dizer que a *especie*, que constitue, por sua natureza, a principal unidade biotaxica, não poderia mais comportar nenhuma exacta definição scientifica, a admittir-se a transformação indefinida das diversas especies umas das outras, acrescentou Comte: «sobre essa questão capital, cujo alto interesse philosophico é facil de comprehender, deve-se confessar que ainda não estão convenientemente assentadas as idéas.»

O auctor do *Systema de philosophia positiva*, referindo-se á memoravel discussão relativa á permanencia geral das especies organicas, a qual, a juizo seu, Lamarck levantara com tanta força e Cuvier defendera de uma maneira imperfeita, mostrou como a decisão dessa pendencia, fôsse qual fôsse, em nada poderia affectar a existencia fundamental da serie biologica.

São do mais subido valor estas palavras do immortal philosopho, nas queas parece germinar a chamada lei biogenetica fundamental, que Haeckel enunciou tantos annos depois, ligando a ontogenese á plogenese (74): «A' primeira vista poder-se-ia pensar que, na hypothese de Lamarck, não ha mais verdadeira serie zoologica, pois que todos os organismos animaes seriam

(73) Era talvez em face de trechos como esse que M^{me}. Clemence Royer era levada a escrever estas palavras: «Comte, tendo acolhido as doutrinas de Lamarck sobre a variabilidade illimitada das formas viventes, por terem um alto grau de probabilidade, é dado suppor que elle acceptaria, ainda com mais favor, a theoria darwiniana da evolução.» (*Nouveau Dictionnaire d'Economie politique*, artigo *Positivism*.)

Pela minha parte não sei de passagens das obras de Comte onde se ache mencionada aquella adhesão do eminente philosopho á hypothese transformista, como não conheço nada que auctorise a conclusão, que chegou aquella notavel escriptora, quando considerou Littré mais realista que o rei por ter repellido como indemonstravel a conjectura de Lamarck.

(74) «A historia do germen é um extracto da historia do tronco, ou, em outros termos, a ontogenia é uma curta recapitulação da phylogenia, ou

desde então essencialmente identicos, as suas diferenças características sendo assim inteiramente attribuidas, de então em diante, á influencia diversa e desigualmente prolongada do systema das circumstancias exteriores. Examinando, porem, essa opinião de modo mais profundo, para logo se percebe que, ao contrario, toda sua influencia a tal respeito se reduziria a apresentar a serie sob um aspecto novo, que até tornaria a sua existencia ainda mais clara e mais irrecusavel. Porque assim o conjuncto da serie zoologica ficaria, em especulação como de facto, perfeitamente analogo ao conjuncto do desenvolvimento individual, pelo menos restringido só ao periodo ascendente: e não se trataria mais do que de uma longa successão determinada de estados organicos, gradualmente deduzidos uns dos outros no correr dos seculos, por transformações cada vez mais complexas, cuja ordem necessariamente *linear* seria exactamente comparavel á das metamorphoses consecutivas dos insectos hexapodes, e sómente muito mais extensa. Em uma palavra, a marcha progressiva do organismo animal, que para nós não é senão uma abstracção commoda, simplesmente destinada a facilitar o pensamento, abreviando o discurso, ficaria convertida rigorosamente numa verdadeira lei natural.»

Releva mencionar que quando Comte em nome da theoria geral das hypotheses verdadeiramente scientificas, que elle proprio estabelecera, condemnou a maneira de philosophar dos partidarios do transformismo, tinha em vista esse argumento, invocado pelos sustentadores da these de Lamarck, quando fêlavam em meios organicos sem analogia essencial com os actuaes, supposição, que no modo de ver de Comte, escapava, por sua natureza, a toda especie de verificação positiva, quer directa, quer mesmo indirecta.

ainda, em termos mais explicitos: a serie das formas que percorre o organismo individual durante o seu desenvolvimento, a partir da cellula do ovo até o seu estado perfeito, é uma recapitulação curta e resumida da longa serie de formas que os antepassados desse mesmo organismo percorreram, desde os tempos mais remotos, desde a *soi-disant* criação organica até aos nossos dias» (Hackel, *Anthropogenic*.) Tal a chamada *lei fundamental do desenvolvimento organico*, «o fio de Ariadne por meio do qual nós podemos achar o caminho do entendimento atravez do labyrintho complicado das formas.»

Fiel á palavra do mestre, Pièrre Laffitte perseverou firme no terreno onde aquelle pisara para proclamar a fixidez essencial das especies organicas.

Tratando da terceira lei da philosophia primeira (75), Laffitte discutiu o dogma da modificabilidade e abordou o problema do transformismo:

«Emquanto o absoluto dominou o mundo, enquanto se acreditou no poder de descobrir o mysterio da creação, é certo que a espiritos desgostosos com as ninharias theologicas, a concepção de Lamarck devia agradar pela sua simplicidade apparente, e nós diremos mesmo pela sua grandeza. Nada ha pois que admirar ao vel-a, em nossos dias, retomada por homens do valor de Darwin e Hœckel, cuja sciencia e cuja sagacidade certamente estão ao abrigo de qualquer suspeita, mas cujos espiritos porventura ainda não despiram de todo a influencia metaphysica, como se suppõe.»

Mais precisamenente do que Comte, Laffitte repelliu a hypothese de Lamarck, systematisada por Darwin e Hœckel, por não encontrar nella reunidos os caracteres essenciaes de toda hypothese scientifica.

Ao juiso do sabio successor de Augusto Comte não lhe pareceu mais simples do que a hypothese theologica, a hypothese transformista: «Entre a idéa de uma creação geral, feita de uma assentada por um ser todo poderoso, e só por effeito da sua vontade, e de uma successão espontanea, realisada em condições illimitadas de tempo, de meio etc. a differença é menor do que se imagina, alem de que, afinal de contas, o transformismo vae dar ainda em uma creação qualquer, pois que a esta successão *soi disant* natural dos sêres, é sempre necessario um ponto de partida. E' bem verdade que a theoria da *geração espontanea* tentou resolver a difficuldade; mas a geração espontanea não é outra cousa senão a creação menos o creator, e logicamente o materialismo aqui ficou um pouco inferior ao theologismo.»

O segundo vicio radical da hypothese de Lamarck, por via do qual ella repugna ao positivismo consiste em ser essa conjectura de todo o ponto inverificavel: «Que responder a quem pede

(75) «As modificações quaesquer da ordem universal são limitadas á intensidade dos phenomenos, cujo arranjamto permanece inalteravel.»

milhões de annos e condições de toda sorte para demonstrar por suas consequencias a exactidão de sua concepção? ... Existe um só exemplo de uma especie qualquer que tenha podido ser transformada em uma outra especie? Entretanto isso é que seria preciso demonstrar.»

A hypothese transformista, na opinião de Laffitte, pecca ainda contra os canones rigorosos da logica positiva, quando vem proferir sobre a origem e a natureza dos phenomenos, em vez de limitar-se a dizer unicamente quanto á ligação delles: «Procura-se aqui o *como* ou *porque* das cousas? ... A' laia do theologo, o transformista quer saber por miudo de que modo se fez o que nos cerca, e, como o theologo ainda, elle succumbe á tendencia a mais contraria ao verdadeiro espirito positivo.»

Laffitte formulou assim categoricamente o seu parecer acerca dessa questão fundamental: «Em resumo, a hypothese transformista é pura metaphysica; ella importa na substituição do absoluto ao relativo, da imaginação á observação, da chimera á realidade. E é por isso que nós absolutamente em nada a acceitamos.» (76).

Nós deveríamos invocar aqui a opinião auctorizada de Stuart Mill, para quem «a notavel especulação de Darwin sobre a origem das especies é um exemplo irreprehensivel de uma hypothese legitima.» (77).

Sem duvida pode-se recusar ao transformismo, significando

(76) E' muito para louvar o tom, em que Laffitte fala do merito de Darwin e seus consecutarios evolucionistas, tão diverso é do modo porque temos ouvido outros discipulos de Comte anathematisar em os sabios da escola evolucionaria: «Quer isso dizer que nada ha a aproveitar nas investigações emprehendidas pelos successores de Lamarck? Seriamos nós os ultimos a affirmal-o, Darwin e sua escola levaram bem longe e bem alto um estudo, que a philosophia biologica reclamava desde muito tempo e para o qual Augusto Comte mais de uma vez chamou com insistencia a attenção dos sabios especialistas: o da influencia dos meios sobre o organismo, ou *mesologia*. E, na verdade, tão memoraveis foram os servicos que indirectamente prestou o transformismo, que a gente sente-se tentado a perdoar-lhe a sua concepção anti-cientifica.» (P. Laffitte.)

(77) «O que elle chama a *selecção natural*, não é somente uma *vera causa*; é uma causa capaz de produzir os effeitos da mesma *especie* que os que a hypothese lhe attribue. Não é justo accusar Darwin, como já se tem feito, de violar as regras da inducção. As regras da inducção são relativas ás condições da prova. E Darwin não pretendeu nunca que a sua theoria estivesse provada» Stuart Mill. *Système de Logique*. (Vol. II.)

sob este título o lamarckismo e o darwinismo, (78) os fóros de theoria, não acceitando no seu conjuncto as *provas certas*, de que falou Hœckel no livro, cheio de audacias, opposto a Virchow, que exigia, para que a theoria da descendencia saisse do terreno da pura especulação, provas de facto. (79).

Mas entre esse extremo, onde está collocado o grande naturalista allemão, que Quatrefages considerava o discipulo mais entusiasta e mais exaggerado do sabio Darwin, e o extremo opposto, de onde o eminente anthropologista francez fulminava a theoria da descendencia, denunciando-a, num discurso celebre, (80) como applicação das velhas idéas da alchimia ao mundo organico, ha uma posição media, de onde o transformismo é visto como hypóthese scientifica, á qual os phenomenos da morphologia, da physiologia, da embryologia e da paleontologia vão cada dia dando mais verosimilhança.

E' como dizia Henry de Varigny: «Até agora, é preciso reconhecê-lo, o transformismo não representou senão uma hypothese. Essa hypothese, porém, torna-se muito verosimil, de um lado pelas incoherencias, contradicções e estranhezas das theorias adversas, e de outro lado, pelos factos numerosos que ella explica e que com ella quadram. Mas, emfim é sempre uma hypothese. A hypothese transformista pode seguramente invocar muitos factos e argumentos; os factos são exactos, e na verdade ninguem pode contradizel-os; os argumentos são poderosos; elles seduzem o espirito, e é preciso que bem grande seja a sua força

(78) Hœckel ensina a distinguir a *theoria geral da evolução*, a theoria da progenese, da *theoria da descendencia*, theoria da origem natural dos seres organisados, e da *theoria da selecção natural*. A primeira, emquanto concepção philosophica do universo, sustenta que existe na natureza inteira um grande *processus* evolutivo, uno, continuo e eterno. Concepção mecanica ou mecanista, unitaria ou monista do mundo, ou, em uma só palavra, monismo. A segunda sustenta que todos os organismos complexos derivam de organismos simples, que todos os animaes e vegetaes polycellulares descendem de seres monocellulares, e que estes são por sua vez a posteridade de organismos rudimentares ainda mais simples, de moneras. E' o transformismo, ou lamarckismo. A terceira sustenta que quasi todas ou ao menos a maior parte das especies organicas, resultam da selecção, artificial ou natural, na lucta pela vida. E' o darwinismo.

(79) E. Hœckel. *Les preuves du transformisme*.

(80) *Revue Scientifique*, 1891 n. 10.

para que uma geração inteira de naturalistas, muitos delles illustres, de todos os paizes, tenha sido ganha para a causa.» (81)

E a Laffitte, reclamando as provas da transformação das especies, nós não responderíamos, como Hœckel a Virchow, que exigia a mais alta forma da prova, a prova pela experiencia: «O que é que a experiencia pode provar em semelhante materia? A mutabilidade da especie, a transformação da especie, a passagem de uma especie para uma ou muitas outras especies novas, dizem-nos. Pois bem, estes factos, emquanto podem elles ser provados pela experiencia, ha muito que já o foram na mais vasta escala.»

Nós responderíamos com estas palavras do sr. Varigny, confissão sincera de uma impossibilidade actual, que pode-se esperar com o tempo vencer: «Que devemos pois pedir, em materia de provas, para accitar a hypothese transformista? Factos de transformação, e methodos precisos, exactos, para obter esses factos. Taes factos conhecemol-os já? Estamos na posse desses methodos? Não. Nós cremos no transformismo, mas a demonstração ainda não está feita. E se ha factos de maior alcance a invocar em apoio desta hypothese, objecções capitaes tambem contra ella se levantam. Não tenho que recordal-as aqui; ninguem melhor do que o proprio Darwin expol-as com mais probidade, ninguem mais do que elle sentiu a força dessas oppugnações, que só deante de factos é que terão de cair... Em apoio da evolução, do transformismo, nos é dado invocar uma infinidade de factos muito significativos, que, de um modo satisfactorio não podem ser explicados pela theoria das creações successivas e renovadas incessantemente. Cada vez mais torna-se volumoso o feixe desses factos, dos quaes resulta uma certeza moral em crescimento constante. Mais a prova decisiva ainda falta. E essa prova, temos nós o direito de esperar descobril-a? Possuimos factos de observação; carecemos de factos de experiencia; é necessario o transformismo experimental, quer dizer, a applicação do methodo da experiencia ao estudo da evolução... Que voz mysteriosa disse-nos já: «Tú não irás além?»; é necessario viver do patrimonio accumulado por nossos antepassados sem

(81) *Revue scientifique*. 1891. *Le transformisme experimentale*.

esperança de accrescel-o nunca, e reconhecer-nos implicitamente inferiores ao selvagem de quem saímos? Assiste-nos o direito de conceber vastas esperanças; está em nossas mãos realisar-as, ou deixar que se eternisem no estado de phantasias.»

Não é uma exposição das doutrinas transformistas que faço aqui; nem ao menos comportaria a debilidade de meus hombros o peso de discutil-as.

O que eu tenho em mira é dizer, como positivista, que se presume de ser fiel aos principios basicos da escola, até onde pode ir a adhesão de um sectario da philosophia relativa a essa hypothese do mais alto valor philosophico, cuja legitimidade Bain pregoou, proclamando-a sem rival. (82)

Era, assim que Littré, sem pôr em risco os seus titulos de positivista, ensinava que a theoria da descendencia, apoiada sobre a triplice base da paleontologia, da embryogenia e da unidade de plano, fica uma hypothese verdadeiramente admissivel á discussão:

«Entre o que a favorece e o que a contradiz, a hypothese da descendencia permanece eminentemente recommendavel. As condições que a favorecem são a paleontologia, a embryogenia e a unidade de plano... Nós temos o direito de sustentar que a theoria da descendencia se ajusta ás linhas geraes da paleontologia, embora esteja já reservado a esta sciencia o fazer-nos ainda muitas revelações, que podem ser favoraveis ou contrarias ás doutrinas de Lamarck e Darwin. Como a paleontologia offerece uma serie, que começa pelos organismos mais simples e termina nos mais complicados, serie inteiramente semelhante a que se desenrola aos nossos olhos na evolução do ovulo, diz-se que a evolução do ovulo não representa menos a vida durante as epochas geologicas de que durante a ultima epocha. E é assim que a embryogenia confirma a theoria da descendencia... A unidade de composição, certa para todos os sêres viventes, comprehendidos os vegetaes, a unidade de plano, tambem certa entre

(82) «Properly speaking there is no rival hypothesis... So long as the Development Hypothesis tallies with a very large number of facts, and is not incompatible with any, it is a legitimate and tenable hypothesis; and its worth is proportioned to the extent of the phenomena that it explains, compared with those that it fails to explain.» (Alexander Bain, *Logic*. II.)

os sêres pertencentes a um mesmo typo, falam no mesmo sentido que a embryogenia e a paleontologia. Com effeito, a semelhança surprehendente da organisação interior e das relações de estuctura no seio de um mesmo typo suggere facilmente a idéa de uma descendencia commum, e portanto, de uma só forma original.» (83)

Litré não confundira o que P. Laffitte não quiz distinguir, a hypothese do transformismo, e a hypothese da geração espontanea (84). Sobre os começos da vida, o espirito humano vaguea no mais intrincado labyrintho de conjecturas. E é profundamente verdadeira a palavra de Tyndall: «Os verdadeiros homens de sciencia confessam francamente não poder dar nenhuma prova satisfactoria da vida sem uma vida anterior.»

Era já o pensamento enunciado por Litré: «Os heterogenistas admittem que a vida é produzida pelas forças physico-químicas; mas essa opinião é erronea, segundo penso... O primeiro dos factos experimentaes ou leis da vida, vem a ser que esta é uma das forças ou propriedades immanentes da materia. Nunca ninguem viu a vida sem substancia material; nem nos é permitido, experimentalmente, separar a vida da materia, como não é egualmente dado separar della a gravidade ou o calor.»

Os que recusam admittir a hypothese da geração espontanea, nem por isso envolvem na mesma repulsa a theoria da descendencia. (85) A serie animal, a arvore genealogica das formas

(83) E. Litré. *La science*.

(84) «O poblema total scinde-se em dois problemas, um relativo á origem primordial da vida, o outro á successão dos sêres viventes. E estes dois poblemas são de tal modo distinctos que, enquanto Lamarck e Darwin resolvem o primeiro de modo opposto, Lamarck admittindo a geração espontanea e Darwin uma intervenção sobrenatural, ambos resolvem o segundo pela mesma maneira.» (Litré.)

(85) Litré considerava a questão da apparição da vida sobre a terra uma questão de origem secundaria: «de origem, neste sentido que o phenomeno vital não existiu primeiramente sobre a terra, e foi produzido por condições fóra da experiencia actual; secundaria, neste sentido, que elle desenvolveu-se no curso de uma evolução que pertence, não ás causas primeiras, mais á serie das causas segundas... Philosophicamente não ha indagação que nos seja interdita, em relação a tudo que é secundario. E' pois permittido ao espirito occupar-se em descobrir porque processo a vida originou-se sobre a terra. E' possivel que o problema ultrapasse as forças do espirito humano, ou com mais verosimilhança, o alcance dos documentos que nos restam das epochas passadas e sepultas. Mas

viventes, que vae das moneras ao homem, fica de pé, com os seus 22 elos, conforme a arrojada concepção hœckeliana.

A palavra de P. Laffitte me parece de todo ponto inaceitavel quando elle, em face da philosophia positiva, nivela a hypothese do transformismo com a hypothese do creatismo. Essas duas conjecturas não podem ter o mesmo valor logico e scientifico aos olhos dos que appellam para a observação e para a experiencia, como criterio unico de julgar as concepções do espirito.

E se a hypothese da criação está absolutamente fóra do alcance da razão humana, se ella nunca ha de poder ser susceptivel de verificação, nem directa nem indirecta, a conjectura dos transformistas ampara-se já hoje em factos de valor scientifico, foi gerada pela observação de factos zoologicos, e póde dos factos esperar novas comprovações.

Huxley mostrou como essa hypothese da criação especial, que faz de cada especie animal a descendencia de um primitivo tronco ancestral creado por acto de um ser sobrenatural (86), apoia-se principalmente no *argumentum ad ignorantiam*: « Aceitae esta explicação, ou ficae ignorantes. Mas, supponhamos que nos seja preferivel admittir nossa ignorancia, em vez de adoptar uma hypothese em contradicção com todos os ensinamentos da natureza. Ou supponhamos um instante que, depois de ter admittida a explicação, nós perguntamos a nós mesmos, seriamente, qual foi o nosso lucro com tal conhecimento. Essa explicação, o que é que ella em verdade explica? Significa outra cousa que não seja um modo de enunciar com emphase o facto da nossa ignorancia absoluta em taes materias? Um phenomeno só é explicado quando se faz vêr nelle um caso de alguma grande lei natural; mas, pela natureza mesma da causa, a interposição sobrenatural de um creador não póde caber em nenhuma lei, e se realmente

pode-se esperar sempre que algum facto scientifico novo, algum achado inesperado, alguma potencia adquirida nos permita estreitar ainda mais o problema de origem secundaria, que suscita a producção dos seres viventes em uma certa epoca do resfriamento terrestre.»

E' preciso optar entre a geração espontanea e a criação, disse uma vez Virchow; a fallar francamente, nós, os sabios, dariamos preferencia á geração espontanea. Ah! se uma demonstração qualquer chegasse a surgir.

(86). Conforme o conhecido aphorismo de Linneu: *Species tot sunt diversæ, quot diversas ab initio creavit infinitum ens.*»

foi esse o modo de producção das especies, é absurdo discutir as suas origens». (87).

E como não admittir, em opposição a essa conjectura, que não póde ter sobre as indagações scientificas o minimo estribo, a hypothese darwiniana, na qual Huxley revelou esse merito superior da simplicidade, uma das condições logicas essenciaes, que não quer ver P. Laffitte? (88).

São para nós do maior peso as opiniões do celebre naturalista inglez, sustentando que a «doutrina nova é actualmente a hypothese do mais alto valor, a mais provavel, a unica que tem valimento aos olhos da sciencia, embora não seja ainda senão uma hypothese, e não mereça o nome de theoria da especie: «Pelo seu methodo rigorosamente scientifico, pela facilidade com que ella explica os phenomenos biologicos, fica superior a todas as hypotheses, antigas ou contemporaneas, tanto quanto superior ás interpretações especulativas de Ptolomeu pairava a hypothese de Copernico.»

Eu bem sei que seria licito oppôr a Weismann a mesma objecção, com que Huxley rebateu a raciocinação dos theologos e espiritualistas.

Era assim que o successor de Darwin justificava a sua adhesão á theoria do sabio inglez, em uma conferencia de Oxford, em 1894, á qual a replica de lord Salisbury deu maior celebridade: «Nós acceitamos a selecção natural, não porque possamos demonstrar a sua marcha em todos os detalhes, nem mesmo por que nos seja dado fazer disso uma idéa mais ou menos approximada, mas simplesmente porque é necessario acceital-a, porque ella é a unica explicação possivel, que se pode conceber... Ser-

(87) T. Huxley *Les sciences naturelles*.

(88) «A hypothese de Darwin tem o merito de ser muito simples e facil de comprehender-se; e seus pontos essenciaes podem se resumir em muito poucas palavras: todas as especies provem do desenvolvimento de variedades saidas dos troncos communs, pela conversão destas primeiras variedades em raças permanentes, depois em especies novas, pelo processo da *selecção natural*, processo essencialmente identico ao da selecção artificial, com auxilio do qual o homem deu origem ás raças de animaes domesticos; na natureza a *lucta pela existencia* substitue o homem e exerce, no caso da selecção natural, a acção que cabe áquelle na selecção artificial.» (Huxley).

nos-ia de outro modo impossível explicar a adaptação dos organismos sem recorrer ao principio de um creador.»

Aos ataques do notavel estadista inglez respondeu victoriosamente H. Spencer com argumentos, que tem todo valor para serem invocados aqui. Por elles deixou claro o notavel creador da philosophia da evolução quão larga é a distancia que uma da outra separa, no terreno da biologia, a crença baseada sobre a fé, da crença escudada na sciencia.

«Aos que pedem factos em apoio da selecção natural, dizia Spencer, pôde-se oppôr o pedido de factos em apoio da doutrina adversa... Responder-nos-ão sem duvida que é mais facil conceber dez milhões de creações especiaes do que a producção de dez milhões de especies por modificações successivas. Mas a reflexão não tardará a mostrar a illusão que nisso vae. Que os meus adversarios submettam a um exame attento a sua propria affirmação, e para logo hão de reconhecer que nunca no pensamento se lhes figurou clara a imagem da criação de uma só especie. Se pareceu-lhes possível fazer uma idéa definida desta operação, que sirvam-se dizer-nos como é que uma especie nova se construe, como é que ella apparece. Cae das nuvens, ou brota com esforço do seio da terra? Os membros e as visceras da nova creatura surgem dos quatro pontos cardeaes e deitam a correr para o lugar onde vae dar-se a operação? Deve-se adoptar a antiga idéa dos hebreus, e dizer que Deus toma o barro e com elle modela uma creatura nova?...» (89)

Em verdade eu não fui buscar este argumento ao arsenal do evolucionismo senão para oppôl-o aos partidistas dos dogmas antigos. Elle não poderia valer contra o allegado de P. Laffitte. A posição de um positivista, se a sciencia não tivesse argumentos positivos a fazer valer seria a que o Dr. Bridges assumiu:

«Nós não somos de modo nenhum obrigados a construir uma theoria relativa á origem do mundo. Durante muito tempo andaram duas concepções collocadas diante dos olhos dos pensado res: a theista e a atheista; a obra de uma intelligencia omnipotente, ou o resultado do concurso fortuito de atomos, ou, no caso da

(89) *Journal des économistes*, 15 de Decembre, 1895. *Le principe de l'évolution*.

vida, do concurso de felizes variações. Estas duas theorias foram estudadas durante seculos e julgadas ambas insufficientes.». (90)

Confinada em taes raias, nós poderíamos applicar á lucta entre o evolucionismo e o creacionismo a sentença de Carpenter, citada por P. Siciliani: «A eterna disputa entre o espiritualismo e o materialismo assemelha-se ao duello dos dois cavalleiros que bateram-se por causa da côr de um escudo, que nenhum delles nunca vira.»

Esse não é felizmente o verdadeiro estado do problema das origens das especies. E a favor da hypothese evolucionaria, Spencer fez valer provas, directas e indirectas, que sobem-n'a a um alto gráo de superioridade logica sobre a hypothese adversa. Estudando-a á luz dos factos da paleontologia, da classificação e da distribuição dos organismos, da embryologia e das formas rudimentares, Spencer conclue assim: «Ahi ficam, pois, cinco grandes grupos de factos observados, que todos suggerem a mesma historia e convergem para a mesma conclusão: o valor demonstrativo de cada um delles produz, de combinação com os outros, um valor demonstrativo eminente. A hypothese da evolução mantem-se de pé sobre estes grupos de provas, que se verificam mutuamente.»

E por ventura tem o mesmo valor a hypothese contraria da criação, que a generalidade dos positivistas põe em parallelo com a theoria da descendencia?

«Nem no ar, nem na terra, nem na agua, asserta o philosopho inglez, descobre-se nada que implique uma criação especial. E não somente nós nada descobrimos, mas vemos uma multidão de factos que a contradizem. Em lugar de provas indirectas, o que por toda parte encontramos, são refutações indirectas, umas especiaes, outra geraes.»

Uma das objecções, que Laffitte oppoz á theoria lamarckiana, cifrava-se nesse periodo esmado por milhões de annos, reputados necessarios para dar lugar á operação por via da qual se transmudam os séres. Era encarada por essa face que a hypothese evolucionista parecia absolutamente inverificavel, que a tanto equivalia remetter a sua verificação para uma epoca de nós tão

remota, que pareceria visinho da actualidade o periodo da idade de pedra, se cotejassemos as duas extensões de tempo.

Lord Salisbury reeditou ainda uma vez essa razão, com a qual parece que vão apadrinhar-se todos os que rejeitam a conjectura transformista: «Se fixamos o pensamento sobre a enorme distancia, que Darwin nos faz percorrer, desde a medula jasente sobre uma plaga primitiva até ao homem, tal qual o vemos agora; se reflectimos na prodigiosa mudança necessaria para que um ser no outro se transforme, atravez de uma cadeia de gerações, onde cada elo diverge do antecedente num grão minuscuro; emfim, se consideramos que essas mutações successivas são de tal modo tenues, que no decurso do nosso periodo historico, medindo, no maximo tres mil annos, a variação progressiva não deu um passo perceptivel aos nossos olhos, ao menos no que toca ao homem e aos animaes e plantas, que lhe são mais familiares, chega-se á conclusão de que, dada essa tamanha extensão de praso, em face do qual é um quasi nada a duração total dos tempos historicos, não exprimem os biologistas um voto extravagante, quando reclamam pelo menos centenas de milhões de annos para que se consumme a prodigiosa operação.»

Aos que se assombam diante dessa audaciosa hypothese, que no espaço de milhões de annos faria sair de uma simples cellula, dadas certas condições, toda a especie humana, Spencer oppunha essa outra maravilha, que os embryologistas e os physiologistas bem conhecem, e graças á qual, no curto periodo de 20 annos, do ovulo germina o feto, e do feto se forma a creança, e a creança se torna um homem.

Comparando os 403.200 minutos, durante os quaes se opera a transformação da cellula de nucleo, que é o ovulo humano, no feto perfeito e acabado, ao tempo essencial para que o protozoario venha a ser o homem, tempo que poderia ser computado em 100.000.000 de annos, o sabio fundador da philosophia evolucionista, chegou a este resultado: «250 annos aproximadamente são precisos para que se opere uma somma de transformações igual á que soffre o feto em um minuto.» E assim remata Spencer os seus raciocinios: «D'ahi segue-se que para realisar-se a transformação do protozoario em homem, basta somente que, no espaço de 250 gerações, as mudanças sejam tão grandes como as que se effectuam em um minuto no feto humano; ou, segundo uma outra formula, é preciso que cada geração

diffira da precedente tanto quanto differe o feto de si mesmo após um quarto de segundo.»

Que me seja permitido lembrar que, logicamente, entre a hypothese cosmogonica de Laplace, que os positivistas acceitam e á qual Aug. Comte deu com a sua adhesão o maior valor scientifico e philosophico, e a hypothese biologica de Lamarck, fortalecida por Darwin e Hœckel, não ha tamanha differença, que leve a pôr a ultima no rol das creações phantasticas do espirito, alinhada a primeira entre as concepções positivas, verificaveis.

Entre a hypothese scientifica, que me ensina a ver nas especies organicas existentes, a obra de leis da natureza, por virtude das quaes os seres se modificaram, adaptando-se aos novos meios, e padecendo a acção permanente da herança, mettidos nessa lucta pela vida, em que sobejam os mais bem dotados; e a hypothese supranaturalista, que manda crêr num ente de phantasia, cujo arbitrio e capricho deram vida ao mundo e ao homem, e graças ao qual vieram á luz todos os animaes e todas as plantas, productos dessa vontade omnipotente, o meu espirito não hesita. Eu sou pela hypothese naturalista, contra hypothese da mythologia hebraica.

A primeira nasceu com a sciencia. E ha quem va descobrir-lhe as radículas nessa philosophia, que ensinaram na Grecia Thales, Anaximandro, Heraclito e Democrito, etc. os grandes batedores do pensamento, que depositaram no terreno da historia os primeiros germens da doutrina fecunda da evolução. (91)

A segunda originou-se dessa fabula do Genesis, que os seculos tem passado de geração á geração, graças a esse pendor natural, que leva o espirito do homem para a superstição e para a credence, fonte creadora de todos os deuses.

E á proporção que os tempos vão passando, a razão escl-

(91) «A escola dos philosophos jonios, Thales, Anaximenes, Heraclito, Empedocle, como os atomistas Leucippo e Democrito, suppondo o mundo dotado de um principio unico e permanente, dando lugar, por suas actividades proprias a todos os phenomenos mutaveis, abriu realmente a vereda que deveria dar, muito tempo depois, na theoria da evolução, retardada dois mil annos em seus progressos pelas idéas dos prototypos de Platão, adoptadas por Aristoteles sob o nome de *generos e especies*, e pelos realistas da idade media sob o nome de *universaes*. (*Dictionnaire des sciences anthropologiques*. Artigo—*Evolution*—de Clemence Royer.)

recida engrandece o homem, enriquecendo-o com os thesouros do saber, que se vão eternamente multiplicando, dando-lhe a consciencia da sua força, porque lhe ensina a ver nas cousas humanas a mão da humanidade só, eliminada a intervenção divina. Pelas doutrinas do transformismo nós aprendemos essa virtude da resignação e da humildade, despidos os titulos da nossa origem quasi divina, que nos vinham da mão, que manipulou o barro grosseiro, de que se fez o primeiro homem, e do halito, que deu vida á materia bruta. (92)

Foi por ahi que o transformismo levantou contra si os maiores clamores. A vaidade humana sentiu-se ferida nessa ascendencia, que ia ter ao pithecanthropus da theoria simiana. E os theologos entraram a rir dessa idéa, que poderia levar a fazer do homem a descendencia de um humilde quadrumano. Era a um desses risotes, ao bispo de Oxford, que Huxley teria replicado nessas palavras conhecidas, que referiu-nos Clemence Royer: «Milord, si eu tivesse de escolher os meus antepassados entre macacos e homens capazes de empregar o seu grande saber e a sua eloquencia facil em zombar dos que vivem consagrados aos progressos da verdade, eu de preferencia quereria ser descendente do humilde macaco.»

VIII

Ha um bom numero de escriptores, para os quaes não valem esforços tendentes a provar que a vida e a obra de Comte se desdobram em duas phases distinctas, uma exclusivamente scientifico-philosophica, outra mais especialmente politico-religiosa.

Taes escriptores defendem a unidade da obra comteana, e vêem na vida do eminente philosopho francez plenamente realiado o ideal de uma grande vida, conforme a definição de Alfred de Vigny, *une pensée de la jeunesse executée par l'âge mûr*. Curioso é que essa opinião se encontre apoiada por theologos

(92) «Formavit igitur Dominus Deus hominem de limo terræ, et inspiravit in faciem ejus spiraculum vitæ, et factus est homo in animam viventem.» (Genesis. Cap. II, v. 7.)

e metaphysicos, ao mesmo tempo que discipulos ferrenhamente orthodoxos do positivismo a defendem tambem. Se estes ultimos mettem hombros á tarefa de provar que as creações do periodo final da existencia de Comte figuram corollarios logicos de premissas estabelecidas no inicio da sua carreira philosophica, o alvo que visam, é salvar na sua integridade a obra do mestre, sem desvãos e sem hiatus, pondo-a a seguro das criticas que amostram falhas e senões imperdoaveis, enchendo a derradeira phase dessa vida gloriosa e fecunda.

Os sectarios da theologia e do ontologismo, quando pugnam pela unidade logica da obra comtista, almejam na verdade fazer que todo inteiro desapareça o systema, cujas bases scientifico-philosophicas resistiriam ao alvião dos criticos, caisse embora sob os golpes demolidores grande parte da construcção politico-social.

Veiu confessal-o o Padre H. Gruber: «Litré e Stuart Mill objectam ainda que o nosso philosopho peccou gravemente contra o methodo positivo, que elle proprio estabeleceu, abandonando o terreno das realidades para se entregar a devaneios e a utopias sem consistencia. *Nada mais justo.* Desde muito, porém, que Augusto Comte tinha abandonado o terreno das realidades, estabelecendo o dogma fundamental de todo positivismo, e de todo agnosticismo. Como verificar pela observação directa ou pela experiencia esta affirmação capital—que o sobrenatural e o absoluto da theologia são puras chimeras? Que observações directas vem confirmar a famosa lei sociologica dos tres estados, base essencial de toda a philosophia de Augusto Comte? Littré, Stuart Mill e os positivistas, e os agnosticos, não tem que penitenciar-se, confessando tambem a sua culpa?»

Tudo ou nada: é o preceito do instituto a que pertence aquelle critico, que proclama *notavel como philosophia das sciencias* a obra de Augusto Comte, considerando este ultimo um philosopho, que pela força do pensamento e pela concepção systematica está muito acima dos seus emulos positivistas ou agnosticos (Mill, Spencer, Huxley, Littré, etc.) (93)

Mas não pode valer, aos olhos dos positivistas orthodoxos, esse testemunho de um theologo, invocado tanta vez, porque se

o jesuita allemão repellio as allegações de Littré e Stuart Mill, pondo Augusto Comte em contradicção consigo mesmo, e affirmou que todas as idéas principaes da *Politica positiva* acham-se nas obras precedentes e sobretudo no *Curso de philosophia*, não esqueceu de servir a sua causa fazendo observar que os germens das extravagancias censuradas a Augusto Comte podem ser encontrados nos primeiros escriptos. E é esse mesmo escriptor quem, refutando a hypothese, tão cara aliás aos seus consecrarios, de um pretendido disequilibrio cerebral de Comte (94), afirma que «na maneira porque Augusto Comte se esforçou afim de reduzir á pratica as suas theorias, ha tantas singularidades, que o *sensu commum* é completamente derrotado.»

Essa mesma these foi defendida por F. Paulhan, com grandes applausos de Pierre Laffitte, a cujos olhos cresceu o valor moral daquelle escriptor, cujo alto merito celebrou o chefe do positivismo, porque esse grande espirito apparecia «desprendido completamente dos prejuizos correntes, postos em circulação por Littré, Stuart Mill e alguns outros, sobre a pretendida decom-

(94) Esta nota destinamol-a á turba multa dos apedrejadores das novas doutrinas, para os quaes o eminente philosopho moderno é um louco; esquecem elles que visionarios e loucos sempre pareceram á grande maioria dos coetaneos todos os audazes innovadores, dotados dessa faculdade da antevidencia, descritos e incomprehendidos no meio em que surgiram, como o Christo, que elles hoje adoram, e que o populacho judeu fez descer ao ultimo degráo do ridiculo mais humilhante, apesar das cores da origem divina com que se decorava.

São estas as palavras do Padre Gruber: «J. Stuart Mill deplora a *lamentavel decadencia* do seu amigo. Mais longe vae ainda Littré, que fala de loucura para explicar o derradeiro periodo da vida do seu mestre. O leitor imparcial ha de sem duvida seguir a nossa opinião. Temos para nós, de accordo aliás com a sentença do tribunal da opinião, que o *segundo periodo philosophico* de Augusto Comte não justifica a accusação de louco levantada contra elle.»

Cabem perfeitamente aqui valiosos conceitos do notavel escriptor inglez, John Morlay, absolutamente insuspeito: «Os adversarios philosophicos das doutrinas de Comte não tem resistido sempre á tentação de recordar que o mestre perderá uma vez a razão: insinuação pouco digna e pouco pertinente, que não podem excusar nem mesmo as provocações de um humor em muitas occasiões acerbo. Como justamente já se notou, Newton foi, tambem elle, victima de um accesso de loucura, e nem por isso diminue a nossa veneração para com os *Principia*. Comte pôde padecer o mesmo accidente sem perder por isso o respeito que nos deve inspirar tudo o que nós achamos de excellente, quer na philosophia, quer na politica positiva.» (*Essais critiques, Auguste Comte.*)

posição da vida de Augusto Comte em duas partes, a primeira progressiva e normal, a segunda retrograda e pathologica.»

A juízo do sr. Paulhan o conjuncto do systema positivista, onde, entre verdades profundas ha erros singulares, apesar das suas altas qualidades, pareceu-lhe inaceitavel. Ao ler um livro de Laffitte, o positivismo afigurou-se áquelle notavel escriptor um systema morto, muito estreito e incapaz de se alargar. «O Positivismo, afirmou elle, encerra-se demais no dominio dos dogmas; e os dogmas tem o defeito geral de não manter-se ao corrente da sciencia.» (95)

Laffitte louvou não obstante a força de espirito e a coragem com que aquelle critico philosophico repelliu a opinião de Stuart Mill, que considerava as concepções de Comte sobre a fetichisação de terra e sobre o Grande Meio como verdadeiras puerilidades sem valor.

Eram estas as palavras do sr. Paulhan, citadas por Laffitte: «Mas é em verdade muito facil levantar contra o Positivismo taes objecções, que vem forçosamente ao espirito de todo o mundo, e que bem poderiam impedir de ver-se o que ha nelle de bom e de solido, mesmo nas suas partes apparentemente mais bizarras. Se tomarmos para exemplo o que porventura parece ser a idéa mais extravagante de Augusto Comte, a fetichisação da Terra, sob o nome de Grande — Fetiche, do espaço, sob a denominação de Grande — Meio, é facil de encontrar nisso uma certa razão de ser, e mesmo, a certos respeito, uma concepção geral muito mais justa do que as que são tidas geralmente como scientificas.»

De escriptores brasileiros eu não mencionei senão o mais abalisado critico, o dr. Sylvio Romero, que pela sua orientação scientifico-philosophica pode melhor dizer nesta contenda.

Estas são as palavras do erudito auctor do *Evolucionismo*, livro onde mais desapidadamente foi ferido o positivismo como systema: «Antes de tudo, importa assignalar que dos dois modos mais correntes de apreciar o famoso systema, o d'aquelles que o consideram como uma obra unitaria, cuja feição politica e religiosa está de perfeito accordo com a parte philosophica,

e o d'aquelles que o querem scindir em dois pedaços, um philosophico accetivel e outro politico-religioso desprezivel, não hesitamos em seguir o primeiro modo de julgar, como mais justo e mais attento aos factos.»

E logo em seguida apparece justificada a preferencia nestes termos: «Em todo caso, porém, convictamente estamos, neste ponto, do lado da orthodoxia. Os motivos desta posição é que são oppostos; os novos crentes proclamam a unidade da obra de seu chefe e guia, porque a acham, sob todos os aspectos, impecavel; nós proclamamos a tão desejada unidade, porque, de accordo com Huxley, encontramos em tudo aquillo erros e desatinos de alto a baixo e a cada passo.»

Entre os que distinguem na obra de Comte as creações do mais alto valor scientifico, philosophico, politico e social, considerando-o o mais eminente dos pensadores modernos, das concepções sem valor, que se encontra exclusivamente no periodo final da sua vida; e os que não querem separar dessa obra immortal as cousas, que elles appellidam futeis, bizarras e extravagantes, porque rejeitam em grosso todo o systema, eu prefiro os primeiros.

Essa preferencia, está claro que é aconselhada pela impossibilidade absoluta que o meu espirito sente em ir até onde vão os sectarios da orthodoxia positivista, para os quaes nada ha de rejeitavel no todo das concepções do Mestre.

Bem sei que o proprio Comte defendia a antiguidade da obra, que fundara, ensinando que a politica positiva, longe de ser opposta á philosophia, era, ao envez, natural consequencia della.

Pomos aqui as palavras, com que o grande philosopho rebatia essa tendencia, já manifesta no seu tempo, para respirar na scara immensa e exuberante do positivismo, elegendo, no conjuncto dos productos, os que ião parecendo aos olhos da critica, idéas melhores e mais sãs: «Essas repugnancias para com a minha construção religiosa, levam a consideral-a contradictoria com a sua base philosophica, que pelo seu attractivo mental naturalmente ficara isenta de todo o conflicto moral. Mas este appendice ha de mostrar a inconsequencia dos partidarios intellectuaes do positivismo, que repellem hoje a sua applicação necessaria ao destino social directamente proclamado no seu primeiro esboço. Seja porque elles não possam compre-

hender o conjuncto da minha elaboração, seja porque lamentem ver cessar o interregno religioso, adoptando pelo seu lado especulativo a nova synthese, ficam obrigados a permittir que ella se complete, se resuma e se conclua. A minha politica, longe de ser de qualquer modo opposta á minha philosophia, constitue de tal sorte um corolario natural desta, que só para servir-lhe de base directamente a institui.» (96)

Não ha como negar que no espirito do grande innovador, desde a primeira hora, surgiu essa preocupação de dar á sociedade novos moldes, assentando-a sobre os alicerces solidos, que a philosophia, considerada como synthese scientifica e relativa, era chamada a construir. E nem é discutivel essa tendencia manifesta em toda a jornada feita pelo grande espirito, sempre no rumo que devia levar á constituição de uma sciencia da sociedade, a physica social, tarefa essencial para que o espirito positivo abrangesse o conjuncto das sciencias, e pudesse ser definitivamente constituída a nova philosophia.

No *Opusculo fundamental*, trabalho de 1822, e que é como disse P. Laffitte, a expressão primeira da fundação do Positivismo, e, a tal titulo, a obra verdadeiramente sagrada para os sectarios da religião da Humanidade, a necessidade urgente de uma reorganisação social é confessada. Nada ha, porém, nesse estudo de valor incontestavel, durante a elaboração do qual o espirito de Comte despiu os ultimos resquicios metaphysicos (97), que possa ser indicado como o germen do qual pudessem sair por processos logicos todas as instituições da politica positiva.

E nesse outro trabalho memoravel, de 1826, no qual Comte ensinava a ver na philosophia positiva o successor do

(96) Aug. Comte. *Système de Politique positive*. Vol. IV. Preface de l'appendice général.

(97) «Muitas vezes acredita-se estar no estado positivo, quando ainda o espirito não saiu de todo do estado methaphysico: a tal respeito dizia-me um dia Augusto Comte: «Até o momento em o qual eu descobri a *lei dos tres estados*, no meu opusculo fundamental, eu me achava no estado metaphysico, como é facil de verificar no mesmo opusculo; porque nelle sirvo-me ainda do regimen das entidades.» E isso é com effeito digno de nota quando se lê com cuidado esta obra capital.» (P. Laffitte. *Revue Occidentale*. 1895, n. 1.)

catholicismo (98) e demonstrava a necessidade da instituição de um poder espiritual, distincto e independente do poder temporal, a idéa da criação religiosa, nem ao menos nas suas generalidades apontara ainda.

Sem duvida a funcção do novo poder espiritual foi bem e claramente definida. Mas a não ser essa importante concepção, inspirada pela organização do regimen medieval, não é dado achar nenhum indício desse complicado systema politico-religioso que Comte largos annos depois viria delinear. A própria palavra religião nem uma só vez apparece nos trabalhos da primeira phase da existencia de Comte. Sei eu que sem existir o termo poderia existir a cousa. Mas aqui a ausencia da palavra revela a despreocupação de toda construcção religiosa, dando á religião esse objectivo, que Comte definiria mais tarde — o estado de plena harmonia propria á existencia humana, tanto collectiva como individual, quando todas as suas partes recebem uma digna coordenação. —

E se me dissessem que da propria philosophia positiva resulta esse *consensus* normal da alma, exactamente comparavel ao da saude para com o corpo, o que constitue, segundo o pensar de Comte, a religião, cujo fim é, ora *regular* cada existencia pessoal, ora *religar* as diversas individualidades, seria licito replicar, que tudo isso se concebe e é admissivel, sem que se faça mister todo o complicado systema, ao qual o fundador do Positivismo, só nos fins da sua carreira philosophica, se deixou ir.

Litré, humildemente o penso, indicou com exacta certeza a posição verdadeira que convem aos adherentes do positivismo, mettidos nesse dilemma, que elle formulou assim: ou rejeitar os principios em nome das consequencias, ou as consequencias em nome dos principios. E acrescentou o erudito es-

(98) « Eu já demonstrei precedentemente que a philosophia theologica e o poder moral, sobre ella fundado, não podiam e não deviam ter, por sua natureza, senão um imperio provisorio, mesmo no catholicismo, que é o estado mais perfeito a que poderiam attingir aquellas instituições. E estabeleci que, depois de ter dirigido o espirito humano em sua educação preliminar, ellas deviam ser necessariamente substituidas, em sua virilidade, por uma *philosophia positiva e um poder espiritual correspondente.* » (Augusto Comte. *Système de Politique positive.* Vol. IV. App. général. V. partie.)

criptor: «Os adversarios do positivismo adoptam com alegria e triumpho o primeiro partido; os que são seus adeptos elegem, não sem dôr, o segundo.»

Eu já disse que só essa attitude me pareceu aceitavel.

Onde Littré melhor apontou o terreno das desharmonias, que afastam os discipulos de Comte, foi quando repelliu a arguição de inconsequencia, lançada pelo mestre contra os partidarios intellectuaes do positivismo: «Inconsequentes seriam elles, com effeito, se, adoptando a doutrina intellectual, negassem o dever de pô-las em pratica. Mas, longe de negar, elles o concedem; e, não contentes dessa concessão, vão até adherir com firmeza a essa pratica. Sómente, o que elles notam, é que toda applicação de um bom methodo não é necessariamente valiosa.»

E ás palavras de Comte já citadas, nas quaes elle falava da sua politica, como de um corolario necessario da sua philosophia, Littré replicava: «O que seria uma consequencia natural dessa philosophia, é uma politica, que fica ainda por determinar; nada ha que possa provar que essa politica seja aquella cujo plano Comte esboçou.»

Em 1842, no prefacio pessoal, que enche as primeiras paginas do vol. VI do Curso de Philosophia Positiva, Comte apenas se dava como o *fundador de uma sciencia nova* e de uma *nova philosophia* (99), e falava na sua dupla carreira, especial e geral. Nesse mesmo prefacio era com clareza referida essa *regeneração universal* ao mesmo tempo *politica e philosophica*, cuja necessidade fundamental sentia o espirito de Comte desde os quatorze annos de idade.

E é curiosa a seguinte passagem relativa a Saint-Simon: «Eu apenas pude notar nelle, após o cnfraquecimento resultante

(99) «E' pois na qualidade de fundador de uma nova philosophia geral, ao mesmo tempo historica e dogmatica, que eu ficarei constantemente, e sem nenhuma discussão possivel, fóra de uma corporação instituida para reanimar pela centralisação as influencias ontologicas, ás quaes eu trato com esforço de substituir emfim a universal preponderancia do espirito positivo . . . Mas, conforme as explicações precedentes, aquelle que directamente fundou uma sciencia nova, a mais difficil e a mais importante de todas, e que, ao mesmo tempo, aperfeioou especialmente a philosophia de cada uma das sciencias anteriores, será necessariamente repellido sempre do que impropriamente se appellida a Academia das sciencias.» (Augusto Comte.)

de uma impressão physica, *essa tendencia banal para uma vaga religiosidade*, que hoje tão frequentemente resulta do sentimento secreto da impotencia philosophica, n'aquelles que abalançam-se a empregar a reorganisação social sem estarem convenientemente preparados por sua propria renovação mental.»

São para mim do maior alcance as opiniões, que Augusto Comte emittia, em cartas dirigidas a Gustave d'Eichthal, em 1828, acêrca dos redactores do *Producteur*, cujo reaparecimento se annunciava: «Imaginae que a tal ponto foi subindo pouco a pouco a exaltação das suas cabeças, que não se trata de nada menos do que de uma verdadeira *religião* nova, de uma sorte de incarnação da divindade em Saint-Simon etc. Emfim, só falta dizer a nova missa, e isso, no rumo que tomam as cousas, pouco tardará. Esse é mesmo o objecto essencial e exclusivo dos seus trabalhos actuaes, e o fim do novo *Producteur*. Eis ahí para onde os conduziu o sentimentalismo. Facil vos é, á vista disso, julgar do transtorno que as especulações geraes produzem nos cerebros, que não são sufficientemente energicos para supportar um tal regimen.» (100)

Vê-se até que ponto, ao principio, repugnavam a Augusto Comte todas as praticas semelhantes ás que mais tarde valeram a pecha de mysticismo lançado sobre as suas concepções.

Nas ultimas paginas do volume final do *Curso de Philosophia*, ainda mais de uma vez a palavra *religião* apparece para significar exclusivamente as theologias, e nesse sentido é opposta á nova philosophia.

Mas foi o proprio Augusto Comte quem precisou com rigor a data em que o Positivismo passou a constituir-se em *religião*: «O *positivismo religioso* começou realmente nessa preciosa entrevista inicial nossa, na sexta-feira, 16 de Maio de 1845, quando o meu coração proclamou *inopinadamente*, diante da tua familia assombrada, a sentença caracteristica (*não se pôde sempre pensar, mas pôde-se sempre amar*). a qual, completada, vem a ser a divisa especial da nossa grande composição... Menos de seis annos após a publi-

(100) *Correspondance d'Auguste Comte et de Gustave d'Eichthal. Revue Occidentale*, 1896, n. 3.

cação da minha obra fundamental, onde o positivismo parecia exclusivamente *destinado aos pensadores scientificos*, apparece um discurso decisivo, no qual, *contra a espectativa universal*, o systema, no seu todo, repousa directamente sobre a preponderancia continua do coração, de maneira a convir sobretudo ás mulheres. Esse progresso sem exemplo é radicalmente devido a ti, minha Clotilde... Esta consagração definitiva da intelligencia ao serviço da sociabilidade devia primeiramente realisar-se em mim, sob o influxo da nossa santa união, antes que pudesse ser regulada e formulada para os outros. Indo abrir o meu curso de 1846, no qual tão profunda influencia já exerceste, eu exprimi uma tal convicção n'esta passagem característica: *Nosso nobre ascendente ligou profundamente o impulso habitual dos meus mais elevados pensamentos ao dos meus sentimentos mais ternos...* Eu não acabaria nunca, minha Clotilde, se quizesse qualificar dignamente a tua influencia total sobre a minha *segunda vida.* (101)

No interessante volume do *Testamento*, mais de uma vez, ha palavras de Comte relativas ao que elle proprio chamou a sua *segunda vida*, *caracterisada essencialmente pela sua construcção religiosa.*

Littré, seguindo outra via, que se lhe deparou em face das cartas de Augusto Comte a St. Mill, indicara já o momento decisivo em que a philosophia se fez religião. Nessas cartas o grande philosopho referia ao celebre escriptor inglez como a elaboração inicial da sua segunda grande obra coincidiria com a invasão decisiva da sua virtuosa paixão por Mme. Clotilde de Vaux.

Não vejo que seja necessario mais para justificar os que vêm na existencia de Comte dois periodos distinctos. E os proprios positivistas mais chegados á orthodoxia comtista dividem a vida do mestre em phases diversas: a phase scientifica, preparatoria, durante a qual a sociologia foi elaborada; a phase philosophica, consagrada á elaboração da synthese das sciencias abstractas, cuja coordenação constituiu esse saber unificado, que é a philosophia moderna; e o periodo da applicação, em que a politica e a religião surgiram.

E o mais precioso documento invocado como prova da unidade da doutrina e da vida de Augusto Comte, esse mesmo encerra a confissão de que «a sua evolução philosophica inevitavelmente teve que dividir-se em duas grandes épocas, uma, acima de tudo mental, onde o ponto de vista social não domina senão como principal fonte da systematisação abstracta, a outra eminentemente social, na qual se trata de reconstituir, de accôrdo com uma sã doutrina preliminar, a vida moral da Humanidade.» (102)

Para mim, que admitto em principio a systematisação dos sentimentos, como é capaz de fazel-a a philosophia positiva, o ponto unico interessante a decidir é essa distincção, que permite admittir falhas e equívocos, quando começa a acção pratica do fundador do positivismo, a tentativa de systematisar as acções humanas. Ahí a vida intellectual de Comte naturalmente pôde ser vista sob um novo prisma. Embora a unidade subjectiva permaneça, pela continuidade do methodo e dos principios basicos, as applicações podem ser defeituosas.

E' exactamente o caso. E os que defendem os principios, bem podem recusar as consequencias, para repetir a palavra de Littré.

Eu não digo que a criação religiosa de Augusto Comte importasse a volta deste para o dominio da theologia. E Paulhan, melhor do que ninguém, porque é de todo ponto insuspeito o seu testemunho, revelou o verdadeiro character da religião positiva, quando, falando de encorporação do fetichismo ao Positivismo, dizia que essa operação não consiste em «substituir vontades caprichosas a leis immutaveis; as vontades que elle introduz no mundo, não as admittê senão como maneira commoda, util para satisfazer a imaginação e o sentimento, de se representar as cousas; as vontades de que se trata são sempre conformes ás leis naturaes... O philosopho age aqui como poeta, que não é illudido pela sua propria poesia.»

Mas todo mundo deve comprehender até onde podem ir

os desvios quando o lugar da philosophia passa a ser occupado pela poesia. (103)

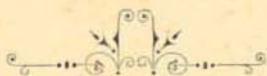
Entre os juizos invocados por um discipulo orthodoxo do positivismo para defender a unidade da obra de Comte e da sua vida, vejo figurarem os de John Morlay e H. Gruber.

Este ultimo confessa que «o periodo da *Politica Positiva*, segunda phase da philosophia de Augusto Comte, se distingue da primeira pelo seu *character de mysticismo*.»

E o notavel escriptor John Morlay, um dos mais eminentes homens de Estado da Inglaterra, se reconheceu que «a readaptação do systema catholico a uma doutrina scientifica estava evidentemente em germen no espirito de Comte trinta annos antes da conclusão da *Politica Positiva*», palavras que com applausos foram citadas pelo Dr. C. Hillemand, certo é tambem que accrescentou «ser difficil crêr que Augusto Comte pudesse prever então o mysticismo religioso ao qual deveria conduzir-o aquella empreza.»

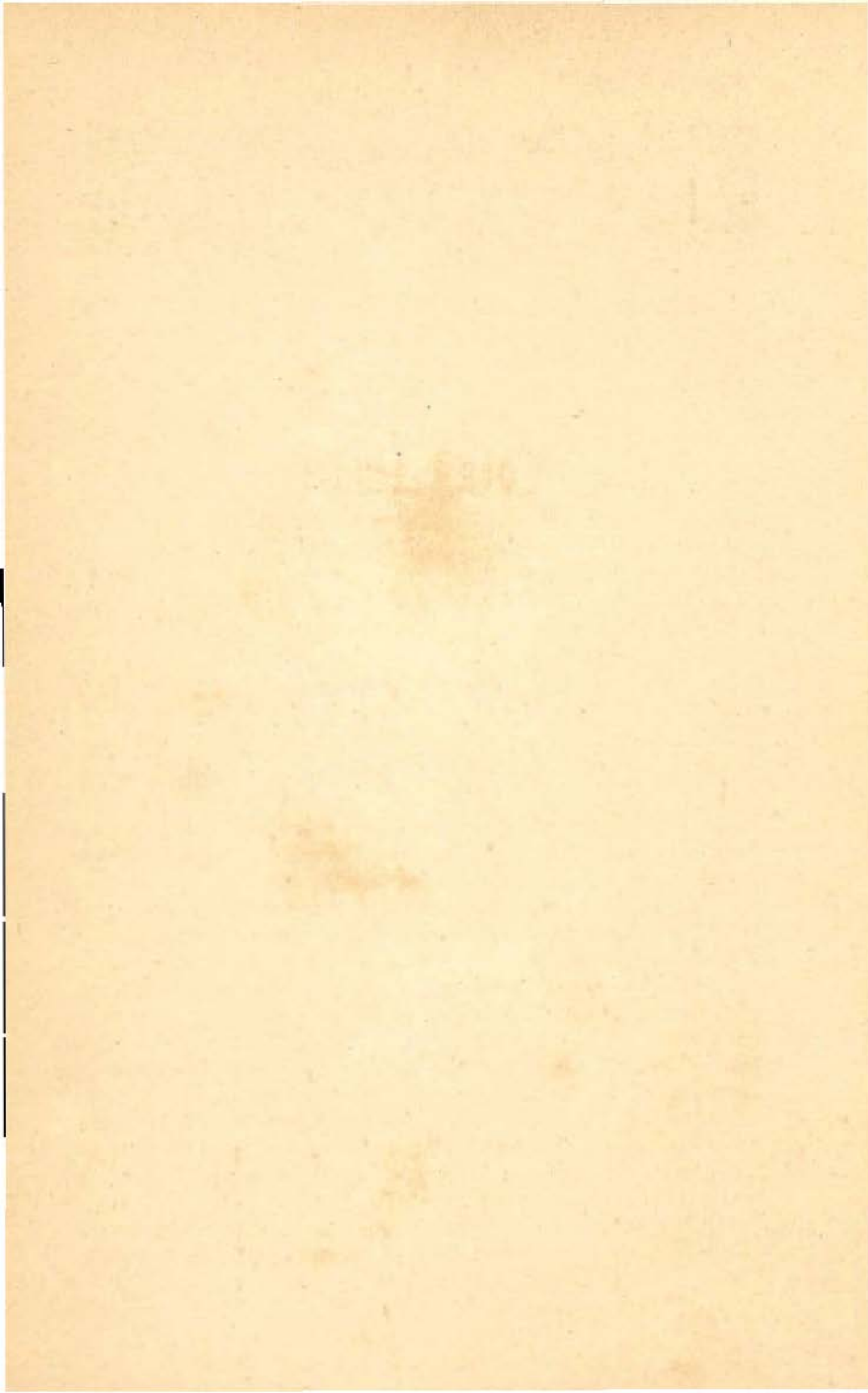
(103 «Aug. Comte não fez outra cousa senão propôr a alliança da philosophia e da poesia, esta apoiando aquella, e em caso de necessidade, occupando o lugar vasio, sempre que a philosophia venha a faltar.» (Fr. Paulhan).

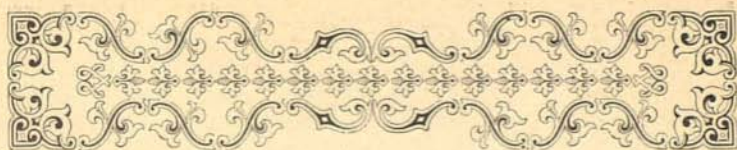




Notas finais







Notas finais

A

N'este livro escrevi sempre *fetiche*, mantendo a orthographia commun, quer nesse vocabulo, quer em todos os seus derivados, fetichismo, fetichista, fetichisar, fetichisação.

O Dr. Sylvio Romero indica e usa, como mais certa maneira de orthographar, a forma feitiço, donde — feiticista e feiticismo. Essa deveria ser em verdade a orthographia preferivel.

Não ha quem ignore que a palavra *fetiche* entrou no francez, donde passou para todas as linguas cultas, por intermedio de Charles de Brosses, que em 1760 publicou o seu celebre livro — *Du culte des Dieux fétiches*. São de André Lefèvre estes commentarios: «Le cultes que les nègres rendent à leurs gris-gris lui parut digne d'étude; et il consacre un petit livre à ces amulettes grossières que les Portuguais designaent par le nom de *fetisso*, mot probablement apparenté an francais *faitis* (factice), ou encore à *fata*, *fée*, *faitiaux* etc.» (*La Religion*.)

No Grande Dicionario universal de P. Larousse a origem portugueza da palavra é claramente indicada: «Fétiche — du por-

tugais *fetisso*, objet *fée*, enchanté, de *feitiço*, mauvaise action, malefice, que les uns rapportent au latin *fata*, *fée*, e les autres au portugais *feito*, action, du latin *factum*, fait.»

Sendo assim porque não escrever feitiço, a primitiva palavra portugueza, da qual o termo francez se originou, e mais feitiçista, feiticismo etc, quando já temos feiticeiro, feitiçaria, enfeitiçar, etc?

No inglez, ao lado das formas *fetich*, *fetichism*, immediatamente derivadas do francez, mantem-se as formas *fetish*, *fetishism*, *feticism*, modificações do modo primitivo de escrever, *fetisso* immediatamente derivação do portuguez *feitiço* (Vid. *The Century Dictionary*.)

Isso, não obstante, mantenho a orthographia usual.

Acontece aliás que esse phenomeno nem seria um facto unico na nossa lingua, nem occorrença a apontar só em portuguez. Factos identicos podem ser encontrados em todas as linguas; as palavras emigram e mais tarde reemigram transformadas, entrando no lexico sob as formas que as disfarçaram ao passarem entre gentes extranhas.

Eu não carecerei citar senão do proprio francez a palavra *budget*, vocabulo inglez, derivado do francez *bougette*, de *bouge*, e admittido na lingua franceza, tal qual foi restituído após a modificação padecida, para significar o orçamento das receitas e despesas de um Estado.

Tiveram naturalmente entrada neste livro varios termos que a sciencia nova e a nova philosophia levaram a crear. De nenhum delles tenho eu a honra da invenção, antes não houve nenhum que eu adoptasse sem primeiro ter certeza de tel-o visto amparado por auctoridade de valor.

Aliás em materia de neologismo ninguem soube ser nunca mais sobrio do que Augusto Comte. E com sobras de fundamento disse P. Laffitte: «Augusto Comte tinha uma antipathia systematica contra o abuso do neologismo. Pensava elle que a harmonia da razão philosophica com o bom senso universal melhormente se mantinha, servindo-se das palavras correntes, precisando-as muito embora; era isso que o grande Descartes tinha tão bem comprehendido no *Discurso do methodo*, esse immortal manifesto da philosophia moderna. Augusto Comte entendeu

sempre que o abuso do neologismo era muitas vezes o symptoma de concepções moraes e sociaes mal elaboradas.»

Dessa pecha não souberam livrar-se Littré e Hæckel. Ao primeiro censurou A. Poëy toda essa terminologia nova e desnecessaria em verdade: Sociodynamia, Sociomeria, Sociergia, Sociauxia, Sociarchia, Sociagathia etc. E o sr. dr. Sylvio Romero no seu livro sobre a philosophia do Direito fala do que elle appellidou as patacoadas de Hæckel, os novos termos inuteis.

Não haverá de certo quem queira reduzir as linguas a especies de organismos acabados e perfeitos, incapazes de crescimento e de evolução; isso valeria como consideral-as incapazes de viver. Ha muita gente, em cuja opinião deveriamos eternamente viver accommodados ás velhas expressões e ao vocabulario antigo dos nossos maiores, quasi sem o direito de dar nomes novos ás cousas novas.

Do francez, vieram para nós, apadrinhados por escriptores de bôa nota, os termos *fetichisar*, *fetichisação*, *positivar*, *positivação*, *evoluir*, etc. As palavras *seriar*, *serial*, *seriario*, de *serie*, encontro usadas.

Dois termos entraram com as obras de Comte nas linguas cultas, onde hoje estão universalmente adoptadas, acceitos por todos os auctores de valor: *Sociologia* e *altruismo*.

Não ha muito que dois notaveis membros da Academia franceza condemnaram este ultimo termo. Jules Simon achava-o mal construido e desharmonico; Ludovic Halevy tinha-o por vilanissimo. Ambos esses escriptores, condemnando o nome, quizeram condemnar erradamente a cousa significada.

Tambem Clemenceau repellia victoriosamente a critica dos notaveis academicos francezes em frases dignas de leitura, das quaes muito pouco trasladado para aqui: «Augusto Comte fez um vocabulo novo para exprimir esse sentimento, menos exaltado do que o amor de *eu*, na mor parte dentre nós. Os nossos academicos, que não leram Comte, ou que não querem comprehender o que elle disse, rejeitam esse vocabulo, culpado aos seus olhos de humanisar o amor de outrem, que elles querem aviltar com a seducção de uma recompensa celeste. Felizmente não é necessaria a permissão da Academia para pensar-se.»

E o sr. Lucien Momenheim expressava-se assim: «A expressão *altruismo* era verdadeiramente indispensavel, e creando-a Augusto Comte fez a melhor escolha possivel, pois que salvo a

diferença necessaria de raizes, ella reproduz sensivelmente a expressão da qual, por assim dizer, figura ser a contra-parte, e torna visivel ao espirito como aos olhos sua opposição primitiva e sua harmonia final. E' de resto o unico processo que se possa empregar na criação de uma palavra *a priori*, o calca-a sobre a palavra correspondente da lingua mãe, grega ou latina, fazendo-a seguir da desinencia conveniente.»

Jules Simon e Halevy insurgiram-se contra essa tentativa de pôr o altruismo em lugar da caridade christã. Eu não disse altruismo positivista porque o novo estado da alma humana, o conjunto de sentimentos que aquella palavra traduz não constituem propriedade da moderna philosophia de Comte, fôsse este embora quem tivesse dado o nome á cousa.

«A caridade, definiu o catecismo de Montpellier, é um dom de Deus, que faz com que amemos a Deus acima de todas as cousas, e ao proximo em relação a Deus como a nós mesmos. Só Deus nol-a dá; e nunca poderíamos tel-a por nós mesmos.»

Todo outro é o sentido da palavra altruismo, que significa esse sentimento espontaneo, opposto ao egoismo, e graças ao qual nós podemos ter veneração para com os nossos superiores, apego aos nossos eguaes e bondade para com os que nos são inferiores. E' clara e frisante a differença. E com razão coucluiu o sr. Momenheim: «A concepções tão diversas deviam corresponder denominações appropriadas; a caridade christã, mesmo regenerada e exercida sob a influencia de um sentimento exclusivamente benevolo, não será nunca senão um elemento muito accessorio do altruismo, feito a regra moral da Humanidade.»

Contra o termo Sociologia empregado por Augusto Comte para designar a sciencia, que elle primeiro chamava *Physica social*, tem-se feito valer a accusação de hybridismo.

O sr. André Liesse notou já que pela sua terminologia (outra palavra hybrida tambem), ella entra na familia dos nomes de um grande numero de outras sciencias. Mineralogia, por exemplo, é um barbarismo, que aos olhos de Egger, só tem equal em burocracia (*bureaucratie*); mas um uso mais que secular já pronunciou em seu favor.

A prevalecer o argumento contra Sociologia, porque não fazel-o vingar contra a grande somma de termos hybridos que pejam todas as linguas? O certo é que, apezar dos fundamentos dessa critica, o termo introduzido está definitivamente acceto no

mundo scientifico, e enquanto não houver vantagem que leve a pôl-o de lado, bom será conserval-o, tal qual saiu forjado pelo habil martello de Augusto Comte, na frase de Clemenceau.

Já agora porque a materia desta nota m'o permite, direi que em alguma pagina' deste livro está escripta a expressão — certeza certissima —, com o que eu quiz significar o mais alto grau de certeza que outros diriam certeza mathematica ou certeza alsoluta. A critica na imprensa quiz corrigir essa expressão, que mais de uma vez tenho visto citar como impropria e não sei se incorrecta.

Ora ao Padre Antonio Vieira, de quem já houve quem dissesse, que é «o classico mais auctorizado da lingua portugueza, antes nem depois do qual não tivemos penna do mesmo aparato», irei pedir frases nas quaes bem poderia estribar-me para falar daquelle modo.

São do eminente orador portuguez estas expressões: alteza altissima (Serm. vol. IX); ordem ordenadissima (Id. vol. XIV, pg. 142); que miseria mais miseravel (Id. pg. 117); antiguidade antiquissima (vol. XIII, pg. 147); pode haver propriedade mais propria? (Id. pg. 133); acerto acertadissimo (vol. XIV, pg. 19). A minha memoria basta para dizer que a expressão tal como a usei, em escriptor brasileiro de merito já se me deparou; não é porem sufficiente para dizer-me onde a li, nem dar-me que precise o nome do auctor.

Este livro, que, como já confessei, eu mal poderia dizer que foi feito em horas vagas, porque antes deveria dizer que foi trabalhado em horas, que não eram de ocio, durante o derradeiro periodo de meu governo, leva em si, pelos descuidos da frase e palpaveis erros typographicos, as mostras da pressa com que foi revisto. Que se me permita apenas apontar aqui as paginas 292, onde ficou a palavra *honesto* em vez de *modesto*, e 298, onde está *Espinosa* em lugar de *Espinas*.

Não sei se em alguma das suas paginas, ou se nas paginas do que ha de seguil-o—*Palavras e actos*— eu empreguei uma vez a expressão *vir de* traduzindo ao pé da letra o *venir de*, em caso que a expressão significa *acabar de*.

Esse modo de falar, que eu aliás não uso, nem aconselho, é tido por gallicismo imperdoavel, e como tal reprovado pelos bons escriptores portuguezes. Verdade é que não ha logicamente o que possa servir de impedimento áquelle expressão. Pareceria

tão legitimo dizer—*venho de defender uma these, venho de praticar uma boa acção*, como—*vou defender uma these, vou praticar uma boa acção*.

E não vejo porque se deslustraria a linguagem que se não deslustra, por exemplo, vertendo ao pé da letra o *se pagar de* por *pagar-se de* em vez de *contentar-se com* ou *dar-se por satisfeito com*.

Nem faltaria para justificar o emprego daquella expressão, se eu quizesse fazel-o, a auctoridade de classicos. Camões, dentre todos o maior dos legisladores da lingua portugueza, escreveu este verso :

«Que vem de descobrir o novo mundo» (*Luziadas*, cap. IX XL).

E o sr. Odorico Mendes, na traducção da *Encida*, em que, na frase do sr. Sotero dos Reis, «a lingua portugueza aposta com a latina primores de concisão, clareza, flexibilidade, graça, galhardia, força, riqueza e pompa», pôde dizer sem offender os ouvidos do notavel grammatico brasileiro :

«A Beroc eu venho de deixar doente» (Liv. V, v. 659.)

E diremos ainda, para rematar, que o Dicionario contemporaneo de Caldas Aulette e Santos Valente, entre as multipas acepções do verbo *vir* incluye esta : «*Vir de fazer alguma cousa, acabal-a, tel-a concluido ha pouco.*» E lá vem citado o verso de Camões, que eu já citei, tendo-me cabido apenas o trabalho de precisar o canto e a estrophe do poema, onde o leitor encontrará o exemplo referido.

B

D'entre os fragmentos, agora atados no corpo deste livro, dois ha que já foram postos em circulação na roda da imprensa e dos meus amigos.

De ambos elles occuparam-se folhas da Capital Federal em termos immensamente honrosos para mim. Tenho necessidade de abrir aqui espaço a alguns desses conceitos com que fui tão distinguído; ao menos elles servirão, lidos que sejam, para justificar o meu acto, dando a taes escriptos a nova fórma com que elles agora de novo apparecem em publico.

Bem póde ser que mais falasse, no tom elogioso dessas referencias captivantes, o coração de amigos. Quero crel-o tão pouco cuido ser e tão longe estou do muito que de mim disseram. Mesmo assim essas frases bastaram para que eu logo acreditasse que valeria a pena a reedição, que ora faço, alargado o circulo da acção das minhas palavras, que, traduzindo pensamentos reflectidos, crenças firmes e sentimentos sinceros, acharão almas amigas onde calem. E assim não ficará perdido o meu esforço; antes a mim parecerá generosamente pago, se as verdades, que muitas nestas paginas estão contidas, derem a alguns espiritos os alentos da fé, que eu tenho na sciencia e na democracia.

Accresce que eu não vejo meio de demonstrar mais claramente a minha gratidão aos que me lançaram esse grito de animação e essa frase de applauso, graças á qual perseverarei no terreno do trabalho e do estudo, senão enchendo estas ultimas paginas com esses dizeres da imprensa fluminense. Honra-se o livro de levar-as consigo, e mais me honro eu ao vê-las rememoradas. E com isso cresce o valor do meu reconhecimento que eu torno a confessar.

Foi assim que a imprensa amparou com a sua benevolencia os meus ensaios publicados em 1890:

«*A Idéa Republicana no Pará* é o titulo collectivo de varios artigos de critica republicana publicados pelo sympathico e illustrado moço, o dr. Lauro Sodré.

Nesses artigos, escriptos em estylo clarissimo e elegante, são refutadas as opiniões de artigos politicos que viam na idéa republicana um sonho vão e absurdo da mocidade, e principalmente o erro, ao parecer delles, do transplantar para o domínio social as conclusões a que tinham chegado as sciencias inferiores.

A refutação do dr. Lauro Sodré é completa, robusta e persuasiva; não tendo ligação aos velhos interesses dynasticos, teve a vantagem de poder exprimir-se com a compøstura liberrima de um sonhador e de um utopista.

A realidade das suas previsões está hoje consumada. A Republica está feita e a utopia solveu-se em facto.

Publicando esses artigos de propaganda, diz Lauro Sodré:

— «Levo em mira prestar mais um serviço á minha terra, revelando a muitos a orientação segura que tinhamos nós, o grupo de moços, que no Pará, desde 1885 defendiamos desassombrados e firmes o código dos sãos principios democraticos, grupo que hoje, feita a estupenda revolução, que do solo patrio varreu as sobejidões da realéza, vaé abrindo caminho para o futuro grandioso, a que está destinada aquella região, que a todos maravilha pelo agigantado dos feitos da natureza.»

Não é só aqui grandiosa a natureza, mas o mesmo homem, poderia dizelo

o illustre publicista. A nossa historia, neste seculo, illuminou-se de dous milagres incruentos, o de 13 de Maio e de 15 de Novembro. A historia univereal ainda não teve, senão comnosco, a experiencia da revolução n'um caracter ethnico de triplice origem; nós temos a originalidade da paz, da generosidade, e nenhum coração, como brasileiro, elabora o sangue composito que, sem effusão, cimenta as gloriosas conquistas do seculo.

Um dos encantos do livro do joven escriptor é a sua *verve* de polemista culto, ferindo certo, sem odios, nem re- criminações.

Assim como nas sciencias, sob o dominio theologico, o criterio positivo era uma *impiedade*; tambem na consideração dos factos sociaes e da historia, ultimo reducto da theologia, começou a surgir a impiedade republicana refractaria aos direitos divinos e aos privilegios de casta. E a mesma gente que viu-se obrigada a deslocar o *dedo da providencia* das sciencias inferiores, quiz por força mantel-o ainda nas relações sociaes e na historia.

A *Idéa Republicana* é um pamphleto admiravelmente escripto e que deve andar nas mãos da mocidade brasileira.»

(D'O *Correio do Povo* da Capital Federal).

Palavras aos meus Conterraneos

POR

LAURO SODRÉ

«Temos impresso, em elegante folheto de 26 paginas, o manifesto-agradecimento que o illustre deputado, secretario geral do ministerio da instrucção publica, dirigio aos seus correligionarios paraenses, quando em congresso previo o elegeram á proxima Assembléa Constituinte.

Esta brochura patenteia-nos as arraigadas convicções democraticas do seu illustre auctor, o Sr. Lauro Sodré, um dos antigos democratas brasileiros, dos mais eruditos e dos melhores orientados nos principios scientificos que tendem a governar as massas sociaes.

Bem como o seu amigo e mestre, o benemerito fundador da Republica, Sr. Benjamin Constant, o Sr. Lauro Sodré é um discipulo de Augusto Comte, e com taes guias a sua acção benefica nos progressos da sociedade brasileira ha de todos os dias accentuar-se.

O illustre paraense declara no seu manifesto que condemna o facto de pedir votos aos eleitores, rebate as affir-

mações phantasiosas do Sr. J. Nabuco contra a republica actual, comprova que nenhum perigo offerece a dictadura militar, desde que esta classe sempre se bateu no Brazil pelas idéas mais avançadas e no presente tem sido fomentadora da paz, da ordem e do progresso, e em face do partido da reacção que se levanta capitaneado por principes da egreja, que antepõem os interesses de Roma aos da sua patria, elle sustenta a Constituição como o governo provisorio a decretou, visto que *consagra todos os principios capitaes da democracia e em suas grandes linhas ella corresponde cabalmente ao ideal de um povo que trata de constituir-se para a liberdade.*

Sendo a democracia um systema de luz e verdade conviria muito que todos os deputados eleitos concretisassem, assim como o illustre deputado paraense, os seus programmas e as suas idéas.

(D'A Democracia).

* * *

«Sob o titulo *A Idéa Republicana no Pará*, recebemos um folheto, trazendo compilados os artigos publicados no *Diario de Noticias* daquella capital, em rebate á critica que o Sr. conselheiro Tito Franco de Almeida fez ao manifesto publicado em 1888 pelo Club Republicano.

Firma a valente polemica o nome

illustre do Sr. major Dr. Lauro Sodré, e isso basta dizer para pôr em evidencia o criterio e a força masculina dos argumentos com que bateu-se o talentoso moço, a quem de longa data conhecemos na imprensa, sempre entre os combatentes mais aguerridos.

Demais, o nome do antagonista a que contrapoz-se o nosso collega Dr. Lauro Sodré, também respeitavel na imprensa, só por si encarece o trabalho do actual secretario do Sr. ministro da instrucção, correios e telegraphos, a quem não precisamos honrar com o conceito jornalístico que elle ha muito conquistou pelo seu talento e pela sua illustração.

*
* *

A Idéa Republicana no Pará. (Artigos publicados no *Diario de Noticias*, de Belem. Rebate a uma critica).

São da lavra do eminente republicano e athleta da imprensa Dr. Lauro Sodré. Já o leitor ter-se-ha convencido do interesse e da importancia que deve ligar a uma publicação á qual nunca fallece o característico da novidade, pois, espelha os lampejos de uma intelligencia vigorosa e encerra dados historicos preciosos.

A critica a que se allude no titulo do opusculo de que tratamos foi aventada pelo Dr. Tito Franco de Almeida contra o manifesto que o Club Republicano do Pará publicou a 17 de Setembro de 1888.

(D'O Paiz.)

C

O Lyceu Benjamin Constant, a cujo beneficio é consagrado qualquer lucro proveniente da venda deste livro, é um instituto de ensino popular nocturno, de letras e artes, cuja fundação promovi logo que assumi o cargo de Governador do Estado do Pará.

Não quiz porém que esse Estabelecimento tivesse ares de cousa official. O meu empenho foi sempre cooperar para o desenvolvimento do espirito associacionista, poderosa arma do progresso em toda parte, e tão nullo entre nós. D'ahi esforços continuados que, como governo, fiz para que não saíssem exclusivamente do governo os melhoramentos moraes, de que a minha terra carece.

Desses esforços resultaram a *Associação promotora do ensino*, que mantem e dirige o Lyceu Benjamin Constant fundado em Novembro de 1851, a *Associação protectora dos orphãos*, que sustenta o Orphelinato Paraense, e a *Sociedade de estudos paraenses*, que não deu ainda os fructos, que, no intuito dos seus fundadores, deveria dar, e bem pode ser que dê ainda um dia.

Tive a rara fortuna de ver o publico acolher e amparar esses institutos de ensino e de educação, os quaes tem vivido principalmente das generosas dadivas da grande alma paraense.

Em 5 annos o Lyceu Benjamin Constant cresceu e prosperou, graças tambem á dedicação de bons e incansaveis obreiros, entre os quaes manda a justiça salientar o Dr. Pereira Guimarães, Director desse Estabelecimento desde a data da sua installação.

Não rememoro esse feito como quem aponta os seus titulos de benemerencia, senão como quem dá mostras de ter sabido cumprir o seu dever.

O ensino popular figurou sempre entre os lemmas da bandeira, que cobria as phalanges republicanas empenhadas nos prelios contra a realza.

Era necessario que desde a primeira hora da nossa vida governamental, começasse o cumprimento da promessa, dados os passos iniciaes para levar a realidade aquella legitima aspiração.

E assim se fez.

O Lyceu de Artes e Officios; que já vae dando excellentes fructos, é uma parte da grande obra, que a democracia com o andar dos annos terá que completar.

Houve um grande poeta, que ensinou ao mundo esta maxima: *Abrir escolas é fechar cadeias.*

Eu tambem creio no valor moral do ensino e da educação.

Eu quiz com este livro levar um auxilio mais para a obra da consolidação desse edificio, tão feliz sinto-me por ter promovido a sua crecção, assistindo o lançamento da pedra fundamental e a tecedura dos seus alicerces.



INDICE

	PAGINAS	
Prefacio	1	a XXX
I A idéa republicana no Pará	5	« 36
II A philosophia positiva	37	« 214
III A politica republicana brasileira	215	« 253
IV O exercito brasileiro e a democracia :		
I O advento da Republica	257	« 266
II A abolição	267	« 273
III A lucta pelo direito	275	« 281
V Novissima verba	283	« 384
Notas finaes	386	« 400

L3/R-03

JF000